

VOW

OF

THIEVES

DINASTIA DE LADRÕES

MARY E. PEARSON

DARKSIDE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a Obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Índice

[CAPÍTULO 1](#)
[CAPÍTULO 2](#)
[CAPÍTULO 3](#)
[CAPÍTULO 4](#)
[CAPÍTULO 5](#)
[CAPÍTULO 6](#)
[CAPÍTULO 7](#)
[CAPÍTULO 8](#)
[CAPÍTULO 9](#)
[CAPÍTULO 10](#)
[CAPÍTULO 11](#)
[CAPÍTULO 12](#)
[CAPÍTULO 13](#)
[CAPÍTULO 14](#)
[CAPÍTULO 15](#)
[CAPÍTULO 16](#)
[CAPÍTULO 17](#)
[CAPÍTULO 18](#)
[CAPÍTULO 19](#)
[CAPÍTULO 20](#)
[CAPÍTULO 21](#)
[CAPÍTULO 22](#)
[CAPÍTULO 23](#)
[CAPÍTULO 24](#)
[CAPÍTULO 25](#)
[CAPÍTULO 26](#)
[CAPÍTULO 27](#)
[CAPÍTULO 28](#)
[CAPÍTULO 29](#)
[CAPÍTULO 30](#)
[CAPÍTULO 31](#)
[CAPÍTULO 32](#)
[CAPÍTULO 33](#)
[CAPÍTULO 34](#)
[CAPÍTULO 35](#)
[CAPÍTULO 36](#)
[CAPÍTULO 37](#)
[CAPÍTULO 38](#)
[CAPÍTULO 39](#)
[CAPÍTULO 40](#)
[CAPÍTULO 41](#)
[CAPÍTULO 42](#)
[CAPÍTULO 43](#)

[CAPITULO 44](#)
[CAPITULO 45](#)
[CAPITULO 46](#)
[CAPITULO 47](#)
[CAPITULO 48](#)
[CAPITULO 49](#)
[CAPITULO 50](#)
[CAPITULO 51](#)
[CAPITULO 52](#)
[CAPITULO 53](#)
[CAPITULO 54](#)
[CAPITULO 55](#)
[CAPITULO 56](#)
[CAPITULO 57](#)
[CAPITULO 58](#)
[CAPITULO 59](#)
[CAPITULO 60](#)
[CAPITULO 61](#)
[CAPITULO 62](#)
[CAPITULO 63](#)
[CAPITULO 64](#)
[CAPITULO 65](#)
[CAPITULO 66](#)
[CAPITULO 67](#)
[CAPITULO 68](#)
[Sobre a Autora](#)
[Copyright](#)

~~DARKSIDE~~





VOW

OF

THIEVES

DINASTIA DE LADRÕES

MARY E. PEARSON

DARKSIDE

TRADUÇÃO

ANA DEATH DUARTE

*Para Dennis e os juramentos
que você fez e manteve.*

Os mais jovens me fazem perguntas.
Eles querem saber coisas sobre o mundo, o Antes. Sou o mais velho. Eu deveria saber.

Você voou, Greyson? No céu, como um pássaro?

Sim. Com meu avô.

Como?

Eu não sabia ao certo. Tinha apenas cinco anos, mas me lembro de olhar para baixo, observando o chão desaparecer, com meu avô chorando enquanto me segurava em seus braços.

Eu nunca mais o vi chorar.

Depois que a primeira estrela caiu, mais seis vieram em seguida.

Não houve tempo para chorar depois daquilo, nem para explicar coisas como voar.

Só havia tempo para correr.

Tai e Uella vieram engatinhando para o meu colo.

Você vai nos ensinar a voar?

Não. Ensinarei outras coisas a vocês.

Coisas que manterão vocês vivos.

— Greyson Ballenger, 15 anos —

CAPÍTULO 1

KAZIMYRAH DE BRIGHTMIST

UM FEIXE DE LUZ CHEIO DE PARTÍCULAS DE POEIRA ABRIA caminho como uma minhoca através da pedra, e eu me inclinei para a frente, com a esperança de roubar um pouco de calor. Eu era uma ladra. Isso deveria ter sido fácil, mas a calidez me escapou. Há quanto tempo eu estava aqui? Cinco dias? Um mês? Onze anos? Gritei, chamando pela minha mãe, e então lembrei. *Aconteceu há muitíssimo tempo. Ela se foi.*

O feixe estreito de luz vinha somente após longos turnos de escuridão, possivelmente uma vez por dia? Eu não sabia ao certo, e mesmo então não durava muito tempo, esgueirando-se para dentro como um observador curioso. *O que é que nós temos aqui?* Ele apontava para a minha barriga agora, para a minha camisa dura de sangue seco. *Minha nossa, isso não parece bom. Você não deveria fazer alguma coisa?* Foi uma risada que ouvi quando o feixe foi se esvanecendo? Ou era um lorde de quadrante me provocando?

Eu ainda não estava morta, então sabia que a faca enfiada nas minhas entranhas não havia acertado nenhum ponto vital, pelo menos. Porém vazava um líquido amarelo da ferida, e minha testa estava febril, e a imundície da cela entrava em mim.

Meus sonhos vazavam.

Ratos faziam ruídos em um canto escuro que eu não conseguia ver. Synové não os havia mencionado.

Eu me lembro dela me contando sobre seu sonho. *Eu vi você acorrentada em uma cela de prisão... Você estava banhada em sangue.* Eu me lembrava de seus olhos preocupados. *Às vezes sonhos são apenas sonhos.*

E às vezes sonhos eram tão mais do que apenas sonhos.

Onde está Jase?

Ouvi um som que parecia uma pancada e olhei para cima. Eu tinha visita. Ele estava parado, em pé em um canto, me estudando.

“Você”, falei, minha voz soando estranha aos meus ouvidos, fraca e frágil. “Você está aqui por mim. Eu estive esperando você.”

Ele balançou a cabeça. *Ainda não. Não hoje. Eu sinto muito.*

E então ele se foi.

Eu me deitei no chão, com as correntes e seu som metálico batendo nos paralelepípedos, e me enrolei, bem apertadinha, tentando aliviar a dor nas minhas entranhas.

Sinto muito.

Um pedido de desculpas da Morte?

Agora eu sabia. Eu ainda tinha coisas piores do que morrer pela frente.

CAPÍTULO 2

K A Z I

Duas semanas antes

JASE CRUZOU A PORTA TÃO NU QUANTO UMA LARANJA SEM CASCA. Absorvi a visão enquanto ele cruzava o aposento e apanhava sua calça do chão. Ele começou a vesti-la, me viu observando-o e fez uma pausa. “Eu posso adiar isso, caso você queira se aproveitar da minha posição vulnerável.”

Ergui uma sobancelha de um jeito revelador. “Creio que eu tenha tirado proveito o suficiente de você hoje de manhã. Vista-se, *Patrei*. Temos quilômetros e mais quilômetros para cruzar hoje.”

Ele franziu o cenho, triste. “Seguirei suas ordens.”

Eu sabia que ele estava preparado para seguir caminho também. Nós havíamos viajado rápido, mas, entre a viagem para Marabella e agora, nossa caminhada de volta, havíamos ficado fora da torre da Vigília de Tor por mais de dois meses. Ele vestiu a camisa, com sua pele ainda fumegando em contraste com o ar refrescante. A asa tatuada em seu peito reluzia sob uma neblina suave. Nossos alojamentos haviam nos permitido ter uma fonte termal. Nós havíamos lavado quilômetros e mais quilômetros de viagem de nossas peles na noite passada e fizemos isso de novo hoje pela manhã. Esse era um luxo que nenhum de nós ansiava deixar para trás.

Fui andando até a janela enquanto Jase terminava de se vestir. A mansão estava em grande parte em ruínas agora, mas havia indicativos de sua grandeza ainda evidentes, intrincados pisos de mármore de veios azuis que mantinham algum brilho em cantos escondidos, pilares erguendo-se como torres, e um teto que um dia teve uma pintura, pedacinhos de nuvem, o olho de um cavalo e uma mão belamente pintada, mas sem corpo, dando o ar da graça no gesso quebrado. Seria este o lar de um governante dos Antigos? Do próprio Aaron Ballenger? A opulência sussurrava como um cisne moribundo.

Os pisos nos arredores eram pulverizados de anexos que desmoronaram, o que parecia estender-se por quilômetros. Não haviam aguentado a queda das estrelas e a destruição do tempo, as florestas agora os puxavam de volta para dentro da terra com seus gentis dedos cor de esmeralda. Até mesmo a mansão, aninhada no alto de uma saliência rochosa, usava uma guirlanda cheia de folhas de árvores e de vinhas. Porém, certa vez, há muito tempo, deve ter sido perfeitamente bela e majestosa. Quem quer que alguma vez tivesse vagado por aqueles corredores provavelmente achara que seria perfeita para sempre.

Antes de deixarmos Marabella, o ajudante do rei, Sven, havia desenhado uma rota nortenha para nós que fazia paralelo com o Infernaterr. O mapa incluía múltiplos abrigos e até mesmo algumas fontes termais. Era uma rota levemente mais longa, mas ele disse que seria menos afetada pelo clima. Estávamos entrando em uma estação tempestuosa, e o Infernaterr exalava um calor permanente. Havíamos viajado rápido e até longe em três semanas e, se mantivéssemos nosso ritmo, teríamos apenas uns poucos dias pela frente até chegarmos à torre da Vigília de Tor. Conforme nos aproximávamos de casa, eu ouvia o aumento da animação na voz de Jase. Ele estava exuberante em relação às mudanças que faríamos.

Nós tínhamos um plano. Ele tinha coisas a fazer. Eu tinha coisas a fazer. E nós tínhamos coisas que faríamos juntos. Embora eu tivesse temores em relação à nossa volta, estava me sentindo muito animada também. Finalmente poderia admitir que amava a Boca do Inferno. O lugar cantarolava no meu sangue como havia acontecido naquele primeiro dia em que lá entrei cavalgando, só que dessa vez eu não seria uma intrusa procurando encrenca. Eu estaria com a encrenca cavalgando ao meu lado, e seria parte disso tudo, ajudando a torre da Vigília de Tor a se tornar algo mais.

Isso era tudo de que havíamos falado em nossa primeira semana na trilha, guardando as fronteiras para este novo e minúsculo reino e revisando as regras do comércio. Quaisquer esperanças que alguém tivesse de assumir a arena e a Boca do Inferno seriam aniquiladas, especialmente assim que ficassem sabendo da soberania da torre da Vigília de Tor, que estava para ser formalmente reconhecida pela Aliança. Ela se tornaria o décimo terceiro reino. Ou o primeiro. Eu sorri, pensando na audácia de Jase diante da generosidade da rainha ao insistir que seu reino fosse denominado como o primeiro.

Meu papel como intermediária não era apenas uma posição honorária. Eu ainda era Rahtan e, o mais importante, eu ainda estava trabalhando para a rainha. Ela havia me dado deveres a serem realizados de modo a garantir a transição suave de poder. Ela também acreditava que a presença de uma representante de um reino maior atribuiria peso e acrescentaria estabilidade enquanto a transição acontecia, e me avisou que a resistência poderia vir de lugares inesperados.

Ela havia me dado uma missão extra, que seria minha primeira prioridade quando eu lá chegasse. Eu havia lhe contado sobre as palavras finais e carregadas de culpa do mais jovem dos eruditos: *Eu sinto muito. Destrua-os*. Embora acreditássemos que todos os documentos haviam sido queimados, onde houvesse até mesmo um fragmento de dúvida, havia uma montanha de preocupação.

Coloque aqueles papéis em segurança, Kazimyrrah, e se você não puder enviá-los de forma segura para mim, destrua-os. Nós não fazemos nenhuma ideia das informações com as quais os eruditos escaparam de-

pois da queda do Komizar, ou do que eles desenvolveram desde então. Não queremos que esses papéis caíam nas mãos erradas, se houver até mesmo a mínima chance de que se repita uma carnificina — ou algo pior.

Pior?

Só havia uma única coisa pior do que a Grande Batalha. A devastação. Apenas um punhado de pessoas haviam sobrevivido, e o mundo ainda carregava suas cicatrizes.

Eu prometi a ela que essa seria a primeira questão que eu abordaria.

Ela também me pediu para lhe enviar um livro de história, ou dois, se houvesse algum sobrando. *Eu gostaria de ler mais sobre essa terra. Greyson Ballenger era um líder corajoso. Tão jovem, mas determinado a proteger aqueles por quem ele era responsável contra os abutres. Nem sempre é preciso um exército para salvar o mundo. Às vezes é necessário apenas uma pessoa para impedir que o mal vença. São heróis como Greyson e aquelas vinte e duas crianças que me inspiram.*

A rainha, *inspirada*. Ela não parecia entender que inspirava a maior parte do continente. Ela me inspirava. Ela me fez enxergar as coisas de modo diferente. Ela me viu como alguém digna de ser salva, apesar dos meus trapos e do meu passado. Ela me inspirou a ser mais do que aquilo que os outros esperavam de mim. Eu me atrevi a acreditar que poderia fazer a diferença porque a rainha havia acreditado nisso primeiro. Até mesmo quando fiz todo o nosso bando ser preso, ela não desistiu de mim.

E agora, com um certo orgulho, eu sabia que ela contava comigo.

Eu imaginava que Gunner já havia encontrado os misteriosos papéis e estaria tentando decifrar seus segredos. No entanto, a despeito do que eles contivessem, Gunner teria de entregá-los a mim, não importando quão alto ele fosse protestar. A torre da Vigília de Tor perderia o reconhecimento da Aliança se os Ballenger não fizessem as coisas de acordo. De todo modo, eu tinha meus próprios meios de fazer com que ele os entregasse a mim. Nada ficaria no meu caminho, me impedindo de manter minha promessa à rainha, e nada impedirá que a torre da Vigília de Tor se torne um reino reconhecido. Esse não era apenas o sonho de Jase, era o meu também. E seria possível que, a essa altura, os papéis tivessem sido colocados de lado enquanto Gunner estaria ocupado com outras questões, como os preparativos para o retorno de Jase.

Jase havia enviado a Gunner uma mensagem dizendo que estava a caminho de casa e que tinha boas notícias a compartilhar. Isso foi tudo que estava disposto a dizer a ele. Por mais animado que estivesse com a perspectiva de que a torre da Vigília de Tor se tornasse um reino reconhecido por fim, ele queria explicar tudo pessoalmente, e não que Gunner fosse anunciar impulsivamente coisas para todo mundo que Jase — e a rainha — ainda não estava preparado para dividir. Ele tampouco mencionou que eu estaria com ele. Isso também requereria algumas explica-

ções pessoais, mais do que caberia em um bilhete. Porém, pelo menos a família de Jase sabia que ele estava bem e que voltava para casa.

A mensagem enviada via Valsprey chegaria aos Ballenger pela rota indireta do mercado negro, como acontecia com todas as mensagens deles, primeiramente sendo entregue ao cuidador dos Valsprey no posto de mensagens de Parsuss, onde os Ballenger secretamente tinham alguém em sua folha de pagamento. A rainha havia erguido as sobancelhas quando isso foi revelado, e Jase prometeu que essa pequena transgressão também seria remediada. É claro que, como um novo reino que logo receberia seus próprios Valsprey, não haveria mais necessidade de conseguir os pássaros de outras fontes. O rei disse que poderíamos esperar que o cuidador dos Valsprey nos seguisse dentro de alguns meses.

Ouvi o som arrastado de passos no piso de mármore áspero atrás de mim e então senti o calor de Jase nas minhas costas. Ele ainda irradiava a quentura das fontes termais e, quando chegou perto de mim, repousou as mãos nos meus ombros.

“Para o que você está olhando?”, ele me perguntou.

“Para a beleza perfeita. Coisas perdidas. Nós.”

“Nós?”

“Estas últimas semanas têm sido...”

Eu não sabia como terminar, mas sabia que havia existido algo naqueles dias que passamos juntos que eu não queria perder, algo imaculado e quase sagrado. Não tínhamos nenhuma influência externa entre nós. Eu temia que isso pudesse mudar.

“Eu sei, Kazi. Ninguém sabe mais do que eu.” Ele afastou meus cabelos e deu um beijo no meu pescoço. “Mas isso não é um fim. É apenas o começo. Eu juro. Depois de tudo pelo que passamos, nada pode nos separar. Receio que você esteja presa a mim agora.”

Fechei os olhos, inspirando o toque dele, seu cheiro e cada palavra que ele dizia. *Eu juro.*

As coisas haviam mudado entre nós de um jeito que eu não achei ser possível.

Apenas agora eu entendia o peso insuportável dos segredos. Nunca se pode conhecer seu verdadeiro fardo até que ele tenha sido tirado da pessoa. Nessas últimas semanas, nós tínhamos sido varridos para dentro da leveza quase vertiginosa da verdade.

Partilhávamos tudo livremente, não mais tropeçando em nossas palavras. Por mais que eu achasse que conhecia Jase, fiquei sabendo muito mais sobre ele, todos os detalhes do dia a dia que haviam moldado quem ele era, desde os detalhes mundanos até aqueles angustiantes.

Descobri mais sobre seu lado vulnerável, suas preocupações enquanto seu pai lá jazia, moribundo, e as novas responsabilidades que haviam tão recentemente recaído sobre ele. Jase achava que levaria anos até que tivesse de carregar nos ombros o peso de ser o *Patrei*, mas, aos dezenove anos de idade, todas as decisões de repente cabiam a ele.

Ele me contou um segredo que nunca havia partilhado com ninguém antes — sobre sua irmã Sylvey e suas últimas súplicas a ele, sobre a culpa por negar o que ela pedia, por se recusar a acreditar naquilo que Sylvey já sabia — que ela estava morrendo. Até mesmo depois de quatro anos, essa ainda era uma ferida aberta para ele, e sua voz falhou quando ele me contou. Tudo isso me ajudou a ver melhor a mim mesma — as escolhas impossíveis de um momento efêmero —, os arrependimentos que enterramos fundo dentro de nós, as coisas que faríamos de modo diferente se apenas pudéssemos ter mais uma chance, se apenas pudéssemos retroceder no tempo, voltando um momento como se ele fosse um novelo de lã e tecê-lo de modo diferente. *Corra, Kazi, corra e pegue o cajado. Acerte a virilha dele, soque seu nariz, esmague sua traqueia.* Por que não fiz isso? Uma escolha diferente poderia ter mudado tudo. Mas a voz da minha mãe era forte também. *Não se mexa. Não diga nada.*

Para Jase, era o oposto — ele não tinha dado ouvidos à sua irmã. A última expressão nos olhos marejados de Sylvey antes que ela os fechasse para sempre ainda o assombrava. Ele ficou hesitante quando dividiu o que talvez fosse seu segredo mais sombrio de todos, que ele havia roubado o corpo dela da tumba e que a havia enterrado na base das Lágrimas de Breda, nas montanhas Mouras. Isso era um sacrilégio na Boca do Inferno, em toda a Eislândia, para falar a verdade, profanar um túmulo, um crime passível de punição com a morte. Nem mesmo sua família sabia o que ele havia feito. Eu tentei imaginar o tormento pelo qual ele deveria ter passado enquanto viajava sozinho por uma trilha escura da montanha com o cadáver dela envolvido em um pano e jogado sobre sua sela.

Outras verdades eram mais duras de partilhar — elas vinham à tona em camadas —, algumas enterradas tão fundo que eram apenas uma dor vaga que havíamos aprendido a ignorar. Ajudamos um ao outro a encontrar aquelas verdades também. *Como foi que você sobreviveu, Kazi? Sozinha?* Ele não se referia apenas a como eu comia e me vestia. Isso eu já havia lhe contado. Ele estava se referindo à solidão diária de não ter a quem recorrer. Isso era inconcebível para ele. Eu não tinha uma resposta porque nem eu mesma tinha certeza disso. Havia dias em que parecia que tudo que havia sobrado de mim era uma sombra faminta, uma coisa que poderia desaparecer e que ninguém notaria. Talvez acreditar nisso foi o que me ajudou a escapar tão facilmente.

Embora nossa honestidade fosse um elixir intoxicante do qual eu queria mais, quanto mais nos aproximávamos da torre da Vigília de Tor, mais eu sentia o peso de novos segredos voltando a se insinuar. Eu tinha preocupações em relação à família de Jase que não queria partilhar porque sabia que ele as dispensaria. Ele era o chefe da família, o *Patrei*, afinal de contas. Eles lhe dariam ouvidos. Mas como realmente o ódio po-

deria ser apagado com um comando? E o ódio da família dele por mim tinha sido visceral. Esse ódio os consumia até suas entranhas.

Eu vou arrancar seus olhos um de cada vez e dá-los para os cachorros comerem.

Essa era a “família” para a qual eu estava retornando. Não eram apenas as ameaças de Priya que me preocupavam, mas o abismo de confiança quebrada que eu não tinha certeza se poderia ser novamente restaurado, nem mesmo pelo bem de Jase. Eu tinha visto a expressão de extremo desapontamento de Vairlyn enquanto eu estava com o filho dela na ponta da faca. Eu sempre seria a garota que invadira a casa deles, a garota que mentira e os roubara.

Até mesmo a doce inocência de Lydia e Nash provavelmente estava maculada agora. Teria sido impossível manter os detalhes sobre o desaparecimento de Jase escondidos deles. Também havia a questão de Gunner e suas provocações cruéis quando ele ficou sabendo o que Zane havia feito à *minha* família. Não importava que ele fosse irmão de Jase. Meu ódio por ele não havia diminuído nessas últimas semanas. Eu não conseguiria fingir que aquela noite havia sido esquecida, não mais do que eles.

“Eu sei o quanto sua família significa para você, Jase. Não quero ficar presa no meio nem ser forçada a escolher lados.”

“Kazi, *você é* minha família agora. Não tem isso de escolher. Você está fadada a ficar comigo para sempre, está entendendo? E eles também. É assim que funcionam as famílias. Acredite em mim, eles vão cair na real. Eles já amavam você. Vão amá-la de novo. E o mais importante de tudo: eles ficarão gratos. Os Ballenger abaixaram a guarda. Não tenho dúvidas de que todos nós estaríamos mortos se você não tivesse intervindo.”

Ele havia me garantido antes, lembrando-se dos detalhes de infames assassinatos passados que visitaram os Ballenger, e sobre essa questão eu também não tinha nenhuma dúvida. Jase teria sido o primeiro. Mate o mais forte e então passe para o restante. Como teria sido? Uma facada inesperada nas costas quando ele parasse para verificar o progresso de Beaufort? Era iminente, disso eu sabia. Beaufort havia esperado que seu plano rendesse frutos em apenas uma semana antes de eu ter intervindo. Mais provisões haviam sido pedidas. A produção deveria iniciar de forma intensa. Eles estavam atrás de mais ferreiros para ajudar Sarva a moldar duas dúzias mais de lançadores. No entanto, a família de Jase tomou conhecimento apenas do que eles tinham visto, não do que poderia ter sido, e eles testemunharam a minha traição, e não a de Beaufort. O plano dele para dominar os reinos — seria apenas meu falso juízo comparado às grandes promessas que ele lhes havia feito. Eu sabia que Jase me apoiaria, e, sim, talvez isso fosse o bastante, mas eu não tinha certeza. Não entendia todas as emoções e todas as complexidades de uma família e me preocupava que talvez fosse tarde demais para aprender.

“Eu nunca tive uma família antes, Jase. Posso não ser boa em...”

“Você tem Wren e Synové. Elas são como uma família.”

Senti uma fisgada pungente dentro de mim quando ele as mencionou. Eu já sentia falta delas, bem mais do que achei que sentiria. Nós estávamos acostumadas a ficar separadas por curtos períodos de tempo enquanto seguíamos em diferentes missões, mas nossas camas no dormitório, juntas em uma fileira, sempre esperavam pelo nosso retorno. Dessa vez eu não voltaria. Nessas últimas semanas eu tinha frequentemente me perguntado onde elas estariam e como estariam. Imaginava que Wren e Synové fossem o mais próximo que eu tinha de uma família. Elas dariam suas vidas por mim, e eu daria a minha por elas. Havíamos nos tornado irmãs em um sentido muito verdadeiro, mas nunca tínhamos usado essa palavra. Família era um risco do qual a gente poderia nunca vir a se recuperar e levávamos vidas perigosas por opção. A justiça ardia em nós, como uma marca a ferro e fogo em nossas peles, no dia em que nossas famílias nos foram tiradas. As palavras não ditas entre nós eram nossa rede de segurança. A família de Jase era uma unidade sólida, todos eles os mesmos, sempre juntos. Eu não sabia ao certo se poderia fazer parte daquele tipo de família.

“E você tinha sua mãe”, ele disse ainda. “Ela era sua família, por mais que tenha sido curto o tempo que vocês duas passaram juntas.”

Nós já havíamos falado sobre a minha mãe. Até mesmo os segredos mais antigos e mais dolorosos não eram contidos entre nós. Linhas aprofundaram-se em volta de seus olhos quando eu os contei, e eu me perguntava se meu relato seria tão doloroso para ele quanto era para mim, com seus próprios arrependimentos se empilhando ao lado dos meus, desejando que sua família nunca tivesse dado um porto seguro aos Previzi — ou que nunca os houvesse empregado.

“Vai dar tudo certo”, ele me prometeu e deu um beijo no lóbulo da minha orelha. “E isso tudo não tem que acontecer da noite para o dia. Nós temos tempo. Vamos fazer tranquilamente a passagem para todas as mudanças.”

O que queria dizer que ele sabia que havia dificuldades pela frente. “Preparada para ir?”, ele me perguntou.

Eu girei para ficar cara a cara com ele, esquadrinhando-o da cabeça aos pés, e soltei um suspiro. “Finalmente vestido, não? Assim que eu tiver me acomodado como magistrada, vou manter as rédeas curtas com você, *Patrei*.”

“Então hoje é magistrada? Ontem você era a Embaixadora Brightmist.”

“A rainha deixou os papéis a meu critério, dependendo de como você se comportasse.”

“Planejando me prender?”, ele me perguntou um pouco ansioso demais.

Estreitei os olhos. “Se você não andar na linha...”

“Se você não fosse tão impaciente, não estaria encarregada de mim agora.”

Eu ri. “Eu sou a impaciente? Eu me lembro de que foi *você* quem puxou o cordão do pacote de Synové.”

Jase deu de ombros, os olhos arregalados com inocência. “O cordão praticamente se desenrolou sozinho. Além disso, eu não sabia o que havia dentro, nem a que uma simples fita vermelha poderia levar.”

Nós nem mesmo havíamos passado um dia inteiro na trilha antes de ele querer abrir o presente de despedida de Synové para nós.

“Nunca confie em presentes de Rahtan”, avisei. “Aquilo que você não sabe pode metê-lo em encrenca, *Patri*.”

“Mas encrenca é o que fazemos de melhor juntos.” Ele me tomou em seus braços, os olhos dançando iluminados, mas então sua expressão brincalhona deu lugar a uma séria. “Você lamenta?”

Eu me senti mergulhar mais a fundo no mundo que era Jase Ballenger. “Nunca. Nem em mil amanhã eu lamentaria. Meter-me em encrenca com você me faz feliz. Eu amo você com todo o meu fôlego, com todo o ar que eu ainda vou chegar a respirar. Eu amo você, Jase.” “Mais do que você ama laranjas?”, ele me perguntou entre beijos. “Não vamos nos deixar levar pelo momento, *Patri*.”

As palavras nas quais antes eu havia me recusado até mesmo a pensar saíam com uma surpreendente facilidade agora. Eu as dizia com frequência e de uma centena de formas diferentes. Todas as vezes que nossos lábios se encontravam, toda vez que meus dedos passavam por seus cabelos. *Eu amo você*. Talvez parte disso fosse um medo, medo de deuses ciumentos e de oportunidades perdidas. Eu sabia agora mais do que nunca que oportunidades poderiam ser arrancadas de nossas mãos em um instante, inclusive as oportunidades para últimas palavras, e, se houvesse quaisquer palavras finais entre mim e Jase, eu queria que fossem *eu amo você*.

As últimas palavras de minha mãe para mim tinham sido palavras desperadas de medo. *Shhh, Kazi, não diga nenhuma palavra*. Era isso que eu sempre ouvia logo que pensava nela, o medo.

Nós fomos lá para baixo, até onde Mihe e Tigone estavam alojados, no que poderia um dia ter sido um longo e aberto salão de jantar. De fato, ainda era, com o chão cheio de trevos, que ambos os cavalos comiam e faziam diminuir em altura e quantidade. Nós nos dirigíamos a planícies varridas pelo vento onde seria difícil de encontrar pastagem, então eu estava contente por eles estarem comendo um bocado.

Preparamos as selas e tudo o mais, então partimos, e, enquanto cavalgávamos, eu revivia a magia de cada dia, determinada a não permitir que essas semanas fossem perdidas no esquecimento. Eu registrava de onde tínhamos vindo até onde estávamos indo, de modo que nenhuma virada inesperada pudesse nos levar a um caminho desconhecido mais uma vez.

E, ao longo dos quilômetros, memorizei todas as palavras trocadas entre nós dois, de modo que nunca pudessem ser esquecidas.

“E quanto a nós, Jase? Será que alguém vai escrever a nossa história?”

“O que você quer dizer com isso?”

“Como as centenas de histórias que estão escritas nas paredes das catacumbas e aquelas que estão nas suas estantes.”

Um sorriso divertido repuxou sua boca, como se isso não tivesse passado pela cabeça dele e como se estivesse intrigado com o pensamento.

“Nós faremos isso, Kazi. Você e eu. Nós escreveremos a nossa história. E ela terá mil volumes. Nós temos uma vida inteira pela frente.”

“São muitas árvores para tantos livros.” Ele deu de ombros.

“Nós temos uma montanha delas, lembra?” Nós. Tudo era *nós* agora.

Tecíamos nossos sonhos juntos como se eles fossem uma armadura. Nada podia nos fazer parar agora.

CAPÍTULO 3

J A S E

“UM BOTÃO?”

Eu ri quando Kazi descreveu o roliço e orgulhoso lorde de quadrante uivando para o fim de um beco como se seu nariz tivesse sido cortado fora.

“Por que se arriscar tanto só para roubar um botão inútil?”, perguntei a ela.

Seu sorriso desapareceu, e seu olhar era contemplador e sereno, os dedos movendo-se pela palma da mão como se ela contivesse o botão mais valioso do mundo ali. “Não era inútil”, foi a resposta dela. “Às vezes você precisa se lembrar de que não é impotente. De que tem alguma medida de controle. De que talvez suas habilidades não sejam boas apenas para encher sua própria barriga, mas também para fazer com que os outros considerem as próprias. Se um ladrão era capaz de roubar um botão na cara dele no meio do dia, quanto mais poderia ter tirado dele nos cantos escuros da noite?” Ela mascava o canto do lábio, estreitando os olhos. “Eu sei que ele não dormiu bem naquela noite, e aquilo fez com que *eu* tivesse o mais doce sono de todos os tempos. Às vezes é preciso ganhar o dia. Talvez seja isso que nos torne valentes o suficiente para encarar um outro dia.”

Eu ainda estava tentando entender o mundo dela, as coisas pelas quais ela havia passado, e a determinação que havia sido necessária para que permanecesse viva. “Valente? Você é a pessoa mais valente que já conheci na minha vida.” Olhei de esguelha para ela. “É claro que a mais conspiradora também.”

Ela apertou a semente da tâmara que estava mordiscando e jogou-a para mim, me acertando diretamente no queixo.

Esfreguei o local. “Uma conspiradora com uma boa mira?”

“Diz o próprio Grande Conspirador, mas eu vou aceitar o elogio”, disse ela e olhou para a frente de novo, com seus ombros balançando gentilmente a cada vez que Mihe colocava uma pata no chão. Ela ficou em silêncio por um bom tempo antes de perguntar: “Você vai contar a eles que eu era uma ladra?”

Minha família. Eu sabia o que ela queria dizer com isso, mas me esquivei da pergunta.

“Era? Você ainda é uma ladra. Eu conto meus dedos toda noite antes de ir dormir. Mas não vamos fazer com que eles chamem você de Dez.”

“*Jase.*”

Soltei um suspiro. A verdade entre mim e Kazi era uma coisa, mas, com a minha família, era outra. Eu teria de conversar com eles e fazer

com que descessem de um penhasco de fúria antes de lhes contar qualquer coisa. Eu sabia que me dariam ouvidos, mas seria difícil para eles deixarem de ferver de ódio e passarem a recebê-la de braços abertos com apenas umas poucas palavras. Não quando seu lar havia sido invadido, e seu prezado investimento — assim como seu *Patrei* —, roubado por alguém em quem pensavam confiar. “Sim, eu contarei isso a eles. No momento em que você estiver preparada. Embora possa ser uma boa ideia soltar uma verdade de cada vez. Devagar.”

Ela abriu um largo sorriso. “De acordo. Imagino que não precisemos acertá-los com tudo de uma só vez.”

“É claro que você está ciente de que, assim que contar isso a Lydia e Nash, eles vão querer que você lhes ensine tudo que sabe.”

“Vamos ficar nos malabarismos e truques com moedas atrás das orelhas por ora. A arte das sombras é um pouco mais difícil de dominar.”

“Não se esqueça dos sinais silenciosos”, eu lembrei a ela. “Eles adorariam usar aqueles sinais à mesa do jantar.”

Ela sorriu. “Já está na minha lista de prioridades.”

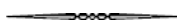
Até mesmo antes de ficar por si só, Kazi me dissera que ela e sua mãe haviam desenvolvido uma linguagem silenciosa entre si para sobreviverem às ruas de Venda, pois com frequência havia momentos arriscados em que elas tinham de permanecer em silêncio. Eu tinha uns poucos gestos sutis junto à minha turma, mas fiquei surpreso com a quantidade de sinais que ela e sua mãe possuíam. Um estalo de dedos significava *sorria*; o queixo para dentro, *observe, esteja preparada*; mão rígida, *não se mexa*.

Eu também lhe contei histórias sobre a minha infância, as encenanças em que nós, as crianças mais velhas, nos metíamos. Ela riu, pasmada e se divertindo. Contei a ela sobre um verão quente em que ficamos particularmente entediados. Nossas peripécias envolviam cordas, polias e pegar chapéus de pessoas desavisadas que estavam passando abaixo de nós no calçadão enquanto as perseguíamos do alto das árvores de *tembris*.

“Um ladrão em treinamento? Não é de se admirar que o tendeiro tenha se referido a você como um dos meninos indomáveis dos Ballenger.”

Dei de ombros. “Nós devolvemos os chapéus, mas levamos uma bronca de nossa mãe. Ela disse que se puséssemos em nossos estudos a metade dos esforços que dedicávamos às peças que pregávamos nas pessoas, todos nós seríamos gênios. Porém, quando ela achava que não estávamos olhando, vimos que ela fazia um sinal de aprovação ao nosso pai. Ambos achavam que éramos bem espertos.”

“Sim”, admitiu Kazi. “Espertos como raposinhas roubando ovos do galinheiro.”



A floresta havia ficado mais densa, e os trinados peculiares dos esquilos listrados soavam acima de nossas cabeças, perturbados com a nossa presença. Ficamos em silêncio, e meus pensamentos vagaram de volta para Beaufort, como acontecia com frequência. Kazi e eu discutimos sobre ele muitas vezes, mas não chegamos a nenhuma conclusão. *Domínio sobre os reinos.*

Mas como?

Sim, Beaufort estava desenvolvendo armas poderosas, mas ele não tinha nenhum exército para usá-las. Ele chegou na torre da Vigília de Tor com as mãos abanando, vestido de trapos e com o chapéu na mão. Ele e seu grupo eram uma coisa de dar pena. Até mesmo se ele estivesse trabalhando com uma das ligas e se armasse todos eles com os lançadores que havia desenvolvido, ainda assim não poderia derrubar um reino inteiro, muito menos todos eles.

Será que Beaufort estava delirando? Tentando conjurar seus sonhos perdidos de poder? Se assim fosse, Kardos e todo o restante dos homens tinham de ser tão loucos quanto ele. No entanto, o Vale do Sentinela não era nenhum delírio. Os túmulos em massa eram nauseantemente reais. Talvez fossem necessários homens insanos para conceber tais esquemas.

“Você acha que este é o Dentes de Ogros?”, quis saber Kazi.

Passamos por uma fileira de colunas quebradas que se erguiam no meio da floresta, cujo propósito, havia muito tempo, tinha sido perdido para o mundo, mas elas se pareciam com as ruínas que Sven havia descrito para nós. Havia tantos vestígios de uma outra era nessa floresta que eu saquei o mapa e o verifiquei novamente para ter certeza.

“Sim”, respondi. “É sim.”

Você me perguntou por que o mundo a céu aberto me aterroriza, lembra, Jase? Porque ele não oferece nenhum lugar para eu me esconder.

Segundo o mapa, estávamos nos dirigindo para outro desses mundos a céu aberto e lá chegaríamos em breve. Acho que isso me incomodou mais do que a ela. Eu estava acostumado a resolver problemas, a consertá-los de uma forma ou de outra, e esse eu não conseguia resolver. Eu não tinha como desfazer o passado e eliminar o que havia sido feito. O medo dela pesava em mim. Eu já havia estudado o mapa, tentando encontrar alguma maneira de dar a volta e não passar por ali, mas não havia nenhuma.

Viramos em um caminho em ziguezague, então as montanhas e as florestas acabaram abruptamente. Encontramo-nos em uma trilha elevada, que dava para uma planície sem fim de um estranho e intenso vermelho. No norte, ao longe, as terras inóspitas de Infernaterr brilhavam como um oceano prateado, lançando suas ondas sobre as praias da planície.

“Ôa, Mihe!” Kazi parou e ficou fitando o vasto vazio. Essa era a terceira vez que tínhamos de cruzar uma planície vazia que não oferecia

nenhum abrigo.

Fiquei observando enquanto seus olhos faziam uma varredura dos quilômetros, seu peito se erguendo em respirações mais rápidas.

“Você não tem mais que ter medo de Zane, Kazi. Ele está sob a custódia da família. Eles não vão soltá-lo.”

Ela soprou uma bufada em descrença. “Você tem tanta certeza assim? Gunner parecia bem disposto a negociar a troca dele da última vez que o vi.”

“Juro que Gunner não o soltará.” Eu gostaria de poder lhe dizer que era por causa do que Zane havia feito mais de uma década atrás com ela e com sua mãe, mas não era por isso que ele não o soltaria. Zane tinha uma conexão com os caçadores de mão de obra que desceram na Boca do Inferno e levaram a mim e a outros cidadãos com eles e, por isso, Gunner nunca permitiria que ele deixasse a torre da Vigília de Tor — pelo menos, não vivo.

Fiquei observando enquanto ela se concentrava no horizonte, em algum ponto minúsculo ao longe, provavelmente imaginando uma cidade movimentada, cheia de sombras e cantos escuros e em como havia apenas uma paisagem plana no caminho para que ela lá chegasse. Ela ergueu o queixo. “Eu não sou mais aquela criança impotente de seis anos de idade, Jase. Eu não tenho medo de Zane. Eu lhe garanto que ele é que tem medo de mim agora. É ele que olha por cima dos ombros, esperando que uma porta se abra e que eu a cruze. É ele que tem medo de dormir à noite.”

Eu não tinha dúvidas disso. Percebi a expressão dele quando a viu naquela última noite na torre da Vigília de Tor — ao *vê-la* olhando para *ele*. Os olhos dela haviam brilhado com uma fome primitiva, com a ferocidade de um urso candok que não poderia ser parado. E, ainda assim, eu sentira o coração dela bater sob o meu braço quando eu a puxei para perto de mim naquela noite e um céu amplamente aberto caiu sobre nós.

“Mas eu vi você...”

“Ainda com dificuldade de dormir aqui fora, em campo aberto? Eu sei.” A expressão dela ficou mais sombria, suas sobrancelhas se uniram, como se estivesse perplexa com isso também. Ela soltou um suspiro. “Eu meio que não consigo me livrar disso. Por ora, imagino, faz parte de quem eu sou. Minha mente raciocina dizendo que não há nada a temer, mas alguma coisa dentro de mim que não consigo controlar reage de forma diferente.” Ouvi a confusão em sua voz. Ela se virou e olhou para mim. “Não sei ao certo quanto tempo vai demorar para convencer o meu coração a parar de bater acelerado toda vez que eu me confrontar com a falta de um lugar para me esconder. Talvez uma vida inteira. Você está disposto a aguentar isso?”

“São muitas perguntas sem respostas.”

“Eu ainda tenho algumas em mim.”

Eu também tinha. Tais como... Quantos dos meus irmãos seriam necessários para me segurar e impedir de atacar Zane quando voltássemos para casa? Como ele responderia às minhas perguntas com minhas mãos em volta de sua garganta? Ele roubou a mãe de Kazi. Ele deixou uma criança de seis anos de idade para morrer nas ruas de Venda. Minha pulsação esquentava e acelerava só de pensar nele, mas eu sabia que não cabia a mim terminar com Zane. Eu havia apenas cultivado uns poucos meses de ódio por ele. Kazi o fez por onze anos. Sua raiva ganhava de longe da minha.

Kazi cuidaria de Zane.

Depois que ela obtivesse suas respostas.

Seguimos planície abaixo rapidamente, o solo tão vermelho que parecia estar encharcado de cerejas maduras — ou sangue. Todas as partes deste continente continham novas surpresas. As paisagens pelas quais havíamos passado eram de tirar o fôlego e também tediosas, e às vezes surpreendentes. A mais surpreendente delas tinha sido o Cânion de Pedra, que Sven havia marcado claramente no mapa. *Dê a volta nele, se preferir. A maioria faz isso. É uma vista da qual você não se esquecerá logo, mas é a rota mais curta.* Kazi e eu havíamos optado pela rota mais curta, mas todos os nervos que eu tinha latejavam enquanto viajávamos por ela. Tigone e Mihe batiam com os cascos no chão em protesto. Até mesmo eles podiam ver que as pedras não eram apenas pedras, e o vento assoviava de um jeito estranho pelo cânion, como um fluxo de vozes.

Segundo Sven, rezavam as lendas que uma das estrelas da devastação enviara rochas derretidas, que se espalharam pelos ares como uma fonte. Os povos antigos ficaram presos no meio de sua fuga.

Multidões aninhadas foram unidas como se fossem uma única rocha, eternamente ancoradas aos penhascos que se erguiam acima deles. Faces distintas, marcadas pelo horror, às vezes emergiam da massa. Não havia como apagar essa parte da história. Rostos congelados no tempo ladeavam nosso caminho, e eles eram um lembrete fúnebre de quão rapidamente o mundo dos Antigos havia mudado. Talvez de quão rapidamente todos os nossos mundos poderiam mudar.

Em comparação, a planície vermelha pela qual viajávamos agora quase parecia tranquila, e se fossem necessárias algumas dúzias de charadas ou mais lendas dos Ballenger para fazer com que Kazi a atravessasse, eu estava preparado. Eu me perguntava, às vezes, enquanto cavalgávamos em silêncio, se ela estaria compondo sua próxima charada. Nunca lhe parecia faltar uma quando eu pedia. Por outro lado, compô-las não era o meu forte, e eu encontrara muitas dificuldades com a única que tinha lhe dado. No entanto, essa charada parecia suficiente para ela, que a pedia repetidas vezes.

Diga de novo, Jase.

Mas você já sabe a resposta.

Mas é uma resposta da qual eu nunca vou me cansar.

E talvez eu nunca me canse de dizer a ela. Passei o dedo pela fita vermelha amarrada à minha sela. *Para que serve isso, Kazi?* Eu não percebi seu rosto enrubescendo e esquentando desde aquela primeira vez que a vi encarando meu peito nu. *Diga-me.* No entanto, no meu âmago, eu acho que já sabia, e, se presentes como aquela fita eram sinônimo de encrespação, eram do tipo que eu queria.

Kazi pigarreou para conseguir minha atenção. “Tudo bem, aqui vai, *Patri*”, disse ela. “Escute com atenção. Não vou me repetir.”

Compondo. Exatamente como eu tinha pensado.

Tenho dois braços, mas nenhum osso.

Não posso ser ferida, nem vista no fundo do poço.

Tenho cabeça, rosto não posso ter,

Não preciso de olhos para alcançar você.

Sou ladra, habilidosa, dos olhos sou ilusão,

Meus mantos são feitos de mistério e invenção.

Baixa, magra, alta, monstruosa, sou de cada forma,

Mas, quando a meia-noite chega, em nada ela me transforma.

“Deixe-me pensar.” Dessa vez eu não estava enrolando para ganhar um beijo. Eu estava perplexo. Braços sem ossos? Cabeça sem rosto? Eu estava remoendo a ideia quando alguma outra coisa chamou a minha atenção.

Nós dois paramos nossos cavalos e olhamos para o céu. “*Valsprey*”, sussurrou Kazi, quase como uma pergunta.

Nós o vimos ao mesmo tempo. Uma manchinha branca em um ofuscante céu azul voando na nossa direção, com suas imensas asas deslizando pelo ar, majestoso e sobrenatural ao mesmo tempo. Um pássaro selvagem? Parecia improvável que fosse um pássaro treinado para ser mensageiro, considerando nossa localização. Ele se aproximou rapidamente, voando baixo o bastante a ponto de eu conseguir ver o talho preto de penas acima de seus olhos. Era uma visão maravilhosa ali no meio do nada e comandava nossos olhares, que o contemplavam. Então, de súbito, ele deu um impulso violento para trás, como se tivesse sido atingido por alguma coisa. Um punhado de penas explodiu no ar e a ave girou descontrolada, caindo na direção da terra.

“*Abaixe-se!*”, eu gritei, dando um pulo e puxando Kazi para o chão comigo.

Alguém havia atirado no pássaro que estava no céu.

Nós não estávamos sozinhos.

CAPÍTULO 4

KAZI

JASE PAIRAVA SOBRE MIM, COM A MÃO PRESSIONANDO DE FORMA protetora as minhas costas. Mihe e Tigone saltavam nervosos ao nosso lado. Jase levantou-se rapidamente, pegando nossas aljavas e arcos de nossas bagagens, e caiu para trás no chão, rente a mim. Analisamos a planície. Não havia nenhum lugar ali para alguém se esconder. De onde tinha vindo o tiro? Não restava dúvida de que o Valsprey tinha levado um tiro do céu. Nenhum pássaro mudava tão drasticamente sua direção daquele jeito e depois caía no chão sem que nada causasse isso.

“Eu não vi nenhuma flecha”, sussurrou Jase. “Você viu?”

“Não. Nada.”

Mas se não foi uma flecha, então o que foi? Uma pedra lançada de um estilingue? Mas eu também não vi nenhuma pedra. Um predador? Mas os Valsprey são grandes, com asas cuja envergadura chega a um metro e meio de comprimento. Para derrubá-lo, o predador teria de ser bem maior, como um racaa. Não havia nenhum deles por ali.

Nós dois nos erguemos um pouco, apoiados nos cotovelos, procurando por alguma coisa que fosse emergir de um buraco escavado na planície, mas ninguém saiu dali. Por fim nos levantamos, de costas um para o outro, ambos colocando uma flecha no arco, sincronizando nossas voltas enquanto buscávamos e esperávamos para ver algo. A única coisa que nos saudou foi o som baixo de uma brisa suave que varria a planície.

Fomos até o local onde o pássaro havia caído, uma mancha branca retorcida na paisagem carmesim. Uma de suas asas quebradas formava um ângulo na direção do céu, como se estivesse esperando por uma segunda chance. As asas não batiam nem havia qualquer resquício de movimento. O pássaro estava morto, o que não era nenhuma surpresa. Porém, conforme nos aproximamos dele e o olhamos com mais atenção, vimos que havia algo errado ali.

“O quê...?”, disse Jase.

Ficamos encarando o animal.

O pássaro estava morto. Mas claramente estava morto havia semanas.

Seus olhos estavam afundados, como buracos coriáceos, suas costelas se sobressaíam em uma pele decomposta e fina como papel, e seu peito estava quase sem penas. Olhamos ao redor, pensando que tinha de haver um outro pássaro em algum outro lugar ali, mas não havia nenhum. *Este* era o pássaro que nós tínhamos visto cair do céu.

Uma ilusão de ótica?

Teria sido carregado até aqui por alguma forte corrente de vento?

Ficamos pensando nas possibilidades, mas nenhuma delas fazia sentido.

Jase cutucou a carcaça seca com sua bota, virando o pássaro. Havia um receptáculo de mensagens preso à sua perna. No fim das contas, tratava-se de um Valsprey treinado. Eu me curvei e puxei o receptáculo de sua perna, então segurei no fio que o fechava, que se desfez, e um pequeno pedaço de pergaminho se desenrolou nas minhas mãos.

As palavras que eu li arrancaram o ar dos meus pulmões.

“De quem é?”, quis saber Jase.

“Não sei.”

“Para quem é?”

Fiquei encarando o bilhete, me perguntando como aquilo seria possível. Eu sabia. Às vezes as mensagens davam um jeito de encontrar as pessoas. *Os fantasmas, eles nos chamam em momentos inesperados.* Essa não era uma mensagem enviada por um Valsprey. Era uma mensagem enviada por um tipo diferente de mensageiro. Eu a segurei firme, não querendo entregá-la a Jase.

“Kazi? O que é isso?”

Chega de segredos, nós havíamos prometido.

Estendi o bilhete para ele. “É para nós”, falei.

Jase pegou-o e leu cuidadosamente, várias vezes, ao que parecia, pois só o encarava. Ele balançou a cabeça, os lábios ficando pálidos. Ele piscava como se estivesse tentando desanuviar a vista, como se estivesse tentando fazer com que as palavras se reordenassem e formassem algo que fizesse sentido.

Jase, Kazi, alguém, venham! Por favor! Samuel está morto.

Eles estão batendo com tudo na porta.

Eu tenho que...

Em um instante, a expressão dele passou de perda para enraivecida. “É uma mensagem falsa. Isto é algum tipo de trote doentio.” Ele amassou o papel em seu punho cerrado e se virou rapidamente, analisando a paisagem mais uma vez, em busca do autor. “Apareça!”, ele berrou. Apenas um gemido assombroso do vento foi a resposta.

“Você reconhece a caligrafia?”, perguntei. Era uma escrita desesperada, redigida às pressas. Não me parecia um trote ou uma farsa.

Ele olhou para a mensagem novamente. “Não sei ao certo. Poderia ser a caligrafia de Jalaine. Nós temos Valsprey na arena... A porta do escritório lá é...” Ele andou de um lado para o outro, balançando a cabeça em negativa. “Mande que Samuel ficasse trabalhando lá enquanto sua mão se recuperava. Ele...” Jase fez uma careta e eu quase pude ver seus pensamentos girando, descontrolados, enquanto os meus próprios eram como chumbo, chegando a uma conclusão...

“Samuel *não* está morto”, Jase grunhiu, como se tivesse lido a minha mente. “Jalaine exagera em suas reações. Ela achou que eu estava morto uma vez, quando caí de uma árvore e fiquei sem ar. Ela foi correndo contar para os meus pais e causou pânico.” Ele esquadrinhou a paisagem de novo, pensando alto. “Talvez Aram tenha escrito o bilhete, ou talvez tenha sido alguém que nós nem mesmo conhecemos, para convencer você a me soltar. Talvez eles não tenham recebido a mensagem de que eu estava voltando para casa e acham que você ainda está me mantendo preso? Ou talvez...” Ele parou de falar no meio do pensamento e seus ombros caíram. Ele se inclinou para a frente, descansando os braços nas costas de Tigone como se fosse a única coisa que o estivesse mantendo em pé. “Samuel não está morto”, disse ele novamente, mas, dessa vez, foi tão baixinho que apenas um fantasma poderia tê-lo ouvido.

Olhei para além dele, onde o pássaro estava, e vi a Morte encurvada sobre ele, com as costas arqueadas, erguendo um corpo do chão do vale. A Morte olhou por cima do ombro para mim, e depois pássaro, corpo e Morte, todos eles se foram.



Quem escreveu o bilhete, como conseguiu que a mensagem chegasse até nós, ou até mesmo se aquilo era verdade se tornaram perguntas secundárias. O que importava agora era chegar em casa. Parávamos em poços apenas por causa dos cavalos. Para nós não havia nenhum descanso até o começo da noite, quando a escuridão se aproximava.

Olhei para trás, para o longo caminho que havíamos trilhado no solo arenoso que formava uma linha torta na paisagem vermelha. Moribundos raios de sol marcavam a trilha feita por nossos pés na areia.

Fizemos uma fogueira em silêncio, reunindo pequenos ramos e gravetos e quebrando galhos de um arbusto morto. Jase tentava pegar, com raiva, um galho que se recusava a se soltar.

“Droga!”, ele gritou, puxando o galho com força.

Estendi a mão e a coloquei no braço dele. “Jase...”

Ele parou, o peito subindo e descendo com sua respiração, as narinas dilatadas, os olhos ainda fixos no arbusto frágil. “Eu não sei como isso poderia acontecer”, disse ele. “Exceto pela mão dele...” Ele se virou e seu olhar encontrou o meu. “Samuel era forte e tinha um olhar afiado, mas sua mão machucada...” Sua voz ficou presa na garganta.

Era. Samuel *era*.

“Vai ficar tudo bem, Jase. Nós vamos descobrir isso juntos.” Todas as palavras que eu disse eram vazias e inadequadas, mas eu não sabia ao certo o que mais poderia fazer. Eu me sentia pateticamente inútil.

Ele desviou o olhar, e seu peito se ergueu em uma respiração lenta e deliberada. Ele colocou os cabelos para trás e ajustou os ombros, e eu podia ver que estava remendando o que quer que houvesse sido desfeito dentro dele, recusando-se a ceder ao desespero. Abri a boca para falar,

mas ele balançou a cabeça em negativa e saiu andando, remexendo seus equipamentos. Ele tirou dali um machado e, com um golpe feroz, partiu o galho do arbusto.

“Pronto”, disse ele, e jogou a madeira derrotada no fogo. Centelhas dançavam no ar. Ele voltou sua atenção para o toco morto, talhando-o com a mesma ferocidade de antes. O barulho era lúgubre no vazio, e cada machadada fazia meus ossos tremerem violentamente.

“Jase, fale comigo. Por favor. Você me culpa? Por que você não estava lá?”

Ele parou no meio do golpe e ficou me encarando, e a fúria foi sendo drenada de seu rosto. “Culpar você? Do que está falando?” Ele colocou o machado no chão. “Isso não é culpa sua, Kazi. Somos nós. A história dos Ballenger. É o que tentei contar a você o tempo todo. Sempre foi isso de ter o lobo à nossa porta. Nossa história é cheia de violência desde o começo, mas não porque queremos que as coisas sejam assim. Agora finalmente temos uma chance real de acabar com isso. Chega de jogadas ofensivas. Chega de mercados negros. Chega de pagar impostos a um rei ausente que nunca faz nada para melhorar a vida das pessoas na Boca do Inferno. Lydia e Nash vão crescer de uma forma diferente daquela como eu cresci. Eles terão vidas diferentes, em que não serão obrigados a ficar sempre de olho para ver se não são atacados pelas costas. Eles não precisarão de *straza* seguindo-os a todos os lugares aonde forem. Nossa história está prestes a mudar. *Nós* vamos mudá-la, juntos, lembra?”

Assenti, e ele me puxou para seus braços, esquecendo-se do arbusto.

O lobo à nossa porta. Eu não conseguia evitar pensar em Zane.

Minha história estava prestes a mudar também.

*Temendo repetir a história,
Que as estórias sejam passadas,
De pai para filho, de mãe para filha,
Pois, com apenas uma geração,
A história e a verdade são perdidas para sempre.*

— Canção de Jezelia —

CAPÍTULO 5

J A S E

OS VENTOS UIVAVAM PELA PLANÍCIE COMO SE FOSSEM UMA FERA infeliz.

Kazi e eu nos aninhamos juntos em nosso saco de dormir, com os cobertores cobrindo a cabeça, cada um partilhando da calidez do outro. As respirações sonolentas dela estavam úmidas junto ao meu peito.

Você me culpa?

Eu sabia o que o silêncio seria capaz de fazer, o medo e as dúvidas que era capaz de semear. Eu o usava com um propósito calculista com prisioneiros, deixando que longos períodos de silêncio contorcêssem suas imaginações, transformando-as em algo hediondo e doloroso. Eu o usava com os mercadores e embaixadores para forçar uma negociação a meu favor, fazendo com que eles achassem que eu estava prestes a ir embora. Eu o usei com Zane para que ele me desse o nome de Deve-reux. Eu nunca pretendi usá-lo com Kazi, mas tinha sido consumido, sentindo minha negação se esvaindo a cada quilômetro pelo qual viajávamos. Eu lutava com o fato de que aquele bilhete pudesse ser verdadeiro. O silêncio que Kazi ouviu era apenas o medo preso dentro de mim. Mas como ela saberia disso? Eu senti na pele como o silêncio havia me levado ao limite quando meu pai não falava comigo.

Dê tempo ao tempo, Jase, Tiago dissera. Ele não quis dizer nada com isso. Ele está cego com o pesar neste momento.

As palavras de Tiago não significaram nada para mim.

Meu pai entrara com tudo pela porta da frente, gritando, chamando a minha mãe. A notícia da morte de Sylvey havia chegado até ele. Ele estava fora, caçando os perpetradores de um ataque na nossa casa na fazenda. Ele entrara pisando duro e passara enlameado pelo corredor, a água de uma tempestade escorrendo por seu corpo. Tentei pará-lo ao pé da escada para explicar, mas ele me empurrou para o lado. *Saia de perto de mim!*

Enquanto os dias seguintes passavam, todas as energias estavam focadas nos meus outros irmãos e irmãs, que ainda estavam doentes. Micah morreu. O restante se recuperou. Os medos que eu tinha desejado partilhar com o meu pai ficaram selados dentro de mim, especialmente depois que roubei o corpo de Sylvey. Meu pai não tinha como saber da culpa que seus silêncios haviam ajudado a alimentar, mas Tiago sabia. *Dê tempo ao tempo*, ele repetiu, dias depois, quando a casa inteira podia ouvir meus pais discutindo.

Se eu estivesse aqui...

Você não poderia ter mudado nada!

Eu teria...

Você não é nenhum deus, Karsen! Pare de agir como um! Você não tem a cura para a febre! Ninguém tem!

Nós deveríamos ter tido mais curandeiros! Mais...

Pelo amor dos deuses, Karsen! O que está feito, está feito! O que importa é o que faremos agora!

Os gritos deles me atravessaram, cortantes, mais frios do que o vento gélido que uivava lá fora. Era verdade. Ele não poderia ter mudado o que aconteceu. Mas e quanto a mim? Será que eu poderia ter mudado a conclusão para Samuel? Eu não deveria tê-lo colocado na arena, mas pensei que o escritório na arena fosse seguro. Nós tínhamos guardas bem armados porque passava dinheiro demais nas mãos das pessoas ali. Quem o haveria atacado? Ou será que isso aconteceu em algum outro lugar? Um comerciante enraivecido em um beco nos fundos? Uma outra trupe misteriosa como a de Fertig esperando em uma trilha deserta? Onde estavam os *straza* dele?

“Você está acordado”, sussurrou Kazi com a voz sonolenta.

“Shhh”, falei. “Volte a dormir.”

“Em que você está pensando?”

Apertei meu abraço ao redor de seu corpo. “Estou pensando em quanto eu amo você.”

“Então fico feliz que você esteja acordado. Diga-me de novo, Jase. Diga-me a charada...”

Ela murmurou mais algumas palavras incoerentes e caiu no sono de novo, com sua bochecha no meu ombro. Beije o topo de sua cabeça. Meu ar, meu sangue, minha calma.



Estávamos ao pé das montanhas, e o sol aquecia o meu rosto. Uma sensação de esperança agitava-se em mim, como se tivéssemos retomado o caminho certo, familiar, e sem mais pássaros mortos caindo do céu em uma paisagem sangrenta e estéril. Havíamos retornado a um mundo cuja lógica eu compreendia. Ainda assim, para garantir, alteramos nosso caminho, de modo que abordaríamos a torre da Vigília de Tor pelos fundos, passando pelo Túnel de Greyson, por precaução. Essa era a rota mais longa, mas, se uma liga estivesse criando tamanha encrenca, provavelmente eles estariam na cidade e não tínhamos nenhum *straza* conosco.

Os lábios de Kazi se abriram com um arquejo repentino.

“Que foi?”, eu quis saber, fazendo imediatamente uma varredura da paisagem.

Ela sorriu, e o deslumbramento se espelhou em seu rosto. “Acabei de me dar conta de que a Boca do Inferno não será a única cidade dentro dos limites do nosso novo reino. Temos mais uma.”

Eu conhecia todas as colinas, todos os vales e todos os cânions da torre da Vigília de Tor. “Não”, respondi. “A Boca do inferno é a única cidade. É isso.”

“Temos o assentamento.”

Absorvi a revelação. O assentamento ainda não era uma cidade, mas estava dentro das novas fronteiras que eu havia declarado. Soltei o ar, que saiu meio como um assovio de preocupação. “O que Caemus vai achar disso?”

“Não creio que será um problema. Na verdade, acho que ele ficará numa boa com isso. Agora Kerry, por outro lado, pode lhe dar outro golpe na rótula quando ficar sabendo que você é o novo soberano dele.”

“Vou me certificar de usar minhas botas de canos altos da próxima vez que fizer uma visita por lá. E quanto à sua rainha?”

“Ela é grata pelo que você fez, Jase. Você já sabe disso.”

Eu sabia. Ela havia expressado sua gratidão novamente quando jantamos com ela e com o rei. “Mas isso foi antes de ela saber que o assentamento estaria sob a minha regência. Eu não quero que nenhuma complicação coloque em risco...”

“O assentamento vai precisar de um nome. Alguma ideia?”

“Isso provavelmente deveria ser deixado a cargo de Caemus.”

“É verdade.” Mas ela seguiu em frente e tentou vários nomes mesmo assim, com a cabeça inclinada enquanto ouvia os sons em sua língua, seus sonhos tão plenos quanto os meus.

CAPÍTULO 6

K A Z I

LAMPEJOS PRATEADOS DE OUTONO SE ESGUEIRAVAM PELAS árvores, fazendo tremerem as poucas e escassas folhas com um último estremecer, como se estivessem se despedindo. O inverno era impaciente, já cobrindo de branco as primeiras horas das manhãs. Eu me perguntava como estaria a torre da Vigília de Tor no inverno. As torres negras contrastariam com uma paisagem branca de neve.

Nós chegaríamos hoje. Jase achava que chegaríamos logo antes do cair da noite, mas nem mesmo a aproximação da escuridão poderia pará-lo. Ele se endireitou na sela quando novas paisagens entraram em nosso campo de visão, ansioso, esquadrinhando o horizonte como se esperasse ver alguém que ele conhecesse, a pele coçando com a proximidade de casa. Nesta noite dormiríamos em camas na torre da Vigília de Tor. Comeríamos à mesa de jantar da família. Nossa nova vida estaria começando.

O anseio que se agitava em mim veio como uma surpresa. Talvez a crença perseverante de Jase de que isso era apenas o começo estivesse tomando conta de mim também. Eu me sentia ansiosa pelo que estava por vir, mas, ao mesmo tempo, era como se o nervosismo fosse um grande enxame de abelhas zumbindo dentro do meu peito. De alguma forma, eu teria de me encaixar em uma família tão unida que partilhava uma história e tradições. E havia outras preocupações também.

Teremos nossas respostas em breve, Jase prometera, porque a incerteza era um verme que corroía a ambos. Nós dois queríamos desesperadamente saber o significado do bilhete e o que realmente havia acontecido com Samuel, mas meu estômago se contorcia só de pensar em Zane. Não era como se eu tivesse medo dele, ao menos não um medo do que ele poderia fazer comigo. Natiya e Eben haviam me ensinado todas as formas de matar alguém, mesmo sem uma arma. Eu era muito mais bem treinada do que Zane. Mas tinha medo do que ele poderia me dizer.

Eu ficara aterrorizada na noite em que lhe perguntei sobre a minha mãe. Em um instante eu me tornei uma criança de novo, meus ossos se liquefazendo, a incerteza que eu havia escondido a socos por anos novamente viva. E agora eu teria de encarar aquele momento de novo quando ficasse cara a cara com Zane. Aquele medo havia se transformado em uma nova pergunta — poderiam as respostas ser piores do que não saber?

Apenas o mate, Kazi, eu dizia a mim mesma. *Isso é o que você sempre planejou fazer. Mate-o e acabe com isso. Você não precisa de respostas*. Eu tinha vivido com dúvidas por todo esse tempo — eu poderia

viver assim para sempre. Justiça era tudo com que eu me importava. Respostas não mudariam nada. Minha mãe se fora.

Você tem certeza de que ela está morta?

A pergunta de Jase fora tão frágil quanto um ovo de pintarroxo na palma de sua mão. Ele me lançara a pergunta como se me estendesse o ovo com a casca já rachada. É claro que eu não tinha como ter certeza de que ela estava morta. Não mesmo. Eu nunca tinha visto seu corpo, mas pegara um sonho e o moldara como uma conclusão em algum lugar no meio do caminho, um pedaço entalhado de um quebra-cabeça que se encaixava perfeitamente na minha vida.

Eu tive certeza por tanto tempo de que um dia ela voltaria para mim ou, se eu procurasse com mais afinco, de que um dia a encontraria. E então, em um amargo inverno, quando muitos vendanos já tinham morrido, eu estava toda enroladinha, tremendo na minha cabana, roxa de frio, pensando que poderia ser a próxima, e ouvi um barulho.

Shhh.

Eu disse a mim mesma que era só o vento.

Kazi.

Era só a minha barriga roncando.

Shhh.

Eu já estava muito fria, congelada até os ossos, mas fui correndo até lá fora mesmo assim, procurando, desesperada, não querendo ficar sozinha, os flocos de neve rodopiando em lâminas cortantes, neve caída amortecendo os meus pés, o vento chicoteando o meu rosto, e então... seguiu-se uma calma curiosa. Em contraste com o alarmante branco que tornava as ruas vazias de Venda irreconhecíveis, eu avistei alguma coisa.

Será que eu fantasiara de tanto frio? Seria um delírio alimentado pela fome? Mesmo então, nada daquilo realmente havia parecido real. Como eu poderia explicar a Jase algo que nem eu mesma entendia? Eu vi a minha mãe, com seus longos cabelos muito pretos em uma trança solta descendo por suas costas, com uma coroa de vinhas verdes frescas no topo da cabeça, como aquelas que ela costumava tecer para mim em dias sagrados. Ela era a primavera em meio a um inverno brutal. Ela se virou, e seus olhos eram poças quentes de âmbar, olhando dentro dos meus como se estivessem tentando transmitir mais um de seus sinais silenciosos, seus lábios formando o meu nome sem emitir som — *Kazi, minha querida, minha chiadrah* —, e então ela se virou e saiu andando para longe de mim, mas agora havia alguém ao seu lado. Esse alguém olhou para mim também. Morte. Minha mãe entrelaçou seu braço no dela e então desapareceu. Mas a Morte permaneceu lá por mais um instante. Ela olhou para mim, e então, por fim, saiu batendo os pés como uma forma de aviso, e eu voltei correndo para a minha cabana.

Talvez você tenha visto o que precisava ver para seguirem frente, não?, foi o que Jase sugeriu.

Eu havia pensado e repensado essa possibilidade dentro da minha cabeça incontáveis vezes desde então. Será que tinha sido apenas a solidão desesperada de uma garota que, por fim, estava se libertando do que acontecera? Havia meses e anos que ela já vinha se desprendendo de mim, e minha culpa aumentava conforme se dissipava a minha lembrança, e aquela culpa alimentava uma renovação da minha busca por ela.

Talvez vê-la naquela noite tenha sido sua mensagem para que eu parasse de esperar que ela voltasse. Para que eu parasse de procurá-la.

Só que, um tempo depois, eu comecei a procurar por outra pessoa. De uma forma ou de outra, eu não conseguia deixar isso para lá. Desde aquela noite, eu tinha visto a Morte muitas vezes — e não se tratava de nenhum sonho. Talvez ela estivesse sempre lá, e, envolvida nas tentativas de sobrevivência, eu simplesmente não notara. Ou, possivelmente, uma vez que uma porta sombria tivesse sido aberta, ela não poderia ser trancada de novo. Agora, em momentos inesperados, eu ouvia os avisos sussurrados de fantasmas, e a Morte deleitava-se com o prazer de me provocar, me pressionar. Ela se tornou algo como um lorde de quadrante que eu estava determinada a derrotar, e o prêmio era a minha vida.

“Maçãs!”, exclamou Jase de repente. Ele já estava conduzindo Tigone até os galhos baixos das árvores, colhendo maçãs vermelhas e maduras enquanto passava. Ele jogou algumas no chão para os cavalos e reuniu mais delas nas dobras de seu manto antes de descer da montaria. Então deu uma mordida em uma das maçãs, sorvendo ruidosamente seu bom sabor, e depois deu de ombros. “Eu os chamei primeiro, mas poderia ser convencido a dividi-las com você.”

Olhei para ele de onde eu estava, em posição elevada. “A um preço, imagino, não?”

Ele abriu um largo sorriso. “Tudo tem seu preço.”

Revirei os olhos. “É claro que sim.” Desci de Mihe e fui andando a passos largos na direção dele. “Mas até mesmo para uma embaixadora?”

“Primeiro, uma maçã. Depois, você vai querer seu próprio escritório.”

Torci o nariz. “Um pequeno escritório para uma embaixadora? Ah, não. Eu estava de olho naqueles aposentos grandes e chiques lá na arena. De primeira linha.”

“Receio que aqueles custem bem caro.” Ele colocou o braço em volta da minha cintura e me deu uma mordida de sua maçã, então me beijou, com o suco doce da fruta umedecendo nossos lábios.

“Bem, *Patrei*, o que exatamente um aposento daqueles poderia me custar?”

Ele ergueu as sobrancelhas. “Eu acho que é melhor eu lhe mostrar.” Nós nos beijamos de novo, as provocações ainda brincando em nossos lábios enquanto ele me puxava para o chão. Eu conhecia a leveza, a brincadeira, a risada, isso era o presente dele para mim, uma promessa de que não importava quão próximos estivéssemos da torre da Vigília de

Tor, nem os desafios que encontrássemos ali ou as objeções que a família dele fizesse, nós não perderíamos a beleza perfeita daquelas últimas semanas. Isso não mudaria nada entre nós. Ele não precisava dizer as palavras de novo. Eu as sentia em cada beijo. Era apenas o começo.



Era como se Mihe sentisse que estávamos próximos. Sem nem um cutucão, ele acelerou o passo, ansioso por seu descanso e pelo feno fresco e doce que os estábulos dos Ballenger sempre tinham em abundância. Jase estava certo em relação ao tempo que levaríamos para chegar lá. O céu estava com faixas de cor púrpura, e o crepúsculo se aproximava rapidamente enquanto nos dirigíamos para a entrada dos fundos no Túnel de Greyson. Uma reluzente nuvem negra e viva, formada por morcegos que vinham na nossa direção em busca de sua refeição noturna, passou a toda velocidade acima de nós.

Jase olhou para mim, e o céu crepuscular espalhava uma luz suave por seus olhos castanhos. “Fique bem atrás de mim”, disse ele. “Eu não quero que Priya faça nada com você. Ela é temperamental, caso não tenha notado.”

“Priya? Temperamental? *Nããão*”, falei em tom de zombaria. “Isso nunca teria passado pela minha cabeça.” Eu era capaz de lidar com Priya, mas realmente não se tratava de algo que quisesse fazer. Eu queria que a transição para a torre da Vigília de Tor fosse o mais tranquila possível, e que não ocorressem mais antagonismos na família.

“Na hora em que cruzarmos o túnel, a notícia provavelmente já terá chegado à casa. Eu não ficaria surpreso se toda a família estivesse nos esperando no degrau da frente.”

Ele disse isso em tom de reclamação, mas eu sabia que era exatamente por isso que estava esperando. Que a família *toda* — inclusive Samuel — estivesse lá. Que, caso o bilhete tivesse sido escrito por Jalaine, que fosse uma reação exagerada e apressada, que não contivesse nenhuma verdade. Era o que eu também esperava, embora a perspectiva de confrontar a família dele nos degraus da frente da casa em poucos minutos tirasse o fôlego do meu peito. Eu sabia que tinha que acabar com isso. Lidar com a raiva deles e seguir em frente. Nós tínhamos um plano do qual eles fariam parte.

Finalmente demos a volta pelo último agrupamento de árvores e saímos na inclinação aberta que dava para o Túnel de Greyson. A silhueta alta e negra da torre da Vigília de Tor se erguia no céu do início da noite, agigantando-se diante de nós.

Mas havia algo de errado em relação a ela. Muito errado.

Jase puxou as rédeas de Tigone, com o olhar fixo à frente. Eu também parei, tentando entender aquilo.

A silhueta das edificações na linha do horizonte estava mudada. Não fazia sentido algum.

Entre os pináculos de Riverbend e Raehouse havia um grande buraco, como se um monstro faminto tivesse arrancando a mordidas um pedaço. A coluna escura e central da casa principal não estava mais lá, e, enquanto meus olhos se ajustavam ao choque, notei que havia mais coisas faltando.

A muralha.

A muralha da fortaleza frontal perto da entrada que dava para a torre da Vigília de Tor — a muralha de pedra sólida com quase um metro de espessura — tinha uma lacuna cavernosa, e pilhas irregulares de destroços espalhavam-se montanha abaixo. As torres de guarda também não existiam mais.

“Isso não pode...” As palavras ficaram congeladas nos lábios de Jase. Um segundo de choque se passou e então ele foi com tudo em direção à destruição.

“Jase! Pare!”, gritei. “Pode ser que não...”

Um zunido potente partiu o ar, e então outro. Flechas. Girei onde eu estava, tentando ver de onde vinham.

Jase ouviu-as também e recuou. Ele estava prestes a virar Tigone para o outro lado quando uma flecha ficou presa em sua coxa. Ele fez uma careta, ainda tentando se virar, e uma outra perfurou seu ombro, fazendo-o recuar encolhido de dor. Tigone empinou.

Eu ainda não conseguia ver de onde vinham as flechas. Pareciam vir de toda parte. Saí correndo na direção de Jase. “*Baricha!*”, gritei para Tigone. “*Baricha!*”, dei o comando “corra”, mas as flechas continuavam zunindo pelo ar e Tigone ergueu-se com as patas dianteiras novamente, incerto em relação a qual direção tomar.

Jase estava gritando a mesma coisa para mim: “Corra, Kazi! Volte!”. Então outra flecha o atingiu no peito. Em uma fração de segundo, mais duas atingiram a lateral de seu corpo. Ele caiu para a frente.

“Jase!”, eu gritei enquanto me aproximava dele.

Nenhuma flecha havia me atingido. Elas tinham como alvo apenas o *Patrei*. Os olhos dele encontraram os meus, confusos. “Vá, vá embora daqui.” Essas foram suas últimas palavras antes de cair para a frente em cima de Tigone.

Figuras sombrias em mantos desceram em nossa direção vindas de todos os lados, cercando-nos como hienas uivantes, gritando estratégias uns para os outros. *Peguem-no*. Saquei uma faca com uma das mãos e minha espada com a outra e desci de Mihe, caí oscilante sobre os meus pés, dei um golpe e derrubei a primeira das figuras de manto que já se aproximava para puxar Jase de seu cavalo. Virei o corpo, atingindo aquele que estava vindo para cima de mim por trás, cortando sua cabeça fora, e berrei “*Baricha!*”, desta vez para Mihe. Ele seguiu meu comando e voltou galopando para a floresta. Jase jazia sem vida sobre o traseiro de Tigone. Rolei para evitar a lâmina em ação de um terceiro atacante, erguendo minha faca com tudo para cortar seu tendão, e depois apunha-

lando-o entre as costelas enquanto ele tropeçava para a frente. Empurrei seu corpo para o lado e cutuquei o traseiro de Tigone, acertando-a com a lateral da minha espada enquanto gritava “*Baricha!*” mais uma vez, rezando para que ela seguisse Mihe antes que outros dos atacantes que se aproximavam conseguissem pegar Jase.

Deu certo. Tigone passou a toda velocidade pelas figuras de manto, derrubando três delas no chão, mas, quase no mesmo momento, fui pega por trás, um capuz cobriu a minha cabeça, o mundo completamente preto para mim agora. Minhas armas foram arrancadas das minhas mãos, mas eu continuei lutando e ouvi um estalar, como um melão sendo aberto, quando minha bota se deparou com a firmeza do crânio de alguém. Puxei a pequena faca que eu levava na bota, libertando-a, e apunhalei por cima do meu ombro, acertando o rosto de quem quer que estivesse me segurando pelo pescoço. Um grito partiu o ar e o braço me largou, mas, enquanto eu esticava a mão para tirar o capuz da minha cabeça, um punho cerrado socou a minha barriga, e uma dor aguda me fez dobrar ao meio. Fui jogada no chão, e o joelho de alguém acertou com força minhas costas, prendendo-me ao piso rochoso.

As vozes irromperam em um novo frenesi. Quantos deles havia ali? Eles tinham esperado por nós. Uma emboscada. Quem mais sabia que Jase estava voltando para casa além de Gunner?

“Fique abaixada, vadia!”

“Depois dele!”

“Ela matou Iersaug!”

“Por ali! Vá!”

“Maldição dos infernos!”

“Ele não vai longe!”

“Fique aqui com ela! Eu vou pegá-lo!”

“Faça uma busca pelos arredores para encontrar os outros!”

Ouvi um galopar que se esvaía, de alguém indo atrás de Jase. Eu lutava contra o peso que havia me prendido. *Corra, Mihe. Para as profundezas da floresta, onde é escuro. Por favor, por todas as misericórdias dos deuses, corra! Não pare! Eu não posso perdê-lo.*

Fiquei zozna, e a náusea me atingiu quando meus braços foram puxados bruscamente para trás das minhas costas. Eles ataram os meus pulsos e as minhas pernas com corda. O chão abaixo de mim estava quente e úmido, e eu senti o cheiro de alguma coisa — o cheiro salgado de sangue. *Meu?*

Foi somente então que me dei conta de que o punho que havia me socado estava segurando uma faca. E logo antes de o caos esvanecer e a escuridão se aprofundar, eu me dei conta de uma outra coisa.

Eu reconheci uma das vozes.

Era a voz de Paxton.

CAPÍTULO 7

J A S E

SEUS OLHOS ESTAVAM DESFOCADOS. MINHA CABEÇA GIRAVA, ou talvez fosse Tigone que ainda estava andando em círculos, aterrorizado. Captei imagens de relance de Kazi lutando, Mihe galopando, a muralha da fortaleza ao longe, uma floresta de árvores enquanto o mundo girava ao meu redor. E então não consegui ver mais nada.

Assim?

Seria assim que as coisas terminariam?

Talvez já tivessem terminado. Mas minha mão. Meus dedos. Eles seguravam alguma coisa. *Kazi? Onde está você?*

Meus dedos doíam. Meus braços. Eles ardiam como fogo. *Agente firme, Jase.* Eu estava segurando algo. A crina de Tigone? As rédeas? Apertei com mais força.

“Kazi...” Eu não conseguia tomar alento. Meu peito. Então tudo ficou frio. Congelado.

Meus dedos deslizaram. Cavalo, sela, ar, tudo deslizando pela minha mão. Eu caí, batendo com tudo no chão. A flecha alojada no peito afundava em meu corpo. Um choque ardente me atravessou como uma faca, e todas as partes do meu ser estavam como que pegando fogo novamente. A respiração gorgolejada saía ruidosa dos meus pulmões. Um grito escapou da minha garganta como um animal moribundo. Eu ouvi galope, um cavalo se aproximando. Passadas. Murmúrios. Eles estavam perto. Tentei ficar de lado, engatinhar, ir para longe, meus dedos ficando-se em um amontoado de folhas bolorentas, mas não conseguia mais respirar. Eu tossia sangue, e a sensação salgada invadia a minha boca. Assim. Seria assim que as coisas haveriam de acabar.

Corra, Kazi. Vá...

Kazi...

A estufa. Por favor...

Eu amo...

*O Dragão conspirará,
Usando suas muitas faces,
Enganando os oprimidos, reunindo os perversos,
Empunhando o poder, como um deus, imbatível.*

— Canção de Venda —

CAPÍTULO 8

K A Z I

ASSIM, KAZI. COLOQUE SUAS MÃOS AQUI.”

Sinto a mão dele na minha, a calidez em contraste com o frio, Jase me ensinando a giga, da forma como os Ballenger a dançam. Seu rosto fica iluminado enquanto giramos em volta de um salão de baile vazio e decadente, outrora frequentado por antigos reis e rainhas e as pessoas mais poderosas do continente. E, por essa noite, ainda é. Parece que nossos pés não tocam o chão. Todos eles nos observam, como fantasmas, desejando que nunca acabe, inclinando-se para a frente da forma como fazem os fantasmas, desejando, relembrando.

“Está ouvindo, Jase? Eles estão nos aplaudindo.”

Ele ergue o olhar para os balcões vazios e sorri como se os tivesse vendo e ouvindo também. “Eles estão aplaudindo você.”

Será que meus passos memorizados impressionariam a família dele? Será que eu era ágil o bastante? Suficientemente graciosa? Suficientemente qualquer coisa que fosse? Porque eu queria mesmo impressioná-los. Eu desejava desesperadamente. Mostrar a eles que eu sabia como fazer outras coisas além de roubar seu Pai. Mostrar a eles que eu seria capaz de aprender a fazer parte de uma família.

Ele me gira, erguendo-me no ar, os músculos de seus ombros flexionando-se sob as minhas mãos, e então ele me permite deslizar para baixo, entre seus braços, até que nossos lábios se encontram. A música que imaginamos reverbera em nossas peles, no ar, nos murmúrios de êxtase daqueles que estão observando, as botas de Jase marcam o ritmo e estabelecem as nossas promessas, inexpugnáveis, duradouras...

*Uma batida me acorda bruscamente, uma porta batendo com força em uma parede. O salão de baile onde dançávamos desapareceu. Eu estava de volta em minha pequena cela escura, meu sonho se dissolvendo em uma rajada rápida, meus braços frios mais uma vez. Passos pesados soavam pelas pedras do chão no corredor do lado de fora da porta da minha cela. Eu tentei usá-los como uma medida para a passagem dos dias. Eles vinham tão regularmente quanto o provocador feixe de luz, mas eu ainda não sabia ao certo quanto tempo havia se passado. Alguns dias eram piores do que os outros, quando o delírio me pegava com mais força, ao que parecia, entrando a fundo na minha alma. Eu lutava contra isso. As vezes era Jase quem me trazia de volta da beirada do precipício mental. Sua voz chegava até mim em meio à escuridão. *Siga a correnteza. Só um pouco mais adiante. Continue. Você consegue.**

Haviam se passado cinco dias? Dez? Talvez bem mais do que isso. Um dia sombrio dava lugar ao próximo sem começo nem fim. Os passos

foram ficando cada vez mais altos. Logo eu ouviria um fraco *plop*, seguido do som de ratos se movendo rapidamente enquanto um pãozinho duro era jogado pela minúscula abertura no topo da porta. Eu tinha de me apressar para pegar o mísero bocado de comida antes que os ratos o fizessem. Isso era tudo que eles me davam para comer. Um pãozinho por dia. Estranhamente, eles queriam me manter viva. Mas também queriam me manter fraca.

Eles estavam com medo de mim.

Eu havia matado três deles, disse eu sabia... E talvez pelo menos mais um depois que fui capturada. Todas as lições de Natiya, Eben, Kaden e Griz haviam se tornado minha segunda natureza naquele momento caótico em que fomos atacados. Meu desespero para salvar Jase explodira através de mim como uma chama muito quente. Era como se todos os meus nervos ardessem com um único objetivo. Salvar Jase era tudo que importava. Será que eu o havia salvado? Será que ele tinha conseguido escapar? Eu não podia falhar de novo. Não dessa vez.

Onde está você, Jase?

Eu disse a mim mesma que ele conseguira chegar ao abrigo da floresta. Eu disse a mim mesma muitas coisas, todos os dias me fortificava com uma nova possibilidade quando o medo e a lógica me chacoalhavam com suas mãos frias. *Cinco flechas. Uma no peito dele. As chances de sobrevivência depois disso...*

Eu disse a mim mesma que uma centena de flechas não poderia fazê-lo parar, nem mesmo uma flecha em seu coração, e que ele havia conseguido arrumar alguém para ajudá-lo. Eu me prendia a esse pensamento, firme e forte, como uma corda que me impedisse de mergulhar em uma queda de um penhasco. Mas quem o ajudaria? Aonde ele iria? Será que nossos atacantes haviam irrompido pelas muralhas da torre da Vigília de Tor?

O *tunc, tunc, tunc* das flechas ainda vibrava na minha garganta, o aço perfurando os ossos dele e sua carne de novo e de novo. Sangue por toda parte. Uma voz familiar se insinuava, minha própria voz, sussurrando pensamentos cruéis que haviam me assombrado por toda a vida. *Às vezes as pessoas desaparecem de nossas vidas e nós nunca voltamos a vê-las.*

Não! Argumentei comigo mesma e me esforcei para ficar em pé. Empurrei a tampa do tonel e peguei um pouco de água com as minhas mãos em concha. A água tinha um gosto terroso, maduro, como se tivessem armazenado sidra ali. O tonel não fora enchido novamente desde que eu havia sido jogada ali dentro. Talvez quando a água chegasse ao fim eu também chegaria. Eu me apoiei na parede e deslizei de volta para o chão, sem fôlego depois desse pequeno esforço. Meu ferimento inflamado e cheio de pus latejava, minha testa estava tão quente que parecia pegar fogo, e, ainda assim, eu tremia de frio. Eu não tinha muito conhecimento sobre machucados, o que só agora me surpreendeu, considerando

a vida que levava. Até mesmo meus dois meses passados em uma prisão em Reux Lau não haviam resultado em nenhum ferimento. Será que a minha mãe tinha feito um desejo com um talo de dente-de-leão? Muitos desejos para me proteger? Talvez agora eles fossem se esgotar. *Minha chiadrah. Ela está vindo? É ela quem eu ouço se aproximando?* Passei a mão pela minha testa suada. *Não, Kazi, isso foi antes. Você está em uma cela agora, e Jase está...*

Seguiu-se um arrastar de pés do lado de fora da porta, quando meu captor parou e abriu a trava no orifício de vigia. Mas dessa vez eram dois sons, primeiro o *plop* suave do pãozinho e então um segundo som. Um firme *slap*. Alguma coisa pesada caindo no chão. Forcei-me a inspirar, me preparando, e então fui engatinhando até a porta, com as correntes nos meus tornozelos fazendo barulho atrás de mim. Pressionei meu ferimento, e uma gosma pegajosa umedeceu os meus dedos.

“Covardes!”, gritei, batendo com tudo na porta antes que os passos se afastassem. Minha resposta diária era prova de que eu não estava tão fraca assim nem morta ainda. De que eu mataria a todos. *Eu faria isso. E Paxton seria o primeiro.*

No entanto, o rampante de raiva contra a porta consumiu mais energia do que eu tinha para gastar, e eu caí junto a ela, zozona de dor, estatelada no chão. *Mais um dia, Kazi. Consiga sobreviver mais um dia.* Como eu poderia roubar as chaves dos meus carcereiros se eles nunca abriam a porta? Como eu poderia fazer qualquer coisa quando, a cada minuto que passava, estava ficando mais fraca? *Jase, onde está você? Eu tenho de saber.* Talvez a necessidade de saber fosse tudo que me mantivesse viva. Eu ainda precisava estar lá para ele. O que significava que eu tinha de comer.

Estendi a mão, tateando para ver se achava o pãozinho, e meus dedos se fecharam em volta dele. Eu conseguia viver com um único e miserável pão por mais tempo do que eles podiam imaginar. *Por tanto tempo quanto for necessário.* Meu estômago não estranhava nem um pouco o vazio. Eu tinha anos de experiência nisso. Enfiei o pãozinho na minha camisa e tateei em busca do segundo item que eu tinha ouvido cair. Será que eu tinha imaginado aquilo? Sonhos e delírios eram meus companheiros constantes neste lugar infernal.

Minha mão tocou em alguma coisa macia. Apanhei-a e a examinei com os dedos. Um pano amarrado? Um guardanapo? Apertei. O tecido continha algo mole. Senti o cheiro. Doce. Comida? Alguma delícia açucarada? Uma pegadinha? Desatei os nós do pano e passei o dedo pela pasta espessa e pegajosa, e então a levei à boca. Mel — com folhas de ervas? Isso não era comida. Era remédio. Um cataplasma para afastar a infecção.

Remédio, vindo de um deles?

Talvez pelo menos uma pessoa do outro lado daquela porta quisesse que eu vivesse. Alguém que também sentia medo.

Mais remédio veio no dia seguinte, e no próximo, e no outro ainda. Eu comi um pouco do remédio. Achava que não poderia fazer mal nenhum e que talvez, na verdade, ajudasse. O pus parou de sair. Minha testa resfriou. Minha mente ficou desanuviada. O tamanho do machucado parecia estar diminuindo, a pele voltando a se formar no local. Um pãozinho extra também foi jogado para mim a cada dia — com um pedaço de queijo escondido dentro. Eu o devorava avidamente, mas ainda estava fraca dos dias em que passei acorrentada e morrendo de fome. E na escuridão. Uma escuridão total de sugar a alma. Ela entrava nos meus ossos como uma bebida alcoólica entorpecedora.

Meu benfeitor não se revelou, mas a cada dia eu sentia o medo através da porta, o temor de que eu pudesse gritar e revelar a identidade dele... ou dela. Eu sentia que a pessoa estava se arriscando e muito por mim. Quem estaria trazendo secretamente remédio e comida extra? Quem queria que eu permanecesse viva?

Eu ouvi o sinal diário de que a comida estava a caminho, passos, e me ajoelhei perto da porta, pronta para pegar meu pãozinho e meu remédio, quando notei um tumulto. Um som diferente. Muitos passos. O tumulto ficou mais alto, e a porta se abriu com tudo. Ergui a mão para proteger meus olhos da claridade lancinante. Apertei a vista e pisquei várias vezes, tentando me acostumar à luz que eu não tinha visto havia muitos dias, talvez semanas, e, por fim, vi o que parecia ser um esquadrão de guardas enchendo o corredor do lado de fora da entrada. Todos pesadamente armados.

“Fique de pé”, um deles ordenou. “Nós vamos dar uma volta.”

“E se estiver fraca demais para andar, nós arrastamos você.”

“Pelos cabelos.”

“A escolha é sua.”

Olhei para a minha meia dúzia de captores, soldados uniformizados, todos com suas cabeças raspadas, altos, brutos e musculosos, como que moldados dos troncos de árvores gigantescas, e não feitos de carne e osso. Três deles eram uma cabeça mais altos do que os outros. Havia algo de não natural em relação a eles. Sua pele era bem repuxada e seus olhos eram embotados, como se fossem pratos de estanho corroídos. Soldados? Eles falavam landês com um forte sotaque que eu não reconheci.

Eu me encolhi de medo quando me forcei a sair do chão e a ficar em pé, segurando a lateral do meu corpo, forçando meus músculos e meus ossos, que tremiam com a fraqueza, a entrar em ação. Eu me aprumei apoiada na parede. “Vou andando.”

CAPÍTULO 9

K A Z I

CLINC. CLINC. CLINC.

A corrente saltava ao longo das pedras do calçamento atrás de mim, monótonas notas musicais preenchendo o ar funesto. Os guardas me fizeram andar na frente deles. O chão estava frio e úmido em contato com meus pés descalços. A longa passagem com cheiro de bolor pela qual nos movíamos pesadamente ainda não tinha me dado nenhuma indicação do lugar onde eu estava.

“Pelos deuses, ela fede”, reclamou o guarda que estava atrás de mim. *Que bom, pensei. Sinta bem o cheiro, babaca. Pode ser a última vez que você cheira alguma coisa.*

Ergui a mão e mexi nos cabelos para soltar mais do meu perfume podre de cela. Imediatamente levei um golpe no traseiro com uma alabarda e caí estirada no chão. Eu me encurvei enquanto caía, tentando proteger a barriga.

“Nada de movimentos súbitos!”, ele berrou. “Mantenha suas mãos nas laterais do corpo!”

Um outro guarda zombou dele por ficar tão agitado. “Você não está vendo que ela mal consegue andar?”

“E tem a metade do seu tamanho!”, um outro riu.

“Ela é uma Rahtan. Não se pode confiar neles.”

Recuperei o fôlego e captei as poucas pistas que consegui. Agitados. Nervosos. Narizes sensíveis. E desconfiavam dos Rahtan. Então eles não eram uns completos imbecis. Mas tinham a estatura de troncos de árvores. Eu não tinha certeza se algum dos meus truques poderia derrubá-los. Consegui ficar em pé novamente, usando a parede como apoio, com as mãos tremendo pelo esforço, o suor escorrendo até o meu peito. Eu me virei para ficar cara a cara com eles, concentrando-me em cada um. Como eu tinha certeza de que não haveria apresentações tão cedo, tentei catalogar suas feições distintivas: *nariz quebrado, dentes pretos, testa deformada, sem pescoço, dedos cabeludos e cicatriz no olho*. Também notei quais equipamentos específicos eles levavam pendurados nas laterais do corpo, onde se carregam as armas, mas alguns deles eram únicos, regionais — de uma região que eu desconhecia. Esses soldados vinham de algum lugar que não era a Eislândia.

Não tinha nenhuma chave pendurada neles que estivesse visível, mas havia um machado que poderia partir as minhas correntes pendurado no cinto do Sem Pescoço. Qual deles havia atirado em Jase? Ou quais? Talvez todos eles, mas então eu lembrei... *Não...* as vezes que ouvi durante o ataque não tinham sotaques. E o homem cuja cabeça eu havia separado

dos ombros tinha uma cabeça cheia de cabelos brancos e uma barba. Estes não eram os atacantes que haviam me esfaqueado, mas estavam em conluio com eles. Exatamente com quantos assassinos cruéis eu estava lidando? E o que eles queriam?

“Peço desculpas por estar fedendo”, falei, tentando fazer com que eles soltassem os bicos fechados. “Acho que esqueci de tomar banho hoje de manhã, e o dia foi muito longo. Ou foram duas semanas?”

O Nariz Quebrado, o menor do bando, abriu um largo sorriso. O Testa Deformada olhou feio.

“Meu nome é Kazi. É um tremendo prazer conhecer vocês todos. Vocês têm nomes?”

Eles não estavam entretidos. “Cale a boca!”, disse irritado o Dentes Pretos. Os nomes que dei a eles teriam de servir.

“Mexa-se”, ordenou-me o Sem Pescoço. “O general está esperando para questioná-la. Mas banho primeiro. Ele não quer sentir o seu cheiro também.”

O sotaque dele. A familiaridade era gritante. Dois dos homens na gangue de saqueadores de Fertig haviam chamado um ao outro e eles soavam como estes soldados. Que sotaque era esse? E quem era esse general? O general que tinha atacado a torre da Vigília de Tor? Nós chegamos a uma câmara de banho e o Cicatriz no Olho apareceu com uma chave que soltou as correntes da minha perna, e então me empurrou para dentro e me disse para andar logo. Eu tinha cinco minutos, e seria melhor que saísse dali cheirando a rosas. O Dentes Pretos riu como se isso fosse impossível. O Cicatriz no Olho não sorriu. Sua expressão nunca se alterava.

Candeeiros de alabastro iluminavam a câmara com uma luz bruxuleante. A câmara não era o que eu esperava. Sabão? Toalhas felpudas? Roupas limpas e novas dobradas em um canapé? Uma grande banheira de cobre com água fumegante? Sapatos? Seria um suborno? Quem seria esse general cujo nariz era sensível? Eu quase sentia como se estivesse sendo cortejada — se não fosse pela ferida da faca e pelos guardas de cara feia. Era mais provável que estivesse sendo preparada para alguma coisa e eu duvidava que seria algo bom.

Eu me despi e então, com muito cuidado, tirei o cataplasma do meu machucado, dando uma boa olhada no furo de uns dois centímetros pela primeira vez. A pele estava franzida, inflamada, e ainda vazava pus de uma parte da ferida. Restos de mel e ervas estavam presos à pele manchada em volta do ferimento. A água quente ardia enquanto eu me ajeitava na banheira, e o sabão forte fazia arder ainda mais. Esfreguei suavemente e com rapidez em volta da ferida. Ao mesmo tempo, meus olhos esmiuçaram todos os cantos do aposento, em busca de qualquer coisa que pudesse ser usada como arma. Não havia nada ali que pudesse servir a esse propósito. A única possibilidade seria quebrar uma das pernas do canapé para usar como um porrete, o que não seria algo silencioso nem

altamente eficaz contra as longas alabardas deles. Mas então eu notei a beirada do canapé felpudo. Pregos decorativos prendiam o tecido no lugar. Ainda era algo inútil contra alabardas e espadas, mas poderiam ser úteis em algum momento.

“Só mais um minuto!”, gritou o Sem Pescoço através da porta.

Eu saí em um salto da banheira, me sequei e vesti a camisa e a calça que haviam sido deixadas para mim, então remexi e puxei o tecido do canapé para fazer os pregos saírem.

“Já foi tempo suficiente!” A porta foi aberta com tudo.

Eu me sentei no canapé, de costas para o guarda, com os pregos soltos entre as minhas pernas. “Eu estava calçando os sapatos”, falei.

“Ande logo! Nada de movimentos rápidos.”

Coloquei na palma da minha mão dois pregos pequenos e os enfiei na bainha da minha camisa enquanto me curvava para calçar os sapatos.

Notei que as correntes não haviam retornado aos meus pés. Talvez eles me considerassem fraca o bastante para ser apenas uma pequena ameaça.

“Nós vamos ver Paxton?”, perguntei enquanto caminhava na frente deles novamente.

“Quieta!”

“O general?”

“Chega de perguntas!”

E nada de movimentos rápidos. Eles eram um bando cheio de suspeitas. Não haveria malabarismos para distraí-los, pelo menos não com laranjas. Um deles estava andando na frente enquanto subíamos por uma estreita escadaria de pedra. Eu mal havia me mexido em dias, quem dirá subir vários lances de escada. No meio do caminho até lá em cima, o esforço fez minha cabeça ficar zozna. Se não fosse pela comida extra e pelo remédio que recebera, eu não teria nem mesmo sido capaz de chegar até aqui. Meus joelhos tremiam. No próximo degrau eu tropecei e tive de me agarrar à parede para me estabilizar. Isso forçou o soldado que estava atrás de mim a parar bruscamente, e ele soltou uns xingamentos quando acabou trombando comigo. Caí de encontro a ele, que me empurrou para longe de si. O restante riu. Eu estava exatamente como eles queriam que estivesse. Fraca e à mercê deles.

“Que idiota!”

“Não parece muito uma soldada agora, parece?”

“Fracote magricela.”

“Continue andando!”, gritou um outro.

Obedeci. Coloquei um pé na frente do outro e puxei o ar para dentro dos pulmões, uma vez depois da outra. A fraqueza não fazia com que eu deixasse de ser uma soldada. Talvez até mesmo me tornasse uma soldada melhor. Eu sabia como fazer uso de tudo, até mesmo de um tropeço momentâneo.

O minúsculo canivete do soldado agora pesava no meu bolso.

Saímos em uma ampla sala que zunia com atividades. Os soldados estavam encurvados sobre mesas, e seus dedos seguiam linhas no que eu imaginei serem mapas. Outros empurravam carrinhos com grandes potes fumegantes até onde fileiras de mais soldados esperavam. Minhas bochechas doeram quando senti pela primeira vez em tempos o cheiro de comida de verdade. Mingau quente, bolinhos de milho, carnes defumadas. Até mesmo meus joelhos ficaram quentes e molengas com os cheiros que se espalhavam pelo ar, como se eles também reconhecessem a comida. Quando vi um presunto gordo em cima de uma mesa perto dos potes, precisei de todo o meu autocontrole para não ir com tudo para cima dele. O Dedos Cabeludos era corpulento, bem alimentado e indiferente à abundância de comida. Ele me conduziu pelo caminho sem demora.

Corri os olhos pela sala, procurando por rostos que eu pudesse reconhecer, como Paxton, ou quaisquer de seus *straza* musculosos. Meus olhos então se ajustaram aos *detalhes* do aposento, que repentinamente floresceram, todos deslocados. Os tetos altos de madeira, os enormes lustres de ferro pendurados neles, as pesadas tapeçarias que cobriam as paredes com cenas de caça e piqueniques, *raaa* e *tembris*. Tratava-se de uma sala bem mobiliada, com sofás estofados ao longo das paredes e belos tapetes trançados nos pisos — não era um alojamento de soldados.

Em uma das extremidades da sala, havia aparadores ornamentados cheios de louças finas, e, na parede mais afastada, um brasão pintado — o brasão dos Ballenger. Minha garganta ficou seca. *Esta era a estalagem deles*. Nós estávamos no ruidoso salão de jantar da Estalagem dos Ballenger, mas não havia nenhum Ballenger ali. Nada de Gunner, nem Priya, nem clientes, apenas mais soldados que se pareciam com aqueles que me acompanharam, pelo menos uma centena deles. *Estou na Boca do Inferno*. Que loucura seria essa? Quem eram essas pessoas? Não era apenas com Paxton e sua liga de brutamontes que eu estava lidando. Será que Paxton havia unido forças com outros? Será que eles tinham tomado a cidade toda?

Os pináculos que faltavam na torre da Vigília de Tor e o buraco na muralha da fortaleza ardiavam em chamas atrás dos meus olhos. Um gosto amargo subiu pela minha garganta. O que havia acontecido enquanto estávamos fora? As palavras no bilhete passaram pela minha cabeça. *Eles estão batendo com tudo na porta*.

Meus passos devem ter ficado mais lentos e o Sem Pescoço me deu um empurrão para a frente, afundando os nós dos dedos nas minhas costas. Acima do ruído de vozes eu ouvi uma gritaria.

“Ele estava cheio de flechas, pelo amor dos deuses! Chega de desculpas! Encontrem-no! Hoje!”

Jase. Quem quer que estivesse gritando estava falando sobre *Jase*. O que significava que ele tinha conseguido escapar. A primeira lufada robusta de ar em dias preencheu meus pulmões.

O Testa Deformada resmungou e balançou a cabeça. O Dentes Pretos soltou um suspiro. Nenhum deles se mostrava ávido para ir ao encontro da voz furiosa, mas, ainda assim, parecia ser exatamente para lá que nos dirigíamos. Contornamos uma enorme coluna central e caminhamos rumo a um refeitório menor, adjacente ao salão principal. A ampla entrada em arco proporcionava uma visão clara das várias pessoas lá dentro, incluindo o homem que gritava. Ele estava de costas para mim, mas suas mãos se agitavam com fúria. Localizei Oleez no meio do aposento, a trança prateada caindo sobre seu ombro. Ao lado dela estava Dinah, uma menina tímida que ajudava a tia Dolise na cozinha. Elas recolhiam a louça suja de uma mesa comprida que percorria o centro da sala. Oleez também me viu. Ela fez um leve aceno com a cabeça, em seguida sua expressão endureceu e ela desviou o olhar. Seria medo ou ódio o que vi nos olhos dela? Sua mensagem era clara: *Não fale comigo*. Seria eu apenas mais uma inimiga entre tantos outros?

“Vá! Você também! Dê o fora daqui!”, o homem fervilhava de raiva. “Não volte até...”

“General Banques?”, o Nariz Quebrado chamou de um jeito manso. “Nós temos a prisioneira que você pediu.”

Ainda de costas para mim, o homem parou de gritar. Seus ombros se endireitaram e a cabeça pendeu ligeiramente para o lado, como se estivesse com um torcicolo no pescoço — ou tentando suprimir a raiva. Ele continuou parado enquanto os segundos transcorriam, até que finalmente se virou com uma expressão gélida e calma, contrastando completamente com quem havia sido apenas segundos antes. Este era um homem que abominava ser pego de surpresa em um momento de ira desenfreada. Ele queria apresentar um outro tipo de imagem para mim — uma imagem de controle total —, mas o brilho de suor na testa pálida o traía. De forma quase imperceptível, ele lançou um olhar afiado para o Nariz Quebrado, como um aviso. *Não chegue de fininho*. Outra pista. Alguém ali era novato em sua posição, ou o Nariz Quebrado ou o general Banques. Talvez ambos.

Seus frios olhos cinzentos fizeram uma varredura por todo o meu ser, tentando me intimidar antes que ele se pronunciasse, e cada piscada era calculada. Ele ergueu o lábio superior. Ele era alto e eu chutei que tivesse uns trinta e poucos anos, ou talvez as linhas em volta de seus olhos não fossem da idade, mas de uma fúria profundamente enraizada. Seus cabelos bastos e pretos estavam penteados para trás com bálsamo.

Retribuí seu olhar fixo. Havia alguma coisa nele que me era estranhamente familiar. Talvez fosse sua voz, o tom...

“Então você é aquela que...” Ele deixou o pensamento pairando no ar. Aquela que *o quê?* “Você não é o que eu esperava”, disse ele, aproxi-

mando-se de mim. Ele assentiu para o Dentes Pretos e para o Sem Pescoço, e os dois me agarraram pelos braços. Sério isso? Eu estava faminta, fraca e me recuperava de uma ferida a faca, e, embora pudesse ter desejado pular para cima dele, eu já tinha exaurido toda a minha energia só com a caminhada para encontrá-lo. Até mesmo os Rahtan eram humanos e tinham suas limitações. Fiz um showzinho, demorando o olhar nas mãos que agarravam os meus braços, e depois me voltei para ele de novo, erguendo as sobrancelhas. Muito covarde?

“Você é um dos lacaios de Paxton, imagino”, falei.

Ele sorriu. “Eu dou as ordens aqui.”

“E você é...?”

“Não importa quem eu sou. Eu sei quem você é. Uma das conspiradoras com os Ballenger...”

“Conspiradora para quê? Você não tem...”

Ele esticou a mão e apertou o meu pescoço. A fúria pulsava em seus dedos. *Morra amanhã, Kazi. Qualquer que seja o jogo que ele está jogando, aprenda. Jase ainda precisa de você.* E agora parecia que outros Ballenger também poderiam precisar de mim.

“Ouça com atenção”, ele ordenou. “A menos que me diga exatamente o que eu quero saber, você entrará na corda, assim como aconteceu com todos os outros conspiradores que já enforcamos. Está entendendo?”

Já enforcaram? Minha mente foi a mil, como uma gazela correndo, tentando captar o que ele estava falando. Ele estava louco? Ballenger? Ele havia executado algum Ballenger?

“Achei que fosse conseguir sua atenção com isso.”

Resisti a engolir em seco. Resisti a inalar o ar. Retornei o olhar fixo dele com o meu próprio. *Pisque por último, Kazi.* Force a situação, mas só um pouco. Tente trazê-lo de volta à realidade. Comecei a recitar o protocolo do reino.

“Você está violando os tratados da Aliança ao...”

Ele me puxou para longe dos guardas e me jogou com tudo contra a parede, sua pegada no meu pescoço ficando mais apertada. “Onde está ele?”, ele sibilou. A sala ficou quieta em um instante, e eu lutava para respirar. Todo mundo estava observando agora. “Você berrou um comando para o cavalo dele! O que foi que você disse?”

“Corra”, respondi com a voz esganiçada.

Ele afrouxou a mão em meu pescoço. “Correr para onde?”

“Para qualquer lugar. Apenas correr. Fugir. Eu não sei aonde eles foram.”

O que era verdade. E, embora eu achasse que ele tinha visto que falei a verdade, ele não estava feliz com essa notícia. Era como se essa fosse sua última esperança de encontrar Jase. Talvez fosse por isso que eles finalmente haviam me tirado da minha cela. Seus outros esforços haviam fracassado. Suas narinas ficaram dilatadas e seus olhos se arregalaram, fazendo-o parecer ensandecido. Ele apertou os dedos no meu pescoço

novamente. Se ele não era capaz de encontrar Jase, meu pescoço serviria. Eu achava que seria capaz de derrubá-lo — eu só teria uma chance para tentar fazer isso —, mas sabia que morreria no processo. Eu estava fraca e cercada demais para lutar com eles todos.

“Nós o encontramos!”, gritou uma voz.

O general me soltou, e eu arfei em busca de ar. O interesse dele se voltou para alguma outra pessoa na sala cheia de gente. Reconheci a voz e me virei. Paxton e três outros homens teciam seu caminho em meio aos soldados. A aparência de Paxton havia mudado drasticamente. Ele não estava em sua versão geralmente fria e educada. O rabo de cavalo normalmente arrumadinho estava ensebado e emaranhado, e suas roupas, amarrotadas e sujas. Um brilho de suor cheio de sujeira cobria seu rosto. Enquanto forçava a passagem em meio aos soldados que corriam de um lado para o outro e que haviam se amontoado para ver melhor, ele me viu. Seus passos ficaram hesitantes por um momento, mas então ele também me empurrou e me deixou para trás. Ele jogou uma saca em cima da mesa. “Pelo menos nós encontramos o que sobrou dele. Parece que ele caiu em uma ravina e os animais o pegaram antes de nós.”

Um outro homem confirmou a história de Paxton, dizendo que, aparentemente, ele fora capturado por uma alcateia de hienas.

Banques saiu do meu lado e olhou para a saca que estava em cima da mesa. “Isso?” Ele ergueu a saca e virou-a de cabeça para baixo. Uma mão inchada e manchada de sangue caiu com um som oco sobre a mesa. Oleez se engasgou e desviou o olhar. Vários dos soldados ficaram lívidos.

Eu me apoiei na parede, o suor escorrendo rapidamente, chegando às palmas das minhas mãos. “Não”, falei. “Não é ele. Essa não é a mão dele. Essa não é a mão do *Patrei*.” As palavras soavam com um clangor repetidas vezes na minha cabeça. *Não é ele*.

“É mesmo? Como você pode estar tão certa disso?”, foi a resposta de Banques, cujo tom tomou subitamente uma doçura enjoativa. “Venha, dê uma olhada com mais atenção.” Eu não me mexi. Ele entortou a cabeça para o lado, analisando bem a mão. “Concordo que não está em bom estado, mas acho que isso é de se esperar, já que animais lutaram por ela.” Ele puxou um lenço de seu bolso, virou a mão mutilada e então sorriu para Paxton. “Até que enfim. Muito bem, homens.” Paxton voltou sua atenção para mim, firme como uma pedra, em silêncio, nenhuma de suas costumeiras réplicas petulantes rolavam por sua língua, mas me passou pela cabeça o último aviso dele, meses atrás, lá na arena. *Veja bem onde pisa, prima. Lembre-se de que nem sempre todo mundo é o que parece ser*. Paxton havia caçado sua própria família? Será que ele era mais vil do que eu havia imaginado?

“Não”, eu disse com mais firmeza. “Você está errado. E você vai responder ao *Patrei*. Ele é a lei da Boca do Inferno e...”

“Não mais.” Banques pegou cuidadosamente a mão com o lenço e puxou um dos dedos. “Toma, isto é apenas uma joia barata para mim. Pode ficar com isso. Chame-o de troféu.” Ele deu outro puxão no dedo inchado, soltou alguma coisa e jogou para mim. O objeto foi tilintando pelo chão e veio parar aos meus pés. Algo dourado. Eu me abaixei para pegá-lo, mas depois não consegui me erguer de novo.

Segurei o anel na palma da minha mão.

Um anel de sinete de ouro.

O anel de Jase.

Isso é apenas o começo, Kazi.

Eu juro.

Nós temos uma vida inteira pela frente.

Senti um gosto salino na minha boca. Cerrei os dentes e a carne macia da minha bochecha foi esmagada entre eles. O chão da sala se inclinou. Caí de joelhos. *Os animais o pegaram.* A luz enfraqueceu. As vozes ficaram distorcidas, e meus ouvidos, sobrepujados por palavras ininteligíveis. Olhei para Paxton, mas meus olhos não conseguiam focar. O rosto dele era um borrão; em seguida, mãos estavam embaixo de cada um dos meus braços, me erguendo, me arrastando, mas eu não conseguia ver aonde estávamos indo. Tudo era uma névoa abafada e fria, como se eu tivesse caído dentro de um rio, sem palavras, sem fôlego, afundando, e eu não conseguia encontrar o caminho de volta para a superfície, e não havia ninguém para esticar a mão e me puxar para cima.

Greyson escreve nossos nomes em grandes letras na parede, os nomes de todos os vinte e três.

Parece algo grande e importante. Permanente. Ele escreve nossas idades também. O mais novo de nós tem apenas três anos de idade.

Greyson diz: *Nós somos fortes, mas juntos somos mais fortes*. Todos os dias, quando olho para todos os nossos nomes juntos, eu me sinto mais alto, mais esperto, mais forte.

— Razim, 12 anos —

CAPÍTULO 10

K A Z I

“APOIE-SE EM MIM. PEGUEI VOCÊ. SIGA A CORRENTEZA.”

Os braços de Jase se fecham ao meu redor, me abraçando apertado, me endireitando todas as vezes que eu mergulho abaixo da superfície.

“Peguei você, Kazi. Pés para a frente.

Só um pouco mais adiante. Você consegue.”

“Não consigo, Jase. Sem você, eu não consigo.”

Eu me sinto afundar, cada vez mais fundo, não me importando, não querendo respirar. Me soltando. É mais fácil deixar que as coisas sejam como são, ceder, tudo em relação a mim está entorpecido e pesado. Observo bolhas de ar deslizando do meu nariz, da minha boca, esferas brilhantes em contraste com a escuridão, subindo em espiral como faixas reluzentes de pérolas brancas.

“Você consegue, Kazi. Siga a correnteza.”

“Não sem você, Jase”, sussurrei. “Não sem você.”

“Você está acordada?”

As pérolas desapareceram e minha respiração ficou ofegante enquanto eu me sentava. Uma mulher com bochechas redondas e avermelhadas feito maçãs estava sentada em uma cadeira no canto do aposento. Ela se levantou e ergueu uma bandeja da mesa ao seu lado. “Caldo”, disse ela, vindo na minha direção. “Ordens do rei. Ele quer que você coma e recupere suas forças.”

Olhei ao meu redor, para o quarto belamente mobiliado. Onde eu estava? Tinha sido um sonho? Instintivamente, avaliei a mulher e os meus arredores. Ela não estava armada e não havia nenhum guarda ali, mas minha vontade de correr tinha desaparecido. Com a língua, senti a carne inchada no interior da minha bochecha. Não era um sonho. O que mais importava? Correr para onde? Para quem? Para dentro de que outro pesadelo?

A confusão de palavras que ela tinha acabado de dizer clareava na minha cabeça.

“O rei? O rei está aqui?”

“Ele vai explicar. Eu o informarei de que você está acordada.” Ela colocou a bandeja na cama, ao meu lado, e foi embora.

Eu tateei para ver se o canivete ainda estava no meu bolso, assim como os pregos que eu tinha puxado do canapé. Não estavam. Será que havia sido ela quem os havia pegado? Eu me vi sentada no meio de uma cama de dossel, cercada por roupas de cama luxuosas. Será que eu estava em um quarto na estalagem? Fiquei encarando a brilhante tigela de caldo. A bÍlis se acumulava na minha garganta e eu não sentia fome. Gi-

rei os pés, colocando-os para fora da cama, mas, com um único passo, minhas pernas fraquejaram e despenquei de cara no chão. O anel de Jase caiu da palma da minha mão, e o tilintar do ouro ressoava no meu ouvido novamente. Era um som agudo, como o de uma faca cortando sob a minha pele. *Mais fundo*, pensei, *corte mais fundo*. Eu queria morrer. Eu queria afundar no chão e desaparecer, mas antigos hábitos e regras voltaram à tona.

Amanhã, Kazi, morra amanhã.

“Não”, falei engasgada. “Não desta vez.”

A dor retumbava em meu peito, e eu inalei o ar com força, esforçando-me para contê-lo. *Não, Kazi. Não. Ele não está morto*. Se eu ficasse chorando aos soluços, seria como admitir que isso era verdade, mas meu peito se abriu com tudo mesmo assim, um dilúvio de sons moribundos saiu de mim, e parecia que não havia dúvida: *Eu ia morrer*. Eu tinha me arriscado e perdido. Tudo que eu finalmente me permitira sentir nesses meses passados escorria pela sala, desaparecendo. Não haveria nenhum amanhã, pelo menos não aqueles que importavam. Eu estava vazia e jamais seria preenchida novamente.

Faça um desejo, Kazi. Um deles sempre haverá de se tornar realidade.

Meu desejo já se realizara e os deuses ciumentos já o haviam apanhado e levado embora, exatamente como eles tinham levado a minha mãe. Não haveria mais nenhum desejo, nem pedidos, nem estrelas, não haveria mais nada. Eu fiquei lá deitada, com o olhar fixo no anel que estava além do meu alcance, o chão gélido junto à minha bochecha, com medo demais para me levantar. Eu não poderia fazer isso de novo. Eu não conseguiria me arrastar de volta para um lugar onde gostaria de permanecer.

O anel reluzia no chão, refletindo toda a luz que o mundo continha, o brilho dos olhos de Jase, o reluzir de seus cabelos ao sol. Um anel que não era apenas um anel. O general o havia chamado de joia barata, mas ele estava errado. Este era o ouro retrabalhado de incontáveis *Patrei*. Seu valor não residia no metal arranhado, mas na história e na honra. Em sua promessa. *Eu fiz um juramento de sangue de que os protegeria, Kazi. E o juramento do Patrei é o juramento de sua família.*

Eu me forcei a ficar em pé e recuperei o anel. Minha mão tremia enquanto eu o colocava no meu dedo. “Você fez um juramento para mim também, Jase. Você me prometeu uma vida inteira de...” Minha voz vacilou. Eu também fizera um juramento, de que o manteria sempre em segurança. E falhei.

A porta se abriu e o rei entrou. Exatamente como a mulher havia falado. Montegue, o desajeitado rei da Eislândia, que não sabia diferenciar a Boca do Inferno de seu próprio rabo. Mas, ao que parecia, hoje ele havia conseguido fazer isso.

Ele ficou me encarando com os olhos escuros e profundos, contemplativos, com uma certa hesitação em seus passos. Ele não ostentava

mais o largo sorriso idiota, mas também não era o rei astuto que eu tinha visto de relance na arena. Seus ombros estavam caídos. Parecia ser um rei muito cansado. Ele puxou os cabelos para trás, desgrenhados como da primeira vez que o encontrei, com mechas soltas caindo para a frente.

“Não era assim que eu esperava que nossos caminhos se cruzassem novamente. Eu sei que você passou por um suplício terrível. Receio que o general Banques possa ser rude e duro, especialmente depois de tudo pelo que passamos. Eu falei com ele. Peço desculpas pelo tratamento que ele deu a você, mas estes são tempos muito difíceis.”

Minha mente estava confusa, ainda tentando navegar em meio a algo denso e sufocante. Eu girei o anel, que era grande demais para o meu dedo. Tempos difíceis? Finalmente olhei para cima. “*Por que* estes são tempos difíceis?”, perguntei. “O que foi que você fez? Por que Banques está enforcando as pessoas? Quem ele está enforcando?”

Por que você matou o Pai? Mas essa era uma pergunta que eu não podia fazer em voz alta. Era um pensamento impossível.

O rei olhou de relance para o meu caldo intocado e soltou um suspiro. “Você merece respostas e as terá, mas primeiro precisa comer.”

“Eu não posso...”

“Por favor.” Ele veio até mim e pegou a minha mão, conduzindo-me gentilmente. “Eu tenho muita coisa a lhe contar, mas será preciso ter força para ouvir tudo. Você se sentirá melhor assim que comer. Prometo. E fiquei sabendo que você estava ferida. Mande chamar a nossa Curandeira para dar uma olhada em seu machucado.” Ele me guiou até a cadeira e a mesa no canto, e então trouxe a bandeja de caldo até mim, como se fosse um criado.

Ele se sentou em um banquinho de frente para mim, os olhos enrugados de preocupação, esperando que eu erguesse a minha colher.

Será preciso ter força para ouvir tudo?

Eu não queria força. Eu não sabia ao certo o que queria. Eu costumava saber. Queria o que Jase queria. Um lar. Uma família. Respostas. Alguma dessas coisas ainda importava? Respostas trariam Jase de volta para mim? Eu achava que queria certeza, que isso seria libertador, mas agora a certeza era a âncora que me puxava para baixo. Fiquei encarando o caldo, ainda me afogando, perdida, aquela garota vagando pelas ruas novamente, fraca e sem saber ao certo para onde ir.

“Por favor”, repetiu o rei.

Siga a correnteza, Kazi. Mantenha a cabeça erguida.

Peguei a colher e comi.

Eu havia quase terminado de comer a tigela inteira e estava pronta para ouvir a explicação que ele me prometera quando ouvimos alguém batendo à porta. Ele se levantou. “Sinto muito. Provavelmente é a Curandeira.

Darei a vocês duas um pouco de privacidade. Tenho certeza de que ela vai precisar que você remova as roupas.”

“Mas você disse...”

“Estarei de volta. Assim que ela tiver terminado.”

Se alguém podia ser o oposto do general Banques, essa pessoa era o rei. Ele falava suavemente, e seus movimentos eram silenciosos, meditativos. Cheios de reservas. Será que alguma coisa o havia tornado sério desde o nosso primeiro encontro? *Estes são tempos difíceis*. Será que ele realmente compreendia o que estava acontecendo aqui? Um tirano estava à solta enforcando pessoas. Seria mais um caso em que o rei esquecia para quem e o que regia?

Quando ele saiu, a Curandeira entrou, uma mulher que eu nunca tinha visto na Boca do Inferno antes. De alguma forma eu estava esperando, ou talvez nutrindo esperanças, de ver Rhea, a Curandeira que havia tratado das minhas mordidas de cachorro.

Essa mulher era emaciada e angulosa, com uma bolsa de couro grande e pesada presa ao punho. Eu me dei conta de que ela poderia achar suspeito quando visse como meu machucado estava cicatrizando... a menos que tivesse sido ela quem havia me dado o remédio clandestinamente, não? Uma Curandeira. Claro. Quem mais saberia o efeito de aplicar um cataplasma em uma ferida cheia de pus? Quem mais saberia até mesmo o estado provável de um machucado sem examinar a paciente?

“Obrigada”, falei, na esperança de fazer com que ela admitisse ter me dado o remédio.

“Por quê?”

“Por vir, é claro. Cuidar de mim.”

Ela me olhou com os lábios apertados junto aos dentes e me ofereceu uma resposta curta. “Ordens do rei.” Ela remexeu em seus suprimentos de forma bruta, um sibilar escapando por entre os dentes.

Seria de mim que ela não gostava? Ou do rei? Ou talvez fosse todo o estado das coisas do lado de fora da estalagem. Até onde essa loucura havia se espalhado?

“Quem foi enforcado?”, eu quis saber.

“Traidores”, ela respondeu. “Agora me mostre seu machucado. Eu tenho outros deveres além de cuidar de tipos como você.”

Tipos como eu? Ela ficou me encarando como se eu fosse uma barata que estivesse cruzando seu caminho e como se ela fosse a rainha de tudo. Será que eu tinha alguma coisa escrita na minha cara? Lixo de rua? Verme? Ou será que ela apenas não gostava de vendanos, aqueles bárbaros misteriosos que usavam cordas com ossos pendurados nas laterais do corpo? Eu estava acostumada com insultos, até mesmo da parte de meus compatriotas que me desprezavam. Quando se está na parte mais inferior da sociedade, a gente é um lembrete reconfortante para aqueles que estão só um pouquinho acima de que a vida sempre poderia ser pior, de que eles não são o outro. Os movimentos da Curandeira eram precisos,

eficientes. Na melhor das hipóteses, ela estava aqui de má vontade e certamente não era minha benfeitora.

Ergui a camisa, e ela deu uma olhadela superficial no meu ferimento antes de aplicar a tinta, que ardia, e colocar uma bandagem. Suas mãos eram ásperas e a ferida ainda estava sensível, mas reprimi a vontade de me encolher de dor atrás de um maxilar cerrado. Ela rabiscou alguma coisa em um pedaço de papel e então franziu o cenho, como se lembrasse de alguma coisa. “Eu prefiro não ter que voltar aqui. Você sabe ler?”

Endireitei os ombros. “Receio que apenas em três idiomas”, foi a minha resposta. “Fluentemente, quero dizer. No total, cinco.” Exagerei apenas um pouquinho. “*Caz ena, vaca?*”, falei ainda.

Ela franziu o cenho por um instante, sem saber ao certo o que eu havia dito, mas eu tinha certeza de que a perturbadora familiaridade de pelo menos uma palavra a havia confundido. Ela colocou o pedaço de papel em cima da mesa junto com um pequeno frasco de tinta e saiu. Fiquei observando enquanto ela saía pela porta sem saber que sua bolsa de remédios estava mais leve por causa da falta de um pequeno item.

Quando a porta se fechou com um clique, olhei para o escalpelo que tinha na mão, sem saber por que motivo, a essa altura, eu o havia pegado da bolsa dela. Um hábito de sobrevivência? Nas ruas de Venda, eu nunca havia deixado passar um roubo fácil. Tudo indicava alguma coisa que poderia me ajudar a sobreviver por mais um dia. Até mesmo algo que eu não quisesse poderia ser trocado posteriormente. Eu não poderia trocar este escalpelo por nada, e mil gargantas cortadas não me devolveriam Jase.

Sentia uma dor corroendo as entranhas, como se houvesse dentro de mim um animal tentando escapar. Lembrei dos meus últimos segundos frenéticos com Jase, mas eram tão somente vislumbres desconexos que eu não conseguia reunir para formar uma imagem. Quais tinham sido minhas últimas palavras para ele? *Pare? Corra?* Aqueles minutos tinham sido sobrecarregados por medo e fúria. *Rebobine a fita, Kazi. Faça com que tudo seja diferente.* Mais uma chance. No entanto, o momento se fora. Alguém havia roubado as últimas palavras que eu queria que Jase tivesse ouvido de mim. *Eu amo você. Eu sempre vou amar você.* Eu havia tentado salvá-lo. Lutara com todas as minhas forças, mas não tinha sido o bastante.

Girei o escalpelo na minha mão. Ele brilhava, afiado e mortal. Era feito para fatiar a carne com um corte tão limpo que mal senti o arranhão na ponta do meu dedo, e uma gota vermelha e brilhante assomou na minha pele.

Um juramento de sangue. E o juramento do Pai é o juramento de sua família.

A gota ficou maior, como um rubi vermelho reluzente, e eu ergui o dedo até os lábios, esfregando o sangue quente neles, saboreando-o com

a língua. O gosto salgado, os séculos de juramentos, as promessas. E Jase.

Kazi, você é minha família agora.

Limpei o sangue do escalpelo e o coloquei embaixo da almofada da cadeira para mantê-lo guardado em segurança. Essa arma não seria tirada de mim.

O juramento de sangue do *Patrei* era meu juramento agora. Proteger a todo custo.

E não me restava nada a perder.

CAPÍTULO 11

K A Z I

EM VEZ DE RETORNAR PARA ME VER, COMO HAVIA prometido, o rei fez com que eu fosse até ele. Mas não antes que me dessem uma nova muda de roupas, trajes curiosamente completos, colete de couro, botas de cano longo e um cinto de armas — sem as armas. Eu quase parecia uma soldada real novamente. Meu acompanhante estava desarmado. O rei considerava os meus talentos de maneira muito diferente em comparação com Banques e seus capangas. Enquanto eu seguia em frente, uma névoa entrava e saía de cena ao meu redor. Não era fome, mas lembranças e palavras que eu não conseguia tirar da minha cabeça. Apertei os olhos, tentando fazer com que as imagens horríveis desaparecessem. *Os animais o pegaram.* Forcei minha concentração em um ponto distante no corredor abaixo. O ponto lá ao longe era tudo que importava. Ele impedia que o mundo virasse de cabeça para baixo.

O guarda parou diante da porta, e eu fui conduzida para dentro do que parecia ser a sala de jantar particular do rei, onde as cortinas abertas deixavam entrar o brilho do dia. Velas altas reluziam sobre castiçais em uma mesa posta para dois.

O rei se virou enquanto eu entrava na sala, com a mão pressionando distraidamente a lateral do corpo, e eu me perguntei se haveria um bolso dentro do colete dele contendo algum tesouro — ou estaria ele apenas com dor nas costelas? *Estes são tempos difíceis.* Será que ele havia sido machucado? Ele me examinou com atenção e sorriu. “Vejo que lhe deram roupas apropriadas desta vez. Que bom. Você merece parecer a soldada de elite que é.”

“O senhor quer dizer a soldada de primeira linha que foi esfaqueada, deixada para morrer de fome e presa em uma cela escura por dias sem fim?”

Ele fez uma careta. “É justo que você mencione isso. Mas posso explicar...” Ele puxou uma cadeira para que eu me sentasse.

Balancei a cabeça em negativa, recusando sua oferta.

“Foi um erro”, disse ele. “Eles não sabiam quem você era.”

“Eu gritei pela porta todos os dias.”

Ele baixou o olhar e soltou um suspiro desanimado. “Receio que os prisioneiros gritem muitas coisas.”

“Por que vocês têm prisioneiros? Por que você está aqui?”

Ele deu um passo, saindo de trás da cadeira e se aproximando de mim, parecendo mais alto do que eu me lembrava. “Eu não quero desrespeitá-la”, disse ele, “mas se você não se importar, eis uma pergunta que eu gostaria de lhe fazer. Por que *você* está aqui? Lá na arena eu vi você bater com força no maxilar do *Patrei*, então, pouco tempo depois,

você o prendeu e, com a faca apontada para ele, o arrastou a Venda para encarar um julgamento pelo acolhimento de fugitivos.”

“Com a faca apontada para ele? Como é que você sabe dessa última parte?”

“Oleez, uma criada minha que estava lá, contou ao general Banques sobre o confronto.”

Será que Oleez estivera lá naquela noite? Eu não me lembrava de tê-la visto, mas ela poderia ter ficado escondida nas sombras. Isso explicaria seu olhar incisivo na minha direção.

Analisei o rei. Ele era um enigma. Diferente. Ainda era o rei alto e de ombros largos que eu tinha conhecido na arena, embora estivesse mais arrumadinho agora, e com ares e uma presença que eu não tinha visto antes nele. Não eram suas roupas nem sua postura — era seu comportamento que havia mudado. O rei que eu tinha diante de mim era taciturno, quase meditativo, com suas palavras calmas e suaves. Cuidadoso. Onde estava o bufão sem noção que dava de ombros e abria sorrisos largos e tamborilava as pontas dos dedos unidas como se fosse uma criança? Será que os tempos difíceis que ele havia mencionado fizeram com que aquele rei desaparecesse?

“Estou aqui porque tinha ordens da rainha de Venda para escoltar o *Patrei* de volta à casa dele”, respondi, ainda sem saber ao certo quanto da verdade seria seguro compartilhar. “Ela disse que eu passara dos meus limites ao prendê-lo. Não havia nenhuma evidência de que ele soubesse quem eram os fugitivos que havia acolhido. Para alguns deles, não havia nem mesmo um mandado de busca.”

“Então você realmente esteve aqui durante todo aquele tempo para caçar fugitivos? Não tinha a ver com violações do tratado?”

Assenti.

O pescoço dele enrubesceu. “E você não pensou em me contar?” Seu olhar era duro como aço, e suas palavras, entrecortadas. “Eu *sou* o rei, afinal de contas. Mas talvez você só tenha me visto como um simples fazendeiro querendo comprar suri.” Ele desviou os olhos e encheu o peito de ar, como se tentasse se livrar do ressentimento que ouvi em sua voz. Mas onde havia ressentimento, havia também percepção. Ele não estava completamente alheio, tinha conhecimento da imagem que os outros faziam dele e de seu reino.

“Por favor”, disse ele, aproximando-se novamente da cadeira e afastando-a ligeiramente. “Acho que você precisa de uma refeição mais substancial. Precisa compensar esses últimos tempos.”

Olhei para a cadeira e então mais uma vez para ele. Ao me lembrar do banho suntuoso e dos lençóis requintados, fiquei estática. “Por que será que estou me sentindo como um ganso sendo engordado para um banquete?”

Ele soltou um suspiro. “Você já parou para pensar que talvez eu esteja tentando reparar o fato de ter ultrapassado os *meus* limites? De ter que-

brado o protocolo de maneira tão ofensiva? De ter me ocupado com outros assuntos e não ter me atentado para a identidade da prisioneira e para a maneira como estava sendo tratada?”

Será que aquilo era um malabarismo — e ele havia deixado cair algumas bolas? Soube por Jase que Montegue se tornara rei de uma hora para outra, alguns anos atrás, quando um cavalo de carga esmagou seu pai. Ele era só um pouco mais velho que Jase, que teria...

Um punho cheio de fúria agarrou meu coração e o sacudiu. Eu ainda esperava que Jase entrasse pela porta. Não conseguia deixar de pensar nele vivo, agitado, vibrante, cuidando do que precisava ser feito, vasculhando fronteiras, elaborando novas regras para o comércio, dando explicações a meu respeito para a família. Nada disso iria acontecer. Tive a sensação de estar sendo tragada pela correnteza mais uma vez, tentando respirar, a instabilidade tomando conta de mim. Toquei no anel que estava no meu dedo.

Não tente ir contra, Kazi, incline-se para trás, pés para a frente.

A voz dele tão clara na minha mente. Tão perto. Tão determinada.

Os olhos do rei se mantiveram fixos em mim. Curiosos. E estranhamente pacientes.

Caminhei até a cadeira e me sentei, mas senti como se tivesse despencado em cima dela. Cada palavra e cada esforço me esgotavam. Jase não entraria por essa porta. E por nenhuma outra, nunca mais. *Ele está vivo, Kazi. Ele tem que estar vivo.* Minha cabeça doía com a batalha que se travava dentro dela. Eu havia sobrevivido a essa batalha antes, mas não conseguiria uma outra vez. Será que qualquer coisa que o rei tivesse a dizer realmente importava?

Cabeça erguida. Respire. Jase intervinha de novo.

“Explique”, eu disse.

“Por favor, deixe que eu sirva você primeiro.” Ele levantou a tampa prateada que cobria uma travessa, pegou uma colherada de minúsculas e perfeitas batatas assadas cobertas com ervas e colocou-as em meu prato; ao lado, serviu três ovos de codorna. Derramou um fio de um molho dourado e fumegante por cima, o que fez tudo aquilo parecer mais uma obra de arte do que algo que pudesse ser comida. Tive vontade de dar risada. Era evidente o contraste com as notícias terríveis que revestiam a minha boca.

Quando voltou a cobrir a travessa com a tampa, ele ficou hesitante ao notar minha mão no braço da cadeira. “Você está usando o anel de sinete?”

“Seu general o tirou da...”, eu pisquei para dissipar o ardor em meus olhos. “Ele me deu. Chamou-o de troféu.”

Ele franziu a testa e balançou a cabeça. “Ele não devia ter feito isso. Posso descartá-lo se você quiser.”

Encarei o anel. Descartá-lo? *É apenas uma joia barata para mim.* Será que o rei e o general sequer faziam ideia da história deste anel? *Está*

na minha família há gerações. Uma vez que é colocado no dedo, nunca mais é tirado. Eu o girei no meu polegar.

“Você está bem?” o rei me fitava, esperando por uma resposta.

“Vou ficar com ele.”

Ele se sentou diante de mim e explicou que, quase dois meses atrás, a Boca do Inferno foi sitiada por criminosos que saqueavam comércios, queimavam casas e atacavam os habitantes. Ele estava em Parsuss, e quando as notícias lhe chegaram, a desordem já estava fora de controle. Uma liga chefiada por um sujeito chamado Rybart conduzia uma guerra generalizada na tentativa de tomar o controle da Boca do Inferno e da arena. Os cidadãos estavam em pânico. Alguns morriam. E o pior é que os Ballenger não estavam fazendo nada, apenas pediam por mais dinheiro em troca de proteção.

Impossível. Jase jamais faria uma coisa dessas — mas e Gunner? Eu já sabia que ele era impulsivo e que tinha o pavio curto. A tentativa de me chantagear a fim de que eu mandasse uma carta para a rainha tinha sido ideia dele. E eu nunca iria me esquecer de como ele jogou sujo quando me ofereceu Zane como suborno. Mas ele quebraria o juramento dos Ballenger de proteger a cidade e deixaria que seus cidadãos se tornassem reféns por mais dinheiro? Com certeza o restante da família não permitiria que ele o fizesse.

“Parece que eles precisam achar uma maneira de financiar suas últimas atividades ilegais”, prosseguiu o rei. “Como você sabe, eles estiveram acolhendo fugitivos por algum tempo, mas era para um propósito bastante específico. Eles conspiraram juntos para a construção de armas. Estavam armazenando um arsenal e tanto.”

“Não pode ser. Não havia arma nenhuma. Beaufort disse...”

“As armas certamente estavam lá. Por sorte, um dos esquadrões de soldados do general Banques encontrou o estoque em um armazém dos Ballenger e confiscou tudo. A cidade sofreu alguns danos na luta pela recuperação das armas, mas nós as usamos para eliminar Rybart e seus capangas. São elas que estão sendo usadas agora pelo exército para proteger a cidade.”

Minha mente fora abalada por uma verdade diferente. Eu sabia o que tinha ouvido. Kardos havia reclamado que Jase pegara a única arma em processo de fabricação, e nós os prendemos antes que o arsenal pudesse vir a se tornar realidade. Não havia armas, exceto aquele único protótipo que Sarva fabricara — *uma* arma — e que Jase havia pegado e escondido. Quem fabricou as outras armas? Será que a liga de Rybart estivera todo aquele tempo trabalhando com Beaufort para aterrorizar a cidade e virá-la contra os Ballenger? E agora um exército inteiro estava...

Porém havia uma outra coisa que não fazia sentido. “Mas você não tem um exército”, eu disse. “Como é que...”

“Agora tenho. Eu precisava de um às pressas e tive de contratar uma milícia privada. Foi uma recomendação dos meus conselheiros e...”

“*Mercenários?* Você contratou mercenários para perambular pelas ruas da Boca do Inferno?”

“Fui assegurado de que são profissionais qualificados, e realmente eu não tive escolha. Você precisa entender que há uma guerra acontecendo aqui. Como eu mencionei, propriedades estão sendo destruídas. Cidadãos estão morrendo. Eu precisava fazer alguma coisa. Está me custando uma fortuna, mas Paxton me garantiu que os lucros da arena vão me ajudar a recuperar parte dos gastos. Caso contrário, não terei campo para as plantações na próxima estação.”

Tudo estava fora de controle. “Você passou a controlar a arena também?”

“Alguém tinha que fazer isso. Muitos cidadãos dependem dela para se sustentar. Se a arena acabar, a cidade também acaba.”

“E os Ballenger? Onde eles estão?”, eu quis saber. “São eles os prisioneiros de que você falou?”

Ele balançou a cabeça em negativa. “Assim que ficaram sabendo que seu esquema havia sido descoberto, todo o clã conseguiu se retirar e foi se isolar naquelas catacumbas deles na montanha para não serem presos. Eles não saem de lá, e não temos como chegar até eles sem explodir tudo para abrir caminho, o que poderia fazer a montanha inteira vir abaixo, caindo em cima deles. Não sabemos exatamente quem são todas as pessoas que estão lá, e eu realmente não quero que inocentes morram.”

“Você não tem como abrir caminho detonando uma montanha de rochas sólidas.”

“As armas que confiscamos são assustadoramente poderosas. Algumas são portáteis, mas há umas poucas parecidas com catapultas. Nunca vimos algo assim antes. Não sabemos o que os Ballenger planejavam fazer com elas. Meu único medo é que alguns papéis tenham sumido. Receio que os Ballenger ainda possam estar de posse dos esquemas para construir mais delas. Precisamos encontrar aqueles papéis.”

“Eu queimei os esquemas.”

Ele colocou o garfo no prato e ergueu levemente o queixo. “Então foi você quem fez isso? Eu vi a oficina queimada.”

“Como você sabia que aquilo era uma oficina? Oleez lhe contou isso também?”

“Não, quem me contou foi outra criada. Vários dos empregados foram deixados para trás quando os Ballenger fugiram. Nós os acolhemos e lhes demos trabalho para ajudá-los a seguir com suas vidas normalmente. É isso que estamos tentando fazer com toda a cidade, nós recuperamos o controle de grande parte dela agora.” Ele soltou um suspiro e tomou um longo gole do vinho que tinha servido para si. Serviu mais vinho na minha taça ainda intocada, enchendo-a até a borda. “O problema é que os Ballenger têm alguns lealistas”, ele me explicou, “e esses poucos lealistas continuam agitando as coisas e causando mais confusão, o que dificulta acalmar os ânimos. O comércio sofre com isso. Os meios

necessários para a sobrevivência estão mais escassos. Alguns cidadãos estão com medo de seguir em frente com seus negócios como de costume. Eu não tenho como culpá-los. Os poucos lealistas violentos estão tomando a cidade toda como refém. Eu entendo a lealdade deles. Isso é tudo que eles sempre conheceram, mas os Ballenger selaram o próprio destino. O reinado deles acabou, e minha lealdade pertence à Boca do Inferno, devo colocar a cidade em pé novamente. O que o povo precisa é de algum tipo de conclusão. Um desfecho para essa bagunça horrível, para que eles possam seguir em frente.”

Ele baixou o olhar e pegou uma das batatas em seu prato, examinando-a como se ela contivesse a resposta para seus problemas. “Eu gostaria de dizer isto agora mesmo. Preciso da sua ajuda. Estou envergonhado por não ter dito logo de cara.” Ele ergueu o olhar para contemplar o meu, o reflexo da luz da vela tremeluzindo em suas pupilas. Havia um peso nelas, algo que fazia com que ele parecesse mais jovem, um menino rei que estava estupefato. “Isso tudo é novidade para mim”, ele admitiu por fim. “Estou tentando me posicionar e fazer o que deveria ter feito esse tempo todo. Ser o líder que meus súditos sempre precisaram, até mesmo aqueles nos lugares mais afastados, como a Boca do Inferno. Talvez se eu tivesse agido assim mais cedo, nada disso teria acontecido.”

Seus olhos escuros não deixaram os meus em momento algum, procurando algo em meu rosto, como se eu guardasse alguma chave cobiçada que consertaria tudo.

“O que você quer de mim?”

Ele foi direto. “Diga à cidade que o último *Patrei* está morto. Mas diga que Jase Ballenger foi considerado culpado de crimes contra a Aliança dos Reinos e que foi executado em Venda por ordem da rainha. Que a justiça foi feita.”

CAPÍTULO 12

K A Z I

FIQUEI OLHANDO FIXAMENTE PARA ELE, INCAPAZ DE DESVIAR DE seu olhar. Dizer que Jase tinha sido executado em Venda? Ele estava falando sério? Seus olhos permaneciam fixos nos meus, resolutos. Longos segundos se passaram enquanto eu tentava absorver por que ele iria querer que eu contasse uma mentira tão malévola e risível.

“Mas nós dois sabemos que não foi isso que aconteceu”, respondi por fim.

“A verdade é realmente melhor? Dilacerado por animais? Dizer à cidade que ele foi a refeição de abutres em seu último e valente esforço para voltar para casa? Eu não quero fazer dele um mártir como o primeiro Ballenger — o homem mítico que morreu salvando o que havia restado da humanidade. Isso seria simplesmente implorar para que os lealistas ou algum outro Ballenger se revoltassem com mais violência e fanatismo. Essa guerra sem sentido poderia continuar sendo travada para sempre. É disso mesmo que alguém precisa? Pelo bem da cidade, é melhor que esse capítulo da história seja encerrado de uma vez por todas. Vê-lo como um criminoso condenado e submetido à justiça da Aliança seria a solução — especialmente se eles ouvirem isso da própria guarda da rainha, que testemunhou a execução. É o jeito de acabar logo com tudo. E é a verdade mais benévola, para ajudar a cidade a deixar isso de lado e seguir em frente, rumo a uma nova era. Eu só estou lhe pedindo isso pelo bem das pessoas. Elas passaram por tanta coisa, e a vidente já previu que uma amarga temporada está a caminho. Não queremos um inverno de fome pela frente. As pessoas precisam de uma resolução.” Ele estendeu a mão e apertou a minha. “Você pode me ajudar a dar isso a elas?”

Olhei para a mão dele, que segurava a minha. Grande, quente, suave. Lentamente, tirei minha mão. “Resolução”, repeti, um substituto para a tempestade girando dentro da minha cabeça.

Ele assentiu.

“Fico me perguntando... Como você soube, exatamente, que o *Patrei* estava voltando?”

“Ele enviou uma mensagem.”

“Uma mensagem que você interceptou?”

“O homem no posto de mensagens que vinha aceitando propinas dos Ballenger a entregou para nós. Ele também queria que o derramamento de sangue tivesse fim.”

“E foi então que você ordenou a emboscada.”

“A última coisa de que Precisávamos era que ele provocasse mais violência na cidade. Ou que fizesse o comércio parar novamente. O faturamento estava apenas começando a melhorar de novo. Pessoas demais já tinham sido feridas. Não sabíamos que você estaria com ele.”

Eu me levantei e fiquei andando ao redor da sala, sentindo meus joelhos oscilarem e minha respiração rasa. Senti uma pontada no ferimento da minha barriga novamente, lembrando-me de que eu estava fraca. De que eu não era nada. De que o rei estava certo. Comida. Eu precisava de comida. De força.

Senti os braços de Jase ao meu redor, me segurando, mantendo a minha cabeça acima da água.

Fique firme.

Estou segurando você. Eu juro.

Eu me virei para ficar cara a cara com o rei.

Sorri para tranquilizá-lo.

Fiz malabarismo com as palavras na minha cabeça, para que ficassem na ordem perfeita, e então as coloquei em uma pilha ordenada. Essas eram as coisas que eu sabia fazer, aquilo que me era natural, enquanto todo o resto saía de controle em uma espiral selvagem.

Eu precisava de controle.

“Eu realmente entendo o seu ponto”, falei. “A cidade de fato precisa seguir em frente. Rumo a uma nova era.” Fui andando de volta para a mesa, onde o prato do rei estava vazio, e o meu, ainda cheio. Continuei em pé e espetei o garfo em um ovo de codorna e o comi, depois espetei-o em uma das minúsculas batatas. Eu a comi também e fiz com que descesse com um longo gole de vinho, secando metade da taça. Um pouco do vinho escorreu pelo meu queixo e eu o limpei com a manga. O calor e a impulsividade chegaram com tudo nas pontas dos meus dedos das mãos e dos pés. “Mas uma coisa me surpreende, Vossa Majestade. Você aposta na sorte, não? Eu não esperava por isso.”

“Não”, ele me respondeu com incerteza. “Eu nunca aposto na sorte.”

“Eu matei três dos seus soldados, e ainda assim você tentou a sorte, arriscou-se, quando eu poderia tê-lo matado no minuto em que você entrou nos meus aposentos mais cedo.” Olhei ao redor da sala de jantar vazia com as mãos erguidas em um gesto questionador, o garfo ainda na minha mão, como se apontando os fatos. “E aqui? Nenhuma arma? Nada de guardas, mesmo que você tenha acabado de admitir que assassinou o *Patrei* da Boca do Inferno, o verdadeiro regente que foi confiado a mim pela minha soberana, para que eu o trouxesse de volta ao lar. Sim, você aposta na sorte, e talvez seja um apostador impulsivo.” Eu me inclinei para a frente sobre a mesa. “Ou talvez você seja apenas um apostador muito *idiota*.”

Ele ergueu o queixo. Anguloso.

O rei astuto. Ah, ali estava ele. De volta. Saindo de fininho das sombras. Tudo de que ele precisava era um leve cutucão.

Meu olhar queimava o dele. “Você não passa de um oportunista que agiu em meio a uma situação de instabilidade para os seus próprios ganhos, e que empregou lobos como Paxton e Truko para ajudá-lo a conseguir levar tudo isso a cabo. Você se importa apenas com sua riqueza recém-adquirida na arena. Acha que pode me contar que você é o responsável por orquestrar a emboscada do *Patrei*, sem o benefício de um julgamento, e que eu simplesmente vou mentir e fazer o que você quer?”

Ele se apoiou nos braços da cadeira e se levantou lentamente; o rei astuto se desdobrava, mais alto, imponente, no controle. Sem malabarismos. Sem se importar. Ele estava totalmente exposto. A pele parecia se esticar ainda mais em sua face, as maçãs do rosto ficaram mais aguçadas, seus olhos, mais escuros e mais profundos.

“Eu queria dar a você o benefício da dúvida. Suas hesitações entre beijar, atacar e prender o *Patrei* me deixaram com algumas dúvidas em relação ao lado em que você realmente estava. Soldada vendana... ou traidora da Aliança em conluio com os Ballenger? Eu acho que tenho a minha resposta agora.”

Ele deu um passo na minha direção, e eu ergui o garfo que tinha na mão em sinal de aviso.

Os olhos dele foram iluminados por um sorriso. “Você acha que vai me matar com um garfo?”

“Você ficaria surpreso com a minha criatividade para pensar em lugares nos quais eu poderia enfiar um simples garfinho. Eu não estou dizendo que sua morte seria rápida. Pelo contrário, seria feia e lenta — talvez algo semelhante a ser dilacerado por animais.”

Engoli em seco, as últimas palavras arranhando a minha garganta como se tivessem garras.

“Eu não ordenei essa parte”, disse ele. “Foi o destino, ordenado pelos deuses.” Ele deu mais um passo na minha direção. “Abaxe esse garfo. Você sabe que eu sou mais forte e que poderia derrubá-la com facilidade.”

“E, ainda assim, aqui estamos nós”, foi a minha resposta. “Sou eu que estou segurando um garfo e posso ver as veias se erguendo no seu pescoço. Sua pulsação está acelerada. Existem muitos tipos de força, Vossa Majestade. Talvez você devesse conhecer melhor todas elas em vez de ficar dependendo do seu bíceps e daquele músculo inútil entre as suas orelhas.”

A porta da sala de jantar se abriu com tudo, e os camaradas dele entraram rapidamente.

“Eu deveria saber”, falei. “Escutando atrás da porta, não?”

Eles diminuíram o ritmo de seus passos quando viram o garfo que eu tinha na mão. “Não atrás de mim”, avisei. “Na minha frente, onde eu possa ver vocês — a menos que queiram que eu enfie este garfo na garganta do rei imediatamente.” Eu estava mais perto dele do que eles de

mim, e eu ainda era um fator letal, embora desconhecido, que havia matado três de seus soldados.

“Fiquem onde ela possa vê-los”, ordenou o rei.

Eu realmente não havia planejado nada além desse momento. Wren odiaria isso. Sem fuga. Sem malabarismos. Mas, se eu fosse morrer, o rei morreria primeiro. Disso eu tinha certeza.

Eles fizeram um semicírculo na minha frente, e eu olhei cautelosamente para cada um. Banques, Truko, Testa Deformada. E Paxton. Meus olhos se demoraram mais nele. Meu único arrependimento era não ter podido matar todos eles.

“Abaxe o garfo”, repetiu o rei. “Você nunca vai sair daqui viva.”

“Talvez esse tenha sido o seu maior erro de cálculo. Que em algum momento eu tivesse planejado sair viva daqui.”

“Não seja tola”, avisou-me Paxton, aproximando-se alguns centímetros de mim. “O rei poderia ter uma posição aqui para você, uma posição lucrativa. Ele é muito generoso. Você está analisando a situação de um jeito todo errado. Não tome uma decisão precipitada.”

Olhei com ódio para Paxton. “Você certamente é o pior deles todos, sua pilha de estrume! Você também é um Ballenger.”

“Mais ou menos”, foi a resposta de Paxton. “Minha família foi expulsada há muitas gerações.”

“Vamos mostrar a ela”, disse Banques. “Mostre por que ela deveria concordar com a nossa proposta.”

Senti o calor entorpecente do vinho na minha barriga, desejando que a bebida pudesse prover ainda mais torpor. “Eu nunca vou concordar com nenhuma proposta.”

Banques abriu um sorriso. “Ah, eu acho que existe algo que poderia fazer você mudar de ideia.”

“Talvez eu tenha um quê de apostador, no fim das contas”, disse o rei, dando um passo para a frente, destemido, “e os melhores apostadores sempre seguram um pouquinho do ouro na negociação.”

Fiquei encarando-o, os olhos dele pareciam vítreos, e dedos gélidos agarraram a minha espinha. Seriam aqueles modos desajeitados, que o faziam parecer um tolo, apenas uma fachada que ele havia polido cautelosamente durante anos? *Suri. Essa é a vida de um rei fazendeiro.* Lembrei o gesto de indiferença e o sorriso que parecia de palhaço. Aquele não era nem remotamente o homem que estava parado diante de mim agora. Havia consciência em seu olhar e um orgulho em sua postura. Ele sabia em que eu estava pensando e isso parecia lhe dar mais energia, como o rei astuto que por fim assumia o lugar central no palco.

“Vá”, disse ele. “Olhe pela janela. Há outros convidados aqui na estalagem que, creio eu, você deve conhecer.” Ele assentiu para Truko.

Truko era um homem enorme com cabelos desgrenhados e sobrance-lhas crespas e pretas, sempre franzidas em sua carranca. Seus olhos eram largos e ele não piscava. Quando eu havia falado a Jase sobre uma das

minhas regras de sobrevivência, *pisque por último*, ele achou divertido e, rindo, disse que essa era uma das coisas que odiava em relação a Truko — o homem nunca piscava. Jase nunca sabia o que se passava na cabeça dele. Ao me deparar com seu olhar fixo e congelado agora, não havia nada de divertido em relação a isso. Seus passos golpeavam o piso enquanto ele seguia pesadamente até as janelas e puxava as cortinas.

Não era blefe. Eu soube até mesmo antes de baixar o garfo ou de ir andando até a janela que o rei havia vencido. Que a Morte havia visto tudo isso acontecer e era por esse motivo que ela balançara a cabeça para mim.

“Veja”, repetiu o rei. “Veja quem está lá fora. Acho que você vai se surpreender.”

CAPÍTULO 13

J A S E

ERA O SOM DA ÁGUA ESCORRENDO RAPIDAMENTE SOBRE AS pedras. O som de algo sendo sugado, de gorgolejos, como o movimento da maré. Ouvi esse som de novo. E mais uma vez. Ele descia e subia com a pontada no meu peito, e então me dei conta de que o som que eu ouvia não eram pedras e água. Eram minhas próprias respirações, líquidas, úmidas, eram os sons que eu fazia tentando respirar.

Havia outros sons, distantes, vozes distorcidas, mas esses não vinham ao caso.

Apenas as pedras, a água, a próxima respiração.

Anote, antes que você esqueça.

E a cada dia nós fazemos isso.

Mas nós podemos apenas escrever sobre o Agora.

O Antes já se foi, exceto pelos pesadelos.

Todas as noites nós devemos confortar os mais novos. Tudo que eles conhecem do Antes é o Depois.

Eles têm medo de que isso aconteça novamente, medo de que nossa nova família seja dilacerada.

É por esse motivo que nós nos escondemos aqui, chora Nisa.

Ela está certa.

Eu também tenho medo.

Meu avô acreditava em mim.

Eu tento acreditar como ele acreditava, mas, em algumas noites, depois que Nisa adormece, eu choro também.

— Greyson Ballenger, 14 anos —

CAPÍTULO 14

K A Z I

A JANELA DAVA PARA UM PEQUENO PÁTIO INTERNO. HAVIA UM guarda postado em cada canto. Espadas longas pendiam das laterais de seus corpos. No centro, duas crianças brincavam, rolando uma argola de uma para a outra. Oleez estava sentada sozinha em um canto. Ela me viu olhando pela janela, mas sua expressão permanecia vazia.

Alguém tirou o garfo da minha mão. Acho que foi Paxton. Eu não resisti. A mensagem era clara, o rei estava com a carta que vencia o jogo. Faça o que ele disse ou haverá consequências. Não havia como fazer com que ele mudasse de ideia. Eu senti que tinha sido surpreendida, como se um lorde de quadrante passasse a sentença e a ponta de um dedo estivesse prestes a ser cortada. Eu não conseguiria sair dessa com minha lábia.

O rei se aproximou e ficou parado atrás de mim. Seu peito era como fogo às minhas costas. Ele puxou ainda mais as cortinas. “Eles parecem felizes, não? De fato, acabaram se afeiçoando muito a mim. Eu lhes dou atenção, presentes. Mais do que ele alguma vez já chegou a fazer. Eles estão bem contentes. Acredite em mim quando digo isso.”

Eu mal conseguia absorver as coisas sem sentido que ele falava. Eu apenas imaginava os rostos deles enquanto dizia a uma multidão que Jase era um criminoso condenado que foi enforcado. “Não me faça dizer isso na frente deles. Eu não quero que eles ouçam isso.”

“Eles terão de ficar sabendo sobre o irmão mais cedo ou mais tarde”, disse Banques. “Praticamente *já se* esqueceram dele. Eles vão aceitar bem.”

“Por favor”, falei.

O rei se afastou e disse a Banques enquanto partia: “Explique a ela as regras do jogo. Certifique-se de que as entenda, e então traga-a até a minha suíte”.

Um jogo? Isso não era nenhum jogo. O resultado já estava garantido. Havia apenas um vencedor.

Com a partida do rei, eu me virei para Banques. “Você não pode fazer isso. É uma violação de tudo que a Aliança...”

“Isso não viola absolutamente nada”, disse ele, rangendo os dentes. “Eu vou lembrar a você de que este é o reino da Eislândia, e Montegue é seu verdadeiro regente por direito. Não somente está sob a jurisdição dele reger e proteger a Eislândia como bem entender, mas também é seu dever moral garantir a paz para seus cidadãos. Ele está fazendo seu trabalho e o está fazendo bem. Ele não aceita conselhos de uma ladra ou soldada bárbara, menos ainda de uma pessoa que nutre simpatia pelos Ballenger, que fizeram com que essa carnificina acontecesse, para come-

ço de conversa. Ainda estamos tentando sair de uma guerra e restaurar a ordem, e devemos usar todos os meios que estiverem à nossa disposição para o bem de todos.”

Todos os meios? Ele olhou de relance para as crianças e então me fitou com ódio, sua mão se curvando em um punho cerrado como se ele quisesse me dar um soco. Ele alertou para que eu ficasse em silêncio enquanto explicava tudo. No fim das contas, as regras eram fáceis de ser lembradas. Eram praticamente a mesma coisa.

1. Se em algum momento você causar um mísero machucado no rei...
2. Se em algum momento você machucar um dos membros de seu gabinete ou um dos soldados...
3. Se em algum momento você for encontrada fora de seus aposentos sem uma escolta aprovada...
4. Se em algum momento você roubar nem que seja um grampo de cabelo...
5. Se em algum momento você mentir para o rei... uma das crianças morrerá, e você será forçada a escolher qual delas.

“Entendido?”, ele perguntou.

Assenti. Mas eu cortaria a minha própria garganta antes de escolher entre Lydia e Nash.

CAPÍTULO 15

J A S E

A MARÉ, HAVIA UM RITMO NELA.

Sobe.

Desce.

Ela estava vencendo. Estava me puxando para baixo.

Escuridão. Era tudo que eu conhecia. E silêncio. Será que eu havia parado de respirar? Mas a dor ainda estava ali. A dor estava por toda parte.

Eu tinha de estar vivo.

Queimando. Molhado. Minha pele, meus lábios, tudo estava como que em chamas.

Inferno. Eu devia estar no inferno. E não conseguia encontrar um jeito de sair dali.

Ele está recobrando a consciência.

Malditos santos. Não agora. Mantenham-no quieto.

Tentei erguer a mão, sentir os meus olhos, para ver se estavam abertos, porque eu ainda só via a escuridão, mas o leve movimento atçou uma brasa ardente no meu ombro. Soltei um gemido e uma mão foi pressionada com força sobre a minha boca.

“Shhh”, uma voz sibilou. “A menos que você queira morrer!”

Eu ainda estava imóvel porque não conseguia me mexer. Eu não conseguia alcançar aquela mão para afastá-la. Ouvi algo ranger sobre a minha cabeça. Um chão de madeira? Vozes abafadas.

“Nós não somos amigos dos Ballenger...”

“...nos queimaram...”

“Se algum deles estivesse aqui, nós seríamos os primeiros a entregá-los...”

“Já vão tarde, eu diria.”

“Se vocês o virem, devem reportar imediatamente.”

Ouvi o som de cavalos se afastando, e a mão que estava sobre a minha boca foi tirada dali.

Eu me senti caindo novamente, caindo em alguma caverna escura. “Quem é você?”, perguntei em um sussurro.

“Kerry.”

“Kerry de Fogswallow?”

“Quantos Kerry você conhece?”

Apenas um. Uma criancinha conseguia me segurar e me manter assim.

O cheiro pesado de gordura queimando fez com que eu acordasse, agitado. Quando abri os olhos, uma vela tremeluzia em uma lamparina de vidro e as sombras se mexiam nas paredes. Barris ladeavam a sala e havia juncos espalhados pelo chão. Eu estava deitado em um colchão de palha. Caemus estava sentado ao meu lado em uma banquetta de ordenha. Sombras preenchiam os espaços ociosos de seu rosto. Nada disso fazia sentido. O que eu estava fazendo aqui? O que havia acontecido comigo? E então, pouco a pouco, a névoa preta foi se dissipando. Nós tínhamos sido atacados. Kazi e eu...

Tentei me erguer, mas, em vez disso, engoli uma respiração abrupta, tossi, e a dor atravessou meu peito com tudo.

“Aguenta aí”, disse Caemus, segurando-me com gentileza. “Você mal tirou os pés do mundo dos mortos. Não vá voltar para lá.”

“Onde eu estou?”, sussurrei.

“Na adega de raiz. Sorte que vocês a construíram. Não sei onde mais o esconderíamos se não fosse aqui.” Ele despejou a água de um jarro em um copo. “Toma”, disse ele, trazendo a água até os meus lábios. Eu me esforcei para bebê-la. Até mesmo a minha língua doía. Estava seca, como se revestida de alguma coisa, e salgada. Meus lábios estavam rachados, e eu tremia ao me esforçar para erguer a cabeça, mesmo com a ajuda de Caemus.

Ele colocou o copo de lado. “Isso é o bastante por ora. Não achamos que você fosse conseguir sobreviver. Sua consciência vem oscilando há dias.”

Eu não conseguia me lembrar de nada disso. “Onde está Kazi? Por que ela não está aqui?”

E então a névoa se desfez um pouco mais. *Baricha*. Eu havia dito para ela fugir, para que escapasse, mas, em vez disso, ela pulou de seu cavalo e lutou com eles, atacando-os para que se afastassem de mim, ordenando que os cavalos corressem. Ela matou um deles, e depois outro, e então um punho... um punho esmurrou a barriga dela... mas eu não conseguia me mexer. Eu não conseguia chegar até ela. Não conseguia fazer nada. Eu nunca tinha me sentido tão impotente em toda a minha vida. *Baricha*. Tigone correu floresta adentro. Vi lampejos de metal, ouvi vozes gritando, o mundo entrava e saía de cena. Partes soltas eram tudo que eu conseguia lembrar — batidas fortes no chão, passos, alguém me erguendo.

“Ele trouxe apenas você.”

“Ele? Alguém me trouxe até aqui? Quem foi?”

“Eu não sei. Estava escuro, no meio da noite. Ele não disse como se chamava, e estava difícil conseguir ver direito quem ou como ele era. Eu acho que ele queria que as coisas fossem assim. Ele me disse para cuidar de você — para fazer o melhor que pudesse, mas não chamar um curandeiro. Disse que eles estavam de olho em todos os curandeiros, que os estariam seguindo. Ele tentou me dar uma moeda para cuidar de você, mas eu não aceitei. Antes de partir, ele tirou o anel do seu dedo. Disse que precisava dele e eu não discuti, vendo que ele estava tentando salvar a sua vida.”

Eles.

Eles estavam de olho nos curandeiros.

“Quem são *eles*?”

“Não sei. Nós não voltamos lá desde os incêndios. Estamos nos virando com as provisões que temos aqui. É perigoso demais na cidade.”

Ele teve de me dizer isso duas vezes. Talvez tenham sido três vezes. Eu ainda estava entre perder e recobrar a consciência, tentando captar os detalhes. Sorvendo goles de água. Tossindo. Ainda sentindo como se estivesse com um pé no além, que não queria me deixar voltar.

Ele disse que cerca de dois meses atrás havia acontecido um incêndio dos feios. Os estábulos do norte haviam sido queimados. Todos os cavalos que estavam dentro deles haviam morrido. Na noite seguinte houve outro incêndio, e então um ataque a uma caravana. Mais problemas vieram depois disso, mas ele e o restante do pessoal do assentamento haviam se distanciado, com medo de ser atingidos no caminho; isso sem falar que desde que cinco soldados vendanos haviam partido com o *Patrei*, os vendanos não eram exatamente bem-vindos na cidade. Exceto pela viagem feita às pressas para conseguir um pouco de remédio no boticário, eles não tinham voltado lá. Na maior parte do tempo, Caemus mantinha a cabeça baixa para não ser notado, mas, pelo pouco que ele captou dos sussurros no boticário, parecia que os Ballenger estavam correndo por toda parte, tentando impedir quem quer que fosse de agitar a balbúrdia antes de um exército entrar marchando e assumir o controle de tudo.

“Um *exército*?”, perguntei. Cada pedacinho novo de informação que ele me dava parecia se contorcer e virar algo ainda mais impossível. “Que exército?”

“Não sei, mas ouvi dizer que há muitos deles. Vi alguns de relance enquanto cavalgava.”

Um exército de onde? De um reino vizinho? Ou será que as ligas tinham unido forças? Pensei na gangue de Fertig e na observação de Kazi sobre eles serem bem treinados.

“E a torre da Vigília de Tor?” Eu já sabia a resposta. Tinha visto os pináculos quebrados, as muralhas. Mas ainda não conseguia entender *como* aquilo tinha acontecido. Nossas defesas eram impenetráveis. Nossas muralhas, nossos guardas, nossa posição privilegiada e o caminho íngreme que dava para a torre da Vigília de Tor — um exército com uma

dúzia de catapultas não teria conseguido passar por nossas muralhas. Nossos arqueiros teriam derrubado essa gente antes mesmo que se colocassem a postos. “Como foi que eles derrubaram a muralha?”

Mais uma vez, ele não sabia ao certo, mas disse que eles tinham armas diferentes de tudo que ele já tinha visto na vida. “Dizem por aí que toda a nave do templo se foi e que um único tiro a levou abaixo. A esposa do boticário disse que eles fizeram isso só para chamar a atenção de todo mundo. Funcionou. Ninguém os está desafiando agora.”

Esse não era nenhum exército vindo para salvar uma cidade. Era uma invasão. Paxton, Rybart e Truko. Tinha de ser. Eles uniram forças.

Fiquei com receio de perguntar, mas tinha mais medo de não fazer a pergunta. “Como eram as armas?”

“Essa foi a parte estranha”, disse ele. “Elas não eram tão grandes assim. Eles as carregavam nos ombros.” Ele continuou falando sobre os detalhes. As armas pareciam ser exatamente os lançadores que Beaufort estava projetando para nós — aqueles que nunca obtivemos.

“E quanto a Kazi? Você sabe onde ela está? Eles estão com ela?”

Ele balançou a cabeça em negativa. “Não sei. O homem que trouxe você não disse nada e, como eu falei, nós não voltamos para a cidade.”

Mas eu, de fato, sabia. Eles estavam com ela. Kazi era prisioneira deles. Só assim para ela não estar aqui ao meu lado. A menos que...

Eu me lembrei dos homens vindo para cima de nós como um enxame, sombras negras se movendo sobre a escura encosta da colina.

“Tenho que conseguir...” Eu me apoiei em um cotovelo, tentando me sentar, e então caí para trás, sem conseguir respirar. Caemus soltou um palavrão, dizendo que eu ia acabar abrindo as feridas que Jurga havia costurado.

“Você não vai a lugar nenhum. Mesmo que ela esteja na cidade, você não teria como ajudá-la de maneira alguma, não do jeito que está. Ainda mais sozinho. Contra centenas deles.”

“Mas a minha família. Eles poderiam...”

“Eles também não estão ajudando. Todos estão se escondendo dentro daquela montanha de vocês. É isso que eu sei.”

As catacumbas. Isso queria dizer que a situação era realmente ruim.

“Tenho que conseguir chegar até eles. Eles saberão com o que estamos lidando. Eles vão me ajudar a encontrar...” Mas então eu senti a névoa negra voltando a entrar em cena, e minhas pálpebras se fecharam contra a minha vontade. Tive medo de que elas pudessem não mais se abrir, tive medo de que dessa vez eu pudesse ser arrastado para o além e não voltasse mais.

A adega, o ar mofado, a dor, tudo desapareceu.

CAPÍTULO 16

K A Z I

EU ESTAVA DE VOLTA AO MEU QUARTO E FUI DEIXADA SOZINHA nos meus “refinados” aposentos por dois dias inteiros. Eles me disseram que iriam me convocar quando estivessem preparados para mim. Minha porta não estava trancada. Isso parecia um teste. Mas não havia nenhuma preocupação de que eu fosse partir. Abri uma fresta da porta e dei uma espiada lá fora, mas eu não me atrevia a sair. A comida era trazida para mim em abundância. Mais roupas. Mais remédios. Mas ninguém veio para falar comigo — nem me ditar mais regras. A espera, as especulações e o fato de não poder fazer nada quase me levaram à loucura. *Convoquem-me, pelo amor dos deuses!* Minhas horas eram repletas de mil questionamentos. Quem tinha sido enforcado? Quantos haviam morrido? Como poderia haver um armazém de armas? Seria Gunner realmente o responsável por toda a carnificina? Será que ele havia chantageado a cidade para conseguir mais dinheiro enquanto deixava que Rybart a pilhasse?

Mas o juramento do *Patrei* era o juramento de sua família, e, por mais que eu odiasse Gunner, eu não conseguia acreditar que ele faria isso...

Mas ele era impulsivo. Ele havia mentido para a cidade e disse que a rainha estava vindo para cá.

Por outro lado, por mais que odiasse a ideia, ele de fato ajudou a reconstruir o assentamento. A promessa de Jase era a promessa dele também. E certamente Vairlyn nunca permitiria...

Era como se uma nuvem de gafanhotos se debatesse dentro da minha cabeça, os detalhes voando ao redor em uma bagunça desordenada. Eu não conseguia discernir a verdade. Eu buscava soluções, e um pensamento colidia com o outro. Por fim, apenas um pensamento se ergueu acima dos outros repetidas vezes — eu tinha que tirar Lydia e Nash das garras deles. Isso era o mais importante de tudo. Mas as minhas habilidades como ladra e soldada não tinham nada a me oferecer. Roubar um tigre ou até mesmo Beaufort era uma coisa, mas roubar duas crianças pequenas que estavam sob guarda pesada era outra completamente diferente. E para onde eu os levaria? A cidade estava apinhada de soldados inimigos. A torre da Vigília de Tor estava destruída e abandonada. E havia a possibilidade de que eles nem mesmo fossem vir comigo. Eu me lembrei das últimas e amargas palavras de Gunner e Priya. Será que eles haviam envenenado Lydia e Nash contra mim? Tudo apontava para o fracasso, e o fracasso carregava consigo um lado bastante negativo. Se eu conseguisse fazer com que uma mensagem chegasse até a rainha...

Mas a arena também havia sido tomada. *Comerciantes*. Eu poderia passar uma mensagem às escondidas para uma caravana de comerciantes. Mas quando? Eu estava sob regras estritas e guarda pesada, e até mesmo uma caravana de comerciantes poderia simpatizar com as ideias do rei, e então, se minha traição fosse descoberta...

Isso não viola nada. Está nos direitos dele.

Eu senti o mesmo pânico que havia sentido naquele dia em que cuspi no rosto da rainha, inútil, perdida, um pássaro cujas asas tinham sido arrancadas. O mundo que eu conhecia, no qual eu sabia navegar, havia desaparecido diante dos meus olhos. Eu tinha de seguir as regras que Banques havia me falado. Essa era a minha única opção.

Por piores que fossem o pânico e os questionamentos, às vezes parecia que eles eram tudo o que me salvava de algum outro tipo de loucura. *Jase*. Ele se fora. Esse era um pensamento esmagador que me atacaria inesperadamente e roubaria a pouca sanidade que eu tinha. Pensar em como eu poderia salvar Nash e Lydia era o que me permitia afastar a loucura.

Na terceira tarde, guardas bateram ruidosamente à minha porta e me disseram que o rei exigia a minha presença. Eu tinha sido convocada. Eles me disseram especificamente o que vestir. Minha mente estava a mil mais uma vez enquanto o Dentes Pretos e o Nariz Quebrado me escoltavam até uma outra ala da estalagem.

“Aqui”, disse o Nariz Quebrado, parando diante de uma porta aberta e me cutucando para entrar.

Havia muita coisa acontecendo nas câmaras do rei, como se preparativos de última hora estivessem sendo feitos. Um grupo de criadas nervosas pairava ao redor dele, ajustando sua bandoleira, amarrando os cadarços de suas botas, afivelando os peitorais de sua armadura, enchendo bainhas de facas e espadas. Ele parecia absorvido pela atenção, e eu achava que tudo isso era novo para ele. Mas estava claro que havia uma urgência também, uma pressa de fazer com que o rei apresentasse uma nova persona.

Ele virou a cabeça quando entrei no aposento. Fez um aceno com a mão, me chamando, e deu mais ordens para que as criadas me “preparassem”. Uma longa espada e uma adaga foram colocadas no meu próprio cinto. Não estavam preocupados com a possibilidade de que eu fosse usá-las. As consequências do menor movimento agressivo da minha parte já haviam sido claramente expressadas. Qualquer arma era inútil para mim. No entanto, notei que essas armas não estavam afiadas. Estavam bem cegas. Serviam mais para bater o pé de um tapete do que para perfurar alguém. Porém, quando embainhadas, certamente passavam a impressão de força.

“O que é que você está encarando?”, ele me perguntou, embora isso tivesse de estar óbvio. Ele vestia traje militar completo e suntuoso. A ombreira de couro preto reluzia com o polimento. “Não fique assim tão

surpresa. É claro que eu sou um soldado. Estive sob a tutela de Banques durante anos, e não é nenhum exagero dizer que ele é o melhor espadachim do continente.” Um fazendeiro sob a tutela de um espadachim? Durante anos?

Ele fez uma pausa para olhar para si mesmo em um espelho, puxando sua túnica e ajustando a faixa com as armas que cruzava seu peito. “E eu acho que é justo dizer também que agora o aluno superou o mestre.” Ele se virou para me olhar com expressão solene. “Eu sou o líder e protetor do meu reino. Preciso passar essa imagem com minhas vestimentas. Para inspirar confiança.”

Ele pintou um quadro imponente e impressionante. Sem dúvida alguma Synové — e talvez qualquer garota na Boca do Inferno — desmaitaria perante a transformação dele. Seus cabelos escuros estavam bem cortados e penteados, e apenas uma mecha caía para a frente, como se ele tivesse acabado de brandir uma espada. Suas bochechas reluziam com a barba recém-feita, e o peitoral de couro tinha um corte que acentuava seus ombros largos. Todos os detalhes transmitiam força, liderança e a mensagem de que esse era um rei adequado e capaz de liderar.

Eu não respondi e ele fez uma pausa por um instante, acenando para dispensar uma criada que estava cuidando dele. Deu um passo e se aproximou de mim. “Não sou o monstro que você acha que eu sou. Sou apenas um regente e tenho que dar ouvidos aos meus conselheiros. É para isso que eles são pagos.”

“Usar crianças como reféns é algo vil. Seus conselheiros são vis. E se você der ouvidos a eles, isso faz com que você também seja vil.”

“É bem fácil para alguém que está vendo as coisas de fora dizer uma coisa dessas. Palavras e acusações carregadas de arrogância são fáceis quando você não viu as pessoas morrerem, não? Você não governa um reino problemático, sitiado por saqueadores, onde decisões duras devem ser tomadas todos os dias — e eu tomei uma decisão. Algumas vezes, sacrifícios devem ser feitos para o bem maior.”

Eu não consegui me segurar e revirei os olhos intensamente. “Essa é outra pérola que seus bem pagos conselheiros vomitaram nos seus ouvidos?”

Seus cílios escuros se agitaram e os olhos se acenderam com fúria. “Sinto muito”, falei. “Machucar seu ego delicado conta também como transgressão? As crianças sofrerão por isso?”

Ele se aproximou mais de mim, o rosto a poucos centímetros do meu, o peito subindo e descendo. “Rybart atacou a cidade, pilhando-a e queimando, enquanto os Ballenger e seus devotos seguidores faziam chantagem com os habitantes, pedindo mais dinheiro para protegê-los. Esses são os fatos! E *eu* sou o rei da Eislândia.” Ele abaixou o tom de voz para que apenas eu pudesse ouvi-lo. “*Você mostrará respeito a mim*”, ele sibilou entre dentes cerrados. “*Está me entendendo?*”

Isso não era fingimento. O homem que havia, de forma cortês, puxado uma cadeira para mim apenas alguns dias atrás agora estava enfurecido. Ele havia entrado no papel de poderoso monarca de um jeito voraz.

“Sim, Vossa Majestade”, respondi com cautela. Naquele momento, olhando dentro dos olhos escuros dele, eu senti medo de que ferir seu ego pudesse ser o que mais importava. Eu geralmente era boa em julgar os temperamentos das pessoas, em saber simplesmente quão longe poderia forçar a barra com elas, mas esse rei parecia ser muitas pessoas diferentes, e eu não entendia sequer uma delas.

Ele desviou o olhar, apanhou um papel da mesa e o entregou a mim. “Toma, Banques preparou isso. É o que você lerá para a cidade. Palavra por palavra. Nós temos de partir em breve, antes que soe o último sino.”

As criadas entraram novamente em ação ali, como um enxame de abelhas, fazendo ajustes finais no uniforme dele. Uma moça o paparicava, tirando fios imaginários de sua roupa. Eu não tinha certeza se ela estava com medo dele ou completamente apaixonada, mas, quando ele se virou de costas, ela rapidamente arrumou os cabelos com os dedos e alisou o corpete de seu vestido, e minha pergunta foi respondida.

Quando ficou satisfeito com sua aparência, ele a enxotou, bem como as outras criadas, e me analisou — desde a espada, que estava pendurada na lateral do meu corpo, até o casaco de lã ajustado com o qual as criadas haviam me vestido. A inspeção foi lenta e mordaz. Por fim, assentiu com satisfação. “Sim, parece que você acabou de chegar a cavalo, talvez um pouco abatida por causa da jornada. Nós encheremos essas bochechas com uma saborosa celebração depois. Acredite em mim, é melhor assim. Vamos compartilhar as suas notícias.”

Ele puxou o capuz para cobrir a minha cabeça e pegou no meu braço com firmeza, mas de modo gentil, conduzindo-me até a porta, desempenhando o papel de um rei-soldado que conduzia a mensageira respeitada de uma monarca estrangeira para compartilhar a importante notícia da execução do *Patrei*. Uma nova era estava começando.



O séquito se reuniu na grande antessala da estalagem. Logo antes de aparecermos na rua para a procissão até a praça, fui empurrada para seguir adiante com Banques e dois soldados, enquanto o rei ficava para trás. Mais soldados preenchiam o espaço entre nós, mas eu avistei de relance Lydia e Nash sendo trazidos até ele. Nash foi correndo, feliz, para os braços do rei, que o ergueu, levando-o em seu quadril com um dos braços e segurando na mão de Lydia com o outro. O sorriso dela era mais reservado, mas estava ali, e, de alguma forma, me perfurou com um ciúme ardido. Ela deveria estar sorrindo para Jase. Oleez ficou de lado, um pouco afastada. Sorriu para o rei e eles trocaram algumas palavras aos sussurros. Ela evitava o meu olhar abrasador, embora eu soubesse que ela o sentia.

Banques gritou para que o séquito seguisse adiante, e foi o que fizemos, saindo pela porta da frente na Estalagem dos Ballenger. Dei uma espiada em Banques enquanto caminhávamos — o tutor do rei durante anos? O que mais ele lhe andou ensinando além das habilidades com a espada? No entanto, o que eu mais me perguntava era quem estava de fato no comando: o rei ou Banques?

Eu achava que sabia o que esperar, uma cidade confusa pela mudança repentina de poder. Uma cidade que se perguntava onde estaria seu *Patrei*. Uma cidade esperando que algo acontecesse. Qualquer coisa.

Mas já havia acontecido.

A primeira coisa que eu vi foram os estragos. Os destroços de um edifício que costumava abrigar um bar e residências estavam abandonados, com pedaços de madeira partida se projetando para fora como ossos quebrados. Um pouco mais adiante, uma cratera de uns dois metros e meio ocupava metade da rua calçada com pedras. Carroças faziam manobras em volta dela, fingindo que a cratera não estava ali.

No entanto, os estragos eram o de menos. Quando olhei para o alto, vi soldados posicionados lá em cima. Por toda parte. Eles enchiam os passadiços elevados e os telhados como se fossem aves de rapina, com seus mantos escuros ondeando ao vento. Quantos mercenários ele havia contratado? Onde foi que ele conseguiu dinheiro para isso? O poder me deixava impressionada.

Os soldados que estavam no chão portavam os tipos usuais de armas, espadas, alabardas e outras semelhantes, mas aqueles nos telhados ou passadiços elevados estavam equipados de forma diferente. Jogadas em cima de seus ombros, armas metálicas brilhavam, cada uma com pouco mais de um metro de comprimento. Eu nunca tinha visto nada como aquilo antes, mas estava certa de que aqueles eram os lançadores que Jase descrevera para mim. Da posição em que se encontravam, eles viam tudo — e estavam estrategicamente fora do alcance de qualquer um que pudesse tentar subjugar-los e se apropriar de suas formidáveis armas. Esta não era uma cidade que estava sendo protegida. Rybart e seus homens estavam mortos, ponto final. Agora, era uma cidade que tinha sido invadida, e esses soldados estavam ali para silenciar qualquer oposição.

Um desalento se infiltrava na cidade e pairava no ar. O céu estava cinza por causa do inverno. A geada embotava as janelas e as pedras dos calçamentos. Até mesmo as pessoas estavam cinzentas, com seus mantos apertados em volta de si, protegendo-as do frio, seus rostos encobertos por cachecóis, capuzes e chapéus, enquanto seguiam cuidando de seus negócios. Algumas cabeças se viraram quando eu passei, curiosas, mas incapazes de me ver direito sob o meu capuz.

Soou um sino. O último sino, cujo clangor fez meus dentes tremerem. As pessoas pararam o que estavam fazendo e se dirigiram até a praça. Por ordem do rei? Ou em razão de uma sede genuína por notícias? Algum tipo de esperança? A esperança que eu não teria como lhes dar.

Virei a esquina e fui detida pela vista do templo, um outro buraco imenso na cidade. Apenas a torre do sino e o altar permaneciam de pé, o resto eram escombros. As estátuas de santos quebradas encaravam o céu. O ar foi tirado à força de mim, e eu fiquei encarando os destroços, sem acreditar no que estava vendo. O templo tinha sido o belo ponto focal de toda a praça, com suas paredes de mármore lançando um brilho etéreo sobre tudo. Agora, em vez de um santuário, parecia uma passagem para o inferno. Jase havia me falado sobre o que seu lançador era capaz de fazer — e não era isso. A menos que Beaufort não tivesse sido honesto em relação ao que a arma podia fazer. E é claro que Beaufort não era honesto em relação a nada.

“O templo era um ninho de ratos para lealistas. Ele precisava desaparecer”, explicou Banques. “Ele será reconstruído quando o último deles se for.”

Eu fora tão consumida pela visão do templo que não vi o que estava acima de mim — não até Banques olhar de relance para cima. Eu segui a linha de visão dele e, de imediato, virei a cabeça e achei que fosse vomitar. Ele segurou o meu braço.

“Fique firme agora”, ele sussurrou. “Lembre-se de que você está sendo observada e de que é a mensageira que traz notícias de justiça.” Ele abaixou o tom de voz. “E, mais importante, lembre-se de quem caminha não muito longe atrás de você. Agora respire fundo e suba esses degraus com a cabeça erguida. Desempenhe seu papel de forma respeitável, como deveria ter feito, para começo de conversa.”

Meu estômago se revirava enquanto eu subia os degraus até uma plataforma voltada para a praça. Quando cheguei ao topo, fiquei surpresa ao encontrar Garvin ali parado. Seus olhos inspecionavam as ruas e os cidadãos que se aproximavam.

“Você está trabalhando para eles?”

Ele abaixou a cabeça, assentindo. “Nada pessoal. Outra pessoa está cobrindo o pagamento agora.”

“E isso é tudo de que você precisa? Um pagamento semanal?”

Ele deu de ombros. “São só negócios.”

“Imagino que eu deva esperar isso mesmo de alguém que vende tigres famintos a açougueiros.”

Ele abriu um largo sorriso. “Então você de fato me reconheceu depois de todos esses anos.” Ele assentia como se estivesse satisfeito por não ser tão passível de ser esquecido, afinal de contas.

“Eu mencionei o seu nome à rainha. Ela disse que foi uma pena que eu não tenha arrastado você de volta para lá também. Alguma coisa a ver com tentar cortar a garganta dela?”

Ele balançou a cabeça em negativa. “Aquilo também eram só negócios. Fui contratado para fazer um trabalho. Ela levou as coisas muito para o lado pessoal.”

Ele se virou novamente para as ruas que estava espiando. Procurando por quem? Pelos Ballenger que uma vez o haviam empregado? Eu tinha de resistir ao desejo de lançá-lo do parapeito.

Banques me cutucou para que eu seguisse em frente, e quando eu me virei, me deparei com pelo menos uma dúzia de corpos pendurados no alto de galhos de *tembris*. Tentei forçar a bÍlis que subia pela minha garganta a descer de volta. O corpo mais próximo do meu tinha uma coloração cinzenta, sua face coberta pela geada, pequenas gotas de gelo penduradas em seu queixo. Eu não o reconheci e comecei a desviar os olhos do restante, mas não exatamente a tempo. Um gosto salgado e enjoativo encheu a minha boca. Enforcado, logo depois dele, estava um corpo que eu reconhecia. Drake. Um dos *straza* de Jase. *É claro que ele era um lealista. O trabalho dele era ser leal!*

Examinei com minúcia os demais rostos, temendo quem mais eu poderia encontrar enforcado, mas tinha ainda mais medo de não olhar. Três corpos depois de Drake, eu reconheci mais um. Era a costureira que havia tirado minhas medidas para as roupas. Seus olhos ainda estavam abertos, sem nada ver. Afundei as unhas na palma da minha mão.

“Ela estava escondendo ativistas”, explicou-me Banques, como se isso justificasse seu enforcamento. “Nós damos a cada cidadão uma chance para cooperar e fazer o que é certo. Ela escolheu não fazer isso, o que a tornou uma cúmplice dos Ballenger e um perigo para outros cidadãos. Nosso trabalho é restabelecer a ordem e fazer com que todo mundo se sinta em segurança novamente.”

Eu me virei e olhei para ele. De novo sua voz, *familiar*. Cada sílaba fazia com que os pelos no meu pescoço ficassem eriçados. Eu o conhecia, mas não o conhecia. Ele continuou falando, apresentando todas as justificativas. Sua história era quase palavra por palavra igual a do rei, uma narrativa repetida, como uma savela trabalhando na madeira, aprofundando um sulco até se tornar uma verdade que eles mesmos construíram. *Estamos mantendo a cidade em segurança.*

Será que eles achavam que se tornaria verdade se eles repetissem isso com frequência o suficiente? Que eu seria enganada? Que isso lavaria o sangue das mãos deles?

“Isso não é jeito de proteger uma cidade”, falei. “Vocês não passam de oportunistas que estão aqui para abocanhar as riquezas da cidade.”

Ele acenou com a mão, dispensando a minha acusação. “Vamos apressar isso, vamos? Faz frio e está ficando tarde. As pessoas querem ir para casa. Não vamos deixar nossos bons cidadãos esperando.”

O rei foi subindo os degraus da plataforma atrás de nós, com Nash ainda em seus braços e Lydia ao seu lado. As crianças não pareciam nem mesmo notar os corpos enforcados, ou talvez já estivessem entorpecidos em relação a eles. Por quais horrores será que já haviam passado? Nenhum dos dois olhou na minha direção, como se tivessem sido instruídos a não fazer isso, ou talvez, antes que a cidade fosse sitiada, a família te-

nha feito com que eles soubessem que eu levei Jase embora. Talvez eles não tenham olhado para mim porque não suportariam me ver.

Os três foram para a extremidade oposta da plataforma, e o rei colocou Nash no chão bem à sua frente, repousando uma das mãos no ombro de Lydia. Ele abordou a multidão, dizendo que uma soldada de elite da rainha de Venda havia chegado com notícias que os ajudariam a seguir em frente, notícias que fechariam a porta dos tempos problemáticos pelos quais vinham passando. Tempos melhores viriam pela frente. Sua voz soava segura de si, o timbre era promissor, a expressão, genuína, com uma pequena ruga de preocupação se aprofundando entre as sobrancelhas, e então, com um movimento da mão, ele passou a palavra para mim, convidando-me a dar um passo à frente.

Banques indicou que eu deveria sair no passadiço elevado e ir até onde os cidadãos pudessem me ver melhor. As tábuas de madeira rangiam sob os meus pés. Quando cheguei ao centro, eu me virei e puxei o capuz para trás, para que eles pudessem me ver. Um murmúrio baixo ondulava em meio à multidão. *Aquela soldada. Aquela que pegou o Patrei.* Era possível que da última vez que eles me viram eu estivesse fazendo malabarismos com laranjas na feira, ou que estivesse beijando o *Patrei* na frente do boticário. Ou talvez tivessem me visto batendo nele com força lá na arena. Eu era um mistério para eles.

O vento chicoteava os meus cabelos, e o ar estava nevoento com a minha respiração. A cidade mal era a mesma que tinha sido apenas meses atrás, quando estivera cheia de cores, ruídos, luz e calidez. Agora, era um oceano entristecedor de longos mantos de lã. Cachecóis cobriam narizes e bocas, e apenas meras fendas de olhos estavam erguidas na minha direção. Seria por causa do clima rigoroso ou eles queriam ocultar suas identidades? Eu me perguntava quantos lealistas estariam ali em meio a eles, ainda esperando pelo retorno do *Patrei*. Eu vi o cansaço nos ombros caídos e a melancolia nos rostos abatidos. O papel que o rei havia me entregado tremia nas minhas mãos. Como eu poderia fazer isso? Contar mentiras sobre Jase? Contar essas mentiras na frente de Lydia e de Nash?

Eu voltei ao rei um último olhar de súplica. *Não faça isso com eles.* Ele mexeu levemente a cabeça para o lado, inexorável. E colocou uma das mãos no ombro de Nash, puxando-o mais para junto de si. Seria esse um gesto para confortar o menino ou um aviso para mim?

Voltei a olhar para a multidão. Li as palavras. “Cidadãos da Boca do Inferno, eu lhes trago notícias sobre Jase Ballenger.” Cada palavra flutuava no ar, irreal, falsa, impossível, e, ainda assim, elas saíam da minha boca. *Jase, eu preciso de você.* Isso não poderia estar acontecendo, mas estava. “O antigo *Patrei* de sua cidade não retornará”, continuei falando. “Ele foi preso e entregue à rainha de Venda e a um tribunal para ser julgado por seus crimes contra a Aliança dos Reinos. Ele foi considerado culpado por esse tribunal e sentenciado à morte por enforcamento. Eu

testemunhei sua confissão, suas preces aos deuses, pedindo perdão por seus crimes, e sua subsequente execução. Jase Ballenger está morto.”

Um gemido baixo e abafado veio à tona, impossível de saber exatamente de onde vinha, então um grito e alguém caiu de joelhos. Os soldados nos passadiços ergueram os lançadores, em prontidão. Os soldados que estavam no chão se aproximaram mais da multidão.

Banques fez um movimento, indicando que eu deveria prosseguir. Falei mais alto, tentando erguer minha voz acima do murmúrio. “O regente verdadeiro e de direito da Boca do Inferno, o rei Montegue, está restaurando a ordem e trabalhando para tornar a Boca do Inferno um lugar ainda mais incrível do que algum dia já foi. Tanto eu quanto a Aliança pedimos com urgência que vocês o ajudem a manter sua cidade em segurança, entregando os traidores. Como vocês podem ver, inocentes não sofrerão sob a regência dele.”

Fiz uma pausa e olhei na direção de Nash e Lydia, e para os guardas armados que estavam tão perto deles. O rei assentiu para que eu continuasse falando. “Apenas os culpados, que colocaram todos vocês em risco, sofrerão penalidades”, falei. “Se souberem de qualquer outro Ballenger ou simpatizantes que estejam se escondendo, ordenamos que os entreguem ou vocês correrão o risco de ser acusados de crimes contra os reinos. Chegou a hora de a Boca do Inferno seguir em frente e abraçar um futuro novo e promissor.”

Seguiu-se uma calma notável, uma imobilidade se assentava sobre a praça, e então uma voz gritou: “*Assassina!*”.

Quase ao mesmo tempo, alguma coisa me atingiu e minha cabeça explodiu com a dor. Eu caí para trás, me segurando no parapeito. Uma pedra saiu rolando sobre as tábuas do chão.

Seguiram-se mais gritos e então um silêncio ressonante enquanto a multidão se mexia, absorvendo quem quer que houvesse gritado. Soldados avançaram, tentando encontrar os perpetradores, porém, em um oceano fluido de cinza, eles ficaram perdidos conforme a multidão se dispersava.

Ergui a mão e senti a minha cabeça, e ao recolhê-la dali, havia sangue nos meus dedos. Olhei para trás, para Lydia e Nash, cujos rostos estavam inexpressivos. Qualquer emoção ligada à notícia que eu tinha entregado estava enterrada embaixo de alguma armadura rígida que eles nunca haviam usado antes. O rei ergueu Nash novamente e puxou Lydia para perto de si, dizendo que estava na hora de ir. Nash aninhou a cabeça no ombro do rei, mas seu olhar se voltou para a minha direção. O anseio em seus olhos entalhava um buraco nas minhas entranhas. Seria sede de vingança o que eu vi? O fogo no olhar dele fazia-o parecer exatamente com Jase. Fiquei observando enquanto todos eles iam embora, descendo a escada, bem juntos. Em momento algum Lydia olhou na minha direção, mas eu sabia que ela não havia perdido nada do que acontecera. Ela ouviu o que eu disse sobre o irmão.

Banques me entregou um lenço para limpar o machucado na minha cabeça. “Muito bem. Acredite ou não, as coisas se saíram surpreendentemente bem. Pode ser que haja um lugar para você neste reino, no fim das contas. O *Patrei* e toda sua família de foras da lei logo serão esquecidos.”

Fiquei encarando-o enquanto pressionava o tecido na minha têmpora e imaginava como eu o mataria. Havia modos lentos de fazer isso. Ében os descrevera para nós em noites escuras em volta de uma fogueira. Modos que os Rahtan não eram mais autorizados a utilizar. Modos que ele havia aprendido com o Komizar e que eram bem mais lentos do que matar utilizando um garfo. Modos que eu nunca havia sequer sonhado em usar antes, por julgá-los depravados. Eu já não os julgava dessa maneira.

Estou com o olhar fixo nas lanças. Desmanchamos os estrados das camas e afiamos suas extremidades. Lancei um deles hoje, pelo portão, para cima de um abutre que gritava. Eu me sinto mais forte e poderoso. Eu não o acertei e ele pegou a lança e saiu correndo. Agora ele tem uma lança que pode usar contra mim. Acho que a mira dele é melhor do que a minha.

— Greyson, 15 anos —

CAPÍTULO 17

J A S E

EU ME SENTEI NA BEIRADA DO COLCHÃO DE PALHA, PREPARADO para me levantar pela primeira vez. Era uma meta.

“Não seja um bebezinho”, Kerry me deu uma bronca. “Pare de fazer careta. Você quer se levantar e ir urinar sozinho ou não?”

Eu queria. Eu me forcei a não fazer careta. “Melhor assim?” Ele soltou uma bufada. Kerry havia se tornado meio que uma babá para mim, sentando-se comigo, me dando comida — e regularmente me dando broncas. Ele não demonstrava nenhuma misericórdia. Às vezes eu me perguntava se isso seria sua vingança pelos buracos para as estacas que eu o fizera cavar. Quatro dias atrás, ele começou a me dar pesos para levantar, para que eu recuperasse a minha força. Os sacos de batatas que ele me dava não pesavam mais do que uns dois quilos cada, mas o esforço de erguê-los me fazia sentir uma queimação que ia até a coxa, onde uma das flechas havia ficado presa. Meus braços tremiam conforme eu os erguia. *Você está virando um molenga*, ele dissera, me censurando, enquanto apertava meu braço. Se Caemus estivesse por perto e ouvisse isso, ele dizia: *Deixe-o em paz. Ele está se saindo bem*, de forma muito mais empática do que o meu cuidador. Mas eu estava frustrado com o meu progresso, e, de alguma forma, eu apreciava meu implacável capataz. Eu tinha de sair daqui e encontrar Kazi. Se eles a mantinham prisioneira...

Isso era algo em que eu não podia me permitir pensar por tanto tempo assim, mas ainda não havia nenhuma notícia a respeito. Por fim, Caemus havia se arriscado a ir até a cidade — talvez apenas para me impedir de ir rastejando até lá. Com soldados em todos os cantos, ele teve de manter erguido o capuz do manto, manter a cabeça baixa e falar pouco, mas, ainda assim, não havia nenhuma notícia nem qualquer sinal dela. Nem da minha família. Perguntei o que de fato ele havia visto, e ele disse que nada além de soldados com ares sombrios e, até onde as notícias iam, parecia que todo mundo estava de bico bem fechado e com medo de falar. A cidade havia ficado quieta, de um jeito não usual. Ele estava receoso para tentar sondar, com medo de chamar atenção, mas ouviu um comerciante resmungar que Paxton e Truko estavam administrando a arena agora.

Foi como se eu tivesse sido atingido por uma outra flecha. Eu não deveria ter ficado surpreso. Nós sabíamos que alguém estava nos desafiando, e eu sempre havia suspeitado de que uma das ligas estivesse por trás dos incêndios e das incursões. Porém, agora eles tinham nomes. Eu nunca pensei que eles conseguiriam fazer algo desse tipo, nem mesmo que

tentariam. Sim, eles resmungavam. Nós resmungávamos. Mas todos nós ganhávamos dinheiro e havíamos caído em uma confortável — ainda que espinhosa — rotina em nossas transações, até que eles começaram a trabalhar com Beaufort. Os próprios Ballenger haviam financiado essa tomada de poder. Zane deve ter sido o intermediário deles. Por quanto tempo eles vinham planejando isso? Eu mataria tanto Paxton quanto Truko se eles fizessem algum mal a Kazi. E suas mortes não seriam rápidas. Eu não precisava de uma arma poderosa para...

A descrição de Caemus me fez parar. Eu me lembrava dele dizendo que um único tiro havia derrubado a nave do templo. Será que ele estava enganado? *Um?* O lançador que eu tinha testado era potente. Ele poderia derrubar um homem com precisão a uma distância de duzentos metros, provavelmente três homens, se estivessem perto uns dos outros, mas um tiro não poderia trazer um templo abaixo. Eu me lembrei da destruição no Vale do Sentinela e de Beaufort se gabando sobre o domínio dos reinos. Será que a Boca do Inferno seria o ponto de partida para a campanha dele? As histórias dos Ballenger descreviam detalhadamente os destroços a partir dos quais a cidade havia sido feita. Séculos de reconstrução transformaram as ruínas na maravilha que ela era hoje, mas será que alguém como Beaufort e seus conspiradores poderiam tomar a cidade como refém e fazer com que voltasse a ser uma pilha de destroços como antigamente? E havia um exército para realizar os planos dele. Essa parte ainda era algo que não fazia sentido para mim.

“Preparado?”, perguntou Kerry, entregando-me uma muleta que fizera para mim.

Eu tinha levado mais de uma semana para chegar ao ponto de conseguir me sentar. Não estava vestindo camisa, mas tinha bandagens envolvendo a parte de cima do meu corpo. Paxton e sua trupe estavam determinados a me matar.

“Aguenta aí que eu vou ajudar você a ficar em pé.” Usei a muleta como apoio, e Kerry enfiou os dedos sob uma bandagem e puxou. Com a pressão, parecia que havia um boi sentado no meu peito. Cerrei os dentes.

“Kerry! O que você acha que está fazendo?!”, gritou Jurga. Ela ficou paralisada no meio dos degraus da adega. Nós dois estávamos encençados.

“Ele tem que se levantar mais cedo ou mais tarde.”

“Ele está certo”, eu falei, vindo em sua defesa. “Tenho de recuperar as minhas forças.” As palavras jorravam de mim então, palavras que eu nem mesmo sabia quais eram. Palavras cheias de desespero saíam embaralhadas, uma depois da outra. “Kazi está sozinha, talvez esteja ferida, eles a estão mantendo presa, minha família está se escondendo, a cidade foi tomada, e quando eles todos mais precisam de mim, estou aqui, impotente. Eu tenho de ficar mais forte. Tenho de ir.”

Jurga me ouviu de olhos arregalados. Eu me senti como uma criança implorando pelo impossível, mesmo sabendo que não era algo que Jurga ou Kerry pudessem me dar.

Pisquei, tentando desanuviar a visão. “Tenho de encontrá-la.”

Jurga ficou me encarando com os lábios franzidos como se tivesse chupado um limão, e então ela voltou um olhar longo e endurecido para Kerry. “Vamos, ajude-me a fazer com que ele suba esses degraus. Um pouco de luz do sol vai fazer bem a ele.”

Nos primeiros dias, em momento algum eu fui mais longe do que o abrigo que servia de armazém, sempre preparado para me retirar e entrar ao menor sinal dos cavaleiros, mas isso jamais aconteceu. Era como se eles tivessem parado de procurar por mim, o que provavelmente queria dizer que me julgavam morto.

Não era apenas Kerry que me ajudava em minhas caminhadas. Os outros se alternavam também, andando comigo em círculos em volta do abrigo e me ajudando a sentar em um banco quando eu precisava descansar. Por fim eles me levaram um pouco mais adiante para ver suas casas terminadas, que eu nunca tinha chegado a ver. Eles me mostraram as fundações erguidas, os pisos de madeira que nunca tiveram antes, os suprimentos que enchiam suas prateleiras. Eles me convidaram a entrar, me deram comida, adicionaram ossos à corda que agora eu também usava, como eles. *Meunter ijotande*, eles diziam. Nunca esquecido. Dia após dia, aprendi mais do idioma deles. Fiquei envergonhado por um dia ter protestado contra a reconstrução do assentamento, e fiquei feliz com o dinheiro extra e o trabalho que havíamos investido nisso. Feliz por meu juramento de sangue e pela caridade. Havia muita coisa que eu não sabia na época e que agora sabia. Coisas que eu nunca chegaria a saber se não fosse por Kazi.

“Mais uma vez”, ordenou Kerry. Os olhos dele cintilavam. Ele adorava me ver sofrendo, mas eu estava ficando mais forte. Ele fazia com que eu erguesse baldes de água agora — cheios apenas pela metade —, mas pelo menos a dor no meu abdômen havia se tornado tolerável, ou talvez eu apenas estivesse me acostumando. Quanto tempo mais se passaria antes que eu estivesse preparado para partir? Eu sabia que não haveria uma segunda chance. Tinha de fazer isso direito da primeira vez. Tinha de ser forte o bastante para fazer o que eu precisava fazer. Transformei a minha frustração em trabalho — mais exercícios, mais comida, mais caminhadas.

Quando terminávamos meu plano diário de exercícios, geralmente eu me sentava em um banco ao sol e lia para Kerry. O professor que havíamos enviado trouxera livros, alguns deles cheios de lendas de mundos distantes da torre da Vigília de Tor, mas aqueles de que ele mais gostava eram os que contavam a história dos Ballenger e de Greyson, que não

passava de uma criança quando lhe foi conferida a tarefa de manter todo mundo em segurança. Os olhos de Kerry brilhavam com admiração e intensa curiosidade, talvez da forma como os meus haviam brilhado da primeira vez que meu pai me contou essas histórias. Eu não as embelezei. Não precisava fazer isso. A verdade era incrível o bastante.

“Como é que você conhece todas essas histórias?”, ele perguntou.

“Eu as transcrevi — todas elas. Eram parte da minha educação. Eu tenho toda uma biblioteca cheia de histórias dos Ballenger em casa. Algum dia eu mostro a você.”

Casa. Se é que ainda estava lá.

Se é que ainda havia alguma coisa lá.

Quem escreverá a nossa história, Jase?

Nós a escreveremos, Kazi. E ela terá mil volumes. Nós temos uma vida inteira pela frente.

Na noite passada, mais daquela névoa havia se retraído. Um vislumbre. Um punho indo em direção à barriga de Kazi — mas havia um lampejo de luz também. O que era aquilo? Eu não conseguia parar de me preocupar com o que não tinha visto e com o que não sabia.

“Eu vou junto quando você for atrás dela”, disse Kerry, como se ele soubesse aonde minha mente tinha ido parar. Ele ergueu o queixo, atrevido e determinado. Destemido. Seus dedos, distraídos, esfregavam o braço cheio de cicatrizes. Quaisquer monstros que estivessem lá fora, eu achava que eles não poderiam ser piores do que aqueles que ele já havia encarado. Não era de se admirar que ele gostasse de ouvir as histórias sobre Greyson. Como o primeiro *Patrei*, Kerry não deixava que sua tenra idade o impedisse de fazer aquilo que precisava ser feito.

“Veremos”, foi a minha resposta.

Eu tinha um exército de duas pessoas, e uma delas era uma criança de sete anos de idade.

CAPÍTULO 18

K A Z I

ANOS ATRÁS, QUANDO ROUBEI O TIGRE, FOI NECESSÁRIO empregar uma tática diferente da que eu usava nos meus outros roubos. Precisei de ajuda e tive de ir atrás dos favores de muitos. É claro que me certifiquei de que ninguém jamais viesse a saber a qual propósito o favor serviria — era importante que ninguém fosse implicado no roubo —, mas eu sabia que muitos imaginavam. Foi assim que começaram os sussurros. *Foi a Dez. A Dez roubou o tigre.* E então outros zombavam da ideia. *Aquele fiapo de menina roubar um tigre? Ela não passaria de um aperitivo na barriga da fera a essa altura. Além disso, por que ela faria uma coisa dessas?* E outros ainda teciam especulações sobre culpados mais malevolentes. *Disseram que um círculo de poeira do diabo foi encontrado no abrigo onde estava o animal. Um demônio comeu a fera inteira.*

Realizar subornos para conseguir sair com o tigre era a prioridade. Conseguir a confiança do animal acabou sendo a parte mais fácil. Lá pela quarta tarde, o nariz dele se contorcia ao me ver chegando com um pedaço de carne enfiada em uma bola de massa. No entanto, todas as outras etapas — desde atrair carroças e provocar brigas para distrair, até os pesados elixires para dormir e a poeira preta do diabo — se multiplicavam, uma atrás da outra. *Troque isso por aquilo, e aquilo por isso, e então alguém decidia que não era o bastante e que precisava de mais.* Às vezes eu tinha de fazer trocas com pessoas que eu desprezava, sorrindo e pulando através de seus aros infinitos. Eu passei por isso tudo sempre me lembrando do objetivo final, para onde aquilo me levaria — para uma fera acorrentada com assombrosos olhos cor de âmbar.

Acabei escondendo o tigre bem debaixo do nariz do açougueiro em um depósito atrás de sua loja, ao qual ele ia somente uma vez por semana para afiar seus cutelos e facas. Era o único jeito. E então voltei e raptei o animal no meio da noite, assim que as ruas ficaram desertas. Uma distração planejada atraiu a atenção do açougueiro para longe dali — junto com a maior parte da *jehendra* — por não mais do que meio minuto. Ele havia se afastado apenas alguns passos de sua loja, mas aquilo era tudo de que eu precisava. Foi na rota de escape que eu passei mais tempo trabalhando, encontrando as ruas mais escuras, e com certeza mais desertas, os lugares que me proveriam algum esconderijo se fosse necessário, e finalmente andando em uma rota por sete noites seguidas para ter certeza de que ela não continha nenhuma surpresa, algo que pudesse alarmar um tigre e fazer com que ele rugisse.

Hoje, em momento algum meus olhos pararam de analisar as ruas, as árvores, as sombras, mas eu apenas sentia meus ânimos afundarem cada

vez mais a cada passo que dava. Não havia suborno que fosse o bastante, nem favores no mundo que ajudariam a me esquivar dos soldados que estavam em todas as ruas e em todos os telhados. Isso sem falar que eu não tinha favores a oferecer em troca, e, o mais importante de tudo, ninguém *a quem* oferecer favores. Exceto, talvez, a pessoa que havia me entregado o remédio na minha cela em segredo, mas até mesmo esse alguém estava com medo demais para se mostrar a mim.

Assim que retornamos à estalagem, cuidaram do ferimento na minha cabeça, e depois fui escoltada até a sala de jantar particular para o jantar “comemorativo” que o rei havia prometido. Aparentemente, ele concordava com Banques que eu havia me saído bem na apresentação das notícias. Parecia que uma pedra jogada na minha cabeça não importava muito para eles, nem a dor ressoante entre os meus ouvidos, mas talvez as abordagens anteriores houvessem atraído uma torrente de pedras. Em termos comparativos, meu machucado era trivial — ou talvez o ponto daquilo seria direcionar a fúria para cima de outra pessoa... Eu. Nesse caso, eu achava que o dia tinha sido um sucesso estrondoso. A palavra *assassina* ainda me corroía, e as coisas que eu havia falado sobre Jase permaneciam como sujeira na minha boca, mas eu não tivera escolha. Faria isso de novo, e, sem dúvida, Banques tinha planos para mais dessas abordagens até que o restante da resistência fosse abafado.

Os mesmos sentimentos positivos em relação ao dia foram repetidos pelos convidados. Nenhum deles parecia achar que cadáveres pendurados em árvores no meio da praça da cidade fossem algo com que se incomodar. Eu não reconheci nenhum dos convidados nesse jantar íntimo e me perguntava se eles teriam vindo de Parsuss — os próprios seguidores leais do rei — ou se seriam cidadãos da Boca do Inferno que viravam a casaca de acordo com quem estivesse no poder, com tanta facilidade quanto Garvin o fez.

Todos aqueles que estavam sentados à longa mesa bajulavam o rei e Banques, tratando-os como se eles fossem verdadeiros salvadores da pátria. As quatro mulheres estavam vestidas com elegância, como se estivessem em uma grande festa, com seus rostos pintados com pós como eu nunca havia visto antes, seus pescoços e pulsos adornados com joias reluzentes. A sala era o paraíso de um ladrão — se as regras não tivessem de ser obedecidas.

Todos os convidados sorriam e se agarravam a cada palavra que jorrava da boca de Montegue. Lá pelo meio do jantar, uma das mulheres, que já estava bêbada demais, dançou em volta da mesa e convenientemente caiu no colo dele. Seus cabelos, penteados e presos no alto da cabeça, soltaram-se e mais bajulações se seguiram. *Vossa Majestade* isso, *Vossa Majestade* aquilo, e então seguia-se um pedido de desculpas com um balbuciar dissimulado e um beijo prolongado nos lábios dele. Ele absorveu o beijo como se fosse uma esponja seca, com os lábios presos nos dela por um bom meio minuto, as mãos indo parar nos quadris, até

que Banques por fim pigarreou, lembrando-lhes de que nós todos estávamos ali vendo o desenrolar daquela cena.

Durante todo o jantar, Montegue olhara de relance para mim várias vezes, e não sei ao certo o que ele estava esperando com isso. Que eu me juntasse às adulações? Considerei a possibilidade. Em algum momento, eu sabia que tinha de voltar atrás e ganhar a confiança dele, fingir que tinha sido convencida e que estava pronta para assumir “um lugar” neste novo reino, como Banques dissera. Fingir que eu era uma das admiradoras de Montegue. Eu sabia como fazer isso. Era minha especialidade. Até mesmo os desconfiados não eram imunes à bajulação — porque, afinal de contas, eles a mereciam. Tudo isso tinha a ver com fazê-los acreditar, mas o momento tinha de ser bem calculado. Era uma questão delicada que devia ser levada a cabo suavemente, como deslizar uma faca afiada sob a fina pele de um peixe para separá-la da carne. E eu não estava me sentindo delicada nem suave neste instante. Pelo contrário, eu era uma mistura miserável de hesitação e dúvidas quanto ao que deveria fazer.

Por que agora era tão diferente? Eu me lembrava de ficar tremendo de medo da primeira vez que travei contato com um lorde de quadrante, certa de que o roubo que eu pretendia fazer reluzia nos meus olhos. Eu tivera de travar os joelhos para impedi-los de tremer. O lorde de quadrante era gigantesco, poderoso e intimidador, e eu não era nada disso, apenas um repulsivo inseto de seis anos de idade a ser esmagado e esquecido. Porém, eu não havia deixado que isso me impedisse de agir. A fome já havia criado uma coisa afiada dentro de mim. Apesar do meu medo e dos joelhos trêmulos, eu havia encontrado uma forma de desarmar as suspeitas dele e cair fora dali com dois figos suculentos. Ergui o olhar rapidamente para Banques e Montegue. *Pense neles como lordes de quadrantes, Kazi. Brinque com eles. Alimente seus egos. Ganhe sua confiança. Jogue iscas e então os faça cair na rede como peixes desprevenidos.*

E, em seguida, corte suas gargantas.

Mas esse jogo tinha um risco diferente. Naquela época, eu só tinha a mim mesma a perder. Talvez fosse isso o que me fazia ser atrevida. Agora eu estava jogando por muito mais do que a vida de uma criança suja de rua. Eu estava jogando pela liberdade de Lydia e de Nash — e por suas vidas. Eu estava jogando por Jase e pelas promessas que eu fizera a ele, e, por tabela, por sua família. O juramento de sangue dele era meu também. E eu ainda tinha um outro juramento — à rainha. Encontrar os papéis e destruí-los. *Você consegue lidar com tudo isso agora, não consegue, Kazi? É só não derrubar nenhuma laranja. Nem mesmo uma, ou já era.*

Uma onda de risadas irrompeu ao redor da mesa. Aparentemente, Montegue disse alguma coisa bem divertida, e eu tinha perdido.

Eu estava falhando de forma miserável. Mais um olhar de relance da parte dele. Havia um brilho de expectativa em seus olhos. Será que eu o estava envergonhando com o meu silêncio? *Seja servil, Kazi. Sorria. Faça malabarismos. Elogie o infeliz. Faça com que ele acredite em você. Você consegue fazer isso mais uma vez.*

Fiz uma busca na minha mente, tentando pensar em qualquer coisa, por menor que fosse, para acrescentar à conversa, a primeira semente a ser plantada, mas apenas o ódio vinha à tona.

Que jeito criativo de usar as tembris, Vossa Majestade. Como foi que conseguiu amarrar todas aquelas cordas naqueles galhos tão altos?

Belo trabalho na demolição do templo.

Tão conveniente que os cadáveres não estejam fedendo ainda. Acho que o tempo frio ajuda. Os deuses devem estar do seu lado.

“O cozido está muito bom”, comentei. “Parabéns para o chef.” O tintilar de cristal e as risadas ao redor da mesa pararam subitamente. Essas foram as primeiras palavras que eu havia falado. Travei contato visual com Montegue. “E parabéns à Vossa Majestade por escolher um cardápio tão refinado.” Eu sabia que isso era patético. Não estava no meu momento mais suave e lisonjeiro, eu tinha de me sair melhor do que isso.

O elogio pareceu acabar com sua concentração. Depois de alguns minutos, ele se reclinou e colocou o guardanapo ao lado do prato, uma vez terminada a refeição.

Quando as tolices em volta da mesa de jantar começaram a ficar entediadas, o rei anunciou que havíamos acabado e que sairíamos para ir até a arena. Trouxeram uma carruagem, pois o início da noite estava frio. Nós incluía Banques. Oleez e as crianças foram chamadas para que saíssem de seus quartos e viessem se juntar a nós. Aonde quer que ele fosse, elas iam também.



“O que você acha disso?” O doce aroma terroso do vinho estava no hálito dele. Seus cabelos estavam desmazelados, e seus olhos, vidrados.

Estávamos só nós dois no aposento dos Ballenger. Ele havia dispensado Banques, Oleez e as crianças para dar uma olhada em alguns outros aposentos que havia adquirido. Ele andava lentamente pelos arredores com uma taça de vinho em uma mão e passando a outra pelos pilares de mármore, espiando os tetos altos e os lustres. Suas botas faziam barulho, desde o calcanhar até a ponta do pé, de forma deliberada nos pisos polidos, como se com isso estivesse demarcando sua propriedade. “Bem mais elegante e adequado para um rei do que a estalagem”, ele ponderou. “E bem mais seguro também. Vou mandar reformarem os quartos de dormir e depois nós nos mudaremos para cá.”

Nós. Eu não sabia o que aquilo queria dizer.

Quando eu não respondi, ele fez uma pausa na inspeção das cortinas e virou o rosto para mim. “Você ainda está chateada por causa das crian-

ças? Eu juro que pedi a elas, mesmo, mas elas continuam se recusando a falar com você.”

“Se apenas você me permitir...”

“Pedirei novamente amanhã. Talvez elas tenham mudado de ideia, mas receio que os Ballenger as tenham envenenado contra você. Você precisa dar a elas o tempo de que precisam. São apenas crianças.”

A preocupação dele parecia genuína, e, ainda assim, ele as usava como vantagem contra mim? Eu me perguntava se a ameaça de machucá-las seria uma furada, inventada por Banques para me fazer aquiescer. “Você realmente as mataria se eu saísse da linha?”

Ele ergueu as sobrancelhas com interesse. “Você está planejando sair da linha?”

“Não.”

“Então a pergunta é desnecessária, não é?”

“Talvez, mas é uma pressão terrível viver minuto após minuto com medo de que eu possa fazer alguma coisa sem querer que possa lhes fazer mal.”

Ele abriu um largo sorriso como se estivesse se divertindo, deixou a cortina de brocado deslizar tranquilamente de suas mãos e virou-se para me encarar. “Os Rahtan são muito bem treinados, creio eu, e você não me parece o tipo de pessoa que faz alguma coisa *sem querer*. Tenho certeza de que você não tem com o que se preocupar.”

“Mas eu me preocupo.”

“Você, de fato, ameaçou me matar, lembra?”

“Com um garfo.”

O sorriso que havia torcido o canto da boca dele agora iluminava seus olhos. “Garfo com o qual você afirmou ter muitas habilidades.”

“Não vou negar”, respondi, alegre, para alimentar sua diversão.

Ele sorveu um gole de sua taça e deu de ombros. “Eu provei o meu ponto.” Ele foi andando até a janela e parou ao meu lado, colocando a taça sobre o peitoril de mármore. “Sinto muito pelo que aconteceu com a sua cabeça hoje. Foi um sujeito impertinente e perturbado. Ele será encontrado.”

“E enforcado?”

“Caberá a Banques decidir isso.”

“Você assume a responsabilidade por alguma coisa? Você é o rei.”

Ele não me respondeu, mas talvez aquilo fosse o bastante para uma resposta. Ele se inclinou para a frente, olhando para a arena iluminada com tochas tremeluzentes — mais uma parte de seu novo domínio.

“No fim da semana vamos à torre da Vigília de Tor”, ele disse. “Eu quero que você fale com os Ballenger. Que os convença a sair.”

“Falar através da porta das catacumbas? Eles não conseguirão ouvir nada através dela.”

“Mas...”

“Eu vi o lugar. A porta das catacumbas tem um metro e meio de espessura e é feita de aço sólido, cercada de rochas também sólidas. Nem mesmo um fantasma pode passar por ela.”

“Tem de haver um jeito. Como é que eles conseguem ar fresco por lá?”

Eu não sabia quanto conhecimento ele tinha das coisas por lá, mas eu me lembrava de uma das regras: *se em algum momento você mentir para o rei*. Eu evitava mentiras e escolhia as minhas verdades frugalmente.

“Há um sistema de ventilação que foi criado pelos Antigos. Não me disseram como funciona. Fiz apenas um passeio curto por lá.”

Ele se virou e olhou para mim, estreitando os olhos. “Um passeio com o *Patrei*?”

Havia um ressentimento em seu tom de voz, como se Jase tivesse usurpado um direito pessoal dele.

“Sim”, respondi.

Ele demorou um bom tempo para absorver uma informação tão pequena. “E quanto a alguma outra forma de sair de lá?”, ele perguntou, por fim. “Há uma outra porta?”

“Não, eu não...” As palavras de Jase passaram pela minha cabeça inesperadamente. *Toda boa fortaleza tem mais de uma saída. Caso contrário, poderíamos ficar presos dentro dela*. Por que eu não tinha pensado nisso antes? Seria possível que a sabedoria de Jase se aplicasse a catacumbas construídas pelos Antigos? Talvez fosse lá que ele a tivesse adquirido.

“Em momento algum eu vi outra porta”, respondi. O que era verdade, mas como eles estavam conseguindo comida? Estavam presos lá havia mais de um mês. O buraco no teto da caverna que Jase chamava de estufa ficava uns trinta metros acima. Algumas coisas, como ursos candok e cobras, às vezes caíam por lá, mas nada saía. Será que eles estavam coletando provisões como fizeram os primeiros Ballenger, encarando quaisquer animais que caíssem lá dentro? E talvez os comendo?

Ele se afastou da janela, sorvendo o último gole de seu vinho. Uma linha raivosa marcava o meio de suas sobrancelhas. “Eles não podem ficar lá dentro para sempre. Terão de sair de lá em algum momento.”

Ele se movimentou desajeitadamente, pousando a taça, e depois se virou de forma repentina, pressionando as mãos na parede ao meu redor, prendendo-me entre seus braços. Ele olhou para mim, e eu não sabia ao certo se queria me beijar ou me matar. Seus olhos ardiavam com um fogo que eu não conseguia interpretar. Eu quase conseguia ver uma batalha sendo travada na cabeça dele. *Mantenha e defenda sua posição. Pisque por último, Kazi*. Meu coração batia acelerado, mas eu retribuí o olhar, esperando para ver o que ele iria fazer.

Ele se inclinou mais para perto de mim. “Estou um pouco confuso em relação a você e o *Patrei*”, ele disse. “Da última vez que eu vi vocês dois na arena, você deu um soco no rosto dele e não se deteve. Ele tinha

sangue escorrendo pela boca. Aquilo não foi uma querela de amantes. Você parecia querer matá-lo. E então, pelo que eu entendi, você o prendeu em um conflito muito violento. Mas sua reação ao ficar sabendo da morte dele parecia indicar que você gostava dele...? Afinal, qual era exatamente o seu verdadeiro relacionamento com o *Patri*?”

Nosso verdadeiro relacionamento? Fiz um esforço para impedir que o pânico se estampasse no meu rosto. Se ele soubesse da verdade entre mim e Jase, quem e o que realmente éramos um para o outro, ele me jogaria de volta em uma cela e nunca mais me deixaria sair de lá.

Minha cabeça doía enquanto eu tentava bloquear os pensamentos sobre Jase, aterrorizada com a possibilidade de que tudo ficasse claramente visível nos meus olhos.

Montegue avançou, de modo que suas coxas tocaram as minhas. O calor irradiava de seu corpo. “Ou talvez você mesma esteja indecisa quanto a isso?”

Tentei me lembrar de tudo que ele poderia ter visto, e também do que os outros poderiam ter lhe contado — especialmente Garvin e Paxton. “Fiquei um tempo com ele por necessidade. Era o único jeito de entrar na torre da Vigília de Tor.”

Ele inclinou levemente o rosto, aproximando-se mais de mim, seus olhos escurecidos me engoliam. “Então você o estava usando?”

“Era o meu trabalho. Não me arrependo disso.”

“Uma Rahtan leal. E isso era tudo?”

“Ele foi um passatempo interessante enquanto eu procurava por Beaufort.”

“Mas então, de forma valente, você tentou salvá-lo, até mesmo arriscando a própria vida.”

Alguém vinha reportando todos os meus movimentos a ele. Como eu não poderia contar por que havia arriscado tudo para salvar Jase, eu abracei a mentira, deixando que ela se tornasse parte de mim, plena e completamente, um juramento escrito com sangue. Deixei que a fúria cintilasse como fogo em meus olhos.

“Eu fui encarregada por uma rainha muito enfurecida de retornar com o *Patri* ao seu lar”, falei irritada. Afastei o braço dele, libertando-me. Fui trotando até o aparador e me servi da taça de vinho que havia recusado antes, então me virei rapidamente para encará-lo. “Eu não estava feliz com a nossa jornada de retorno para cá”, falei, com meu tom cheio de ressentimento. “O *Patri* jogava isso na minha cara o tempo todo durante a viagem. Ele parecia achar infinitamente divertido que eu tivesse levado uma bronca da minha própria rainha e me lembrava de que eu havia passado dos limites. Com frequência. Eu estava a poucos *minutos* de realizar a minha missão e de me livrar dele de uma vez por todas quando fomos atacados. É claro que lutei valentemente por ele! Se eu falhasse na minha missão...” Olhei para baixo, a fim de causar mais efeito.

“Se você falhasse, o que aconteceria?”, ele me perguntou.

Cada vez que eu engolia, cada lampejo em meus olhos, tudo era um pedaço de informação. Cada palavra e o tom usado nelas importavam. Tudo girava. Os olhos dele estavam cravados em mim, esquecendo-se do resto do mundo. *Demore o quanto for necessário, Kazi. Ele está esperando. Observando. Nadando mais para perto.*

“Se eu falhasse, poderia muito bem não voltar para a minha casa. Eu enfrentaria severas... *consequências.*” Pigarreei, como se a dura lembrança estivesse presa ali feito um osso entalado. “Minhas relações com a rainha já andavam abaladas”, continuei dizendo. “Infelizmente, bate-mos de frente várias vezes. Ela achava que eu era... independente demais.” Dei uma golada no vinho. “Então, sim, é claro que eu estava com raiva, e fui valente, e estava desesperada. Isso sem falar que fui esfaqueada, me deixaram passando fome e aprisionada. Quando a mão do *Patrei* caiu da bolsa, aquela foi a confirmação final de que a minha carreira como soldada, o serviço para o qual eu tinha sido brutalmente treinada e para o qual trabalhei por quase metade da minha vida, fora arrancado de mim. Desaparecera. Eu não teria nenhuma posição em meio aos Rahtan para a qual retornar. A rainha deixou isso bem claro. Então, agora que você sabe o que estava em jogo para mim, imagino que sob circunstâncias similares você poderia ter ficado com raiva e lutado com todas as suas forças também.”

Até mesmo ele, com seu conhecimento limitado de Venda, sabia algo sobre os Rahtan e sua condição de elite. Ele assentiu como se concordasse, mas então acrescentou: “Só que a sua rainha estava errada. O *Patrei* era culpado. Ele sabia que estava abrigando um fugitivo e conspirou com ele”.

“Receio que a rainha apenas lide com evidências claras, e eu não tinha nenhuma. Além do mais, ela estava com aquilo que realmente queria — Beaufort —, o homem que ajudou a orquestrar a morte dos irmãos dela.”

Ele apertou os lábios, ponderando se tudo isso fazia sentido ou não. “Ainda assim, o *Patrei* ainda queria você? Depois da sua traição?”

Os olhos dele estavam cheios de expectativa. Garvin lhe dissera alguma coisa, talvez compartilhou uma conversa que tivera com Jase sobre mim. Talvez Jase revelara a Garvin que me amava.

“Sim, de fato ele me queria. Muito. Receio que meu joguinho inicial tenha funcionado bem até demais, ou, o que é mais provável, que eu fosse apenas mais um desafio para ele. O *Patrei*, como você deve saber, tinha um ego do tamanho de uma montanha e não era alguém que aceitava a derrota.”

Ele veio andando na minha direção, pegou a taça de vinho da minha mão e a colocou no aparador atrás de nós. Suas pupilas ficaram dilatadas, parecendo duas luas de ônix.

“E como eu sou em comparação com o *Patrei?*”, ele quis saber, com a voz rouca.

Meu estômago pulou para a minha garganta. “O que você quer dizer com isso?”

“Sou mais inteligente? Mais desejável?” Ele deu um passo mais para perto de mim. “Se ele era apenas um trabalho que lhe fora atribuído, então você não se importaria se eu a beijasse, não? Para falar a verdade, você provavelmente ficaria feliz com isso. Um rei é um belo avanço em relação a um *Patrei*, não é?”

Beije-o, Kazi. Faça isso. É pouquíssimo para fazer com que ele se aproxime de você. Ganhe a confiança dele. Mas alguma coisa se repuxava dentro de mim. Seria a lembrança dos lábios de Jase nos meus? *Faça o que você tem de fazer, Kazi.* Mas o puxão era mais forte. Um sussurro familiar. *Escute, Kazi. Ouça a linguagem que não é dita.* Senti como se os olhos de um lorde de quadrante estivessem fixos em mim, ao longe, me observando, esperando que eu colocasse sorratamente alguma coisa no meu bolso, para então dar o bote. Alguma coisa ali estava estranha. O rei não estava nadando na minha direção, como um peixe atraído pela isca, mas em volta de mim. *É ele quem está com o anzol, preparado para me pegar.*

Ele virou o rosto e o abaixou, aproximando a boca da minha, mas, no último segundo, eu virei a cabeça. Os lábios dele roçaram a minha bochecha, e uma leve gargalhada saiu em ondas de seu peito. “Boa jogada, soldada”, ele sussurrou, ainda pressionando seu corpo junto ao meu. “Eu não esperaria que seus sentimentos mudassem instantaneamente — ainda mais levando em conta que eu custei o trabalho pelo qual você deu duro. Eu até respeito isso. Odiaria que você me usasse da forma como o usou.” Seu tom de voz estava denso, cheio de insinuação. Ele deu um passo para trás, deixando espaço para que eu respirasse novamente. “E, para falar a verdade... nós dois sabemos que o cozido estava apenas medíocre esta noite, não? Nunca minta para mim de novo. Nem mesmo em relação ao cozido.” O olhar dele me manteve imóvel. Ele estava tão longe do rei confuso e desajeitado que uma vez achei que fosse. Mas o que mais ele seria?

Quando retornamos à estalagem, conforme nos separávamos, ele me perguntou: “Os Rahtan podem renunciar a suas posições?”

“Sim”, respondi incerta. “Imagino que sim.”

“Que bom. Então o problema da sua posição está resolvido. Você trabalha para mim agora. Pode ter certeza de que terá uma carreira bem mais ilustre nos escalões de Montegue. Sua carreira não acabou, ela está apenas começando.”

O anúncio foi feito dois dias depois — após Banques ter reiterado as regras para mim. Ele não queria que eu tivesse qualquer ideia “independen-

dente”, como aquela que supostamente havia virado a rainha contra mim. Dessa vez, quando cheguei à plataforma na praça, Montegue não ficou distante. Enquanto Banques pairava perto das crianças nas proximidades, Montegue esticou a mão e me puxou para o seu lado, pressionando levemente o meu ombro a princípio, e depois deslizando a mão até minha cintura. Será que ele estava tentando sugerir alguma coisa para a multidão? Ou me testando em relação a uma lealdade absoluta?

No lado mais afastado da plataforma que dava para a praça, avistei os cadáveres que ainda estavam pendurados nas *tembris*. Eles me observavam. As cabeças viradas. Os olhos aguçados, à espera, em expectativa. Seria eu amiga ou inimiga? Pisquei, e os olhares que antes me contemplavam agora estavam embotados novamente, mortos, mas eu ouvia seus corações, as batidas unificadas, na esperança de que algo fosse acontecer.

Montegue disse aos cidadãos ali reunidos que eu permaneceria por lá e prestaria ajuda para reerguer a cidade, que meu auxílio seria inestimável, embora ele não tenha dito exatamente o que eu iria fazer. Eu mesma me perguntava o que seria. Ele me cutucou para que eu o apoiasse em suas palavras e as repetisse, e foi o que eu fiz.

O anúncio foi encarado pela multidão com um murmúrio baixo que reverberava e que eu imaginava ser a palavra *assassina*. Aos olhos deles eu estava abaixo de um abutre, inferior a um verme, mas Montegue ficou satisfeito com a reação geral. Ele certamente imaginou uma palavra diferente. Eu vi alívio no relaxar momentâneo de seus ombros. Ele interpretou os murmúrios como um sinal de aprovação, e nenhuma pedra foi jogada, nem houve gritos. Ele ficou parado por um instante, imóvel, contemplando a multidão. Ergueu o queixo, como se estivesse absorvendo o momento, e encheu o peito com um sentimento de realização.

“Eles estão esquecendo o *Patrei*”, ele sussurrou, quase para si mesmo. “Seguindo em frente. Logo se lembrarão apenas de mim, como deveria ter sido o tempo todo.” Porém, eu sentia que ele desejava mais do que apenas progresso. Sentia que, embora ele odiasse Jase, alguma parte dele quisesse *ser* Jase. Poder era apenas uma fração disso. Ele queria ser amado, da forma como Jase havia sido amado. Da forma como Jase ainda era amado.

Isso não é natural, diz Greyson.

É um truque, responde Fujiko.

Ficamos encarando o círculo de árvores que estão crescendo em meio a pilhas de destroços.

Até mesmo do alto do penhasco que dá para o vale nós as vemos mudando, dia após dia.

Magia, eu digo. *É algum tipo de magia*.

— Miandre, 15 anos —

CAPÍTULO 19

JASE

MINHA BARRIGA TREME DE UM JEITO ESTRANHO. COMO É QUE EU posso estar nervoso? Mas estou. Estou sentindo muitas coisas pelas quais não esperava. Eu quero que o momento seja perfeito. “Nós não temos de fazer isso agora. A menos que você esteja pronta, certo?”

“Eu estou pronta desde a primeira vez que o beijei, Jase Ballenger.”

Eu sorrio. “Duvido disso.”

“Desde quase a primeira vez”, ela cede. “Mas agora eu estou pronta. Vamos com calma.”

Ela estende a mão e puxa a minha camisa para fora da calça. Eu a ajudo a erguê-la sobre a minha cabeça.

As pontas de seus dedos roçam o meu peito como se ela pudesse sentir as penas da minha tatuagem.

Eu engulo em seco, me perguntando se consigo mesmo aguentar ir com calma.

Ela ergue o olhar para mim, e eu fico perdido em piscinas douradas. Eu me lembro das palavras que ela me disse poucos minutos atrás. Quero envelhecer com você, Jase.

Todos e cada um dos meus amanhãs são seus.

Eu me inclino para a frente, meus lábios encontram os dela.

Atados pela terra.

Atados pelos...

“Estamos prontos.”

Acordei alarmado. Caemus olhava para baixo, me encarando. “Ainda está precisando cochilar?”

Era o jeito dele de dizer que eu não estava pronto.

“Eu não estava dormindo. Apenas pensando.”

Ele bufou. “Ah, era isso, então?”

“Já me levanto”, falei.

Ele se virou e começou a subir os degraus da adega de raiz. Talvez eu não estivesse cem por cento, e às vezes, quando a tarde chegava, eu já estava me arrastando, mas se passasse mais um dia me perguntando onde estaria Kazi, eu ficaria louco. Meus sonhos não me sustentariam. Eu precisava dela. Eu precisava saber que ela estava em segurança.

Tirei a camisa para que não ficasse suja de tinta por acidente. O pessoal do assentamento trabalhara duramente para me arranjar roupas. Eu não queria arruinar uma boa camisa que resultara do esforço de outra pessoa.

Caemus parou no meio da escada e se virou para olhar para mim. “Você fala enquanto dorme”, ele disse. “Mas eu já sabia. Imaginei que isso aconteceria quando vocês estavam construindo o assentamento. Vocês dois pareciam inevitáveis. É assim com algumas pessoas.”

Mantive os olhos fixos na camisa que tinha em mãos. Eu não podia falar sobre isso. “Já disse, vou subir em um minuto.” Peguei a camisa e comecei a dobrá-la, arrumando cuidadosamente as mangas, puxando o colarinho, certificando-me de que tudo estava ótimo e perfeito. Chacoalhei-a e dobrei-a novamente.

As vezes você precisa se lembrar de que não é impotente. De que tem alguma medida de controle. Talvez seja isso que o torne valente o suficiente para encarar um outro dia.

“Eu sei o que você está passando, menino”, disse Caemus. “Eu já tive uma esposa. Não era bem a mesma coisa. Tive a minha esposa por muitos anos, e então uma cobra d’água a mordeu. Ela se foi em questão de horas. Por mais forte que eu a abraçasse ou por mais ensandecido que eu ficasse, desejando tê-la de volta, isso não mudava nada. As vezes as pessoas nos deixam para sempre e não existe nada que possa trazê-las de volta.”

Meu pescoço ficou vermelho com o calor. As palavras dele eram muito similares a algo que Kazi uma vez me dissera sobre sua mãe. *Ela está morta, ela se foi, Jase. Ela nunca vai voltar.* Mas eu vi aquilo nos olhos dela, aquela pequena centelha de esperança que ela não conseguia apagar. Ela tinha medo de acreditar, mas ainda estava lá, como um talo de dente-de-leão guardado bem no fundo de seu bolso.

Eu balancei a cabeça em negativa, rejeitando a insinuação de Caemus.

A voz dele ficou ainda mais séria do que já estava. “Ninguém viu nem ouviu nada sobre ela quando fomos até lá, e, acredite em mim, uma vendana chama atenção na Boca do Inferno, especialmente uma soldada vendana.”

“Ela está viva, Caemus. Eu sei que ela está viva. Ela é uma sobrevivente.”

Ele mordeu os lábios, como se estivesse ruminando esse pensamento. “Certo”, ele disse e suspirou. “Se você acredita nisso, deve ser verdade. Eu só quero que se lembre de que existem outras pessoas que precisam de você. Você tem de manter a sanidade. Não saia por aí fazendo nenhuma loucura, nada que vá fazer com que acabe sendo morto. Isso não vai trazê-la de volta.”

Assenti. “Eu não pretendo ser morto.”

“Ninguém nunca pretende que isso aconteça.”

Ele se virou e subiu o restante dos degraus a passos pesados, e eu fiquei com o olhar fixo na camisa dobrada em cima da minha cama, olhando para todos os ângulos que não se alinhavam. Eu sabia que outras pessoas também precisavam de mim. Isso me corroía todos os dias.

A cidade, minha família. Centenas de pessoas que eu tinha jurado proteger. Pelos deuses benditos, se eu sabia disso! Meu pai havia infundido essa ideia em mim desde o dia em que eu nasci. Dever. Mas se fosse necessário fazer alguma loucura para salvar Kazi, seria exatamente isso o que eu faria.

CAPÍTULO 20

KAZI

“NÃO É JUSTO. FAÇA-A DIVIDIR COMIGO!”

Lydia mantinha a mão fechada acima de sua cabeça enquanto Nash pulava para alcançá-la e reclamava aos berros para Oleez.

Eu estava parada diante do gradil do Pavilhão dos Deuses, perto da entrada do cemitério, observando enquanto eles discutiam. Montegue programou uma pausa para lavar os pés durante o trajeto até a torre da Vigília de Tor. Havia uma fonte termal ali, em volta da qual havia sido construído o pavilhão de mármore, e, no centro, três degraus circulares desciam em torno da fumegante água cor-de-rosa. Parecia nuvens ao pôr do sol, e, além da reputação por suas qualidades curativas, inspirar o vapor supostamente transmitiria as bênçãos dos deuses. Embora Montegue tivesse *dito força em vez de bênçãos*.

Eu o ouvi falando baixinho com Paxton e Truko sobre os rendimentos na arena e em maneiras de aumentá-los. Ele queria mais dinheiro — e logo. Truko tentou explicar que os rendimentos sempre diminuíaam nos meses do inverno, pois as colheitas eram menores e o clima desencorajava as viagens. Eu me perguntava sobre a urgência que carregava a voz de Montegue, sobre a forma como ele abaixava o tom e sibilava as palavras por entre os dentes cerrados. *Encontre uma maneira de aumentar os rendimentos*. Com tanto à disposição, por que ele precisava de mais — e rápido? Somente para ajudar os cidadãos, como ele dizia? Ou ele estaria preocupado com a previsão da vidente, sobre um inverno de fome e escassez?

Banques havia me instruído a não falar com Nash e Lydia no caminho até aqui — aparentemente, nenhum deles queria ficar sequer perto de mim, e eu tive de cavalgar bem à frente, entre Paxton e Truko, com alguns soldados logo atrás de nós. No entanto, ao virarmos em um retorno, ambas as crianças tinham os olhos fixos em mim.

Nash cavalgava na frente de Montegue, no mesmo cavalo, enquanto Lydia cavalgava com Banques. Por mais jovens que fossem, eram cavaleiros competentes. Eles costumavam ter seus próprios cavalos. Agora, enfiados em selas junto com Banques e Montegue, o verdadeiro motivo pelo qual eles não cavalgavam sozinhos ficou óbvio de repente. *Ele os está usando como proteção*. A repulsa queimava dentro de mim.

Mesmo com todos os soldados que cercavam Montegue e Banques, eles ainda temiam que algum lealista estivesse se escondendo no alto de uma ribanceira ou perto da trilha. Ninguém correria o risco de atirar em uma das crianças Ballenger com uma flecha. Ali havia também uma ameaça não declarada. Machuque o rei de alguma maneira, e o que

aconteceria com as crianças? Eu não era a única que tinha de seguir regras.

Quanto tempo se passaria até que o último lealista fosse forçado a se submeter e o rei não precisasse mais de proteção? E ele estava me usando como parte de seu plano para fazer com que a cidade aquiescesse. Uma vez que Lydia e Nash deixassem de ser um recurso, eles poderiam se tornar um peso? Uma ameaça para sua monarquia? Será que eles se tornariam apenas mais dois Ballenger que poderiam um dia se revoltar e exigir vingança contra ele?

Mas então eu vi Montegue rir enquanto erguia Nash de seu cavalo. Ele bagunçou os cabelos do menino e disse para ele ir brincar com a irmã. *De fato, acabaram se afeiçoando muito a mim. Eu lhes dou atenção, presentes. Mais do que ele alguma vez já chegou a fazer.*

Mal haviam se passado quinze minutos quando uma discussão estourou.

“Me dá isso, Lydia!”

Não era típico de Nash reclamar, ainda mais por causa de uma ágata, uma pedra comum, nem era típico de Lydia dizer não ao irmão. Eles sempre foram melhores amigos. Eu observava a querela com interesse. Oleez tentava apenas de leve resolver a briguinha, como se ela realmente não se importasse, e Montegue ficava cada vez mais irritado com o barulho, a fachada fraternal se rachando.

“Eu posso ajudar você a achar outra”, falei sem pensar. “Com certeza deve haver alguma perto da área de banho.” As crianças pararam de discutir e ficaram me encarando, um brilho flamejante iluminando seus olhos. Banques virou a cabeça, alarmado. Eu falara com eles contra as ordens que me haviam sido dadas. “Apenas com a permissão de Vossa Majestade, é claro”, acrescentei.

Montegue ponderou por um instante, e então olhou para Lydia e Nash. Eu sabia que mandá-los levar a querela até a área de banho e para longe de seus ouvidos era algo tentador para ele.

“Isso resolverá o problema de vocês?”, ele lhes perguntou.

Nash deu de ombros, sem entusiasmo. “Acho que sim.”

Lydia franziu o cenho. “Contanto que ela não encoste em nós”, disse ela, enrugando o rosto com uma repulsa convincente. Senti um latejar na minha garganta. Eu conhecia aquilo que vi nos olhos dela, *o malabarismo, o ódio, o espetáculo*, a atuação conduzida com habilidade em cada respiração e piscar de olhos. Ela era alguém que eu reconhecia — uma sobrevivente.

Montegue estava ansioso para retomar a conversa com Paxton e Truko. Ele assentiu para os dois soldados designados a acompanhar as crianças enquanto elas brincavam em volta do cemitério. “Fiquem por perto”, Banques instruiu, e então desferiu-me um olhar de relance, um aviso, um lembrete das regras do jogo. Eu ainda não me encontrava no círculo de confiança.

Mas estava chegando mais perto.

O rei havia se aproximado de mim novamente hoje de manhã, depois do anúncio. Ele encarou os meus lábios. Os lábios que Jase havia beijado. Os lábios que ele acreditava que o *Patrei* havia desejado, mas que não poderia realmente ter. Um enigma preenchia seus olhos, e a resposta estava simplesmente fora do alcance dele.

“Você o amava?”, ele perguntara.

Pela primeira vez na vida, senti gratidão pelos anos que passei como uma órfã faminta. Gratidão por ter aprendido a sorrir e a fazer malabarismos e a fingir que não ligava a mínima para uma maçã silvestre ao alcance das minhas mãos, enquanto um lorde de quadrante perscrutava cada movimento meu. Gratidão por saber dar de ombros com astúcia e por meus suspiros cheios de indiferença. Gratidão por haver aprendido a calcular um alvo e por saber alimentar, com paciência, sua fantasia.

Tudo dentro de mim doía por Jase. Eu nunca deixaria de amá-lo. No entanto, a minha resposta para o rei foi um rápido sorriso falso. Eu dispensei aquela pergunta ridícula como se ele fosse uma criança querendo saber se a lua era feita de queijo, apenas suficientemente insultante para curá-lo da ideia. Uma ideia que ele queria manter longe. Da mesma forma como ele havia se recusado a ouvir a palavra *assassina* sendo murmurada em meio à multidão, ouvindo, em vez disso, *longa vida ao rei*.



Ficamos de joelhos em um local seco perto do riacho. Oleez juntou-se a nós, procurando em meio às pilhas de pedrinhas. Lydia e Nash continuaram a discutir, mas, quando os guardas ficaram entediados e se afastaram, Lydia conseguiu sussurrar para mim: “Sinto muito”.

“Eu também”, disse Nash.

“Vocês não têm de se desculpar por nada”, sussurrei em resposta. “Vou tirar vocês daqui e levá-los de volta para a sua família. Eu juro. Vocês só têm de ser pacientes e continuar fazendo o que estão fazendo.”

“Eles não nos deram opções”, explicou Oleez, cuja voz sussurrava enquanto seus olhos se mexiam rapidamente para ambos os lados, certificando-se de que ninguém estava perto o suficiente para ouvir. Ela disse que havia ido à cidade fazer compras com as crianças quando o ataque aconteceu. Os *straza* deles foram subjugados pelos soldados, que caíram em cima da cidade como morcegos ensandecidos, fazendo com que todo mundo corresse para se salvar. Ela e as crianças foram capturadas. Eles tinham sido escolhidos como alvo por Hagur, um empregado da arena que os vinha seguindo, sabendo que o ataque estava a caminho. No caso de um sequestro, as crianças sempre tinham sido treinadas para fazer o que seus captores quisessem até que a ajuda chegasse, para fazer o necessário para sobreviver. Oleez confessou jamais ter achado que o treinamento um dia viesse a ser aplicado. Ela esticou a mão e, de um jeito protetor, tirou os cabelos de Lydia da frente dos olhos.

“E quanto a Rybart?”, perguntei. “Ele estava mesmo atacando a cidade como disse o rei?”

“Alguém estava fazendo isso. Não sei se era Rybart, mas foi grave como sempre. Comércio incendiados. Incurções contra caravanas. Os Ballenger foram empurrados para todas as direções.”

“Foi por isso que Montegue teve de enviar tropas?”

“Isso é o que ele diz, mas a chegada das tropas foi uma surpresa. Mason tinha acabado de contratar mais grupos de pessoas para a patrulha. A situação ficou tranquila por alguns dias, e foi por isso que eu até fui à cidade com as crianças. Então as tropas entraram rugindo. Tudo começou a explodir ao nosso redor. Dizem que a família escapou, seguindo para as catacumbas. Estão colocando a culpa de tudo sobre eles. Eles...”

“Acabem logo com isso aí embaixo!”, berrou o Sem Pescoço. “O rei está calçando as botas!”

Oleez desferiu um olhar cheio de preocupação para o Sem Pescoço. “Alguns desses soldados, como aquele ali, não são deste mundo”, ela disse em um sussurro. “Algo não parece certo em relação a eles.” Eu tinha pensado o mesmo sobre eles.

“A caminho!”, gritei em resposta.

“Eu odeio o rei”, disse Nash, sibilando.

“Algum dia eu vou matá-lo”, disse Lydia.

“Não”, falei com a voz firme. “Eu cuidarei disso em seu devido tempo. Vocês apenas continuem fazendo o que estão fazendo. E aquelas coisas que eu disse sobre o irmão de vocês...” Minha garganta ficou embaraçada, e dessa vez foi Nash que me confortou.

“O rei fez você dizer aquelas coisas sobre Jase. Eu sei disso.” A voz dele era diminuta e cheia de sabedoria, e eu tive que cravar as unhas na palma da mão para não engasgar com o choro.

“Nós sabíamos que nada daquilo era verdade”, disse Lydia ainda. “Nosso irmão não está morto. Ele é o *Patrei*. Ele é jovem demais para morrer.”

Respirei fundo, tentando me impedir de desmoronar. Eles eram sobreviventes, mas ainda eram crianças.

“Onde ele está?”, quis saber Nash. “Quando ele vem?”

Olhei para Oleez. Ela também tinha visto a mão mutilada com o anel de sinete.

“Kazi?”, sondou Lydia.

Pigarreei, forçando a hesitação a deixar a minha voz. “Assim que puder”, respondi. “Jase virá assim que ele puder.”

O chamado para partirmos se fez presente. O tempo mudara e a neve havia começado a cair. Lydia e Nash saíram correndo na frente, seguindo nos calcanhares de Oleez, com várias ágatas em suas mãos fechadas.

Quando passei pela tumba da família Ballenger, fiz uma pausa, encarando os pilares altos e espiralados. *Fantasma*... Eu sentia o torpor deles, daqueles que haviam partido e que descansavam. Eu sentia os batimentos suaves de seus corações, sua paz. Mas sentia os outros também — aqueles fantasmas que se reuniam em um único suspiro, sussurrando sobre a minha cabeça, inquietos, um hálito antigo ainda ancorado a este mundo, aqueles que, por algum motivo, não conseguiam se desprender.

Eles eram faíscas de luz, dedos frios roçando os meus braços, erguendo mechas dos meus cabelos, curiosos, lembrando, nutrindo esperança, revivendo momentos, desejando uma segunda chance, tal como os vivos. *Shhhh*. Era apenas uma brisa sussurrando em meio aos pinheiros, para quem não sabia da verdade. Para quem nunca tivesse olhado nos olhos da Morte, provavelmente nada disso seria reconhecível.

O grande sepulcro continha inúmeras lápides, mas eu sabia que uma delas estava marcada com o nome de uma ocupante que sequer estava lá. As respirações que eu ouvia não eram as dela. Ela não estava ali, mas enterrada na base das Lágrimas de Breda, com a lua e o sol como seus companheiros. Eu havia sido a única pessoa a quem Jase confiara a verdade sobre o túmulo vazio. Ele fora contra tudo que lhe havia sido ensinado e contra as leis da terra para atender ao último desejo de sua irmã.

Fiquei maravilhada com o memorial imenso e luxuoso, aquele que tanto havia assustado Sylvey quando ela se deparou com a morte. Anjos entalhados com mais de três metros e meio de altura e caras fechadas, segurando espadas maiores que um homem, guardavam cada lado da entrada com suas feições intimidantes e imponentes. Seus olhos profundos nos acompanhavam aonde quer que fôssemos. Uma águia ricamente esculpida agraciava a beirada superior, com suas imensas garras segurando-se a um peitoral estriado, seu olhar inflamado lançando um aviso imemorial àqueles que se aproximavam. Uma abundância de frutas cinzeladas penduradas em folhosas guirlandas de mármore serpeavam nos espaços intermediários. Os detalhes eram intrincados, até mesmo na pele rugosa dos limões. Em Venda, os mortos eram enterrados em túmulos sem identificação, às vezes com um ramo de *thannis* colocado por cima, que rapidamente caía com os ventos inclementes.

Ou entra ou vai embora.

Dei um passo para trás, alarmada diante da voz fraca.

Eu não tinha como entrar ali. A porta de pedra tinha mais de dois metros de altura. Eu me lembrei de que, no funeral de Karsen, foram necessários dois homens grandes para empurrar e fechar essa porta. Como foi que Jase, na época com quinze anos de idade, conseguiu fazer isso sozinho no meio da noite? Desespero? Talvez. O desespero pode fazer com que uma pessoa seja incrivelmente idiota ou incrivelmente forte, ou talvez ambos.

Pressionei a bochecha junto à porta, a pedra lisa e fria contra minha pele, meus olhos ardendo. *Jase*. Meu coração dizia que ele não estava

morto. Que esse não era o reino dele. *Ele está vivo.* Mas a minha cabeça me dizia algo diferente. O tilintar de seu anel no chão, quando Banques o jogou, ainda dava um nó na minha garganta. Fechei os olhos, tentando afastar a dor, banindo pensamentos sobre anéis e me lembrando, em vez disso, do meu juramento a Jase.

Kazi...

Meus olhos se abriram com tudo. O som estava próximo, aquecendo o meu ouvido, como se atravessasse dois mundos. Dei um passo para trás, afastando-me da porta, inclinando a minha cabeça, tentando ouvir mais.

Eu não sabia... Eu juro que eu não sabia. Sinto muito.

A voz se perdeu no vento, *shhhh.*

“Para o seu cavalo! O rei está esperando!”

E, com a ordem do Sem Pescoço, eu deixei as vozes para trás e fui encarar as outras que esperavam por mim na torre da Vigília de Tor. Quantos deles poderiam estar mortos também?

CAPÍTULO 21

J A S E

JURGA, ERIDINE E HÉLDER PAIRAVAM SOBRE MIM, OBSERVANDO enquanto Caemus pincelava mais uma linha na minha testa. “Um pouco mais para lá”, disse Jurga, apontando para a minha têmpora.

O esforço era coletivo, para ter certeza de que ele seguiria com atenção o desenho que eu havia feito. Os desenhos kbaaki eram muito específicos, e muitas pessoas por estas bandas estavam familiarizadas com eles. Isso tinha de ser crível. Cobria metade do meu rosto.

“Eu ainda acho que é cedo demais para você ir”, resmungou Caemus enquanto aplicava mais tinta no meu rosto.

“Eu consigo andar. Consigo cavalgar. Está na hora”, foi a minha resposta. E, se eu conseguisse chegar lá, eu tinha pelo menos uma arma e um saco de munições esperando por mim. Isso chamaria a atenção de Paxton. E, se eu pusesse minhas mãos naquela arma, eu conseguiria mais.

“Vire a cabeça”, ordenou-me Caemus.

Tendo em vista que eu era provavelmente o homem mais reconhecível da Boca do Inferno, era necessário que a minha aparência fosse drasticamente mudada. O pesado manto de pele, as botas e o chapéu fariam um trabalho satisfatório. O cachecol que cobriria metade do meu rosto ajudaria ainda mais; no entanto, se fosse removido, eu ainda teria de parecer outra pessoa. Os desenhos kbaaki eram impressionantes. Ficava até mesmo difícil ver um rosto quando se olhava para uma espiral circundando um olho.

“É isso”, disse Hélder, assentindo em aprovação ao comparar o trabalho de Caemus com o meu desenho. Sua esposa, Eridine, concordou.

“E agora, o anel”, falei.

Caemus se encolheu.

“Você tem certeza disso?”, perguntou-me Eridine.

Eu cruzaria encostas que provavelmente estariam repletas de soldados do tal exército. Os kbaaki quase sempre usavam joias decorativas em suas sobrelhas esquerdas como defesa contra espíritos hostis. Jurga tinha um pequeno brinco que serviria. Tratava-se de mais um detalhe para convencer qualquer um que eu pudesse encontrar — e uma distração para impedi-los de olhar para mim com muita atenção.

“Eu faço isso”, voluntariou-se Jurga, tirando a agulha de Caemus. Ela sequer me avisou. Simplesmente beliscou minha sobrelha e passou a agulha por ela. Um ronco profundo passou pelo meu peito enquanto ela pescava o brinco do outro lado do furo. Eu já tinha aprendido que havia

muita firmeza por trás da fachada dócil de Jurga — e agora eu sabia que não havia uma sombra de delicadeza nela.

Eridine limpou o sangue. “Isso deve servir”, disse ela. “Duvido que até mesmo sua mãe o reconheceria agora. Apenas se certifique de manter o peito coberto.”

Com o tempo gélido, eu não teria muitas oportunidades para ficar sem camisa, mas a observação dela fazia sentido. A tatuagem no meu peito era a prova cabal de um Ballenger. Ela também me instruiu a evitar lavar o rosto, ou a tinta desbotaria mais rapidamente. Se eu tivesse sorte, duraria duas semanas. Eu esperava que não fosse precisar de tanto tempo assim.

Jurga ergueu um pequeno espelho. Metade do meu rosto estava coberta de espirais de uma tinta preta-azulada, e a outra metade tinha uma única espiral em volta do meu olho. Eu mesmo mal me reconhecia. Pratiquei o sotaque kbaaki, cheio de pausas. “Saíam do meu caminho, povo das terras baixas. Deem-me espaço para respirar.”

Eridine e Hélder deram risada.

“Pode ser que dê certo”, admitiu Caemus.

Eu estava prestes a tentar mais uma fala quando a porta do abrigo se abriu com tudo. Kerry a fechou com força depois de entrar e se inclinou para a frente, arfando, tentando respirar. “Cavaleiros!”, ele gritou. “Andem logo!”

Eu posso estar disfarçado, mas encontrar um caçador kbaaki em um assentamento vendano seria suspeito, sem falar que o meu peito com o brasão dos Ballenger estava exposto. Levantei em um pulo do banco, e Hélder se apressou para deslizar a tábua de madeira que dava para a adega de raiz. Antes que eu pudesse chegar até lá, a porta se abriu com tudo novamente, batendo com força na parede. Eu me virei e fiquei encarando as intrusas armadas. Elas pareciam tão chocadas ao me ver quanto eu estava ao vê-las.

“Seu capeta mentiroso! Que diabos você fez? Onde ela está?”

Wren veio voando para cima de mim, me jogando com força contra a parede, com sua *ziethe* no meu pescoço. “Eu disse para cuidar dela ou eu viria atrás de você!”

“Dê a ele uma chance de falar, Wren!”, ponderou Synové, e então olhou para mim com os olhos azuis em chamas. “Fale, sua víbora, e faça valer!”

“Eu não sei onde ela está”, falei. “Nós fomos atacados. Estou indo atrás dela. Então ou você me mata ou sai do meu caminho.”

A essa altura todo mundo estava falando, tentando acalmar Wren e Synové. Elas haviam cruzado as ruínas na floresta onde Mihe e Tigone tinham se escondido. Elas viram o sangue que manchava a sela de Mihe e presumiram que era de Kazi.

“Eles caíram em uma emboscada, menina! Abaixem sua arma!”, ordenou Caemus.

Os olhos de Wren brilhavam, olhando com fúria dentro dos meus. Sua mão tremia com a tensão. Por fim ela abaixou sua *ziethe* e se virou.

Synové caiu aos prantos. “Eu sei onde ela está. Ela está acorrentada em uma cela.”

E então, entre choros e soluços, ela nos contou sobre seu sonho.

Segurem-se uns nos outros porque é isso que salvará vocês.

De muitos, vocês são um agora.

Vocês são uma família.

Eu olho para nossa família reunida.

Ninguém quer estar aqui mais do que eu.

Todos somos diferentes. Nós discutimos.

Agitamos os punhos no ar.

Mas nos abraçamos também. Crescemos juntos, fortes como o círculo de árvores no vale.

— Greyson, 16 anos

CAPÍTULO 22

K A Z I

TORRE DA VIGÍLIA DE TOR NÃO TINHA SIDO MEU LAR. NÃO AINDA. Não realmente. Quando estive aqui antes, eu fora apenas uma intrusa, uma impostora usando de bajulação para baixar as defesas e abrir meu caminho. Fora uma soldada com um plano, me escondendo sob uma falsa premissa. Eu via apenas uma fortaleza repleta de segredos, e encarava cada aposento como um esconderijo em potencial. Porém, ainda assim, vira a beleza deste lugar, um testamento vivo à devoção que fizera dos Ballenger quem eles eram. Era como uma joia perfeitamente lapidada, e, em momentos de impulsividade, eu havia me perguntado como seria fazer parte disso. Às vezes, me ajeitava em uma cadeira na sala de jantar vazia quando eu tinha certeza de que não havia ninguém olhando, imaginando que ela sempre estaria reservada para mim, a cadeira ao lado de Jase.

Ao passar furtivamente pelos corredores, esquadrinhando as paredes com as mãos, eu havia sentido os séculos em cada bloco de pedra e me perguntava que geração o teria esculpido e colocado no lugar. Eu tinha visto a história duramente conquistada que estava registrada nas estantes de Jase. Nas paredes das catacumbas, eu vira os rabiscos desesperados da família original, crianças que foram unidas, como retalhos em uma colcha, por circunstâncias adversas e que de alguma forma fizeram aquilo dar certo, crianças que tinham sobrevivido contra todas as expectativas. Senti uma inesperada afinidade por elas.

Este era o lar e a história que Jase havia amado e jurado proteger. Era isso que tornava a destruição diante de mim ainda mais devastadora. Uma onda de náusea me atingiu quando vi os pináculos caídos em contraste com o radiante brilho do dia. A horrível e imensa lacuna que...

Há um quarto no terceiro andar. Esse quarto tem uma vista que dá para o horizonte — e fica afastado de todo o restante do pessoal. Acho que deveria ser nosso. Você pode decidir.

O quarto que teria sido nosso.

Já não existia mais agora.

Afastei esse pensamento e o enterrei fundo, temendo que o peso dele fosse me partir ao meio como um pedaço de madeira. Eu o enterrei junto com todas as outras coisas que nunca seriam nossas.

Uma fileira irregular de pedra marcava o centro da casa principal como uma cicatriz. Os pináculos em cada um dos lados permaneciam intocados. Do lado de dentro dos portões da frente, toda a torre da Vigília de Tor estava transformada. O caramanchão que costumava estar carregado de flores estava árido por causa do inverno, e soldados armados marca-

vam o caminho por ali agora. O rei havia ordenado que Paxton pegasse Oleez e as crianças e as levassem até a Raehouse, enquanto ele me levava até as catacumbas. Desferi a Paxton um olhar fixo e condenador — Lydia e Nash eram seus parentes —, mas foi um aviso inútil. Ele conhecia as regras que eu tinha de seguir. Seu olhar encontrou o meu, impassível, sua expressão era dura e os pensamentos provavelmente estavam voltados para recompensas lucrativas. Ele acatava de imediato as ordens do rei como um puxa-saco dedicado. Era como se carvão quente ardesse lentamente dentro de mim, e precisei de toda a minha força para não ativar o fogo. Eu tinha de conquistar a confiança do rei, fazer com que ele acreditasse que suas palavras e sua lógica estavam me conquistando. E ganhar a confiança do rei significava não arrancar os olhos de Paxton com as minhas próprias mãos. Lancei um sorriso quando ele partiu. Achei que isso o deixaria mais preocupado do que meu olhar cheio de fúria.

Fiquei grata quando descemos para o túnel. Ele estava em sua maior parte inalterado. Ali não havia nem verão nem inverno, nada de blocos de pedras caídos no meu caminho, apenas a escuridão iluminada por tochas e o cheiro bolorento do desespero, e esse era um cheiro com o qual eu estava acostumada.

O séquito armado marchava à frente em direção às catacumbas, com suas botas pesadas ecoando pela caverna de pedra. Eu me perguntava o que haveria acontecido com os cachorros venenosos que eram mantidos na extremidade mais afastada do túnel. Teriam sido mortos pelos homens do rei? Ou talvez a família os houvesse levado para dentro das catacumbas? Esse pensamento me animou. Eu adoraria vê-los sendo soltos para cima dos meus atuais companheiros, mesmo que eu fosse mordida no ataque.

Eu não sabia ao certo por que Montegue achava que minha voz faria diferença. Será que ele achava que a palavra de um poderoso reino distante poderia penetrar em aço impossivelmente espesso? Ou talvez ele estivesse apenas se agarrando a qualquer coisa. O desespero pode fazer com que a lógica mais calculista se perca. A impaciência ardia na expressão e nos passos dele.

Depois de passar dez minutos chamando todos os Ballenger possíveis, as minhas súplicas apenas se depararam com o persistente silêncio que eu tinha esperado. Montegue gritou, socando a porta imensa, o suor formando gotas em sua testa. A fúria dele me pegou de surpresa. Ele se virou, afastando os cabelos dos olhos. Seu rosto estava marcado pela ira.

Olhei para as expressões dos guardas estoicos, que seguravam alabardas longas e afiadas para o caso de os Ballenger saírem dali. Eles não demonstravam surpresa alguma, e eu me perguntei quantas vezes essa cena já tinha se repetido. Quantas vezes ele teria batido na porta e quantas ameaças já teria proferido? Se eles estavam presos, por que ele se

importava tanto com isso? Eles não iriam a lugar nenhum. Ele poderia deixar que morressem de fome.

“Eu sou o rei da Eislândia”, ele grunhiu, quase para si mesmo. “Eles vão se arrepender por isso.” Ele saiu batendo os pés, ordenando que eu e todo o séquito o seguíssemos.

Na hora em que chegamos ao T do túnel e víamos para pegar o próximo caminho, a respiração agitada havia diminuído e ele estava recuperando a compostura.

“Nós precisamos daqueles documentos”, disse ele com calma.

“Você está se referindo aos projetos das armas? Eu já disse a você que nós os destruímos.”

“Há outros. Documentos diferentes. Que estavam nos aposentos dos eruditos. Esses documentos estão desaparecidos.”

Meu couro cabeludo coçava. Os papéis que estavam nos aposentos dos eruditos? Será que ele estava se referindo àqueles que Phineas me dissera para destruir? Como ele chegou a saber da existência daqueles documentos, especialmente se eles haviam desaparecido? Como ele poderia...?

Um peso frio assentou-se no meu estômago. Pensei em algumas palavras rapidamente, tentando fazer com que soassem casuais. “Há papéis e livros contábeis por toda parte na torre da Vigília de Tor. Como você saberia se alguns tivessem sumido?”

“Uma criada me contou.”

Olhei para ele de esguelha, minha pulsação ficando acelerada. “Oleez?”, perguntei, forçando minha voz a permanecer uniforme. Parecia haver tambores ressoando dentro da minha cabeça enquanto eu contemplava até mesmo a menor das mentiras. “Eu acho que era ela a responsável pela limpeza dos aposentos deles.”

“Sim, Oleez me disse que os documentos estavam desaparecidos. Ela notou enquanto estava arrumando um dos escritórios.”

Oleez era encarregada da casa principal — isso consumia os seus dias. Ela nunca foi até a Ponta da Caverna, menos ainda para arrumar papéis, disso eu tinha certeza. Então pensei em um outro pedaço de papel, aquele que eu havia roubado do bolso do colete do rei na arena. Mordi o lábio, e em seguida me arrisquei e joguei a rede um pouco mais longe. “O que faz você pensar que esses documentos são importantes? Hum... Devereux disse alguma coisa a respeito?”

Os passos dele ficaram mais lentos e ele ergueu as sobrancelhas de um jeito questionador. “Você está se referindo ao general Banques pelo primeiro nome agora? Ele deve estar começando a gostar de você, afinal de contas. Considere-se sortuda.”

Moldei uma expressão de indiferença no rosto, mas a minha mente estava a mil. *Devereux era Banques?* Eu havia jogado o anzol com a isca, mas não tinha esperado por isso, que o peixe estivesse assim tão no alto da cadeia de comando.

Zane disse que foi Devereux quem lhe dera dinheiro para contratar caçadores de mão de obra. Devereux *Banques*. O tal do general fazia o trabalho sujo de criar agitações e encrenca? Ele tinha andado pelos becos, sorratamente, como uma ave de rapina, atacando os cidadãos da Boca do Inferno e a família Ballenger *meses atrás*. Antes de ser um general poderoso, ele não passava de um capanga dos becos, alguém da rale com uma bolsa cheia de dinheiro.

E ele trabalhava para o rei.

Lampejos de imagens vieram à minha mente, dúvidas e peças que se encaixavam em seus lugares — o uso de caçadores de mão de obra e incêndios para criar uma situação de inquietude e manter os Ballenger afastados, a escolha de um local para o assentamento de forma a transformar a família no inimigo, o ataque ao assentamento na calada da noite para envolver os Ballenger e fazer cair sobre eles a ira da Aliança, o ataque perpetrado por Fertig e uma gangue bem treinada, algo assustadoramente similar a esses mercenários contratados, e, por fim, Beaufort olhando por cima do ombro, esperando que alguém viesse resgatá-lo. Ele estava esperando pelo rei — o rei que fingiu inocência em todas as etapas, o rei que queria respeito e não se incriminaria resgatando um criminoso. O rei que era um mentiroso mais astuto do que Beaufort e *Banques* juntos. O peso frio no estômago virou gelo nas minhas veias.

Nós havíamos pegado o dragão errado.

Montegue se deteve e baixou o olhar para mim. Seus olhos estavam límpidos. Astutos.

Era tarde demais para refazer meus passos, para fingir que eu não havia descoberto a verdade. Seria uma mentira, e ele perceberia.

“Saíam”, ele ordenou aos guardas. Ele ficou observando enquanto eles se arrastavam para longe, deixando-nos a sós, e então se virou para mim. O jeito atento como ele me estudava era sufocante.

“Era você o tempo todo”, falei. “Era você quem estava conspirando com Beaufort. Não as ligas. Ninguém tinha conhecimento daqueles papéis que estavam no quarto de Phineas. Nem mesmo Beaufort. Ele achava que tudo tinha sido destruído no incêndio que eu comecei.”

Uma chama iluminou os olhos de Montegue. Ele estava orgulhoso dessa informação.

“Mas Phineas tinha um segredinho”, falei. “Um acordo por baixo dos panos que ele dividia com você... As cópias dos projetos.”

“Não... não eram cópias”, ele respondeu devagar, em um tom obscuro. “É bem mais do que um acordo por baixo dos panos.” Ele se apoiou na parede do túnel, me encarando, com a cabeça inclinada para o lado como se estivesse tentando enxergar dentro de mim. “Beaufort havia me oferecido o continente... ao passo que Phineas me ofereceu o *universo*.” Ele se afastou da parede e veio andando na minha direção, e tudo em relação a ele se transformava — seus ombros estavam mais largos, os olhos, de uma fluidez negra, me sugavam para dentro de sua escuridão.

“Veja bem, o pobre homem carregava o fardo de ser o mais jovem e de estar na base da hierarquia, sendo jogado de um lado para o outro pelos outros, mas ele também era, de longe, o mais brilhante. Uma mente criativa como a dele surge uma vez a cada poucas gerações. Reconheci esse fato e sabia que ele estava ansioso por uma oportunidade para provar seu valor. Eu lhe dei essa oportunidade.”

Recuei um passo enquanto ele se aproximava de mim, mas meus ombros se depararam com a parede do túnel. “Tudo isso, tudo que você fez... nunca teve a ver com a restauração da ordem”, eu disse. “Mas exatamente o oposto. Você foi o arquiteto por trás de tudo.”

Ele parou na minha frente. Perto demais. “Isso faz você se sentir como?”, ele me perguntou. “Isso a impressiona?” A luz que vinha de cima tremeluzia nas feições dele, e seus cílios espessos lançavam uma sombra sob seus olhos.

Horrorizada? Com nojo? Mas a minha resposta tinha de ser algo que ele quisesse ouvir. “Não tenho como não ficar impressionada, mas, acima de tudo, isso faz com que eu me sinta uma idiota por não ter percebido antes.”

Essa era a resposta correta. Ele sorriu. “Se fosse óbvio, eu não seria lá um bom arquiteto, não é?”



O escritório de Priya era agora o escritório do rei. Parecia que ele tinha reivindicado os melhores espaços em todos os lugares que antes eram propriedade dos Ballenger. Como um lobo demarcando território: a estalagem na cidade, os aposentos na arena, e aqui, na torre da Vigília de Tor, o sereno e ordenado escritório de Priya, o coração dos numerosos negócios dos Ballenger.

Ele me contou sobre o trato que fizera com Phineas — aquele que havia lhe oferecido “o universo”. Phineas tinha uma teoria, mas ele não queria compartilhá-la com os outros. Se desse certo, o acordo dele com o rei o livraria do comando de Torback ou dos outros. Ele teria liberdade para correr atrás de seus próprios estudos. “Ele tinha uma curiosidade intensa em relação a tudo e se sentia sufocado por eles. Sua mente nunca descansava. Eu lhe prometi essa liberdade.”

“Só que Beaufort o matou para impedi-lo de falar.”

Ele deu de ombros. “Phineas tinha uma mente forte, mas sua coragem era fraca.”

Eu não contei que, enquanto agonizava, Phineas me suplicou para destruir seus papéis. “Antes de Phineas morrer, ele disse que as *tembris* haviam lhe contado. O que ele quis dizer com isso?”

Os olhos dele ficaram brilhantes. “Você nunca se perguntou nada sobre as *tembris*? Árvores que chegam aos céus, mais altas do que quaisquer outras árvores no continente? Phineas pensava nisso. Eu também, desde a primeira vez que as vi. Elas não são naturais. Não são desta ter-

ra. Elas parecem algo criado para os deuses. E a forma como elas crescem naquele círculo perfeito, quase como se alguma coisa tivesse marcado onde elas deveriam crescer. Talvez o local onde uma estrela incandescente tivesse explodido na terra?”

Ele foi até a janela que dava para os jardins dos Ballenger. “E quanto aos rakaas? Você sabia que eles são idênticos aos falcões, exceto pelo tamanho?” Ele se virou para ficar cara a cara comigo. “Phineas sabia disso. E então temos a questão dos gigantes de dois metros e meio de altura que vagam pelo continente. Homens e mulheres com o dobro da corpulência e duas cabeças mais altos do que qualquer outra pessoa. Mas não tem só a ver com tamanho. Tem a ver com paixão também. Nós todos ouvimos histórias sobre a devastação, a fúria dos oceanos que se recusavam a se acalmar, o tremor do solo que engoliu cidades inteiras, a ira das montanhas que cuspiam fumaça por todo o caminho até o sol. Uma paixão que chegava até o ventre da terra.”

Ele enfiou a mão dentro do colete e sacou dali um frasco minúsculo. Removeu a rolha e colocou uma pequena quantidade do conteúdo cintilante na palma de sua mão, e depois soprou, enquanto fazia um movimento circular com a mão. Em vez de o pó cintilante cair no chão, outra coisa aconteceu. Os cristais giraram no ar, e o leve sopro tornou-se algo mais — um vento forte que virou um turbilhão em volta da sala. Papéis voaram e caíram no chão, mechas de cabelo foram erguidas dos meus ombros, dedos de ar quente circundaram os meus braços, e então passaram pelos meus lábios, repentinamente quentes e ardidos. Montegue manteve a mão estirada, e os cristais retornaram e se concentraram acima dela, seguindo o movimento circular. O vento cessou e os cristais voltaram a se espalhar em uma minúscula pilha na palma de sua mão, como se ele tivesse proferido um comando. Com cuidado, ele virou a mão e devolveu os cristais para dentro do frasco.

Eu me senti como uma criança vendo um hábil show de mágica, tentando encontrar os fios ocultos. O que havia acabado de acontecer? Isso não era um simples truque de mãos.

“O que é isso?”, perguntei.

Ele sorriu e olhou para uma cintilante partícula de cristal que ficou na palma de sua mão, então lambeu o dedo e com ele pegou o minúsculo grão. Encarou-o, enfeitiçado. “A magia das estrelas”, ele respondeu. “*Desejo*. Um elemento lançado na terra pelos próprios deuses, algo que é capaz de tocar em tudo que existe e entender sua necessidade — aquilo que impulsiona. Ele deixa sua marca no que quer que toque. Cresce, come, queima, caça, explode, conquista. Todo o seu propósito é fazer com que as coisas sejam mais do que elas eram, como um peixe enterrado em um campo de milho para fazer com que as plantas cresçam mais e fiquem mais fortes. Que fazendeiro não deseja isso? A magia das estrelas pode tornar qualquer coisa maior, melhor e mais poderosa.”

“É isso que as munições contêm?”

Ele assentiu. “Foi isso que abriu a porta. O elemento estelar é liberado por meio do calor e do fogo. Dá para ver o que ele faz com apenas uma pequena quantidade de pólvora. Mas Phineas conseguiu condensar o elemento em sua forma mais pura e mais poderosa — e tornou possível liberar a magia das estrelas para *tudo*. Tudo e todo mundo é movido por alguma coisa. Isso aumenta o estímulo. Imagine as possibilidades. Criar exércitos imbatíveis, controlar o vento, a chuva, o fogo, as colheitas, as estações. Talvez até mesmo o dia e a noite. As possibilidades são ilimitadas.”

Fogo. Eu me lembrei da encosta estranhamente chamuscada em nosso caminho até aqui. A margem da floresta estava queimada em uma linha reta nada normal, como se tivesse sido algo controlado.

“Nós já fizemos experimentos com alguns soldados. Os resultados foram surpreendentes. Se tivéssemos mais...”

Minha mente se voltou de imediato para o punho de ferro de Fertig e seus olhos desprovidos de alma que haviam me aterrorizado enquanto ele tentava me estrangular até a morte. Ele estava impulsionado por um desejo incontrolável. Seria ele um dos “surpreendentes” soldados? Um temor nauseante deslizava por mim como uma criatura venenosa e sombria. *Sem Pescoço, Testa Deformada, Cicatriz no Olho.* As mãos deles eram como as de Fertig — e seus olhos também —, como se alguma coisa houvesse rastejado para dentro deles, alguma coisa que não era bem humana — ou talvez algo que tornasse maior a porção inumana deles.

“Isso”, disse Montegue, dando uns tapinhas de leve em seu colete, onde ele havia colocado o frasco, em um bolso interno, “isso é tudo que me sobrou. Então você pode ver por que aqueles papéis são tão importantes. Eu os *tere*i.”

A qualquer custo. Ele não precisava dizer essas palavras. Elas ficaram claras em seu tom de voz.

Phineas me ofereceu o universo. Será que Montegue estava louco? Será que ele realmente acreditava que poderia controlar o universo?

Ele veio andando até mim com o grãozinho de poeira estelar brilhando na ponta de seu dedo como um minúsculo e perfeito diamante. Ele o segurou perto dos meus lábios, me analisando, e eu tive medo de que pudesse tentar colocá-lo na minha boca.

“Você quer ver como é a sensação?”, ele me perguntou em um sussurro.

Eu não respondi, mas ele sorriu como se pudesse ouvir meu sangue correndo selvagem, forçando o caminho pelas minhas veias.

“Não”, disse ele, retirando sua oferta. “Cada grão é precioso, e eu não sei qual é o seu verdadeiro desejo. Ainda.”

Verdadeiro desejo? Do que ele estava falando?

E então ele lambeu o grão de poeira na ponta de seu dedo.

Eu não tinha exatamente certeza do que aconteceu em seguida, mas a luz na sala pareceu mudar, como se viesse dele. A fome em seus olhos foi atizada como um incêndio, e, com um único passo, ele me prendeu contra a parede. Ele deslizou a mão pela minha cintura e pressionou o rosto contra o meu. “Eu queria matar você”, ele sussurrou junto à minha bochecha.

Sua respiração era pesada, instantaneamente quente, como se uma fomalha queimasse dentro dele o tempo todo, esperando para ser liberada. *Me beijar ou me matar? Agora eu sabia. Matar.*

“No minuto em que você foi capturada, eu quis matá-la, mais do que havia desejado matar qualquer Ballenger.” Ele ergueu o meu queixo, obrigando-me a olhar em seus olhos. Um brilho assustador reluzia neles. “Você não faz ideia dos problemas que a sua intromissão me causou. Eu arrisquei tudo por este momento. Foram anos de investimento e tudo que eu tenho — e, em um ato irrefletido, você queimou tudo pelo que eu trabalhei.”

Seu braço se estreitou ao meu redor, levando-me mais para perto dele. Um solavanco poderia quebrar a minha coluna. O calor irradiava de sua pele.

“Nem tudo”, eu lembrei a ele. “Os papéis desaparecidos estão em algum lugar. E você quer que eu os encontre.”

Ele afrouxou o braço, e o fogo foi se esvaindo. “Sim”, disse ele devagar. “Os papéis.” Seu verdadeiro desejo. Ele me soltou e recuou uns passos. “Banques me convenceu de que você poderia ser útil. E eu sou um homem que perdoa, um homem justo. Você sabe disso, não sabe?”

Concordei com um gesto de cabeça, sentindo como se estivesse tentando escapar de um urso furioso que se aproximava cada vez mais.

Ele sorriu. “Que bom.” Ele estendeu a mão e passou o nó de um dos dedos ao longo do meu maxilar. “Além do mais, você era apenas uma subordinada seguindo ordens. E agora são as minhas ordens que você vai seguir.”

Garvin dissera a ele que eu tinha sido uma ladra. Uma ladra das boas. O que provavelmente explicava por que a rainha havia me enviado para recuperar Beaufort. Montegue disse que eles haviam vasculhado a propriedade inteira, incluindo os vários andares de arquivos na Raehouse, ainda convencidos de que os documentos tinham de estar em algum lugar. O ataque à torre da Vigília de Tor fora algo inesperado — percebido apenas quando as lonas foram soltas das carroças nos portões da frente e as armas estavam sendo disparadas. Porém, era a primeira vez que eles atiravam com os enormes lançadores, e a mira deles não estava boa. Em vez de derrubarem a parede, derrubaram a torre central da casa principal. Os gritos lá dentro podiam ser ouvidos. Tanto os Ballenger como os empregados estavam tentando salvar suas vidas.

Eu tentei bloquear o pensamento para não sentir nada enquanto ele descrevia a cena; no entanto, os gritos que eu não tinha ouvido abriram buracos em mim. Eu imaginei o pânico. Vairlyn gritando ordens, tentando às pressas levar todo mundo para um lugar seguro. Procurando pelas crianças. *Samuel*. Será que foi assim que ele morreu?

“Você está me ouvindo?”, Montegue me perguntou em um tom afiado.

“É claro que estou”, respondi, empurrando o medo para longe. Montegue não era um monarca inexperiente que estava sendo conduzido por um general com sede de poder. Ele era um conspirador de sangue frio — *o arquiteto*. Ele não se deparou com uma oportunidade — ele a criou. Por quanto tempo ele vinha planejando isso? Pensei no Komizar, que passou anos construindo seu exército para criar uma força imbatível. Ele também tinha um desejo insaciável por mais. Quanto mais esse rei queria exatamente?

Montegue continuou falando, contando como provavelmente os Ballenger não tinham tido tempo de reunir nada antes da fuga, menos ainda uma volumosa pilha de pergaminhos, e, ainda assim, parecia que os cobijados documentos haviam desaparecido.

Franzi o cenho, tentando parecer apropriadamente perplexa. Eu trabalhava para ele agora e não tinha avançado tanto no círculo de confiança quanto pensava. Na verdade, eu ainda estava me arrastando pelas beiradas, tentando manter um pé dentro dele.

“Encontre-os”, ele disse. Isso não era um pedido. Era uma ordem de rei para ladra. E se eu os encontrasse? O que eu faria?

Destrua-os. Eu ouvi mais uma vez a urgência nas últimas palavras de Phineas. O medo. O arrependimento. Pelo amor dos grandes deuses, o que ele havia feito? *A magia das estrelas*. O que isso queria dizer?

Imagine as possibilidades.

Eu tinha certeza de que o rei e Banques já haviam feito isso.

Passei as próximas duas horas procurando por todos os cantos da Ponta da Caverna, passando os dedos ao longo de estantes de livros e escrivaninhas, procurando por portas escondidas e cantinhos secretos. Consegui identificar uns poucos painéis que levavam a espaços secretos e vazios. Aquilo era tudo. O Testa Deformada fazia minha escolta, e seus olhos embotados, desprovidos de vida, observavam cada movimento meu. Estava óbvio que todos os aposentos já tinham sido vasculhados. As roupas de cama nos quartos de dormir haviam sido tiradas das camas e jogadas ali. As portas dos armários foram deixadas abertas e eles estavam vazios — a maior parte de seu conteúdo empilhava-se no chão. A lógica do rei fazia sentido. Eu sabia que, se a família estava correndo para levar seus membros até as catacumbas, não haveria tempo para pegar comida, menos ainda os papéis de Phineas. Provavelmente, Gunner sequer sabia ao certo se eles tinham algum valor. O rei dissera que Phineas os havia escrito na língua dos Antigos, dos quais ele obtivera a maior

parte de seu conhecimento sobre os elementos, e era uma língua conhecida por poucos. Ele havia prometido transcrevê-los e enviá-los ao rei em breve, mas então eu interfeiri naquilo tudo.

Chegamos a um quarto que estava todo arrumado e ordenado. “Os aposentos do tenente”, explicou o Testa Deformada. “Ele tem deveres aqui e na arena.”

“Faço uma busca aqui?”

O Testa Deformada deu de ombros. “Já fizeram.”

De qualquer forma, fiz uma busca superficial. A única coisa fora do comum que encontrei foi a camisa de uma mulher embaixo da cama. Pelo visto, o tenente havia se divertido por aqui. Além disso, o quarto tinha pouca coisa. Quem quer que fosse esse tenente, ele não estava se acomodando para ficar por muito tempo. Eu não poderia culpá-lo por isso. A esmagadora melancolia do abandono pairava no ar como uma nuvem pesada, prestes a se romper em desespero. Quem poderia viver em meio a esta desolação por qualquer período de tempo?

Por fim retornamos à Raehouse de mãos abanando. O rei tinha saído, junto com as crianças, rumo à arena. Banques estava inclinado sobre uma mesa com Paxton e Truko, estudando mapas e livros contábeis e discutindo mercadorias que trariam mais lucro para a arena. Por que eles precisam tanto de dinheiro? Eles controlavam tudo agora. O que mais poderiam querer?

Quando o tom de Banques ficou afiado, notei a mão de Truko se fechar em punho atrás das costas. Ele estava acostumado a dar as ordens, e não a recebê-las. Nós todos estávamos aprendendo novos truques. *Pular? Certamente. Quão alto, Vossa Majestade?*

“Nada a reportar sobre a busca”, o Testa Deformada anunciou de forma sucinta e então partiu.

Todos eles deram as costas à mesa para olhar para mim, e Banques soltou um suspiro. “Espero que eu não tenha cometido um erro terrível convencendo o rei de que você poderia ter algum valor para nós.”

Erro terrível. As palavras. A voz dele. Ela abria caminho através dos meus ossos. Devereux Banques.

“Quem é você?”, perguntei. “Quem realmente é você?”

Ele abriu um sorriso, estendeu a mão para pegar um mapa e começou a enrolá-lo. “Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que você fizesse a conexão. Mas, agora que está do nosso lado, isso já não importa. Você não é tão diferente assim de mim, virando a casaca.”

Um calafrio eriçou os pelos dos meus braços. “Quem é você?”, eu repeti.

Ele deslizou o mapa para dentro de um cilindro de couro e colocou-o junto com a pilha de outros mapas. “Receio que, graças ao meu irmão mais velho traidor, eu tive de abandonar um dos meus nomes seis anos atrás. Depois de difamado, tudo que esse nome fazia por mim era fechar portas.” Ele pegou um outro mapa e começou a enrolar. “Em tempos

passados, fui uma estrela em ascensão nas forças militares em Morrighan. Você sabia disso?”

“Não”, respondi baixinho.

“Eu tinha grandes realizações e uma carreira distinta pela frente, mas tudo isso teve um fim quando meu irmão traiu o rei. Ninguém confiava em mim depois disso. Eu era um pária, e meu futuro estava destruído. Eu praticamente fugi de Morrighan. Felizmente, o novo rei da Eislândia me aceitou como magistrado do reino.”

Encarei-o enquanto ele falava, e sua imagem foi se transformando. Linhas em volta de seus olhos. Eu vi seus cabelos cor de carvão ficando brancos. Mas a voz era a mesma. *Irmão.*

“Devereux Banques Illarion”, ele confessou. “Mas, na verdade, eu prefiro o nome Banques. A linhagem ancestral da minha mãe era muito mais forte. Independentemente disso, tudo deu certo no fim das contas. Agora lidero um exército muito mais poderoso do que algum dia eu teria comandado em Morrighan. Espere até que eles vejam quem eu me tornei.” Ele sorriu, o pensamento o aquecendo como se ele já tivesse imaginado muitas vezes tal revelação.

Ele me contou que seu irmão fora lhe procurar havia dois anos, ainda um fugitivo em busca de refúgio e de dinheiro — junto com uma proposta interessante. Infelizmente, o rei não tinha fundos a oferecer, mas ele sabia quem tinha — os Ballenger —, e a oportunidade era perfeita. Não poderia ter sido melhor. Com uma história bem ensaiada, não demorou muito para que Beaufort e sua trupe caíssem nas boas graças dos Ballenger. Uma onda oportuna de ataques às caravanas de comerciantes também ajudou a motivar os Ballenger à ação sem que pudessem hesitar.

Eu me lembro da fala entrecortada na primeira vez que nos vimos. *Então você é aquela que...*

Agora eu sei qual era o pensamento inacabado — *aquela que capturou o meu irmão e que o arrastou para a execução.* “É como você se sente em relação ao fato de que prendi o seu irmão e o entreguei à rainha?”

Ele riu. “Aquela parte me divertiu, na verdade.”

“Você nunca teve planos de resgatá-lo?”

“Ah, em algum momento faremos isso.”

“É possível que ele já tenha sido executado.”

Ele balançou a cabeça em negativa, o sorriso afetado e confiante nos cantos de sua boca era tão parecido com o de Beaufort que chegava a assustar. “Não. Meu irmão é extremamente movediço — e tem uma inigualável língua de ouro. Ele dirá algo à rainha que a impedirá de agir. Um pouco de suor fará bem a ele. Depois de se contorcer um pouquinho e pagar sua penitência por arruinar a carreira de um jovem capitão, talvez seu irmão o tire de lá.”

“Você não tem medo de que ele os exponha, você e o rei?”

“Ele não o fará, não se quiser uma cota nisto tudo.”

“Que seria...?”

Banques sorriu. “Tudo em seu tempo, soldada. Tudo em seu tempo.” Ele se virou para Paxton. “Leve-a para fazer uma busca na casa principal. Com todo aquele entulho, pode ser que tenhamos deixado passar alguma coisa.”

Meu peito estava oco enquanto nos dirigíamos para a casa principal. Eu era um peixe que tinha sido atraído e preso no anzol repetidas vezes. *O magistrado da Eislândia era irmão de Beaufort*. Não era de admirar que, quando o pai de Jase lhe perguntara sobre o passado de Beaufort, o magistrado dissesse não ter nenhuma informação sobre ele. Ele não queria que Karsen Ballenger o mandasse embora.

Os engodos se aprofundavam a cada virada. Eu sequer sabia ao certo com quem estava lidando. Até mesmo o mais ardiloso lorde de quadrante, no fim do dia, ainda era apenas um lorde de quadrante com a meta singular de beber cerveja *ale* aos montes e adicionar umas moedas à sua bolsa. Seus segredos eram poucos, e esses eu descobria com facilidade. Eu os entendia, e entendia as consequências de desafiá-los. Mas aqui...

Este não era o meu mundo.

Afastei uma mecha úmida da minha testa. Nada nem ninguém era o que parecia ser. Nem mesmo o ardiloso Beaufort havia previsto que poderia sofrer na mão amarga de seu próprio irmão.

Eu não achava que as coisas pudessem ficar piores ou que eu pudesse ser atingida ainda mais profundamente. Mas então nós chegamos à casa principal. Eu não sabia ao certo o que tinha esperado. Destruição? Paredes caídas?

No entanto, o que quer que tivesse imaginado não teria me preparado para isso. Paxton e eu não falamos nada enquanto ele me escoltava através de uma abertura em uma parede criada pela explosão. Ouvei um solitário gotejar de água enquanto entrávamos em um corredor perto do vestíbulo frontal, mas, fora isso, a casa estava silenciosa de um jeito que não era natural. Livros abertos ondulavam ao vento. O céu brilhava acima de nós por meio de uma odiosa fenda no telhado. A água gotejava dali como lágrimas, ensopando o que quer que estivesse embaixo. O elegante lavatório florido dos aposentos de Priya no terceiro andar jazia estilhaçado em inúmeros pedaços no patamar do primeiro andar. A escadaria estava praticamente intacta, exceto por algumas partes esmagadas no corrimão, e uma tapeçaria ainda estava pendurada em uma parede, intocada, enquanto, logo do outro lado, o imenso balaústre da torre, antes no teto, agora repousava sobre uma pilha de pedra, como o chifre decepado de uma fera caída.

Fui subindo as escadas, Paxton se demorando em algum lugar lá atrás. Cada nova coisa quebrada arrancava um pedaço de mim, mais um de todos os pedaços meus que chegaram a se importar com a torre da Vi-

gília de Tor tanto quanto Jase se importava. Mas, supostamente, eu não deveria ligar para isso. Eu não poderia permitir que Paxton soubesse que cada nova parcela de carnificina acabava comigo. Eu parei e fiquei encarando uma camisa branca pendurada em uma viga rachada. O tecido esfarrapado ondulava suavemente à brisa como uma bandeira de rendição dos Ballenger.

No patamar do segundo andar, uma pilha de entulho estava toda emaranhada com aquilo que um dia poderia ter sido uma cama. Cama de quem? De Vairlyn? De Gunner? Penas rodopiavam corredor abaixo como pássaros fantasmagóricos, soltando-se de colchas e travesseiros. E então eu me deparei com um sapato solitário — a sandália que Jalaine me emprestara. Cravei o olhar nela. O vazio se aproximou ainda mais de mim, pressionando o meu peito como se eu estivesse embaixo das toneladas de entulho. Uma casa que um dia estivera cheia agora estava quebrada, em pedaços, destruída. Estiquei a mão para tocar em uma parede, usando-a para me manter firme. Uma rajada mal direcionada havia feito tudo isso.

Continuei andando na direção do quarto de Jase. Aquela ala ainda estava intacta, embora a força da rajada tivesse feito com que entulho e madeira partida voassem pelos corredores. Abri a porta dos aposentos dele e fui saudada por um tipo diferente de destruição. As roupas de cama estavam cortadas a faca, as cortinas, dilaceradas, e as estantes de livros, reviradas, isso não tinha sido causado por uma rajada, mas por um invasor. Todos os livros que Jase havia passado uma vida transcrevendo foram massacrados por pés que não ligavam a mínima para nada disso.

Jase estivera cheio de expectativas e planos. E agora isso...

Encarei o completo caos do aposento, girando o anel de sinete que era largo demais para o meu polegar. Eu lhe fizera uma promessa. Tudo isso parecia loucura agora. Será que minha presunção era maior do que a do rei? E se eu não fosse capaz de manter meu juramento? *E se eu não conseguisse nem mesmo salvar Lydia e Nash?* O pânico elevou-se dentro de mim. Fiquei ofegante, e então me virei e saí correndo do cômodo. Atravessei o corredor e subi as escadas, seguindo em direção ao solário, onde eu tinha visto Jalaine pela última vez — um lugar aonde ela ia para escapar, um lugar afastado de todo o resto, onde ela poderia trancar o mundo do lado de fora.

Paxton me chamou, ordenando que eu parasse. Ouvi as passadas dele logo depois das minhas. Ele estava bem nos meus calcanhares quando irrompi pelas portas duplas do solário, mas em um instante meu pânico irrompeu em uma fúria cega, e eu pulei para cima dele, jogando-o com tudo contra a parede. No mesmo movimento, peguei o escalpelo roubado da minha bota e pressionei-o com força na pele tenra do pescoço dele, onde uma veia pulsava selvagemmente.

“Abaxe isso”, ele ordenou, mas em seus olhos havia um medo pungente. Ele lambeu os lábios. “Você não vai me matar. Você não pode fa-

zer isso. Pense nas crianças. Você conhece as regras.”

“As *regras?*”, eu berrei, sem temer que ninguém me ouvisse do cômodo mais alto da casa. “As *regras?*” O escalpelo tremia na minha mão.

“Ele fará isso. Um arranhão em mim e ele os matará. Você não sabe do que ele é capaz.”

“Cale a boca!”, gritei. “Cale a boca, seu pedaço de estrume miserável! Tudo que importa é do que *eu sou* capaz!” Eu sacudia o escalpelo na mão. Lágrimas escorriam pelas minhas bochechas. Eu nunca havia me sentido assim tão descontrolada. O lugar pulsava com uma luz extremamente quente. Eu odiava que ele estivesse certo. O custo de matá-lo era alto demais, e eu sabia que não poderia fazer isso. Mas a sede de matá-lo ainda me esmagava, e eu pressionei o escalpelo com um pouco mais de força. Uma linha vermelha de sangue cintilava em seu pescoço. “Ele era da sua família”, falei, entre choro e soluços, “e você o caçou como se ele fosse um animal!”

Paxton inclinou a cabeça para trás, junto à parede, tentando se afastar da lâmina. Seu medo só fazia com que eu desejasse ainda mais matá-lo, e a ânsia ardente dentro de mim veio à tona ainda mais intensa. Fiquei observando enquanto gotículas minúsculas de sangue surgiam ao longo da linha que cortei, molhando a lâmina.

“Ele está vivo, Kazi”, ele sussurrou. “Jase está vivo.”

Meu ódio por ele se transformou em algo selvagem e brutal. “Seu covarde mentiroso! Você diria qualquer coisa para salvar a sua pele inútil.”

“Por favor.” Ele engoliu em seco, cuidadosamente. “Eu iria lhe contar quando tivesse certeza de que seria seguro. Quando eu tivesse certeza de que realmente poderia confiar em você. É verdade. Eu juro. Ele *estava* vivo, pelo menos. Ele estava por um triz quando o levei até Caemus, no assentamento. Eles o estão escondendo na adega de raiz. Ele e Jurga estavam removendo as flechas quando parti.”

Caemus? Paxton conhece Caemus? E Jurga? Ele sabe da adega de raiz? Fiquei encarando-o, descrente. Era impossível. Como ele poderia saber dessas coisas? Afrouxei a pressão no escalpelo. “E quanto à mão de Jase? O anel?”

“Eu tirei o anel do dedo dele antes de deixá-lo com Caemus. Eu tinha de trazer um corpo — ou parte de um corpo, de uma forma ou de outra, ou eles nunca teriam parado de caçá-lo. Era a mão de um soldado que eu matei. Não era a mão de Jase.”

Minha cabeça estava zozna.

Eu não conseguia pensar.

Vivo? Jase estava vivo?

E Paxton o havia salvado? Abaixei o escalpelo. Isso não fazia sentido algum. Procurei ler o rosto de Paxton, pensando que se tratava de mais um truque cruel, mas seus olhos se mantinham firmes, olhando dentro dos meus.

Verdade.

Verdade.

Eu me dobrei ao meio, incapaz de respirar, como se ainda estivesse presa ao leito do mais profundo oceano, mas eu conseguia ver a luz brilhando na superfície e estava tentando alcançá-la. Meus joelhos se dobraram e Paxton me segurou enquanto eu caía no chão. Sons ásperos saíram do meu peito, e eu tremia ao tentar inspirar o ar.

Paxton ajoelhou-se e me segurou. A sala ficou oscilando. Ele tirou os cabelos da frente do meu rosto. “Respire, Kazi, leve o tempo que precisar. Eu sei que é difícil. Respire.”

Eu tossi, me engasguei. Uma respiração rouca encheu meus pulmões.

Ele ergueu o meu queixo com uma expressão de alarme nos olhos. “Quando eu vi você lutando para salvar a vida dele, pensei...” Ele se encolheu. “Mas eu não tinha certeza. Você realmente gosta dele.”

Eu não respondi. Ele já tinha lido a verdade no meu rosto.

“Sinto muito por não poder ter lhe contado isso antes”, ele disse, e então acrescentou, mais cauteloso: “Mas tenho de lhe avisar que ele estava severamente machucado — muito mesmo. E ele só tinha Caemus e Jurga como curandeiros. Você precisa saber que ele pode estar morto a essa altura”. Ele relaxou os braços ao meu redor. “Não consegui voltar. É perigoso demais. Eu poderia levar alguém diretamente até ele. Não sei se...”

“Ele está vivo”, falei ofegante. “Se alguém é capaz de sobreviver por um fio, esse alguém é Jase. Caemus e Jurga, eles vão se certificar de que...” Uma tempestade de emoções tomou conta da minha garganta novamente, me forçando a diminuir o ritmo e respirar fundo várias vezes, e então eu endireitei os ombros, tentando enganar meu corpo e minha mente, fazendo-os acreditar que ainda me restava algum grau de controle. “Jase disse alguma coisa quando você o deixou?”

“Ele não estava consciente. Mal respirava.” Ele fez uma careta. “Foram cinco flechas, Kazi. Uma delas estava no peito dele. A situação não parecia boa.”

“Mas ele estava vivo?”, falei, precisando que ele confirmasse novamente.

Ele assentiu, incerto, e respondeu: “Quando eu o deixei, sim”.

Paxton estava sendo terno, empático, dizendo que sentia muito por não ter me contado, mas sua preocupação primária tinha sido Jase e as crianças, e ele não tinha certeza se poderia confiar em mim. Ele não conseguia confiar em alguém já havia um bom tempo, e mesmo que tivesse me visto lutando para salvar Jase, no fim das contas, eu havia levado o *Patrei* embora contra a vontade dele. Minhas ações o haviam deixado confuso. Ele puxou um lenço de seu bolso e o entregou a mim. Se eu não estivesse chorando e soluçando, eu teria rido. Era a cara do Paxton ter um lenço limpo e dobradinho. Peguei o lenço, limpei o nariz e os olhos, mas então a prudência voltou com tudo e eu o empurrei para longe.

“Mas você está trabalhando para eles. *Por quê?*”

Ele esticou o pescoço como um galo arrogante. “Não estou. Não mais do que você.”

“Você está comandando a arena. Como eu posso acreditar em qualquer coisa que você...?”

“Quem você acha que levou o remédio quando você estava trancafia-da? É a comida extra?”

Minha próxima acusação desapareceu. Tinha sido *ele*? Eu me lembrei do medo que senti do outro lado da minha cela quando o remédio foi deixado lá. Olhei para ele novamente — olhei de verdade. Eu não era a única que havia perdido peso. As maçãs de seu rosto estavam mais salientes, e havia um quê de desmazelo no Outrora aprumado Paxton. Ele estava com a barba por fazer, como se tivesse parado de se importar com isso e com cabelos impecavelmente arrumadinhos.

Os sinais de desespero o recobriam, mas eu ainda não conseguia me desvencilhar das minhas reservas em relação a ele. Paxton nutrira apenas animosidade em relação aos Ballenger e a Jase, em particular.

“Por quê?”, perguntei, simplesmente. “Que jogo você está jogando?” “Se eu não estiver do lado de dentro, fazendo o papel do Ballenger traidor que tem um histórico de vender os próprios parentes, eu estou do lado de fora, e isso significa que estou morto como aqueles que você viu pendurados nas *tembris* — assim como muitas outras pessoas. Eu não seria útil a ninguém, nem a você. Não posso me dar ao luxo de ser um lealista metido a santo. Vou bancar o traidor por tanto tempo quanto for preciso. Acho que estou seguindo com o jogo da mesma forma como você está fazendo.”

“Quero dizer, *por quê?* Eu sei por que eu me importo. Por que *você* se importa?”

Suas sobrancelhas se apertaram com irritação, e, naquele momento, ele me fez lembrar Jase, aquela mesma impaciência dos Ballenger passando pelo seu rosto. Senti um nó no estômago.

“Mil motivos”, ele respondeu. “Realmente é tão difícil assim de entender? Sei que Jase e eu tivemos nossas desavenças no decorrer dos anos — nossos pontos de vista e nossas ideias seguem rumos opostos —, mas eu também sou um Ballenger, tanto quanto qualquer um deles. Ele e a família dele não podem roubar isso de mim. Toda aquela história? É *minha* história também. Eu tenho uma participação nela. E, acima de tudo, eu posso não dar a mínima para alguns da família, mas Lydia e Nash são apenas crianças. Eles não deveriam ser usados como peões ou escudos.”

Uma causa nobre para o inescrupuloso Paxton? No entanto, se a proteção corria no sangue dos Ballenger, talvez corresse no sangue dele também.

Então ele me contou tudo — pelo menos, tudo que ele sabia. E as coisas só ficaram piores.

Eles julgavam estar apenas um degrau abaixo dos Deuses, orgulhosos em seu poder sobre o céu e a terra.

Seus conhecimentos se tornavam mais fortes, mas sua sabedoria enfraquecia.

Eles ansiavam por ainda mais poder e esmagavam os indefesos.

— Livro dos Textos Sagrados de Morrighan, Vol. IV

CAPÍTULO 23

J A S E

TIVEMOS DE NOS APROXIMAR A PARTIR DE UMA ROTA setentrional, para o caso de nos depararmos com alguém. O tempo extra que isso tomou corroía a minha pele como se fosse um verme. Eu me sentia um cão miserável coberto de pulgas no verão, mas para manter o nosso disfarce verossímil era preciso que tudo fizesse sentido. Os kbaaki nunca chegariam pelo sul. Vir nessa época do ano era suspeito, mas nós já tínhamos uma desculpa preparada para isso.

Criamos nossas próprias trilhas através das montanhas Mouras, passando por uma floresta onde, no passado, seria mais provável nos depararmos com alguma das feras míticas das lendas dos Ballenger do que com outro ser humano. Mas não estávamos no passado. Wren e Synové não sabiam mais do que Caemus, mas confirmaram a observação dele, de que um exército havia entrado na cidade e se espalhado por toda parte — em busca dos Ballenger, sem sombra de dúvida. A paz e a certeza de uma floresta vazia se foram. Eu estava em estado de alerta, tentando prestar atenção em todos os sons que ouvia.

“O que leva você a pensar que encontraremos alguém da sua família fora daquele buraco na montanha de vocês? Caemus disse que ninguém os viu e que, segundo os rumores, todos estão presos lá.”

Wren, infelizmente, não estava mais em seu silêncio taciturno. Ela e Synové queriam entrar cavalgando na Boca do Inferno, exigindo respostas como representantes da rainha. Eu disse a elas que isso só nos daria mais duas prisioneiras com as quais nos preocupar. Se Paxton havia levado os Ballenger a se esconderem no subterrâneo, se ele havia passado a controlar a cidade e a arena, e tomado Kazi como prisioneira, ele não hesitaria em fazer o mesmo com elas. Mas, como comerciantes kbaaki, nós conseguiríamos algumas respostas na arena e mais informações sobre a minha família. Assim que soubéssemos exatamente com o que e com quem estávamos lidando, entraríamos em ação. Ainda assim, Wren vinha me cutucando e sondando desde o momento em que partimos, tentando desatar os nós e descobrir qual era o meu plano. Parei Mihe. O comichão, a preocupação, o medo, tudo isso estava por fim me derrotando.

“O que você quer que eu faça? *Nada?*”, gritei. Ouvi a tensão na minha própria voz, a falta de controle, e isso era algo que eu odiava.

“Opa, devagar, menino”, ordenou Synové. “Nós estamos do mesmo lado, lembra?”

Engoli em seco. Do mesmo lado. Às vezes não parecia.

Wren ergueu uma sobrancelha, sem se afetar. “É isso que eu faço, *Patriei*. Eu desfaço os nós dos planos, e os seus estão cheios deles.”

“Tem alguma coisa que ele não está nos contando”, disse Synové. “Posso ver nos olhos dele.”

O único nó que eu tinha era aquela tensão no pescoço, com Synové sempre tentando interpretar o que eu estava pensando, e Wren, que continuava fazendo perguntas para as quais eu não tinha resposta.

“Não há nada nos meus olhos além de poeira da trilha.” “Desista, *Patri*”, exigiu Wren. “Abra o jogo conosco.” “Você só tem de confiar em mim”, foi a minha resposta. Havia algumas coisas que não compartilhávamos com quem não era da família — nunca, jamais.

Wren revirou os olhos. “Confiar em você?”

Mas ela sabia que tinha de confiar em mim. Eu conhecia esta montanha. Eu conhecia trilhas que ela nunca seria capaz de encontrar. E, acima de tudo, eu sabia onde uma daquelas poderosas armas estava escondida. Paxton e Truko haviam declarado uma guerra, e eu daria guerra a eles — assim que eu tivesse Kazi de volta. Tudo dependia disso, em primeiro lugar. E quanto a Rybart? Caemus não o havia mencionado. Talvez ele tivesse sido cortado dos planos de Paxton e Truko. Eu poderia ter de fazer um acordo às escondidas para contar com a ajuda dele.

“Lembre-se”, gorjeou Synové, “de que nós estamos apenas fingindo que somos suas esposas leais e de confiança.”

“E isso apenas se encontrarmos alguém nestes bosques abandonados”, disse Wren ainda. “Nesse ínterim, nós somos Rahtan procurando por uma camarada.”

Desferi um olhar de relance para ela, cheio de ceticismo. Eu sabia que Kazi era bem mais do que apenas uma camarada para elas. Elas eram osso duro de roer, quase tanto quanto eu. Isso sem falar que elas eram...

Balancei a cabeça em negativa. *Minhas esposas*. Elas também estavam vestidas como kbaaki, com os rostos pintados como o meu. Synové também usava um brinco com uma joia na sobrancelha. Como não havia mais joias no assentamento, Wren afundara o chapéu de pelos na cabeça, forçando seus cachos escuros a caírem sobre as sobrancelhas, o que tornava os olhos penetrantes embaixo delas ainda mais ameaçadores.

Soltei um suspiro. Eu tinha esposas kbaaki olhando por cima dos meus ombros.

Havia tantas coisas nas quais eu não queria pensar. Que nós estávamos entrando sorrateiramente em meu próprio território. Que Samuel poderia estar ferido — ou coisa pior, se a carta fosse verdadeira. Que Beaufort havia jogado com os Ballenger, tornando-nos uns tolos completos. Que Paxton havia tomado o comando de tudo. Que eu não o havia matado quando tive a oportunidade.

Acima de tudo, eu não queria pensar no sonho de Synové. Kazi acorrentada e coberta de sangue, deitada no chão escuro de uma prisão. *Imóvel como uma estátua*, ela dissera. Agarrando o braço dela, eu gritara: *Mas ela estava viva, Synové?* Suas lágrimas haviam parado de cair, mas

seus cílios ainda estavam grudados uns nos outros como espetos molhados, os olhos inchados e vermelhos. Ela ficara boquiaberta. *Eu não sei*, ela dissera em um sussurro. *Ela estava cheia de sangue. Não se mexia. Eu não sei se estava viva.* E então ela recomeçara a chorar. Caemus me desferira um olhar cauteloso, como se Synové tivesse confirmado suas próprias suspeitas, e eu saíra tempestivamente do abrigo. Wren me encontrara apoiado junto a uma parede, tentando respirar. Eu ainda estava com o peito desnudo, e ela colocou um manto sobre os meus ombros e sussurrou: *Kazi disse que às vezes um sonho é apenas um sonho, como outro qualquer. E esse foi apenas isso, um sonho. Nós temos de acreditar nisso.*

Apenas um sonho, eu disse a mim mesmo. Tinha sido apenas isso. Um sonho ruim do qual eu não conseguia me desvencilhar.

Fiquei observando o céu ficar mais escuro enquanto cruzávamos uma cadeia montanhosa. Assim que chegamos na face norte das montanhas, o vento ficou feroz, chicoteando o meu manto e o meu chapéu. Em poucos minutos, o céu estava cheio de nuvens pretas. “*Droga*”, falei baixinho, olhando para os céus. Será que os deuses estavam contra mim? Eu não tinha dúvidas de que Wren falaria que isso era um nó nos meus planos. Eu podia sentir o sabor da tempestade no ar. Sal, metal e pinho, o gosto da montanha sendo varrido para o céu. Uma tempestade pesada estava a caminho, do tipo que fazia os animais saírem correndo para dentro de suas cavernas e tocas, o tipo de tempestade que trazia vários centímetros, talvez quase um metro, de neve — não a poeira que vínhamos encarando. Nós teríamos de acampar mais cedo. Eu sabia da existência de umas ruínas de bom tamanho a pouco mais de um quilômetro de distância, que poderia abrigar nós três e também os cavalos.

Quando chegamos às ruínas enfiadas em uma parte escura da floresta, a neve já tinha começado a rodopiar em rajadas agudas, e o ar estava tão frio que os flocos de neve do tamanho de uma moeda prendiam-se, inteiros e brilhantes, aos pelos em nossas vestes, recusando-se a derreter. Tanto Synové quanto Wren pareciam estar usando coroas afiadas e cintilantes.

Rapidamente fiz uma fogueira e, enquanto Wren desempacotava a comida e cortava uma fatia do pão que Jurga nos havia dado, eu recalculava nosso caminho em minha mente. Se caísse muita neve, seria impossível passar por algumas das trilhas estreitas, e outras rotas tornariam a jornada ainda mais longa. Puxei a sela de Mihe, com raiva, tentando colocá-la no chão de forma descuidada, e senti uma pontada aguda na lateral do corpo. Eu me dobrei ao meio e deixei a sela cair, forçando-me a reprimir o gemido na garganta. Eu não queria que Wren e Synové me vissem como um peso morto. Por fora, os machucados estavam se curando, mas, por dentro, algumas partes ainda estavam rasgadas e em carne viva.

Eu não consegui evitar que Wren percebesse. “Que ferimentos espetaculares os seus, *Patri*. Ninguém nunca lhe ensinou a rolar e se abaixar?”

Minha idiotice ardia em chamas dentro de mim. Eu deveria ter recuado assim que vi os pináculos caídos. Eu deveria ter me retirado para dentro da floresta com Kazi e avaliado a ameaça. Mas tudo estava tão imóvel, tão quieto. Tão vazio. Nenhuma luz brilhava nas torres remanescentes. Tudo parecia tão desolado, e eu fui atraído para aquele vazio negro. Em vez de me virar e fugir da ameaça, eu havia corrido para dentro dela, determinado a salvar o meu lar, arriscando algo que eu amava ainda mais — Kazi. Eu nunca me perdoaria se...

Eu me endireitei, desafiando as minhas entranhas que se contorciam. “Meus machucados não são tão espetaculares assim. E você pode me chamar de Jase.”

Elas olharam uma para a outra como se estivessem refletindo a respeito e então deram risada.

“Então, *Patri*”, disse Synové, enquanto dispunha nossos mantos em torno da fogueira, “você e Kazi tiveram oportunidade, em algum momento, de abrir aquele presente que eu lhes dei?” Ela se deixou cair nos pelos macios dos mantos, com sua longa trança cor de cobre reluzindo à luz do fogo, e sorriu, esperando por um relato completo.

“Sim, tivemos”, respondi. “Obrigado.”

Ela e Wren franziram o cenho.

“E...?”, disse Synové prontamente.

Eu sabia o que ela queria ouvir, e talvez ela merecesse ouvir isso.

As palavras pairavam na minha língua, mas eu não consegui falar. Tudo ficou paralisado dentro de mim, e tudo que eu conseguia ver era Kazi.

Ela estava ruborizada, com as bochechas vermelhas e quentes como um pôr do sol fumegante. Eu nunca a tinha visto envergonhada daquele jeito. Ela ficou me encarando por um bom tempo, com o presente de Synové na palma da mão.

O pacote havia praticamente se desfeito nas minhas mãos. Talvez eu tivesse contribuído para isso. Eu não tinha certeza, mas estava curioso, e algo dentro de mim ansiava por aquilo.

O que é isso, Kazi?

Nossas palavras ressoavam na minha cabeça, claras como o momento em que nós as dissemos.

Um bolo de festa, foi a resposta dela.

E então ela levantou o bolo, curiosa também, e lá estava, enfiada debaixo do tecido impermeável, uma longa fita vermelha. Eu a ergui, e ela foi atingida pela brisa, o cetim vermelho ondulando entre nós. *Para que serve isso?*

Kazi balançou a cabeça. *Receio que Synové tenha se empolgado. Isso é para...*

Ela inspirou fundo, passando os lábios sobre os dentes. *Não vem ao caso.*

Contemplei-a com o olhar abaixado, talvez uma parte minha já soubesse, uma estranha expectativa crescia dentro de mim. *Diga-me*, falei. *Eu quero saber.*

Ela torceu os lábios, desconfortável, e eu queria beijá-la para fazer sua preocupação sumir. *Um bolo de festa e uma fita vermelha*, disse ela, *fazem parte de uma cerimônia vendana.*

Eu havia revivido aquele momento repetidas vezes. Enquanto tentava sobreviver lá na adega de raiz, tive certeza de que aquela memória era tudo que me mantinha ancorado a este mundo... *“Patri?”*

“Jase!”

Ergui o olhar. As duas me encaravam, os olhos fixos como se chifres tivessem crescido na minha cabeça.

“Qual é o problema com você?”, Wren perguntou irritada.

“Não importa”, disse Synové, com a testa marcada por linhas franzidas. “Você pode nos contar quando estiver preparado. Nós não...”

“Conte-me sobre o seu dom”, falei. O sonho de Synové ressurgia com urgência na minha cabeça. “Eu *preciso* saber. O dom que a sua rainha tem, que vocês têm, aquele que...”

Wren ergueu ambas as mãos quando olhei para ela. “Eu não”, disse ela. “Eu não tenho nada.”

Synové soprou uma mecha de cabelo que pendia solta na frente de seu rosto. “Todo mundo tem alguma coisa”, ela respondeu e sentou apoiada em seus calcanhares, ansiosa para falar sobre o assunto. Ela me disse que o dom era como uma espécie de percepção. “Quase como se fosse um outro tipo de linguagem, a rainha diz, uma linguagem que está profundamente enterrada dentro de nós, mas que nem sempre entendemos. É como um outro sentido que precisa ser nutrido. Foi isso que ajudou os Antigos a sobreviverem depois da devastação. A rainha diz que, quando não lhes restava mais nada, eles tiveram de retornar à linguagem da percepção para sobreviver.”

Ela disse que o dom se manifestava de maneiras diferentes em pessoas diferentes. Às vezes a rainha tinha visões, em outras ela ouvia uma voz baixa, e às vezes era apenas um aviso na forma de uma pontada em suas entranhas. O dom da própria Synové estava mais direcionado aos sonhos, mas ela tinha dificuldade para discernir quais sonhos realmente tinham algum significado. “Eu ainda estou tentando entender isso tudo. A rainha diz que devo ser paciente, que devo nutrir o meu dom, mas às vezes ele me assusta,”

“Isso sempre assusta você”, disse Wren.

“E quanto à Morte?”, perguntei. “Você a vê?”

Ela e Wren olharam uma para a outra, algum pensamento sombrio passando entre elas. Elas sabiam o que acontecia com Kazi. “Não”, Synové respondeu baixinho. “Não vejo. Não como a Kazi.” Ela estreme-

ceu. “E eu acho que isso que a Kazi tem está mais para uma maldição do que um dom.”

Wren franziu o cenho. “Talvez. Talvez não.”

Synové envolveu os próprios braços. “Fico surpresa por ela ter lhe contado isso. Ela não gosta de falar a respeito, nem mesmo conosco.”

Assenti. “Kazi me contou que, quando o pessoal do Fertig nos atacou e ele a estava estrangulando, ela viu a Morte parada sobre o ombro dele, apontando para ela.”

“A Morte não estava no meu sonho, se é nisso que você está pensando”, disse Synové, torcendo a ponta de sua trança com dedos nervosos. “Disso você pode estar certo.”

“Mas se está buscando alguma certeza, *Patri*”, disse Wren ainda, “você não a terá por meio do dom, de qualquer forma.”

Era exatamente isso que eu queria. Certeza. Meu sangue corria a mil com a sede de certeza, fervilhando ainda mais a cada quilômetro que cruzávamos. Não era um verme o que corroía a minha pele agora, mas centelhas, incontáveis dias de recuperação e espera e incerteza se acumulavam e eu não conseguia mais aguentar. Eu queria que todas as coisas fossem duras e sólidas e aguçadas e certas. Eu queria pedra, aço e espada. Eu queria o gume afiado de uma faca cortando uma garganta, e sangue quente escorrendo na minha mão. O sangue de Paxton. E então o de Truko e de todo mundo que tivesse nos traído. Eu queria a certeza de ter Kazi de volta nos meus braços. E qualquer um que tivesse tentado tirar essa certeza de mim sofreria antes de morrer. Eu queria minha família em segurança e preparada para se vingar por isso tudo. Eu queria que Gunner, Priya, Mason e Titus estivessem se encarregando de tudo na minha ausência, *já com* um plano em preparação.

Olhei para o fogo, minha raiva aumentando, e peguei Wren me observando. Seus olhos reluziam com as chamas enquanto ela balançava a cabeça em negativa. “Ninguém quer estar do lado errado do que está queimando dentro de você, *Patri*. *Essa é* uma certeza na qual eu estaria disposta a apostar.”

“Eu também”, disse Synové.

Nenhuma das duas me ofereceu garantias de que Kazi estava bem, nem mesmo de que estava viva. Elas conheciam as incertezas da vida. Kazi me dissera que os pais delas haviam sido brutalmente assassinados. Elas sabiam que as pessoas amadas morriam, e, como Caemus havia dito, não havia desejo nem raiva nem barganha com os deuses que pudesse mudar isso nem trazê-las de volta.

E, mesmo assim, eu ainda barganhava com os deuses a cada quilômetro que atravessávamos.

Por favor, não a tirem de mim. Eu faço qualquer coisa.

Qualquer coisa.



Wren me entregou uma grossa fatia de pão com coelho defumado e maçãs fatiadas em cima. Enquanto comíamos, fazíamos a comida descer com uma fraca cerveja *ale* vendana, que nós passamos uns para os outros em um cantil de couro. Synové estalava os dedos para mim se eu tomasse um gole longo demais. Ela havia falado quase sem parar, conseguindo de alguma forma habilidosa engolir o pão e a carne enquanto, feliz, nos contava uma história sobre drenar sangue de antílope para dentro de cantis. Ela reluzia de satisfação conforme contava sobre a fúria de Griz por ela ter despachado Bahr antes que ele fosse entregue à rainha. “Tecnicamente eu não o despachei. Todo mundo viu que foi o racaa que fez isso”, ela considerou, lambendo a gordura brilhante do coelho de seus dedos. “Vocês sabiam que os racaa não digerem ossos?”

“Não, eu não sabia disso”, respondi e entreguei o cantil com cerveja para Wren.

“Eles vomitam os ossos como uma coruja. Eu tenho certeza de que um dia encontrarei a pilha com os ossos de Bahr no Cam Lanteux, entrelaçados em uma bela bolinha junto com sua cueca. Um fim perfeito para...”

Wren esticou a mão, e Synové ficou instantaneamente em silêncio. Seus cachos escuros se sacudiam enquanto ela virava a cabeça, tentando ouvir alguma coisa. Entre o vento assoviando lá fora e o relinchar dos cavalos, eu não tinha ouvido nada, mas, agora, os pelos da minha nuca estavam eriçados. Uma vibração. Forte. Alguma coisa estava perto.

Eu coloquei o pedaço de pão pela metade em meu manto e me levantei enquanto sacava a espada da bainha. O chiado suave de metal contra metal perfurou o ar enquanto os cavalos galopavam até o interior da entrada das ruínas. Três homens chegaram cavalgando e, logo em seguida, mais três. Nós tínhamos visitas. Meu primeiro pensamento foi que estávamos em número menor, e o segundo foi se algum deles chegaria a me reconhecer. Será que o disfarce funcionaria? Eles recuaram quando me viram com a espada em punho, Synové com uma flecha preparada no arco, e Wren segurando uma *zieth* em cada mão.

“Calma, amigos. Nós só cavalgamos até aqui para fugir da tempestade. Ela nos pegou de surpresa”, disse um dos homens. Não o reconheci, mas ouvi a fala arrastada de Shiramar, o que significava que ele era, provavelmente, um dos homens de Truko. Resisti ao impulso de pular para cima dele e exigir informações. Eu sabia como poderia fazer isso, mas os números não estavam a nosso favor. Ele chegou mais perto com seu cavalo. “Vocês se importam de compartilharmos este abrigo? Isso é tudo que queremos. Meu nome é Langston”, disse ele ainda, batendo de leve no peito, como se saber seu nome fosse nos deixar mais tranquilos.

Troquei um olhar de relance com Wren e Synové, e depois assenti para ele. A única resposta tinha de ser sim. Wren e Synové voltaram a se sentar em seus mantos, e nós guardamos nossas armas, porém as mantivemos por perto. Pessoas que não tinham nada a esconder sempre divi-

diam um esconderijo seguro em uma tempestade — especialmente os kbaaki.

“Sejam bem-vindos, amigos”, falei, usando meu sotaque pesado. “Esquentem-se.”

Langston desceu de seu cavalo. Os outros fizeram o mesmo em seguida, batendo com as botas no chão, sacudindo camadas de neve de seus mantos, barbas e chapéus, e afrouxando seus cachecóis. Dois dos homens, aparentemente de um escalão inferior, foram cuidar dos cavalos, retirar as selas e sacudir os cobertores, enquanto o restante veio se aquecer perto de nossa fogueira. Até onde eu poderia dizer, não conhecia nenhum deles. Eles poderiam ser mercadores de Shiramar, embora mercador nenhum estaria nestas trilhas remotas, a menos que estivesse perdido. Minhas entranhas me diziam que eles eram homens de Truko, parte do exército que havia tomado a Boca do Inferno.

“Kbaaki, hum?”, disse Langston, erguendo as sobrelhas espessas ainda salpicadas de neve. Ele tirou as luvas, enfiando-as em seu colete. “Época tardia para vocês estarem tão longe de casa, não?”

O estratagema praticado estava pronto na minha língua. “A filha do rei está doente. A Siarrah dele disse que apenas fumaça de madeira dos espíritos vai expurgar os demônios dela. Ele nos ofereceu um baú cheio de *gheirey* em troca da madeira dos espíritos, então aqui estamos.”

Langston assentiu, sabendo que um baú cheio de *gheirey* era uma fortuna e valia uma viagem no inverno. Ele apresentou rapidamente seus três companheiros, que haviam se juntado a nós em volta da fogueira. “Cain, Ferrett e Utreck”, disse ele. Cain, que estava parado do meu outro lado, era alto e musculoso, e avalei que ele seria a maior ameaça. Ele correu os olhos por nossos pertences como se estivesse fazendo um inventário — desde as peles que estiramos em volta da fogueira até nossas armas que estavam ali perto, e nossa bagagem empacotada em uma pilha no canto. Não era simples curiosidade. Aqueles eram olhos de um olheiro em busca de sinais.

“Indo até a arena para comprar a madeira?”, ele me perguntou.

Assenti. “Mais rápido do que a floresta.” A floresta mais próxima de madeira dos espíritos ficava a quase cem quilômetros ao sul, e não era tarefa fácil cortar a madeira borrachuda, isso sem falar na bagunça e na sujeira. Comprá-la de um revendedor na arena seria a escolha lógica, visto que alguém estava doente e eles estavam com pressa, mas, ainda assim, eu queria lançar as perguntas de volta para ele o mais rápido possível. “E por que vocês estão aqui fora neste tempo violento?” “Um tipo diferente de recompensa”, foi a resposta de Langston, mas ele não explicou que tipo seria.

“Em patrulha”, disse Utreck. “Procurando por...”

“Animais para caçar.” Langston o cortou, mas a resposta já tinha escapado. Olheiros não “patrulhavam” em busca de caça. Eles estavam caçando pessoas. Ele olhou para Wren e Synové, que ainda não haviam se

pronunciado. Suas tentativas de falar com sotaque kbaaki haviam falhado, então concordamos que elas ficariam em silêncio caso nos deparássemos com alguém. “E essas são...?”

“Minhas esposas”, respondi. “Ghenta e Eloh. Meu nome é Vrud.” Wren e Synové assentiram. O olhar dele se demorou nas duas um pouco mais do que eu gostaria. Será que ele suspeitava de algo, ou teria outras coisas em mente?

Ferrett, um homem de baixa estatura, mas corpulento, foi se insinuando para o lado de Wren e sorriu. Faltava-lhe um dente da frente, e os demais eram tortos e pareciam prestes a cair também. Wren desferiu a ele um olhar cheio de ódio que trazia consigo um aviso: *Fique longe*.

“Você é boa demais para dar um olá amigável?”, disse ele, em tom de zombaria.

“Elas só falam kbaaki”, eu disse.

Langston baixou o olhar para a minha espada embainhada que estava em cima das peles. “Desde quando os kbaaki carregam espadas longas?” As armas eram um problema. No assentamento, nós reunimos o que pudemos. Caemus nos deu machados, e o restante das armas de Synové e de Wren foram divididas entre nós. Eu fiquei com a espada de Synové. Os kbaaki costumavam carregar um sabre longo, similar a um machete.

“Foi um presente do rei. Não sei ao certo se gosto dela, mas não queria insultá-lo.”

“Você se acostumará com ela”, disse Cain. “É um pouco mais pesada do que aqueles machetes que vocês costumam usar, mas o peso pode ser uma vantagem assim que você pegar o jeito.”

Assenti como se apreciasse a percepção dele. Então, tendo terminado seu trabalho, os outros dois homens se juntaram a nós. Um deles foi apresentado como Arman, mas o outro eu já conhecia — era Hagur, do leilão de gado, aquele que havia trapaceado conosco. Eu não tinha certeza se ele me reconheceria, mas não iria facilitar as coisas. Olhei para baixo, para que ele não visse meus olhos. Ele vira neles a iminência da própria morte uma vez — antes de eu lhe dar uma segunda chance —, e aquilo era algo que ele provavelmente não esqueceria. As centelhas queimando sob a minha pele ficavam cada vez mais quentes. Quantos empregados dos Ballenger haviam abandonado a família e trabalhavam para Paxton agora?

Cain avistou o pedaço de pão que eu deixei de lado às pressas quando eles chegaram. Os olhos dele se voltaram rapidamente para mim. Eu mesmo pensei nisso quando Jurga embrulhou o pão, que nós o teríamos comido muito antes de encontrar alguém.

Cain disse a palavra que já soava ruidosamente na minha cabeça. “Pão?”

Pés se mexeram. O silêncio se aprofundou. O estalar do fogo desapareceu.

Mantive o olhar baixo. “Foi um presente”, expliquei, “de um viajante por quem passamos.”

Langston me perscrutou com mais atenção. “Você parece ser um homem de sorte, Vrud. Duas esposas, presentes de reis, e bem aqui, no meio do nada, pão fresquinho?” Ele levou a mão até sua faca de caça.

Wren soltou um suspiro dramático, desviando a atenção dele de mim, e assumiu seu papel como se fosse moleza. Ela falou em um landês impecável. “Você tem algum problema com um simples pedaço de pão, Langston?”

Todos eles a encararam. Nosso esquema já havia sido destruído, mas agora Wren havia me dado um segundo de vantagem, e um segundo significava tudo.

Mergulhei no chão para pegar a espada, rolando sobre as peles, erguendo-a e fazendo com que a bainha solta voasse no peito de Ferrett.

Wren empurrou um Ferrett perturbado para cima de Utreck, e Synové deu um chute nas costas de Langston, lançando-o aos tropeços por cima da fogueira e depois para o chão. Todos eles agora estavam sacando suas armas.

Em segundos Cain estava em cima de mim, saltando como um lobo faminto e me capturando antes que eu pudesse me levantar, todo o seu peso pressionado contra mim enquanto tentava esfaquear meu pescoço com a adaga. Meus braços tremiam com o esforço de contê-lo, e minha cabeça estava perto do fogo. Vi a fome nos olhos dele. Caçadores, eles eram todos caçadores. E então uma faca acertou a bochecha dele.

Synové havia mergulhado para pegar seu cinto de armas e estava atirando uma torrente de facas de arremesso pelo ar. Cain caiu para trás, Uivando como um cachorro louco, com o sangue jorrando de sua boca, e eu virei a adaga na direção dele, enfiando-a em seu peito. Quase no mesmo instante, Hagur passou por mim, tentando acertar Synové. Eu ainda estava no chão, mas me lancei para pegar minha espada e girei-a, abrindo um corte na parte inferior da perna dele. Ele gritou e caiu com tudo no chão; em seguida, Ferrett veio para cima de mim com o machado erguido sobre a cabeça. Eu rolei, tentando me esquivar, mas então, com a precisão de um falcão investindo contra sua presa, Wren girou e cortou a cabeça dele, separando-a do pescoço.

Arman foi o último a cair, um grito de estourar os tímpanos parecia impeli-lo enquanto ele avançava para a frente, girando uma maça no ar. A adaga de Cain voou da minha mão e alojou-se em seu crânio, fazendo com que a maça fosse lançada contra uma parede.

Derrubados. Todos eles foram derrubados.

“Todo mundo está bem?”, perguntei, mancando em direção ao corpo imóvel de Utreck para me certificar de que ele estava morto. Eu tinha visto Synové lutando com ele, mas não havia sangue — e então eu vi a lateral do crânio afundada, talvez pelo salto da bota de Synové.

Synové se inclinou para a frente com as mãos nos joelhos, tentando respirar. “Ótima”, ela respondeu.

Wren olhou para seu manto e grunhiu. A cabeça de Ferret havia caído nele, deixando ali uma poça de sangue. Ela puxou o manto, fazendo com que a cabeça saísse rolando em direção à parede onde o corpo dele jazia. Ela fez uma careta para o manto manchado.

Olhei ao meu redor, para a carnificina sangrenta. Todos eles estavam mortos — menos Hagur.

Encarei-o, lembrando como ele implorara por uma segunda chance nos degraus do templo. Seus dedos estavam entrelaçados em prece e sua expressão se moldara, fazendo-o parecer com aquelas estátuas de santos desamparados do interior do templo. E eu lhe dera aquela segunda chance. E agora ele estava deitado no chão, com a perna inclinada em um ângulo para o lado. Exceto por um pequeno pedaço de carne, a perna fora rompida na altura da panturrilha. Seus olhos estavam selvagens quando encontraram os meus, ainda sem saber ao certo quem eu era. Sua respiração estava rasa e ele arfava como um filhotinho de cachorro. A cabeça se mexia de um lado para o outro.

“Olá, Hagur”, falei. Ele ficou lívido, e seu rosto, que já era pálido, ganhou a cor doentia de uma larva de inseto. Agora ele sabia com certeza quem eu era. Puxei um cinto de Cain para usar como torniquete enquanto caminhava na direção dele, cujos cotovelos faziam força contra o chão, tentando se afastar de mim, mas ele não conseguia se mexer nem mesmo uns poucos centímetros.

Uma única vez, pensei, assim como os deuses nos perdoaram uma vez. Isso é tudo.

“Você está morto”, disse ele com a voz rascante.

“Os deuses me trouxeram de volta à vida”, respondi. “Mas já não haverá segundas chances para você.”

O rosto dele reluzia com uma transpiração oleosa. Ele estava morrendo. Eu me ajoelhei ao lado dele e trabalhei rápido, envolvendo o cinto em torno do cotoco da perna dele. Ele gritou enquanto eu o apertava. Ele não iria sangrar até morrer antes que eu obtivesse respostas.

Assim que o sangue parou de jorrar, fiz a minha primeira e mais importante pergunta: “Onde está Kazi?”

“Eu não conheço nenhuma...”

“A soldada vendana que estava aqui!” Agarrei o colete dele e puxei-o para a frente. “Onde ela está?”

Ele gritou de dor. Seus olhos reviraram. “Eu juro...”, disse ele com a voz ofegante. “Eu estive na montanha. Patrulhando. Não a vi. Mas Banques... Ele tem prisioneiros. Alguns deles ele já enforcou...”

“Enforcou?”, berrou Wren. “Enforcou quem?” Seu temperamento normalmente frio vacilou com o desespero.

“Lealistas”, disse Hagur arquejante.

“Onde estão os prisioneiros? Onde ele os está mantendo presos?”,
exigi saber.

“Alguns deles estão na cidade. Alguns na arena. Alguns na...”

Ele nem teve tempo de continuar a explicação quando Synové exigiu
uma resposta diferente. “Quem é Banques?”

“O general”, disse ele em um sussurro, a voz quase impossível de ser
ouvida. “Segundo em comando.”

Um general? Todas as respostas que ele nos dava apenas criavam
mais perguntas. “Quem é o primeiro em comando?”, indaguei. Eu sabia
que o tempo que restava para as respostas era pouco e precioso. Ele mal
estava consciente. “Paxton? Truko?”

“Ele é mais esperto do que você pensa. Ele nunca vai...”

Seus olhos se fecharam e a cabeça rolou para o lado. Dei um tapa na
cara dele, tentando acordá-lo. “Quem? Diga-me, infeliz!”

Agarrei seu colete de novo, erguendo-o, pronto para chacoalhá-lo na
tentativa de fazer com que acordasse, mas Wren me impediu e o empur-
rou para o chão. “Não desperdice sua energia, *Patri*. Ele está morto.”

Fiquei com o olhar fixo nele, as mãos ainda agarradas às suas roupas,
sem qualquer disposição para soltar esse homem que me traíra duas ve-
zes. Eu estava preparado para abri-lo e escavar as respostas com os meus
dedos. *Onde está ela?*

“Deixe isso quieto, *Patri*”, disse Wren baixinho, soltando as minhas
mãos do colete de Hagur. “Vamos pegar um deles vivo. Um que possa
falar.”

CAPÍTULO 24

K A Z I

OS SEGREDOS DE PAXTON VIERAM À TONA NO DECORRER DO DIA, somente quando conseguíamos momentos seguros para conversarmos sozinhos. Começou no solário, onde jogávamos entulhos e móveis revirados para os lados enquanto conversávamos, para dar a impressão de estarmos fazendo uma busca pela casa — e não conspirando —, caso alguém ouvisse algo lá de baixo. A maioria das janelas do solário ainda estava intacta, mas o vento frio entrava assoviando por uma das que estavam quebradas, mantendo o ar fresco. Nossos movimentos ajudavam a impedir que a geada se assentasse em nossos ossos.

O arbusto que eu vira Jalaine podar meticulosamente estava morto, suas folhas marrons e encurvadas. Nós só tínhamos um tempinho para conversar antes que o rei retornasse à torre da Vigília de Tor para que voltássemos à estalagem com ele. Eu tentava absorver tudo que Paxton me dizia, até mesmo enquanto o analisava, tentando entender quem *ele* era.

Ele me disse que, ao contrário do relato oficial emitido por Banques, Rybart não havia liderado nenhum ataque na Boca do Inferno. Ele foi apenas um conveniente bode expiatório, e uma vez que ele e seus homens estavam mortos, eles não poderiam defender seus nomes ou intenções. A profundidade e a amplitude da astúcia e do poder de manipulação de Montegue me deixavam maravilhada. Ele era sagaz, paciente, esperto. Ele sabia como enganar e jogar com as pessoas. Ele entendia a desorientação tão bem quanto eu.

Foi o rei que havia matado Rybart — ou pelo menos um de seus guardas o fez sob sua ordem, porque o rei nunca sujava as mãos. Poderia ter sido facilmente Paxton ou Truko, mas Rybart havia cometido o erro de se levantar para partir em primeiro lugar. Essa foi sua ruína: a suprema aversão pelo rei.

Paxton explicou como eles todos haviam sido chamados até os aposentos do rei. Nenhum deles gostava de ser convocado, e Truko menos ainda, mas Montegue estava hospedado em aposentos luxuosos na Estalagem dos Ballenger, algo incomum e que eles sabiam estar muito acima das posses dele. Só aquilo havia atraído o interesse. Eles brincavam em relação a isso no caminho até lá, se perguntando se ele daria calote nos Ballenger ou se pagaria sua dívida lavando louça. Quando estavam sentados no luxuoso vestíbulo da suíte, o rei disse que tinha uma proposta generosa para todos eles. Ele estava assumindo o controle da torre da Vigília de Tor e da Boca do Inferno e estava disposto a dar uma porcentagem dos lucros da arena em retorno pelo gerenciamento dela. O rei co-

nhecia pouco sobre os negócios comerciais e precisava da experiência deles para manter o fluxo de renda. Ele disse que tinha um exército e armas para realizar seu plano, e que estava mais do que na hora de os Ballenger serem tirados do comando.

Paxton se lembrava de ter trocado um olhar sarcástico com Rybart e Truko. Ele disse que provavelmente todos estavam pensando a mesma coisa: que o rei estava louco. Paxton abafara uma risada e estava grato agora por aquela pequena atitude de sabedoria. Rybart foi o primeiro a se levantar para ir embora, dizendo: “Não estou interessado”. Ele não tentou esconder seu cinismo nem oferecer ao rei sequer o mínimo respeito. Embora todos desejassem uma parcela maior do comércio da arena, eles sabiam que não deveriam tentar roubar dos Ballenger, e o rei desajeitado era a última pessoa com quem desejavam ter uma parceria.

“Desajeitado”, repetiu Paxton, cujo olhar por um breve momento ficou desfocado, como se ele estivesse revivendo o momento em que seus olhos foram abertos para a verdadeira natureza do rei. “Nenhum de nós poderia ter estado mais errado em relação a ele. Nosso maior erro foi subestimá-lo.” Ele mesmo disse que estava prestes a se levantar e dizer o mesmo que Rybart quando, logo em seguida, seu colo e o rosto ficaram salpicados de sangue, e a ponta de uma espada se projetava do peito de Rybart. O guarda atrás dele arrancou a espada de seu corpo, e Rybart caiu desajeitadamente para trás em seu assento. Morto. E o rei deu continuidade à reunião sem pestanejar.

“E quanto a vocês dois?”, Montegue perguntara. “Estão interessados?”

Sim era obviamente a única resposta — pelo menos temporariamente —, foi o que Paxton pensou. No entanto, ele havia mais uma vez subestimado Montegue. O exército, para começo de conversa. Antes que a reunião terminasse, eles já estavam marchando e invadindo a cidade, formidáveis em número e armas. O rei também soubera exatamente como semear a discórdia, virando um camarada contra o outro, já subornando os homens do próprio Paxton para que entregassem uns aos outros por deslealdade. Todo mundo agora estava do lado do rei, pelo menos nas aparências. Aqueles que achavam que poderiam conspirar com um colega contra o rei eram entregues e enforcados. Ele vinha se infiltrando na Boca do Inferno por meses com seus próprios homens. Infiltrados. Isso fazia com que todo mundo ficasse de bico calado e com medo de falar com qualquer um.

“Eu só tenho dois homens no meu grupo com quem ainda tenho uma comunicação regular e em quem com certeza posso confiar — Binter e Cheu. Além disso, estou afastado de todo mundo. Creio que possa confiar em Truko, mas nós não conversamos muito. Acho que ele também sente medo, mas não tenho como saber ao certo. Os *straza* dele definitivamente viraram a casaca. O rei se infiltrou ou subverteu quase tudo e

todos. Quer gostem dele ou não, eles têm medo de sair da linha porque não sabem quem está esperando para apunhalá-los pelas costas.”

“Como ele consegue a lealdade desses traiçoeiros?”

“Ganância e medo. Ele fez promessas extravagantes e mais ameaças assustadoras — e ele tem o poder de fazer valer tais ameaças.”

Paxton se repreendia por não ter percebido. Ele havia começado a desconfiar quando de repente estava vendendo grandes quantidades de minerais para supostos revendedores — os quais se revelaram falsos. Ele rastreou as compras até os Ballenger. Ele sabia que Jase estava tramando alguma coisa, mas não sabia ao certo o que seria. Quando o rei começou a fazer grandes pedidos de ferro-gusa, ele não ligou as duas coisas. “Ele dizia que estava forjando novos arados e equipamentos agrícolas para suas três fazendas — mas eu sabia que ele já havia vendido duas delas. Foi uma transação feita às pressas. Ninguém deveria saber sobre a venda daquelas terras, mas um dos capatazes dele veio até mim procurando trabalho. Eu achei que a compra de ferro para mais arados fosse apenas mais de seus espetaculares erros de gerenciamento, e estava feliz por lhe vender ferro que ele nunca seria capaz de usar. Eu simplesmente não juntei as peças. Não achei que ele fosse capaz de algo assim.”

“Ele pagou pelos mercenários com a venda de suas posses?”

“Aquilo foi só uma entrada. Ele tem um novo pagamento agendado para breve.”

“É por isso que ele precisa do faturamento da arena.”

“Isso mesmo. Um imenso arsenal de armas só vale se tiver um exército para usá-las.”

Balancei a cabeça. Eu ainda não entendia como o arsenal podia ser tão *imenso*. “Jase me falou sobre os suprimentos que ele pedira. Havia apenas o suficiente para uma pequena guerra, na melhor das hipóteses, e a maior parte foi usada nos experimentos.”

“Você acha mesmo que Beaufort seria honesto em relação a alguma coisa, inclusive sobre os suprimentos? Eles não estavam esgotando as provisões com os testes. Eles as estavam estocando e enviando-as a algum lugar. Como, eu não sei. Nem para onde. Isso eles mantêm em segredo absoluto...”

Fiquei ofegante. *As azeitonas! Os barris!*

Aquelas não eram palavras sem sentido ditas por um homem moribundo. Eu me lembrei de quando Phineas as dissera, com sangue jorrando de seus lábios. Foi assim que eles acumularam um imenso arsenal. Durante meses eles haviam contrabandeado os explosivos da Ponta da Caverna em barris vazios que antes continham vinho ou azeitonas.

“Eles usaram barris de azeitonas e vinho”, falei. “Phineas me disse.” “Barris?”, ele disse baixinho, maravilhado. Ele me contou que havia cento e quatro armazéns atrás da arena e que seria uma tarefa tremenda fazer uma busca neles sem levantar suspeitas. Ele só tinha conseguido vasculhar uma dúzia até agora, mas estivera procurando por engradados.

“Setenta e dois”, falei. “Existe um armazém com esse número?” Con-tei-lhe sobre o papel que eu tinha roubado do rei.

Ele assentiu. “Lá nos fundos, perto dos cercados. Vou dar uma olhada lá em seguida.”

Ele continuou falando, me contando sobre as balistas que eles haviam construído. “Elas são ainda mais mortais do que os lançadores. Um tiro foi suficiente para derrubar o templo. Eles estão forjando mais delas agora.”

“Mas cedo ou tarde ficarão sem munição.”

“Eles dizem ter usado somente uma parte do que têm e que logo terão mais.”

“Como isso é possível? Nós destruímos os projetos.”

“Eles têm em mãos o produto aperfeiçoado e sabem quais são todos os ingredientes. Não demorará muito para que os químicos que ele contratou repliquem a fórmula. É iminente.”

Eu me lembrei das últimas palavras de Beaufort para mim. *Isso não está acabado, nunca estará. Não agora. Uma porta foi destrancada.*

Porém, de alguma forma, nós tínhamos de fechar aquela porta novamente. O rei já tinha a Boca do Inferno na palma da mão. O único motivo pelo qual ele precisaria de mais...

Paxton deu voz aos meus pensamentos antes que eu pudesse terminá-los.

“Ele não disse de forma direta, mas está de olho em outros reinos. Ele quer possuir a riqueza deles.” Ele ouvira uma conversa entre Montegue e Banques em que falavam, essencialmente, sobre chantagem: taxas para a travessia para o Cam Lanteux a trezentos quilômetros das fronteiras da Eislândia. Taxas para muitas coisas que outros reinos teriam de pagar, senão...

O *senão* aconteceria se eles pagassem as taxas ou não. Phineas oferecera o universo a Montegue, e eu vira o fogo em seus olhos. Ele não sossegaria com nada menos do que isso.

“E talvez até mais do que a riqueza deles”, continuou Paxton, “ele quer poder e respeito. Ele não hesitaria em usar nenhum reino que o desafiasse como um exemplo para os outros.”

“Como ele fez com Rybart, para que você e Truko entrassem na dele.”

Ele soltou um suspiro. “Sim, exatamente da mesma forma.”

“O rei voltou! Vamos embora!”, uma voz berrou lá de baixo. Eles bateram alguma coisa contra uma tubulação de metal para o caso de não termos ouvido os gritos. Ninguém queria deixar o rei esperando.

Na volta para a estalagem, fui cavalgando ao lado de Montegue e Nash a princípio, mas, depois de ouvir que minha busca não havia resultado em nada, o rei logo recomeçou uma conversa animada com Banques. O aviso lúgubre de Paxton estava virando realidade.

Os químicos haviam conseguido. A fórmula fora recriada. A produção recomeçaria assim que mais suprimentos chegassem. Até o fim do ano, o rei esperava duplicar seu já formidável arsenal. De repente, o ar ficou mais frio. Mais rarefeito. Mais perigoso.

Olhei para Lydia, que cavalgava com Banques, e fiz um leve movimento com a cabeça. Uma promessa. *Aguente firme. Este pesadelo logo vai acabar.* Mesmo que estivesse ficando pior a cada minuto. Ela desviou o olhar, mas eu vi o temor velado em seus olhos.

Nem Montegue nem Banques se importaram quando fiquei para trás com Paxton. Eu tinha um plano fervilhando na minha cabeça. Era tão perigoso quanto se aninhar com uma víbora. Cheirava a fracasso, mas eu o tinha em mente desde minha visita ao cemitério nesta manhã. Naquele momento, parecera impossível. Para realizá-lo, no mínimo, eu precisava de um aliado.

E agora eu tinha Paxton.

Seria ele realmente um aliado? A preocupação recorrente tamborilava na minha cabeça. Ele era um homem detestado por Jase, e era um homem que eu realmente não conhecia. Porém, como aprendi tão recentemente, as pessoas podiam ser muitas coisas que não pareciam ser. Até mesmo Jase havia se revelado alguém bem diferente de quem eu imaginara que ele fosse. Será que eu deveria me arriscar com um outro Ballengler? Ou será que Paxton tinha outros motivos além daqueles que me contara?

A maioria das pessoas tem motivos ocultos. Nossos desejos raramente vêm todos envoltos em um pacote bonitinho. Nem mesmo os meus são assim. Eu sabia que, primeiramente, teria de entender melhor Paxton, antes de passar a confiar nele. Será que uma curta cavalgada de volta à estalagem seria o bastante para construir confiança? Tinha de ser. Eu percebia o tempo passando esmagadoramente. A cada virada, o jogo mudava, as pessoas mudavam, o que estava em jogo mudava. *Ele está de olho em outros reinos.* Eu temia que o tempo estivesse acabando para todo mundo, mas especialmente para Lydia e Nash. Até que eles estivessem em segurança, eu não poderia fazer nada para ajudar ninguém.

Olhei de esguelha para Paxton. Eu nunca havia envolvido ninguém nos meus planos antes. Isso criava um novo tipo de medo dentro de mim.

Deixamos aumentar a distância que nos separava de nosso séquito, e, com o vento em nosso rosto, conversar se tornou seguro. A inclinação arrogante do queixo, o tom sarcástico na voz, isso tudo ainda era o clássico Paxton. Porém, sob a fachada, um outro lado dele vinha à tona, um lado muito mais sério e reflexivo, que ele se esforçava para manter escondido. Quando guiava nossa conversa para o lado pessoal, eu o via hesitar, esquivar-se. Ele balançou a cabeça quando admitiu se sentir envergonhado pelo que seu bisavô bêbado fizera, envergonhado pelos esquemas de seu próprio pai e pela maneira como ele havia conspirado

com outras ligas para recuperar a torre da Vigília de Tor, mas também sentia raiva por seus primos, os Ballenger, nunca terem sido capazes de perdoar a transgressão de um ancestral e punirem todas as crias que vieram a partir dele. Sua mãe se esforçara para lhe ensinar a história da família, dizendo que era a história dele também e que ele deveria manter a cabeça erguida.

“Então é daí que vem a arrogância do seu queixo erguido?”, falei em tom de censura.

Ele estreitou os olhos e abriu um largo sorriso. “Algo assim.”

“E quanto aos seus desentendimentos com Jase? São lendários.”

Ele arqueou uma das sobrancelhas. “São?”, perguntou, soltando uma baforada de ar carregada de satisfação. “Eu tinha a cabeça quente na época — mas ele também. E talvez às vezes eu tenha levado as coisas longe demais.” Algo repuxou o canto de seus lábios. “Eu o atirei em um poço uma vez”, ele admitiu. “Ele tinha dezesseis anos. Eu tinha dezoito. Falei para ele não esquentar. Achei que fosse uma metáfora divertida e que ele fosse gostar. Eu também achei que alguém iria atrás dele, mas ele quase morreu. Ficou preso lá por dois dias.” Paxton deu de ombros. “Ele já tinha feito umas coisas tão ruins quanto essa comigo. Mas, de fato, disso eu me arrependi. Creio que praticamente matou as minhas chances com Priya.”

“Priya?”, falei em um tom de descrença. “Como você poderia pensar que um dia teria alguma chance com ela?”

Talvez eu tenha sido muito dura. Suas têmporas ficaram coradas e ele deu de ombros. “Paixões mantidas por muito tempo são resistentes à lógica, creio. Eu tinha uma paixonite por ela desde quando era um menino de treze anos desajeitado e de poucas palavras, e ela era uma beldade de quinze anos, madura e sofisticada. Tínhamos acabado de nos conhecer formalmente, em um funeral. Parece que esse é o único jeito de nós, Ballenger, nos reunirmos. Enquanto ela era toda graça e estrelas e brilho, cheirando a flores frescas de verão, eu era um pateta atrapalhado, e essa é uma descrição generosa. Eu tropeçava em todas as palavras que dizia. Até cheguei a cuspir nela sem querer. Foi um desastre. Nossos caminhos se cruzavam de tempos em tempos depois disso, mas, obviamente, ela sempre fazia questão de sequer olhar na minha direção. Eu imaginava que, um dia, talvez ela fosse apreciar minhas qualidades. A verdade é que eu ainda fico sem palavras quando estou perto dela. Funerais e coisas do gênero. Não são situações realmente encorajadoras para boas conversas.”

“Você ainda é apaixonado por ela?” Mais uma vez, minha descrença talvez estivesse evidente demais no meu tom de voz, e ele balançou a cabeça de forma intransigente para dispensar a ideia.

“Não, é claro que não. Não somos mais crianças. Mas o rei estava me deixando nervoso. Por um tempo ele se agarrou à ideia de poupar a vida de Priya e tomá-la como esposa — casar o velho com o novo —, de for-

ma a agradar todo mundo. Dois tipos de realeza, ele dizia. Uma ideia louca, mas que o atraía enormemente até pouco tempo atrás. Agora eu acho que ele pode ter mudado de planos e colocado os olhos em alguma outra pessoa.” Ele pousou o olhar compenetrado em mim.

“Porque ele sabe que Jase me queria”, eu disse.

“Mas não podia ter você.”

Entendi. “Ele quer ser melhor do que o *Patrei* em tudo.”

“Algo do gênero.”

Quando chegamos à estalagem, o rei já havia entrado com as crianças, e enquanto descíamos de nossas montarias, Banques falou para Paxton me escoltar até o meu quarto. “Você vai jantar com o rei esta noite”, ele me disse. “Você encontrará uma roupa apropriada em seu quarto. Meu tenente irá pegá-la. Esteja pronta.”

Pegar. Como se eu fosse uma mala. Talvez fosse exatamente assim que Banques me via: uma mala da qual ele queria se livrar, especialmente se o rei ficasse muito próximo de mim. Banques era possessivo em relação a suas atenções.

A roupa apropriada acabou sendo um elegante vestido de noite que fez com que Paxton e eu erguêssemos nossas sobrancelhas. Ficamos conversando enquanto eu me lavava e trocava de roupa, sem saber quando teríamos uma oportunidade de falar em particular novamente. Nós dois concordamos que até que Lydia e Nash estivessem fora das mãos do rei e de Banques, nós estaríamos impotentes para impedir os grandiosos esquemas deles. Expus a Paxton meu plano. Ele ficou hesitante.

“Não. Não, não, não”, disse ele, balançando a cabeça em negativa. “Isso não vai dar certo. Os dois são apenas criancinhas. Eles entrariam em pânico.”

“Eles são mais fortes do que você pensa. E conseguem fazer isso — contanto que você consiga.”

Ele mordeu o lábio, reavaliando a ideia. Ele não tinha nenhum plano melhor e sabia que seria preferível ficar à frente do perigo, em vez de reagir a ele. Nós tínhamos de fazer algo. Logo. Ele soltou um suspiro, concordando, mas ainda hesitante. “Eu tenho meus dois homens a quem confio a minha vida — e as vidas de Lydia e Nash. Tudo bem. Amanhã.” Ele esfregou o pescoço, ainda tentando aceitar a ideia. “Tem certeza?”

Assenti. “Foi Jase quem me manteve viva, Paxton. Quando achei que fosse impossível seguir em frente, eu o ouvi me dizendo para continuar firme. *Você consegue*, ele disse. *Só um pouco mais adiante*. É o que temos que fazer agora. Só precisamos ir um pouco mais adiante. Vai dar certo. E, assim que eles estiverem livres, nós também estaremos.”

Um leve gemido ressoou em seu peito. “Tudo bem. De uma forma ou de outra, cuidarei das coisas do lado de cá. Enquanto isso, pratique esse seu andar manco.” E, com aquelas poucas palavras, vi o lado ardiloso de Paxton vir à tona novamente, saindo do esconderijo, e eu lhe dava as bo-

as-vindas. Eu não precisava do Paxton cheio de medos — eu precisava do Paxton inescrupuloso, aquele disposto a jogar seu primo em um poço para lhe ensinar uma lição.

CAPÍTULO 25

J A S E

CAEMUS NUNCA HAVIA DITO NADA SOBRE UM GENERAL. Soldados, sim, mas um general significava algo mais. Significava algo maior e mais organizado do que o líder de uma liga tomando o poder e jogando algumas armas nas mãos de quem estivesse disposto a usá-las. Eu já tinha feito as contas de quantos soldados Paxton, Truko e talvez Rybart poderiam reunir juntando seus recursos. Talvez um grupo desigual de uns duzentos homens, no máximo.

Mas um general queria dizer que havia algum tipo de exército formal. Eu revirei a ideia na minha cabeça, quando não estava pensando nas pessoas penduradas em árvores. O que, exatamente, Beaufort estivera planejando? E quem estava no comando agora que Beaufort não fazia mais parte desse esquema?

A tempestade havia parado, mas a neve deixada por ela ainda estava alta no chão, a ponto de ser impossível caminhar pela estreita passagem que eu tinha planejado como rota — o que também criava um daqueles nós sobre os quais Wren havia me avisado. Tivemos de dar a volta e pegar uma rota que consumia mais tempo, ao sul da montanha, onde a neve ainda estava com poucos centímetros de altura.

Synové soltou um xingamento e apontou para o traseiro de Mihe. “Nós não vimos que ficou um pouco de sangue ali.”

Olhei para trás e vi as manchas deladoras, escuras e incrustadas em seus pelos pretos. “Ôa, *gutra hezo*”, falei e desci da sela. Nós havíamos limpado o sangue de nosso rosto, peles e armas — era importante que não estivéssemos implicados nas mortes de seis homens, caso eles fossem encontrados, nem queríamos chamar a atenção de outros predadores na montanha, como as alcateias de lobos que andavam por ali no inverno. Ergui o olhar de relance para o céu. Ou um racaa faminto que talvez tivesse adquirido um gosto por carne humana depois do que Synové aprontara com Bahr. Despejei água na mão e esfreguei-a nos pelos de Mihe.

“*Gutra hezo?*”, disse Wren.

“Mihe está acostumado a ouvir isso de Kazi. Eu achei que...” Não terminei a frase. Eu não sabia o que achava, exceto que queria ouvir a voz de Kazi, mesmo que fosse eu a dizer aquelas palavras, eu queria repeti-las e lembrar-me de todas as palavras que haviam passado entre nós, para manter tudo isso vivo.

“Você mima esse cavalo tanto quanto Kazi mimava”, disse Synové em um tom de gorjeio. Ela aproveitou a oportunidade para me contar sobre o dia em que Kaden, o mantenedor de Venda e ex-assassino, deu o

cavalo a Kazi. Ela estivera de olho em Mihe nos cercados durante semanas. Synové, Wren e Kazi eram meninas de treze anos de idade e tinham sido aprovadas para avançar no treinamento dos Rahtan, e isso significava que cada uma delas receberia seu próprio cavalo para cuidar e com o qual treinar.

“Todos os cavalos dos Rahtan são meio esquentadinhos, mas Mihe era demais. Kazi se doía de tanto que queria esse cavalo, mas Kaden já havia dito não a ela. Ele disse que Mihe era teimoso, e era mais do que Kazi conseguiria lidar.”

Todavia, Synové disse que Kazi não desistiu, e um dia ela pulou para dentro do cercado de Mihe. Ele era um cavalo jovem e temperamental, mas era isso que Kazi adorava em relação a ele. O animal bateu com as patas no chão e tentou assustá-la para que fosse embora, e ela ficou batendo os pés em resposta. Foi um impasse e tanto, Kaden berrava para que ela saísse dali, mas ela chamou o cavalo e estendeu a mão para ele.

“Aquela fera enlouquecida foi direto na direção dela, levou o focinho à palma de sua mão, acarinhando-a, e o resto é história”, disse Wren. “O mantenedor não pôde negar o pedido de Kazi, e o cavalo passou a ser dela desde aquele dia.”

“Ela subornou Mihe”, falei.

As duas viraram a cabeça na minha direção. “O quê?”, elas disseram ao mesmo tempo.

“Fazia quase duas semanas que ela, em segredo, dava frutas secas a ele, que ela pegava na despensa na cozinha. Foi por isso que ele foi até ela. Ele estava esperando pela guloseima.” Kazi havia me contado a história inteira, satisfeita com a expressão de choque estampada na cara do mantenedor.

“Maldição”, disse Synové, sorrindo com a revelação, aparentemente satisfeita por Kazi não ter deixado nada nas mãos do acaso. “Parece que vocês contavam tudo um para o outro.” Ela olhou de um jeito malicioso para mim, estreitando os olhos. “E sobre mim e Mason? Você contou a ela sobre nós?”

Wren revirou os olhos. “Não tem muito o que contar sobre isso.”

Assenti. “Kazi ficou surpresa.”

A atenção de Wren se voltou para Synové. “O que tem você e o Mason?”

Synové riu e contou a Wren que existia mais em relação a eles dois do que ela havia dado a entender. “Pode ser que tenhamos nos beijado uma ou duas vezes.” Dessa vez foi Synové quem revirou os olhos, sugerindo ter sido mais do que um beijo.

Isso foi a centelha que atçou uma pequena querela entre as duas, com Wren dizendo a Synové sobre os perigos de se envolver com o inimigo. “Olha a encrenca em que Kazi se meteu...” Ela parou de falar e olhou para mim.

“Eu ainda sou o inimigo?”, perguntei.

“Você é um pé no saco, isso sim, mas não um inimigo — por ora.” Estranhamente, vindo de Wren, isso quase soava como um elogio. Synové zombou dela. “Você está dizendo que não está ansiosa para ver Samuel novamente?”

Wren olhou feio para ela. “Não. Não estou ansiosa. Nada aconteceu entre mim e Samuel.”

“Mas você queria que acontecesse.” Ela deu umas batidinhas de leve no queixo. “Ou seria Aram? Eu ainda não consigo diferenciar aqueles dois filhotinhos.”

Wren soltou uma respiração sibilante e cheia de frustração, e seguiu cavalgando um pouco à frente, pondo um fim na conversa. “Pelas chamas dos santos”, ela resmungou enquanto seguia adiante. “Eu preciso de Kazi aqui.”

Synové continuou a falar sobre Mason, imaginando que ele ficaria muito feliz ao vê-la apesar da separação cáustica e das ameaças que eles haviam lançado entre si, mas eu só conseguia pensar em Samuel.

Meu irmãozinho, eu sempre dizia em um tom de provocação. Ele era pouco mais de um centímetro mais alto do que eu. Eu não tinha contado a nenhuma das duas sobre o bilhete dizendo que ele estava morto. Eu o havia desconsiderado, convencido de que não poderia ser verdade, mas agora, depois de ver as muralhas caídas na torre da Vigília de Tor, depois de saber que um exército havia tomado a Boca do Inferno, depois de saber que a minha família havia se escondido nas catacumbas para tentar se salvar — isso já não me parecia impossível.

Senti um nó na garganta, pensando no meu irmãozinho morto, e um som engasgado escapou. Eu tossi para mascarar-lo. Wren virou o olhar para mim, com ares de suspeita. Ela nunca perdia nada — talvez fosse por isso que estivesse com raiva por não ter captado o que havia acontecido entre Synové e Mason.

“Como foi que Mason conseguiu aquela cicatriz no pescoço?”, quis saber Synové. O silêncio nunca durava muito tempo perto dela.

“Ele não lhe contou?”

“Um barbeiro bêbado, foi o que ele disse.” Ela soltou um suspiro. “Mason e eu não conversávamos muito — pelo menos não da forma como você e Kazi conversavam. Tínhamos mais uma coisa física.”

Eu me lembrava de Mason confessando sua atração por Synové, mas tinha certeza de que aquilo era mais do que apenas uma atração superficial. Eu me lembrava da voz dele, de seus olhos cheios de nervosismo, desviando-se rapidamente quando ele disse *ela me faz rir*. Era algo difícil de admitir para ele, gostar de alguém daquele jeito.

“Se era apenas uma coisa física o que havia entre vocês dois, então por que você se importa com a forma como ele conseguiu a cicatriz?”

“Uma garota pode ser curiosa, não pode?”

Synové podia ser minha esposa temporária, mas Mason era meu irmão. Eu não entregava os segredos dele. “Você mesma vai ter de per-

guntar isso a ele.”

Ela resmungou baixinho, a maior parte em vendano, mas a última palavra que disse parecia ser *sapo*.

Talvez ela soubesse que, quando e se voltasse a se encontrar com Mason, ele provavelmente sequer falaria com ela. Talvez não fosse apenas algo físico, como ela dizia. Talvez ela o conhecesse melhor do que dava a entender. Uma coisa eu tenho a dizer em relação a Mason: ele tinha uma boa memória. Mesmo que eles não conversassem muito, disso Synové sabia. Ele havia perdido pai e mãe por causa de uma traição. Synové estava morta para Mason.

Wren caminhava ao meu lado, com seu ombro roçando casualmente o meu, e Synové, como a boa e carinhosa esposa que era, segurava a minha mão.

Nós atraíamos olhares. Não por eu ser um kbaaki caminhando com as minhas duas esposas, mas por estarmos aqui. Nosso lar ficava a uma longa distância ao norte, e o inverno havia chegado. Nossa desculpa para estar assim tão longe teve de ser contada repetidas vezes, primeiramente nos estábulos onde tivemos de deixar nossos cavalos. Essa era uma regra que os Ballenger haviam iniciado anos atrás. Nós havíamos decidido que a experiência de comércio e compra seria melhorada se as estreitas avenidas da arena não estivessem cheias de cavalos, mulas e carroças. Nós tínhamos transportadores que levavam as mercadorias até os estábulos para os clientes. Eu me arrependia dessa regra agora. Ela tornava uma fuga rápida mais difícil.

Eu sabia que nossa presença aqui fora de temporada não era o único motivo dos olhares — parte deles se devia ao fato de que os kbaaki sempre foram levemente intimidantes. Eles eram calados e viviam atentos, aspectos que os tornavam ótimos caçadores. Mas seus modos quietos e seus olhares fixos enervavam algumas pessoas. Eles eram grandes também, não tão grandes como Griz, mas altos e de ombros largos — até mesmo as mulheres. Synové era uma garota grande, quase tão alta quanto eu, e facilmente passava por uma kbaaki. Wren era menor, mas seu olhar fixo e intimidante mais do que compensava seu tamanho. Porém, acima de tudo, as pessoas sempre acharam que havia algo que não parecia ser deste mundo em relação aos kbaaki e seus conhecimentos misteriosos sobre poções e venenos.

“Mantenha os olhos à frente, marido”, avisou-me Wren.

Synové apertou levemente a minha mão. “Lembre-se de que nós somos apenas uma família em busca de madeira dos espíritos.”

Eu esquadrihava cada canto da arena. Era difícil não fazer isso. Impossível, talvez. Eu estava olhando para as mudanças antes mesmo de entrarmos ali. Havia soldados posicionados na ponte acima da entrada — com lançadores sobre seus ombros. Meus lançadores. Aqueles pelos

quais eu tinha pagado — e caro. Mais soldados se encontravam no piso onde fazíamos as compras, mas estavam armados apenas com alabardas ou espadas. Procurei em meio àqueles rostos, mas não havia reconhecido ninguém ainda. De onde todos eles vinham? E onde estariam os empregados dos Ballenger? Mortos?

Eu não tinha nenhuma dúvida de que mais soldados nos espionavam das oito torres ao redor do piso da arena. O que havia acontecido com Garvin? Será que ele estava morto? Será que havia sido forçado a trabalhar para eles? Ou talvez tivesse fugido. Ele era bom em desaparecer de fininho, sem que ninguém o notasse. Em algum lugar lá em cima, Paxton e Truko poderiam inclusive estar me observando neste mesmo instante — talvez dos aposentos dos Ballenger, enquanto bebiam do nosso vinho e comiam da nossa comida.

E talvez eles estivessem com Kazi em algum lugar nesta arena.

Conhecendo sua habilidade em desaparecer, Kazi tinha de estar em algum lugar muito seguro. Ou ela estava ferida. Ou...

Eu não podia pensar em mais nenhuma possibilidade. “Por ali”, falei, inclinando a cabeça para um homem que estava parado perto de uma das entradas da torre. “Ele.” Por fim, reconheci um dos empregados — Sheridan. Um homem robusto, com espessas sobrancelhas ruivas que combinavam com a barba. Ele não trabalhou para nós por muito tempo. Titus o havia contratado, e eu só falei com ele brevemente uma vez. Ele era um entre uma dezena de seguranças que ficavam no piso da arena, encarregados de acalmar querelas antes que se tornassem mais intensas. Porém, eles também deveriam direcionar os clientes até as mercadorias. A arena era grande e parecia uma verdadeira cidade, isso sem falar nas fileiras de armazéns e cercados de animais que se espalhavam atrás dela.

“Ele é um homem grande. Tem certeza?”, perguntou-me Wren.

“Parece que ele pode ser do tipo que faz alarde também”, disse Synové ainda.

Eu tinha certeza. Ou ele havia sido capturado na tomada da cidade e forçado a trabalhar na arena, ou havia se juntado aos escalões deles por livre e espontânea vontade, e eu estava prestes a tornar o dia dele melhor — ou muito pior.

“*Sa dreforaza?* Ei, ei...”, eu o chamei, fingindo enfrentar dificuldades com o idioma. “Mad eera du esp. Nós estamos procurando por...”

“Madeira dos espíritos? Vocês poderão encontrar ali no armazém dezoito. Passou um pouco da época para ainda ter em estoque, mas eles são revendedores especializados que têm um pouco de tudo. Por aquele túnel. É só procurar pelos números na...”

Balancei a cabeça como se pedisse desculpas. “Seus números. Eu não... sei ler.”

Ele tentou me explicar e até mesmo escreveu o número no ar, mas eu só franzi o rosto, parecendo ainda mais confuso. Por fim, ele desistiu e

acenou para que seguíssemos em frente. “Por aqui. Eu mostrarei a vocês.”

A vantagem de ter passado grande parte do meu tempo na arena enquanto eu crescia foi ter conhecido lugares, todos os lugares escondidos de que ninguém mais tinha conhecimento — e nem queria ter. Lugares para os quais todos os pais Ballenger haviam proibido seus filhos de ir, mas aonde nós íamos mesmo assim. Era um rito de passagem, os primos mais velhos conduziam os mais novos por caminhos perigosos para assustá-los. O mais importante de tudo era que eu conhecia lugares que uma equipe de segurança não seria capaz de ver de cima das torres — os únicos pontos cegos que nós tínhamos.

Eu caminhava ao lado de Sheridan em direção ao curto túnel que dava acesso aos armazéns atrás da arena. Wren e Synové seguiam logo atrás de nós. Com seus volumosos mantos de pele, elas proviam um escudo conveniente. Enquanto nos aproximávamos do túnel, vi que estava claro e desobstruído.

“A arena”, falei ao entrarmos no túnel, “está diferente desde a última vez que estive aqui.”

“Nova administração”, ele me explicou.

“Não são mais os *Ballensher*?”

“Não.” Ele riu. “Eles se foram faz tempo.”

“Venderam?”

“Fugiram da cidade. Administração ruim.”

Ele continuou falando, depreciando os Ballenger, e então admitiu que eles estavam enfurnados naquele buraco deles na montanha, provavelmente mortos a essa altura. Ele só aceitou ser contratado porque sabia que eles seriam substituídos.

“Como? Você tem uma vidente?”, eu perguntei.

Ele riu de novo. Parecia que eu era bem divertido. “Não”, ele respondeu. “Conexões internas.”

Sheridan era um infiltrado? Alguém para ajudar na tomada do poder?

Por essa ele não esperava. Em um segundo ele estava caminhando à frente, e no próximo, meu peso o empurrava para as sombras escuras de uma escadaria abandonada. Wren e Synové pularam na minha frente, abrindo uma porta com violência. Meu braço envolvia o seu pescoço, mas ele estava tentando se libertar. Até que encostei uma faca em seu peito.

“Fique quieto”, ordenei, enquanto o arrastava para as entranhas ocultas da arena, pisando em pedras tombadas e passando por teias cheias de poeira. Synové acendeu uma vela enquanto Wren tirava as armas dele — uma faca e uma clava —, e então saiu correndo na frente, abrindo uma porta atrás da outra, às vezes tendo de forçá-las com o ombro.

“Um beco sem saída”, disse ela quando um dos patamares terminou em uma pilha de entulho.

“Não, volte por aqui”, falei. Por causa da pouca luz era difícil enxergar, mas uma pequena passagem para a lateral das escadas levava a um buraco irregular na parede e a outro lance de escadas. Por fim, saímos naquilo que eu e meus irmãos chamávamos de cemitério — um vasto mundo subterrâneo repleto de carruagens de metal dos Antigos. O ar estava pesado, empoeirado e tomado por um cheiro peculiar quase doce. Tentei não pensar muito no que seria aquilo. A pouca ventilação nesta tumba praticamente vedada era o que ajudava a impedir que as carruagens — e outras coisas — virassem pó.

Synové soltou um grunhido quando a vela que pousou na base de uma das carruagens iluminou o Antigo ainda sentado ali dentro. Ele não era o único. Havia centenas de restos mortais petrificados, Antigos presos na tumba selada quando seu mundo desmoronou rumo ao fim. Sheridan começou a lutar contra mim, sem se importar com a faca em seu peito, e eu o empurrei para longe. Ele foi aos tropeços para trás, de encontro a uma das altas carruagens, e o impacto fez com que a carcaça enferrujada se mexesse e depois parasse.

“Você pode gritar o quanto quiser aqui embaixo, Sheridan”, falei. “Ninguém vai ouvi-lo.”

Dessa vez eu conseguiria as minhas respostas — por mais tempo que levasse — e não haveria a preocupação de que alguém fosse nos interromper.

Ele olhou ao redor, no interior da vasta caverna, a única vela iluminando apenas uma pequena parte dela. Centenas de carruagens e outras centenas de ossos reluziam na parca iluminação. Pessoas Antigas estavam penduradas em portas abertas ou janelas, muitas das quais ainda apresentavam as peles frágeis e descoloridas e expressões marcadas pelo horror. Ele voltou a olhar para mim e então analisou Wren e Synové. As armas que elas haviam sacado brilhavam com a luz dourada e tremulante. Ele não estava mais rindo.

“Como é que você me conhece?”, ele quis saber.

“Você costumava trabalhar para mim”, respondi. Tirei o meu chapéu. Joguei os cabelos para trás.

Com meu rosto pintado, ele ainda não me reconhecia. “Jase *Balensher*”, falei com sotaque.

Ele soltou um xingamento.

“Hmm”, concordou Wren. “Nunca se sabe quando um pouco de lealdade pode vir a calhar, não é?”

“Vou simplificar as coisas para você, Sheridan”, falei. “Eu faço perguntas. Você responde. E toda vez que você mentir para mim, minha amiga aqui vai cortar alguma coisa sua. Acredite em mim, saberei se você estiver mentindo.”

Wren girou sua *ziethe*.

“Onde está a soldada vendana?”, perguntei.

Ele fechou as mãos em punho nas laterais do corpo. “Aquela garota? Eles a estão mantendo presa na cidade.”

Mantendo-a presa. Um breve momento de alívio encheu os meus pulmões. Isso significava que ela estava viva.

“Quem a está mantendo presa?”, perguntei. “Banques? O general? Paxton? Quem está no comando?”

“No comando de quê?”

“Da cidade, da arena. De tudo.”

“O rei”, disse ele, hesitante, como se não tivesse entendido a pergunta.

“Que rei? De que reino?”

Ele contorceu o rosto em uma expressão de interrogação. “O rei da Eislândia, seu tolo! Montegue!”

Eu não consegui absorver essas palavras.

“Montegue invadiu a cidade? Você está tentando me dizer que aquele tolo desajeitado está comandando tudo por aqui?”

“É exatamente isso que estou lhe dizendo. Ele está no direito dele. O reino pertence a ele, a cidade pertence a ele. A soldada vendana levada sob custódia por atacar um esquadrão e matar quatro deles, ela também pertence a ele.” Ele fez uma pausa, um largo sorriso iluminava seus olhos, e disse ainda: “A soldada vendana é dele, e ele pode fazer o que *quiser* com ela”.

Eu me lancei bruscamente para a frente, preparado para torcer a cabeça dele, mas Wren me conteve. “Não caia nessa, *Patri*. Ele só está jogando a isca e esperando que você morda.” Eu sabia disso. Ele queria que eu pulasse para cima dele. Será que ele achava que conseguiria pegar uma das minhas armas durante a briga?

“E quanto a Zane?”, perguntei.

“O que tem ele?”

Que os deuses sejam benditos! Eu rezava para que Gunner tivesse matado Zane antes que tudo isso tivesse acontecido. Que ele não estivesse à solta e...

“Ele está vivo?”, eu quis saber.

Sheridan sorriu. “Ele foi promovido desde que trabalhava para você. Ele é tenente no exército do rei agora. Provavelmente está encarregado daquela soldada vendana com a qual você está tão preocupado.”

Wren apertou meu braço com mais força.

Sheridan aproveitou esse momento para lançar-se, não para cima de mim, mas para o lado, mirando a vela que estava na base da carruagem, a menos de um metro de distância. Ele mergulhou, sua mão derrubou a vela, e então não havia mais luz. Fomos engolfados pela escuridão total. Ouvi pés se arrastando, e depois o ressoar de passadas firmes e, por cima de tudo isso, gritos. Os nossos.

A vela!

Encontre-a!

Onde está ele?

Nenhum de nós se atrevia a girar nossas armas no ar porque não conseguíamos ver uns aos outros. Faíscas se soltaram da caixa de fósforos de Synové repetidas vezes, até que ela conseguiu pegar a ponta de seu manto e uma pequena chama reluziu dali, brilhante o bastante para localizarmos a vela e a acendermos novamente.

Ouvi mais arrastar de pés, grunhidos e arquejos vindos de algum lugar ao fundo da caverna, bem longe de nosso círculo de luz. As carruagens faziam ruídos sibilantes e despencavam enquanto ele tropeçava nelas no escuro.

“Mostre-se, Sheridan!”, eu gritei. “Não há para onde ir.”

Ele não respondeu.

Wren soltou um xingamento. “Nós nunca o encontraremos lá.”

Fiquei com o olhar fixo na escuridão poeirenta. “Não temos de encontrá-lo”, foi a minha resposta.

Saímos dali, fechando e reforçando com barreiras todas as portas atrás de nós, embora, em meio à escuridão sufocante e ao labirinto de carruagens que se desfaziam em pedaços, ele nunca fosse encontrá-las de qualquer forma. Sheridan havia selado seu próprio destino. Em questão de dias, se não horas, seu rosto marcado pelo terror se juntaria ao exército daqueles que já estavam ali embaixo.

Errdwor é o líder deles. Ele me diz seu nome e bate no peito. Treme de raiva. Ele é mais velho do que eu. Maior do que eu. Mais forte do que eu. Ele diz que devo obedecer. Que devo abrir nosso portão. Mas a raiva dele não é maior do que a minha. Ele foi um daqueles que mataram o meu avô.

— Greyson Ballenger, 15 anos —

CAPÍTULO 26

K A Z I

AMANHÃ. EU SÓ TINHA DE CONSEGUIR AGUENTAR MAIS UM DIA. Assim que Lydia e Nash estivessem em segurança, nada mais me seguraria nem me faria esperar. As munições seriam encontradas e destruídas. Reis e generais morreriam.

Os papéis que a rainha ordenou que eu encontrasse seriam confiscados de Gunner, que certamente os havia guardado em algum lugar. E eu estaria novamente com Jase. Eu cuidaria dele. Cuidaria para que recuperasse a saúde, lá na adega de raiz, até que ele conseguisse cavalgar novamente, por tanto tempo quanto fosse necessário. Faria o que quer que fosse preciso. E então nós reconstruiríamos a torre da Vigília de Tor juntos. Um sonho que eu achava ter sido roubado começava a florescer em mim mais uma vez, desabrochando como a primavera no meio do inverno.

Terminei de amarrar meu vestido, dei uma boa olhada em mim mesma no espelho e franzi o cenho. Este não era um vestido para um jantar calmo ou um interrogatório. Estava mais para um vestido de festa para uma grande ocasião e era revelador demais, porém, o que quer que estivesse à minha espera esta noite, eu teria que entrar no jogo. Distrair e desviar. Tratava-se de um outro tipo de malabarismo, e, por uma noite, eu conseguiria dar conta. Eu tinha de assegurar ainda mais a confiança do rei para que ele baixasse a guarda. *Alimente as fantasias dele. Permita que o ego dele seja seu cúmplice. Ele é apenas um alvo como qualquer outro*, eu disse a mim mesma.

Mas ele não era como qualquer outro. Eu sabia disso. Até mesmo os mercadores empanturrados tinham regras a seguir, pessoas a quem responder. O rei não respondia para ninguém, e as únicas regras que seguia eram aquelas que ele tinha criado e que poderia mudar por mero capricho.

Vesti o corpete, tentando puxá-lo para cima. Eu me senti como Wren, tentando entender uma peça de roupa nada prática. Era...

Parada. Não se mexa.

Eu girei. O quarto estava em silêncio, imóvel de um jeito anormal, e, ainda assim, o ar parecia cheio de espinhos. Eu sentia os fantasmas pairando, observando. Seus pés frios andavam de um lado para o outro, nervosos. Um deles deslizou a ponta de um dedo frio ao longo do meu maxilar. *Shhh, Kazi, não...*

Uma batida firme à porta fez com que eu me virasse novamente. O calafrio desapareceu. Será que Paxton havia esquecido alguma coisa? Ou talvez minha escolta tivesse chegado mais cedo. O fato de ainda precisar de uma escolta mostrava que eu ainda não tinha conquistado a con-

fiança deles, mesmo que agora estivesse oficialmente a serviço do rei. Eu tinha de afastar suas dúvidas remanescentes até amanhã. Se Paxton conseguisse fazer seu trabalho, eu conseguiria fazer o meu.

“Estou indo”, falei.

Diminuí a luz da lamparina ao lado da minha cama e apanhei meu manto, ansiosa para que esta noite ficasse no passado, ansiosa para que o amanhã chegasse, mas, quando abri a porta, o rosto que me cumprimentou não fazia qualquer sentido. Sombras invadiram a minha visão. Por um instante, eu estava em lugar nenhum no tempo, flutuando, perdida. Meu sangue foi drenado e minha respiração desapareceu. Eu não conseguia me mexer, todos os meus músculos repentinamente ficaram inúteis. Líquidos. Então fui trespassada pelo terror e, logo em seguida, uma onda quente de consciência retornou. Bati a porta e a fechei com força, mas, antes que eu pudesse trancá-la, ele irrompeu em um ataque de força e fúria, abrindo a porta com tudo, me atingindo e me fazendo cambalear para trás.

Ele veio para cima de mim, uma de suas mãos agarrou os meus pulsos, a outra foi parar na minha garganta, sem deixar qualquer espaço entre nós que eu pudesse usar a meu favor, como se ele tivesse praticado esse movimento por meses. Sua pele queimava junto à minha. “Surpresa”, ele disse em um sussurro.

Minha garganta fechou, o ar lutava para encontrar um jeito de entrar. “Eu sou a sua escolta esta noite”, disse ele. “Sou um tenente no exército do rei agora. Doce justiça, não acha?”

A voz dele era como mil aranhas rastejando sobre a minha pele. Meus ombros tremiam contra a minha vontade. Éramos apenas nós dois, e não havia para onde ir. *Você não é mais impotente, Kazi. Lute.* O instinto e a razão travavam uma batalha dentro de mim. As palavras constantes de Natiya durante o meu treinamento martelavam dentro da minha cabeça. *Conheça suas fraquezas, mas jogue com suas forças.*

Ele era mais alto, mais forte, mais pesado, um peso terrível fazendo pressão contra mim, mas a maior das fraquezas que eu tinha eram as regras do rei. *Se em algum momento você machucar..*

“Eu quase perdi um dedo por *sua causa*”, ele sibilou. “Talvez eu devesse pegar um dos seus como pagamento. Ou talvez eu devesse tomar alguma outra coisa?” Ele me empurrou com mais força, seu peso me esmagou contra a parede. “Seu amante morto quase me matou. Eu gostaria que ele pudesse ver isso agora.”

Zane não estava com medo de mim como eu achei que estaria. Ele estava à solta, sedento, encorajado, porque agora tinha a força do rei como respaldo. Porque eu estava presa, exatamente como a minha mãe estivera.

Quase presa.

Como Natiya havia me ordenado, eu conhecia os meus pontos fortes. Eu também havia praticado. Na minha mente.

Uma centena de vezes. Mil vezes. De todas as maneiras.
Uma cuspidada.
O torcer de um pulso.
Um cotovelo indo com tudo de encontro a um nariz.
Uma joelhada na virilha.
Dedos contra a garganta.
Um forte chute na rótula.
Um castelo de cartas desmoronando no chão.
Eu não precisava de uma faca. Nem de um escalpelo.
Eu sabia o que precisava fazer.
E então, enquanto ele estivesse se contorcendo no chão, um chute esmagador com o calcanhar em sua têmpora.

Incrível como o corpo humano é tão vulnerável.

Caso não morresse, ele ficaria incapacitado.

E muito machucado.

Se eu o matasse agora, colocaria tudo em risco. O rei estava esperando que Zane me buscasse e me levasse até ele, e não esperava encontrá-lo morto no chão do meu quarto. Além de quebrar as regras, isso colocaria um fim em toda a confiança. Matá-lo revelaria nosso plano e faria com que a oportunidade de salvar Lydia e Nash desaparecesse. Poderia até mesmo significar a morte deles. Paxton já estava ocupado colocando nosso plano em ação. Estávamos perto demais agora. O dia de amanhã estava próximo demais.

“O rei está esperando por mim”, falei.

“Não se preocupe. Eu vou levá-la até ele — mas estou adiantado. Você não notou? Muita coisa pode acontecer em vinte minutos. Você não quer saber o que aconteceu com a sua mãe? Vá em frente. Me pergunte.” A fraca luz da lamparina reluzia nos olhos escuros dele, sua provocação lhe dava prazer. *Onde está a pirralha?* A sala rodopiava. Minha pele ardia como se estivesse pegando fogo. *Pense, Kazi. Firme. Encontre uma forma de escapar.*

“Banques!”, eu gritei com a voz estrangulada.

“O quê?”

Com dificuldade, forcei o ar a entrar em meus pulmões. Eu tinha algo muito mais mortal do que um punho cerrado na garganta dele. Algo que o assustaria e que seria a sua ruína. Ele já era um homem morto. Só não sabia disso ainda.

“Você não vai fazer nada assim que eu contar a Banque sobre você.”

“Contar o quê?”

“Que você o traiu. Que você cedeu sob interrogatório e entregou o nome dele a Jase. *Devereux*. Você revelou a Jase ter sido ele quem lhe deu dinheiro para contratar os caçadores de mão de obra. Como você acha que o general vai receber essa informação? Você acha que ainda vai ser tenente dele? Não, você acabará pendurado em uma corda mais rápido do que conseguirá molhar suas calças.”

O pânico brilhou nos olhos dele de forma quase instantânea. Ele sabia que o general gostava de enforcar as pessoas, e sua confissão, entregando Banques a Jase, era uma ofensa digna de enforcamento.

“Eu só entreguei o primeiro nome”, ele tentou usar a razão. “Não o restante. Seu amante estava prestes a fazer picadinho de mim.”

“Você acha que isso vai importar para Banques?”

“Eu poderia simplesmente matá-la agora”, disse ele, apertando a mão na minha garganta.

“E como você explicaria isso ao rei que me colocou em sua folha de pagamento? Eu sou empregada dele agora, exatamente como você — e uma empregada de quem ele gosta bem mais, caso não tenha notado.”

O peito dele subia e descia, e seus olhos se encolhiam feito continhas de vidro enquanto ele procurava uma saída para o dilema. Suas palavras atropelavam os pensamentos. “Se você... Se eu estiver morto, você nunca encontrará a sua mãe.”

Eu me encolhi, sentindo como se tivesse sido atingida, e minha pele ardia. “Minha mãe está morta”, foi a minha resposta.

“Não, ela não está morta. E eu sei onde ela está. Não fica longe daqui.”

“Você está mentindo. Eu sei...”

“Ela está viva. Eu a levarei até ela o mais rápido possível. Mas você não pode dizer nada sobre mim para o Banques. Está me entendendo? Ou nunca descobrirá onde ela está.”

As palavras dele eram insípidas, embotadas, estavam mortas dentro de mim, secas. Ele estava apenas buscando uma saída para a situação. Uma maneira de me manter calada. Ela não estava viva. Mas e se...?

Ainda esta manhã, eu achava que Jase também estivesse morto.

E se...?

Eu não acreditei, mas concordei com os termos dele. Ter em mãos algo mortal a ser usado contra a cabeça de Zane poderia ser útil se os eventos fugissem do controle — na melhor das hipóteses, um aliado, embora não de livre e espontânea vontade. Fiz uma barganha com o diabo, com o próprio homem que havia arrancado a minha alma e que agora me subornava com a falsa esperança de devolvê-la.

Eu concordei com ele porque, neste instante, o dia de amanhã importava mais do que onze anos de privação.

No entanto, depois de amanhã, eu ainda saberia onde encontrá-lo.

Depois de amanhã, tudo mudaria. Mas ele não sabia disso. Ainda não.

Percorrer um corredor ao lado de um monstro que eu havia temido por mais da metade da minha vida foi a mais longa caminhada que já fiz. Foi infinita, e, ao chegarmos à sala de jantar, eu já havia me tornado uma concha vazia. Minha determinação flutuava em algum lugar fora de mim, como um fantasma que eu não podia ver.

Mantenha a cabeça erguida, Kazi.

Você consegue.
Adiante. Nós estamos quase lá.
Quase.
Jase.
Ele estava vivo.
Isso era tudo que eu precisava lembrar.
E o amanhã estava quase chegando.

CAPÍTULO 27

J A S E

SE EU TINHA ACHADO QUE AS COISAS NA ARENA ESTAVAM RUINS, a cidade estava pior. Talvez fosse o desespero que me levara a pensar que as coisas sairiam a meu favor ao menos uma vez na vida. Ou que os deuses interviriam. Certamente, todos os meus juramentos e promessas e preces tinham de contar para alguma coisa.

Mas não hoje.

A Boca do Inferno sempre fora cinza no inverno. A geada nas *tembris* fazia embotar suas folhas, assim como acontecia com os céus, mas esse cinza alcançava um tom mais profundo, como se uma sanguessuga tivesse sugado todo o sangue que dava vida à cidade. Ela estava fria como eu nunca tinha visto antes, até mesmo o rosto das pessoas que passavam por mim. Não havia vida em ninguém. Embora o ar estivesse gélido, minhas têmporas ardiam como que em chamas. Eu queria sair correndo, caçar o rei e matá-lo. Por que ninguém tinha feito isso ainda? Onde estavam os meus magistrados? Wren me puxou mais para perto, sentindo que uma espécie de insanidade me acometia.

“Cuidado, marido”, disse Synové em tom de aviso. “Nós sabíamos que as coisas estariam ruins.” Mas eu ouvi o embargo na voz dela. Aquilo a estava sobrepujando também. A destruição não estava apenas nos edifícios ou nas ruas de paralelepípedos, ela permeava o ar — e os soldados postados em cada avenida e sobre cada telhado mantinham a desesperança presa ali.

Kazi estava viva. Aqui. Em algum lugar. Uma parte de mim pensava que caminharíamos pela rua principal e que eu a avistaria vindo da outra direção, e então a levaria para o interior de uma das muitas passagens que eu conhecia por aqui.

Wren inspirou o ar para dentro dos pulmões. Ela viu o templo antes de mim. Até mesmo da extremidade mais afastada da rua, e com a estreita faixa de visão que tínhamos dali, eu avistei os escombros.

Caemus havia me contado, mas eu não estava preparado para isso. A fachada reluzente que Outrora saudava e recebia os visitantes se fora. Estranhamente, o altar ainda estava de pé, como um cervo pego desprevenido em seu esconderijo, com medo demais para se mover. Cada um dos meus juramentos começou no templo...

Exceto por um deles, que teve início no descampado com Kazi.

Engoli em seco.

Montegue era responsável por tudo isso? Eu ainda não conseguia acreditar. Ele não tinha exército, nem dinheiro para montar um. Ele mal tinha interesse em governar.

E quanto ao dinheiro dos impostos que vocês pegam para si? Ele poderia ficar com raiva disso?

As dúvidas de Kazi circulavam na minha cabeça. Ao enviarmos o dinheiro dos impostos, sempre prestávamos conta de como havia sido gasto aquele um por cento que ficava conosco. Montegue nunca havia respondido nem apresentado qualquer objeção. Eu presumia que era porque, segundo nossos relatórios, aquela porcentagem mal dava para começar a pagar os custos dos magistrados, dos reparos, das cisternas, das escolas, das duas enfermarias e muito mais. A lista era grande.

E se ele escolheu deliberadamente um local que ficasse bem à vista do seu memorial só para provocá-los?

Montegue tentando nos atrair para o anzol jogando uma isca? Eu também achava que isso fosse impossível porque o rei não sabia nada sobre nós ou o memorial — mas Zane sabia. E agora eu sabia que Zane trabalhava para o rei. Qualquer um que vivesse na Boca do Inferno, por quanto tempo fosse, tinha conhecimento da peregrinação anual de nossa família até ali para reparar o simples memorial e oferecer preces em agradecimento a Aaron Ballenger e seu sacrifício.

Se a localização do assentamento foi deliberadamente escolhida para aumentar nossa fúria, isso queria dizer que nossos problemas atuais não indicavam uma luta pelo poder atizada pela morte do meu pai, conforme acreditávamos, mas um plano que fora preparado por um bom tempo — antes do meu pai morrer.

Avistei Aleski, nosso mensageiro, caminhando em direção a nós, empurrando um carrinho com suprimentos, os cabelos de um loiro platinado pendendo soltos e selvagens debaixo do chapéu, os lábios rachados pelo frio. Ele tinha família na cidade, mas quase nunca estava por aqui, geralmente ficava na estrada. Aleski trabalhou para nós durante anos. Ele e Titus haviam sido muito próximos um dia, e permaneceram amigos mesmo depois de seguirem rumos diferentes. Eu tive uma fração de segundo para decidir — deixar que ele passasse, ou questioná-lo. Ele não trairia Titus ou o restante da família. Disso eu tinha certeza.

“*Senhor*”, gritei, erguendo a mão em um movimento para que ele parasse. Fomos na direção dele a passos lentos, e ele abaixou os puxadores do carrinho. Quando estávamos perto, sussurrei seu nome. Seus olhos ficaram arregalados e então se encheram de lágrimas.

“*Patrei?*” Ele cambaleou ligeiramente, como se estivesse prestes a cair.

“Recomponha-se, Aleski. Nós somos kbaaki. Você está nos dando orientações para onde devemos ir. Aponte para os mercadores.”

Ele assentiu e ergueu a mão, apontando, mas lágrimas escorriam por suas bochechas. “Eles estão de olho em tudo.”

“Eu sei. Eles estão nos observando agora”, respondi. Soldados na esquina oposta haviam voltado sua atenção para nós.

Ele limpou o nariz. “Nós achávamos que você estivesse morto. Aque-la soldada que o levou embora disse que você tinha sido enforcado. Ela disse...”

“Aque-la soldada? Você está se referindo a Kazi? Onde está ela?”

“Ela trabalha para o rei agora, para todo aquele bando podre deles.”
“Não, ela não trabalha para o rei, Aleski. Acredite em mim, ela é prisioneira dele. Se ela disse alguma coisa...”

“Andem logo com isso, rapazes”, sussurrou Wren. “Eles estão de olho em nós e virão para cá a qualquer segundo.”

“É verdade?”, eu perguntei. “Montegue está por trás disso tudo?”

Ele assentiu. “Ele e aquele general. Nós tentamos combatê-los.” Sua voz estava carregada de tensão e pedidos implícitos de desculpas.

“Aleski, eu sei. As armas deles são poderosas demais...”

“Eles estão vindo nesta direção”, Synové avisou em um tom monótono.

“Hoje à noite, assim que escurecer, vá até a estrebaria ao sul”, falei. “Conversaremos mais lá.”

Mas Aleski continuou falando. Suas palavras saíam emparelhadas, às pressas, cheias de desespero e estalando de ódio. “Eles enforcam lealistas nas *tembris* como exemplo.” Ele continuou dizendo nomes, Drake, a costureira Chelline e muitos mais. Eu conhecia todos eles, e foi preciso usar cada pedacinho da minha força para manter o sorriso no rosto enquanto ele falava. “Eles confiscaram o meu cavalo”, ele disse ainda. “Fizeram isso com todo mundo que já trabalhou para os Ballenger e que eles acham que poderia ser um lealista. Eu tenho família aqui na cidade, minha mãe e minha irmã... Não posso...”

Todas as vezes que a voz de Aleski vacilava, acontecia o mesmo com o meu sorriso congelado, mas os dizeres do meu pai perpassavam as palavras desesperadas de Aleski. *Quando não lhe restam forças, você não tem escolha a não ser procurar a fundo e encontrar mais força, e então dividi-la. Liderar é a função do Pai.*

Eu o agarrei pelos ombros. “Qual é a regra, Aleski?”, sussurrei. “Pegue-os desprevenidos. Você sabe disso. Surpreenda-os. E é isso que nós vamos fazer. Por que a cidade não está decorada para o Festival de Inverno? Faltam apenas seis dias. Faça isso. Hoje. Fale para todo mundo fazer isso. Planejem uma celebração. Façam com que esses canalhas achem que venceram e que vocês estão cuidando dos seus negócios. Não conte a ninguém que eu estou vivo — ainda não —, mas diga para se prepararem. Os Ballenger vão tomar esta cidade de volta.”

“O que está acontecendo aqui?”, gritou um dos soldados.

Dei uns tapinhas amigáveis nas costas de Aleski como se estivesse agradecendo e voltei a abaixar as mãos.

Madeira dos espíritos. Era isso que estava acontecendo.

Aleski já estava descendo a rua com seu carrinho, levando a minha mensagem para o povo da Boca do Inferno, e os soldados explicaram a

três kbaaki deslocados que eles só conseguiriam madeira dos espíritos na arena. “Mas eles fecham cedo no inverno. Vocês terão de ir lá amanhã.” Vrud, Ghenta e Eloh agradeceram a eles com suas falas truncadas e então perguntaram sobre alojamento.

Não havia nenhum. A Estalagem dos Ballenger havia sido tomada pelo rei e seus oficiais, e as outras duas estalagens estavam cheias. Ficar nos estábulos com nossos cavalos era a única opção.

Senti os olhos deles nas minhas costas enquanto nos afastávamos.

Senti os olhos me observando dos telhados, se perguntando...

Será que esse bruto vai ser sinônimo de encrenca?

Sim. Eu seria sinônimo de encrenca. Em seu devido tempo. Eles lamentariam por algum dia terem colocado os olhos neste bruto kbaaki. Porém, por ora, eles apenas me veriam ir diretamente até a estrebaria, como dissemos que faríamos, aliviando suas preocupações.

Qual é a regra? Pegue-os desprevenidos.

Aleski iria me contar tudo que sabia para me ajudar a fazer exatamente isso.

Greyson não quer falar conosco. Ele está deitado em sua cama, com os olhos congelados mirando o teto. Suas mãos estão sempre fechadas em punho. Miandre se foi. Eles a levaram. E não sabemos como trazê-la de volta.

— Theo, 13 anos —

CAPÍTULO 28

K A Z I

ENTREI COM TUDO NO SALÃO, PASSANDO POR ZANE AOS TROPEÇOS para manter distância entre nós. Eu me lancei como se estivesse correndo por uma viela vendana, procurando uma sombra, precisando de uma escada escura atrás da qual me esconder, um lugar onde pudesse desaparecer.

Montegue notou. Movimentos repentinos da minha parte ainda eram suspeitos. O que quer que estivesse dizendo para o círculo de jovens mulheres ao seu redor, ele interrompeu no meio e ficou me encarando. Assenti, reconhecendo seu olhar, e então me dirigi para o meio da sala com um passo mais confiante, tentando apagar minha entrada questionável. A atenção dele se voltou para suas admiradoras, concentradas em cada palavra que ele dizia.

Estávamos no amplo saguão da Estalagem dos Ballenger. Os lustres de ferro acima de nós reluziam com luzes bruxuleantes, e as conversas de dezenas dos muitos associados do rei ressoavam pela sala. A julgar pela ordem rígida de Banques, eu estava esperando um jantar pequeno e cheio de perguntas com o rei, mas isso parecia mais uma festa. Uma celebração? De quê?

Truko estava passando com um grande caneco de cerveja em cada mão, e eu o parei. “O que está acontecendo?”, perguntei.

“Você não notou? A cidade começou a fazer as decorações para o Festival de Inverno. O general Banques está satisfeito e achou que isso pedia uma celebração.” O próprio Truko tinha uma expressão de satisfação. Talvez fossem os canecos enormes de cerveja iluminando seu rosto com um sorriso, ou seria possível que ele estivesse em uma parceria plena com a nova liderança agora, com todos aqueles lucros na arena tão tentadores. Paxton disse achar que poderia confiar nele, mas eu não tinha tanta certeza disso. Jase dissera que ele era o mais ganancioso dos líderes das ligas, que ele roubaria as meias de um bebê se houvesse lucro envolvido. Ele continuou seguindo seu caminho, dizendo que alguém estava esperando por sua cerveja, e a celebração se estreitou ao meu redor, a sala esquentando cada vez mais.

As pessoas da cidade a estavam decorando para um festival. Alegria nas ruas da Boca do Inferno? Isso foi um soco certo no meu estômago.

Eles estão esquecendo o Patrei. Retomando suas vidas.

Será que o rei estava certo? Será que eu havia julgado equivocadamente a multidão que murmurava? Fui atravessada pelo ressentimento. É claro que o general estava satisfeito. Mas se os lealistas recuassem e

seguissem em frente com suas vidas, o que isso significaria para Lydia e Nash? Para os demais Ballenger que ainda estavam presos na montanha? O dia de amanhã parecia estar a uma vida de distância. Onde estava Paxton? Esforcei-me para encontrá-lo em meio à massa de corpos.

Continuei avançando pelo salão. Uma longa mesa disposta no centro já estava cheia de comida e decorada com fitas e guirlandas alegres. Candelabros altos de latão piscavam com velas. Mais mesas em volta da sala foram arrumadas de maneira similar para acomodar todos os convidados. Para alguém que estava preocupado com as finanças, Montegue parecia estar gastando suas moedas livremente. Por fim, avistei Paxton no canto, conversando com Garvin. Ele olhou para mim por um breve momento e depois desviou o olhar, como se temesse ser detectado, e eu fiz o mesmo. Eu sempre tinha medo de estar sendo observada, se não por Montegue, então por alguém que pudesse lhe passar informações.

Oleez encheu grandes canecos de cerveja e cálices de vinho, e Dinah entregou-os aos convidados. Eu avistei as mulheres do jantar de várias noites atrás, agora trajando vestidos ainda mais extravagantes — e havia outras também. A quantidade de admiradores do rei parecia aumentar no ritmo em que seu domínio crescia, mas eu sabia que pelo menos duas pessoas — Oleez e Paxton — não estavam entre eles. Talvez houvesse mais gente colando sorrisos e expressões de obediência no rosto enquanto temia pela própria vida. Esquadrinhei a multidão que lotava a sala e me perguntei o que cada um deles poderia ser de fato — aliados, inimigos ou talvez indecisos. Será que eles estavam assustados e apenas tentando sobreviver? Será que estavam pendurando guirlandas em suas casas também? Será que estavam esquecendo o *Patrei*? *É claro que estão, Kazi. Você o chamou de criminoso, condenado e punido pela justiça. Você disse que ele estava morto e que eles deviam seguir em frente com suas vidas.* Será que Paxton odiava bancar o traidor tanto quanto eu?

Avistei a vidente que eu tinha conhecido na festa dos Ballenger. Ela estava sentada em um canto, sozinha, com um pequeno cálice de vinho como sua única companhia. Ainda trazia o capuz sobre a cabeça, como se esperasse sair a qualquer momento, ou talvez ela apenas quisesse permanecer despercebida, uma sombra escura no canto. Teria sido ela quem avisara o rei sobre uma temporada amarga que se aproximava? Eu sabia que o dom dela era genuíno. Jase havia me falado sobre ela enquanto nos enfiávamos debaixo de um cobertor em uma planície fria.

A vidente me avisou sobre você. Ela disse que você estava vindo para cortar fora o meu coração.

Ela falou a verdade. Oras, não doeu muito, doeu?

Doeu bastante. Mas eu não o quero de volta. É seu, pode ficar com ele — para sempre.

Eu havia desabotoado a camisa dele e beijado seu peito como se estivesse beijando uma ferida, a pele quente junto aos meus lábios enquanto

minhas mãos exploravam outros lugares. *Para sempre*, sussurrei. *Pode contar com isso*, Pai.

Para sempre. Nós arremessávamos tais palavras com facilidade. Éramos os donos do mundo. Durante aquelas poucas semanas, essas palavras pareciam feitas somente para nós. Estávamos voltando para estabelecer um novo reino. Para estabelecer uma nova família.

Ele não estava consciente. Mal respirava. Ele pode estar morto a essa altura.

E então houve outras palavras que eu esmaguei sob os meus pés, recusando-me a ouvi-las. Assim que Paxton me contou que Jase estava vivo, eu não conseguia aceitar mais nada. *Cinco flechas, Kazi. Uma delas estava no peito dele. A situação não parecia boa.*

Voltei a olhar para a vidente. Será que ela trabalhava para o rei agora? É certo que uma vidente não poderia virar a casaca — ela só sabia aquilo que sabia. Mas será que eu me atreveria a chegar perto dela? Será que ela veria os meus segredos como havia feito antes? Ou será que ela teria notícias de Jase?

Cruzei a sala antes que pudesse seguir pensando nisso. *Maggielle* era como Jase a havia chamado. Eu me ajoelhei diante dela, erguendo o olhar para as sombras sob seu capuz, com meu coração cheio de apreensões, na esperança de que ela pudesse me oferecer alguma coisa. *Notícias.*

“Posso fazer algo por você, Maggielle? Pegar outra bebida, talvez?”

Um azul gélido brilhava sob as pálpebras enrugadas dela, e espirais selvagens de cabelos pretos e prateados circundavam seu rosto.

Ela balançou a cabeça em negativa. “Não há nada que eu possa fazer por você. Não vejo nem rosto nem nome, mas vejo traição. Você ficará presa na armadilha dele.” A cabeça dela se virou como se estivesse tentando penetrar mais fundo em meus pensamentos. “Cuidado com a língua. Ainda mais cuidado com sua confiança.”

Porém, em vez de segurar minha língua, o desespero tomou conta dela. “*Jase*. O que você vê em relação a ele?”

“O *Patri*”, disse ela devagar, deixando que cada sílaba rolasse por sua garganta rouca e rígida feito pedra. O som macabro revirou o meu estômago. Suas pálpebras estavam abaixadas, de modo que apenas uma estreita faixa azul aparecia sob elas, mas, naquele momento fugaz, eu vi tempo, estrelas e galáxias passarem por eles. Ela ergueu o olhar abruptamente, esmiuçando a sala com os olhos. Apanhou o cálice em seus dedos tortos e, trêmula, sorveu um gole. “Está na hora de você ir. Ande logo. Eu não vejo mais nada.”

Nada? Não, ela havia visto alguma coisa, mas não queria me contar. Por não confiar em mim ou porque isso poderia me destruir? Eu me levantei e fui me afastando aos tropeços, esquecendo-me até mesmo de lhe agradecer, sem saber ao certo por que ela havia me dispensado de forma tão abrupta. Será que ela estava preocupada com a traição? Quase

todo mundo nesta sala já havia me traído. E conquistar minha confiança era um feito raro.

De repente, Dinah estava quase grudada em mim. “O rei me mandou trazer isso a você.” Ela estendeu um grande cálice com vinho de um vermelho intenso, cuja superfície tremia.

Peguei-o da mão dela, que tremia também. “O que houve, Dinah? Você está com frio?”

“Não, madame”, disse ela rapidamente, e foi embora às pressas. Nervosa. Talvez com medo de derrubar o conteúdo da taça e incorrer na ira de... quase todo mundo. Ou talvez estivesse com medo porque também não sabia em quem confiar.

A noite seguiu seu curso e parecia infinita. Será que realmente havia tanto para falar e rir nesses círculos de pessoas em constante evolução? Sem Wren e Synové aqui para me ajudar a me virar nesta festa, eu estava perdida e à deriva. Eu me perguntava o que elas estariam fazendo agora, como estariam, e para que missão a rainha as havia mandado. Paxton era um aliado, mas ele não era Wren e Synové. Eu sequer sabia se ele tinha alguma habilidade em termos de luta, ou se apenas contava com *seus straza* para livrá-lo das encencas em que se metia. Mas ele tinha conseguido fugir com Jase sem ser detectado, e eu rezava para que isso fosse fruto de uma habilidade sorrateira, não apenas sorte.

Eu me movia pelo salão, tentando dar a impressão de me encaixar ali — como se agora eu fosse verdadeiramente, no título e no coração, uma empregada convertida e leal ao rei. Manter uma conversa alegre com potenciais traidores dos Ballenger não era uma tarefa fácil, então eu me imaginei na *jehendra*, sorrindo, passeando, fazendo malabarismos enquanto tentava avistar um gordo e succulento pombo para enfiar debaixo do meu casaco. Porém, em vez de roubar comida, eu tentava conseguir informações, pois amanhã minhas mãos já não estariam atadas e eu teria uma nova missão: descobrir onde Banques e o rei haviam armazenado a munição, e então, de alguma forma, destruí-la — sem destruir a cidade inteira.

Um sino anunciando que o jantar seria servido finalmente soou, e os convidados foram encaminhados aos seus assentos. Notei que Montegue estava sentado na ponta da mesa com Banques, Paxton, Truko e Garvin, e eles já estavam envolvidos em conversas profundas sobre alguma coisa. Fui conduzida até a outra ponta da mesa e fiquei alarmada quando vi que Zane estava sentado na minha frente. Seria uma noite longa. Mantive os olhos abaixados, tentando me lembrar de que amanhã tudo estaria acabado — caso Paxton tenha feito seu trabalho como planejado. Fiquei com o olhar fixo no prato à minha frente e cutucava o conteúdo dele com o garfo, mas não conseguia comer. Meu apetite sumiu. Em vez disso, me concentrei na louça de prata e em um guardanapo que fiquei ajeitando no colo. Montegue estava absorto na comida e na conversa, então, pelo menos, eu não tinha de desempenhar um papel para ele. Todo mun-

do comia, os minutos se passavam e minha comida esfriava. Olhei para a faca de prata que estava ao lado do meu prato, brilhando sob a luz da vela, implorando para ser usada. *Morra amanhã, Kazi. Pelo bem de todo mundo, morra amanhã. Não hoje.* Porém, ao desviar os olhos da faca, já não pude bloquear os sons à minha volta, e agora conseguia ouvir Zane falando com os convidados ao nosso redor como se tudo no mundo estivesse certo para ele. Suas palavras me envolviam como se fossem uma mortalha nauseante. Eu afundei em um mundo de escuridão, um mundo em que um cajado estava longe demais do meu alcance.

Saia, garota!

Ele falava de outras coisas, mas tudo que eu ouvia eram palavras que se recusavam a morrer.

Você me trará um belo lucro.

Onde ela está?

Onde está a pirralha?

Meus olhos se voltaram para a frente e eu já não conseguia desviá-los. Estavam congelados no rosto dele da forma como estiveram naquela noite longínqua, e eu tinha a sensação de estarmos apenas Zane e eu no salão. Apenas nós, conectados pela minha mãe e por cinco minutos aterrorizantes. Eu me vi rastejando para fora de uma prisão escura centímetro por centímetro. Olhei para a verruga no pulso dele, para a pele pálida, para os cabelos fibrosos e os olhos negros. Ele sentiu meu olhar de ódio e se virou. Mergulhei a faca na louça de barro e girei-a de modo que a manteiga se erguesse em círculos ondulados, como carne sendo cortada de um jarrete. As próximas palavras de Zane pairaram no ar, não ditas, e seus olhos negros passaram de mim para a faca, então voltaram para mim. Besuntei uma grossa fatia de pão com a manteiga e em seguida mergulhei a faca na louça mais uma vez, girando-a novamente, imaginando que estivesse perfurando Zane, erguendo e dobrando sua carne, cortando fora um pedaço de cada vez.

“Muito inteligente da sua parte fazer isso”, disse a mulher que estava sentada ao lado de Zane.

Espalhei com gosto mais um pouco de manteiga no meu pão e então enfiei a faca para pegar mais.

“Você gosta de manteiga, não?”, observou outro convidado.

“Não”, respondi. “Para falar a verdade, eu detesto manteiga. Só gosto da forma como a faca passa por ela. De um jeito tão suave e fácil.”

Os olhos de Zane ficaram paralisados de medo. Talvez não por achar que eu o esfaquearia, mas porque a qualquer momento eu poderia surtar e contar a todo mundo sobre ele, porque eu roubaria sua vida da forma como ele roubou a minha. Minha mente era o que ele temia, e os planos sombrios que ela poderia estar elaborando. Minha mente era algo que ele não podia controlar. Nem mesmo com a promessa de ver minha mãe novamente. *Ela se foi, Kazi. Ela se foi.*

Mas eu ouvi a voz dela. Recente. Nova. Ali. *Minha chiadrah. Coma, minha querida. Você tem de comer.*

Eu não conseguia me desvencilhar disso. Esperança. Ela se erguia de algum lugar oculto dentro de mim.

Maldito seja ele no recanto mais quente do inferno por fazer isso comigo de novo.

Eu soltei a faca, deixando que caísse ruidosamente contra a louça, e comi meu jantar frio. Comida nunca deveria ser desperdiçada.

Dinah me cutucou. “O rei está lhe fazendo uma pergunta”, ela sussurrou.

Ergui o olhar. O rei e todos os demais na outra ponta da mesa estavam me encarando.

“Algum problema?”, perguntou-me Montegue.

Limpei a boca com meu guardanapo e coloquei-o de lado. “Não, Vossa Majestade. Apenas estou com fome e concentrada na comida.” Pedi desculpas e pedi também que ele repetisse sua pergunta.

“Fiquei sabendo que você é boa com charadas. Pode divertir a todos nós e dizer uma agora?”

Charadas? Minhas têmperas queimavam, e eu me perguntava como ele sabia disso. Eu nunca tinha contado minhas charadas para ninguém além do Jase e...

Garvin deve ter visto a confusão estampada no meu rosto. “Mustafier”, ele se pronunciou. “Um mercador que vende quinquilharias no piso da arena. Ele canta louvores sobre suas proezas.”

Mustafier. Eu não conhecia o nome, mas, de fato, me lembrava dele. O logófilo que me deu o anel de videira como pagamento. Ainda assim, eu me perguntava quais seriam as intenções do rei. Entreter todo mundo? Eu duvidava disso. Não havia nada que ele amasse mais do que ouvir a própria voz. Talvez ele quisesse destacar que sabia coisas a meu respeito, coisas que eu sequer me dava conta de que ele sabia. Ele tinha olhos e ouvidos por toda parte.

Eu me levantei e fiquei pensando por um minuto. O salão permaneceu em silêncio, esperando.

“Tudo bem”, falei. “Lá vai.” Eu contei a eles várias charadas curtas e fáceis, sobre árvores, ovos e narizes. Depois de cada uma delas, os murmúrios circulavam pela mesa enquanto os convidados discutiam possíveis respostas, mas o rei sempre era o primeiro a responder.

“Certamente você tem algo mais difícil para que eu adivinhe a resposta, não?”, disse Montegue depois da quarta charada.

Tinha muitas. Mas, às vezes, o propósito de uma charada não estava na dificuldade, mas na profundidade de seu poder de distração. “Deixe-me pensar por um instante”, respondi, mas eu já sabia de uma que lhe ofereceria distração suficiente. “Ouça com atenção”, falei. “Eu não vou repetir.” Ele assentiu em resposta, e eu comecei.

*Em uma caverna eu durmo, escura e pequena, nada espalhafatosa,
Raramente você me vê.
Mas consegue me atrair para fora com uma palavra raivosa,
Talhando e rugindo e destruindo.
As vezes sou sorrateira, avistando minha presa,
Me preparando para o ataque fatal.
Sou enganadora, perseguidora, e minha mordida é mortal.
Meu poder perfura, meu chicote faz arder,
Capturo com ele meu inimigo e não o deixo correr.
Mas os doces me tentam, doce leite, doce sabor,
Atraindo-me completamente com seu gosto sedutor.
Mel, vinho, bolos tão adocicados,
Biscoitos doces, frutas, melados.
Mas a tentação do desejo pode me seduzir por inteiro,
Sempre em busca estou de um beijo verdadeiro.*

Dessa vez não houve murmúrios. Vários deles ficaram boquiabertos. Ou estavam perplexos, ou palavras como *sedutor*, *desejo* e *beijo* haviam levado suas mentes a direções que lhes tiravam o fôlego. Notei Montegue engolindo em seco pelo leve movimento em sua garganta. Ele cravou profundamente os olhos em mim. Ele sabia a resposta.

“Uma charada um tanto rebuscada para um simples pedaço de carne como resposta, não?”, disse ele por fim.

“Simples? Pelo contrário, Vossa Majestade. A língua vive além do corpo. Ela pode derrubar reinos — e criá-los. Pode liderar exércitos e destruí-los. Seu poder não reside no tamanho nem na beleza, mas na es-
perteza e em sua força duradoura.”

“Como algo pode ser poderoso se é facilmente seduzido?”

Dei de ombros. “Talvez essa seja a maldição da nossa humanidade. Nós todos precisamos de sustento de alguma forma, não?”

“Um beijo verdadeiro?”, disse Garvin, rindo. “Você acredita mesmo em tal coisa?”

Sim, seu babaca traiçoeiro, embora eu nunca esperaria que você pudesse vivenciar algo verdadeiro.

No entanto, inclinei a cabeça, pensativa, e respondi: “É apenas uma simples charada, Garvin. Feita para entretenimento. Tire dela o significado que você quiser. Mas só porque você nunca vivenciou nada verdadeiro, isso não significa que algo assim não possa existir. Você também nunca lavou atrás das orelhas. Isso não significa que um dia, por algum milagre, isso não possa acontecer”.

Todo mundo riu. Montegue ofereceu apenas um sorrisinho distraído. Sua mente estava em algum outro lugar.



As mesas foram abastecidas com sobremesa, e mais uma vez os convidados andavam em círculos, conversando e rindo. Eu estava prestes a arrancar meus próprios olhos diante de toda a gulodice e falsidade. Tudo que eu queria fazer era pedir licença e voltar para o meu quarto, mas então Oleez surgiu bem perto de mim, fingindo encher meu copo, que já estava quase cheio. Ela sorriu enquanto sussurrava: “Pelo que entendi, eu deveria falar com você, não?”

Senti como se meu coração chutasse as minhas costelas. *Ele conseguiu.* Paxton havia convencido o rei. Ele disse que passaria as notícias para mim por meio de Oleez. Eu tinha visto Paxton e o rei juntos durante o jantar, profundamente absortos em uma conversa, e Montegue esfregava a bochecha, distraído, pensando.

“Sim”, respondi baixinho, olhando ao redor para me certificar de que estávamos a uma distância segura de quaisquer ouvidos que pudessem captar o que dizíamos. Não havia tempo para nada além de detalhes básicos, então resumi minhas instruções. “Amanhã de manhã você estará doente. Vomitando. Não terá como acompanhar as crianças para onde estivermos indo. Você sugerirá ao rei que eles ficarão bem sozinhos, sob os cuidados de um dos guardas. Você tem de ser convincente. Assim que tivermos partido, você sairá da estalagem e irá se esconder. Aqui não será mais um lugar seguro para você. Você tem alguém de confiança que possa escondê-la?”

Ela assentiu.

“Que bom. Então você tem de desaparecer por completo. E não contar nada a ninguém.”

Suas pálpebras se enrugaram com o medo. “Eu ficarei em segurança, mas e quanto às crianças?”

“Continue sorrindo, Oleez. Você nunca sabe quem está observando”, avisei, e então dei risada, tentando desfazer qualquer dano que sua expressão abalada pudesse ter causado. “Farei o melhor que puder para mantê-los a salvo, mas não será fácil, nem totalmente seguro.”

“Eles já estão em perigo. Ele odeia os Ballenger”, ela sussurrou, em meio a um sorriso. “Todos eles. Eu o vejo fitar as crianças algumas vezes. Todos os dias eu me preocupo que ele vá...”

Ela recuou um passo, o movimento rápido fazendo com que a garrafa de vidro que ela segurava derrubasse um pouco de seu conteúdo.

“Preciso de você no meu escritório.” Girei para ficar cara a cara com o rei. “Tem uma coisa que eu quero discutir com você. *Agora.*” Ele saiu andando sem olhar para trás, sabendo que eu iria em seguida.

Será que a sugestão de Paxton tinha sido um tiro pela culatra?

Alguma coisa havia dado errado.

CAPÍTULO 29

J A S E

“NÃO!”, SUSSURROU SYNOVÉ. “NEM PENSE NISSO.”

Ela me pegara com o olhar fixo na Estalagem dos Ballenger. Da lateral da estrebaria, era possível ver uma janela acesa. Alguma coisa estava acontecendo ali esta noite. Algum tipo de festa. E eu sabia, no meu íntimo, que Kazi estava ali. *Ela está trabalhando para o rei agora.* Eu sabia que isso não era possível, mas alguma coisa a mantinha lá. O que seria? Chantagem? O que Montegue poderia estar usando contra ela?

“É difícil não pensar nisso”, foi a resposta que dei a ela. Difícil era pouco para começar a descrever a situação. Minhas entranhas se revolvi- am enquanto eu tentava pensar em um jeito de entrar na estalagem, algu- ma forma de tirar Kazi dali, e meus olhos doíam de tanto mirar aquela janela com a esperança de ter um pequeno vislumbre dela. Ela estava tão perto, mas eu não tinha como chegar até lá. Eu já tinha pensado em uma centena de possibilidades, mas que desculpa um mercador kbaaki teria para apresentar aos guardas postados em todas as entradas? Um falso convite para a festa? Forçar a minha entrada? Será que ela sequer sabia que eu estava vivo?

Synové encostou na parede do estábulo ao meu lado, e a noite estava tão negra que eu mal podia vê-la ali. Ela soltou um suspiro. “Eu sei co- mo é a sensação de não ser capaz de conseguir chegar até alguém para ajudar. Quando Kazi desapareceu naquele primeiro dia, eu queria tanto entrar na torre da Vigília de Tor que estava preparada para matar todos aqueles cães desgraçados de vocês e os guardas também. Eu poderia ter feito isso, sabia? Todos eles.”

Synové era oito ou oitenta em termos de confiança. Agora mesmo ela estava na escala dos oitenta. “Talvez”, respondi. “Meus guardas são bons atiradores.”

“Bons?” Ela soltou uma bufada, “isso é quase tão impressionante quanto uma ponte parcialmente construída sobre um rio.”

“Então o que a impediu?”

“Wren. Ela me dissuadiu. Não fazia parte do plano. Ela sabia que eram apenas as minhas emoções extremamente à flor da pele. Nós traba- lhamos bem, juntas desse jeito. Kazi chama isso de equilíbrio. Mantemos a cabeça uma da outra na direção certa.”

“É isso que você está fazendo agora? Tentando manter a minha cabe- ça na direção certa?”

“Ela é toda a família que eu tenho, *Patrii*. Ela e Wren. Eu não vou perdê-la porque você quer matar um bando de cachorros.”

Apertei os olhos, grato por ela não poder me ver no escuro. *Eu também não vou perdê-la.*

Eu me afastei da parede da estrebaria. *Esqueça o convite para a festa.* Eu precisava de algum poder e sabia onde consegui-lo. “Aleski não vai aparecer. Vamos cair fora daqui.” Nossa próxima parada seria para pegar minha arma solitária, que estava escondida, e uma bolsa com munição. Não havia sentido algum em ficar esperando. Synové estendeu o braço para me fazer parar.

“Arrumar as coisas agora? Nós precisamos descansar, *Patrei*, e Wren foi arrumar comida para nós, isso sem falar que viajar à noite chamaria atenção.”

“Podemos comer na estrada. E eu conheço uns caminhos secundários...”

“As *ruas*. Antes de qualquer coisa, nós temos de passar por essas malditas ruas que têm olhos em todas as esquinas. O que você vai dizer quando lhe perguntarem aonde você está indo a essa hora? Você não pode...”

A porta da estrebaria se abriu com força e uma luz dourada se espalhou pelo beco. Era Wren. A expressão dela fez com que Synové e eu sacássemos nossas armas.

“Temos um problema”, ela confirmou.

Dei um passo para a frente e olhei através da porta. Aleski estava parado atrás dela — e ele tinha trazido companhia.

“Sinto muito, *Patrei*”, disse Aleski. “Eu não tive escolha. Tive de contar a eles.”

CAPÍTULO 30

K A Z I

SERIA URGÊNCIA OU RAIVA QUE EU TINHA OUVIDO NA VOZ DELE? Preparei mentalmente a minha resposta, mas, tão logo fechou a porta do escritório, ele se virou e disse algo diferente do que eu estava esperando. “Você mentiu para mim esta noite.” Eu estava perdida e minha mente ficou a mil, tentando pensar onde é que eu havia pisado na bola. Quase tudo em relação a mim era mentira. “Eu não sei do que...”

“Você disse que estava concentrada na sua comida, mas era em Zane que você estava prestando atenção. Você o abomina. Por quê?”

Zane. Eu sentia arrepios só de ouvir o nome dele.

Balancei a cabeça e me virei, mas em duas passadas o rei estava ao meu lado, segurando o meu braço, embora não de um jeito ameaçador. “Conte-me”, disse ele baixinho.

Eu não poderia revelar a profundidade de minha repulsa por Zane nem todos os motivos pelos quais eu o odiava. Jase foi a primeira pessoa com quem eu havia compartilhado todos os detalhes horríveis, e até mesmo isso tinha sido doloroso. Eu também fizera um pacto com Zane. Um fútil e vazio pacto de silêncio, mas aquela pequena fatia de esperança... eu não poderia deixar que se esvaísse. “Eu não tenho nada pessoal contra ele”, foi a minha resposta.

“São os Previzi, então? Eu testemunhei sua invectiva contra eles na arena — logo antes de você acertar o *Patrei*. Por que você os odeia?”

“Eu preciso de um motivo? As atividades deles são ilegais.”

“E, ainda assim, você já foi uma ladra, e das boas.”

“Uma ladra que se lembra de passar fome nas ruas de Venda. Os Previzi nunca trataram com bondade pessoas como eu, nunca sequer tiveram o mínimo de compaixão.” Eu não tive de inventar essas palavras. Era tudo verdade. “Nós estávamos abaixo deles”, falei. *Vermes, cocô, nada.* “Eles desfilavam com suas mercadorias chiques e as vendiam, todas elas, ao Komizar e a mercadores ricos. Eles só ofereciam ao restante de nós as sacas mofadas com grãos infestados de gorgulhos — e, às vezes, nem isso. Mas, mais frequentemente, eles nos banhavam com seu desdém. Os sorrisos arrogantes e cheios de sarcasmo sempre ficarão gravados na minha memória.”

Ele me analisou. “Foi a fome que a levou a ser uma ladra?”

Dei de ombros. “A inanição pode ser bem motivadora.”

Ele me disse com o olhar, o rei astuto que calculava cada movimento. Mas um tremer de cílios e uma fração de segundo revelaram olhos sombrios e famintos. Ele se conteve, cauteloso. Confiança não era algo que ele encontrava com facilidade, e isso me deixava feliz. Eu não queria que aquele momento chegasse tão cedo. Amanhã. Justamente no

momento certo. “Eu entendo quanto dói o desdém”, disse ele por fim, “mas isso aconteceu há muito tempo, e Zane é útil para mim. Ele é um rosto reconfortante e familiar na arena. Os mercadores o conhecem. Eu gostaria que você enterrasse seus rancores do passado.”

Notei que ele usou a palavra *gostaria* em vez de simplesmente ordenar que eu enterrasse o meu rancor. *Paciência, Kazi. Ele está dando voltas, nadando mais para perto de você.* Eu fiz uma pausa, como se estivesse ponderando o pedido dele. “Se ele é útil para você, claro que sim. Farei o meu melhor para enterrar o passado.”

“Além do mais”, disse ele ainda, “você já não está abaixo dos Previ-zi. Você trabalha para o rei. Em breve, o mais poderoso rei do continente. Lembre-se disso.”

“Sim, Vossa Majestade.”

Ele pousou preguiçosamente o olhar no meu rosto. “Quando não estivermos em público, você pode me chamar de Montegue.”

Mais perto. Mas ainda não era o tipo de aproximação para a qual eu estava preparada.

“Você gostaria de falar sobre alguma coisa?”, perguntei, na esperança de mudar de assunto.

“Banques me disse que você realizou uma busca meticulosa hoje. Ele ficou satisfeito com o seu trabalho.”

“É mesmo? Ele parecia desapontado quando nos falamos.”

“O general não é o tipo de homem que costuma soltar elogios facilmente, mas ele me disse que você descobriu alguns espaços escondidos dos quais nós ainda não tínhamos conhecimento.”

“Mesmo assim, não encontrei nada.”

“Mas, no jantar desta noite, Paxton me disse que você teve um *momento*, foi a palavra que ele usou, na casa principal. Ele disse que você ficou hesitante, como se tivesse sentido alguma coisa. Isso significa que você tem o dom?”

Eu franzi o cenho, muito embora um sorriso iluminasse o interior do meu peito. *Muito bem, Paxton.* Eu atenuiei as habilidades que Paxton havia plantado, mas o rei respondeu exatamente da maneira como nós queríamos, como se estivesse lendo as falas de uma peça que havíamos escrito.

“Não”, respondi, “não é como o dom da rainha, se for nisso que você está pensando. Mas, às vezes... não sei. Eu realmente tenho algumas sensações.”

“Paxton acha que deveríamos voltar lá amanhã e realizar uma nova busca na casa principal. Concordo com ele.”

Soltei um suspiro, como se não estivesse convencida disso. Como tudo o mais, a ideia deveria vir dele. “Como quiser. Estou grata por trabalhar para você e estar a seu serviço, mas não posso prometer nada. No entanto, havia uma ala que me provocou uma sensação incômoda. Não sei o que isso quer dizer, mas gostaria de tentar novamente.”

“Está combinado, então. Voltaremos lá amanhã.” Ele fez uma pausa e olhou para os meus pés. “Eu notei que você estava mancando esta noite. Paxton disse que você se machucou hoje, não?”

“Minha perna?”, falei, olhando para baixo como se eu não tivesse notado. “Ah, isso não é nada. Prendi o pé embaixo de uma madeira caída hoje e torci um pouco o calcanhar. Só isso. Tenho certeza de que estarei bem pela manhã.”

“Nós faremos uma parada no Pavilhão dos Deuses no caminho. Você poderá banhar os pés lá.”

Eu sabia que ele iria querer parar lá de qualquer forma — Paxton me disse que ele quase sempre fazia isso a caminho da torre da Vigília de Tor —, mas comigo mancando, isso estava garantido. “Obrigada. Isso seria útil — e muito gentil de sua parte, Vossa Majes... *Montegue.*”

Eu estava prestes a pedir licença e sair, achando que nossos negócios haviam terminado, quando ouvimos alguém bater à porta. Dinah abriu-a cautelosamente e entrou com uma bandeja que continha dois copos e uma pequena garrafa de cristal com uma bebida alcoólica âmbar e escura. Embora não estivesse cambaleando, o rei já estava bem embriagado depois de uma longa noite de celebração. Mais um copo de bebida e eu tinha certeza de que ele estaria tropeçando nos próprios pés, e certamente o segundo copo era para mim.

Montegue soltou o meu braço e acenou para Dinah, apontando para uma mesa baixa diante de um sofá luxuoso com estofado bem macio e pernas de madeira semelhantes a garras. Ela colocou a bandeja de lado e depois olhou de relance para mim, quase impaciente, talvez como uma forma de aviso. Talvez ela achasse que eu não seria capaz de lidar com o rei — ou com a bebida forte. Montegue a dispensou, e ela olhou por cima do ombro enquanto saía do aposento, seus cachos castanhos aparecendo sob a touca. Assenti de modo a tranquilizá-la, mas seus olhos se demoraram em Montegue.

“Mais alguma coisa, Vossa Majestade? Quer que eu cuide do fogo na lareira, talvez? Eu posso ficar e...”

“Não. Eu cuidarei disso. Você está dispensada.” Relutando, ela fechou a porta atrás de si.

O escritório estava gélido, mas o rei pegando lenha da pilha e sujando as próprias mãos? A especialidade dele era manter as mãos limpas. Ele estava ansioso para que ela fosse embora.

“Eu posso fazer isso”, ofereci, e me ajoelhei no espesso tapete diante da lareira para puxar a lenha do suporte de couro que ficava do lado dela. Remexi nas brasas quentes com um atiçador e coloquei a lenha seca em cima. As pequenas chamas se ergueram.

Um tilintar de copos soou atrás de mim. Olhei por cima do ombro. Com um copo na mão, Montegue me encarava. Um segundo copo cheio estava em cima da mesa, esperando por mim. Eu me virei para a lareira e apanhei uma tora.

Seguiu-se um longo silêncio e, por fim, ele disse: “Então nenhum dos seus beijos com o *Patri* era verdadeiro?”. Minha coluna se enrijeceu. Eu achei que essa conversa fosse acontecer pela manhã. Não agora. Ele deveria estar com seus convidados, embora imaginasse que o rei faria o que quisesse e quando bem entendesse.

“Eu já disse. O que quer que você tenha visto era apenas...”

“Sim, eu sei, parte do seu trabalho. Mas você disse que era uma forma agradável de passar o tempo.”

Dei de ombros com indiferença. “Acho que os beijos eram toleráveis, mas nada em relação a eles era duradouro ou realmente importava. Eu já havia me esquecido deles, para ser honesta.”

Esquecido. Uma palavra à qual ele dava valor quando o assunto era Jase.

“Conte-me mais... Como era o *Patri*?”

Ele não tirava isso da cabeça. Ele ainda travava uma batalha com o fantasma de Jase. Matá-lo não era o bastante. Sua obsessão com o *Patri* me fez entender mais do que nunca por que Paxton teve de arranjar um corpo. Mesmo que eu tivesse de suportar o horror de ver uma mão desmembrada usando o anel de ouro de Jase uma centena de vezes mais, eu me sentia grata pela fraude astuta de Paxton. Isso era tudo que mantinha Jase em segurança e lhe dava tempo para se recuperar. Aticei os carvões, e centelhas voaram para cima. Será que eu seria capaz de mentir de forma convincente e detalhada para Montegue em relação a Jase? Será que eu conseguiria afirmar que ele era um covarde arrogante e ganancioso quando sabia que Jase era exatamente o oposto? Apenas dizer que eu o odiava era uma coisa, mas ter de entrar em detalhes sobre quem era Jase era outra.

“Você o conhecia há mais tempo do que eu”, foi a minha resposta. “Provavelmente o conhecia bem melhor.”

“Mas eu nunca fui um hóspede na casa dele. Nunca comi uma refeição com ele, nunca o soquei, nunca coloquei uma faca em sua garganta e nunca o arrastei pelo continente. Você passou muitos momentos *íntimos* com ele.”

Ouvi a ênfase na palavra *íntimos*, e a pergunta que essa única palavra continha. Se havia acontecido algo mais do que um beijo entre nós.

“Sim, apesar do tempo que passei com ele, eu fracassei no meu objetivo supremo — e o babaca convencido me lembrava desse fato todos os dias. Você, por outro lado, o matou. Você ganhou dele em seu próprio jogo e conseguiu fazer isso sem nem mesmo sujar as mãos. Eu é que deveria estar lhe fazendo perguntas. Você atingiu seu objetivo, enquanto eu não atingi o meu. E, para uma Rahtan, isso não é algo fácil de admitir.”

Ouvi o ruído do sofá enquanto ele se ajeitava ali. Eu me levantei e o rei fez um movimento para que me juntasse a ele. Sentei na extremidade oposta. Não foi preciso muito para distraí-lo de sua pergunta original. As coisas sempre voltavam à fantasia, ao mundo criado pelos alvos, ao sen-

tido e valor que eles atribuíam a suas vidas, à história que eles inventavam e que deveria ser alimentada: *você é mais astuto, mais sábio, mais valoroso.*

Deixe que a ilusão floresça.

Esse era o meu trabalho.

Quando me sentei, só precisei lançar uma iscazinha de nada, fazer uma pergunta simples para que ele me contasse tudo. *Por quanto tempo você vinha planejando isso?* Porque, se eu sabia alguma coisa depois de conviver com centenas de mercadores na *jehendra*, era que todo mundo tinha uma história que ansiava fervorosamente por contar, uma história real e que ninguém seria capaz de entender completamente, sobre as injustiças que haviam suportado, sobre os louvores que mereciam e não receberam. Sendo uma ladra nas ruas, eu havia me tornado proficiente em ouvi-los, fazer que sim com a cabeça, concordar, sondá-los, observando os alvos perderem este mundo de vista enquanto adentravam outro. E, a cada palavra que ouvia, eu ganhava a confiança deles. Até que enfim, alguém os entendia.

Montegue tirou o foco de mim para se concentrar no fogo, e a fantasia ganhou vida em seus olhos. Ele estava satisfeito por eu ter feito a pergunta, e se reclinou, apoiando os pés na mesinha à nossa frente e levando o pequeno copo da bebida âmbar aos lábios. Bebeu-a em um só gole e serviu-se de mais.

A história foi revelada de maneira ininterrupta, como se ele a tivesse contado no canto mais escuro de sua mente uma centena de vezes, o que eu tinha certeza de que fizera. Era uma história composta por amargura e orgulho em partes iguais. Era o que ele queria que eu ouvisse, o triunfo de sua perspicácia e paciência, mas havia uma outra parte da história que eu sabia que ele não pretendia revelar para mim. A necessidade lancinante que se revolvía dentro dele.

Desdém. Agora eu sabia por que ele dissera que entendia. A palavra era como uma trepadeira que se enrolava, sinuosa, nele. Fiquei ouvindo o que ele dizia, assentindo, até mesmo quando me espantei com a profundidade de seus ciúmes e ressentimentos. Suas raízes eram mais profundas do que eu esperava.

O plano vinha se formando na cabeça dele desde os doze anos de idade, e era revisto conforme o tempo passava. *Por onze anos.*

“Você era praticamente uma criança”, falei, tentando não soar chocada demais.

“Planos bem-sucedidos levam tempo”, foi o que ele respondeu. “É claro que eu não poderia dar continuidade a nenhum plano enquanto meu pai fosse rei, mas sempre soube que, um dia, a torre da Vigília de Tor, a arena, tudo isso... seria meu, mas eu não podia fazer nada até que meu pai estivesse morto.”

“Você matou...?”

“Meu pai? Não. Isso foi apenas mais uma dose de sorte. Foi aí que eu soube que os deuses não queriam que eu esperasse mais. Eles queriam que eu tivesse tudo isso, e então, quando conheci Beaufort, soube que os deuses queriam que eu tivesse ainda mais.”

Os deuses favoreciam Montegue? Que sorte a dele. Eu não sabia sequer se acreditava em si mesmo, mas ele tinha de pintar os detalhes da justiça e da santidade de seu plano. Se ele o dissesse inúmeras vezes, haveria de se tornar verdade.

“Você já reinava na Eislândia e tinha a fortaleza em Parsuss. Não era o bastante?”

Ele riu. “*Fortaleza* é uma palavra generosa para uma cidadela de doze aposentos caindo aos pedaços e atravessada por correntes de ar. Você nunca esteve em Parsuss, não é?”

“Não.”

Ele disse que seu pai se dividia entre as três fazendas que eram propriedade dos Montegue por gerações, aquela em Parsuss e duas nas áreas montanhosas não muito distantes da Boca do Inferno, nas quais criava ovelhas e mantinha lavouras cujas colheitas se davam no verão. As três fazendas juntas mal eram suficientes para pôr comida na mesa e pagar os poucos empregados. Os míseros impostos que o pai dele coletava serviam para pagar o pequeno grupo de oficiais que administravam o reino, e os cofres sempre ficavam no vermelho. Eu quis saber sobre sua mãe, e ele me disse que nunca a conheceu — ela morrera quando ele era bebê. Sempre foram apenas ele e o pai, além dos poucos empregados que iam e vinham. Era uma vida solitária.

“E então, quando eu tinha doze anos de idade, visitei a arena dos Ballenger com o meu pai. A arena era bem menor naquela época, ocupada principalmente por fazendeiros, mas, ainda assim, me pareceu imensa. Eu era um caipira de olhos arregalados.” Suas narinas ficaram dilatadas, como se sentisse repulsa da própria ingenuidade. Ele pegou mais um drinque. Será que ele havia feito uma paródia de si mesmo? O caipira inexperiente que bancava o rei desajeitado? “Eu nunca tinha visto tantos comerciantes e tantas mercadorias em um só lugar. Todos os cantos estavam repletos de barulho, comida e possibilidades. Isso tudo crepitava pelo ar, tão vivo quanto um chicote. Eu fiquei atônito. O mundo estava ao alcance de todos — bem, exceto para o rei e seu filho.

“Karsen Ballenger estava conduzindo meu pai no passeio pela arena. Eu seguia atrás deles, junto com metade das crias dos Ballenger. Jase devia ter uns sete ou oito anos na época, um fedelhozinho que vivia com o nariz escorrendo e que nem mesmo sabia quanto ele tinha na vida. Karsen discursava sem parar sobre a história dos Ballenger, tentando convencer o meu pai de que eles eram a primeira família da Eislândia, que estavam aqui desde muito antes dos Montegue. Meu pai pediu para ver essas catacumbas que tinham toda a história escrita nelas, e você sabe o que foi que Karsen disse ao meu pai?”

Montegue fez uma pausa, e seu lábio se contorceu com a lembrança.

“*Não*. Ele disse *não* ao meu pai. Disse que aquilo era apenas para a família. Ele disse *não* ao monarca regente da Eislândia, sem pedir desculpas nem pestanejar.”

Ele repetia baixinho a palavra *não*, mas eu ainda ouvia toda a raiva contida nela.

“E então você sabe o que foi que o meu pai fez?”

Eu sabia que não precisava responder. Era uma história que ele tinha vivido e revivido repetidas vezes. A resposta estava pronta em sua língua, esperando para ser cusvida.

“Nada”, disse ele por fim. “Meu pai não fez absolutamente *nada*. Ele comprou as sementes e os animais pelos quais tínhamos ido até a arena e fomos embora com duas vacas se arrastando atrás de nós. Fui ardendo de vergonha por todo o caminho de volta e decidi, naquela viagem, que eu não seria um fazendeiro como o meu pai. Eu não criaria bolhas nas mãos com uma enxada, nem arruinaria as minhas costas atrás de um arado, e, acima de tudo, eu não sofreria com o desrespeito dos subordinados.

“Ao chegarmos em casa, minha vergonha transbordava, gritei com ele e o chamei de fazendeiro idiota. E você sabe o que foi que ele fez?”

Balancei a cabeça em negativa.

“O que ele sempre fazia. Nada.” Ele se encolheu e virou o restante de sua bebida, depois apanhou a garrafa e serviu-se de mais. “Decidi naquele dia que eu não seria o homem que meu pai era, o idiota chorão de todas as piadas do reino, o rei a quem ninguém dava ouvidos. Você faz alguma ideia de quão difícil era ouvir os súditos dizerem que tinham de checar com o *Patrei* primeiro quando eu lhes dava ordens? Meus próprios magistrados na Boca do Inferno se curvaram a Karsen Ballenger e depois a Jase. Eu não serei um regente de nada.”

“Ser fazendeiro é uma profissão honrada. Os Ballenger têm fazendas.”

“Os Ballenger *tinham* fazendas”, ele me corrigiu. “Os Ballenger tinham tudo, mas agora é tudo meu, como deveria ter sido o tempo todo. Um erro foi cometido três gerações atrás. A fronteira deveria ter incluído a arena e a torre da Vigília de Tor. Então talvez meu pai teria sido um rei apropriado do qual eu poderia ter me orgulhado. Agora *eu* serei esse rei. O maior regente que o mundo já conheceu. Quando eu tiver um filho, ele terá orgulho do pai, e eu terei o respeito que os Montegue sempre mereceram — de *todos* os reinos.”

O ar se acumulou no meu peito. A forma como ele disse a palavra *todos*, o jeito como seu maxilar estava cerrado, a maneira como a névoa indistinta de uma noite de bebedeira desapareceu e seus olhos se tornaram vítreos e endurecidos — tudo isso me fez lembrar uma outra pessoa.

Eu me lembrei de estar parada nos limites da Praça Blackstone, escondida nas sombras, escutando o Komizar falar enquanto reunia forças

para seu crescente exército. *Todos eles*, o Komizar havia gritado. Sua voz era forte e parecia alcançar as montanhas. *Todos os reinos ficarão de joelhos perante Venda — ou serão massacrados*. Eu tinha dez anos de idade e, na época, era imune a conversas presunçosas — exceto quando vinham do Komizar, cujas palavras sempre continham uma promessa de dar calafrios, ao contrário das palavras de qualquer outra pessoa. Alguns achavam que ele era um deus. Eu achava que ele era um demônio. Eu me lembrava de tentar me enfiar sorratamente nas sombras, como se ele pudesse me avistar ao longe, como se ele tivesse algum poder especial, e, mesmo hoje, eu ainda me perguntava se ele tinha.

Todos. Foi isso que eu ouvi agora na voz de Montegue.

Sua ânsia tinha raízes profundas. Onze anos de raízes profundamente enraizadas. Tão enraizadas que ele estava disposto a usar crianças como escudo e a enforcar pessoas inocentes em árvores de modo a garantir obediência. Disposto a pagar caçadores de mão de obra para levar embora seus próprios cidadãos. Disposto a assassinar o regente da Boca do Inferno e confiscar seus bens. Quantas coisas ele estaria disposto a fazer que eu ainda sequer sabia?

Imagine as possibilidades.

Eu tinha medo de imaginar.

Ele tirou os pés de cima da mesa, pousou-os no chão e se levantou abruptamente. “Está ficando tarde”, disse ele. “Você deveria ir dormir. Vamos sair cedo.”

Fui pega desprevenida pela dispensa súbita e fiquei surpresa ao vê-lo em pé de um jeito resoluto, sem oscilar nem tropeçar. Ele não parecia nem um pouco bêbado. “É claro, Vossa Maj...”

Então ele pegou no meu pulso e lentamente me puxou para perto, com uma pegada firme e cheia de certeza.

“Você quer me beijar? Comparar um *Patrei* a um rei? Ver se poderia ser mais do que tolerável?”, ele me perguntou.

Fiquei boquiaberta, procurando o que responder. Eu achava que os papéis desaparecidos e minha suposta premonição o consumiriam muito mais do que a mera questão de um beijo, mas depois de ouvir por quanto tempo ele planejava a invasão, talvez não existissem questões pequenas em relação aos Ballenger, especialmente ao *Patrei*. Ponderei a minha resposta com cuidado, sabendo que um *não* poderia levá-lo a ter um surto repentino de fúria, mas um *sim* ansioso demais poderia elevar suas suspeitas e fazer com que ele achasse que eu o estaria usando da forma como havia usado Jase. E ele queria muito que eu o diferenciasse de Jase, porque ele era um rei, e era diferente, melhor, mais inteligente. Ele tinha de superar o *Patrei* que eu havia rejeitado, o *Patrei* que me desejara. Minha pausa fez com que ele apertasse meu pulso com ainda mais força.

Pisquei, como se estivesse envergonhada. “Admito que estou curiosa.”

“É claro que está.”

Ele deslizou a outra mão nas minhas costas e me puxou, aproximando o rosto do meu, mas, antes que nossos lábios se encontrassem, eu me soltei e recuei um passo.

“Curiosa”, falei com firmeza, “mas cautelosa.” Torci as mãos e tropecei nas palavras. “Não vou negar que existe uma forte atração, mas...” Balancei a cabeça em negativa. “Eu não sei exatamente o que estou tentando dizer. Mas vi as mulheres ao seu redor. Eu não quero ser uma delas. Eu não quero...” Fiquei ofegante e olhei para ele, como se estivesse horrorizada. “Não que eu... O que estou tentando dizer é que tenho certeza de que os seus beijos são mais do que toleráveis, e admito que fiquei me perguntando como seriam... mas eu quero mais do que...” Suspirei o ar profundamente, com a respiração trêmula. “Eu preciso de uma pausa. Receio que nada esteja saindo da forma como eu pretendia. Posso ir dormir e falar sobre isso depois?”

Ele ficou me considerando por um bom tempo, com os olhos pretos fixos nos meus. “Você quer algo mais do que o que tinha com o *Patri*. Algo verdadeiro.”

Pisquei, certa de que ele podia ouvir meu coração socando selvagemmente o meu peito. “É uma tolice da minha parte?”

É claro que não era. Porque ele era mais valoroso. Mais bonito. Mais tudo. Minhas palavras faziam total sentido.

Um fraco sorriso iluminou os olhos dele. “Vá. Tenha uma boa noite de sono. Continuaremos essa conversa pela manhã.”

E, com isso, ele me dispensou para que eu voltasse ao meu quarto. Sem escolta.

Porque uma soldada a seu serviço confessou a forte atração que sentia por ele. Ela queria mais do que tivera com o *Patri*, e ele imaginou que até tivesse ficado ruborizada ao dizê-lo, tamanho o embaraço em suas palavras. Com certeza ela era confiável o bastante para se dirigir a seu quarto sozinha. Ela retornaria. Ela o desejava, no fim das contas. Como deveria ser.

CAPÍTULO 31

J A S E

FICAMOS ANINHADOS EM UM CANTO DO ESTÁBULO, PRÓXIMO À baía de Mihe, mantendo nossas vozes baixas para que o cavalaricho que dormia no escritório da estrebaria não acordasse. Eu não tinha como continuar com raiva de Aleski, especialmente depois do abraço de esmagar os ossos que recebi de sua irmã mais velha, Imara, que tinha toda a força que faltava nele. O físico esguio de Aleski lhe servia perfeitamente para a posição de mensageiro do posto, e ela, alta e musculosa, se dava igualmente bem como ferradora de cavalos.

“Você se arriscou vindo até aqui”, eu falei.

“Eu não me arrisquei, não”, foi a resposta de Imara, batendo de leve na bolsa de ferramentas que tinha a seu lado. “Ninguém pensa duas vezes ao me ver entrando em uma estrebaria.”

Wren estava ocupada admirando os presentes que Imara havia colocado em sua bolsa — duas dúzias de minúsculas, mas muito afiadas e pesadas, facas de arremesso que poderiam ser facilmente escondidas.

Aleski disse que eles não tinham chegado juntos, mas que seus caminhos haviam convergido depois de pararem em um bar local.

“Eles ainda nos permitem beber”, disse Lothar com raiva. “Querem que gastemos dinheiro.”

“Acho que o estratagema do festival já está rendendo frutos”, disse Aleski. “Mais cidadãos saíram esta noite.” Ele achava que, ao verem as alegres guirlandas e os cidadãos relaxando, os guardas pegariam um pouco mais leve também. Ele viu dois deles fazendo piadas em uma esquina com o tanoeiro, coisa que nunca tinham feito antes.

“Há até mesmo uma festa esta noite”, disse Imara ainda. “Espero que todo o maldito bando deles beba até o esquecimento.”

Minha mente retornou para a festa. Será que ela estava lá, ou será que eles a mantinham trancafiada quando não precisavam dela? Qual seria a influência de Montegue sobre ela? As perguntas me corroíam como falcões bicando a carne dos meus ossos.

Pela primeira vez, ouvi toda a trajetória dos eventos que levaram até a tomada de poder, diferentemente de escutar apenas partes da história que Caemus tinha ouvido ou fragmentos cheios de ressentimento contados por traidores.

Eles nos disseram que começou com duas semanas de um bombardeio de ataques a caravanas e incêndios que tomaram a cidade. A cada dia um novo lugar era atingido. Gunner se dividia em todas as direções, mantendo todos os funcionários dos Ballenger lutando. A cidade havia parado de dormir. Mason adicionara patrulhas à cidade e às estradas que

davam acesso a ela. Gunner e Titus dispuseram mais uns tantos funcionários observando a arena e as caravanas. Então, durante vários dias, tudo ficou calmo. Eles achavam que tinha acabado.

“Em seguida, o exército do rei entrou em cena com as armas”, disse Lothar. “Seguiu-se um caos completo. Um edifício após o outro foi reduzido a destroços. Ninguém sabia o que estava acontecendo.” Lothar disse que, quando a poeira baixou, Banques afirmou terem confiscado as armas de um armazém dos Ballenger — uma imensa pilha de armas que a família havia obtido por meios ilícitos. Banques também disse que os Ballenger vinham fazendo chantagem por mais propina para financiar suas atividades ilegais em vez de manter a cidade em segurança contra a liga de Rybart — que, segundo ele, havia planejado os ataques.

“Nós sabíamos que nada disso era verdade, e nem uma única família ou negócio apoiou essa declaração insana, mas não importava se acreditássemos ou não. Ele tinha todo o poder e o usou para esmagar qualquer oposição. Ele...”

“Quem é esse Banques?”, eu perguntei. “De onde ele veio?”

“É o primeiro em comando depois do rei”, respondeu Imara. “É um general e parece ser treinado para isso. Ele está comandando um exército formidável, mas algumas pessoas que estiveram em Parsuss têm certeza de que ele era o magistrado local do rei antes de tudo isso acontecer.”

O magistrado em Parsuss? Aquele que havia escrito para nós dizendo nunca ter ouvido nada em relação a “esse camarada Beaufort” quando meu pai fizera perguntas sobre ele? Eles eram unha e carne desde o começo. Todas as peças começaram a se encaixar. O rei havia nos usado para financiar suas armas, trabalhando lado a lado com Beaufort. Ele nos usou de um jeito até mesmo pior do que Beaufort fizera conosco. E então recrutou Paxton e Truko para que mantivessem a arena em bom funcionamento — o mais doce dos tratos que já havia sido proposto a eles. Aleski cuspiu quando mencionou o nome de Paxton. De alguma forma, a cumplicidade dele era pior do que a de Truko.

“Um dia depois de chegar à cidade, o rei anunciou que Rybart havia sido morto durante a tomada”, contou Lothar. “Então ordenou que a trupe dele fosse capturada e enforcada. Todos eles negaram culpa até seus últimos suspiros. No dia seguinte, na floresta, Drake foi pego em uma armadilha como se não passasse de um animal e poucos dias depois foi enforcado nas...” Lothar balançou a cabeça, incapaz de continuar.

Meus nervos ficavam mais atípicos a cada palavra que ele dizia. “O rei é um invasor e assassino. Por que alguém simplesmente não o derruba?”, falei, sibilando, tentando manter minha voz baixa. “Há muitos arqueiros habilidosos na cidade — todos aqueles que enchiam nossos passadiços! Com certeza alguém teve uma oportunidade para atirar nele. Ele não caminha pelas ruas? Não sai em seu cavalo?”

Imara, Aleski e Lothar olhavam inexpressivos para mim.

“Você não sabe?”, disse Imara por fim, tão baixinho que eu achei que ela tivesse perdido a voz.

Suor frio brotou no meu rosto. “Não sei do quê?”

Ela olhou para Aleski, e ele respondeu. “Ele está com Lydia e Nash. Todo mundo adoraria vê-lo morto, mas todos têm medo de fazer alguma coisa. Ele diz que está protegendo os dois, mas nós sabemos por que realmente está com eles. Para proteger a si mesmo. A ameaça implícita nisso é óbvia.”

Eu não percebi que havia me levantado até que, de repente, cinco pares de mãos se afundaram nos meus braços e no meu peito, me prendendo contra a parede do estábulo. *Ele está com meus irmãos caçulas? Usando-os para sua própria proteção? É isso que está mantendo Kazi lá! É por isso que ela não vai embora.*

As mãos de Wren estavam pressionadas no meu peito. “Não dê uma de louco para cima de nós agora, *Patrei.*”

Balancei a cabeça, indicando que eles podiam me soltar. Eu não tinha nenhuma intenção de dar uma de louco. Minha única intenção era a vingança.

Começamos a formular planos para nosso próprio exército. Armas. Isso era tudo em que eu conseguia pensar agora, e como faria para obtê-las.

CAPÍTULO 32

K A Z I

NUVENS DE UM VAPOR COR-DE-ROSA GIRANDO EM ESPIRAIS pairavam acima da fonte no pavilhão. Eram a respiração dos deuses, segundo as lendas, e a fonte termal rica em minerais era o presente deles aos mortais.

Logo além dos gradis do pavilhão, havia mais respirações — aquelas dos mortos. Eu as sentia se aproximando, seus suspiros sussurravam por entre os pinheiros. Deuses, fantasmas, e talvez anjos, todos eles observavam. À espera.

Na cavalgada até aqui, minha mente foi consumida por cada detalhe, incluindo planos de apoio para o caso de alguma coisa imprevisível acontecer, como chuva ou neve, mas o sol por fim espiava por trás das nuvens cinzentas, acrescentando um pouco de alegria ao dia. Assumi como um presságio. Se o rei podia tomar a morte prematura de seu pai como um presságio dos deuses, eu poderia presumir que a luz do sol intermitente era, com certeza, um sinal deles.

Eu havia acordado antes da alvorada, com a pulsação acelerada como a de um pássaro preso em uma armadilha, mas, quando avistei o cemitério, uma estranha calma desceu sobre mim. A sensação era de familiaridade. Eu lembrei: a ansiedade selvagem vinha sempre seguida de calma. Fosse um pedaço de queijo, ou um tigre faminto, ou duas crianças pequenas. Minha mente ia de uma coisa para a outra, sem se fixar em tudo que poderia dar errado, mas em tudo que eu tinha de fazer direito. Um passo por vez. Não se pode entrar em pânico ao andar em uma corda bamba sobre um poço de víboras.

Eu estava parada no pavilhão, esperando por Montegue.

Vários metros adiante, ouvi-o dispensar Banques, Paxton e Truko para que seguissem até a torre da Vigília de Tor, dizendo que nos juntaríamos a eles em breve — o caminho era curto, uma pequena subida a partir do cemitério. Eu havia feito essa caminhada com Jase no primeiro dia em que estive aqui. O tom de Montegue era de impaciência. Eu tinha certeza de que Banques não estava feliz por ser substituído por mim, mesmo que temporariamente, mas ele não discutiu. Paxton também lhe pusera uma pulga atrás da orelha, deixando-o ansioso para continuar re- vendo os registros da arena. A segurança do rei nunca fez parte da discussão. Ele ficaria bem. Esquadrões de soldados ainda bloqueavam cada extremidade da estrada adjacente ao cemitério. Ninguém poderia entrar ali, e um pequeno contingente dentro do cemitério estava lá para prover proteção adicional. Um soldado — o Nariz Quebrado — foi incumbido da tarefa de supervisionar as crianças, e mais três deles, com os quais eu

não estava familiarizada, se postaram em volta do pavilhão para proteger o rei.

Enquanto Paxton saía cavalgando, notei que ele estava particularmente bem-arrumado hoje, as laterais de sua cabeça foram recém-aparadas e o rabo de cavalo avermelhado formava uma linha perfeita e brilhante ao longo de suas costas. Talvez ele ao menos quisesse parecer apresentável pendurado em uma *tembris*, caso fosse pego.

Quando Montegue se virou na direção do pavilhão, ele deu uns tapinhas em seu colete ao se aproximar. Era um hábito inconsciente. Qualquer um que carregasse tesouros nos bolsos do colete — fossem chaves, um anel de sinete de ouro, uma bolsinha de moedas, ou, no caso de Montegue, um minúsculo frasco contendo a promessa de poder ilimitado — os verificaria com frequência. Quem não faria isso? Ele voltou a abaixar a mão. Seu tesouro ainda estava ali. Em segurança.

Eu me lembrava de como Griz havia zombado dele. De como eu havia zombado dele. No entanto, ele era mais ardiloso do que todos nós. Era isso o que me deixava nervosa, ficar à frente do que quer que estivesse ardendo lentamente dentro dele — e que ele conseguia esconder tão bem. Ele tinha apenas 23 anos de idade, mas parecia um ancião, alguém que tivesse vivido inúmeras vidas de ambição e cinismo. *Alguém como Phineas surge uma vez a cada poucas gerações.*

E talvez alguém como Montegue também.

Lydia e Nash já estavam brincando entre as lápides. Uma vez dentro da proteção segura do cemitério, com a parede montanhosa cobrindo um dos lados e esquadros altamente armados do outro, Montegue não se livraria tão rápido das crianças, embora hoje elas estivessem especialmente bem-comportadas. Elas haviam sido instruídas por Paxton e Oleez pela manhã, para que não fizessem nada que desse motivo para os guardas as arrastarem de volta ao pavilhão antes do horário marcado. Deveriam brincar quietinhas no cemitério, recitar a história de Fujiko duas vezes, e então seria hora de voltar.

Montegue caminhava em um ritmo deliberado e ansioso. Quer estivesse possuindo a magia das estrelas, controlando um continente, um reino ou um beijo verdadeiro de uma simples ladra desejada por seu adversário, tudo isso eram bálsamos capazes de curar as purulentas feridas sob sua pele, e cada uma dessas coisas tinha o poder de torná-lo inteiro por fim, de fazer com que o mundo entrasse em equilíbrio, de transformar sua história em realidade.

Ele foi subindo os degraus e parou na minha frente. Sua necessidade era visível. Eu podia vê-la em suas pálpebras veladas, enquanto ele imaginava o que poderia acontecer. Fiquei ouvindo. Fingi que ouvia as batidas de seu coração. Por esses poucos segundos, ele estava frágil, humano. Sedento. Eu não poderia vê-lo como um monstro. Tinha de vê-lo com um homem. Um homem seria passível de ser derrotado.

“Então, agora que você dormiu e ponderou, ainda está pensando naquilo?”, ele me perguntou.

Eu esperava que fosse levar mais tempo para ele chegar ao assunto que o consumia em chamadas.

“Sim. Eu...”

“Você não tem que ficar imaginando, sabia?”

Mais uns poucos minutos. Isso era tudo de que eu precisava até... Ele me puxou para seus braços e me beijou.

Minha pulsação ficou acelerada enquanto eu tentava assumir o comando da situação novamente, tentando...

Mas agora eu estava imersa no beijo. Sentia que todos os movimentos dele foram planejados, aperfeiçoados, sincronizados. Ele queria me pegar desprevenida. Queria me surpreender e me mostrar. O beijo dele foi gentil no começo, seus lábios mal roçavam os meus. Ele sussurrou o meu nome junto a eles, *Kazimyr*, mas, em seguida, seus lábios fizeram mais pressão e sua língua estava dentro da minha boca. Ele me apertou com mais força, com garras de ferro, e me lembrei de seu aviso: *Eu sou mais forte e poderia derrubá-la com facilidade*. Como se quisesse prová-lo, ele me puxou mais para perto de si, pressionando todas as partes de seu corpo contra mim, sua respiração ficando cada vez mais pesada, e eu temi que esse já não fosse um beijo orquestrado, mas um beijo que estivesse rapidamente saindo do controle. Onde estavam eles? Por que escolhemos Fujiko? Deveríamos ter escolhido uma história mais curta. No entanto, respondi aos beijos dele com vontade e ansiedade, deslizando minhas mãos ao longo de seu corpo até envolverem gentilmente seu rosto, todos os meus movimentos projetados para convencê-lo de meu arrebatamento. *Onde estariam eles?*

“Bem?”, ele sussurrou junto aos meus lábios.

Respondi pressionando minha boca na dele. *Sim, um rei está um degrau acima de um Pai.*

“Com licença?”

Ofegando, me afastei dele e nós dois nos víamos. Lydia estava parada no primeiro degrau do pavilhão, e Nash estava logo atrás dela.

“O que vocês estão fazendo aqui?”, berrou Montegue. “Vão brincar!” Ele olhou com ódio para o Nariz Quebrado, parado logo atrás das crianças.

“Mas eu tenho que ir...”, disse Lydia com aflição.

“Ir?”, respondeu ele, sem entender a princípio, e então compreendeu.

“Fazer xixi, você quer dizer?”, grunhiu, exasperado. “Então ache uma árvore e faça! Você não é um bebê!”

“Eu tenho medo de ir sozinha”, ela choramingou. “Ouvi uivos.” “Leve-a para o bosque!”, disse Montegue para o Nariz Quebrado. O lábio de Lydia tremia. Ela não saiu do lugar.

“Eu preciso fazer xixi também”, disse Nash, e sua voz soava tão aflita quanto a de Lydia.

Soltei um suspiro e pousei a mão sobre o braço de Montegue. “Ela já é grandinha e mais tímida em relação a esse tipo de coisa. Talvez ela se sinta mais confortável comigo. Deixe que eu vá com os dois para cuidar disso, e então farei com que eles fiquem lá perto da água, procurando pedrinhas. Isso deve mantê-los ocupados por um bom tempo enquanto nós poderemos ter algum... *tempo*... para nós dois, sem interrupções.”

Ele sugou o ar entre os dentes cerrados, frustrado. “Andem logo”, ele ordenou. E então disse para o Nariz Quebrado: “Assim que ela os tiver deixado lá, *não* os traga de volta até que me ouça chamar, entendido?”

O Nariz Quebrado assentiu sem demonstrar qualquer emoção, mas eu achava que ele devia estar fervendo de mágoa pelo excesso de trabalho. Fiquei grata por não ser o Sem Pescoço quem os estaria observando hoje. Teria sido mais difícil lidar com ele.

Partimos às pressas para cuidar da urgente questão. O Nariz Quebrado resmungou assim que estávamos longe o bastante dos ouvidos do rei, ofendido por ter sido encarregado de bancar a babá com as crianças. “Por mim, eu os teria afogado como filhotinhos de gato selvagem há muito tempo.” Não havia qualquer gracejo em seu tom, e, se o rei ou Banques lhe desse autorização, eu sei que ele ficaria feliz em fazer isso. Lydia e Nash nem se encolheram com o comentário dele, e eu fiquei imaginando os horrores que eles haviam aguentado todos os dias como prisioneiros do rei, porque, embora ele tentasse colocar as coisas de um jeito diferente, não havia dúvida — eles eram seus prisioneiros.

Jase ficaria enfurecido, mas também orgulhoso com a forma como eles haviam suportado tal pressão, demonstrando mais força do que muitos adultos. Jase ficaria...

Senti um aperto no peito. Eu já havia decidido não contar a eles que logo veriam o irmão. Eu não sabia em que condições ele estaria, nem mesmo se ele...

Ele pode estar morto a essa altura.

Eu gostaria que Paxton tivesse sido menos honesto comigo.

Fomos andando rapidamente até um agrupamento de arbustos no meio do caminho para o cemitério. O Nariz Quebrado esperava do outro lado para dar privacidade a Lydia, mas continuava de olho em mim. Todos os minutos contavam, então Lydia e Nash logo terminaram de fazer suas necessidades.

Enquanto prosseguíamos em direção ao leito de um riacho seco, eu perguntei a ele, fazendo com que diminuísse o passo, pensando nas crianças: “Você tem nome? Para que eu não tenha de ficar chamando você de guarda”.

Ele dispensou a pergunta, dizendo que nomes não eram importantes, mas, cutucando-o mais um pouco, ele finalmente admitiu que se chamava Lucius.

“Como foi que você quebrou o nariz, Lucius?”

“A haste de uma alabarda”, ele me respondeu e então sorriu. “Mas o camarada que fez isso comigo ficou bem pior do que eu.”

“Bom saber.” *Lucius*. Um detalhe útil. Já era possível avistar a área de banho, então eu parei de repente, estendendo a mão para impedir as crianças de continuarem andando, como se eu estivesse com medo. “Espere”, sussurrei. “O que é *aquilo*?” Apontei para as sombras na tumba dos Ballenger. A porta estava entreaberta. “Ladrões de túmulo?”, perguntei. “Deveríamos chamar alguém?”

Ofendido, o Nariz Quebrado fez uma cara feia para mim. “Para que você acha que eu estou aqui? Não vim apenas para bancar a babá deles.” Ele sacou a espada e foi andando com cautela na direção da tumba. Ordenei que as crianças ficassem onde estavam e segui logo atrás dele. Quando estávamos a poucos metros de distância, ele gritou na direção da entrada escura: “Saia daí!”

Ninguém apareceu, e ele avançou um pouco mais, ergueu o pescoço de forma a conseguir ver que ameaça poderia estar ali dentro, esquecendo-se daquela que estava bem atrás dele.

Eu nunca havia matado alguém desse jeito antes. Sempre que enfiava uma faca ou uma espada entre as costelas de alguém, era em situação de combate — de forma barulhenta, desordenada, desesperada e rápida. Nesse caso, foi lento. Perseguir a presa. Esperar pelo momento perfeito. Eu não gostava disso, mas, ainda assim, sentia que vinha em boa hora. Eu nunca havia matado alguém por um motivo melhor.

Cada passo era calmo. Exceto pelo som constante e intenso do meu coração nos meus ouvidos.

“Está vendo alguma coisa?”, perguntei em um sussurro.

“Não”, ele me respondeu, como se estivesse desapontado, e pisou lá dentro. “Nada.”

Pelo menos as crianças não veriam isso acontecer.

Um passo. Dois. Ele se virou. Eu enfiei o escalpelo na garganta dele e a rasguei.

De forma rápida, silenciosa e exata. Tão precisa quanto fazer malabarismo com uma laranja.

E mais permanente do que a haste de uma alabarda.

Ele não tinha como gritar, não podia erguer sua espada. Tomei-a de sua mão antes que ele caísse de joelhos com um *tunc*, de cara no chão. Eu não tinha certeza se ele sequer chegou a saber que fui eu, mas de uma coisa eu sabia: ele não afogaria nada de novo — nem crianças nem gatinhos selvagens. Arranquei seu manto antes que ficasse ensopado de sangue e coloquei-o sobre a pedra que cobria a sepultura do centro, junto com sua longa espada, a adaga e o punhal, e então fui até a porta e acenei para que as crianças seguissem em frente.

“Não olhem”, falei quando eles chegaram na tumba. “Ele está morto e não pode machucar vocês.” Então, tudo que era lentidão se transformou em pressa. Havia cinquenta espaços para sepulturas ali, e cada fren-

te de mármore tinha aproximadamente sessenta centímetros quadrados. Mais da metade já estava ocupada, com os nomes dos Ballenger gravados nas faces externas.

Eu me ajoelhei, de modo a olhar Lydia e Nash de frente, e me apressei a contar tudo que eles precisavam saber. “Amanhã a essa hora vocês estarão em segurança com amigos, mas as próximas horas exigirão uma coragem tremenda, o tipo de coragem que o *Patrei* tem — e que vocês também têm. Estão me entendendo?”

Lydia assentiu com o maxilar cerrado.

Uma covinha surgiu no queixo de Nash, enquanto ele tentava conter as lágrimas.

“Eu não posso ficar aqui com vocês. Tenho de levá-los para longe. Mas não importa o que vocês ouçam, não importa quem os chame ou quem venha a ameaçar vocês ou a mim, *não* respondam. Vocês podem até me ouvir chamando, mas eu estarei apenas fingindo não saber onde vocês estão. Vocês devem permanecer completamente em silêncio, até mesmo se eu gritar. Tudo isso faz parte do plano.” Dei um aperto de leve nas mãos de ambos. “Se vocês responderem, o plano vai fracassar — lembrem-se de que não estamos apenas salvando a nós mesmos, estamos nos empenhando para salvar a todos na Boca do Inferno. Então vocês não devem chorar, choramingar e nem mesmo sussurrar um com o outro. Vai escurecer e vai ficar frio, mas, assim que a noite chegar, alguém virá buscá-los e os levará para onde possam estar a salvo. E vocês cavalgarão em seus próprios cavalos. Sem mais essa de cavalgar com o rei. Vocês vão gostar disso, não vão?”

“Sim”, ambos responderam baixinho.

E então eu contei a eles onde iria escondê-los. “Mas o corpo da Sylvey não está lá. Nunca esteve. É só uma câmara vazia.” *No entanto, ninguém mais vai saber disso.*

“Onde está Sylvey?”, Nash queria saber. Ele nunca chegou a conhecê-la. Ela morreu quando ele era bem pequeno, mas ele havia ouvido falar dela. Os Ballenger nunca esqueciam a própria história — nem a história de sua família.

“Ela está enterrada nas montanhas Mouras.”

Lágrimas se acumularam nos olhos de Lydia, que estava preocupada com uma irmã da qual ela não tinha nenhuma lembrança. “Será que os deuses ficarão com raiva porque ela não está aí?”

“Não”, falei, puxando Lydia e Nash para os meus braços. Uma dor pungente fisgava a minha garganta. “Os deuses sabem onde ela está. E um lugar bonito onde ela pôde descansar. Os deuses estão satisfeitos com isso.” Eu nunca ficara tão grata por uma lei violada na minha vida. Graças aos deuses, Jase havia roubado o corpo dela. Mesmo se eles chegassem a ponto de fazer uma busca na tumba, jamais entrariam em uma sepultura que acreditavam estar ocupada por um corpo santificado.

Afastei-os um pouco, de modo que pudesse olhar nos olhos deles. “E agora vocês têm de me contar uma última coisa. Isso é muito importante. Vocês sabem se existe uma outra entrada nas catacumbas?”

Eles olharam um para o outro e então voltaram a olhar para mim. “Nós não deveríamos contar sobre isso. Nós não dissemos nem mesmo ao rei. Só os familiares podem saber.”

“Mas eu *sou* da família. Sou sua irmã agora. Jase iria querer que vocês me contassem. Por favor.”

“Você é nossa irmã?”, disse Nash.

“Você nunca mais vai embora de novo?”, acrescentou Lydia. “Porque família não vai embora.”

“Nunca”, respondi, sentindo pontadas de culpa, pois eu sabia que às vezes os familiares iam embora, mesmo que não quisessem.

Nash olhou para o guarda morto no canto, para se certificar de que ele não estava ouvindo. “Fica perto da queda d’água”, ele sussurrou.

“Há uma caverna lá. Esquerda, esquerda, direita, esquerda. Eu memorizei”, disse Lydia com orgulho. “Uma vez lá dentro, são esses os túneis que você deve seguir.”

“E lá tem morcegos. Muitos e muitos morcegos na primeira caverna grande”, acrescentou Nash.

“Que queda d’água? Onde?”, perguntei. Deveria haver uma centena de quedas d’água nas montanhas atrás da torre da Vigília de Tor.

Eles se entreolharam, hesitantes. “Fica em um longo caminho subindo a montanha. Eu acho”, foi a resposta de Lydia. Eles começaram a recitar os poucos e vagos detalhes de que se lembravam. Uma campina vasta e minguada. Uma árvore caída com raízes mais altas do que uma casa. Uma pedra azul gigantesca que parecia um urso se apoiando nas patas traseiras. Isso era tudo de que eles conseguiam se lembrar, e eu rezava para que fosse o bastante.

Fui até a sepultura de Sylvey no final da coluna do meio e soltei os parafusos dos fixadores que tinham a forma de uma roseta, removi com cuidado a frente de mármore e coloquei-a de lado. Em seguida, removi a tampa interna e olhei o interior do longo espaço escuro, na esperança de não encontrar qualquer traço de que algum dia tivesse havido algum corpo ali. Estava limpo e havia lugar suficiente para duas crianças pequenas. Dispus o manto do guarda ali dentro e ergui os dois para que pudessem entrar, então os enrolei no manto para que se mantivessem aquecidos.

“Lembrem-se”, sussurrei, “que assim que cair a noite, alguém virá buscar vocês. Até lá, nem um pio.”

Ambos assentiram. Eu comecei a me curvar para recolocar a tampa interna e a frente de mármore, mas Nash estendeu a mão e segurou o meu braço. “*Vatrésta*”, disse ele.

“Não, Nash”, corrigi. “*Vatrésta* é para um adeus definitivo. Nós nos veremos novamente. *Chemarr* é para uma despedida por pouco tempo.”

“*Chemarr*”, ambos disseram em resposta para mim, e então eu os fechei dentro da sepultura. Pressionei os dedos em meus lábios e então na face do mármore que trazia gravado o nome de Sylvey. *Chemarr. Cuide deles.*

Alívio e medo inundaram o meu peito ao mesmo tempo enquanto eu pressionava as costas na porta da tumba, afundando o chão com os pés enquanto empurrava a porta e a fechava com um resmungo e um empurrão de cada vez, selando-os ali dentro.

CAPÍTULO 33

K A Z I

“PRONTO!”, FALEI, SORRINDO ENQUANTO SUBIA APRESSADAMENTE os degraus do pavilhão. Deixei que o verdadeiro brilho da vitória se mostrasse nos meus olhos — a etapa mais difícil já estava concluída —, embora o rei interpretasse meu triunfo de forma diferente. “Prontinho. Eles estão felizes procurando ágatas.” Tirei meu manto e o cinto de armas, colocando-os sobre o gradil ao lado dos de Montegue.

Ele já estava se sentando no primeiro degrau, molhando os pés. “Por que você demorou tanto? Eu estava prestes a mandar um guarda ir buscá-la.”

“Eu quis dar um incentivo a mais para eles e encontrei isto.” Tirei uma ágata grande e colorida do bolso, do tamanho do meu dedo mindinho — exatamente do tamanho certo — e a ergui. “Eu disse a eles que quem achasse mais pedras receberia esta como prêmio. Eles estão procurando com gosto agora. Ficarão ocupados por um bom tempo.”

Ele sorriu. “Ótima jogada, soldada.” Ele fez um movimento apontando para o degrau ao seu lado. “Venha molhar os pés.”

Eu me sentei no banco solitário do pavilhão, de frente para ele, tentando ganhar tempo enquanto, devagar, tirava a primeira bota. Eu tinha de arrastar a situação por pelo menos mais meia hora.

“A cidade parecia festiva hoje de manhã, não?”, falei, escolhendo um tópico que eu sabia que ele apreciava, uma prova de que ele estava conquistando-os.

“Sim”, ele concordou. “Eles estão finalmente se recuperando. Seguindo em frente. Eu sabia que isso aconteceria. Ordenei que os corpos enforcados fossem removidos das *tembris*, o que pareceu ser a resposta certa. Eles me verão como um regente justo, disposto a alcançar mais do que um consenso.”

A resposta certa? Cortar as cordas dos corpos de inocentes que foram enforcados e estavam apodrecendo? Quanta bondade! Senti a repulsa se formando na minha garganta. “Uma atitude sábia”, falei, concordando com ele. Tirei a minha meia, enfiei-a na bota e comecei a desamarrar o cadarço da outra bota. “E isso certamente ajudará a elevar os humores festivos.”

Ele falou sobre outras mudanças que estava colocando em prática junto com Banques, que incluíam designar novos magistrados para os distritos, indicados pela população da cidade, reconstruir a estrebaria que tinha sido queimada e começar as obras do novo templo, que seria maior e melhor do que o último. “E logo eu não vou precisar viajar com as crianças.”

Tirei a bota e coloquei-a ao lado da outra. “O que vai acontecer com eles?”, perguntei com cautela, segurando as minhas próximas palavras. *Você os mataria?* Mas ele previu meus pensamentos mesmo assim.

“Eu não os mataria, se é nisso que você está pensando. Não sou um monstro.”

“Sei disso”, me apressei a dizer, tentando aliviar a ofensa. “Eu estava pensando em Banques. Ouvi quando ele chamou as crianças de um mal necessário.”

“Nós temos de fazer o que é melhor para o reino. Vamos enviá-los para longe, onde eles poderão esquecer que são Ballenger. Eles terão um belo recomeço, do zero.”

Recomeçar do zero? Ou será que eles simplesmente seriam prisioneiros em algum outro lugar? Ele transformava tudo em uma solução de ouro que eliminava sua culpabilidade. Torci em meus dedos a meia que tinha acabado de tirar. Mesmo que eu soubesse que ele nunca conseguiria colocar as mãos neles de novo, suas palavras ainda me incomodavam — as coisas que ele planejara e que eu sequer tinha começado a entender. “Enviá-los para longe? Para onde?”

“Zane conhece lugares. Ele...”

“Zane?”, falei sem pensar, antes que pudesse me impedir de fazê-lo.

“Eu já disse... você precisa enterrar os seus ressentimentos em relação a ele. Zane é útil para mim, e, sendo um ex-condutor dos Previzi, ele sabe de lugares não muito distantes daqui que poderiam acolhê-los.”

Ele iria entregá-los a Zane.

Zane.

“Lugares? Mais de um?”, perguntei. “Você pretende separá-los?”

“Sim, decidimos que seria mais fácil para eles começarem do zero e se separarem de seu passado dessa forma.”

E garantir que eles esquecessem. Eu sabia o que era ficar isolada. Sozinha. Sem ninguém para contar histórias. As memórias iam desaparecendo. Eu tinha a idade do Nash quando perdi a minha mãe, e Lydia era apenas um ano mais velha. *Sim, Montegue, mande-os para longe e elimine dois jovens Ballenger que poderiam crescer e desafiá-lo um dia. Quebre-os, destrua-os, mas, ao mesmo tempo, mantenha-os por perto só para o caso de você precisar trazê-los de volta para algum estratagema seu. Você é um monstro brilhante.*

Eu me esforcei e lutei para manter a mente concentrada no fim do jogo. Um jogo com regras novas criadas por mim — e não por ele. *Ele não será capaz de fazer nada disso, Kazi. Permaneça focada em cada etapa. Você está quase lá.*

“E quanto aos Ballenger?”, perguntei. “E se eles saírem da montanha? Eles vão querer as crianças de volta.”

“Não há qualquer sinal de vida da parte deles. Provavelmente estão todos mortos. E, se não estiverem, logo estarão. Se você não encontrar os papéis logo, nós começaremos a detonar as montanhas. Eu não posso

esperar muito mais. Vou ter que me arriscar e torcer para que os papéis não sejam destruídos no processo.”

“Detonar uma montanha de granito sólido? Você sabe quanto tempo isso vai levar?”

“Ou as rajadas podem fazer com que eles saiam.”

É claro. Ele não acreditava, de fato, que eles estivessem mortos.

“Paxton desenhou mapas para nós”, disse ele. “Ele era um Ballenger, antes que sua linhagem fosse excluída da família. O bisavô dele lhe falou sobre a disposição das catacumbas. Estimamos que a rota mais curta para o grande salão deva exigir apenas três ou quatro dias de detonação.”

Grande salão? Não havia nenhum grande salão! As catacumbas não eram um palácio subterrâneo! As salas eram mais ou menos todas do mesmo tamanho, e uma era conectada à outra, sucessivamente, de forma simples e funcional. Paxton estava mentindo para eles, e ele havia até mesmo desenhado mapas! Talvez aquela tivesse sido a pulga que ele havia plantado atrás da orelha de Banques — uma pulga em forma de mapas que os levariam para todas as direções erradas. Eu estava começando a adorar aquele homem e cada osso desonesto em seu corpo.

Enrolei as barras da minha calça e fui me juntar a Montegue, porém, antes que eu pudesse colocar os pés nas águas cor-de-rosa, ele estendeu a mão, roçando de leve com o polegar o machucado no meu tornozelo. “Está sensível?”, ele me perguntou baixinho. Provando, cortejando, fingindo se importar. *Não sou um monstro*. Sem dúvida, preparando-se para me mostrar de um jeito mais intenso o quão bondoso ele poderia ser.

Eu me encolhi, como se sentisse dor. “Um pouco.” A mancha produzida pelo cataplasma feito na véspera, com cascas de frutas e pétalas de flores, tinha a aparência de um machucado de cor intensa e aspecto dolorido. “Porém, molhar os pés deve ajudar. Obrigada por tanta consideração.”

“Eu quero você recuperada e forte”, disse ele, sua mão se demorando no meu tornozelo, para então deslizar e subir pela minha panturrilha. “Isso é o que importa. Notei que você estava mancando de um jeito pior hoje de manhã.”

“É só enrijecimento depois de uma noite de descanso. Preciso cuidar disso. Isto aqui vai ajudar.” A água quente também poderia fazer com que a mancha desaparecesse. Uma cura milagrosa. Eu tinha certeza de que nem mesmo Montegue cairia nessa, mas provavelmente ele nunca mais olharia para o meu tornozelo depois desse momento. Em breve, ele não ligaria nem um pouco para isso.

Eu me sentei no degrau superior, ao seu lado, e ele fechou os olhos e inspirou o vapor que nos cercava — a força dos deuses. As veias em seu pescoço estavam saltadas, e eu não sabia ao certo se era por causa da euforia ou do esforço. Soltei um gemido de satisfação, como se já estivesse sentindo a ação curativa da água. Mais vinte minutos. E, em algum mo-

mento nesses vinte minutos, eu teria de beijá-lo mais uma vez. Abraçá-lo.

“Ele fez promessas a você?”, ele me perguntou de repente.

Promessas? A surpresa bateu com força dentro do meu peito. Eu não conseguia ficar à frente dos pensamentos dele. Eu nem mesmo precisei perguntar quem era *ele*.

Dei de ombros, moldando a indiferença em meus lábios. “Se ele fez isso, não consigo lembrar.”

Montegue me agarrou pelo braço, fazendo com que eu olhasse para ele. “Lembre.”

Assenti. “Sim.”

Era verdade. Jase me prometeu uma vida inteira com ele. Prometeu uma montanha cheia de árvores e uma família que voltaria a me amar. Prometeu que nós haveríamos de escrever a nossa própria história.

E eu fiz promessas também.

Fiquei encarando Montegue, permitindo que seus olhos vissem dentro da minha alma, que a comandassem, que a possuíssem, que nela se perdessem. Que se afogassem na fantasia.

“Na nossa viagem de volta, ele me prometeu que eu acabaria amando-o um dia”, falei.

“E...?” Os olhos dele se aprofundaram ainda mais dentro dos meus.

“Ele parecia ter tanta certeza em relação a tudo que cheguei a me questionar. Seria possível que eu viesse a amar um homem que odiava? Eu estivera errada sobre tantas coisas... Cometera tantos erros...”

“Mas...?”

Uma laranja no ar.

“Mas algumas coisas são verdadeiras. Nós as sentimos e não podemos forçá-las. Não se pode...”

Uma outra laranja.

Estendi as mãos, cada uma delas envolvendo um lado de seu rosto. “Algumas coisas...”

Ele se inclinou para a frente e sua boca encontrou a minha, e, em seguida, ele me empurrou para trás, de modo que ficamos deitados no piso do pavilhão. Seus beijos eram quentes, famintos. Verdadeiros. Seus dedos eram tão apaixonados quanto, mexendo na minha camisa.

Deslizei as mãos pelo colete dele, passando por seu peito, buscando, faminta também. Eu sentia seu peso contra o meu corpo, me prendendo debaixo dele.

“Montegue”, sussurrei. “Os guardas.”

“Eles não estão olhando.”

“Estão”, falei. “Eles não deveriam ver o rei assim. Talvez devêssemos seguir até a torre da Vigília de Tor. O escritório. Lá tem mais privacidade.” Empurrei meu corpo contra o dele.

Ele olhou para mim, e suas pupilas se encolheram como pontos minúsculos, sabendo que eu estava certa. O rei mais poderoso do continen-

te, é claro, não deveria agir como se estivesse no cio, como um animal em uma floresta.

Ele saiu de cima de mim e gritou para um dos guardas, que, como era seu dever, fingia não saber o que estava acontecendo no pavilhão. “Pegue as crianças! Estamos indo embora.”

O guarda partiu, e Montegue calçou suas botas às pressas. Eu fiz o mesmo. Ele não notou que o meu machucado havia desaparecido. Um fragmento de fantasia enchia seus olhos — entregue por uma ladra.

Quando já havíamos calçado nossas botas e colocado nossos cintos e mantos para partir, o guarda voltou correndo sem as crianças. “Eles sumiram”, disse ele com o rosto lívido. “Não consigo encontrá-los.”

“O quê?”, perguntei irritada, virando-me bruscamente para encará-lo. “Onde...?”

Montegue me cortou. “Como eles podem ter sumido? Onde está o guarda que estava de olho neles?”

“Também não consigo encontrá-lo.”

Desci os degraus tempestuosamente. “O que você está dizendo? Como...?”

“Eles têm de estar aqui”, disse Montegue, olhando para o cemitério. “Eles devem estar se escondendo. Brincando de algum de seus jogos.”

“Lydia!”, chamei. “Nash! Está na hora de irmos embora!”

O cemitério continuava imóvel. Os guardas, Montegue e eu nos espalhamos, chamando as crianças por seus nomes. A voz de Montegue ficava cada vez mais alta e mais carregada de raiva à medida que adentrávamos o cemitério, sem qualquer resposta.

“Eles estavam na área de banho quando os deixei”, falei em um tom de voz suficientemente carregado de preocupação. “Eles têm de estar lá ainda.”

Porém, ao avistarmos a área de banho, o lugar estava vazio. Eu me virei e fiquei cara a cara com Montegue, empurrando-o com as mãos. “O que foi que ele fez com eles? Você sequer conhece aquele guarda?”, berrei. “Quem é ele?”

Montegue girou e se dirigiu de volta para o pavilhão, levando consigo dois dos guardas. “Continuem olhando aqui!” ele ordenou, falando por cima do ombro, o manto ondulando atrás de si. “Vamos verificar com os esquadrões na estrada. Talvez eles tenham caído pela encosta.”

Assim que ele se foi, eu disse para o guarda remanescente fazer uma busca em todos os arbustos que ficavam perto da base da ribanceira. “Vou dar uma olhada no agrupamento de sicômoros na extremidade mais afastada.”

Nós nos separamos, mas, antes que eu chegasse aos sicômoros, me curvei sob um alto e antigo abeto com raízes grossas e nodosas, e afastei dali os montinhos de folhas que eu havia espalhado para esconder as ar-

mas do guarda morto. Substituí minha espada e adaga cegas pelas armas afiadíssimas dele, e também coloquei o pequeno, mas mortal, punhal no meu cinto.

“*Lydia!*”

“*Nash!*”

O chamado continuou ao longe.

E logo tudo ficou estranhamente silencioso.

Rumei de volta para o pavilhão, preparada para pedir notícias e, em seguida, sugerir que fizéssemos uma busca na torre da Vigília de Tor, mas então vi Montegue caminhando na minha direção. Lentamente. Deliberadamente. Atrás dele vinha um esquadrão de soldados, um deles segurava um lançador.

E, caminhando apenas um passo atrás, estava Dinah.

Fiquei completamente pálida. Nada em relação a isso estava certo, mas eu continuei andando em frente, desempenhando o meu papel. A expressão no rosto de Montegue era dura, e seu queixo estava erguido enquanto ele olhava para mim. Ele realmente me observava.

“Onde estão eles?”, ele perguntou com a voz desprovida de emoção.

Dinah apontava para mim com o dedo tremendo, enquanto o tom de sua voz ficava mais agudo a cada palavra que ela dizia. “Ela! Foi ela! Ela fez isso! Oleez me contou! Ela disse que as crianças não iam voltar. Que nós tínhamos de partir. Mas eu não tive nada a ver com isso! Nada! Eu vim assim que soube! Eu sou leal a Vossa Majestade! Eu sou...”

“Cale a boca!”, ordenou Montegue. Mas ela não se calou, e ele levou a mão para trás, batendo no rosto dela e derrubando-a no chão.

Fiquei com o olhar fixo nela, horrorizada. Dinah havia nos traído? *Garota idiota! O que foi que você fez?* Oleez tinha certeza de que poderia confiar nela e precisava levá-la junto quando escapasse. Será que Dinah achava que isso a faria cair nas graças do rei ou estava apenas histérica de medo? Ela ficou ali deitada, choramingando, e Montegue se voltou novamente para mim.

O maxilar dele estava rígido. Toda a paixão que o havia consumido apenas poucos minutos atrás agora era canalizada em uma nova direção. A atenção dele se voltou para os meus pés. “Estou vendo que você já não está mancando.”

Assenti. “Uma cura milagrosa.”

Vi sua bochecha se contorcendo. “Nós ainda podemos resolver isso”, disse ele, mal se esforçando para suavizar a voz. Ele não tinha qualquer intenção de resolver nada. Eu via as engrenagens em funcionamento dentro de sua cabeça — ele era um arquiteto trabalhando em um novo plano. “Você estava com medo pelas crianças”, ele continuou falando. “Isso eu posso entender. Eu...”

“É mesmo, Montegue? Você me perdoaria? Que sorte a minha! Porque é claro que você não é um monstro, como me disse tantas vezes.”

Sua postura mudou diante do meu sarcasmo.

“Quão valente você será agora sem as crianças para usar como escudo?”, perguntei. “Você ainda cavalgará livremente em meio aos súditos que o adoram?” Eu ri, só para esfregar na cara dele, pois sabia como ele odiava o desdém, e queria que ele sentisse este momento até o fundo de suas entranhas.

Ele estava imóvel, uma pedra parada na minha frente. “Onde estão eles?”, ele repetiu a pergunta.

“Longe de suas garras e longe, bem longe daqui, a essa altura”, foi a minha resposta. “Eles têm uma boa hora de vantagem e um soldado habilidoso que os está ajudando. Lucius é bem notável.”

“Lucius?”

Um dos guardas atrás dele respondeu: “O soldado que foi designado para cuidar deles”.

“Ele também estava nessa conosco”, falei. “Está vendo? Eu conheço os seus soldados melhor do que você. Quantos desses atrás de você estão, de fato, do nosso lado? Quantos deles poderiam estar mirando uma flecha nas suas costas, mesmo agora, enquanto estamos conversando?”

Pisque por último. Ele também conhecia o jogo e resistia à premência de se virar, mas eu vi o tremular dos seus cílios e a dúvida que passou por seus olhos. Ele olhou de relance para as armas cegas e inúteis na lateral do meu corpo, já planejando uma nova estratégia.

Enquanto ele olhava para mim, eu espiava outras coisas. Em uma fração de segundo, avalei as posições dos soldados que estavam atrás dele, dois com flechas já armadas, quatro com espadas em punho, e quatro com alabardas preparadas para atacar. Olhei para o soldado que mirava um lançador em mim. Ele não poderia dispará-lo. Estava próximo demais de mim, e a rajada com certeza machucaria ou mataria o rei também. Notei as nuvens passando lá em cima, e as luzes e as sombras mudando de lugar, e o momento em que o sol ficaria nos olhos dos soldados. Tentei me lembrar de quantos passos me separavam da área de banho atrás de mim, e que árvores, tumbas e lápides ficavam no caminho para me dar cobertura, depois tentei me lembrar de quão íngreme era a encosta ao longo da estrada, e onde os soldados lá embaixo estavam posicionados, e então a distância até o cânion profundo logo além. *Dê meia-volta. Elabore um novo plano.* Tudo isso tinha passado pela minha cabeça em uns poucos e curtos segundos, e eu precisava decidir se era viável ou não, mas, óbvio, as chances não estavam a meu favor. Nem remotamente. Não desta vez.

Montegue sorriu, como se soubesse o que eu estava pensando, e se aproximou. “Você não tem para onde ir. Abaixе suas armas e vamos conversar.”

Um sorriso largo iluminou o belo rosto dele, e sua voz estava cálida. Mas eu via o rubor em suas têmporas, a tensão em seus ombros, a fúria que emanava dele. Eu seria jogada para apodrecer em uma cela até que ele tivesse arrancado de mim cada pedacinho de informação que pudes-

se. Isso também não era uma opção. Eu nunca revelaria o paradeiro de Lydia e Nash.

Seus olhos me perfuravam enquanto ele avaliava seus próprios movimentos. Então ele se lançou para cima de mim. Porque ele era mais forte e poderia me derrubar com facilidade. Porque ele tinha os deuses a seu lado.

Porém, dessa vez eu não tinha um garfo na mão. Debaixo do meu manto, segurei outra coisa em meu punho fechado.

CAPÍTULO 34

K A Z I

ERGUI O BRAÇO E, COM O PUNHAL AFIADÍSSIMO, ACERTEI O peito e o maxilar dele. Ele caiu para trás, gritando, segurando o rosto enquanto o sangue jorrava entre seus dedos. Em um lampejo, em meio ao caos, conforme os soldados se apressavam para ajudar o rei, eu me virei e saí correndo em direção à área de banho.

“Atirem!”, ele gritou. “Atirem!”

Ouvi uma correria e gritos atrás de mim.

“Saíam do caminho! Saíam do caminho!”, alguém berrou.

Flechas voaram com tudo e passaram por mim. Ouvei os *tunc! chinc! vush!* à medida que elas acertavam árvores e pedras, e passavam rugindo por meus ouvidos.

Eu estava prestes a pular para dentro da área de banho quando a força de uma explosão reverberou pelo ar. Fui jogada e caí rolando pelo leito seco do riacho. Havia terra e rochas por toda parte. Minúsculas lascas de pedra perfuravam a minha pele. A poeira tornava o ar sufocante, e meus ouvidos ressoavam com a dor. Consegui me levantar e continuei andando. Não conseguia enxergar em meio à nuvem de poeira, mas eu sabia em que direção precisava seguir.

Minhas botas esmagavam as pedras enquanto eu corria, o ar carregado por uma nuvem de poeira, mas, assim que eu a atravessei, outra sarai-vada de flechas passou ruidosamente por mim. Eu variava os meus passos como um coelho imprevisível, fui correndo para o outro lado, deixando a área de banho, e desci por um declive, por fim saindo do campo de visão deles, mas corria tão rápido que não conseguiria parar quando chegasse à encosta e, por alguns segundos, fiquei como que suspensa no ar, com a esperança de não bater com tudo na árvore que estava no meu caminho. Estiquei a mão e me segurei em um galho, que me lançou em uma nova direção, desviando por pouco de um tronco. Então caí no chão com tudo e saí rolando descontroladamente, o denso e escorregadio leito de folhas não oferecendo nada em que me segurar, fazendo com que eu descesse pela encosta com a velocidade de uma queda d’água furiosa. Eu me debatia, tentando encontrar alguma coisa em que me agarrar, e, por fim, afundei o calcanhar e me segurei em uma pequena árvore, arrancando seus galhos e deixando-a despida enquanto o meu deslizar desacelerava, até que alcancei a estrada lá embaixo.

Pelo menos, as árvores haviam ocultado a minha descida dos soldados que estavam posicionados na estrada, mas aqueles que vinham de cima ainda me perseguiram. Suas flechas eram bloqueadas pelas árvores, mas não por muito tempo. Eu não tinha escolha senão sair correndo em

direção ao cânion que ficava logo além da estrada. Gritos e ordens ecoavam ao meu redor — inclusive a voz do rei —, e os soldados lá embaixo se viraram, as armas erguidas, olhando para as árvores e procurando a fonte da comoção. Eu joguei uma pinha para além deles, na esperança de distrair sua atenção, mesmo que apenas por um segundo — isso era tudo de que eu precisava —, e saí correndo.

“Ali!”

“Façam-na parar!”

A estrada explodiu embaixo de mim, e eu estava em queda livre mais uma vez, caindo pela íngreme encosta do cânion, só que, agora, não havia árvores no meu caminho, mas pedras. Fui jogada com tudo, todos os meus ossos estavam sendo golpeados e esmagados, eu caía e quicava pelo chão rochoso como se fosse uma boneca de pano sem controle, incapaz de parar, sendo socada pelo chão repetidas vezes, até que, por fim, fui parar em um cume e aterrissei no patamar de pedra logo abaixo. Tudo passou de ruidoso e explosivo para imóvel. O céu girava espiralado acima de mim em tons vagos de vermelho. Senti algo molhado e quente. Sangue. Escorrendo para dentro dos meus olhos, me cegando. Eu me encolhi de dor, erguendo uma mão trêmula para limpá-lo, e preendi a respiração. Meu ombro. Agora era a dor que me cegava.

Gritos cheios de frustração chegaram rolando pelo cânion rochoso novamente.

“Onde está ela?”

“Aonde ela foi?”

O cume alto me escondia temporariamente.

Mais gritos, e então Montegue, cuja voz reverberava acima das demais: “Desçam lá!”

“Encontrem-na!”

Em seguida, um desesperado: “Saíam do meu caminho! Eu vou impedi-la!”.

Será que ele planejava enviar uma parede de fogo para trazer o cânion abaixo e fazer torresmo de mim? Era o verdadeiro desejo do coração dele.

Mas então ouvi um grito. Um grito alto e glorioso que ricocheteou no cânion de pedra. Era o som dos sonhos frustrados. O som da fúria e da traição.

O grito do rei.

Eu estava por um fio, na beirada da consciência, mas sorri.

Ele encontrou o presente que eu havia deixado para ele, a ágata colorida que eu enfiara no bolso de seu colete. A ágata que tinha mais ou menos o mesmo tamanho de um frasco mágico.

Minha outra mão deslizou dolorosamente, centímetro por centímetro, pela pedra até a lateral do meu corpo, tateando o meu bolso para ver se ainda continha o tesouro do rei. Estava ali.

Fora do alcance dele. E eu me certificaria de que ele nunca o pegasse de volta.

Nada disso deveria acontecer até mais tarde, não até que estivéssemos a caminho da torre da Vigília de Tor para continuar nossa busca. Eu escaparia sorrateiramente em meio às sombras e então os conduziria em uma caçada selvagem para bem longe do cemitério. Na manhã seguinte, Paxton se encontraria comigo. Dinah fez com que a situação mudasse.

Eu sabia que tinha de correr. Tinha de ir, mas não conseguia me mexer. Eu havia descido pela face íngreme do cânion, pelo caminho mais rápido e mais difícil. Bem acima de mim, eu os ouvi gritando, pedindo cordas. Não tardaria até que os soldados estivessem seguindo pelo caminho mais lento. Eu tinha de continuar me mexendo e levá-los para longe do cemitério e de Lydia e Nash. Mas tudo doía tanto. Meu ombro, minha cabeça, meu quadril.

Quando tentei me mover, o mundo voltou a ficar pálido com a dor. Fiquei ofegante, tentando respirar.

Eu me apoiei, afundando as unhas nas palmas das mãos enquanto estendia o braço, e senti um calombo no meu ombro esquerdo, onde não deveria haver um. Meu ombro estava deslocado. Ouvi pedaços de rochas caindo por essa face do cânion. Eles estavam vindo. “Você consegue fazer isso, Kazi”, eu sussurrei para mim mesma. “Você precisa.” Eu vi Natiya fazer isso uma vez, depois de ter caído de um cavalo...

Pressionei a mão direita sobre a minha boca, para não me permitir gritar, e virei a palma da outra mão para cima. Lentamente, deslizei o braço machucado sobre a minha cabeça. *Relaxe, deixe que os músculos façam seu trabalho.* Porém, entre a dor e saber que os soldados já estavam descendo pelo cânion, era impossível relaxar. Eu tremia de dor. A mão boa passou da minha boca para a outra mão, que agora estava sobre a minha cabeça, e eu puxei meu pulso com gentileza. *Você consegue fazer isso.* Puxei com mais força, o patamar de pedra girava. Eu temia que pudesse desmaiar. Um choramingo escapou dos meus lábios, a luz vibrava atrás dos meus olhos, e então eu ouvi um suave estalido.

A respiração presa em meu peito escapou em um arquejo miserável e quente.

Estava de volta no lugar.

O céu ainda oscilava acima de mim. Inspirei fundo, e depois mais uma vez, permitindo que meus pulmões se enchessem e que meus sentidos retornassem, mas não havia tempo para mais. Lutei para ficar em pé, usando apenas meu braço direito para me apoiar. Mantive o braço esquerdo aninhado junto às minhas costelas e permaneci encostada à parede do patamar, de modo que eu não pudesse ser vista de cima, e então olhei para o cânion, procurando uma forma de escapar dali.

O fundo do cânion tinha apenas uns seis metros de profundidade. Eu planejei o meu caminho. Assim que estivesse a céu aberto, teria de me mover rapidamente — se conseguisse. Todo o meu lado esquerdo havia sofrido com o impacto da queda. Minha perna doía também. Analisei as sombras. Era quase meio-dia, e havia poucas delas. Mas era o suficiente — árvores, penedos, os grupos de arbustos selvagens. Visualizei a linha que eu iria seguir.

Puxei o frasco do meu bolso e fiquei encarando-o. Eu tinha apenas alguns segundos para me decidir. *Ele deixa sua marca no que quer que toque.* Depois de todos esses meses próximo do coração do rei, será que conseguiria servir ao desejo de alguma outra pessoa? Poderia servir ao meu? Tentação, razão, os segundos passando velozes, tudo isso travava uma batalha dentro de mim. Mas eu não sabia como usar a magia, nem mesmo se poderia fazer isso, e havia uma boa chance de que eu fosse capturada novamente. Eu não poderia deixar que caísse nas mãos dele de novo. Inspeccionei a parede do patamar e avistei uma minúscula fissura na parte de baixo. Enfiei o frasco ali dentro, e um pequeno lagarto saiu apressado dali.

Então eu corri.

Fui avistada quase imediatamente.

Mais gritos ecoavam, vindos de cima. “*Atirem! Atirem!*”

Ele nunca me libertaria, não apenas por causa do que eu lhe roubara, mas também por tudo que eu, na verdade, nunca lhe dera.

“Você não é nada!”, ele gritou. “Você não é nada sem mim! Está me ouvindo? Nada!”

Eu estava quase chegando até a sombra que planejara alcançar quando o cânion reverberou o trovejar de mais uma explosão de chacoalhar os ossos, uma árvore foi partida em mil pedaços e eu fui arremessada para o fundo do cânion.

CAPÍTULO 35

J A S E

“VOCÊ OUVIU ISSO?”, PERGUNTOU WREN.

Eu havia acabado de entregar algumas moedas para o mestre do estábulo quando ouvimos um ruído fraco e grave.

“Trovão”, disse o mestre do estábulo enquanto atravessávamos a porta.

Ao alcançarmos o pátio onde Synové nos esperava com os cavalos, ela ergueu o olhar para o céu e perguntou: “O que foi aquilo?”. Sua testa estava enrugada, cheia de desconfiança.

“Não é um trovão”, respondi. Houve um estrondo — um som duro, um estalo que eu reconheci. Um lançador. Mas estava em algum lugar ao longe, não aqui na cidade. Seriam soldados praticando? Ou será que eles estavam destruindo ainda mais o meu lar, tentando apagar todas as evidências da existência dos Ballenger?

Enquanto cavalgávamos rumo à estrada principal a oeste para sair da cidade, pudemos ver que estava acontecendo algum tipo de comoção. Soldados corriam com as armas em punho, irrompendo nos comércios que ficavam nas calçadas, procurando alguma coisa. Descendo pelas avenidas menores, eu pude vê-los fazendo o mesmo nas casas. Quando chegamos ao final da estrada, ela estava bloqueada. Havia uma multidão de pessoas avançando para cima dos guardas, querendo respostas. Desci do cavalo, mantendo o chapéu afundado e a cabeça abaixada, e abri caminho em meio à multidão até onde estavam os soldados, atrás de uma barricada.

“Nóx não moramos aqui”, expliquei. “*Precisamos* ir embora.”

“Ninguém vai embora. A cidade está fechada. Volte dentro de algumas horas. As estradas deverão estar abertas até lá.”

“Mas...”

“Circulando!”, ele ordenou, pressionando sua alabarda no meu peito. Recuei cuidadosamente.

Tentamos sair pelas outras estradas, mas todas estavam bloqueadas também. Havia uma rede firmemente fechada em torno da cidade. Synové perguntou à dona de uma loja o que os soldados estavam procurando. Ela não lhe respondeu, nem responderia, especialmente a estranhos como nós. Todo mundo na cidade havia se acostumado a ficar de bico bem fechado, mas então ouvimos um soldado socar uma porta, e, quando o homem idoso que ali morava a abriu, o soldado teve de se repetir duas vezes para que o homem de idade pudesse ouvi-lo. Eles estavam procurando por uma mulher mais velha com cabelos grisalhos.

“Você a viu? Ela está desaparecida.”

O velho balançou a cabeça em negativa, mas eles fizeram uma busca na casa de qualquer forma.

O que será que ela havia feito para que eles quisessem fechar a cidade inteira? O que quer que tenha sido, eu esperava que lhes custasse muito trabalho, e aplaudia a valentia dela. Voltamos a verificar umas horas depois. As estradas ainda estavam fechadas. Mesmo eu conseguia ver que ninguém passaria por ali. Quem quer que fosse essa mulher, ela estava presa e seria encontrada — a menos que já tivesse escapado. Eu rezava por essa última possibilidade.

Eu não era o único que estava furioso com o nosso infortúnio. Alguns resmungavam em meio ao povo que tinha negócios na arena, mas essas pessoas sabiam que não deveriam resmungar demais. Em vez disso, puseram-se a decorar a cidade, como dóceis bichinhos de estimação, mas eu sabia o verdadeiro significado por trás de tudo isso. Eles haviam ouvido a promessa de Aleski. No fim do dia, as fachadas de todas as lojas tinham guirlandas tecidas com ervas, feno ou folhagens verdes. Estava na hora de celebrar o nascimento dos deuses — e, em breve, a partida sangrenta do rei.

Levamos os nossos cavalos de volta para a estrebaria e fizemos uso desse tempo para estudar a cidade. Assim como Imara nos dissera, havia doze guardas armados com lançadores nos telhados na praça central. Outros dois em passadiços elevados. E um em uma plataforma recentemente erigida que era usada para anúncios — e enforcamentos. Não havia corpos pendurados agora, mas cordas com nós ainda pendiam das *tembris*. No total, só na praça, havia quinze guardas com lançadores que podiam ver todos os nossos movimentos. Ao longo de cada avenida havia mais dois ou três nos passadiços elevados, e mais três ou quatro em cada entrada da cidade.

“Pelas minhas contas, temos 64 daqueles grandões ali em cima”, disse Wren. Eu não sabia ao certo se ela estava se referindo aos soldados ou aos lançadores, mas, de qualquer forma, minha contagem era a mesma. Nas ruas havia aproximadamente a mesma quantidade de tropas, embora fosse mais difícil contar porque estavam sempre em movimento. As tropas de chão carregavam apenas armas de tipos comuns, talvez para o caso de haver algum louco entre a população com ideias de tomar um daqueles lançadores — algo que provavelmente passava pela cabeça de cada uma das pessoas na cidade.

Aleski havia estimado que cerca de 130 soldados estavam trabalhando o tempo todo. Havia mais soldados postados na arena e na torre da Vigília de Tor, além de uma unidade especial designada somente para o rei e seus oficiais. Lothar estimava que o total das forças tivesse algo entre quatrocentos e quinhentos soldados. Os Ballenger tinham cerca de metade desse número só de empregados, e uma cidade de milhares que lutaria ao nosso lado. O exército do rei poderia ser facilmente derrubado — se não fosse pelas armas. Elas ganhavam de qualquer poder que eu

seria capaz de reunir. O rei estava com as cartas na mão para ganhar o jogo.

E ele também tinha Lydia e Nash.

Aleski disse que Oleez estava cuidando deles, e agora, é claro, Kazi também. Provavelmente minha mãe estaria morrendo de preocupação, mas Lydia e Nash sabiam o que fazer. Eles tinham sido instruídos. Esperar o desenrolar das coisas. Jogar o jogo como Miandre havia feito. A ajuda chegaria. Mas eles eram tão jovens — mais jovens do que ela tinha sido então. E mais inocentes. Minhas mãos se fecharam em punho.

Conheça os seus inimigos tão bem quanto você conhece os seus aliados. Conheça-os ainda melhor. Faça com que os negócios deles sejam os seus.

Mas eu não sabia que o rei era um inimigo. Nem meu pai sabia disso. E agora parecia que era exatamente isso que ele havia planejado. Nenhum de nós jamais suspeitou que ele estivesse trabalhando com Beaufort. Nossos olhos e nossas suspeitas sempre residiram nos sedentos líderes das ligas e nos novos atuantes que queriam construir um nome — como aqueles que haviam assassinado os pais de Mason. Era neles que prestávamos atenção. Prestávamos atenção nos negócios deles como se fossem os nossos.

O rei não passava de um fazendeiro para nós, e nem mesmo um bom fazendeiro. Não tínhamos nenhum motivo para suspeitar dele. Poderiam muito bem nos ter dito que cavalos sabiam voar, e era com isso que ele contava. *Por quanto tempo?* Beaufort estivera conosco por um ano, então ele deveria estar armando seus esquemas bem antes disso.

Eu podia contar nos dedos as vezes que Montegue e eu estivemos cara a cara. Ele raramente ia até a Boca do Inferno e, quando ia, ficava só por alguns dias, e agora eu me perguntava se ele havia planejado isso também. Será que ele poderia manter a farsa assim por tanto tempo?

Nós éramos crianças na primeira vez que nos encontramos, e meu pai apresentou brevemente a arena para o pai dele. Eu não conseguia me lembrar de muita coisa em relação àquele encontro, exceto que Montegue era uns poucos anos mais velho do que eu, desajeitado, todo desalinhado e tropeçava constantemente nos próprios pés. Os cabelos dele também eram uma bagunça só. Sempre na frente dos olhos. Tudo em relação a ele era desmazelado. Eu sequer tenho certeza se chegamos a nos falar.

Talvez aquele encontro tivesse cimentado a imagem que eu tinha dele, porém, na maior parte do tempo, eu nem me lembrava de que ele existia, até que, anos depois, o pai dele morreu e ele foi coroado o novo rei. Ainda levou um ano para ele, por fim, aparecer na Boca do Inferno.

Na época, nós tínhamos a mesma altura.

“Então você finalmente apareceu por aqui”, foi o que o meu pai havia dito. “Eu não tinha certeza se algum dia você viria, já que seu pai raramente vinha também.”

Montegue havia murmurado algumas palavras sobre colheitas e então mencionou a escassez dos impostos coletados.

“Eu receio que isso seja tudo que você vai receber, rapaz”, foi a resposta do meu pai. “É preciso muito para administrar uma cidade. Se você precisa de mais dinheiro, vai ter de trabalhar para ganhá-lo, como todo o restante das pessoas.”

Rapaz. Montegue não titubeou, mas eu me lembro de que seus olhos se voltaram para mim. Achei que ele não sabia exatamente quem eu era. “Jase Ballenger”, falei.

“Eu sei quem você é. Nós nos conhecemos nove anos atrás.”

A resposta dele havia me surpreendido. Refleti sobre isso na época. Eu tinha mudado drasticamente desde os meus sete anos de idade — ganei peso, altura e um monte de músculos. Será que ele havia perguntado a alguém quem eu era? Mas isso queria dizer que ele estivera me observando de longe.

Eu deveria ter prestado atenção naquele detalhe, mas ele sorriu e deu de ombros, esquecendo-se dos impostos, e disse que precisava seguir seu caminho. Que os campos não se plantariam sozinhos.

A próxima vez que eu o vi foi em Parsuss. Eu tinha ido com Mason e Titus conversar com o novo cuidador de Valsprey no posto de mensagens do reino — para fazer um trato por baixo dos panos com ele. O comércio na arena estava crescendo, e nós precisávamos de meios de comunicação mais rápidos com os mercadores de outros reinos. Montegue estava saindo de uma estalagem, a túnica manchada de molho de carne, quando nossos caminhos se cruzaram. Ele havia perguntado como iam as coisas na Boca do Inferno, apontando a mão para o lado completamente oposto.

“Norte”, falei. “A Boca do Inferno fica no *norte*.”

“Que fica para lá”, disse Mason ainda, apontando na direção correta.

Montegue riu. “Erro clássico.”

E então ele perguntou dos impostos novamente.

“Eles só serão pagos no fim do ano”, foi a resposta que dei a ele. “Você sabe quando é o fim do ano, não sabe?”

“Mande esse dinheiro antes, pode ser? Os fundos estão escassos.” Partimos sem nos despedir. E não enviamos antecipadamente o dinheiro dos impostos.

Eu só o vi de tempos em tempos depois daquilo, a maior parte das vezes apenas no último ano, mais ou menos. Parecia que ele vinha à arena a cada poucos meses, atrás de algum novo empreendimento fadado ao fracasso. Ele nunca mais mencionou os impostos. Agora ele só pensava em suas novas empreitadas. E agora eu sabia que tais empreitadas não incluíam as coisas da fazenda.

Wren agarrou o meu braço. O chão vibrava, e nós dois ficamos paralisados.

“Saíam da frente!”, berrou um soldado enquanto fazia a curva e galopava na nossa direção. “Saíam da frente!”

Uma carruagem vinha passando ruidosamente logo atrás dele, e Wren e eu demos um pulo para o lado. Soldados montados a cavalo seguiam na lateral da carruagem. Eu me esforcei para enxergar, nem que fosse de relance, o interior dela. A carruagem parou na frente da Estalagem dos Ballenger. Seguiram-se gritos cheios de urgência, agitação, ordens para que a porta fosse aberta, mas eu apenas pude ver um monte de mantos e capuzes entrando com pressa na estalagem.

Assim que todos os soldados se foram e a carruagem estava ali, parada e vazia, eu entrei e espiei lá dentro. O assento estava coberto de sangue.

Por mais dois dias, a cidade permaneceu fechada sem explicações, e eu estava dividido entre querer ir embora e querer ficar. Eu não sabia de quem era o sangue, mas, durante aqueles dois dias, em momento algum tive sequer um vislumbre de Kazi, Nash ou Lydia. Nem do rei.

Quando as estradas foram finalmente reabertas, eu soube que tinha de ir embora. Foi a coisa mais difícil que já tive de fazer — deixá-los para trás quando sabia que eles estavam aqui. Mas eu não poderia fazer nada sozinho. Eu precisava de ajuda. Precisava da família.

Antes de partir, puxei a fita vermelha do meu alforje e prendi-a em uma guirlanda que estava em um poste em frente à Estalagem dos Ballenger.

“Ei, o que é que você está fazendo aí?”, gritou um soldado para mim, acenando para que eu fosse embora.

“Para o festival de vocês, não? Mostrando apoio à cidade? Devo tirar?”

“Não”, ele me respondeu. “Tudo bem. Pode deixar aí.”

Terminei de amarrar a fita e parti. Se Kazi a visse, saberia que eu estava vivo, que estive aqui e que a ajuda estava a caminho.

*Não passe por uma rosa sem parar
para sentir seu cheiro.
Trata-se de um presente que pode
não ficar lá para sempre.*

Eu acho que era isso o que a minha mãe tinha dito em relação às rosas.

Todos esses anos depois, isso vem à minha mente, conforme afiamos nossas lanças. Eu não via uma rosa desde o dia em que ela disse essas palavras. Não consigo nem mais me lembrar de como é uma rosa. Não sei muito bem por que ela achava que uma rosa era importante.

— Miandre, 16 anos —

CAPÍTULO 36

KAZI

FORA! VERME!

Talvez eu fosse isso agora. Talvez fosse tudo que eu tinha sido. Um animal.

Durante horas, eu pulei. Corri. Refiz meus passos. Andei em círculos. Escapuli para debaixo de arbustos, e galhos espinhentos raspavam a minha pele. Meus ossos latejavam e minha respiração oscilava, mas, como um animal sendo caçado, a urgência do momento era crucial, e meu coração acelerado mascarava a dor. Pelo menos por ora. *Você não é nada!*

Ou talvez eu fosse menos do que um verme. Uma sombra.

Era *isso* que eu precisava ser. Alguma coisa que eles não conseguissem pegar.

Eles estavam me perseguindo rapidamente, o que me aterrorizava e, ao mesmo tempo, me confortava. *Sim, sigam-me. Afastem-se do cemitério.*

Em certo ponto eu estava cercada, encurralada, escondida em uma sombra. Eles não sabiam que eu estava ali. Por longos minutos, eu não me mexi. Minha garganta doía com a secura, eu nem sequer engolia. E, enquanto o sol se movia, eu desejava que as sombras permanecessem no lugar.

Eles se espalharam pela montanha, circulando, procurando. Eu ouvia seus chamados e provocações. E então uma voz se ergueu acima das outras. A voz de Zane. Ele havia se juntado à caçada. *Apareça, garota!* Eu me pressionei ainda mais junto à montanha, tornando-me parte da parede de pedra. Eu sentia o hálito quente na minha pele mais uma vez, suas mãos na minha garganta. Sentia sua ânsia invadir todo o meu ser, e eu tremia sob o meu manto. O que me derrubaria primeiro? A temperatura que caía terrivelmente, a ira do rei, ou talvez um urso candok desejando sua caverna de volta?

Mas não Zane. Tudo, menos Zane.

Ergui as mãos na frente do rosto, tentando expirar nelas para aquecê-las. *Mais uma noite, Kazi. Sobreviva a mais uma noite.*

As vozes deles foram se esvanecendo. Eles estavam seguindo em frente. Zane seguia em frente com eles. *Ele já não pode machucar você.* Minha cabeça sabia disso. Meu coração socando o peito não sabia. E agora ele tinha um incentivo ainda maior para me matar. Eu não estava mais trabalhando para o rei e conhecia seu perigoso segredo.

Ergui a mão, deslizando os dedos por uma outra fissura afiada.

*Você precisa de um plano B!
Mas elas não seguiram as regras!
E seu inimigo também não seguirá!*

Eu me lembro de observar orgulhosamente enquanto Kaden dava uma bronca severa no outro time, aquele que Wren, Synové e eu havíamos derrotado em um exercício de treinamento. Trapacear tinha sido nosso plano B. Nós ultrapassamos os limites declarados. Fizemos tudo que era necessário para vencer. Isso era algo que Kaden entendia.

Eu não me sentia assim tão orgulhosa agora.

Eu tinha dois planos extras para hoje, mas nenhum deles incluía um traidor, e ambos incluíam um cavalo. Isso sem falar que eu havia cometido o erro terrível de enfiar as luvas no meu alforje. Achei que fosse voltar para pegá-las.

As pontas dos meus dedos sangravam enquanto eu me arrastava para subir a face íngreme da montanha, as raízes e rochas arranhavam a minha pele quase congelada, deixando-a em carne viva. O crepúsculo estava se aproximando, o sol já tinha ido para trás das montanhas e a temperatura estava caindo rapidamente. O vento cortava meu corpo como facas gélidas.

Eu disse a mim mesma que a dor, esta dor que eu sentia em toda parte, desde a cabeça até a perna, passando pelo ombro, era uma dor boa, como a sensação de fome na barriga. Faria com que eu ficasse mais determinada, mais aguçada. Conteí a mim mesma um monte de mentiras para continuar seguindo em frente. Porque, a cada passo que eu dava, deixava Lydia e Nash mais seguros.

Sempre tinha sido parte de nosso plano conduzir os soldados para a direção oposta, para bem longe do cemitério, de modo que Binter e Cheu pudessem chegar depois de escurecer para pegar tranquilamente as crianças na sepultura e levá-las para o assentamento. Paxton voltaria a circular pelo local tarde da noite para se certificar de que elas não estavam mais lá. Essa parte do plano ainda estava intacta. Eu tinha sido caçada por soldados o dia todo, eles me avistavam e depois me perdiam de vista novamente. Eram como lobos salivando com o meu cheiro, e o cemitério há tempos tinha sido esquecido.

Dedos sangrando não eram nada. Costelas partidas e um ombro inchado não eram nada. Guiar os soldados para longe era tudo.

Pelo menos agora eu estava nas montanhas que ficavam atrás da torre da Vigília de Tor, longe do cemitério. Quando cheguei ao topo da cordilheira, comecei a procurar algum lugar para me esconder e passar a noite — uma caverna profunda onde eu pudesse acender uma fogueira —, mas não havia nenhum. Eu não conseguiria sobreviver à noite sem algum tipo de proteção. Escavei um lugar entre as raízes de uma árvore, me envolvi bem com meu manto e então me cobri com os resquícios orgânicos que se deterioravam no chão da floresta para isolar o frio. Meus ossos rangiam. Doíam como uma casa desmoronando sobre a terra. Eu

sentia coisas se contorcendo sob as minhas roupas e rastejando sobre meu couro cabeludo. Rezei para que nenhuma delas fosse venenosa.

Meus olhos já estavam pesados, se fechando.

Durma, minha chiadrah. Durma.

Senti a mão da minha mãe, fria, na minha bochecha. Ouvi o farfalhar de um cobertor de folhas me envolvendo.

“Eu estou morrendo?”, perguntei.

Não, minha querida. Ainda não. Não hoje.

De manhã, quando acordei, eu não conseguia me mexer. Era como se todos os ossos do meu corpo tivessem sido costurados na terra. Eles recusavam qualquer punição adicional. Fiquei lá deitada, me perguntando se a minha morte seria assim, se um soldado me encontraria, e tudo que eu conseguiria fazer seria observá-lo afundando uma lança no meu peito.

Mas era de manhã. Os primeiros raios da alvorada brilhavam em meio às árvores. *Manhã.* O pensamento fez com que um tipo diferente de calor passasse por mim — Lydia e Nash estavam em segurança.

A essa altura eles estariam com Jase. Não importava se todos eles estivessem enfiados em uma escura adega de raiz. Eles estariam juntos, longe das garras do rei. Isso era tudo o que importava.

Paxton havia me garantido que Binter e Cheu, seus *straza*, haviam feito coisas bem mais difíceis do que pegar crianças e sumir com elas no meio da noite. Ambos tinham uma afeição por Lydia e Nash, e eram mais teimosos do que a geada no inverno. Eles fariam isso, contanto que fizéssemos a nossa parte.

E nós havíamos feito a nossa parte. Senti como se um peso fosse tirado de mim, um ponto prateado sendo bem costurado.

Hoje a minha meta mudaria. Continuar me mexendo. Permanecer viva. Realmente me esquivar dos soldados. E encontrar a outra entrada para a catacumba dos Ballenger. A família dele precisava saber que Jase estava vivo — e que eles tinham uma arma escondida bem debaixo do nariz.

Esfreguei meus músculos com meu braço bom, forçando-os a se reaquecer, e, por fim, fiz um esforço para ficar de pé.

Lá! Tem alguma coisa se mexendo ali!

Eu corri. Tanto quanto eu conseguia correr.

O rei não desistiria até colocar as mãos novamente em mim — e em sua magia.

Eu havia chegado ao outro lado da torre da Vigília de Tor quando ouvi um barulho. Eu me escondi atrás de uma árvore. Cavalos. Um tilintar. Algo rangendo. Sem fazer barulho, eu deslizei até o chão e espiei, para

além da floresta, a estrada na qual Jase e eu havíamos cavalgado juntos. Era a estrada secundária que conectava a torre da Vigília de Tor à arena.

O barulho foi ficando cada vez mais alto, e então, entre as árvores, pude ver uma carroça que levava pilhas de feno — Zane a estava conduzindo. Afundei ainda mais no chão. Jase me dissera que Zane fazia todas as entregas de suprimentos na Ponta da Caverna para Beaufort e sua equipe. Mas agora que ele era um estimado tenente do exército do rei, ainda estava fazendo entregas na torre da Vigília de Tor? Entregas de feno para cavalos? Zane e a carroça desapareceram em meio às árvores, e quatro soldados repletos de armas surgiram cavalgando bem atrás dele. Será que ele tinha uma escolta? Ou simplesmente estavam cavalgando na mesma direção por mero acaso?

Um gaio guinchou acima de mim, e os soldados viraram a cabeça. Pressionei meu queixo na terra. O sangue socava os meus ouvidos. O gaio continuava com seus guinchos lancinantes, como se estivesse tentando delatar minha presença ali. *Cale a boca, pássaro idiota! Cale a boca!* Os soldados pareciam olhar diretamente para mim, mas, em seguida, seus olhos esquadriharam os topos das árvores e eles seguiram em frente — e eu saí correndo.



Eu tremia no chão da alcova rochosa, apertando o manto contra meu corpo. Eu havia aquecido pedras durante o crepúsculo, mas elas já tinham esfriado fazia tempo, e era perigoso demais acender outra fogueira. Tinha percorrido uma distância tão curta hoje, e aqui estava eu, na minha terceira noite em fuga. Tentei não ficar desanimada, mas não sabia se conseguiria aguentar mais uma noite. Enrolei minha camisa, que eu tinha rasgado em pedaços, nos dedos mais uma vez.

A entrada oculta das catacumbas não poderia ficar longe da torre da Vigília de Tor, mas, com aquela imensa quantidade de soldados ao meu redor, tive de seguir em muitas direções contra a minha vontade.

Eu consegui chegar até o lugar onde planejava encontrar Paxton, mas não havia nenhum sinal de que ele estivera ali, o que não me surpreendeu. Ele também estava lidando com um cenário inesperado. Depois de ouvir as explosões do lançador, ele perceberia que alguma coisa tinha dado errado, que o plano havia mudado, mas eu estava preocupada com a possibilidade de que ele tivesse sofrido um destino pior que o meu. Foi ele que sugeriu me levar até a torre da Vigília de Tor. Ele mencionou meu tornozelo machucado e minha premonição. E, na manhã seguinte, assim que descobrissem que Binter e Cheu estavam desaparecidos, o rei saberia que ele fazia parte da trama. Se Paxton não tivesse escapado até então, ele não teria nenhuma chance. Será que ele tinha conseguido fugir? Ou será que estava morto? Já pendurado nas *tembris*?

Esfreguei os olhos, tentando bloquear tal imagem.

O vento uivava lá fora, afundando seus dedos congelantes no interior da caverna.

Imagine as possibilidades, controlar o vento, as estações.

O frio.

E se o pó das estrelas tivesse ficado perto do coração dele por tanto tempo que fosse capaz de conhecer seus desejos até mesmo de longe? E se...? Minha mente girava em direções indevidas.

Eu me enrolei toda e rezei para que a manhã chegasse logo. Amanhã eu encontraria a porta escondida. Eu encontraria a família. Eu colocaria um fim neste pesadelo infernal.

Fechei os olhos e procurei por sonhos que pudessem me acalantar. Sonhos que me fizessem suportar a noite.

As costas de Jase ocupam todo o meu campo de visão. Seus cabelos ondulam com a brisa. Nossa jornada está apenas começando. Fico encarando-o enquanto ele revira meu alforje.

“Ei, o que você está fazendo aí, Patrei? Roubando alguma coisa? Eu preciso prender você?”

“Espero que sim”, ele responde ansioso. Ele se vira de frente para mim, com o presente de Synové em suas mãos.

Olho para ele, franzindo a testa em desaprovação. “É apenas o primeiro dia”, eu digo. “Ela falou para esperarmos até o meio da jornada.”

“Mas eu estou curioso agora... Você não está?”

Ele faz biquinho, daquele jeito enlouquecedor que me dá um nó no estômago. Que faz com que eu queira beijá-lo para desfazer aquela carinha.

“Sim”, eu respondo. “Estou curiosa.”

O pacote se desdobra nas nossas mãos como se quisesse ser descoberto. Olhe aqui dentro, ele parece sussurrar.

Nós ficamos facilmente seduzidos. Sua magia nos atrai, e nós somos suas vítimas por livre e espontânea vontade.

E então eu olho para cima, e tudo que vejo são os intensos olhos castanhos de Jase e a pergunta estampada neles.

Eu rolei, pressionando-me ainda mais contra o meu manto.

Isso era tudo que eu queria ver, os olhos de Jase e a magia que eles continham — um tipo diferente de magia —, enquanto caía em um sono mais profundo.

Eles vão ouvir, Kazi. Eles vão amá-la. Vai dar tudo certo. Eu juro.

Amor não é algo que você pode forçar, Jase. Acontece ou não.

Vai acontecer.

Ele tinha tanta certeza, mas entendia de famílias melhor do que eu.

De uma coisa eu sabia: eu amava Lydia e Nash mais do que a minha própria vida, e saber que eles estavam em segurança me dava a possibilidade de fazer tudo que pudesse para salvar a Boca do Inferno. No entanto, não era apenas a Boca do Inferno que precisava ser salva. Havia muito mais.

Montegue estava de olho em tudo. Ele queria tudo para si.

Os papéis, Kazi. Pegue os documentos. Eu tinha ordens da minha rainha. Papéis não desaparecem simplesmente. Alguém os havia levado, e eu tinha de pegá-los antes de Montegue.

Os pináculos remanescentes da torre da Vigília de Tor estavam ocultos do meu campo de visão agora, mas, antes, eu os havia usado para ajudar a guiar meu caminho. Eles eram meu marcador inicial. Eu me lembrava de onde a espiral de morcegos no céu estivera em relação a eles. Graças aos deuses, o sol estava radiante hoje, porque, uma vez cercada pelas árvores altas e todas iguaizinhas, seria fácil me perder na floresta.

Eu caminhava com cuidado, suavemente, sempre atenta, e o silêncio vinha carregado de esperança. Os soldados estavam concentrando seus esforços em outra parte — pelo menos por ora. *Uma campina minguada, uma árvore caída, uma pedra azul gigantesca em forma de urso, uma queda d'água e uma caverna com morcegos. Muitos morcegos.*

Se eu conseguisse encontrar pelo menos um deles, tinha certeza de que poderia encontrar os outros, e então eu parei, analisando os meus arredores mais uma vez. Olhei para trás e para a frente de novo. Eu estava andando no que poderia ser uma campina vasta e minguada — ou uma campina verdejante na primavera. Agora, no inverno, era apenas um espaço cheio de folhas marrons cercado de árvores.

Acelerei o passo e me virei, procurando em todas as direções por qualquer outra coisa, e então, ao longe, passando a campina, avistei uma rocha. Uma pedra imensa, da cor de uma centáurea, e que parecia um urso em pé.

Eu corri e, em algum lugar a distância, pensei ouvir o rugido de uma queda d'água — ou talvez fosse apenas o sangue nos meus ouvidos. Eu estava quase lá. Eu sabia que estava.

Mas, em seguida, vários metros adiante, alguém pareceu surgir do nada em meu caminho, com uma lança em um dos ombros e uma faca no outro.

Fiquei paralisada, encarando o rosto pintado com faixas para se mesclar à floresta. Ele tinha trapos enrolados em volta da cabeça camuflada com folhas e pequenos galhos, da mesma maneira que as roupas. Quem quer que fosse, parecia fazer parte da floresta. E então eu notei que não era um homem, mas uma mulher. A pessoa que estava na minha frente tinha um peito amplo e as curvas de uma mulher.

Então mais uma pessoa apareceu, não muito longe dela, e eu girei ao som de uma terceira, atrás de mim, todas elas vestidas da mesma forma.

E eu finalmente soube quem eram.

CAPÍTULO 37

J A S E

“O QUE VAMOS FAZER COM OS CAVALOS QUANDO CHEGARMOS à caverna?”, quis saber Synové.

“Lá tem espaço”, respondi. “Eles podem entrar também, pelo menos em boa parte do caminho.”

“Então isso faz de nós uma família?”, quis saber Wren. “Porque eu não preciso de mais uma família.”

“Isso faz de nós alguma coisa”, falei. “Você decide o quê.”

“Família, é assim que eu vejo as coisas”, Synové respondeu. “Esse é um segredo muito grande. A *entrada oculta*”, ela disse em um tom abafado de drama. “Ou somos uma família ou você terá de nos matar, não é assim que funcionam esses tipos de segredos?”

Wren sacou sua *zieth* e girou-a no ar. “Existem alternativas.”

“Família”, confirmei. A alternativa de Wren não era atraente, mas elas eram a família de Kazi, o que as tornava minha família também. E elas estavam arriscando suas vidas por ela — o que as tornava um tipo de família ainda mais intenso.

Wren parou seu cavalo e colocou um dedo na frente dos lábios.

Todos nós paramos e ficamos ouvindo. Passos. Passos apressados. E resmungos. Fizemos sinais uns para os outros, e eu, silenciosamente, desci de Mihe. Synové preparou uma flecha em um arco.

Havia muitos soldados vasculhando a montanha, e eu presumi que fosse em busca da mulher de cabelos grisalhos. Nós havíamos encontrado um grupo, mas, assim que eles nos questionaram, deixaram que seguissemos adiante, convencidos de que não passávamos de infelizes *kbaaki* tentando voltar para casa. Mas esses passos soavam de um jeito diferente. Era alguém sozinho. E com pressa.

Talvez fosse a mulher que havia escapado, não? Se ela estivesse encrencada com o rei, isso queria dizer que provavelmente era uma lealista. Nós poderíamos ajudá-la. Embora nossa saída da cidade tenha demorado, chegaríamos nas catacumbas antes do cair da noite se não nos deparássemos com nenhum problema. Ela poderia vir conosco.

O farfalhar de passos ficou mais alto, o que ajudava a mascarar o som dos meus próprios passos. Mantive o dedo sobre a boca, fazendo sinal para que Wren e Synové permanecessem caladas enquanto eu me aproximava do cume da montanha. O barulho vinha exatamente debaixo de mim. Olhei para o pequeno declive que levava a um caminho paralelo ao nosso.

Havia alguém tentando subir por ali. Minha cabeça explodia enquanto eu tentava decidir entre permanecer escondido ou pular em direção à

ladeira.
Pulei.

CAPÍTULO 38

K A Z I

“ORA, ORA, VEJAM SÓ QUEM NÓS TEMOS AQUI”, GRASNOU PRIYA, cuja faca ainda estava desembainhada.

Eles me rodearam, e eu me virei, tentando ficar de olho em todos eles.

“Eu estou fugindo do rei”, expliquei. “Eu vinha procurando vocês. A família. Eu quero ajudar...”

“Claro que você quer ajudar”, disse Gunner, sorrindo. Um sorriso do tipo mortal.

“Não é o que vocês estão pensando. Eu não...”

Em um instante o sorriso se foi, e o rosto dele estava cheio de fúria. “Meu irmão está morto! É nisso que eu estou pensando! Você o matou e agora vai acabar assassinando a cidade toda!”

“Eu não matei Jase! Ele está vivo! Eu juro!”

Gunner assentiu, e de repente o braço de Mason estava em volta do meu pescoço, me estrangulando e me jogando para trás, enquanto ele pressionava a ponta de uma faca na lateral do meu corpo.

Priya agarrou a frente do meu manto, sua mão tremia. “Você o enforcou! Você enforcou o meu irmão! Eu ouvi essas palavras saindo de sua própria boca!”

“Você estava lá?”

Os olhos dela brilhavam, cheios de ódio. “Nós saímos às escondidas para buscar remédio, e eu ouvi cada palavra. Agora que você não está nas graças do rei, acha que suas mentiras vão levá-la a algum lugar conosco!” Ela cuspiu no meu rosto e então me empurrou com mais força para cima de Mason, soltando o meu manto.

“Ele está vivo, Priya! Eu juro! Eu tive de dizer aquelas coisas. O rei me forçou a fazer isso. Ele é louco. Mas Jase está em segurança. Paxton levou-o para...”

“Paxton!” Mason apertou meu pescoço com mais força. “É melhor você calar a boca enquanto pode.”

Gunner riu e se aproximou de mim, e sua diversão era mais assustadora do que sua fúria. “Você vale muito dinheiro agora, sabia? Nós ouvimos as notícias hoje. Parece que você trai todo mundo que cruza seu caminho. O rei e Banques prepararam um nó de força só para você, e há uma recompensa gorda pela sua cabeça. Mas dinheiro não tem muita utilidade para nós.” Ele arrancou meu manto e tirou meus cintos e minha adaga. “O que nós precisamos agora é desse tipo de coisa.” Ele tateou os meus bolsos. “Você tem algum remédio aí?” Ele soltou um grunhido quando descobriu que meus bolsos estavam vazios.

“Não. Eu... Por favor, me escutem. Jase está no assentamento. Assim como...”

“Se Jase estivesse vivo, ele estaria aqui!”, berrou Priya.

Gunner ergueu a mão e segurou o meu rosto. “Você escolheu a família errada para trair, soldada.” Ele olhou para Mason por cima do meu ombro. “Nós temos o que queremos. Mate-a.”

“Esperem! Por favor! Eu amo Jase! Eu...”

“Cale a boca!”, ordenou Priya, mas seus olhos estavam fixos nos meus, aguçados e atentos, como se ela estivesse vendo a mais pura verdade ali. *Eu amo Jase*. Isso não tinha como ser forjado. Ela precisava enxergar.

O braço de Mason comprimiu ainda mais o meu pescoço.

“O que você está esperando?”, disse Gunner a ele. “Faça.”

“Um corpo bem aqui poderia não ser uma boa ideia”, respondeu-lhe Mason. “E talvez nós devêssemos...”

Gunner virou a cabeça com repulsa. “Ah, pelo amor dos deuses. Aqui...” Ele estendeu a mão e agarrou os meus cabelos, puxando-me para longe de Mason, e então me virou e prendeu meu braço atrás das costas — meu braço machucado. Fiquei ofegante com a dor, e uma luz branca disparou atrás dos meus olhos. “Há uma maneira melhor”, disse Gunner. “Lentamente, como ela merece. Vamos enforcá-la, assim como ela enforcou Jase.”

Ele começou a me arrastar para dentro da floresta, e então por um declive, até estarmos em terreno plano novamente, um espesso leito de folhas mexendo debaixo de nossos pés. Supliquei a ele enquanto seguia aos tropeços, dizendo que estava fugindo por causa de Lydia e Nash, que eu os havia escondido na tumba dos Ballenger, o que apenas o enraiveceu ainda mais. Minhas palavras não significavam nada para ele. Eu era o inimigo. Não havia uma única coisa que eu pudesse dizer para fazê-lo pensar diferente. Chegamos a uma clareira, e ele me soltou. Todos eles ficaram me encarando, e eu me perguntava o que iria acontecer em seguida.

“Aproveite sua jornada direto para o inferno”, disse Gunner, me dando um forte empurrão. Fui para trás aos tropeços, e então tudo pareceu explodir ao meu redor. Vi folhas soltas no ar, meu corpo foi erguido, e cordas me prendiam desajeitadamente. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo, quando finalmente me dei conta de que estava presa em uma armadilha. Estava pendurada ali, meu corpo se contorcendo enquanto eu tentava soltar minhas pernas. Tentei sair dali. Senti uma onda de pânico se erguer em mim.

“Não, não, não.” Não agora. Quando eu estava assim tão perto.

Priya observava minha luta para sair dali, seus olhos eram fendas frias. “Eles não demorarão a chegar aqui. Um esquadrão deles patrulha esse caminho todos os dias. Vou ajudá-los.” E então ela gritou, um grito al-

to e desesperado que vibrou em meio às árvores. Um sinal para os soldados. Alguém tinha sido pego.

Todos eles se viraram e saíram correndo, desaparecendo na floresta como se nunca tivessem estado lá.

“Priya!”, gritei. “Tem uma arma! Jase escondeu uma arma... na estufa.” Mas eles haviam ido embora.

Eu tentei freneticamente alcançar o topo da armadilha, mas meu peso tornava impossível abri-la.

Ouvi gritos. Soldados se aproximando.

E, em segundos, eles estavam lá.

CAPÍTULO 39

J A S E

EU CAÍ EM CIMA DELE E LOGO NÓS DOIS ESTÁVAMOS ROLANDO, nos batendo e lutando pelo controle, um sobre o outro. “Droga!”, ele berrou. “Me solta, seu kbaaki idiota!” Quase tão rapidamente quanto eu havia pulado, ouvi Wren xingando e Synové me mandando recuar. “Eu estou com ele! Afastem-se!” Ela estava preparada para atirar uma flecha entre os olhos de doninha dele.

Em seguida eu o preendi, com o joelho contra seu peito e as mãos em volta de sua garganta.

“Pare!”, disse ele, com a voz esganiçada, puxando meus dedos. “Eu deveria ter feito isso há muito tempo.”

Ele arregalou os olhos, não porque eu o estava estrangulando, mas porque ele reconheceu a minha voz.

Ele ficou me encarando como se eu fosse a fera mística das montanhas Mouras. “Jase? Seu canalha idiota, me solte!”

“Consiga algumas respostas primeiro”, disse Wren. “Depois, mate-o.” Porém, antes que eu pudesse começar a questioná-lo, ele começou a me dar respostas para perguntas que eu nem mesmo tinha feito.

“Fui eu, seu imbecil! Fui eu que levei você até o assentamento! Fui eu que peguei o seu anel!”

Afrouxei as mãos no pescoço dele. Eu não sabia quem havia me levado até o assentamento, mas tinha certeza de que não havia sido ele. Paxton estava armando alguma. “Qual é o seu jogo agora, Paxton?”

Eu deixei que ele me empurrasse e se soltasse. Ele saiu rolando, ajoelhou e segurou a boca que sangrava. “Que diabos! É a segunda vez que você faz isso comigo! Se eu perder esse dente...” Eu o vi passar a língua no interior da boca e, em seguida, cuspir sangue.

“Você acha que eu me importo com os seus dentes? Só me importo...”

Ele virou a cabeça subitamente, os olhos ardendo em chamas, como um demônio. “Cale a boca! Você está me ouvindo? Cale a boca e escute! Eu não tenho tempo para explicar! Kazi está aqui, em algum lugar nesta montanha detonada por rajadas, correndo como eu! Tentando chegar nas catacumbas! Mas ela está ferida, e eu não sei quão ruim é a situação dela. Algumas coisas saíram errado. Nós roubamos Lydia e Nash!”

Nesse terreno íngreme, dois cavaleiros eram demais para um só cavalo, então eu caminhava ao lado de Paxton, trazendo Mihe atrás de nós enquanto ele me contava tudo que sabia. De tempos em tempos, ele dava

umas batidinhas no lábio ferido com um daqueles lenços ridículos decorados com o monograma dele. Durante a primeira hora, não conseguia me desvencilhar da desconfiança em relação a ele. Estava enraizada em mim. Porém, eu me forcei a ouvir. Ele sabia de segredos que ninguém conhecia — coisas que Kazi lhe dissera sobre nós dois. Ela havia lhe contado sobre a sepultura vazia de Sylvey. Ela confiou nele, então eu tentava confiar também, mas não era fácil. Ele me disse que o rei o havia intimidado para que trabalhasse na arena, coisa que ele não fez apenas para salvar a própria pele. Ele confirmou que o rei estava por trás dos ataques e da invasão. Paxton queria encontrar uma maneira de romper sua influência supressora sobre a cidade — trabalhando de dentro, e não de fora.

Por quê?, pensei. Por que ele queria nos ajudar?

“A arena não era o que você sempre quis?”, perguntei, ainda cético.

Ele olhou de esguelha para mim, seus olhos eram como fendas cheias de raiva novamente. “A arena? Com certeza, eu queria a arena. Mas não tanto assim a ponto de roubá-la da minha...” Ele parou de falar abruptamente, evitando a palavra. A palavra que não se encaixava entre nós. *Família*. Nós podíamos ser primos de sangue, mas estávamos mais para cômodos adversários. Eu tinha me acostumado a tê-lo como um espinho incômodo no meu flanco.

“Você não sabe nada em relação a mim, Jase”, ele continuou falando. “São muitas as coisas que eu quero. Neste momento, só quero me certificar de que Kazi esteja em segurança e tirar aqueles diabos com sede de poder da Boca do Inferno. O resto eu vejo depois.” *Proteger*. Às vezes eu me esqueço de que ele também é um Ballenger.

Parecia impossível que tivéssemos um objetivo em comum agora.

Ele disse que havia usado o meu anel para forjar minha morte. Foi por isso que eles pararam de procurar por mim. “Kazi não lidou bem com isso, mas era a única forma de fazer com que eles dessem fim às buscas. E, para falar a verdade, eu não sabia se poderia confiar nela. Ela se virou contra mim um dia e colocou uma lâmina na minha garganta, chorando e dizendo que eu tinha caçado você como se fosse um animal. Eu tenho certeza de que ela pretendia me matar. Quando confessei que você estava vivo, ela caiu nos meus braços. Então eu soube que nada entre vocês tinha sido uma farsa.”

Seu tom de voz mudava ao falar sobre ela. Ele gostava dela, talvez até mesmo a respeitasse. Esse era um lado dele que eu nunca tinha visto. “Ela me disse que foi você que a manteve seguindo em frente quando ela queria desistir. Algo em relação a promessas que vocês tinham feito um para o outro e ela ouvindo sua voz dizendo para continuar seguindo adiante — só mais um pouco. E foi isso que ela fez.”

Engoli em seco. Pigarreei. Eu me lembrava de ter gritado aquelas palavras em um momento de fúria e desespero, enquanto segurava o queixo dela e nós flutuávamos selvagememente rio abaixo. Eu as gritara para

uma inimiga porque a minha sobrevivência estava ligada à dela por uma corrente. Agora eu não seria capaz de sobreviver sem ela por um motivo diferente.

Enquanto Paxton e eu subíamos a montanha a pé, Wren e Synové se espalharam, tentando cobrir o máximo de terreno possível, com Synové se afastando dez metros para um lado, e Wren, dez metros para o outro, quando o terreno permitia; todos nós procurávamos por algum sinal de que Kazi tivesse passado por ali.

Assim como Kazi, Paxton disse que sabia da existência de uma outra entrada para as catacumbas, mas não sabia exatamente onde ficava. Tudo o que o avô de Paxton passara adiante era que ficava em uma caverna, o que ainda nos deixava boa parte da montanha a ser vasculhada. Kazi iria pedir às crianças detalhes mais específicos antes de deixá-los na tumba, mas ele não sabia o que ela havia descoberto.

Eu não tinha certeza do quanto eles se lembravam, de qualquer forma. Minha mãe e eu os levamos até lá cerca de um ano atrás. Nash ficara fascinado com os morcegos. Ele certamente se lembraria disso, e eu também me lembrava de Lydia recitando *esquerda, esquerda, direita, esquerda*, determinada a não esquecer os caminhos dentro das cavernas.

“Você tem certeza de que Lydia e Nash conseguiram chegar ao assentamento?”, perguntei.

Paxton assentiu. “A tumba estava vazia. Eu voltei lá naquela mesma noite para ter certeza disso. Binter e Cheu os levaram. Eles deixaram uma marca para que eu soubesse que tinha sido eles.”

Seus *straza*. Eu me lembrava bem deles. Não eram feitos apenas de músculos. Eles eram aguçados e habilidosos, e tão perigosos quanto escorpiões. Não havia muita coisa que os pudesse barrar. Uma vez, Tiago me dissera que deveríamos tentar contratá-los. Mas eles eram leais também. Paxton fizera uma boa escolha.

Ele me disse que Oleez também fez parte do esquema e estava escondida. Eu me dei conta, então, de que ela era quem os soldados estavam procurando. Dinah, uma garota que havia trabalhado em nossa cozinha, os havia traído. Foi assim que as coisas saíram do controle.

“Você disse que Kazi estava ferida. Como?”

“Não estava ferida a ponto de não conseguir correr, mas ela foi jogada para fora da estrada, pelo cânion, por causa de uma detonação. Ela caiu longe e, por um tempo, foi deixando um rastro de sangue.”

“Detonação?”

“Eles tentaram detê-la com um lançador.”

Foram os sons que ouvimos três dias atrás. Montegue estava caçando Kazi com armas que nós havíamos criado.

Paxton disse que eles só descobriram seu envolvimento na manhã seguinte, e ele teve de correr. Ele tentou deixar pistas de que estava voltando para Ráj Nivad. “Estão oferecendo uma recompensa pela cabeça dela. Provavelmente, agora, pela minha também. Montegue fará qualquer

coisa para tê-la de volta. Além de roubar Nash e Lydia, ela também roubou outra coisa de seu...”

“Encontrei uma coisa aqui!”, gritou Wren, acenando para que fôssemos até lá.

Rastros. Marcas lamacentas de botas em uma laje de pedra. Eram de Kazi, eu não tinha dúvidas quanto a isso. Wren e Synové concordaram comigo.

Aumentamos o ritmo de nossas passadas, mas não vimos mais nada durante uma hora, até estarmos quase lá, e então, no chão, quase coberto por um monte de folhas caídas, eu avistei um pedaço de tecido rasgado. “Ali!”, gritei. Eu peguei o tecido e o esfreguei entre os meus dedos. Era fino e estava manchado de sangue.

Synové tomou-o de mim e o examinou. Ela abriu um sorriso. “A camisa da Kazi”, disse ela. “Ela a está usando como uma espécie de bandagem. Ela veio até aqui.”

Ela conseguiu percorrer todo esse caminho. A entrada ficava apenas um pouco mais adiante. Eu me curvei para a frente, coloquei as mãos nos joelhos. Fechei os olhos, sugando o ar profundamente. Tudo se comprimia dentro de mim.

“É para continuar, *Patrei?*”, perguntou-me Wren.

Assenti, sem confiar em minha capacidade de falar qualquer coisa. Por quantas semanas eu vinha esperando por este momento, temendo que nunca fosse chegar? Todos os dias passados naquela adega de raiz, os questionamentos na minha cabeça me levando à loucura, o medo de que nunca fosse ter a chance de segurá-la nos meus braços novamente, ou de dizer a ela o quanto eu a amava. Dizer a ela que eu sentia muito por não ter sido cuidadoso, porque, quando vi o pináculo caído, corri na direção da minha família em vez de pensar na família que eu tinha ao meu lado.

Soltei o ar de um jeito purificante. A espera havia acabado, mas, antes que eu pudesse me endireitar ou mesmo abrir os olhos, Paxton cutucou o meu braço e disse: “Nós temos visitas”.



Nosso caminho estava bloqueado.

“Aquelas são as criaturas da montanha de que você nos falou?”, quis saber Synové. “Elas não parecem muito amigáveis. Devo começar a atirar?”

Mas dois deles já estavam com as flechas preparadas, e Synové estava a uns bons dez passos do arco e das flechas que estavam na aljava, em seu cavalo. A vantagem era deles.

Contei quatro, mas eles se fundiam com a floresta, cobertos de terra e folhas e resquícios de animais, de modo que ficava difícil saber quantos mais poderiam estar nos cercando. Porém, a posição de um deles cha-

mou a minha atenção. Era familiar. O jeito como as pernas dele estavam plantadas no chão, seu queixo erguido, obstinado. Gunner?

“Gunner!”, gritei, chamando-o. Ele balançou a cabeça, desnorteado.

Ele ficou me encarando por um bom tempo, antes de finalmente responder: “*Jase?*”.

“Sim! Sou eu!” Eu tirei o chapéu de pelos da cabeça para que ele pudesse ver os meus cabelos e saí correndo na direção dele e dos outros.

Eles disseram o meu nome repetidas vezes, e então, quando me aproximei, suas mãos tocaram meu rosto, como se estivessem se certificando de que era realmente eu. Priya, Mason, Titus, Aram, todos eles me abraçaram, e então eu voltei a falar com Gunner.

“Você deveria estar morto”, disse ele, cuja voz estava carregada de confusão. Seu olhar se voltou para Wren e Synové, que caminhavam atrás de mim com os cavalos. Elas também haviam tirado seus chapéus. Paxton caminhava junto com elas. Mason, Priya e Aram ergueram as sobrancelhas novamente. A alegria foi drenada de suas faces. “O que você está fazendo com *essa gente?*”, perguntou-me Gunner.

“Abaixem suas armas. Eles estão me ajudando. Onde está Kazi? Ela está aí dentro?”, perguntei.

“Eles? Ajudando você? O que está acontecendo com você, Jase?”, disse Gunner, e sua pergunta vinha carregada de suspeitas. “Por onde você andou?”

“Onde está Kazi?”, perguntei novamente.

“Ela se foi. Nós não precisamos mais nos preocupar com ela.”

“O que você quer dizer com *se foi?* Ela estava aqui?”

“Esteve, mas nos livramos dela. Eu a joguei em uma das armadilhas deles, e uma patrulha a pegou. Eu ia matá-la imediatamente, mas assim foi melhor. Deixar que o corpo dela apodreça pendurado na *tembris*, como todos os outros.”

Fiquei encarando-o, sem acreditar no que ele tinha acabado de me dizer. Agarrei-o pela camisa. “Diga-me que você está mentindo, irmão. Diga-me que você está mentindo antes que eu mate você!”

“Você se esqueceu do que ela fez conosco? Ela merece o que teve! Como você pode não perceber isso?”

“Faz quanto tempo?”, perguntei, rezando desesperadamente para que ainda houvesse tempo de ir atrás dela.

“Horas. Hoje de manhã. A essa altura ela deve estar em uma cela. Ou talvez já tenha sido enforcada, se tivermos sorte.”

Balancei a cabeça. “Não. *Não!* Ela veio até aqui para ajudá-los. Vocês ouviram o que ela tinha a dizer?”

“Por que eu daria ouvidos a qualquer coisa que ela dissesse? Foi o que deu início a tudo isso! Dar ouvidos às mentiras dela! Ela vem ajudando o rei, pelo amor dos deuses! Ela fez por merecer o destino que teve. Qual é o seu problema?”

“Vocês nem sequer lhe deram uma chance? Ela veio até vocês! Até a família! Ela contou que eu estava vivo?”

“Sim, mas...”

“Que ela foi forçada a dizer aquelas coisas sobre mim? Que Lydia e Nash estavam em segurança?”

Ele não me respondeu, mas seus olhos eram dois pontinhos firmes fixados nos meus. Ela havia lhe contado tudo isso.

“Você é um tolo, Gunner! Um tolo teimoso que nunca escuta nada! Que não pensa antes de agir! E dessa vez você foi longe demais!”

Ele bateu as mãos no meu peito com força, me empurrando para longe. “O que aconteceu com você? Trabalhando com eles e defendendo-a contra a família? Eu nem mesmo sei quem você é!”

Eu o atirei junto a uma árvore com a mão em sua garganta, sentindo como se pudesse quebrar o pescoço dele com um único apertão. “Eu sou o *Patri!* E você me ajudará a trazê-la de volta ou...”

“Ou o quê, Jase? O que você vai fazer? Eu sou seu irmão!”

Meu peito subia e descia. “E Kazi é minha *esposa!*”

CAPÍTULO 40

KAZI

A FAMÍLIA VAI OUVIR. ELES VÃO AMÁ-LA.

Eles vão ouvir.

Eles vão ouvir.

Fiquei encarando o fogo por tanto tempo que mal sabia que o restante do aposento existia.

O lugar era iluminado por um fogo fraco na lareira, que rapidamente se esvaía. Uma corrente em volta do meu pescoço estava presa ao pilar central. Eu estava sentada em uma cadeira, um dos poucos móveis no aposento. Junto à parede havia uma cama coberta por um cobertor áspero, e havia um pequeno baú de pinho ao lado dela. Eles haviam me arrastado por vários lances de escada até aqui em cima. Por causa das vigas expostas acima de mim, concluí que se tratava de um quarto no sótão, talvez os aposentos de uma criada. Havia uma pequena janela no alto da parede, bem perto do telhado inclinado, que estava escura com a noite. Além da corrente no meu pescoço, minhas mãos estavam presas aos braços da cadeira, e meus tornozelos, a seus pés. Eu realmente não iria a lugar nenhum.

Banques me mandara esperar pelo rei, como se eu tivesse escolha. “Ele quer ter uma conversinha com você.”

Ele ria enquanto puxava a corrente e depois foi embora.

A sala se estreitava. Sombras dançavam nas paredes. A estalagem estava mortalmente silenciosa. Nem mesmo a madeira das portas rangia. O fogo não crepitava. Havia apenas as chamas brilhantes.

Eu ouvi o lento tique-taque de um relógio na minha cabeça. O tempo se esgotava. Sem mais segundas chances. Puxei as cordas nos meus pulsos e nos meus tornozelos. Elas só cortaram mais fundo a minha pele.

Há sempre uma saída, Kazi. Pisque por último. Morra amanhã. Torci e puxei as cordas mais uma vez, mas elas não cederam, exatamente como todas as vezes que eu testei.

Aproveite sua jornada direto para o inferno.

Tudo afundava dentro de mim, tornando-se seco e morto. Inferno. Por fim ele havia me alcançado.

Todos nós temos fantasias. Até mesmo Jase e eu. Fantasias que alimentávamos. *Vai dar tudo certo.*

Mas, às vezes, não dava tudo certo.

Às vezes, a vida e as fantasias e a família, tudo em relação a isso dava errado.

Por fim, ouvi alguma coisa.

Passos. Fracos. Suaves. Constantes.

Montegue estava vindo.

CAPÍTULO 41

J A S E

MINHA ESPOSA.

Eu havia prometido a Kazi que contaríamos a eles quando todos estivessemos reunidos. À mesa do jantar, foi o que sugeri. Eu havia imaginado como seria. Todo mundo cheio de expectativa, sabendo que havia alguma coisa acontecendo. A mesa estaria repleta de nossas comidas prediletas, coelho refogado com molho apimentado, cozido de peixe e bolos de sálvia, e nós brindaríamos. Brindaríamos muitas vezes ao redor da mesa. Abraços. Felicidade. Brincadeiras. Risadas. Nós contaríamos a eles, *juntos*. Era assim que ela queria que fosse. Como eu queria que fosse.

Em vez disso, eu havia gritado que ela era minha esposa, sem a presença dela. Não havia nenhuma felicidade nisso. Era uma declaração homicida. Quantas promessas feitas a ela eu tinha quebrado? Agora, isso era provavelmente uma preocupação das menores, mas ardia em mim como ácido. Era apenas mais uma coisa que havia saído completamente do controle.

Seguimos em direção à queda d'água. Eu estava preparado para pular no meu cavalo e descer a montanha a toda velocidade atrás de Kazi, mas Wren, Synové e Paxton me detiveram. “Precisamos de um plano. Um bom plano para consertar essa bagunça terrível”, grunhiu Wren, olhando com ódio para Gunner. Paxton disse que demoraria pelo menos alguns dias até que ela fosse enforcada — como se isso fosse uma boa notícia para me confortar. O rei a interrogaria primeiro, e, conhecendo Kazi, ela se seguraria. Somente quando tivesse certeza de que não conseguiria arrancar nada de útil dela, ele a enforcaria. Banques também anunciaria o enforcamento antes. Ele sempre quis um público, testemunhas da justiça, ele dizia, mas seu verdadeiro propósito era passar uma mensagem: *Desafie-nos, e esse também será seu destino.*

Meu estômago se revirou enquanto eu fazia a pergunta para a qual eu não tinha certeza se queria uma resposta. “O que ele fará com ela nesses dias?”

“Não sei”, ele respondeu, mas eu ouvi a preocupação em sua voz. Eu caminhava rapidamente à frente, conduzindo Mihe atrás de mim. Priya me alcançou, segurando meu braço, tentando explicar. Mason estava atrás dela. “Pessoas boas fazem coisas ruins, Jase. Pessoas boas cometem erros.”

Eu me soltei das mãos dela, sem diminuir o ritmo dos meus passos. “Não o defenda!”

“Jase.” Ela se pôs na minha frente para me parar. Seus olhos brilhavam. “Nós ajudamos a entregá-la.”

Encarei-os, a traição penetrando cada vez mais fundo, como uma faca. “Então vocês dois também estão mortos para mim. Vocês deixaram que o ódio governasse suas mentes.”

Contornei-a para seguir em frente.

“O que você acha que está fazendo neste exato instante, Jase?”, ela gritou na minha direção.

Continuei andando.

Conforme nos aproximávamos das quedas d’água, Gunner dobrou a velocidade de seus passos para me interceptar. “Aonde você acha que vai?”

“Até as catacumbas. Nós viemos até aqui em busca de ajuda. Vou consegui-la com alguém em quem eu confio.”

“*Eles* não são da família”, disse Gunner, apontando um dedo trêmulo para Wren, Synové e Paxton. “Você não pode mostrar a eles...”

“Eu sou o *Patrei* e digo que eles são da família, sim. Saia da frente.” Levei a mão à adaga que trazia na lateral do corpo.

“Gunner,” Mason sussurrou, tentando fazer com que ele recuasse, talvez nervoso com o que eu poderia fazer. E ele tinha um bom motivo para estar nervoso.

Gunner não se mexeu, mas diminuiu o tom de voz. “O que você quis dizer quando falou que ela era sua esposa?”

“Exatamente isso. Que estamos casados. Nós nos casamos no primeiro dia de nossa viagem de volta para cá.”

“Um casamento vendano?”

Wren deu um passo à frente, na defensiva. Ela e Synové mal podiam controlar sua fúria. “Você tem algum problema com casamentos vendanos, cérebro de minhoca?”

Ele não respondeu, apenas fitou o olhar raivoso de Wren e deu um passo para o lado, e nós prosseguimos caminhando até as catacumbas, desaparecendo atrás de um agrupamento de árvores, atrás de uma queda d’água, e na escuridão das cavernas.



Uma tocha tremeluzia na minha mão.

Esquerda. Esquerda. Direita.

Nossos cavalos estavam alojados na última caverna, que era menor do que a estufa, mas tinha um buraco no topo, grande o suficiente para deixar entrar alguma luz, e havia água.

Esquerda.

Subimos pela última rampa. Era quase impossível ver a porta. Estava coberta com o mesmo tipo de alga que cobria as paredes da caverna.

Aram passou por mim com uma pedra na mão, com a qual socou a parede da caverna. Um código.

Ouvimos o rangido baixo de uma roda sendo girada, e a porta foi aberta.

Hawthorne, um dos guardas da torre, estava atrás dela. Ele ficou alarmado quando me viu e ergueu sua espada. Com meu pesado manto de pele e meu rosto pintado, eu era uma grande e irreconhecível ameaça para ele.

Aram estendeu a mão para reconfortá-lo. “É Jase”, disse ele.

“*Patrei?*”, ele sussurrou.

Dei uns tapinhas no ombro dele ao passar. Os demais me seguiram.

O primeiro cômodo, um amplo corredor logo ao lado do aposento das camas, estava repleto de trabalhadores, guardas, caseiros, empregados do estábulo e crianças; alguns dormiam encolhidos, outros estavam amontoados para se esquentar, os rostos emaciados, cansados — Ornar, Tamryn, Kwan e Emma. Seguiu-se um leve rumorejar enquanto eu entrava. *Patrei*. Duas crianças deram uma olhada em mim, em Wren e em Synové, e saíram correndo. Uma de nossas mais antigas empregadas, Judith, caseira na Riverbend, estava sentada, encostada à parede. Seus cabelos, que costumavam estar sempre arrumados em uma trança, agora estavam soltos, selvagens em volta do rosto. Seus olhos, com os cantos rosados, estavam marejados, e ela ergueu a mão na minha direção. Eu me ajoelhei e a abracei. Ela se segurou em mim e chorou no meu ombro. “Você está aqui, *Patrei*. Você está aqui. Bom menino, Latham. Cuide das coisas agora.” Latham era o nome do meu avô. Ele morreu antes de eu nascer.

“Eu estou aqui”, sussurrei em resposta a ela, como se isso fosse fazer com que tudo se arranjasse. Mas não era bem assim. Eu era apenas um homem, deixara havia pouco de ser um garoto, e estava lutando, me esforçando. Ela tinha muito mais experiência de vida do que eu, mas eu sabia que, para ela, um sussurrado *Patrei* significava mais do que um único homem. Era uma história, gerações de promessas, determinação: *Nós sobreviveremos a isso. Nós o superaremos, como sempre fizemos.*

Mas determinação não foi o que eu vi. Pelo contrário, vi cansaço e desespero. Estes eram os que tinham conseguido entrar nas catacumbas. Quem não havia conseguido?

Segui em frente até o aposento das camas, de onde os velhos estrados foram retirados. Na verdade, todas as vigas quebradas e a poeira não estavam mais lá. Já não se tratava de uma relíquia histórica, mas de um abrigo em atividade. Ali, mais pessoas que haviam escapado das rajadas e da invasão se encontravam deitadas em cobertores, colchões, mantos, pilhas de palha, qualquer coisa que os impedisse de ficar em contato direto com o chão frio.

Olhos se abriram. Cabeças se viraram enquanto eu passava. Freya, Tomás. Alguns estavam machucados. Dressler, Mishra, Chane. Trapos envolviam suas cabeças, ou seus braços repousavam em tipoias. Ergueu-se um murmúrio. Medo. Alguns saíram apressados da sala.

“Sou eu”, falei. “Jase. E esses são meus amigos. Está tudo bem.”

Wren, Synové e Paxton ergueram as mãos, indicando que não iam pegar suas armas.

Os murmúrios foram dando lugar a conversas que se desenrolavam pela sala. Várias pessoas se levantaram, assombradas, e então Helen e Silas vieram me abraçar enquanto eu passava. Eles tocaram no meu rosto e olharam para a joia na minha sobrancelha. Logo depois, um homem grande que se apoiava pesadamente em uma bengala deu um passo à frente. Era Tiago. Seu rosto, outrora redondo, agora exibia reentrâncias sob as maçãs do rosto. Olhei para a perna dele. “Maldita rajada!”, ele explicou. “Os destroços que foram arremessados rasgaram metade da minha panturrilha.” Ele deu de ombros. “Mas eu ainda tenho todos os dedos dos pés.” Ele jogou os braços em volta de mim. Sua perna podia estar fraca, mas seu abraço ainda era feroz.

“Cento e trinta e quatro”, disse Titus. “Foram os que restaram e estão aqui. Mas havia mais gente. Morreram vinte até agora.”

Até agora.

O escritório era mais do mesmo, no entanto, o quarto usado como enfermaria abrigava os mais gravemente feridos. Fui até cada um dos colchões. Alguns poucos gemiam, mas a maioria sequer percebeu que eu estava ali. A princípio, nem mesmo os reconheci, mas tia Dolise e tio Cazwin estavam entre eles. Titus disse que eles raramente recobravam a consciência, e depois balançou a cabeça, sem muita esperança de que fossem se recuperar. Synové se abaixou para ajeitar um cobertor sobre um dos nossos arqueiros, deitado no chão, semicoberto, com a pele amarelada e os lábios rachados.

O depósito veio em seguida. As prateleiras estavam em grande parte ocupadas com os excedentes de outros depósitos lá de cima, caixotes com velas, óleo para lamparinas, alguns cobertores, tâmaras. Um monte de tâmaras. Minha mãe sempre estocava tâmaras demais. Elas sempre foram as frutas prediletas do meu pai. Porém, a grande maioria das coisas ali era apenas uma coleção empoeirada de itens acumulados com o passar do tempo, não comestíveis e inúteis para a sobrevivência no dia a dia.

Mais por uma questão de tradição, havia um pequeno e básico estoque de alimentos, especialmente sacos de grãos e jarros de argila cheios de mel e sal, que eram removidos e repostos a cada poucos meses. Em toda a minha vida, eles nunca tinham sido usados nas catacumbas, de fato. Nós tínhamos uma piada antiga e recorrente na família que dizia que, quando alguma comida estava com um gosto ruim, devia ter sido feita com provisões das catacumbas. Não restava praticamente nada desses alimentos agora.

Quando deixamos o depósito e adentramos a cozinha, os que se encontravam ali já sabiam que eu estava vivo e haviam começado a se levantar. As dezenas de vozes que murmuravam ficaram mais altas. Pa-

trei? O Pai está aqui? No entanto, no oceano de rostos, o primeiro que avistei foi o de Samuel.

Cruzei a sala para ir até ele, correndo, talvez, e logo eu o estava abraçando, apertando-o com tanta força que ele sussurrou: “Jase, eu não consigo respirar”.

Soltei-o e segurei seu rosto nas minhas mãos. “Você está vivo. Eu recebi uma mensagem. Achei que fosse de Jalaine. Eu...”

Sua expressão mudou diante da menção ao nome dela.

“Jalaine”, falei, vasculhando a sala com os olhos, a pulsação acelerada. “Onde ela está?”

Ele apertou os lábios e balançou a cabeça em negativa. “Ela não conseguiu. Jalaine está morta.”

Pisquei, a sala entrava e saía de foco. De repente, minhas entranhas pareciam desprovidas de peso. E então minha mente pulou para o outro rosto que eu ainda não tinha visto. “A mãe?”

Priya havia surgido atrás de mim. “Nossa mãe está bem, Jase. Nós o levaremos até ela.”

Antes, porém, eles me fizeram sentar a uma mesa na cozinha e me contaram sobre Jalaine e como ela havia morrido.

CAPÍTULO 42

K A Z I

UMA FITA.

Eu me concentrava naquilo agora, tentando impedir o medo enlouquecedor que batia no meu peito.

Hoje, quando me arrastaram para dentro da estalagem, vislumbrei uma fita vermelha passando diante dos meus olhos. Percebi agora que provavelmente se tratava de uma das muitas decorações do festival, porém, no lampejo daquele momento aterrorizante em que fui arrastada pelas portas da estalagem como um animal recém-caçado, eu imaginara que a fita fosse outra coisa, presa ali somente para mim. Eu me permiti voltar para aquele mundo, um mundo feito de brisas, promessas, amanhãs e Jase.

O ar fresco corria pelas minhas bochechas.

Os cabelos de Jase ondeavam com o vento.

O que é isso, Kazi?, ele me perguntou, olhando para o bolo de festa e para a fita que eu tinha nas mãos.

Fazem parte de uma cerimônia vendana.

Que tipo de cerimônia?

Casamento. Uma cerimônia de casamento, eu respondi. *Cerimônias de casamento vendanas são simples. Isso, uma lua e testemunhas são os únicos requisitos. Creio que Synové achou que estivesse resolvendo tudo.* Minhas bochechas ficaram quentes e eu comecei a embrulhar o pacote de novo.

Jase estendeu a mão para me fazer parar. *Isso é uma ideia tão ruim assim?*

Ficamos nos encarando, e eu vi o inevitável nos olhos dele. O que nós dois já sabíamos em nossos corações. *Não*, respondi.

Nossos lábios se encontraram e ele sussurrou palavras entre eles: *Mostre-me, Kazi. Mostre-me o que fazer. Eu quero que você seja minha esposa.*

Com Mihe e Tigone como nossas testemunhas, eu peguei a mão dele e enrolei a fita em seu pulso, e ele fez o mesmo comigo. Nós a amarramos juntos. *E agora os votos devem ser ditos*, eu falei para ele.

Que tipo de votos?

O que quer que esteja em seu coração, Jase. Isso é tudo que importa. Diga-me o que está no seu coração.

Ele pegou a minha mão livre, levou-a até seus lábios e então assentiu.

Kazi de Brightmist...

Sua voz falhou, sua emoção estava tão à flor da pele quanto a minha. Então ele começou de novo e sem pressa, como se estivesse buscando as

palavras perfeitas.

Kazi de Brightmist... você é o amor do qual eu não sabia que precisava.

Eu ainda podia ouvir o suave farfalhar da fita ao vento enquanto erguíamos nossas mãos para o céu. *Atados pela terra, atados pelos céus*, eu disse, assim que terminamos de dizer nossos votos, e Jase repetiu as palavras.

Não havia lua. Nossas testemunhas eram cavalos. Não seguimos as regras, mas nós nunca as seguíamos. Isso não tornava nossos votos menos verdadeiros, nem nos tornava menos casados.

Ficamos nos fitando por um bom tempo depois disso, quase sem poder acreditar. Éramos marido e mulher. Parti um pedaço do bolo de festa e coloquei-o na boca de Jase, e ele fez o mesmo comigo. *Está feito*, eu disse a ele e depois acrescentei: *quase*. Ele passou o polegar no meu lábio inferior, tirando uma migalha do bolo, e então fomos caminhando juntos até o interior das ruínas, a fita tremeluzindo ao vento atrás de nós.

Atados pela terra. Atados pelos céus.

Marido e mulher.

Montegue nunca poderia tirar isso de mim.

Seus passos foram ficando mais altos e então se detiveram diante da porta.

Ele estava aqui.

CAPÍTULO 43

JASE

SAMUEL CONTOU PARTE DA HISTÓRIA. TITUS ACRESCENTOU MAIS um tanto. Mason disse ainda mais algumas palavras. Gunner permaneceu em silêncio.

Como eu não estava mais lá, Gunner havia colocado Jalaine de volta no escritório na arena. Todos eles achavam que seria a coisa mais sábia a ser feita. Ela administrava o escritório melhor do que qualquer um. Naquele dia, ela havia saído para cuidar de algumas coisas, e Samuel achava que, quando retornou ao escritório, ela teria se deparado com ele e os homens que guardavam a porta caídos no chão, com sangue escorrendo de suas cabeças. A consciência de Samuel oscilava. Ele viu homens estranhos remexendo em gavetas e armários, tentando encontrar o montante faturado no dia. Ele achava que Jalaine teria entrado, visto os intrusos, e, quando o viu sem vida no chão, saiu correndo.

“Àquela altura, toda a arena tinha sido invadida”, disse Titus. Gunner e ele estavam presos nos aposentos da arena quando isso aconteceu, os invasores desconhecidos batiam na porta trancada, tentando entrar. Os dois tinham olhado pela janela para descobrir quem estava comandando o ataque e viram Jalaine correr até a torre acima do escritório, onde eram mantidos os Valsprey. Ela desapareceu lá dentro e logo surgiu junto ao parapeito do terraço, soltando um dos pássaros, mas as flechas começaram a voar pelos ares. Uma delas derrubou o Valsprey.

Seria esse o pássaro que, de alguma forma, havia conseguido chegar até mim e Kazi? Por que outra razão Jalaine soltaria o pássaro, se não fosse para enviar uma mensagem?

“A próxima coisa que vimos foi...” Titus fez uma pausa, mordendo os lábios. “Nós vimos Jalaine cair do topo da torre. Eles a jogaram pela lateral.” Ele fechou as mãos em punho em cima da mesa, mas seus olhos estavam vazios, como se toda a emoção já tivesse sido drenada dele. Ele disse que as batidas na porta haviam cessado, e que Gunner e ele conseguiram chegar ao escritório para pegar Samuel, mas não puderam recuperar o corpo de Jalaine no piso da arena. Tendo sobrevivido, eles se esconderam na floresta por uma semana antes de conseguir chegar às catacumbas. Eles seguiram ignorando quem estava no comando do ataque por mais uma semana depois disso.

Mason se inclinou para a frente, com a cabeça entre as mãos. “Ainda não sabemos como foi que Rybart conseguiu lançar um ataque assim tão grande. Durante semanas ele esteve em todas as partes.”

“E as armas?”, Titus disse ainda. “O rei disse que nós a estávamos armazenando, mas sabemos que isso não é verdade. Tudo que consegui-

mos imaginar foi que, enquanto fazia as entregas, Zane pode ter roubado os projetos e feito um trato com Rybart.”

“Não foi Rybart que atacou a cidade”, falei. “Foi o rei. Beaufort estava trabalhando com ele desde o começo. É ele quem está por trás de tudo isso, junto com o magistrado, que agora é seu general. Zane era o intermediário.”

“O quê?”

“Desde o começo?”

“O rei?”

Murmúrios de descrença circulavam pela mesa.

Paxton assentiu para confirmar o que eu havia dito. “Rybart e os homens dele também foram vítimas nisso.”

Os murmúrios se aquietaram e olhares raivosos atingiram Paxton, cujas primeiras palavras foram recebidas com ódio. Eles ainda não estavam preparados para acreditar em nada do que ele dissesse, nem mesmo a verdade, e eu me perguntava se algum deles poderia voar por cima da mesa e estrangulá-lo. Eles o tinham visto junto com o rei, e eu me dei conta de que Kazi ocupava o mesmo lugar de desprezo no coração deles.

Vim até aqui para conseguir ajuda e encontrara o oposto. Deparei-me com uma catacumba cheia de sobreviventes desalentados. Descobri que Kazi havia sido jogada aos lobos pela minha própria família. Que minha esposa seria enforcada. *Eu juro a você, Kazi. Eles vão ouvir. Eles vão amá-la.* A cozinha de repente estava sufocante. Eu não conseguia respirar. Mais promessas quebradas vinham à tona. *Você estará bem pela manhã, Sylvey. Eu juro. Feche os olhos e durma.* Eu me levantei abruptamente, e a cadeira foi jogada para trás. Em seguida, me virei e saí dali. Voltei pelo depósito, pelo escritório, pelos aposentos da catacumba. Um ruído de passos seguia atrás de mim. *Aonde você está indo, Jase? O que você está fazendo? Fale conosco.*

Cheguei no túnel da entrada principal e cruzei-o até a porta da estufa, girei a roda e a abri. Eu precisava me certificar de que aquilo ainda estava lá, como se a minha última esperança também não tivesse desaparecido.

“Jase!”, Priya me chamou. Olhei de relance por cima do ombro. Todos eles estavam me seguindo, talvez temendo que eu fosse fazer alguma loucura. Eu acabara de saber que minha irmã tinha sido assassinada e que minha esposa foi entregue a um monstro. Fazer uma loucura qualquer parecia a decisão mais sensata.

Passei por montinhos de terra fresca. Era aqui que eles enterravam os mortos. As pás ainda estavam enfiadas no solo, como se eles estivessem esperando por mais.

Uma cabra surgiu aos pulos. Eu não fazia a mínima ideia de onde ela tinha vindo, mas não havia caído do alto. Ergui o olhar para o buraco no teto da caverna. Estava cercado por folhagem como um luxuriante colar verde, e água gotejava das vinhas. Geralmente isso tinha um efeito cal-

mante, porém, com túmulos frescos cavados logo abaixo, não havia qualquer calmaria em relação à estufa agora.

Eu cruzava a caverna, não, eu pisava duro como se meus passos pudessem submeter o mundo à minha vontade e, de alguma maneira, pôr um fim à loucura. Escalei a lateral irregular, encontrando lugares para apoiar os pés nas rochas, e então alcancei a parte posterior do cume de pedra, puxei a bolsa de munição primeiro e depois o lançador.

Eu me virei e o ergui. “Ela contou sobre isso a vocês também?”

O rosto de Priya se comprimiu, cheio de vergonha. Ela assentiu. “Eu a ouvi enquanto nós saíamos correndo. Ela disse que você havia escondido uma arma na estufa. Procurei por ela quando nós voltamos, mas não consegui encontrá-la. Achei que fosse mais uma mentira.”

“Mesmo depois...” Minha garganta parecia se estreitar. “Mesmo depois que vocês a traíram, ela tentou ajudar. E ela teria dito exatamente onde estava se vocês tivessem lhe dado uma chance.”

“Nós não sabíamos, Jase”, disse Mason.

Olhei para o lançador que eu tinha em mãos. *Isto* era tudo de que dispunha para tentar salvá-la — um único lançador contra as centenas que eles possuíam. Deixei-o cair no chão e me aproximei do amontoado de gente que me encarava.

“Ela arriscou a própria vida para me salvar!”, eu falei, batendo no peito. “Ela arriscou a própria vida para salvar Lydia e Nash! Em momento algum ela demonstrou medo, mas sabem o que ela temia? Vocês. Todos vocês! Por acaso vocês têm alguma ideia de como ela precisou reunir coragem para voltar para cá comigo? Ela ouviu todas aquelas coisas que vocês disseram. O que iriam fazer com ela. Eu lhe disse que vocês entenderiam. Que vocês escutariam. Que vocês a amariam de novo. Porque isso é o que uma família faz.” Senti como se eu estivesse me partindo em mil pedaços. “Creio que isso faça de mim um mentiroso, não?”

Priya balançou a cabeça em negativa, com os olhos brilhando, e me puxou para junto dela, me abraçou, e eu entrei em colapso em seus braços. Um kbaaki grandalhão soluçando no ombro dela. Todos eles se reuniram ao nosso redor, me abraçando, abraçando uns aos outros, Samuel, Aram, Titus, Mason e Priya. Todo mundo, menos Gunner.

Ele se virou e foi caminhando até a porta da estufa.

Nós nos separamos. Wren, Synové e Paxton ficaram de um lado, com os olhos arregalados, como se estivessem com medo de serem atraídos para dentro de um círculo de fúria e lágrimas que parecia não fazer sentido algum, nem mesmo para mim. Seria possível amar e odiar alguém ao mesmo tempo? Isso era um hábito para mim, o hábito de voltar para a família, mas talvez estivesse na hora de rompê-lo.

E então, uma outra voz: “Jase”.

Todos nos viramos em sua direção.

Samuel deu um passo à frente. “Mãe, você deveria estar deitada”, disse ele em tom repreensivo.

“É verdade”, disse ela, me encarando. “Você está vivo.”

Fiquei encarando-a também, sem saber ao certo o que pensar.

Ela pousou a mão sobre a barriga volumosa. “O último presente de seu pai para mim.” Ela balançou a cabeça. “Eu sei, estes não são bons tempos para ter outro bebê.”

Um bebê? Não, não eram bons tempos. “Mas você falou isso de todos nós, não foi?”, respondi. “Que nós viemos nos piores tempos possíveis? Mas tudo deu certo no final.”

Ela assentiu. “E dará certo novamente.”

Fui até ela, e dessa vez era minha mãe quem estava chorando no meu ombro, minha mãe, que nunca derramava uma lágrima. E então ela me fez repetir que Lydia e Nash estavam em segurança. “Sim, eles estão em segurança. Os *straza* de Paxton os levaram até o assentamento vendano.” Eu disse a ela que eles seriam bem cuidados, mas que teriam de ficar por lá até que tudo tivesse acabado. “É o lugar mais seguro para eles ficarem.” Expliquei que eles ficariam escondidos na adega de raiz, como eu ficara, e que tinha sido Paxton quem me levava até lá depois que fui ferido em um ataque.

Ela olhou para Paxton, e então, sem hesitar, foi abraçá-lo, murmurando um obrigada. Sem graça, ele retribuiu o abraço, olhando para mim por cima do ombro, hesitante.

Assenti.

Ele deu uns tapinhas de leve nas costas dela.

Ela se virou na minha direção novamente, secando os olhos.

“Até mesmo nos tempos mais difíceis, nossa família cresce de jeitos inesperados”, disse ela. “Agora, como assim você está casado?”

CAPÍTULO 44

K A Z I

A PORTA SE ABRIU COM UM RANGIDO. LENTAMENTE. TUDO ocorria vagorosamente, como se ele estivesse saboreando o momento, me observando, agora que me tinha à sua mercê. Eu estava de costas para a porta e não conseguia me virar, mas cada um de seus passos cuidadosos fazia meu corpo todo estremecer. Da cabeça aos pés. Dominando o ambiente. E dominando a mim. Então o silêncio, um silêncio de entorpecer os ossos assim que ele parou. Senti seus olhos na minha cabeça, no meu pescoço, nas minhas costas. Será que eu sentiria uma lâmina ali em seguida?

“Olá, soldada.”

Minhas bochechas inflaram com a náusea.

Ele foi andando até a lareira, de costas para mim, jogando mais lenha na fogueira, primeiro uns gravetos, depois uma tora. As chamas subiram, iluminando o aposento. “Frio?”, ele perguntou.

De repente, o quarto ficou sufocante. Quente. Mas não por causa do fogo. O suor escorria pelas minhas costas.

“Nada a dizer?”, ele me perguntou em um sussurro. “E você tinha tanto a dizer outro dia mesmo.”

Ele levantou e se virou, me fitando, e eu vi seu rosto pela primeira vez.

O belo rosto que ele tanto amava.

Um talho irregular, costurado, seguia do queixo até o canto do olho.

Ainda estava inchado, vermelho e inflamado.

“O que você acha?”, ele me perguntou. “Tenho mais de sua obra embaixo da camisa. Quer ver?”

Balancei a cabeça em negativa.

Os olhos dele estavam mais pretos do que eu jamais havia visto. Eles afundaram nos meus como se fossem garras. “Você poderia ter tido tudo”, ele sussurrou. “Poderia ter se sentado ao meu lado e ter partilhado de todas as riquezas da vitória”, ele sussurrou. Curvando-se para a frente, suas mãos pressionaram os meus pulsos com mais força no braço da cadeira, o rosto perto do meu. “Agora você vai morrer com nada. Você será um nada... mas talvez eu ainda seja capaz de perdoá-la, não?”

“É mesmo, Montegue? Nós vamos jogar esse jogo?”

Sua respiração era como fogo no meu rosto, um dragão cheirando sua presa. “Mas você joga tão bem.”

Ele se ajoelhou na minha frente, sua mão deslizou em volta do meu calcanhar e foi subindo pela parte interna da minha perna.

Mordi o lábio para impedi-lo de tremer. “Não está comigo”, falei, ofegante, quando a mão dele chegou à minha coxa.

Isso não o deteve. Ele sorriu, e a cicatriz repuxou o canto de sua boca. “E eu deveria acreditar em você?”

“Por que você não mandou Banques me procurar?”

“É privar a mim mesmo deste prazer?”

“É porque você não confia nele.”

“Veja o que a tentação fez com você.” Sua mão continuou a passear por mim.

“Eu joguei fora!”

Ele riu. “Não sou bobo, Kazimyr, e você também não é. Uma ladra jamais jogaria fora um tesouro tão valioso como aquele. Onde está?”

“Já era, Montegue. Você *nunca* o terá.”

Ele se levantou, e sua compostura começou a apresentar rachaduras. “Então você o escondeu. *Onde?*”

Permaneci em silêncio. Ele ficou andando de um lado para o outro pelo aposento, enrijecendo e flexionando os dedos, e então parou na minha frente mais uma vez.

“Eles a encontraram lá em cima na montanha. Aonde você estava indo? Encontrar-se com mais lealistas?”

Respondi novamente com o silêncio.

“Onde estão as crianças?”, ele me perguntou, talvez na esperança de me assustar mais. Ele sabia que eu me importava mais com eles do que com seu pó precioso. Quando eu não respondi, ele disse ainda: “Nós estamos fazendo uma busca e *vamos* encontrá-los. Seria melhor que você me contasse agora, para evitar que algo lamentável aconteça. Você sabe que eles realmente me adoravam, não?”

A repulsa se ergueu no fundo da minha garganta, amarga e salgada. “Eles odiavam você. Eu odeio você. Você não passa de um monstro ambicioso e cruel.”

Ele segurou o meu rosto. Afundou seus dedos nele, com os olhos arregalados e ferozes. “Você me desejava!”

“A única coisa que eu queria de você era que morresse. Esse talho aí no seu rosto? Foi só o resultado de uma mira ruim. Era para ter sido na sua garganta.”

Ele puxou a corrente que estava em volta do meu pescoço, e o metal afundou na minha pele. Seu olhar estava congelado, suas mãos tremiam, e eu achei que este poderia ser o momento em que ele iria me matar. Ele queria que eu ficasse com medo, e eu estava com medo, mas também queria esmagar a fantasia dele antes de tudo, do jeito como ele fizera com a minha. Ainda havia coisas que eu queria dizer, coisas que o fariam sofrer bem mais do que aquela cicatriz em seu rosto.

“Eu planejei matá-lo desde o momento em que fiquei sabendo que foi você quem armou a emboscada para o meu marido.”

Ele afrouxou as mãos na corrente. “*Seu o quê?*”

“O *Patrei* era meu marido. Nós éramos casados.”

Ele ficou de queixo caído. “Eu não acredito em você.”

“Você vive em um mundo de fantasias, Montegue. É capaz de acreditar no que quer que deseje. Mas eu amava Jase, e ele me amava também. Foi por isso que lutei desesperadamente pela vida dele.” Inclinei-me para a frente e abri um sorriso. “E os beijos dele?”, falei em um tom sussurrado. “Em comparação com eles, os seus são risíveis.”

Ele soltou a corrente e saiu cambaleando como se tivesse sido esfaqueado.

“Você jamais será amado da forma como ele é”, continuei falando. “Nem por mim, nem por ninguém. Jase foi muito mais homem e líder do que você jamais poderia esperar vir a ser.”

Ele se virou rapidamente para ficar cara a cara comigo, seu maxilar rígido. “Ainda assim, ele está morto, e eu estou na regência de tudo. No fim das contas, *eu* sou o líder de tudo isto aqui, o que prova quem é o homem mais grandioso.” Ele fez um movimento com a mão no ar. “Estou farto de você. Tenho outras formas de fazê-la falar. Banques!”

A porta se abriu quase de imediato: o laçao dele estava sempre alerta e a postos. Ele instruiu Banques a *cuidar de mim* e conseguir as informações de que ele precisava. “Mas não machuque o rosto dela. Não cairia bem em um enforcamento público. Afinal de contas, somos um reino civilizado. Vamos fazer isso com dignidade e rapidez. A cidade está ocupada com as decorações para o festival, pois *eu* sou um grande líder. Eu não gostaria de deixá-los desnecessariamente deprimidos.”

Ele começou a caminhar em direção à porta.

“Você é um covarde, Montegue!”, berrei, olhando nos olhos dele. “Um covarde fracote! Um rei de nada, e isso é tudo que você sempre será! Um rei de nada, que nunca suja as próprias mãos!”

Ele parou, o peito se expandindo em uma respiração profunda. O sibilar de sua espada cortou o ar quando ele a sacou. Ela tremia entre suas mãos apertadas enquanto ele me encarava. Já era. Tinha chegado o momento, e talvez eu quisesse mesmo que fosse assim. Eu preferiria morrer a ser forçada a falar. Mas, em seguida, ele devolveu a espada lentamente para a bainha, como se alguma coisa lhe tivesse vindo à mente.

“Não toque nela”, ele disse a Banques. “Eu já volto.”

Seu olhar se voltou para mim. “E, soldada, acredite em mim: minhas mãos ficarão sujas dessa vez.”

CAPÍTULO 45

J A S E

SENTAMOS EM UM BANCO COMPRIDO À UMA DAS MESAS NA cozinha vazia. O jantar já tinha sido servido e comemos o que havia sobrado de uma grande panela de sopa de carne de cervo. Minha mãe insistiu. Wren, Synové, Paxton e eu concordamos que estabeleceríamos nossos planos enquanto comíamos, mas então veio Mason e sentou-se diante de mim, depois vieram Titus e Samuel, até que toda a família, incluindo Gunner, estava reunida em volta da mesa. Aram trouxe uma cadeira com almofadas feitas de sacos de grãos cheios de folhas para a minha mãe. Ele sussurrou para mim que a gravidez dela não estava sendo fácil. Ela teve sangramentos, e Rhea havia ordenado que ficasse com os pés erguidos. Era cedo demais para a chegada do bebê.

Seguiu-se um silêncio embaraçoso enquanto comíamos. O tilintar das colheres contra as tigelas de metal era o único som.

“Quantos arqueiros nós temos?”, eu perguntei por fim. Quantos arqueiros haviam sobrado era a pergunta que eu realmente queria fazer. Quantos haviam sobrevivido ao ataque.

“Um”, foi a resposta de Priya. “Pode ser que você o tenha visto na enfermaria.”

Um? Costumávamos ter dezesseis arqueiros na torre da Vigília de Tor. A todo momento, sempre tínhamos oito homens posicionados.

Priya nos contou sobre o pandemônio que eclodiu no dia em que o exército detonou a torre central da casa principal e, depois, a muralha da fortaleza. Os arqueiros que estavam a postos haviam lutado com valentia, e outros mais vieram lutar ao lado deles, mas não tiveram nenhuma chance contra os poderosos lançadores. De fato, a luta permitiu que aqueles que estavam dentro dos portões ganhassem tempo. Minha mãe estava no jardim e teve de sair correndo para cada uma das casas, ordenando que todo mundo fosse para dentro das catacumbas. A minha tia Dolise estava na cozinha e correu para enfiar algumas provisões da despensa e remédios em uma bolsa. Ela e meu tio Cazwin foram os últimos a sair correndo rumo às catacumbas quando foram atingidos pelos fragmentos que se espalharam com mais uma rajada. Aram, Priya e Drake os arrastaram e levaram os suprimentos pelo restante do caminho até o interior do túnel, e então a porta foi selada. Eles não sabiam o paradeiro de Trey e Bradach. Nossos primos estavam visitando amigos na cidade quando o ataque começou. Não havia sinal deles desde então, e Priya supôs que estivessem escondidos. Ao menos ela nutria essa esperança.

Enquanto falávamos, os refugiados foram entrando no aposento — Tiago, Hawthorne, Judith e outros mais —, talvez curiosos em relação

ao retorno de seu *Patrei* kbaaki, ansiosos para ouvir notícias de fora ou talvez buscando ter alguma esperança. Em silêncio, eles se acomodaram em mesas e cadeiras ou ficaram apoiados nas paredes.

Minha família se alternou para me contar os detalhes, mas Gunner estava consideravelmente calado. Quando surgiu um momento de calma, Mason se inclinou para a frente e perguntou: “Como? Depois de tudo que ela fez conosco, como é que você acabou ficando com ela?”. Seus olhos negros percorreram Wren, Synové e Paxton. *E eles*. Mas isso ele não disse em voz alta.

Synové também ouviu a pergunta não dita. A colher deslizou de sua mão e caiu ruidosamente de encontro à tigela.

Contei tudo a eles, começando do início, com Beaufort e o que eu ficara sabendo em nossa longa jornada até Venda. Não poupei nenhum detalhe repulsivo, especialmente o destino final que Beaufort e seu bando havia planejado para nós, detalhes com os quais eles me torturavam e se deleitavam, incluindo o que pretendiam fazer com Priya, Jalaine e minha mãe assim que tivessem matado o restante de nós. Eles precisavam saber disso também, ter conhecimento dos detalhes para que entendessem exatamente aquilo de que havíamos escapado. Beaufort havia jogado o jogo supremo de nos lançar a isca e surgir com outros planos e cartas na manga, fazendo com que mantivéssemos nossos olhos em um prêmio, enquanto ele preparava outro para nós.

“Nunca existiu uma cura”, disse a minha mãe baixinho. Ouvi vergonha em sua voz, como se alguma parte dela soubesse, o tempo todo, que aquilo era bom demais para ser verdade.

Balancei a cabeça em negativa. “Não. A única coisa que nos esperava era outro massacre dos Ballenger”, falei, então olhei para Gunner e disse ainda: “Se não fosse pela Kazi”. Eu sabia que ele sentia meu olhar, mesmo que seus olhos não fitassem os meus.

“Assim que chegamos em Venda, Kazi falou com a rainha, não apenas em meu nome, mas em nome de todos nós. Ela lhe contou como Beaufort abriu caminho para entrar em nossas vidas com a promessa de uma cura para a febre. Ela lhe contou sobre o lugar que a torre da Vigília de Tor ocupava na história e sobre nosso longo período de administração da Boca do Inferno. Também lhe contou sobre como nós todos entramos em cena e reconstruímos o assentamento com nossos próprios recursos. A rainha ficou muito grata — e curiosa em relação ao nosso mundo. Ela queria ouvir mais, então eu lhe contei nossa história. Quando terminei, ela e o rei de Dalbreck fizeram uma proposta para mim, uma proposta interessante, e eu a aceitei.”

Olhei ao redor da mesa e de todo o cômodo, certificando-me de que todos estivessem ouvindo.

“A rainha de Venda e o rei de Dalbreck se reuniram, conversaram entre si e concordaram que a Boca do Inferno deveria ser devolvida a nós.

Eles também concordaram que deveríamos ser um reino reconhecido da Aliança. O primeiro reino”, falei.

“Por causa da Kazi”, Wren acrescentou.

“Esse é apenas um dos motivos pelos quais Jase *acabou ficando com ela*”, disse Synové em tom amargo, enquanto desferia um olhar afiado para Mason.

Seguiu-se um silêncio carregado de estupefação.

E então vieram algumas lágrimas e descrença.

“Um reino?”

“O primeiro reino?”

Ouvi o nome de Kazi nos lábios deles enquanto enviavam suas preces aos céus.

“Uma bênção dos deuses...”

“A menina Kazi, protejam-na.”

“Mantenham-na em segurança.”

“Há mais coisas que vocês deveriam saber”, interrompeu Paxton. Era a primeira vez que ele se pronunciava, mas o tom arrogante estava de volta e ele cortava o ar com a mão para enfatizar seus pontos. No passado, esse seu hábito irritante sempre me deixava com vontade de socá-lo. Agora não mais. Ele também tinha fúria acumulada. Dava para notar a raiva do outro lado da mesa enquanto ele falava. Ele estava sendo tolerado apenas por minha causa e pelo fato de que minha mãe o havia abraçado em público.

Ele contou coisas que nem sequer tinha contado para mim. “Ela matou quatro homens enquanto tentava salvar Jase de uma emboscada. Eu vi tudo acontecer enquanto corria para chegar até lá. Foi a coisa mais horrível, assustadora e, ainda assim, impressionante que já vi na minha vida, e qualquer um de nós pode apenas rezar para que algum dia alguém nos ame tanto quanto Kazi ama Jase, a ponto de sacrificar tudo, inclusive a própria vida. Ela ficou para trás para lutar e se livrar de mais soldados depois de ter mandado seu cavalo para a floresta, dando-lhe tempo de se afastar de todos eles. Então ela foi esfaqueada e capturada. E depois, por pura coragem e força de vontade, porque eles mal a estavam alimentando, ela se recuperou, com o objetivo fervoroso de salvar Lydia e Nash em seguida, o que ela fez. Ela...”

“Como?”, perguntou Priya, perfurando Paxton com o olhar. “Drake morreu tentando resgatá-los. Nós estávamos com medo de tentar de novo, estávamos esperando até que tivéssemos mais ajuda. Enviamos uma mensagem a Cortenai, o reino mais próximo, mas não recebemos resposta. Sequer sabemos se o mensageiro conseguiu passar pelas patrulhas. Como foi que Kazi conseguiu fazer isso? Ela não é mágica. Como?”

Paxton ficou paralisado, boquiaberto, enquanto fitava Priya. Estranhamente, ele ficou sem palavras.

“Antes de ser uma soldada”, eu intervim, “Kazi era uma ladra experiente. É nisso que ela é boa. Ela roubou Lydia e Nash debaixo do nariz do rei e os escondeu.”

“Uma ladra?”, vários deles disseram ao mesmo tempo.

“Ela os escondeu *onde?*”, perguntou Priya em um tom de cautela.

“Ela os escondeu na sepultura vazia de Sylvey.”

Expressões de horror circundaram a mesa.

“Mas...”, disse a minha mãe, “a sepultura não está vazia.”

“Sim, receio que esteja, mãe”, falei. E então lhes contei o que eu havia feito. O que Kazi sabia. O que ela havia feito para salvá-los.

“Você profanou o túmulo de Sylvey?”, perguntou-me Titus.

“Sim”, respondi.

Seguiu-se um longo e desconfortável silêncio; talvez eles estivessem tentando conciliar a mentira que eu havia perpetrado por todos esses anos — o *crime* — com o fato de que ela havia salvado Lydia e Nash. Talvez tentassem entender que Kazi tivera uma outra vida como ladra, da qual eles não tinham conhecimento algum, ou que ela havia assassinado o guarda, que agora apodrecia na tumba dos Ballenger. Ou talvez estivessem tentando se conformar com o fato de que Sylvey estava enterrada em um túmulo não sagrado na montanha. Era muita coisa para digerir de uma só vez.

“Uma ladra”, disse Mason, ainda refletindo a respeito. Ele sabia que ela era órfã e que tinha vivido sozinha desde os seis anos de idade, mas eu não havia lhe contado como ela fez para sobreviver. Eu podia ver em seus olhos que ele estava juntando as peças do quebra-cabeça em sua mente neste momento.

Minha mãe passou os dedos pelos cabelos, com os olhos bem fechados. Eu sabia que a verdade sobre Sylvey era um imenso golpe para ela. Não somente por eu ter cometido um crime sério, ou porque o corpo de sua filha não estivesse descansando em paz onde ela e meu pai o haviam colocado, mas também porque eu mantive essa mentira por tanto tempo. Por fim ela abriu os olhos, cruzou as mãos à sua frente em cima da mesa e ergueu o queixo. “O que está feito, está feito”, disse ela. “Quando isso tudo acabar, nós faremos uma cerimônia tranquila nas Lágrimas de Breda com um sacerdote para consagrar o local do repouso final de Sylvey. Essa informação não sairá daqui.” Ela olhou ao redor com olhos que pareciam feitos de aço, como se desafiasse qualquer um a questionar sua decisão.

Minha mãe sempre seguindo em frente com a vida. Era isso que importava. Isso nos levava de volta à pergunta original que nos havia trazido até a mesa da cozinha. Ela queria saber sobre o meu casamento.

Eu contei a ela o mesmo que havia dito a Gunner, que Kazi e eu nos casamos semanas atrás, no caminho de volta para casa. Ela pediu detalhes do casamento. Não havia muito a dizer, apenas contei sobre a fita, os votos e o bolo de festa.

“E estavam só vocês dois”, disse ela

Assenti em resposta.

“Eles tiveram cavalos como testemunhas”, ponderou Samuel, com o mais discreto revirar de olhos.

“Mihe e Tigone”, esclareceu Wren, imobilizando Samuel com o olhar e fechando a cara para o ainda silencioso Gunner. “Cavalos são mais inteligentes e mais leais do que a maior parte das pessoas que eu conheço.”

“E não havia nenhum sacerdote”, acrescentou minha mãe, mais para si mesma.

Eu vi os olhares de relance em volta da mesa. Sem testemunhas. Sem sacerdote.

“Mas teve bolo”, disse Synové entusiasmada. “E nada tem mais cara de casamento do que um bolo de festa caprichado.”

Ela estalou os lábios e sorriu para Mason, que desviou o olhar.

Minha mãe juntou as mãos diante de si. “Mas vocês trocaram votos?”

“Sim”, respondi.

Ela se reclinou e assentiu. “Muito bem, então. Não só tenho uma nova filha agora, mas alguém que sacrificou tudo para salvar a nossa família. Nós temos de encontrar um jeito de ter minha filha e sua esposa de volta.”

A cozinha permaneceu em silêncio. Em vez de gritos em uníssono, ouvi sussurros carregados de desespero. Eles já tinham tentado e fracassado com Lydia e Nash.

Eu me levantei. “Não seremos derrotados a menos que desistamos. Nós vamos ser um reino — e vamos resgatar a minha esposa, porque ela arriscou tudo por nós e o tempo está acabando para ela.”

“Eu ainda consigo erguer uma espada”, bradou Tiago dos fundos do aposento.

“Eu também!”, a resposta veio de Judith e dos outros.

“Nós podemos invadir a estalagem!”, foi a fala de outra pessoa.

“Uma emboscada!”

“Nós vamos resgatá-la!”

“Envenenar a água deles!”

“Entrar detonando tudo com a sua arma!”

O lugar se encheu de vida com as ideias, mas poucos dos que estavam entre estas paredes haviam visto a cidade e o que teríamos de enfrentar. Um ataque de uma brigada de cozinheiros, zeladores e até um feroz, porém ferido, *straza* não era páreo para soldados pesadamente armados e postados em cada telhado da cidade. Isso sem falar que não poderíamos colocar em risco o restante da população da cidade. Tínhamos de encontrar um jeito de conseguir chegar até Kazi sem matar civis no processo. E sem causar a morte dela também. Entrar detonando tudo provavelmente levaria a essas duas coisas.

Synové e Wren olharam de relance para mim, ouvindo a futilidade das sugestões.

Gunner se levantou. “Poderíamos fazer uma troca.” O lugar ficou em silêncio.

“Trocar o *quê?*”, perguntou Priya. “Uma saca de grãos estragados?”

“Eu”, respondeu ele. “Até onde eles sabem, eu sou o *Patri* agora. Tenho certeza de que gostariam de colocar as mãos em mim. Eles querem matar todos os Ballenger. Por que não entregar a eles aquele que está no topo da lista?”

Fiquei encarando Gunner. Todos nós sabíamos que isso não daria certo. Ele provavelmente pensava o mesmo. Eu já havia combatido essa ideia dentro de mim. Balancei a cabeça em negativa. “Se eles fossem pessoas de palavra, sim, mas não são. Com o imenso desequilíbrio de poder, a logística de uma troca é impossível. Eles ficariam com você e com Kazi também. Mas seria um gesto nobre, apesar de tudo.” Ouvi a amargura na minha voz. Eu não mostraria gratidão, visto que ele havia causado essa situação. Agora que sabia que seríamos um reino, ele vinha se mostrar pesaroso? Eu não conseguia perdoar o que ele havia feito.

Mais ideias começaram a ser lançadas, nenhuma delas viável. Estava ficando tarde, o tempo se esgotava e minhas entranhas se reviravam enquanto eu descartava cada uma delas. Senti o desespero tomando conta de mim. Tínhamos de encontrar uma solução *agora*. Eu precisava pensar e repensar. Eu tinha de refazer cada passo, cada etapa. Pensar em todas as possibilidades. *Não vá fazer nenhuma loucura*, era o que Caemus havia me aconselhado, mas talvez fosse exatamente isso o que eu precisava fazer. Algo que ninguém esperaria. Falei para todos irem dormir, que conversaríamos mais pela manhã, mas eu não tinha nenhuma intenção de dormir — não até que tivesse pensado em uma forma plausível de recuperar Kazi.

Fiquei com o olhar fixo na reluzente vela vermelha. A alcova no final do túnel da entrada havia sido transformada em um nicho de preces. Quando Wren e Synové começaram a me acompanhar até aqui, eu disse a elas que precisava de algum tempo sozinho para pensar. Elas se afastaram em um canto com Paxton para que pudessem pensar também.

A ideia inicial de fazer uso da minha arma para conseguir reunir mais armas era boa para combater um exército, mas apenas implorava por desastre quando o assunto era resgatar Kazi. Eu não poderia atirar em nenhum guarda que a estivesse segurando sem acabar matando-a também. Não poderia entrar detonando sem colocá-la em perigo, e não tínhamos como saber exatamente onde eles a estavam mantendo presa. Paxton disse que ela poderia estar em qualquer lugar na estalagem, desde o porão até o sótão, ou até mesmo na arena. Nós só saberíamos exatamente o paradeiro dela quando eles a conduzissem pelo passadiço suspenso para

ser enforcada. Considerei a ideia de uma troca novamente. Eu. Sim, eles ficariam com os dois, mas pelo menos eu estaria com ela. Porém, e se eles me colocassem em algum outro lugar, e eu sequer chegasse a ficar junto dela?

Ajoelhei quando cheguei ao nicho. Eu planejava rezar, mas todas as preces já tinham sido arrancadas de mim. Sentei sobre os meus calcanhares e fitei a vela de oração, pensando em todos os votos e juramentos que fizera, no sacerdote marcando a minha testa com cinzas. Santificando...

Não havia nenhum sacerdote?

Eu sabia que isso deixaria minha mãe perturbada. Os Ballenger tinham tradições. Nascimentos, mortes, casamentos. Os sacerdotes faziam parte de todas elas.

Eu disse a Kazi que isso aconteceria. Ela estava sentada em cima da minha barriga, comendo frutas, por vezes colocando uma na minha boca, seus dedos se demorando ali, traçando meus lábios.

Sabe, eu disse a ela, minha mãe esperará que nos casemos de novo no templo.

Ela colocou mais uma fruta dentro da minha boca e franziu o cenho. *Por quê? Um casamento vendano não é o bastante para os Ballenger?*

Eu a tinha puxado para junto de mim, e as frutas que estavam nas mãos dela caíram no chão. *Qual o problema em nos casarmos de novo? Eu me casaria com você cem vezes.*

Ela me beijou, o suco das frutas ainda em seus lábios. *Só cem vezes?*, ela perguntou.

Mil vezes.

Ela me afastou e olhou para mim com o interesse subitamente elevado. *Teremos bolo de festa todas as vezes?*

Montanhas deles, prometi.

Ela riu e se abaixou para morder minha orelha. *Então imagino que devemos nos casar no templo.*

Mas o templo não estava mais lá.

“Mil vezes, Kazi”, sussurrei. “Eu me casaria com você mais de mil vezes.”

Um arrastar de passos me transportou de um lugar ermo e varrido pela brisa de volta para o túnel escuro e mofado. Era Gunner.

Eu me levantei.

Seus olhos estavam vermelhos. Ele balançou a cabeça, calado, como se as palavras estivessem presas dentro dele.

“Vamos”, falei. “Diga o que você tem a dizer e me deixe em paz.”

Ele engoliu em seco. “Eu sinto muito, Jase. Eu sinto muito.” A voz dele mal passava de um sussurro.

“Gunner...”

Ele deu um passo à frente, estendeu os braços e me apertou em um abraço. Minha camisa foi repuxada quando seus punhos se fecharam,

agarrando o tecido entre os dedos. Relutante, ergui os braços e o envolvi enquanto ele chorava. Meu irmão mais velho e mais durão soluçava nos meus braços, e eu não sabia mais em que mundo eu estava.

Seu peito tremia enquanto ele tentava se explicar, e então se afastou bruscamente, balançando a cabeça, envergonhado, mas agora as palavras jorravam de sua boca como se ele não conseguisse mais contê-las. Ele disse que eu estava certo, que ele não deu ouvidos a ela, mas Gunner achava que eu estava morto, e ele estava com tanta raiva e tão cansado e agitado. Essas últimas semanas tinham sido difíceis... A cada dia alguém morria, eles cavavam túmulos na estufa, caçavam, apenas tentavam manter todo mundo alimentado, esgueiravam-se pela cidade para buscar mais remédios e quase eram surpreendidos, sem saber como conseguiriam algum dia trazer Lydia e Nash de volta.

“E Jalaine...” Ele se engasgou ao dizer o nome dela. “Se eu não a tivesse colocado de volta na arena. Se eu...” Ele deslizou contra a parede até o chão, segurando com força seu crânio, chorando novamente. “Eu não consigo tirar aquela imagem da minha cabeça, de quando a vi cair.”

Carrei os olhos, tentando afastar o horror daquela imagem. Os soluços de Gunner me dilaceravam. Eu me juntei a ele no chão, e ele me contou sobre o momento em que Kazi apareceu, quando bloqueou tudo que ela disse. Ele não queria dar ouvidos a ela. Só queria vingança. “Eu estava errado, Jase. E sei que dez de mim não valem uma dela, mas eu trocaria minha vida pela dela se fosse possível.”

“Eu sei”, respondi. “Sinto muito também, irmão.” Ele não era o único a carregar o fardo da culpa, nem o único que havia cometido erros. Priya estava certa. Eu havia permitido que o ódio regesse a minha mente. Gunner julgou rápido demais. E eu fiz o mesmo.

Ele limpou o rosto e olhou para mim. Seus olhos estavam arregalados e ele parecia levemente alucinado. “Eu tenho uma ideia”, disse ele. “Que provavelmente não vai dar certo. É uma ideia louca, mas o que mais nós temos senão isso?”

Ideias loucas? Nós não tínhamos nada além disso.

“Envolve polias. Elas ainda estão lá.”

Eu sabia exatamente o que ele estava sugerindo.

“Mas não temos corda.”

O rosto dele se iluminou. “Errado. Nós temos corda suficiente para amarrar a Boca do Inferno inteirinha. Tem um estoque imenso no depósito.”

Eu me reclinei na parede ao lado dele, com a mente a mil. Era loucura.

Pegue-os desprevenidos. Surpreenda-os, Aleski.

Poderia dar certo.

Era isso que nós iríamos fazer.

Sou ladra, habilidosa, dos olhos sou ilusão.

Eu sabia a resposta da charada de Kazi.

E da minha.

Achávamos que eles tinham ido embora. Que estávamos seguros. No entanto, mais abutres sempre vinham. Miandre foi até a floresta para buscar ervas e eles a pegaram. Não a devolveram. Agora ela está com eles, gritando no portão. Ela nos xinga. Ela é um deles agora. Mas não é. Eu a vi olhando para mim por cima do ombro. Vejo seus olhos. Ela se pergunta quando nós vamos buscá-la. Logo, é o que quero lhe dizer. Da próxima vez que eles vierem, nós estaremos escondidos na floresta. Esperando. Os outros dizem que é impossível. Os abutres são maiores do que nós e são muitos. Eu digo a eles que sempre existe um jeito de realizar o impossível, de torná-lo possível. Nós encontraremos esse jeito. Rezo para que eu esteja certo.

— Greyson, 17 anos -

CAPÍTULO 46

K A Z I

BANQUES ESPERAVA NA SALA, COM O OLHAR FIXO NO FOGO E uma expressão perplexa no rosto. “Nem eu sei o que ele está armando, mas tenho certeza de que você não vai gostar. Eu lhe darei um conselho. Diga-lhe o que ele quer saber agora. Você fará isso em algum momento. Poupe-se da agonia.” “Deixe-me em paz, Banques. Seu destino com certeza será pior do que o meu. Em algum momento você será morto por ele. Ele sequer confia em você. Ele vai se virar contra você... é só uma questão de tempo.” Minha voz soava calma, mas por dentro eu estava bem longe disso. Minha mente pulava de um pensamento para o outro, buscando desesperadamente uma última saída, até mesmo suplicando, embora eu soubesse que era inútil. Talvez fosse o que acontecia ao estar prestes a morrer. Parávamos de pensar de modo racional e nossa mente lutava, agarrava e se segurava em um último grão de areia que pudesse nos impedir de cair de um penhasco.

Banques se virou para mim e riu. “Montegue precisa mais de mim do que eu dele. Você faz alguma ideia de quanto poder eu tenho? Mais do que já sonhei que teria na vida. Quando eu era capitão em Morrighan, sonhava em comandar meu próprio posto avançado um dia. Coronel — isso era tudo a que eu aspirava. Agora eu sou general e comando o mais poderoso dos exércitos do continente. E são apenas quinhentos homens nas tropas até agora. Isso é incrível. E logo aumentaremos nosso estoque de poder. É uma beleza.”

Beleza? Que tipo de homem louco descreve armas como uma beleza?

Ele continuou falando, absorto em suas maquinações. “Agora estamos desenvolvendo uma balista capaz de acertar alvos a quilômetros de distância. Todos os reinos ficarão...” Ele sorriu e deu de ombros. “Digamos apenas que seremos o centro do universo de todos. Nada poderia me fazer desistir desse tipo de poder, ainda mais por alguém como você. Eu sonho com coisas que Montegue sequer pensou ainda. Ele é o parceiro perfeito nessa empreitada.”

Latidos irromperam ao longe, uivos, como se hienas tivessem encontrado um coelho e o estivessem dilacerando. Banques se virou em direção à porta. Os latidos ficaram mais altos e foram acompanhados por passos. Banques balançou a cabeça.

Eu ainda estava de costas para a porta, mas ouvi quando foi aberta com tudo, e a sala foi instantaneamente preenchida por rosnados e latidos selvagens. Montegue se aproximou, batendo os pés no chão, e girou minha cadeira para que eu ficasse de frente para tudo aquilo.

Um cuidador segurava as coleiras de dois cães que lutavam para se soltar. E não eram quaisquer cães.

Ashti.

Saliva amarga encheu minha boca.

Montegue desamarrou meus braços e minhas pernas, mas meu pescoço ainda estava acorrentado ao pilar central. “Levante-se”, ele ordenou.

Fiz o que ele mandou, e ele empurrou a cadeira para longe.

“Veja como eles estão ansiosos”, ele se gabou como se os controlasse. “Já estão babando por você.” Ele se inclinou, aproximando-se de mim, e sussurrou: “Isso é sujar as minhas mãos o suficiente? O que quer que Banques tivesse planejado para você, eu juro que não seria nada em comparação a isso. Me disseram que não há morte como essa. Bem lenta. Muito dolorosa. Alguns a comparam com ser queimado vivo — mas aos poucos. Pode levar vários dias”.

Eu me lembrei das poucas horas de dor que tinha vivenciado quando fui mordida por eles no túnel dos Ballenger. Foi insuportável.

Jase me falou que a agonia de uma morte como essa poderia durar até uma semana.

“Escondi o seu frasco atrás do banco no pavilhão”, confessei. “Eu ia voltar para buscá-lo, mas não tive oportunidade.”

“Que bom”, disse Montegue, assentindo. “É um começo. Vamos verificar isso agora mesmo.”

Ele foi andando até o cuidador e pegou as coleiras dele. “Se finalmente estiver dizendo a verdade, você terá o antídoto.”

E então ele soltou os cachorros.

CAPÍTULO 47

J A S E

JUDITH USOU UMA PESADA COLHER DE MADEIRA PARA ERGUER um manto fumegante de uma grande panela de tinta que fervia. “O que você acha, *Patri*? Preto como a meia-noite, como você ordenou.”

“Está perfeito, Judith.”

Ela começou a fazer o mesmo com o próximo manto. Desde ontem, ela mostrava ter recuperado a vivacidade, voltando a usar os cabelos em tranças ajeitadinhas para trás, uma determinação renovada visível em seu rosto enquanto ela analisava a água fervente. Todos eles estavam acordados desde bem antes da alvorada. Dormir era algo que podia esperar mais um dia. Gunner e eu não tínhamos dormido nada. Assim que decidimos qual seria nosso curso de ação, começamos a vasculhar as catacumbas em busca de suprimentos para então decidirmos quem faria o quê.

Todo mundo foi incumbido de uma tarefa. Até mesmo as crianças. Elas estavam ocupadas tecendo folhas e musgo para fazer uma espécie de chapéu, que Tiago e Hawthorne costuravam. Minha mãe, Rhea, Wren e Samuel mediam extensões de corda. Gunner estava certo. As prateleiras estavam quase tão cheias de corda quanto de tâmaras.

Aram e Titus haviam partido rumo à cidade enquanto ainda estava escuro. Eles precisavam estar lá quando o sino tocasse pela primeira vez, na hora em que Banques fazia os anúncios. Rezei para que não houvesse nenhum anúncio hoje. Todas as viagens para subir e descer a montanha eram arriscadas, mas Titus e Aram conheciam o lugar como as palmas de suas mãos. Eles também tentariam buscar Aleski e Imara. Aleski precisava espalhar a notícia de que todo mundo deveria aparecer para o enforcamento de Kazi. Precisávamos de uma praça cheia. Também iríamos precisar de mais cavalos, e, se alguém seria capaz de pegá-los “emprestados” sem se fazer notar, essa pessoa era Imara.

“Assim”, instruí Mason, mostrando como carregar o lançador. Seria ele quem teria de dispará-lo. Eu estaria ocupado com outros deveres. “Você consegue dar quatro disparos por carga de munição, mas só deve precisar de um.” Tentei me lembrar de todas as instruções que Bahr me dera. Fazia muito tempo desde que eu havia atirado com aquele lançador. “Mantenha-o bem colado ao ombro”, eu disse a ele. “A estrutura absorverá a maior parte do impacto, mas haverá ainda um forte recuo. Deixe os pés afastados e firmes.”

Ele mirou, imaginando um alvo na parede mais afastada da estufa. Infelizmente, não podia testá-lo, ainda mais dentro da caverna. Até mesmo

lá fora, o som seria capaz de percorrer quilômetros e chamaria atenção, e, com o céu aberto, não poderia ser confundido com trovões. Remove-mos a munição e continuamos praticando.

“Olhe para o seu alvo da mesma forma como faria se estivesse disparando uma flecha, e então mantenha-o firme enquanto puxa o gatilho, tranquila e suavemente.”

“Talvez seja eu quem deva atirar com essa coisa”, disse Synové, e então deu de ombros. “Quero dizer, isso se vocês precisarem de alguém com uma boa mira.”

“Minha mira é boa”, replicou Mason entredentes.

Synové grunhiu em resposta.

Ela já sabia qual seria sua tarefa. Uma flecha com fogo. Talvez várias delas. Abrir um rombo em uma parede com uma rajada não requeria precisão. *Já incendiar o conteúdo, sim.*

Priya veio cruzando a estufa, batendo os pés, na minha direção. “Todos nós vamos morrer, vocês sabem disso, né?”

“Você não pensava assim quando tínhamos doze anos.”

“Agora eu penso. Ele não consegue nem fazer um nó direito para salvar a própria vida”, ela resmungou, mexendo a cabeça na direção de Paxton, que caminhava alguns passos atrás dela.

“É para isso que você está aqui. Para ensinar as coisas a ele.”

“Acho que consigo agora”, disse Paxton, em tom de desculpas. Ele gaguejou mais algumas palavras e, por fim, disse: “Sinto muito”.

Priya soprou uma longa baforada de ar e revirou os olhos.

“Talvez todos iremos morrer”, foi a minha resposta. “Mas, se isso acontecer, morreremos lutando.”

“Não venha recitar a história para cima de mim”, foi a resposta dela. “Quem é você? Greyson Ballenger?”

“Preciso que ele esteja focado nisso, Priya. Por favor.”

Ela olhou para mim, a frustração sendo drenada e uma expressão preocupada tomando o seu lugar. Era insanidade. Eu sabia que estava pedindo muito. Ela fechou os olhos e assentiu como se estivesse se fortalecendo, e então se virou para Paxton. “Vamos, gênio”, ela falou para ele, e eles voltaram a praticar os nós.

Todos nós vamos morrer.

Talvez, pela primeira vez, eu estivesse realmente entendendo todas as gerações da história que havia estudado e transcrito, assim como o desespero de Greyson Ballenger quando ele colocou gravetos nas mãos de sua nova família adotada.

Talvez agora eu entendia, por fim, que a história não estava apenas escrita nas paredes e nos livros, mas era formada por mil decisões diárias, e algumas delas davam errado, algumas davam certo, e algumas decisões eram tomadas apenas porque o tempo estava se esgotando. Espe-

rar que alguma outra pessoa escrevesse a nossa história não era uma maneira de viver. Às vezes era apenas uma forma certa de morrer.

Cruzei a estufa e parei para olhar um dos mantos finalizados, pretos por dentro e da cor da floresta por fora. Uma mentira perfeita.

Aqui está, Pai. Escute.

Eu vi Kazi olhando de esguelha para mim. Seu sorriso largo. Seus lábios apertados. A ruga entre suas sobrancelhas. Sua voz. Tudo isso estava claro na minha mente.

*Tenho dois braços, mas nenhum osso,
Não posso ser ferida, nem vista no fundo do poço.
Tenho cabeça, rosto não posso ter,
Não preciso de olhos para alcançar você.
Sou ladra, habilidosa, dos olhos sou ilusão,
Meus mantos são feitos de mistério e invenção.
Baixa, magra, alta, monstruosa, sou de cada forma,
Mas, quando a meia-noite chega, em nada ela me transforma.*

Uma sombra. Uma ilusão dos olhos. Era isso que eu me tornaria. O que todos nós nos tornaríamos.

CAPÍTULO 48

K A Z I

MONTEGUE ESTAVA SENTADO NA BEIRADA DA CAMA, OLHANDO para mim.

“Não estava lá”, ele disse em um tom sussurrado.

Haviam se passado algumas horas. Eu já estava fraca e tremendo de febre. Eles haviam me levado para a cama, mas meu pescoço ainda estava acorrentado. Sequer se deram ao trabalho de atar as minhas mãos e os meus pés. A Curandeira deles estava ocupada, envolvendo meus ferimentos com bandagens. Havia uma mordida no meu antebraço, outra na minha coxa, e a dor já estava insuportável. Banques, Zane e Garvin estavam parados perto da porta. Eles haviam acabado de retornar do pavilhão.

Cada palavra saía com esforço, arrastada e trêmula. “Está escuro”, falei ofegante. “Eu juro que está lá. A menos que alguém o tenha pegado.”

Montegue afastou uma mecha dos meus cabelos da minha bochecha e balançou a cabeça em negativa. “Ninguém o pegou. Talvez, quando eu estiver de volta dentro de algumas horas, sua língua esteja um pouco mais solta.”

Puxei o grilhão que estava em volta do meu pescoço, tateando desesperadamente em busca da tranca. Mesmo que eu tivesse algo para enfiar e tentar abri-la, meus dedos tremiam descontroladamente. E então a câimbra começou. A cada poucos minutos, um espasmo violento me fazia dobrar ao meio. A sala girava, estava borrada, o chão não parecia firme. *Sua língua esteja um pouco mais solta.*

Esse era o meu maior medo. E se isso de fato acontecesse? E se, enquanto eu perdia o contato com a realidade, eu dissesse coisas? E se eu respondesse às perguntas dele? Se eu contasse a ele onde estavam Lydia e Nash? Ou se eu revelasse a localização da outra entrada das catacumbas? E se eu contasse que Jase estava vivo?

Pratique, Kazi, pratique o que você vai dizer, por mais que a dor fique mais intensa.

Horas se passaram. Dias. Semanas. Uma eternidade. Eu gritei para que eles voltassem.

Minha pele ardia em chamas.

Meus olhos eram como carvões. Meus lábios se derretiam junto aos dentes.

O fogo queimava a minha garganta.
O aro de ferro em volta do meu pescoço estava derretido.
Eu não sei onde eles estão! Eu não sei onde...
Eu não sei! Eu não...
Eu... Eu...
Eu...

E então eu fui estilhaçada.
Contei a eles tudo que queriam saber.
Cada palavra ensaiada.
A arena.
Os estábulos.
O templo.
Darkcottage.
Ponta da Caverna.
Eu os enviei em uma busca por toda parte.
Até que as palavras se esgotaram, e havia apenas dor.

De repente, Zane estava ali. Minha mãe corria para pegar o cajado no canto. *Onde ela está? Onde está a pirralha?* Os segundos e os anos giravam em espirais de névoa. O rosto de Zane perto do meu. *Ninguém acreditará em você agora. Você poderia dizer qualquer coisa para salvar a sua pele. Fique de bico fechado, ou eu vou matar a sua mãe. A culpa será sua se ela morrer. Você ainda pode salvá-la.* Eu pisquei e ele se foi. Desapareceu. Eu não sabia ao certo se em algum momento ele realmente havia estado ali.

Zane aqui novamente, mais uma vez, seus lábios tocando na minha orelha, sussurrando meus piores pesadelos.

Por favor. Voltem.
Por favor. Me deixem morrer.
Mas eles não voltavam. E não me deixavam morrer.

O cobertor estava molhado sob o meu corpo, ensopado com o meu suor. Um líquido frio tocou os meus lábios. Senti minha língua novamente. A dor voltou. O fogo na minha garganta esfriou.
Ouvi vozes. Rostos agigantavam-se na minha frente, mas meus olhos não tinham foco. Uma mão envolveu gentilmente a minha. “É o Jase.

Você consegue me ouvir, Kazi? Estou aqui.”

“Jase?”

“Sim, sou eu. Você vai ficar bem, mas preciso da sua ajuda. Lydia e Nash estão mortos. Mas, se eu for rápido, ainda consigo salvá-los usando o pó das estrelas. Onde está, Kazi? Me diga. Logo.”

“Não, eles não podem estar mortos. Eles não podem...”

“Vai ficar tudo bem.” Seus lábios encontraram os meus, sua língua explorava a minha boca, sua mão acariciava a minha bochecha. “Apenas me conte, meu amor, diga-me onde está.”

Como é que Jase sabe do pó das estrelas? Como ele poderia...?

Talvez ela não saiba?

Ela sabe. Nunca confie em nada que uma ladra lhe disser, nem mesmo quando ela estiver delirando.

A voz de Garvin.

O líquido frio escorreu dos meus lábios até as pontas dos dedos. A sala parou de girar.

E então eu vi o rosto que se agigantava à minha frente.

Era Montegue.

As vozes eram pesadelos agora. Eu não podia confiar em nenhuma delas. Elas martelavam a minha cabeça.

É o Jase. Lydia e Nash estão mortos. Diga-me onde está.

Ninguém acreditará em você. Você ainda pode salvá-la...

Fique de bico fechado, ou eu vou matá-la.

Diga-me onde está.

Alguma coisa fria escorria pela minha garganta. A dor recuou de novo, e eu vi Montegue parado diante da minha cama. Ele ordenou que todo mundo saísse do quarto.

“Só se passaram dois dias desde que você foi mordida”, disse ele. “Você ainda tem dias dessa agonia pela frente.” Ele ergueu o copo do qual tomei um gole. “A Curandeira lhe deu um remédio para aliviar a dor. O efeito só vai durar uma hora, e então a dor retornará.”

Ele puxou a cadeira para perto da cama e sentou-se ao meu lado, segurando minha mão na dele. “O antídoto acabaria com seu sofrimento para sempre. Talvez nós possamos...”

“Eu nunca vou lhe dizer nada, Montegue.”

“Vai sim. Acredite em mim, você vai falar.”

E assim foram todos os dias. Ou talvez tivesse acontecido a cada poucas horas. Eu não sabia ao certo. Perdi a noção da luz que vinha da janela do sótão. A luz ofuscante sempre estava lá, atrás dos meus olhos, até que o torpor líquido era despejado pela minha garganta, porque eles queriam me dar uma outra chance. Uma hora ou duas de lucidez e, em seguida, interrogatório. E depois eu afundava novamente em meu inferno flamejante.

Mais líquido frio.

Mais perguntas.

Mas até mesmo meus momentos de lucidez estavam ficando borrados. A cada vez que eles me traziam de volta da beira do precipício, eu estava mais fraca. Tudo que eu queria fazer era dormir, desaparecer aos poucos nesses breves momentos de calma. Sonhar. Me prender a algo bom. Mas até mesmo o sono era tirado de mim. Às vezes, Montegue, Banques e Zane ficavam sentados no aposento, conversando sobre os negócios do reino, esperando o remédio fazer efeito e minha tremedeira passar. Era como se eles estivessem mantendo uma vigília amigável em um leito de morte. Mais cadeiras foram trazidas para cá. Às vezes eles discutiam, roubando minha paz nesses breves minutos em que eu me via livre da dor.

Eles estão resmungando por causa do pagamento.

Eles vão receber.

Experimente isso.

Delicioso. Me passe o jarro da bebida.

Mais duas cargas. Só isso.

Por que não está pronto ainda?

Eu posso movimentar apenas uma carga por dia sem ser notado. Termine isso. Não é seguro onde está. Muita gente passa pela arena. E eles encontraram um esquadrão de olheiros assassinados em uma ruína ontem. Foi uma coisa feia e sangrenta. Ainda há lealistas por aí.

Ouviu isso? Nós precisamos colocar no subsolo. Faça isso amanhã.

Mais vinho, Vossa Majestade?

Inclua espiã na acusação. Isso validará nosso ataque quando o fizermos.

Alguém jogue água na cara dela. Quero que ela esteja olhando para mim quando eu fizer as perguntas.

A mão da Curandeira tremia enquanto colocava mais de seu remédio em um copo. Meu corpo foi tomado por outra convulsão. Ela se inclinou, aproximando-se de mim, e eu ouvi uma voz distante. Seria a dela? *Sinto muito. Não tenho nenhum antídoto. Nunca tive. Mas tenho um outro veneno que poderia lhe dar. Ele acabaria com isso para você. Eles nunca ficariam sabendo. Balance a cabeça se quiser que eu lhe dê o veneno.*

A Morte caminhava a passos largos pelo aposento, me observando, impaciente.

Ele se aproximou e ficou me encarando, seus dedos esqueléticos se curvavam em volta do pilar da cama, seu olhar me cortava, como se sou-

besse em que eu estava pensando. *Pisque por último. Sobreviva a mais um dia.*

Meus ombros tremiam com a frieza que ele emanava. Eu sempre havia pensado que aquelas palavras eram minhas, mas eram *dele*. Tinham sido dele o tempo todo. Eu me lembrei do medo que me agarrara naquela noite, há tempos. O sussurrar. Seu desafio para que eu permanecesse viva.

Senti seu medo agora. Ou talvez fosse sua fúria.
Sobreviva a mais um dia.

CAPÍTULO 49

J A S E

A LUA ERA UMA FOICE AFIADA NO CÉU, UM LARANJA ESFUMAÇADO em contraste com uma cortina de estrelas. Uma lua ceifadora, cuja luz não era suficiente para nos expor. Nós éramos sombras, árvores, um exército de espectros que estava ali, mas que, absolutamente, não estava.

Nós nos reunimos sob Calíope, a maior das *tembris* logo além das margens da cidade. Os braços dessa árvore se estendiam até alcançar as outras *tembris*. Em seguida vinha Eudora, depois Acantha e, ainda, Gaia. Nós as chamávamos de As Irmãs.

Uma flecha sem ponta de Synové zumbiu suavemente pela noite e então caiu no chão, depois de circular um dos galhos mais baixos da árvore. Usamos o cordão atado a ela para içar uma corda mais pesada e cheia de nós até uma *tembris* bem alta. Seis de nós iríamos subir.

Vínhamos esperando por cinco dias. O anúncio só foi feito ontem. Eu andava de um lado para o outro dentro das catacumbas como um louco, me perguntando o que eles estariam esperando. O que estava fazendo com que demorassem tanto? Parecia insano esperar, ansioso, pelo enforcamento dela — mas eu não deixaria acontecer.

Estaríamos posicionados quando o sol se erguesse.

Os soldados postados nos telhados estariam olhando para baixo, procurando por encrenca, quando deveriam olhar para cima.

CAPÍTULO 50

K A Z I

NESTA NOITE EU ACORDEI. OU TALVEZ FOSSE UM SONHO. MAS meus olhos pareciam estar abertos. O aposento estava tão escuro como o buraco mais profundo e sombrio do mundo, e caía dentro dele, um buraco sem fim, mas, pela janela do sótão, brilhava uma luz, a luz mais brilhante que eu já tinha visto na minha vida.

Segure-se em mim, Kazi. Deixe-me mostrar as estrelas para você.

Observei uma galáxia cintilante passando pela pequena janela. Da estrela mais baixa no horizonte até a mais alta nos céus. Algumas delas eram cavalos correndo pelo firmamento. *Não olhe para baixo. Mantenha o olhar fixo nas estrelas. Aquela ali é o Ouro dos Ladrões. E ali fica o Ninho da Águia.* Fiquei observando-as cintilar, enquanto ouvia Jase sussurrar histórias sobre o universo.

Segure-se em mim, Kazi. Peguei você. Não vou soltá-la.

“Eu sei, Jase”, respondi. “Eu sei.”

Ela ainda está tremendo.

Dê-lhe mais.

Eu não tenho certeza se isso vai ajudar.

Ela precisa ir andando até lá fora por si mesma.

Uma mão bateu bruscamente no meu rosto.

Acorde, soldada. De pé.

Mais líquido foi forçado contra os meus lábios. Quase vomitei.

Beba isto.

Não acho que ela consegue ouvir o que você está falando.

Ela já está quase morta. Não vai conseguir chegar até a força.

A multidão está esperando. Ela tem de conseguir.

Mais líquido frio. Mais tosse, engasgo, mas a tremedeira cessou. Rostos borrados se tornaram pessoas. As mesmas pessoas.

“Esta é a sua última chance de se salvar, soldada. Entregue-os para nós. Os Ballenger só traíram você. Sabemos que existe uma outra entrada. Era para lá que você estava indo quando foi capturada. Diga-nos onde fica.”

“O templo. Os estábulos. A arena. A...”

Montegue me agarrou pelos braços e me sacudiu. “Por quê? Por que está arriscando perder sua vida?”

“Um juramento. Jase.”

“Jase está morto.”

“Só para você”, falei.

“Ela ficou completamente louca!”, disse Banques irritado. “Vamos andar logo com isso.”



Uma porta foi batida com força. Eu estava em algum tipo de carrinho. As tábuas de madeira sob as minhas mãos estavam úmidas. Por mais que eu tentasse manter o foco, sentia que estava deslizando, me desgarrando do mundo.

Você vai morrer com nada. Você será um nada.

Montegue estava enganado.

Talvez, às vezes, a vida, as fantasias e a família se degenerassem por completo. Mas eu tinha amado e sido amada profunda e plenamente, não apenas uma vez, mas duas, na minha vida. Eu não trocaria isso nem por todas as riquezas que Montegue tivesse a oferecer.

CAPÍTULO 51

JASE

PUXEI MINHAS LUVAS E APERTEI OS DEDOS. ELES PRECISAVAM estar quentes, preparados.

Ficamos esperando a noite toda pela chegada da alvorada.

Além do meu próprio papel nessa empreitada, repassei as funções de todo mundo na minha cabeça pelo menos uma dezena de vezes, embora fosse tarde demais para mudar qualquer coisa.

O plano começaria com Mason, Synové e o depósito de gelo que ficava a três avenidas de distância da praça, atrás da tanoaria. O rugido da multidão seria o sinal.

A maior parte do depósito de gelo ficava no subsolo. Era lá que estavam as munições. Tudo que Mason tinha de fazer seria detonar o telhado. Synové viria em seguida, com uma saraivada de suas flechas de fogo.

E esse seria meu sinal para entrar em cena.

A multidão já estava volumosa, quase todos vestiam mantos cinzentos e pretos. Soldados com escudos chegaram, ladeando as escadas que davam para a plataforma. Zane chegou. Garvin chegou. Garvin, com seus olhos de águia. Porém, assim como os soldados dispostos nos telhados, ele estaria olhando para baixo.

Eu nunca tinha visto Banques. Continuei olhando para Paxton, para ver se ele tinha chegado, o que indicaria que a execução estaria prestes a acontecer. Paxton balançou a cabeça em negativa. Ainda não.

Eu não conseguia ver Priya, nem Wren ou Titus. Eles haviam assumido posições em outras árvores, que lhes possibilitavam uma área perfeita para atirar nos telhados da praça. Eu mal conseguia ver Gunner ou Paxton, que estavam no mesmo galho que eu, seus mantos negros virados do avesso com a chegada da alvorada agora faziam parte da copa oscilante da *tembris*.

Meu coração socava o peito enquanto eu esperava, e então Paxton me cutucou. *Ali*.

Um homem havia saído de uma carruagem. Trajava um uniforme preto e uma larga faixa decorativa dourada cruzava seu peito. Ele subiu as escadas rapidamente, com sua capa ondeando ao vento atrás de si. Os cabelos pretos cheios estavam puxados para trás e brilhavam quase tanto quanto a faixa dourada em seu peito. Um magistrado que havia se tornando general. Ele era mais jovem do que eu esperava.

Ele assumiu um lugar na plataforma. Ainda não havia nenhum sinal de Kazi nem de Montegue. Será que ambos ainda estariam na carruagem? Paxton estendeu a mão, fazendo sinal para eu me acalmar. Esperar.

Banques abordou a multidão e começou a ler os crimes pelos quais Kazi estava sendo acusada. Roubo. Tentativa de regicídio. Espiã do reino de Venda. “E, talvez, o pior de todos: ataque a crianças inocentes. Lydia e Nash Ballenger estão se recuperando do ataque graças à ação rápida do rei para protegê-los.” Um murmúrio percorreu a multidão, e Banques assentiu em aprovação. Ainda não havia sinal de Kazi. Onde estaria ela? Por que eles estavam esperando para trazê-la para fora? Olhei para Paxton, que balançou a cabeça em negativa. Isso não era normal. “Por seus crimes contra a Eislândia, ela foi sentenciada à morte por enforcamento diante das testemunhas que se encontram aqui hoje. Que fique declarado a todos os reinos que a Eislândia não tolerará interferência por parte de nações estrangeiras, nem ataques a seus cidadãos. O rei está comprometido com a proteção de seus súditos por todo e qualquer meio.”

Ele ergueu uma das mãos para os guardas ainda parados perto da carruagem. Eles abriram a porta e dali saiu o rei. Montegue. Uma onda de silêncio passou pela multidão. Até mesmo do alto da *tembris*, eu podia ver o longo talho que cruzava seu rosto. A evidência da tentativa de regicídio. No entanto, o que eu notei, ainda mais do que a cicatriz, foi um outro tipo de transformação, na forma como ele andava. Ele estava mais alto, mais forte — até seus ombros pareciam mais largos. Seu peito estava inflado com o poder. Esse não era o fazendeiro incompetente que eu tinha conhecido. Ele subia as escadas com confiança, parecendo mais velho do que apenas uns poucos meses atrás. Ele levantou a mão para a multidão que o esperava, e seguiu-se uma chuva de congratulações. Parando no meio do caminho, nas escadas, ele parecia estar absorvendo tudo aquilo enquanto virava a cabeça e esquadrihava a multidão. Ele ficou por um minuto ali, a céu aberto, um alvo fácil para Synové, talvez até mesmo para Priya, mas nós ainda não sabíamos onde estava Kazi. Engoli a tentação urgente de descer voando e matá-lo agora.

Ele se aproximou de Banques, ficando ao lado dele, e guardas com escudos assumiram suas posições ao redor de ambos. O suor escorria pela lateral do meu rosto. *Apenas tragam-na aqui para fora. Eu preciso vê-la.*

Gunner estendeu a mão e pousou-a no meu braço. Assenti. Eu estava bem.

Montegue repetiu algumas das acusações e as reforçou ainda mais, sem adicionar nenhum detalhe ao que Banques já havia dito, mas então acrescentou: “A prisioneira teve a oportunidade de confessar sua traição e receber a misericórdia do rei, mas recusou, e por esse motivo, essa soldada e espiã selou seu destino”. Ele fez sinal para os guardas que estavam parados perto de uma carroça fechada. “Tragam a prisioneira. Que ela enfrente a justiça!”

Eles abriram a pequena porta, e um soldado meio que rastejou para o interior da carroça. Ele parecia estar fazendo esforço. Será que Kazi es-

tava oferecendo resistência? E então ele a puxou para fora. Eu tive meu primeiro vislumbre da minha esposa em semanas e imediatamente soube que havia algo errado.

Ela veio aos tropeços para a frente, e o guarda a pegou pelo braço para impedi-la de cair.

As mãos dela não estavam atadas. Uma soldada Rahtan sendo conduzida à sua execução sem estar amarrada?

Guardas em cada lado dela ajudaram-na a subir os degraus. De onde eu estava, não conseguia ver bem seu rosto, mas ela não parecia machucada, embora estivesse magra. As maçãs de seu rosto estavam mais proeminentes. Será que eles a haviam deixado passar fome? Olhei para Paxton e para Gunner. Eles assentiram, em prontidão.

Montegue se aproximou de Kazi, sussurrando alguma coisa, e então ele ergueu bruscamente o rosto dela. Eu não conseguia saber se os lábios dela estavam se mexendo ou não, mas Montegue se afastou nervosamente e ordenou que os guardas a levassem pelo passadiço até onde a força a esperava.

Um dos guardas posicionou-a no centro da plataforma, enquanto o outro esticou a mão por sobre o parapeito e puxou uma corda para aproximar a força dela. Estava na hora.

“Enforquem-na!”, gritou uma voz na multidão, o que serviu para fazer com que todos no local gritassem em coro. “Enforquem-na!”, foi o que ecoou pela praça e além dela — até pelo menos três ruas de distância dali, onde Mason e Synové estavam à espera.

Eu me prontifiquei, firmando minha bota no laço da corda.

Uma rajada soou. Sem dúvida, era um lançador.

O rei e Banques se abaixaram bem, soldados os cobriram com seus escudos, enquanto os que estavam posicionados nos telhados se aproximaram, com seus lançadores erguidos, procurando pelas ruas, e os que estavam nas ruas se viraram, olhando em todas as direções. E então, logo depois da rajada, antes que eles pudessem se reagrupar ou entender o que estava acontecendo, uma explosão de estourar os tímpanos fez tremer o chão. Edifícios ficaram abalados, e uma gigantesca nuvem de fumaça preta subiu espiralando pelo céu, pouco além da praça. Seguiu-se uma chuva de destroços. Houve gritos, um pandemônio. Cidadãos saíram correndo, e soldados iam em disparada por toda parte. Um ataque parecia iminente, e Kazi foi temporariamente esquecida.

Foi então que eu saltei.

CAPÍTULO 52

KAZI

O MUNDO FLUTUAVA EM UM BORRÃO AO MEU REDOR, MAS EU ouvia os sons, o ranger da porta da carroça sendo aberta, a ordem do guarda para que eu seguisse em frente, o *tunc* enquanto eu tropeçava no chão, e então mãos segurando com firmeza os meus braços. *Gire, levante, chute*. Minha mente estava disposta, mas os meus braços e as minhas pernas não davam ouvidos a ela.

E então ouvi a voz de Montegue novamente, senti sua quentura enquanto ele se pressionava contra mim. “Você ouviu isso? A multidão? Eles me amam. Eu *não* sou um rei de nada. Eu sou um rei grandioso.”

Meus lábios se mexeram, mas eu não tinha certeza se eles pronunciaram as palavras em voz alta. *Tolo. Você é um tolo, Montegue. Líderes realmente grandiosos não têm de correr atrás do amor. O amor vai ao encontro deles.*

Ele segurou meu rosto com força com uma das mãos, afundando os dedos, e ergueu a minha cabeça de modo que eu tivesse de olhar para ele. Seus olhos escuros entravam e saíam de meu campo de visão. Seus lábios eram uma mancha raivosa e borrada na minha frente.

“Eu menti para você”, ele me disse em um sussurro. “De fato, eu matei o meu pai. E foi a coisa mais gratificante que já fiz na minha vida — até agora. Observar você sendo enforcada hoje eclipsará isso.”

Ele tinha ouvido as minhas palavras. Eu tinha conseguido fazer com que ele as ouvisse. Talvez essa fosse a minha última pequena vitória. Sorri.

Ele me empurrou para longe, e eu me senti sendo guiada para a frente uma vez mais.

“Fique parada aí”, sussurrou um dos guardas. Parada. O efeito do remédio estava passando. Eu já sentia a dor flamejante rastejando pelo meu couro cabeludo, meus joelhos ardendo como que em chamas, cedendo, e então um som dividiu o mundo ao meio. Minha cabeça se inclinou para trás e eu vi uma sombra alada descendo lá de cima. Achei que fosse o anjo da Morte que finalmente tinha vindo me buscar.

Sobreviva a mais um dia, Kazi.

Tentei resistir, mas estava fraca demais, e ele me agarrou com uma força imensa.

CAPÍTULO 53

J A S E

O ZUNIDO DA CORDA NA POLIA RESSOAVA NOS MEUS OUVIDOS. Meu manto, meus cabelos, tudo voou para cima, enquanto eu mesmo descia voando. “Segure-se em mim, Kazi! Coloque o pé no laço.”

Mas ela não fez o que mandei. Suas pernas não se mexiam, e seus braços pendiam inertes nas laterais do corpo. Envolvei a cintura dela com meus braços, apertando-a junto a mim, e lancei um assovio entredentes — o sinal de que ela estava comigo e que eu devia ser içado. Não fiquei ali por mais de três segundos, uma sombra, uma ilusão de ótica, e então estávamos voando para cima novamente, e, no meio do caminho, o peso que Gunner e Paxton haviam empurrado da *tembris* passou por nós — três corpos de soldados atados que eram mais do que suficientes para contrapor o nosso peso.

“Peguem-na!”, eu disse quando chegamos ao topo, então Paxton e Gunner ergueram Kazi até o galho da árvore, e em seguida me puxaram também. “Eles devem tê-la drogado para que não oferecesse resistência”, falei. “Terei de carregá-la.”

Os galhos da *tembris* eram amplos o bastante para que pudéssemos percorrê-lo praticamente sem sermos vistos de lá de baixo, mas, com Kazi em meus braços, eu não podia saltar os vãos entre eles e tinha de seguir abrindo caminho com cuidado. Isso diminuiu a velocidade de todos nós, e às vezes precisei entregá-la a Gunner ou a Titus para que eu mesmo pudesse passar de um galho ao outro em segurança. A ordem já estava sendo retomada lá embaixo, e um teatro cuidadosamente orquestrado de cidadãos e dirigido por Aleski se mexia e se movia, absorvendo a presença de Mason, Synové, Aram, Samuel e Hawthorne, de modo que eles se perdessem em meio à multidão. Gritos convenientemente cheios de horror eram oferecidos aos soldados que haviam caído dos telhados, para que o rei e Banques soubessem que os cidadãos foram tão surpreendidos por tudo aquilo quanto eles. A essa altura, o peso morto que havíamos lançado pelos ares chamava a atenção de alguns para a copa das árvores.

“Kazi”, sussurrei enquanto corríamos. “Kazi!” Suas pálpebras estavam pesadas, tentando se focar em mim. Pressionei os lábios em sua bochecha. Sua pele estava fervendo. E então ela começou a tremer. O que estava acontecendo com ela? Não se tratava apenas de uma droga para sedá-la.

Lá na frente, nos encontramos com Priya, Wren e Titus. “Quantos vocês derrubaram?”, quis saber Gunner.

“Três.”

“Três.”

“Quatro, mas um deles caiu sem o lançador, o infeliz.”

E então o rosto de Wren foi tomado pelo pânico quando ela me avisou logo atrás de Gunner e Paxton. Ela saltou pelos galhos até chegar ao meu lado. “O que há de errado com ela?”, Wren quis saber, procurando ferimentos com os dedos. “*Kazi*”, disse ela sibilante. A cabeça de Kazi mal se virou.

“Eu não sei”, respondi, “mas temos de continuar seguindo em frente. Precisamos alcançar os cavalos antes deles.”



Segurei Kazi com firmeza em meus braços enquanto eles nos faziam descer até a base de Calíope. Imara nos esperava com os cavalos. Um deles era para ser a montaria de Kazi, mas agora ela teria que cavalgar junto comigo. Titus e Aram haviam tomado conta de uma ruína para que nos escondêssemos por lá até o cair da noite.

Deitei Kazi no chão para fazer uma busca mais atenta por ferimentos no corpo dela.

“Você não tem tempo para isso!”, avisou-me Imara.

Mas Wren e eu tiramos a camisa dela, e foi então que eu vi: linhas finas feito aranhas se arrastavam pelo peito dela como uma renda. Veneno?

Então tateei e senti um curativo sob a perna da calça dela. Cortei o tecido e encontrei o primeiro ferimento. Wren encontrou o outro no braço dela. Mordidas. Mordidas de cachorro. Fui inundado pela descrença.

“Ela foi mordida por um *ashti*”, falei.

Todo mundo estava reunido em círculo ao nosso redor, olhando para ela.

“Ela não vai sobreviver à noite nas ruínas”, disse Gunner.

Priya resmungou: “Ela vai precisar do antídoto. E rápido”.

“Metade do exército deles já está atrás de nós”, disse Titus. “Se não nos escondermos nas ruínas até o cair da noite...” Ele deixou a frase incompleta, pairando no ar, e então soltou um palavrão.

O único antídoto de que eu tinha conhecimento estava na bolsa da Curandeira — lá nas catacumbas —, no meio do caminho rumo ao topo da montanha. Teríamos de ir correndo até lá em plena luz do dia.

Nenhuma decisão precisou ser tomada. Comecei a pegar Kazi em meus braços, e Gunner começou a dar ordens. Priya e Paxton cavalgariam na frente, ele e Wren atrás, e Kazi e eu iríamos no meio, uma vez que seria difícil me defender dos ataques com ela em meus braços. Titus iria até as ruínas para esperar por Mason, Synové e os outros, e dizer a eles o que havia acontecido. Eles voltariam depois do cair da noite, conforme planejamos. Ele pediu que Imara retornasse à cidade e espalhasse o rumor de que cavaleiros haviam sido vistos no lado oposto da cidade, seguindo para a outra direção, e então ele alterou a rota que havíamos pla-

nejado. Isso significava que teríamos de cruzar duas estradas, mas diminuiria nossa cavalgada em uma hora.

Mihe bateu as patas no chão com força, como se soubesse que sua dona estava em apuros.

Paxton segurava Kazi em seus braços enquanto eu subia na sela de Mihe, e, uma vez que ele havia erguido Kazi até mim e todo mundo estava preparado em suas montarias, eu berrei “*Baricha!*”, e Mihe disparou como se fosse um demônio alado, levantando a terra macia em seu encalço.

Sob as melhores condições, tratava-se de uma cavalgada de três horas da cidade até a entrada escondida. Em alguns lugares, um cavalo não conseguiria seguir mais rápido do que uma pessoa a pé. Toda vez que tínhamos de desacelerar o passo, minha respiração ficava presa em meu peito. Quanto tempo fazia que ela havia sido mordida? Eu nunca tinha conhecido alguém que, de fato, tivesse morrido da mordida de um *ashti* antes. Mas meu pai, sim. Quando eu tinha oito anos de idade e ele estava me ensinando como comandar e cultivar um respeito sadio pelos cachorros, ele me contou que um amigo seu havia morrido da mordida deles. Eles estavam presos na neve em um posto muito acima do acampamento e não conseguiram chegar até a montanha para pegar o antídoto. *Não é uma coisa que algum dia você vá querer ver, menino. Eu gostaria de poder apagar isso da minha memória.* O amigo dele morreu seis dias depois.

Não fora acaso ou acidente. Montegue fizera isso com ela. Por quê? Se ele já a havia sentenciado à força, por que faria isso também?

Porque ela sabia onde estavam Lydia e Nash. Ela sabia onde ficava a entrada.

Kazi tinha informações que poderiam destruir a minha família, e ela não lhes cederia.

Porque Kazi o havia traído e Montegue queria que ela sofresse. Mantive a raiva um pouco afastada de mim, por ora. Eu sabia que ela haveria de me consumir, e então nem mesmo os deuses poderiam me impedir de acabar com Montegue.

Pressionei a mão na boca de Kazi, forçando-lhe a conter seus gemidos.

Kazi. Sinto muito. Apenas mais alguns minutos.

Nós nos escondemos nas árvores e na vegetação rasteira enquanto o pelotão passava na estrada que saía da arena. Cerca de metade deles estava a pé, e a outra metade, a cavalo. Duas carroças cheias de feno viajavam no meio da caravana.

“*Shhh, meu amor*”, sussurrei suavemente no ouvido dela, tentando acalmá-la. “*Shhh.*”

Ao mesmo tempo, fiz carinho no pescoço de Mihe, desejando que ele não batesse as patas nem relinchasse. Qualquer som que Mihe fizesse poderia ser confundido com um dos cavalos deles, mas não poderíamos nos arriscar.

Quando eles fizeram a curva e saíram de nosso campo de visão, cruzamos a estrada lenta e silenciosamente, evitando que até a menor vibração fosse o bastante para alertá-los, e, uma vez que estávamos sob a cobertura da floresta do outro lado, voamos em um galope.

Conseguimos cruzar a segunda estrada que dava para os fundos da torre da Vigília de Tor sem encontrar ninguém, mas agora estávamos viajando ao longo de uma estreita crista montanhosa, e nosso progresso era dolorosamente lento. Kazi tremia e mais um espasmo arrancava a vida dela, seu maxilar e seus punhos estavam cerrados, seus gemidos eram cada vez mais altos, e então ela ficou mole e quieta, o que me assustou ainda mais. Verifiquei sua pulsação. Estava fraca, como se seu corpo estivesse desistindo.

“Fique comigo, Kazi”, eu disse a ela repetidas vezes. “Fique comigo. Nós estamos quase lá.” Mas não estávamos.

Priya ia na frente, liderando o grupo, e gritou para trás: “Como ela está?”

“Nada bem.”

Na maior parte do tempo, não falávamos, por medo de alertar alguma patrulha, mas, no lado íngreme e rochoso da montanha, não havia ninguém para nos ouvir.

Eu falava com Kazi sem saber ao certo se ela podia ouvir alguma coisa, mas nutrindo a esperança de impedir que ela fosse para longe de mim. “Além de comermos uma montanha de bolo de festa, nós teremos de dançar a giga que eu ensinei a você. Na frente de todo mundo. Isso significa que teremos de praticar. Talvez a ensinemos a Wren e Synové também. Elas estão aqui comigo, Kazi. Elas estão aqui por você. Nós todos estamos aqui por você. Fique conosco.” Pressionei os meus lábios em sua têmpora. “Fique.”

“Ou podemos dançar ao som dessa”, comecei a cantarolar “Lua lupina”, uma canção que eu sabia que ela gostava. “Não precisa ser uma giga. Qualquer coisa que você quiser, embaixadora Brightmist. Inclusive aqueles aposentos no andar superior. Eu me certificarei de que estejam sempre cheios de tigelas de laranjas.”

Verão e inverno. Qualquer coisa.

A estreita crista da montanha finalmente desembocou em um planalto coberto de floresta, e eu disse a Kazi: “Aguente firme, embaixadora. Vamos voar novamente. Estamos quase lá”.

E estávamos quase lá.

Cavalgamos por uma clareira, a poucos minutos de distância das quedas d'água, e agradei aos deuses pela passagem tranquila e desobstruída, mas o fiz cedo demais.

“Atrás de nós!”, berrou Gunner. Olhei de relance por cima do meu ombro. Uma patrulha surgiu inesperadamente, galopando e ganhando terreno rapidamente, com arqueiros liderando o caminho. Logo estaríamos ao alcance deles.

Wren e Gunner se aproximaram de mim, um de cada lado. “São nove”, disse Gunner.

“Dez”, corrigiu-o Wren. Eu não poderia lutar com Kazi nos meus braços, e não havia qualquer chance dos outros quatro darem conta de dez.

Paxton ficou para trás. “Vá cavalgando na frente”, ele berrou para mim. “Nós lhe daremos cobertura. Conosco na retaguarda, eles não vão vê-lo entrando no bosque. Priya e eu seguiremos em uma direção, e Wren e Gunner seguirão por outra para afastá-los daqui. Nós os manteremos nos nossos calcanhares.”

Eu não podia discutir. Eu era inútil para eles, e o tempo se esgotava para Kazi, mas eu sabia que eles estavam arriscando tudo.

“Vá!”, ordenou-me Priya. “Agora!”

Segui cavalgando na frente, segurando Kazi com firmeza no meu braço, e berrei “*Baricha!*” para que Mihe fosse mais rápido, um comando que havia me salvado uma vez. Rezei para que esse mesmo comando salvasse Kazi agora.

Desaparecemos em uma direção em meio à floresta, enquanto a minha família desaparecia na outra.



Cavalguei com Mihe caverna adentro tanto quanto pude, e agora eu corria.

“Fique comigo, Kazi!” Não era mais uma súplica, mas um comando. “Fique comigo! Está me ouvindo, droga? Não me deixe!”

Sem mais espasmos da parte dela. Nada de gemidos. Na última vez que tentei encontrar sua pulsação, não a achei.

Meus pulmões ardiavam. Meus braços doíam muito. A tocha na minha mão tremia selvagememente, raspando as paredes, jorrando centelhas.

Joguei a tocha no chão, e então deitei Kazi perto da porta. Agarrei uma pedra do chão da caverna e bati com ela na parede, me esquecendo do código.

Peguei Kazi nos braços.

“Abram!”, eu gritei, chutando-a. “Abram a porta agora!”

Passou-se uma eternidade, até que eu ouvi o baixo grunhido de uma roda e a porta finalmente se abriu.

CAPÍTULO 54

J A S E

IRROMPI PELA PORTA COM KAZI MOLE NOS MEUS BRAÇOS E MANDEI chamar a Curandeira, apressando-me pelas salas. Todo mundo apontava para direções diferentes, sem saber ao certo onde ela estava.

“Por ali.”

“Ela está na enfermaria.”

“Por ali?”

“Talvez esteja na cozinha.”

“Deixe-me carregá-la para você.”

“Não!”, falei, entrando aos tropeços na cozinha. Todo mundo já havia se levantando a essa altura, ouvindo a comoção enquanto eu adentrava as catacumbas correndo, e, quando eles avistaram Kazi em meus braços, a mesa de centro foi esvaziada. Deitei Kazi na diagonal, e minha mãe e a Curandeira se apressaram em sua direção.

“Ela foi mordida por um *ashti*! Ela precisa do antídoto. Você tem?”

“Alguém pegue a minha bolsa na enfermaria!”, ordenou Rhea, e então me afastou para examinar Kazi. Ela balançou a cabeça enquanto olhava para as feridas e para a descoloração nos braços, nas pernas e no peito de Kazi, e então tomou seu pulso. “O coração dela está batendo como o de uma lebre. Há quanto tempo isso aconteceu?”

“Eu não sei. Talvez dias atrás.”

Ela olhou para a minha mãe. Reconheci aquele olhar. Era o mesmo que ela havia lançado para a minha mãe quando o meu pai estava em seu leito de morte.

“Não!”, falei. “Ela vai conseguir!”

“Ninguém está dizendo o contrário”, foi a réplica de Rhea. “Faremos o que for possível. Agora me deixe trabalhar.”

O antídoto teve de ser forçado pela garganta de Kazi, gota a gota. Um pouco escorreu pelo canto de sua boca, e teve de ser colocado para dentro. Longos minutos se passaram enquanto tentávamos fazê-la ingerir uma pequena quantidade de remédio. Rhea esfregou com gentileza a garganta de Kazi, tentando encorajar seus músculos a engoli-lo. Ela também estava desidratada, e a água lhe foi dada da mesma maneira, uma gota de cada vez.

“Dê-nos um pouco de privacidade agora”, disse Rhea a todos que estavam no aposento. “Preciso limpar os ferimentos dela.”

Todo mundo saiu dali, menos eu e minha mãe, que trouxe água quente da lareira, e ela e Rhea começaram, com cuidado, a lavar o corpo de Kazi e a buscar por mordidas, até mesmo nas solas de seus pés. No entanto, uma coisa que notamos de imediato foi que havia machucados por

todo o seu corpo. O lado esquerdo tinha dezenas de tons azulados e arroxeados. Paxton me dissera que ela havia caído em um cânion rochoso e havia passado dias correndo antes de ser capturada novamente. Depois de limpar os machucados no braço e na coxa, Rhea disse: “Eles são profundos, mas não precisarão de pontos. E este aqui...”. Ela fez pressão na cicatriz de pouco mais de dois centímetros no abdômen de Kazi. “Foi causado por alguma outra coisa. Imagino que por uma faca.” Ela balançou a cabeça enquanto cobria suas costas. “O que essa menina passou...!”

“Vamos colocá-la no meu colchão. Lá há mais privacidade. Ela poderá descansar”, sugeriu a minha mãe, olhando para mim. Eu vi o terror estampado nos olhos dela, os questionamentos que havia acabado de considerar. Eu tinha voltado sozinho.

“Não sei onde estão os outros”, falei. “Tivemos de nos separar. Mas eles virão para cá.” Isso era tudo que eu poderia oferecer a ela por ora. Peguei Kazi em meus braços e carreguei-a até o pequeno aposento próximo à cozinha.

Faremos o que for possível. Há quanto tempo isso aconteceu?

Eu me deitei no colchão de palha ao lado dela. Abraçando-a. Mantendo-a aquecida. Falando com ela. Fazendo tudo que eu podia para mantê-la neste mundo.

Fitei seu rosto. Seus cílios. Passei meu polegar sobre um machucado em sua bochecha.

Beijei seus lábios. “Acorde, embaixadora Brightmist. Ainda temos trabalho a fazer.”

Ela não se mexeu.



Quatro horas. Seis horas. Oito horas se passaram. As catacumbas estavam sufocantes com a tensão da espera. Esperávamos Kazi acordar. Esperávamos pelo retorno dos outros. Não havia qualquer notícia de ninguém. O que tinha acontecido com Priya, Paxton, Wren e Gunner? Quatro contra dez. Priya podia ser feroz por ter passado tanto tempo sozinha em um escritório na companhia dos números, mas eu não sabia ao certo o nível de habilidade de Paxton em qualquer coisa que fosse, embora havia muito tempo ele me jogara dentro de um poço sem muito esforço. Eu nunca pensei que fosse achar isso reconfortante.

Por fim, logo depois que escureceu, ouvimos um som de pancadas na parede da caverna. Todos nós fomos correndo até a porta. Eram Wren e Gunner. Ambos estavam cobertos de sangue.

“Não é nosso”, disse Wren enquanto entrava marchando. “Onde está Kazi?”

Gunner estava logo atrás dela, segurando o braço. “A maior parte desse sangue não é nosso”, disse ele ainda. Ele tinha um talho no braço.

Levei Wren para ver Kazi e contei o que a Curandeira havia dito. Wren se ajoelhou e descansou a cabeça no peito dela. “*Tantay mior, ra mézhart*”, disse ela baixinho.

Eu conhecia uma das palavras.

Kazi havia me ensinado as palavras vendanas para esposa e marido. *Shana e tazerem*.

Ela me ensinou também as outras palavras para família.

Ra mézhan. Minha irmã.

Gunner e Wren haviam se lavado e se trocado sob as ordens prementes de Judith. O sangue assustava tanto as crianças como, provavelmente, todo o resto do pessoal. Os cabelos de Wren gotejavam, e seu rosto estava quase livre das pinturas kbaaki, porém um pouco da tinta azul ainda circundava seu olho. Jurga dissera que a tinta não duraria mais do que algumas semanas, especialmente se nos lavássemos. Agora, eles estavam sentados à mesa da cozinha, tomando sopa e contando ao restante de nós, sentados em volta deles, o que havia acontecido, enquanto Rhea exigia que Gunner ficasse parado para que ela pudesse limpar e suturar o braço dele de forma apropriada.

“Nós nos separamos, como havíamos planejado”, disse Gunner. Cinco dos homens tinham vindo atrás deles, e eles presumiram que os outros cinco foram atrás de Priya e de Paxton. Eles conseguiram permanecer à frente dos soldados por uns poucos quilômetros. Gunner conhecia a floresta melhor do que eles e, por fim, chegou a uma formação rochosa para a qual ele estivera se dirigindo.

“Demos a volta e os pegamos em uma emboscada por trás”, disse Wren.

Gunner se encolheu de dor enquanto Rhea esfregava sua ferida. “Ela derrubou quatro. Eu derrubei um.”

“Quatro?”, perguntou Tiago.

“Imara nos deu algumas facas de arremesso”, explicou Wren. “E eu fiz bom uso delas.”

Minha mãe voltou, depois de ver como estava Kazi. “Mas nenhum sinal de Priya ou Paxton?”

“Priya conhece a floresta tão bem quanto eu”, foi a resposta de Gunner. “Eles ficarão bem.” Mas a resposta dele foi rápida demais, como se a preocupação estivesse concentrada em sua cabeça também.

Todos sabíamos que isso significava mais do que apenas ter conhecimento da floresta. Tinha a ver com as probabilidades, vantagens e desvantagens também — e contra quem eles estavam lutando. Gunner tinha Wren a seu lado. Priya tinha Paxton.

Voltei para ver como estava Kazi e colocar mais algumas gotas de água em sua boca. Falei com ela, contei-lhe a charada que ela me pedira para repetir tantas vezes e então disse que Wren estava aqui. “Para o ca-

so de você não ter ouvido quando ela entrou.” Tirei os cabelos da frente de seu rosto. “*Hamir, ra shana*. Por favor.”

Enquanto voltava a deitá-la no colchão, ouvi pancadas fortes na parede da caverna. Em código.

Minha mãe e eu chegamos primeiro à porta. Girei a roda e a porta se abriu com tudo.

Era Paxton, e ele estava sozinho.

Minha mãe sorveu o ar com dificuldade.

“Onde está Priya?”, perguntei.

“Está a caminho. Tirando as selas dos cavalos. Ela perdeu a aposta.”

“*Aposta?*”, falei.

“Quem derrubaria o primeiro soldado.”

“Vocês tiveram tempo para fazer apostas?”, disse minha mãe irritada.

Ele passou por nós e entrou na cozinha, caindo em uma cadeira. Seu rosto exibia faixas de terra, e toda a lateral esquerda de seu corpo estava ensopada de sangue. “É só um ferimento superficial”, disse ele. “Eu acho.”

“Ele estava se exibindo!”, exclamou Priya, entrando logo atrás dele. “Tentou derrubar dois ao mesmo tempo.”

Todos nós ficamos encarando-a. Seus cabelos estavam selvagens e emaranhados em volta dos ombros, e seu rosto estava tão sujo e coberto de sangue quanto o de Paxton. Ela deu de ombros. “Ok, então ele é péssimo fazendo nós, mas sabe usar uma espada, e bem. Suba na mesa, gênio. Você precisará de pontos. Onde está Rhea?”

Rhea apareceu na entrada. Antes de qualquer coisa, ela soltou um suspiro e depois um xingamento. Ela estava cansada de remendar as pessoas.



Tarde da noite, a próxima turma entrou. Achei que seriam os últimos, mas eram apenas Titus, Samuel, Aram e Hawthorne — e mais algumas pessoas extras e inesperadas — Aleski, Imara e a mãe deles, Beata. Aleski fora avistado por soldados enquanto pegava um lançador, então todos eles tiveram de sair correndo. Mason e Synové estavam notavelmente ausentes do grupo. Titus disse que em momento algum eles apareceram nas ruínas. Ele sugeriu que talvez tivessem encontrado dificuldade em sair da cidade. *Ou foram capturados*. Ele não chegou a dizê-lo, mas eu sabia que era nisso que todos nós estávamos pensando. Minha mãe segurava sua barrigona. Em um único dia, pela vida de quantos filhos e filhas ela teria de temer?

Eu a conduzi até uma cadeira. “Sente-se”, eu falei. “Por favor. Dá para você ouvir tudo daqui.”

Eles jogaram a carga em cima da mesa e nós analisamos o conteúdo. Enquanto Priya, Titus e Wren ficaram atirando nos soldados dos telhados, o restante esperava lá embaixo para coletar os lançadores que caíam

junto com os corpos. Eles tinham conseguido esconder oito lançadores sob seus mantos, mas cinco deles estavam sem munição.

“Babacas”, disse Hawthorne, sibilando.

Minha pequena bolsa de munição não seria suficiente.

Ao menos Rhea não teve de dar pontos em ninguém dessa vez. Não até Mason e Synové aparecerem. Isso se eles aparecessem.

O que, por fim, aconteceu na manhã seguinte.

Como todo o resto do pessoal, tão logo eles entraram, perguntaram por Kazi. Synové deixou cair a bolsa que carregava e foi correndo até ela. Mason abandonou seu lançador e a seguiu.

Gunner foi andando até a bolsa e, ao olhar dentro dela, ergueu as sobrancelhas. “Munição!”, disse ele. “Muita munição! Parece que temos pelo menos vinte cargas aqui!”

Quando Mason e Synové voltaram, as perguntas começaram.

“Onde vocês estavam?”, Priya foi a primeira a exigir saber.

Mason olhou de relance para Synové e então voltou a olhar para Priya. “Tivemos de ficar escondidos por um tempinho.”

“Encontramos umas ruínas e nos instalamos lá. Havia soldados por toda parte, sabia? Por sorte o lugar estava legal e aconchegante enquanto permanecemos por lá, esperando que eles se dispersassem.”

Legal e aconchegante? Olhei para Mason. “É quanto às cargas? Onde foi que vocês as conseguiram?”

Mason esfregou a cabeça. “Ela teve essa ideia maluca de que conseguiríamos pegar um pouco de munição do depósito de gelo antes de explodirmos o lugar. E não queria desistir da ideia.”

Synové franziu as sobrancelhas, na defensiva. “Quando a oportunidade bate à sua porta, você não sai socando a cara dela, oras!”

Eles nos contaram que permaneceram escondidos, a postos, durante horas, esperando até que o enforcamento começasse. Eles conseguiam ouvir as multidões se reunindo a umas poucas ruas de distância, mas tudo no local onde eles se encontravam estava silencioso como um cemitério. O soldado que guardava o depósito de gelo lá do telhado com um lançador em mãos foi andando até o outro lado, talvez para ter um vislumbre do enforcamento.

“E aqueles soldados que estavam em torno do depósito de gelo, no chão?”, disse Synové. “Pff! Tudo que eles tinham eram umas míseras espadas e alabardas.”

Mason repuxou a boca em um sorriso presunçoso. “Não é que a mira dela com facas é tão boa quanto com flechas?”

Wren bateu com as duas mãos na mesa. “As facas de Imara!”

“Sim!”, respondeu Synové, e as duas começaram a tagarelar, animadas, sobre suas qualidades, esquecendo-se do restante de nós e atraindo Imara para a conversa.

Mason olhou para mim, pedaços de palha pendendo de seus cabelos grossos feito cordas — talvez por ter ficado escondido nas ruínas. “Eu

sei que não era esse o plano, mas...”

“Quando a oportunidade bate à nossa porta, nós ficamos numa boa e confortáveis, certo?”

Mason fez uma careta. “Não é o que você está pensando...”

“Ora, irmão”, falei, colocando a mão no ombro dele. “Sente-se. O que você fez foi algo inteligente, sagaz. Bem, presumo que tenha sido, de qualquer forma. Nós precisamos de todos...”

“*Patri?*” Era Judith. Ela estava parada diante da porta. “É a Kazi. Ela está se mexendo, agitada. Falando enquanto dorme. Acho que ela está recobrando a consciência.”

Ainda que Judith tivesse chamado apenas a mim, todo mundo me seguiu pela porta.

CAPÍTULO 55

KAZI

EU CONSEGUIA SENTIR OS MEUS DEDOS DE NOVO. DAS MÃOS, DOS pés. E não estavam queimando. Será que eu estava morta, ou eles haviam me dado mais remédio para a dor? O que Montegue queria saber agora? Abri os olhos. Eu estava em um quarto minúsculo que não reconhecia. Não havia nenhuma janela ali. Será que eu tinha sido jogada em uma outra cela? Minha cabeça ainda estava zozna, doía, mas eu sentia minha força voltando, sentia que estava recuperando o controle dos meus músculos também. *Pelos deuses, não! Será que eu confessei alguma coisa? Será que eles me deram o antídoto porque eu lhes cedi informações?* Pisquei, tentando me livrar da névoa que embaçava minha visão. E então ouvi passos. Passos apressados. Eles estavam retornando. Fechei os olhos, tentando pensar no que fazer.

Um deles se aproximou e ficou pairando acima de mim. Senti sua calidez enquanto ele se inclinava, aproximando-se de mim.

“Kazi, você consegue me ouvir? É o Jase. Eu estou aqui. Vai ficar tudo bem.”

O rosto de Montegue agigantava-se diante dos meus olhos. Seus truques. Suas manipulações.

Você vai ficar bem, mas eu preciso da sua ajuda. Lydia e Nash estão mortos.

A esperança e o terror me atravessavam como facas. Meus dedos curvaram-se em torno de algo frio e duro que estava ao meu lado. Mas a voz... A voz era...

Abri os olhos e um rosto assustador pairava perto do meu. O brilho borrado de uma joia cintilava em seu cenho, e uma tatuagem ameaçadora espiralava-se pelo seu rosto.

Ergui o joelho bruscamente. Se eu fosse morrer, morreria lutando com as forças que me restavam. Ouvi um gemido, um *opa*, enquanto eu o empurrava para o chão e segurava a colher que tinha em mãos contra a garganta dele. Ele se contorcia de dor embaixo de mim.

“Kazi.”

Pisquei mais uma vez.

Os olhos. Castanhos da cor da terra cálida.

A voz dele.

“Kazi, é o Jase”, disse ele novamente, a careta de dor finalmente se esvanecendo de seu rosto.

“Você vai matar o *Patrei* com uma colher?” Virei o rosto. Era Wren, com as mãos plantadas em seus quadris. “Não que eu duvide que você conseguiria.”

O aposento estava lotado de gente. Synové, Vairlyn, Titus, Priya e mais pessoas. Todas elas me encaravam.

Voltei a olhar para o homem que estava embaixo de mim.

Jase.

Fique comigo, Kazi.

Não tinha sido um sonho.

A colher caiu da minha mão, e eu despenquei sobre o peito dele, abraçando-o com o rosto afundado em seu pescoço. Seus braços me circundavam, me abraçavam com tanta força quanto eu o abraçava.

Ouvi soluços e choro. Mas não eram meus nem de Jase.

Parecia que eu tinha dito o nome dele uma centena de vezes.

“Já chega”, Synové fungou depois que um minuto havia se passado. “Queremos um pouco disso também.”

Eu me pus de pé, e Wren e Synové vieram para cima de mim com abraços longos e sufocantes. Olhei para a mancha no rosto de Synové, parecida com a de Jase. “Depois eu explico”, ela me prometeu.

O peso que ficou suspenso dentro de mim por dias se tornou mais leve quando avistei Paxton. *Ele conseguiu.* Ele deu um passo à frente, o rosto contraído, e jogou um dos braços ao meu redor, pois o outro estava em uma tipoia. “Eles estão em segurança”, sussurrou ele ao meu ouvido, com a voz falhando, e rapidamente se afastou. Então fiquei cara a cara com a família de Jase, uma multidão reunida à porta. Fiquei paralisada. Não sabia ao certo o que fazer. Não vi Gunner entre eles, mas, na última vez que eu vi Priya e Mason, eles me jogaram em uma armadilha e me abandonaram para ser capturada.

Jase deve ter visto alguma coisa nos meus olhos. Ele pediu que todo mundo saísse. “Deem-nos alguns minutos”, disse ele. Talvez ele soubesse como eu fui parar sob a custódia do rei. Talvez a forma como eu o ataquei agora mesmo tivesse lhe dado um pequeno vislumbre do que eu tinha passado. Graças aos deuses era apenas uma colher que eu tinha em mãos.

A porta foi fechada no aposento que era um pouco maior do que um armário. Estava escuro, exceto por uma pequena vela que ardia no canto. Eu ainda ficava instável ao andar, e Jase me ajudou a sentar no colchão de palha.

“Nós estamos nas catacumbas?”, perguntei.

Ele assentiu.

Ergui a mão e toquei em seu rosto manchado de tinta e na argola em seu cenho.

“Um disfarce”, ele me explicou, e então contou o que havia acontecido com ele desde a emboscada, seus dias de recuperação na adega de raiz, a ida à cidade em busca de notícias minhas, até a descida em disparada da *tembris* para me resgatar. O anjo da morte... era ele.

Compartilhei detalhes das últimas semanas também, desde os meus primeiros dias como prisioneira em uma cela escura. No entanto, na

maior parte do tempo, eu me concentrei em como Lydia e Nash tinham sido valentes e no quanto eles acreditavam em Jase.

“Na sepultura? Eles não ficaram com medo?”

“Não tanto quanto temiam Montegue. Eles sabiam como ele os estava usando. Eu sinto muito se o fato de tê-los escondido na sepultura expôs o seu segredo, mas era o único jeito, Jase, a única forma de poder tirá-los das garras de Montegue e ter certeza de que ele não os encontraria. Sua família sabe disso?”

Ele assentiu. “Receio que eles saibam de tudo. Inclusive...”

“Sobre nós? Você falou para eles sobre nós?”

“Falei sem pensar, enquanto estava estrangulando Gunner. Eu sei que não foi assim que planejamos informá-los.”

Enquanto estrangulava o irmão? Provavelmente não. Soltei um suspiro e esfreguei minha têmpora. Minha cabeça ainda doía. “Imagino que nada tenha saído exatamente como planejamos.” Levei sua mão aos meus lábios e beijei os nós de seus dedos, sorrindo. “Mas acho que é assim que os bons ladrões mantêm todos os seus dedos. Eles entram nas fendas, sorrateiramente. Encontram sombras. Elaboram um novo plano quando o último fracassa por completo.”

Ele ficou me encarando como se estivesse absorvendo tudo, exatamente como eu estava fazendo. Como estivemos perto de nunca mais vermos um ao outro! “Neste instante, meu único plano é beijar a minha esposa. E tenho certeza de que nem mesmo os deuses conseguirão tirar esse plano dos trilhos.” Ele se inclinou e deslizou a mão atrás da minha cabeça.

Seguiu-se uma batida vigorosa à porta, e uma voz ressoou através dela. “A ceia, *Patrei*? Devo trazer algumas tigelas?”

Talvez os deuses não pudessem atrapalhar esse plano, mas uma sopa e uma família à espera seriam capazes de fazer isso.

“Nós deveríamos nos juntar a todo mundo”, eu falei.

“Tem certeza? Se não quiser ir até lá, eu entendo. Eu sei o que aconteceu, Kazi. Você não tem de...”

“Eu terei de encará-los cedo ou tarde.”

Jase me envolvia em seus braços enquanto me escoltava para fora. Eu ainda tremia. Além de ter sido envenenada, não comia havia dias, pelo menos não que eu lembrasse. Quando entramos na cozinha, o ambiente ficou silencioso e cabeças se viraram. Alguns colocaram suas colheres de lado. Uns poucos se levantaram como se não soubessem ao certo o que fazer. O aposento estava cheio, não apenas com a família de Jase, mas também com outros que haviam se refugiado ali nas catacumbas, empregados que eu reconhecia das casas e do túnel. Era mais esmagador do que eu havia esperado. Eu não estava mais desempenhando um papel,

nem estava aqui, entre eles, sob uma falsa premissa. Eu me sentia nua. Não sabia quem ser.

“Continuem comendo”, disse Jase a eles, me guiando em direção a uma mesa. Um homem parou diante de nós, um dos trabalhadores dos estábulos. Ele se apoiou sobre um dos joelhos e beijou a minha mão, mas em seguida pareceu confuso e embaraçado demais para dizer alguma coisa e se afastou depressa. Outra pessoa tomou seu lugar, uma mulher, que colocou um amuleto rústico e trançado na minha mão.

“Ouvi dizer que você acertou direitinho aquele diabo e que o colocou em seu devido lugar.” Ela assentiu vigorosamente em aprovação antes de outra pessoa vir à frente.

“Você salvou o *Patrei* e os pequenos. Estamos em dívida com você.” Sentimentos similares se erguiam dos outros que se aproximavam e se colocavam em nosso caminho. Jase assentiu e agradeceu a cada um. Eu estava chocada demais para dizer qualquer coisa. Eu era a Dez, a garota que ficava nas sombras. Achava perigoso ser reconhecida abertamente desse jeito. Antes de chegarmos a nossos assentos, Vairlyn levantou-se e nos interceptou. Ela me puxou para seus braços. Seu abraço era feroz, e notei a enorme barriga pela primeira vez. Um bebê? Jase esqueceu de me contar essa parte da história.

Ela se afastou e envolveu meu rosto em suas mãos, seus olhos cor de safira reluziam. “Minha filha.”

A palavra arrancou meus pensamentos e eu não consegui falar nada.

Vairlyn pareceu entender. “Nem sempre fui uma Ballenger”, disse ela em um tom de sussurro. “Acredite em mim, ficará mais fácil.”

A Curandeira foi a próxima a me abraçar, mas não antes de balançar o dedo para mim. “Chega de se meter com cachorros, está me entendendo? Duas vezes é o meu limite.”

Assenti. “É o meu limite também”, respondi. “Obrigada.”

Por fim, Jase puxou uma cadeira para mim e eu me sentei. Wren e Synové pareciam estar me analisando. Seria preocupação, ou será que elas estavam se sentindo tão desconfortáveis quanto eu e esperavam para seguir os meus passos? Na última vez que todas nós estivemos reunidas em torno de uma mesa com os Ballenger, havíamos colocado asas de bétula na comida para fazê-los dormir.

Fiquei encarando a tigela de sopa servida no meu lugar. Será que havia vingança à espreita por aqui? Mas eles haviam salvado a minha vida. Todos eles. Jase me contara. A notícia ainda estava sendo absorvida. Eu me arriscaria a tomar a sopa. Não vi Gunner no aposento, mas Priya e Mason estavam sentados nas pontas da mesa. Eu não conseguia olhar nos olhos deles. A sopa foi minha salvadora, com ela eu sabia o que fazer, e, felizmente, ela não lançava olhai eu de esguelha para mim. De repente, me sentia faminta. Tentei não comer rápido demais, e Rhea me aconselhou a ir devagar. Sorvi o caldo lentamente, uma colherada por

vez. Seguiu-se um longo e difícil silêncio, todo mundo se concentrava em seu jantar, mas então, subitamente, a conversa surgiu com tudo.

“Sopa de carne de cervo e alho-poró silvestre. É basicamente tudo o que nós comemos esses dias”, disse Titus.

“Café da manhã, almoço e jantar”, disse Aram ainda.

“Pela glória dos deuses, o que eu não daria por uma batatinha!”, gemeu Priya.

“Se pelo menos a floresta tivesse batatas... e talvez algumas pastinacas também”, concordou Samuel.

“Nós fazemos fornadas de pão achatado quase todos os dias”, lembrou Vairlyn. “E vocês se esqueceram das tâmaras? Nós temos um monte delas.”

Mason soltou um suspiro. “Ninguém consegue se esquecer das tâmaras.”

“Eu gosto”, disse Synové.

Mason a ignorou.

Judith bateu com sua colher na grande caçarola que estava na lareira, como se fosse um sino. “É só disso que vocês conversam? Sopa”

O silêncio retornou à cozinha. A pesada tensão que vinha circulando sob a superfície agora estava densa entre nós. Priya levantou-se, hesitante, com o rosto abaixado e o olhar no chão, e então, por fim, seus olhos encontraram os meus. “A verdade é que alguns de nós não sabemos o que dizer. Obrigado não é o bastante, pedir desculpas não é o suficiente. Até o dia em que eu morrer, viverei com a vergonha do que fiz a você. Quando você me disse que amava Jase...” Sua voz oscilava e ela fechou os olhos. Ela assentiu, como se estivesse tentando encorajar a si mesma a prosseguir, e então abriu os olhos e continuou: “Quando você me disse que o amava, eu soube. *Eu sabia* que você estava falando a verdade. Eu deveria pelo menos ter dado ouvidos, mas não quis. Eu queria vê-la sofrer, da forma como nós havíamos sofrido, como se isso, de alguma forma, fosse resolver tudo. Eu estava errada”.

Eu não queria ouvir seus pedidos de desculpas nem seus agradecimentos. Eu só queria que ela parasse. “Se eu achasse que alguém tivesse matado Jase, eu teria feito o mesmo”, falei.

Ela balançou a cabeça em negativa. “Não, você não faria e não fez. Eu sei da história toda. Quando Paxton disse a você que Jase estava morto, você poderia ter matado o rei e fugido, mas você ficou. Por causa de Lydia e Nash. Porque você tinha jurado a Jase que protegeria a família dele. Salvá-los era mais importante para você do que a satisfação momentânea da vingança. Quando eu ajudei a jogá-la naquela rede, isso era tudo o que eu queria, vingança, e não a verdade que você estava tentando dividir conosco.”

A cabeça de Mason permanecia abaixada enquanto ele encarava sua sopa. Ele assentiu. “Eu também”, disse ele. Mason exalou o ar longa e lentamente, e ergueu os olhos para mim. “Sinto muito, Kazi. Eu sei que

não é o bastante, mas lamento. Acabei de perder uma irmã por causa de toda essa loucura e agora quase perdi outra pela minha própria mão. Uma irmã que é uma verdadeira Ballenger.”

Eu queria derreter debaixo da mesa. Era isso o que as famílias faziam? Desnudavam suas almas na frente de uma sala cheia de pessoas? Suas confissões me deixavam em carne viva. Esses eram os tipos de conversas que eu não sabia ter. Eu tinha acabado de aprender a dividir tudo com Jase e agora deveria fazer isso com todos eles?

Jase deslizou a mão até a minha coxa, sob a mesa, pressionando-a de um jeito encorajador.

“Quando descobriu seu erro, você arriscou tudo para corrigi-lo”, foi minha réplica. “Imagino que isso seja tudo o que qualquer um de nós podemos fazer. Tentar corrigir os erros.”

Fiquei encarando Mason, e então Priya, com os últimos dias de dor e terror ainda frescos na minha mente. Eles haviam arriscado a vida para me salvar. Eu estava grata, mas também sentia raiva. Sentia coisas demais que ainda não entendia, e todo mundo parecia esperar que eu dissesse algo que fosse resolver tudo. *Diga-me, diga-me, diga-me agora.* As demandas de Montegue ainda circulavam dentro da minha cabeça, suas provocações, suas mãos me vasculhando, o peso de uma corrente em volta do meu pescoço. Eu tinha acabado de acordar dos meus pesadelos. Eu procurava por alguma forma de mudar o rumo da conversa. Dar meia-volta. Minha especialidade, mas ela me escapava. O ar tremia em meu peito.

Paxton ergueu o dedo de repente, cutucando o ar com seu jeito irritantemente clássico. “Então, Jase, que história é essa de que você tem três esposas? Fale-nos a respeito disso.”

Toda a atenção foi desviada de mim e se voltou para Jase, então o ar foi varrido de volta para dentro dos meus pulmões.

Uma nova conversa pegou fogo em volta da mesa, e Paxton me lançou uma piscadela dissimulada.

Era disso que eu precisava, um momento para me recompor, para respirar, para me lembrar de quem eu era e do que ainda precisava fazer.



Fui descendo pelo túnel das catacumbas que dava para a entrada. Quando perguntei onde estava Gunner, Jase me disse que ele havia levado seu jantar para o nicho que ficava perto da porta. Gunner achou que eu poderia me sentir mais confortável se ele não estivesse lá. Eu não teria como discordar, mas precisava falar com ele.

Ele estava sentado, encostado na imensa porta que nos separava da torre da Vigília de Tor, e ficou me observando enquanto eu caminhava em sua direção. Uma grande vela escarlate tremeluzia em seu colo, e sua boca estava parcialmente aberta. Se eu não soubesse de tudo, teria pensado que ele estava bêbado. Quando parei à sua frente, ele colocou a ve-

la de lado e se levantou. Estreitou os olhos. “Você vai me matar?”, ele me perguntou.

“Engraçado, foi exatamente o que Jase me perguntou quando eu disse que precisava conversar a sós com você.”

“Jase realmente quase me matou quando descobriu o que eu tinha feito.” Ele pigarreou e então me lançou um olhar honesto. “Eu não a culparia se você o fizesse.”

“Acredite, pensei em matar você muitas vezes, Gunner, mas não pelo motivo no qual você está pensando.”

“Imagino que qualquer motivo seria bom o bastante.”

“Mas esse é um motivo que você precisa ouvir. De todas as coisas que você já fez para mim, a pior delas aconteceu meses atrás. Existem algumas coisas na minha vida que eu não superei. Coisas que talvez nunca seja capaz de superar. Para uma Rahtan que se esforçou duramente para se tornar forte e esperta e superar tudo por meio de um intenso treinamento, aquela fraqueza corrói. É você sabia dela.”

Eu me aproximei dele. “Você poderia ter me acertado com uma flecha. Poderia ter feito uma centena de coisas comigo, mas não, você esfregou Zane na minha cara, sabendo o que ele fez. Em um instante, você trouxe de volta o horror de uma noite para uma criancinha. Foi isso que me tornei. Uma criança aterrorizada procurando pela mãe. Por isso, eu deveria matá-lo. Eu tinha seis anos de idade, Gunner. *Seis.*”

“Eu não...”

“Não. Não me diga que você não sabia. Você foi tão preciso quanto um cirurgião arrancando um coração. Você sabia exatamente o que estava fazendo comigo.”

Seu rosto se contorceu em uma careta, e ele assentiu.

“E então você o soltou para me aterrorizar ainda mais. Você não se importou...”

“Eu não o soltei. Essa parte foi acidental. No caos daquela noite, ele escapou. Todos nós estávamos correndo para seguir você, e ele não estava bem trancafiado. Ele escapou do armazém e desapareceu. Eu não estou dizendo que isso seja uma desculpa... Sei que não há nada que eu possa dizer ou fazer para merecer o seu perdão...”

“Você está errado. Existe, sim, uma coisa que você pode fazer. Tentarei dar o meu melhor para deixar isso para trás, para perdoá-lo e seguir em frente, pelo bem de Jase, se você me der uma resposta verdadeira a *uma* pergunta.”

“Eu lhe contarei a verdade sobre qualquer coisa, quer você me perdoe ou não.”

“Os papéis. Aqueles que estavam nos aposentos de Phineas. Onde estão eles?”

“Papéis? Não havia papel algum.”

Gunner explicou como eles vasculharam em meio às cinzas da oficina, na esperança de recuperar alguma coisa, e então seguiram até os apo-

sentos dos eruditos e não encontraram nada.

“Quem ajudou você na busca?”

“Priya, Titus e Samuel...” Ele esfregou a nuca. “Tiago, Mason. Acho que foi isso.”

“Será que algum deles poderia...?”

“Não. Ninguém pegou nada.”

Alguém pegou. Papéis não saíam andando sozinhos e eu sabia que tinha visto uma pilha deles na noite em que pegamos Phineas. O rei também sabia da existência deles. “Tudo bem”, falei. “Mas você não vai se importar se eu verificar com os outros, certo?”

“Verifique”, foi a resposta dele.

Olhamos um para o outro, e eu supus que a mesma pergunta estava à espreita em nossas cabeças: será que realmente poderíamos seguir em frente com nossas vidas?

E, talvez, a mesma resposta: éramos uma família agora. Que escolha nós tínhamos?

Voltamos juntos para a cozinha.

Somos quarenta e quatro agora. Nossa família continua a crescer.

Ontem, acrescentamos a ela mais três crianças. Nós as encontramos tentando arrumar alimento ou alguma outra coisa em meio às ruínas. Elas estavam com medo, mas Greyson lhes ofereceu comida, assim como Aaron Ballenger fizera comigo quando me encontrou vagando sozinha. Não sou mais aquela menina amedrontada. Eu mudei. Assim como Greyson também mudou. Eu o vejo olhando para mim de um jeito diferente agora. Eu também olho para ele de um jeito diferente e me questiono em relação a todos os sentimentos dentro de mim que eu não compreendo. Eu tenho tantas perguntas e ninguém a quem fazê-las.

Todo mundo que era mais velho que eu se foi.

— Miandre, 22 anos —

CAPÍTULO 56

J A S E

ESTAVA COMEÇANDO A PARECER O FORMIDÁVEL ARSENAL QUE nós sempre tínhamos imaginado. Mais do que o bastante para proteger as caravanas de saqueadores. Nove lançadores estavam dispostos em cima da mesa, e, ao lado deles, havia uma pilha de cargas. Eram 28, o que se traduzia em 112 tiros. Isso era muito dano e poder de fogo.

Mas não era o bastante.

Paxton havia dissolvido nosso bom humor rapidamente. “O rei tem um armazém de munições — centenas de cargas —, além de mais duzentos lançadores e soldados em número suficiente para carregar tudo isso. O único motivo pelo qual ele vinha guardando a cidade com apenas um bocado desses soldados era porque podia fazer isso. Ele fez uma exibição quando rugiu naquele primeiro dia, detonando tudo, e deu certo. Tudo mundo tem um respeito sólido pelo poder dele agora.”

“Um medo sólido, você quer dizer.” Fiquei encarando nossa saca de munições. Meus dedos apertaram o espaldar da cadeira. “Conseguiremos mais, então”, falei. “O bastante para fazer nossa própria exibição. Onde é que ele guarda tudo isso?”

Essa era a pergunta que Paxton vinha tentando responder desde que tudo começou. O rei e Banques mantinham a localização do arsenal como um segredo muito bem guardado. Ficava em algum lugar na arena, isso era o máximo que ele sabia. Kazi tinha dito a Paxton para verificar o armazém 72 — o número que estava escrito no pedaço de papel que ela havia roubado do rei, mas em momento algum Paxton teve a chance de ir até lá.

“O armazém 72 fica perto do fim da terceira fileira. Nós poderíamos nos aproximar de lá à noite, indo por trás, pelo pasto”, sugeriu Priya.

“Chegar lá é uma coisa”, retorqui. “Arrastar toneladas de munição é outra. Eu estive na arena, e ela está repleta de guardas por todos os cantos, e nossas torres estão ainda mais cheias deles. Eles podem ver tudo.”

“Então não tiramos a munição de lá”, disse Aram. “Nós simplesmente assumimos o comando do armazém e o reivindicamos como nosso. Temos armas o bastante para defendê-lo. Se esse armazém sair das mãos deles, o controle que possuem *já* era.”

“Até que eles explodam você pelos ares, da mesma forma como fizeram com o depósito de gelo”, disse Mason. “Eles ainda têm lançadores suficientemente carregados para fazer isso.”

“Ou nós mesmos poderíamos detonar as munições”, sugeri. “Então seria uma luta equilibrada.”

“Equilibrada? Ele tem quinhentos soldados treinados”, disse Paxton.

“Mercenários”, eu corrigi. “A lealdade deles está ligada a uma bolsa cheia de moedas. Do nosso lado, temos cidadãos preparados para retornar seu lar.”

“Nós poderíamos fazer isso”, disse Judith. Tiago e alguns dos outros ecoaram o entusiasmo dela.

Fiquei observando enquanto Aram e Titus perscrutavam a sala, avaliando nosso grupo tão diverso reunido nas catacumbas. Vários, como Tiago, estavam feridos. Paxton ainda tinha uma tpoia no braço para que os pontos na lateral de seu corpo não se soltassem. Eles poderiam estar cheios de disposição, mas suas habilidades para lutar eram questionáveis.

“Há mais pessoas na cidade que ficariam felizes em lutar conosco”, disse Aleski, como se tivesse lido os meus pensamentos.

“Centenas delas”, confirmou Imara. “Não vai demorar muito para organizar todo mundo. Cada um deles está escondendo algum tipo de arma, seja uma espada, um porrete ou enxada. Nós podemos...”

“Jase?”

Eu me virei e vi Gunner caminhando na minha direção, carregando Kazi. Ela estava mole em seus braços. Eu corri e a peguei dele. “O que foi que você fez?”

“Nada, eu juro. Estávamos caminhando no túnel, daí ela revirou os olhos e eu a peguei antes que ela caísse.”

A Curandeira se apressou até Kazi, tateou sua cabeça e tomou seu pulso.

“Qual é o problema com ela?”, perguntei, tentando me certificar de que ela estivesse respirando.

“Shh, *Patri*. A pulsação dela está estável. É apenas a exaustão e uma barriga cheia que a derrubaram. O que quer que ela tenha passado nesses últimos dias, pode ter certeza de que o sono não fazia parte disso. A agonia dos *ashti* consome a pessoa. Ela precisa descansar. Só isso.”



Haverá ocasiões em que você não dormirá, Jase.

Ocasões em que você não comerá.

Ocasões nas quais você desejará que o mundo pare por apenas um dia.
Esta era uma dessas ocasiões.

Fiquei encarando o teto durante a maior parte da noite, exceto quando estava observando Kazi. Ela dormiu profundamente, e a expressão em seu rosto era serena. *Ela precisa descansar. Só isso.* O que havia acontecido com ela nesses últimos dias? Por mais cansado que eu estivesse, a pergunta me mantinha acordado. Eu sabia que ela tinha me contado apenas uma pequena parte daquilo que havia sofrido. Quando lhe perguntei sobre Zane, ela balançou a cabeça em negativa, e eu vi o medo retornar a seus olhos. Ele ainda exercia controle quanto ao passado dela, mas

agora ele sabia disso e havia reaberto a ferida em benefício próprio. Kazi disse que ele a ameaçara com mentiras em relação à sua mãe.

Quando lhe perguntei sobre Montegue, ela afirmou que ele era um monstro obcecado por poder e depois acrescentou: *Porém, ele era ainda mais obcecado por você, Jase. Ele se lembrava de todos os detalhes do primeiro encontro de vocês quando ainda eram crianças.* Achava que agora tínhamos esse ponto em comum, mas eu estava obcecado por ele de uma maneira completamente diferente, e estava mais interessado em nosso encontro final, que eu esperava arranjar em breve. Ela me contou como ele a havia provocado e colocado uma corrente em volta de seu pescoço, como se ela fosse um animal. Algumas coisas ela nem mesmo conseguia dizer. *Depois,* disse ela. *Eu juro.* Mas eu via a dor em seus olhos. Eu queria matá-lo. Isso era tudo que eu queria fazer. Mas havia muitas outras coisas que eu também tinha de fazer. Como assegurar a sobrevivência de todo mundo que estava aqui.

Você será dilacerado de cem maneiras diferentes... Lembre-se de que você tem uma família, uma história e uma cidade para proteger. E esse é tanto seu legado quanto seu dever. Se o trabalho do Pai fosse fácil, eu o teria dado a qualquer outra pessoa.

Eu me virei e olhei para ela novamente. Neste momento, o único trabalho que eu queria era ser o marido de Kazi. Um bom marido. Um marido que apenas tomasse as decisões certas. Eu nunca tivera a oportunidade de fazer perguntas a meu pai sobre como era ser um bom marido. Em seu leito de morte, essa era a última coisa que me passava pela mente. Agora, algumas perguntas que eu cheguei a fazer pareciam bem menos importantes. Ainda dava tempo para perguntar à minha mãe, e eu faria isso. Eles tiveram um bom casamento. Nunca esconderam dos filhos o afeto que tinham um pelo outro. Mais de uma vez nós os pegamos nas escadas, na cozinha ou nos jardins em um abraço apaixonado. Priya costumava revirar os olhos e perguntar: *Quando é que eles vão superar isso?* Talvez este fosse um dos segredos dele. Em meio a todas as dificuldades, em meio às perdas, aos obstáculos, ele a cortejava até o dia em que veio a falecer.

E agora ele tinha um bebê a caminho que nunca chegaria a ver. Caberia ao restante de nós passar adiante a memória dele para nosso novo irmão ou irmã.

Minha mãe insistira em ficar enfurnada no escritório com Priya, de modo que Kazi e eu tivéssemos o quartinho aconchegante só para nós dois. Eu avisei todo mundo para que não viessem bater à nossa porta, nem mesmo para oferecer comida. Disse que sairíamos quando Kazi acordasse, e não antes disso. Enquanto ela dormia, eu havia limpado bem o meu rosto, e o trapo que eu tinha usado para isso fez com que a água no balde ganhasse um tom turvo de azul-escuro, e então, cuidadosamente, removi a argola da minha sobancelha para devolvê-la a Jurga. Eu não queria que Kazi acordasse e se deparasse com um rosto com o

qual ela não estava familiarizada — não de novo. Deslizei meu braço sobre sua barriga, puxando-a um pouco mais para perto de mim, minhas pálpebras finalmente ficando pesadas. O corpo dela estava cálido junto ao meu, e caí em um sono profundo. Eu não sabia por quanto tempo havia dormido quando senti um peso em meu peito.

“*Kisav ve, ra tazerem.*” Beije-me, meu marido.

Dedos cálidos passaram pelos meus cabelos. Um dedo roçou a maçã do meu rosto.

Abri os olhos. Kazi olhava para mim, seu rosto escassamente iluminado pela vela.

“Você está acordada”, eu disse em um tom sussurrado. “Você deveria estar dormindo.”

“Eu dormi por horas. Você também. Não quero mais dormir.” Uma ruga de preocupação repuxou sua testa. “Quero saber que isto não é um sonho. Quero saber que tudo isto é real.”

Ela aproximou o rosto do meu, nossos lábios mal se encontraram. “É real”, sussurrei. Senti algo molhado cair na minha bochecha. Ergui a mão e rocei o polegar sob o olho dela. “Kazi, está tudo bem. Eu juro que isto está realmente acontecendo.”

Rolei para o lado de modo que agora ela estava deitada embaixo de mim. “Você está aqui nas catacumbas, nos meus braços. Nós estamos juntos e assim permaneceremos, não importa o que aconteça.”

Seus olhos brilhavam à luz da vela, fixos nos meus como se ela estivesse com medo de desviar o olhar.

“Me beije, Jase. Me abrace. Sussurre para mim. Me toque.”

Ela puxou parte da minha camisa e soltou-a da minha calça, e eu me reclinei, com os joelhos em seus quadris. Puxei minha camisa pela cabeça, e, em seguida, tirei a dela. Eu a beijei. Sussurrei para ela. Toquei nela.

Eu entendia o medo que ela sentia.

Nós nos abraçamos e nos agarramos um ao outro como se fosse a primeira vez.

Meus lábios roçavam a pele dela, delineando seus ombros, sua garganta, a covinha entre suas costelas, saboreando cada parte dela, a calidez de seu toque, seus sussurros e o tremor de sua respiração. Puxei-a para perto de mim, a respiração trêmula em meu peito, o cheiro de sua pele alcançando o meu interior, sua respiração pulsando contra a minha têmpora, e então, quando meus lábios tremeram junto aos dela, ela me puxou impossivelmente mais para perto e sussurrou: “Eu amo você, Jase Ballenger, e amarei por todos os meus dias”.



Ficamos deitados lado a lado, nossa energia fora completamente consumida. Ela repousou a cabeça na curva do meu ombro, e seus dedos traçavam círculos no meu peito. Não falamos sobre os últimos dias, mas re-

contamos os dias que passamos juntos naqueles lugares hostis, logo que nos conhecemos. Senti que ela precisava de lembranças que a preenchessem em vez de drená-la. Talvez eu também precisasse disso, de um lembrete daquilo pelo que eu estava lutando, de um estado de normalidade que eu não sentia desde que um esqueleto de pássaro caíra do céu. Nós conversamos. Discordamos. Lembramos. Rimos. Foi a primeira vez que eu ri desde que tínhamos sido separados.

E então, depois de um longo silêncio, ela disse: “Eu fracassei miseravelmente na noite passada, não? Não sei como ser uma filha nem uma irmã em uma família como a sua, Jase. Nunca sei o que dizer nem o que fazer”.

“Ninguém espera que você seja qualquer outra coisa além de você mesma, e, agora mesmo, todo mundo acha que você é uma heroína. Eu aceitaria isso se fosse você.”

Ela soltou um suspiro. “Estava um clima esquisito em volta da mesa. Vocês todos são um maquinário bem sintonizado e eu sou a peça estranha que não se encaixa.”

“Você acha que todos nós somos parecidos? Eu sou tão diferente do Gunner quanto ele é diferente da Priya, assim como ela é diferente de Mason. Nós somos uma família, Kazi, só isso, uma família que cresceu unida. Você pode não enxergar todas as costuras ou lacunas, mas elas estão lá, assim como acontece com você, Wren e Synové. Apenas somos mais numerosos. Isso tende a camuflar muita coisa.”

“Mas vocês têm toda aquela história juntos.”

“Isso não apaga quem somos como indivíduos, nem como nos encaixamos no todo. Não se trata de um quebra-cabeça com um número estabelecido de peças. Está mais para um poço de água — quanto mais cheio, melhor.”

“A menos que alguém roube um balde de água ou dois. Você contou a eles, não contou?”

Que ela era uma ladra.

Eu não fazia ideia de como Kazi chegou a saber disso, mas ela conseguia interpretar até mesmo o mais discreto dos olhares.

Soltei um suspiro. “Eu não estava escondendo isso de você, Kazi. Juro que não estava. É só que há tanta coisa acontecendo...”

“Eu sei, Jase. Eu sei. Nós ainda temos muito o que contar e muita conversa para colocar em dia.”

“Eles mal recuaram quando contei.”

Eu me encolhi. *Mal recuaram* não eram as palavras mais animadoras que ele poderia ter escolhido. “Eu ainda não contei a eles que você é embaixadora. Isso ainda está de pé?”

Um sorriso presunçoso repuxou o canto de sua boca. “Graças aos deuses pelas pequenas surpresas.”



Era mais tarde do que eu pensava quando finalmente saímos de nosso pequeno enclave. Como não havia janelas nas catacumbas, ficava difícil dizer quando era noite e quando era dia, motivo pelo qual todo mundo passava pelo menos uma parte do tempo na estufa. O pequeno círculo de luz no topo da caverna infundia algum senso de ordem e sanidade em nossos dias.

Kazi estava sentada com Wren e Synové em um canto da cozinha, entretidas em uma conversa profunda enquanto tomavam um café da manhã tardio, que consistia em sopa de carne de cervo e alho-poró, o que não era nenhuma novidade. O cheiro da carne pairava no ar, fixando-se nas paredes, nas roupas de todo mundo. Nós suávamos sopa de carne de cervo e alho-poró.

Mason me enviara um sinal silencioso assim que surgiu acompanhado de Kazi. Precisávamos conversar. Em particular. Eu me juntei a ele, a Priya e a Gunner na sala que servia como depósito.

Priya ergueu um saco de juta cujo fundo estava cedendo e que continha apenas alguns punhados de grãos. “Isto é tudo que resta.”

O pior era que os três tinham saído para caçar hoje pela manhã e tiveram que voltar rapidamente para trás das quedas d’água — a montanha estava apinhada de soldados.

“Se as patrulhas não recuarem logo, a próxima será a cabra. Ela produz apenas umas poucas xícaras de leite por dia, mas já é alguma coisa para as crianças”, disse Mason.

Gunner balançou a cabeça em negativa. “Os soldados não recuarão. Wren, Paxton, Priya e eu matamos um esquadrão deles não muito longe daqui. Isso sem falar em nosso pequeno ataque para salvar Kazi ontem. Eles são como alcateias de lobos raivosos lá fora, querendo nossas peles.”

Era Montegue quem os estava impelindo, o líder dos lobos raivosos, que provavelmente tinha a boca cheia de espuma a essa altura dos acontecimentos. Será que ele sabia que tinha sido eu? Eu achava que não. Nos poucos segundos em que estive no passadiço elevado, ele estava encolhido sob um escudo, expondo sua coragem diante de toda a cidade. Agora, ele batia no peito para compensar essa demonstração de fraqueza.

“Não matem a cabra. Ainda não”, falei. “Nós sairemos quando...”

De repente, as prateleiras no depósito vibraram.

O chão foi sacudido.

As paredes estremeeceram.

Pó caiu do teto.

Ouvi alguns gritos.

Crianças berraram.

“O que está acontecendo?”, Gunner pensou alto.

Fomos para a cozinha. Quase todo mundo ficou de pé em um pulo, olhando ao redor. Os outros também vieram para a cozinha. Titus,

Aleski, minha mãe e Samuel. O tremor parecia ter se aquietado tão rapidamente quanto começara, mas, então, o chão estremeceu novamente.

“Que inferno!”, disse Paxton. “Ele está disparando rajadas para nos detonar.”

“Ele me disse que faria isso”, acrescentou Kazi. “Ele está detonando os arredores das montanhas para chegar até nós.” Ela disse que a única coisa que o impedira de detonar as montanhas logo de início eram os papéis valiosos que ele queria recuperar do interior das catacumbas.

“Papéis?”, questionou a minha mãe. “Que tipo de papéis?”

“Os papéis contendo uma outra fórmula que Phineas havia criado. Se alguém aqui estiver com esses papéis, agora seria uma boa hora para entregá-los.”

Seguiu-se um alvoroço de conversas e confusão, mas ninguém sabia nada em relação a papel algum, e, nesse confinamento, teria sido impossível esconder qualquer coisa.

Mais um estrondo fez o chão tremer.

Paxton sibilou. “Não são mais os papéis que ele quer. Ele só nos quer mortos.”

“Temos de tirar todo mundo daqui”, disse Gunner.

“E ir para onde?”, perguntou Mason, jogando as mãos para cima. “Para fora, pela entrada dos fundos, que dá para a montanha onde os soldados estão patrulhando?”

“Isso é exatamente o que aquele verme quer”, grunhiu Synové.

“Não”, falei. “Por enquanto, todo mundo fica onde está.” Eu sabia que, com tanta gente ferida e fragilizada, nós não teríamos nenhuma chance. Minha mãe se movia devagar, e Tiago jamais conseguiria andar por uma montanha íngreme com a perna machucada, menos ainda correr, caso fosse preciso. Eles seriam pegos como cordeiros feridos, isso sem falar daqueles que estavam na enfermaria, como a tia Dolise, que sequer conseguia se mexer. Não podíamos simplesmente deixá-los para trás. “Ainda temos uma montanha imensa de granito sólido ao nosso redor”, falei, tentando acalmá-los, mas a verdade era que eu não sabia se nosso tempo estava se esgotando. Definitivamente, a comida estava acabando. As opções estavam sendo tiradas de nós. Tínhamos nove lançadores. Nove de nós éramos capazes de sair correndo em direção à arena. Desses, pelo menos um conseguiria chegar lá. Sem munição, o rei ficaria impotente. “Temos de ir até a arena e destruir as munições. Hoje.”

“Hoje.”

“Eu vou!”

“Sim, vamos fazer essa luta ficar equilibrada.”

Todo mundo murmurou em acordo.

Todos, menos Kazi.

“Não”, disse ela. Ela se levantou e esfregou a cabeça como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

“O que foi?”, eu quis saber.

Ela deu uns poucos passos, ainda pensando, e, por fim, balançou a cabeça em negativa. “As munições não estão mais na arena. Eles as levaram para a torre da Vigília de Tor.”

“Do que você está falando?” Perguntas irromperam pela sala. Até mesmo Paxton a questionou. Isso era novidade para ele.

“No subsolo”, disse ela ainda. “As munições estão em algum lugar no subsolo. Aqui.”

Nós nos reunimos novamente no escritório — atrás de portas fechadas.

Enquanto fugia, Kazi tinha visto Zane fazer uma entrega em uma hora incomum na estrada atrás da torre da Vigília de Tor — com uma escolta armada. Ela não tivera tempo de ponderar sobre aquilo, pois estava tentando salvar a própria vida. No entanto, depois de ter sido capturada, enquanto estava meio delirante com o veneno e a dor, ela ouviu o rei ordenar a Zane que terminasse de mover as duas cargas da arena. Que era perigoso demais manter alguma coisa por lá.

Eu me lembrei da caravana armada com a qual havíamos nos deparado na estrada, escoltando duas carroças cheias de feno. Agora aquilo fazia sentido.

Infelizmente, isso mudava tudo.

Fazer explodir o armazém 72 atrás da arena em plena luz do dia era arriscado — talvez até uma missão suicida, que poderia reduzir todos os armazéns a destroços. No entanto, detonar todo o estoque de munições que ficava debaixo da torre da Vigília de Tor poderia realizar aquilo que o próprio rei estava tentando fazer, porém ainda mais rápido: destruir as catacumbas. E encontrar as munições era outra façanha. Havia grandes adegas e porões sob todas as casas e anexos na propriedade. Mais armazéns se encontravam sob os estábulos. E nós também tínhamos um depósito de gelo que ficava em sua maior parte no subsolo, isso sem falar no próprio Túnel de Greyson e nos túneis que se ramificavam dele e desembocavam nas catacumbas. Já não tínhamos somente um lugar onde procurar, mas vários.

Paxton se inclinou para a frente e soltou uma baforada de ar na mão. “Agora que havia algo de valor a ser protegido, eles não teriam apenas um pequeno contingente de soldados postados na torre da Vigília de Tor. Eles estariam por toda parte.”

“Nós não podemos ir entrando e fazer uma busca pelos arredores em plena luz do dia, de qualquer forma”, disse Gunner.

“Ou esperar pelo cair da noite e usar tochas”, disse Aram ainda.

Uma explosão mais alta ressoou pelo aposento. A mesa que havia entre nós ficou polvilhada de pó. Esperar a noite chegar não era uma opção a essa altura do jogo.

“*Droga!*” Priya beliscou o nariz e depois limpou vigorosamente o pó caído.

Kazi pigarreou. “Existe alguém que poderia entrar normalmente em plena luz do dia pela torre da Vigília de Tor.”

Olhei para ela do outro lado da mesa. Kazi estava em silêncio até agora, conspicuamente calada, quase como se estivesse compondo uma charada. Agora eu sabia que charada ela estava tentando desvendar.

“Não”, falei.

“Mas...”

“Não!”, falei com mais firmeza. “Rhea também jamais permitiria uma coisa dessas. Você simplesmente...”

Kazi se levantou. “Escute aqui, *Patrei*. Eu faço parte desta família agora e digo que sim.”

Sobrancelhas se ergueram em torno da mesa.

Synové fez uma careta. “Agora ela pegou você, *Patrei*.”

“Ela é uma Rahtan também, não se esqueça disso”, acrescentou Wren.

“Isso sem falar”, prosseguiu Kazi, “que sou a embaixadora por estas bandas, e embaixadoras são superiores ao *Patrei*.” Ela colocou as mãos nos quadris. “Pronto! Acho que todo mundo sabe disso agora.”

CAPÍTULO 57

KAZI

JASE ESTAVA PARADO NO FIM DO TÚNEL, PASSANDO A MÃO NO liso metal da porta das catacumbas, como se estivesse procurando uma falha ali. Era a primeira vez que eu notava quão perfeita ela era. Ainda brilhante, sem um arranhão sequer, e tinha séculos de idade. Em seguida, a mão dele percorreu a fenda, onde o batente ficava embutido na montanha de granito, como se fosse um alfaiate verificando o acabamento magistral de um casaco — um casaco muito velho. Eu vi o peso nos ombros dele. Proteger. Isso estava em seu sangue.

O chão tremeu de novo. Imaginei Montegue lá em cima, na montanha, disparando as cargas ele mesmo. O prazer de me ver ser enforcada lhe havia sido roubado.

“Temos de ir, Jase”, eu disse. Embora a torre da Vigília de Tor estivesse logo do outro lado daquela porta, a rota que teríamos de tomar seria muito mais longa.

Ele passou as mãos em seus cabelos, puxando-os para trás, e seus olhos se encontraram com os meus. Ele assentiu. Eu sabia em que ele estava pensando. *Teria de aguentar. Os Antigos a haviam construído para aguentar.* Mas será que uma velha porta de catacumbas seria páreo para a magia estelar e a ira de um rei? Jase avisara que, dependendo de onde os explosivos estivessem armazenados, explodi-los poderia ser sinônimo de colocar abaixo toda a torre da Vigília de Tor. *Poderia não restar nada.*

Nada. Uma dinastia. Um legado. O silêncio era entorpecedor. *Que outra escolha nós temos?*, Vairlyn questionou, por fim. O pó estava caindo, a despensa estava escassa, e o rei se aproximava de forma contundente. A família concordava, discordava, andava em círculos, em busca de soluções rápidas porque o estrondo persistente ao redor era prova de que nosso tempo estava acabando. A difícil decisão final foi deixada para o *Patri*, um tremendo fardo a ser carregado, mas sua expressão permaneceu estável. Ele disse que não havia outra opção. Livrar o rei de seu arsenal era nossa única chance.

“Tragam os cavalos lá da caverna exterior”, disse Jase a Titus. “Não é seguro para eles lá fora.”

Titus ficou hesitante. “Cavalos aqui dentro?”

“Arrume espaço para eles”, foi a resposta tranquila de Jase.

Em seguida, Paxton, que já estava tirando sua tipóia, se ofereceu novamente para ir junto, oferta que Jase recusou. “Não”, disse Jase. “Eu precisarei de você mais tarde, primo. Não agora.”

A resposta foi firme, mas a maneira como Jase pronunciou a palavra *primo* fez com que ela soasse importante e aproximou Paxton do restante do grupo. Paxton assentiu.

Posso até ser capaz de fazer malabarismo com laranjas, mas Jase fazia tantos malabarismos quanto eu no interior de sua cabeça. Pessoas, cavalos, portas de catacumbas, uma família complicada, eu. Não era de se admirar que o pai dele o tivesse nomeado *Patri*. Mas agora eu sabia que o título não era uma cura mágica para a preocupação. Jase parecia estar escondendo a própria inquietação onde ninguém poderia ver, um habilidoso truque de mágica, mas eu a distinguia em seu queixo abaixado, em seu olhar de esguelha. Ele era meu marido, e seus segredos eram meus também. Ele se esforçava para tornar todo mundo mais forte. Estava disposto a sacrificar seu lar e séculos de história para proteger o que importava. *As vezes é necessário apenas uma pessoa para impedir que o mal vença.* A rainha estava falando de Greyson Ballenger, mas, hoje, essa pessoa era o meu marido.

Ele se curvou para a frente e puxou uma bolsa por cima de seu ombro com uma das mãos, e, com a outra, apanhou seu lançador. Eu não entraria saltitando na torre da Vigília de Tor sozinha — Jase havia deixado isso claro desde o princípio. Eu poderia ser boa em encontrar coisas, mas seria preciso que todos nós detonássemos aquilo tudo. *Rahtan, Dez, Executora de Sombras, nenhum título que você tenha me fará mudar de ideia em relação a isso,* ele havia grunhido enquanto arrumávamos nossos equipamentos. *E apenas hoje uma embaixadora é superior a um Patri,* disse ele ainda, e depois me beijou, um beijo longo e firme. *Vermos, menino bonito,* sussurrei em resposta. Ele tentou agir como se estivesse se divertindo. A preocupação aumentava.

Pegamos nossos equipamentos e voltamos para a entrada dos fundos. Soávamos como um exército marchando pelo túnel. Nossa equipe era composta de oito pessoas. Wren e Synové foram as primeiras a se voluntariar. Imara, Mason, Priya e Samuel também nos acompanhariam — armados com lançadores. Os quatro lançadores remanescentes seriam deixados para trás, para que Titus, Gunner, Aram e Aleski os usassem para guardar a entrada principal das catacumbas, caso chegasse o momento de abri-la.

Enquanto cruzávamos as cavernas até as quedas d'água, Priya veio caminhar ao meu lado. Ela queria me explicar a disposição de todos os aposentos da torre da Vigília de Tor, porém logo se deteve. “Mas... você provavelmente conhece todos eles, não?”

Não havia mais propósito em tentar esconder o óbvio. “Sim, conheço. Todos os cantos e todos os aposentos, inclusive seu escritório e o que você tem pendurado nas paredes. Era meu trabalho, Priya.”

Ela ficou boquiaberta por apenas um segundo e então assentiu. “Bem, então acho que isso é um golpe de sorte para todos nós, não é?”

Eu não teria como negar, mesmo que isso a fizesse se sentir desconfortável. Era muita sorte.

Tornar-me parte da família seria, talvez, uma das coisas mais difíceis que eu faria em toda a minha vida.

Em momento algum saímos de trás das quedas d'água para adentrar a floresta, pois, bem atrás delas, havia um outro caminho — isolado — que conduzia à Ponta da Caverna pela montanha. Tratava-se de uma subida vigorosa; às vezes, Precisávamos ajudar uns aos outros pelas íngremes paredes de rocha, e, ao escalarmos algum peitoril, tínhamos de subir bolsas e armas antes. Nosso caminho nos manteve invisíveis para os soldados que faziam a patrulha, embora todos nós ainda usássemos os mantos camuflados que foram feitos para me resgatar.

Wren estava armada com suas *ziethes*, e Synové carregava seu arco e uma aljava cheia de flechas nas costas. Elas também traziam as facas de Imara, das quais falavam com tanto gosto, como bichinhos peludos de estimação. *Ra mézhans*. Minhas irmãs. Era boa a sensação de estar caminhando ao lado delas novamente. As esposas de Jase versão kbaaki. Todo o martírio quase tinha valido a pena, só por ouvir as histórias loucas que elas contaram, embora eu soubesse que Synové havia incrementado um pouco a verdade.

Quando chegamos ao nível do solo, notei Synové olhando para Mason, que andava logo à frente.

Eu me lembrei das ameaças horríveis que haviam sido lançadas para cima dela e de Wren. “A família está tratando bem vocês duas?”, eu quis saber.

“Bem o bastante”, foi a resposta de Wren. “Vairlyn é gentil.”

“E quanto a Samuel? Fiquei surpresa que Jase o tenha escolhido para ir junto, considerando a mão dele.”

Wren deu de ombros. “Samuel tem os pés ligeiros. Ele sabe ficar quieto e acatar ordens, uma qualidade bastante subestimada. E a mão dele está forte o suficiente. Aqueles lançadores não são exatamente armas de precisão. Além do mais, ele ficou muito hábil com a outra mão.”

“Hmm”, disse Synové, passando a língua nos lábios. “Hábil em *quê?*” Wren soltou um gemido. “Não comece”, disse ela em um tom de aviso. “E quanto a você e Mason?”, perguntei. “O que está acontecendo entre vocês dois? Ouvi dizer que passaram a noite sozinhos em umas ruínas.”

Synové balançou a cabeça como se estivesse surpresa. “Olhe só para você!”, ela falou. “Fazendo todo tipo de perguntas íntimas. Foi nisso que seu marido a transformou?”

Sorri. “Talvez. Eu fiquei melhor nisso de conversar e compartilhar coisas.”

Ela soltou um suspiro. “Eu não sei. Sendo uma das outras esposas, descobri que a conversa dele pode ser um pouco chata. Ele só queria falar sobre *você*.”

“Verdade”, concordou Wren.

Olhei diretamente para Synové. “Você está evitando a minha pergunta”, falei. “Então...?”

Ela não tinha uma resposta rápida e afiada na ponta da língua. Seu sorriso travesso desapareceu. “Acabou”, ela me respondeu por fim. “Mason é civilizado o suficiente. Cumpru seu dever de me proteger. Mas ele é tão bom nisso de perdoar quanto a língua de um soldado bêbado. Qualquer um pensaria que as minhas mentiras foram uma faca em suas entranhas. Agora ele tem toda a paixão e o calor de um pão amanhado. Acabou entre nós. Terminou. Fico feliz por me livrar dele. De qualquer forma, ele nem dançava bem.” Ela deu de ombros como se isso não importasse. Talvez não importasse mesmo. Muitos haviam falhado em persistir em um relacionamento com Synové. Como Eben e vários antes dele. Ela seguia em frente com a vida dela. Porém, enquanto caminhávamos, notei que sua atenção era despertada sempre que Mason se pronunciava, e então ela ficava calada.

As rajadas soavam mais altas daqui. Uma chuva de pedaços de rochas caía ocasionalmente. Segundo nossas especulações, o rei estaria disparando de um ponto acima das catacumbas, não muito longe do Túnel de Greyson.

“Ei, me dê a mão”, disse Jase, esticando o braço sobre um peitoril alto e ajudando cada um de nós a subir. “Continuem falando baixo. São só mais dez minutos a partir daqui”, disse ele em tom de aviso. Emergimos em um planalto de superfície mais nivelada, repleto de floresta e verde. “Fiquem bem atrás de mim”, aconselhou Jase, apontando para o centro do planalto, “ou vocês acabarão de volta na estufa. A queda é longa.”

A partir desse momento, Jase não soltou a minha mão, nem eu queria que ele o fizesse. *Nós estamos juntos e assim permaneceremos, não importa o que aconteça.*

Não importa o que aconteça.

Meu coração martelava o peito. Na última vez que eu me aproximei da torre da Vigília de Tor com Jase...

“Parem um pouco”, eu disse aos outros e puxei Jase para trás de uma árvore. “Eu sei que este não é o momento certo, mas...”

“O que foi?”

“Eu amo você, Jase. Não importa o que venha a acontecer daqui para a frente. Eu quero que essas sejam as últimas palavras que você ouça de mim. Eu amo você.”

Ele tocou na minha bochecha. “Ei, nós vamos envelhecer juntos, lembra?”

Assenti.

“E minha mãe acendeu uma vela para você hoje de manhã. Isso quer dizer que agora você é a ladra patrona da torre da Vigília de Tor. O que quase faz de você uma santa.”

“Eu já fui chamada de muitas coisas, mas nunca disso.”

Ele fez uma careta. “Sim, você tem razão. É um exagero.”

Dei um soco no ombro dele, e ele me puxou para seus braços. “Eu amo você, Kazi de Brightmist, e juro que essas não serão as minhas últimas palavras. Nem as suas.” Ele pressionou seus lábios nos meus, quentes e carnudos e verdadeiros.

“Ah, pombinhos apaixonados, parem com isso, vocês dois!”, sibilou Synové. “O mundo está prestes a acabar. Não temos tempo para isso.”

Ela estava certa. Nunca haveria tempo para últimas palavras.

Estávamos posicionados na horizontal sobre a crista de uma cadeia de montanhas com vista para quase toda a torre da Vigília de Tor. Daqui conseguíamos ver a Ponta da Caverna, a casa principal, a Raehouse, o pátio de trabalho que dava para o Túnel de Greyson, os jardins. Tínhamos quase uma vista aérea. As outras três casas ficavam praticamente escondidas atrás da projeção de granito da Ponta da Caverna. Eu conseguia ver apenas um pequeno canto da Darkcottage. Lá debaixo, eu nunca suspeitaria da existência dessa cordilheira. Para toda a fortaleza, parecia apenas um mero e agourento fundo de granito.

Daqui também conseguíamos ver os portões da frente. Paxton estava certo. Agora que eles protegiam algo de valor, o número de soldados posicionados aqui havia triplicado. Onde o tesouro deles estaria escondido? Analisei os arredores, olhando para o local em que os soldados estavam postados.

“Contei vinte caminhando pelas muralhas”, sussurrou Jase. “Catorze no chão, que eu consigo ver.” Ele sorriu. Sua família sabia sobre essa cordilheira — um ponto fraco em potencial na segurança do lugar. Os Ballenger sempre tiveram um arqueiro postado em uma muralha interna acima do pátio de trabalho, com o único propósito de observar essa parte da montanha. Banques não tinha ninguém postado na muralha interna. Apenas as muralhas externas estavam protegidas.

“Ah, que alvos fáceis!”, gemeu Synové. A maior parte dos guardas estava de costas para nós, olhando para além das muralhas para o caso de avistar possíveis invasores, sem perceber aqueles que já estavam praticamente ali dentro.

“Sossega, menina”, sussurrou Wren em resposta. “Derrubar guardas só trará todo o enxame para cima de nós.”

O plano era, primeiramente, realizar uma busca no Túnel de Greyson. Antes, mais de uma vez, eu conseguira atravessá-lo de fininho, sem ser notada, e aquela era a escolha óbvia para armazenar a munição. A entrada dos fundos, onde antes ficavam os cães venenosos, estava situada

bem embaixo de nós — uns quinze metros abaixo, na rocha pura e íngreme. *Deslizem de bruços*, tinha sido a instrução de Jase. *Não façam barulho quando aterrissarem*. Ele fazia com que parecesse fácil. Eu me lembrava da minha descida pelo cânion abaixo. Eu tinha feito muito barulho.

“Preparados?”, perguntou Jase em um sussurro.

Assenti. Priya foi primeiro, para nos mostrar como fazer. Aparentemente, a ninhada dos Ballenger já tinha feito isso antes. “Mas eu não tinha peitos na época”, reclamou Priya, que também estava nervosa em relação à descida. A curva inclinada da montanha encobriu a maior parte de sua descida dos guardas que estavam nas muralhas. Mason, Imara e Samuel foram em seguida, sempre esperando pelo sinal de Jase para se certificarem de que as cabeças dos guardas estivessem viradas para o outro lado.

Porém, enquanto eu observava os guardas andando de um lado para o outro, alguma coisa chamou minha atenção para além das muralhas. Em meio às árvores, um rápido brilho de luz. Uma espada? Em seguida, notei movimentos. Na floresta, depois dos portões dos fundos, havia mais soldados. Muitos deles. Assim que eu percebi onde eles estavam, ficou claro: estavam guardando a estrada. Por que não a estrada da frente, que conduzia à fortaleza?

Voltei a olhar para a torre da Vigília de Tor, estudando-a com mais atenção. Nos jardins, logo à frente da Darkcottage, havia quatro soldados, mas, em vez de andarem ociosamente de um lado para o outro, eles estavam posicionados ali. Olhei para a distribuição dos outros guardas. No pátio de trabalho só havia um deles, nos portões frontais, apenas dois, e, ainda, havia quatro soldados na Ponta da Caverna, na curta extensão da muralha da fortaleza, dois sob a sombra no vestíbulo e os outros posicionados logo além, na estrada. De repente, visualizei Montegue dando tapinhas em seu colete, em cujo bolso interno, perto do coração, seu tesouro estava guardado. Fazia sentido. Um pequeno e seguro bolso interno.

CAPÍTULO 58

J A S E

OUTRA RAJADA FEZ O AR TREMER.

Eu me forcei a manter o foco onde ele precisava estar e a não me preocupar com o que estava acontecendo nas catacumbas.

“Kazi, sua vez”, sussurrei. E, quando tive certeza de que todos os guardas estavam olhando para o outro lado, eu disse: “Vá!”.

Ela deslizou pela rocha fria, com as mãos estendidas para retardar a descida, do jeito como eu lhe havia mostrado. Eu sabia que recentemente ela caíra por uma escarpa rochosa, e seu corpo ainda trazia todos os machucados que afirmavam o fato, mas ela estava calma e hábil, e deslizou até o chão com a suavidade de uma folha. Quando ela terminou de descer, eu fui em seguida. Nós mal cabíamos na pequena fissura que ficava fora do campo de visão dos guardas. Planejei fazer uma rápida corrida para abrir o portão do túnel e acenar para que eles atravessassem — com a esperança de conseguirem fazer isso antes que um dos guardas se virasse e nos visse. “Não”, sussurrou Kazi. “Nós não precisamos procurar no Túnel de Greyson. As munições estão aqui.”

Kazi olhou para as sombras da parede interna, para as árvores, para o teto da caverna, mapeando seu caminho pelo terreno antes de fazer qualquer movimento. Ao seguir adiante, ela variou os passos e o ritmo de seu caminhar, tal qual uma sombra se movendo na paisagem. Quando ela chegou ao outro lado, eu segui seus passos. Falamos para os outros esperarem até que fizéssemos um sinal do outro lado.

Deslizamos para dentro de um aposento em um terraço, um lugar que ainda continha as evidências e a desordem de uma busca. Almofadas jogadas, mesas reviradas. Dali podíamos observar os dois guardas que estavam parados em frente a uma seção precisa da parede de pedra — a seção que tinha uma porta que se mesclava por completo com o restante da pedra. Tratava-se da entrada oculta com a qual eu tinha ficado tão fascinado quando era criança. Zane devia ter contado a eles sobre essa entrada, caso contrário jamais teriam tomado conhecimento dela. Os guardas seguravam lançadores engatilhados e preparados para atirar, as costas eretas contra a pedra, convictos em seus deveres. Não havia como passar sorrateiramente por eles.

“Como é que você pode ter certeza de que está ali?”, sussurrei para Kazi.

“Está no coração da torre da Vigília de Tor”, ela me respondeu confiante. “Longe de todas as muralhas externas, fácil de proteger, na profun-

didade do subsolo, impossível de detonar como um depósito de gelo, e o lugar já estava vazio, esperando para ser preenchido. Como um pequeno bolso em um colete.”

Analisei os guardas. Como poderíamos passar por eles? O que quer que fizéssemos, não poderia fazer barulho, pois isso alertaria os outros guardas. O fato de que seus lançadores estavam engatilhados era perturbador. Até mesmo uma queda poderia fazê-los disparar. Uma luta certamente faria.

Kazi se afastou da minúscula fresta na cortina pela qual espiávamos e olhou ao redor do aposento. Ela parou diante de uma tapeçaria que estava pendurada na parede e encarou-a. “Tive uma ideia”, disse ela enquanto se livrava de seu manto. Ela puxou a tapeçaria para baixo e envolveu sua cintura com a seda colorida.

“O que é...?”

Mas ela já se movia na direção de um outro item, com algum plano já concatenado em sua cabeça. Ela agarrou uma espécie de toalha de mesa carmim e começou a amarrá-la em seus cabelos enquanto me contava seu plano. “Cor é a melhor das distrações”, disse ela enquanto pegava três cálices de prata, “ou qualquer coisa brilhante. Isso tende a fazer com que qualquer um fique meio que desorientado, como um peixe, pelo menos por alguns segundos.”

Comecei a apresentar objeções ao plano, mas ela me deteve, pressionando as mãos no meu peito. “Jase, isso é como entrar saltitando em plena luz do dia, como falamos. Confie em mim.” Todos os músculos no meu pescoço se repuxavam, mas eu assenti, sabendo que ela não recuaria, e com as rajadas continuando a ecoar ao nosso redor, não havia tempo para discutir.

Ela entrou tropeçando no vestíbulo, rindo, carregando dois cálices em uma das mãos e fingindo beber do outro, na outra mão. Ela agiu como se estivesse alarmada quando os guardas ergueram seus lançadores para ela, e então começou a rir descontroladamente. “Estou no lugar errado, não estou?”, ela sussurrou, como se eles todos estivessem partilhando um segredo.

Fiquei encarando a cena, incapaz de respirar. Os lançadores dos guardas permaneceram mirados nela enquanto ela sorria, entretida, e arriscava tudo para salvar pessoas que ela mal conhecia.

Um dos guardas praguejou, sem saber ao certo o que fazer. Ela claramente estava desarmada.

“Vocês viram Zane em algum lugar?”, ela perguntou. Kazi sabia que aquele nome chamaria a atenção deles — o tenente. De fato, ele tinha aposentos ali, e provavelmente uma reputação à altura, se o fato de ela ter encontrado uma camisa feminina nos aposentos dele significava alguma coisa.

Os guardas reviraram os olhos, trocando um olhar astuto. “Ele me falou para encontrá-lo aqui”, disse ela, dando risadinhas. “Receio ter che-

gado um pouco antes dele.” Ela ergueu o cálice como evidência. “Querem um pouco?”

Eles se afastaram da porta, caminhando na direção dela. Minha pulsação ficou acelerada. Os lançadores ainda estavam em prontidão para serem disparados.

“Como foi que você entrou aqui?”, grunhiu um deles. “Você...?”

Kazi tropeçou, e um dos cálices de prata escapou engenhosamente de sua mão, mas ela conseguiu pegá-lo no ar com a mesma graça. Agora, os olhos deles estavam fixos nela. “Que sorte, não?”, disse ela, fingindo beber o conteúdo restante de seu cálice vazio. “Na verdade, não sou má nisso. Zane adora. Querem ver?”

“Não. Venha conosco agora. Você precisa...” Um dos guardas desarmou o gatilho de seu lançador, pousou-o junto a um pilar e foi marchando na direção dela.

Então ela começou a jogar os cálices no ar, fazendo-os girar em um arco cada vez mais alto enquanto dava passos para trás — e eles se aproximavam dela. Os olhos deles seguiam a prata que girava. Era conveniente, eu pensei, que eles tivessem a mesma altura. Tornaria as coisas mais fáceis. *Um pouco mais adiante agora.* Ela lançou os cálices um pouco mais alto, e um dos guardas soltou uma baforada de ar cheia de estupefação. Agora eles estavam longe da porta, e o soldado que ainda segurava o lançador o deixou pender de sua mão abaixada, como se tivesse esquecido que estava ali.

Longe o bastante. Assenti para ela.

Kazi deixou todos os cálices caírem de volta em suas mãos. “Aí está você, Zane! Finalmente”, disse ela, olhando além dos ombros deles, para mim. Quando ambos se viraram, dei um giro e minha espada deslizou por suas gargantas. Kazi agarrou o lançador que pendia da mão do soldado enquanto os dois caíam com baques ocos no chão.

Arrastamos os corpos deles para dentro da sala do terraço e fizemos sinal aos demais para começarem a vir quando o caminho estivesse limpo. Imara foi a primeira. Pedi para que ela vigiasse enquanto verificávamos a adega. “Fale para os outros esperarem por nós quando chegarem aqui.”

Com cuidado, abri uma fresta da porta do túnel que conduzia à Darkcottage. Não havia nenhum soldado ocupando o local, e, sorradeira e silenciosamente, nós o adentramos e fomos até a outra extremidade. Três barris estavam empilhados perto da porta, como se tivessem sido colocados de lado com algum propósito. Talvez fossem mais suprimentos, prontos para serem enviados à cidade em substituição aos que havíamos detonado. Ou talvez seriam usados para detonar as catacumbas.

Fiz uma pausa, com o olhar fixo em um dos barris.

“Esqueça isso, *Patri*”, sussurrou Kazi. “Sei que é tentador, mas não precisamos de nada que vá nos retardar agora. Se você tentar sair correndo com isso, todos nós estaremos mortos.”

Conte-me sobre as estrelas, pede Nisa.
Ela não está se referindo às estrelas no firmamento,
Mas àquelas que caíram.
Aaron Ballenger disse que somente duas vieram dos céus.
As demais foram lançadas pela fúria dos homens.
Como isso foi possível?
De qualquer forma, eu não me lembrava das estrelas caindo.
Eu só me lembrava das tempestades que vieram em seguida.
Da fumaça no ar.
Do chão tremendo.
Dos céus queimando.
Das montanhas se erguendo em ondas.
Dos oceanos se revolvendo.
Dos gritos das pessoas — e dos berros daqueles que eram
seus predadores.
Em vez de contar a Nisa sobre as estrelas, contei-lhe a história
que me foi relatada.

*Era uma vez, há muito, muito tempo,
Antes que os monstros vagassem pela terra,
Uma época em que as estrelas pairavam quietas no céu,
E grandes cidades feitas de maravilhas e luz
Erguiam-se até os céus para ir ao encontro delas,
Mas então uma estrela foi lançada na terra pelos deuses
Para destruir os perversos...*

Ouvimos os abutres uivando no fim do túnel.
Eles sacodem as barras do portão.
Nós mataremos vocês, eles dizem. E rugem feito animais.
Vamos voltar para dentro das catacumbas, eu disse.
Contarei o restante da história lá.

— Miandre, 18 anos —

CAPÍTULO 59

K A Z I

SENTI A MESMA TREPIDAÇÃO NA PRIMEIRA VEZ QUE CAMINHEI POR este túnel, sem saber o que encontraria na outra extremidade. Pressionei meu ouvido junto à porta, tentando escutar o menor som que fosse. Não havia nada, e abri a porta com facilidade.

A adega era iluminada por uma única lamparina que pendia da parede. Saí da passagem oculta e olhei para o topo das escadas. A porta estava fechada. Fiz um sinal para que Jase sáísse, e então avancei pelo local. Na primeira vez que estive aqui, eu havia vasculhado o aposento na mais completa escuridão. Não me dei conta de como era grande, nem de quão alto era o teto — e agora o lugar estava repleto de fileiras e mais fileiras de barris que alcançavam as vigas e ainda cheiravam a vinagre e vinho.

É uma beleza. Imagine as possibilidades.

Foi para isso que nós viemos, era o que esperávamos encontrar, mas a realidade ainda nos chocava a ponto de ficarmos em silêncio. Eu não sabia ao certo em que Jase estava pensando. Talvez ele visualizasse todos os meses durante os quais Beaufort o havia enrolado, as falsas esperanças que ele nutrira por uma cura para a febre enquanto o rei tinha conhecimento da fraqueza de sua família. Talvez ele visse seu lar, sua história, séculos inteiros desaparecendo em uma única nuvem flamejante. Talvez ele visse as catacumbas, que não conseguiriam aguentar isso tudo.

Eu via uma sala repleta de sonhos. Os sonhos de Karsen Ballenger, de Vairlyn, de Montegue. Sonhos diferentes que tinham, todos eles, dado muito errado.

“Vamos colocar as mãos na massa”, disse Jase por fim e começou a despejar querosene no chão. Puxei a corda embebida em combustível de um recipiente na minha bolsa e comecei a dispô-la entre uma fileira de barris, e então, com cuidado, passei-a através da porta. Jase despejou mais querosene na saída do túnel. Estendi a corda por mais uns dez metros além dali.

E então eu me virei. “Jase”, sussurrei. “Largue o querosene.” Junto comigo, ele se virou de frente para a outra extremidade do túnel. Havia um soldado parado ali, com seu lançador mirado em nós. Ele parecia saber que não se atreveria a atirar ou todos nós explodiríamos pelos ares. Atrás dele, nossa trupe estava espremida entre seis alabardas afiadíssimas.

“Saíam”, disse o soldado para nós.

Jase não se mexeu. Nem eu. “Isso seria um erro da nossa parte”, foi a resposta de Jase, cujo olhar estava gélido. “Por que você não entra e vem nos pegar?”

Os olhos do soldado ardiam de fúria. “Saiam e venham até aqui!”, ele ordenou.

Jase permaneceu inabalado. “Não.”

“Então enviarei outra pessoa até aí”, ele respondeu, dando um passo para o lado.

Um outro homem tomou seu lugar, o mesmo cuidador que eu tinha visto apenas dias atrás, os mesmos demônios de olhos amarelos nas coeliras que ele segurava. Seus pelos negros e densos estavam eriçados em volta dos pescoços.

“Último aviso”, disse o cuidador.

Eu me segurei na parede e uma onda de náusea me atingiu, e então ele os soltou. Os cães vieram correndo na nossa direção.

Jase deu um passo e se pôs na minha frente, e, logo antes de os cães o alcançarem, ele gritou: “*Vaster itza!*”

Os cães pararam imediatamente. Eles ganiram e se sentaram diante de Jase.

O ar saiu trêmulo do meu peito.

Eles conheciam a voz de seu mestre.

Jase se inclinou para a frente, coçou as orelhas deles, e então apontou para os soldados, o olhar ainda frio, indicando-os para os cachorros. “*Hinta! Hinta! Hinta!*” Jase se levantou. “*Yah!*” Ele estendeu a mão com seu último comando.

E agora os cães estavam correndo na outra direção.

Seguiu-se um caos inesperado, hediondo e sangrento, os soldados cambaleando para trás. Mesmo aqueles que não eram alvo dos cães foram derrubados no empurra-empurra, e um deles perdeu a cabeça para a *zieth* de Wren. Em apenas poucos segundos, todos os seis soldados e o cuidador estavam no chão, mortos. No entanto, a comoção atraiu a atenção dos guardas que estavam na muralha da fortaleza. Nós os ouvimos gritando por reforços.

“Agora!”, falei para Synové.

Ela deu um passo à frente e começou a lançar uma saraivada de flechas para cima dos guardas situados no topo das muralhas. Três deles despencaram, mortos. Um deles saltou para se proteger atrás da oficina.

O restante de nós se apressou para coletar nossas armas enquanto Jase punha fogo em um pavio. Já não havia como rastejar de volta pelo terreno. Tínhamos de correr para salvar nossas vidas.

“Vá!”, ordenou Jase. “Não perca tempo com a tranca”, ele disse a Mason. “Detone-a!”

“*Hinta,yah!*”, berrou Jase novamente, fazendo com que os cães saíssem correndo atrás do guarda que havia se escondido atrás da oficina.

Os outros começaram a cruzar o terreno, dirigindo-se para as catacumbas. Jase voltou para o interior do túnel com o pavio já em chamas. Seu rosto estava tenso, cheio de emoções que eu podia apenas tentar de-

cifrar. Ele estava prestes a destruir seu próprio lar. “Vá, Kazi!”, ele gritou para mim antes de se agachar para acender a corda.

“Não sem você, *Patrii*. Vamos embora juntos.”

Ele ateou fogo na corda e nós saímos correndo.

Mason, Priya e Samuel estavam parados na entrada do túnel, disparando seus lançadores e gritando para que nos apressássemos, provendo cobertura enquanto mais guardas inundavam a cena, vindos da estrada pela entrada dos fundos. Terra e grama explodiram no ar perto de nós, então Jase e eu fomos lançados ao chão.

“Corram!”, berrou Priya, e foi o que fizemos. Ficamos de pé com dificuldade e continuamos nos movendo. Cada segundo importava. Não sabíamos ao certo quanto tempo realmente tínhamos. A corda era improvisada, e nunca havíamos feito nada parecido antes. Quanto tempo levaria para ela ser consumida pelo fogo? Um minuto? Dois? Mais explosões trepidavam no ar, mas os tiros vinham de nossa trupe. Soldados corriam buscando proteção atrás da muralha da fortaleza.

Alcançamos a entrada e Jase assoviou para que os cães o seguissem. Eles vieram pulando pelo terreno na nossa direção. Ele gritou mais comandos e eles prosseguiram a seu lado. “Eles não vão machucá-la agora, Kazi”, ele me disse. “Você não precisa se preocupar com isso.” Com a torre da Vigília de Tor prestes a explodir, não havia tempo para preocupações. Eu deixaria isso para depois. Imara, Wren e Synové conduziam o caminho com os lançadores extras que pegamos dos guardas mortos pendurados em seus ombros. No meio do caminho, Mason, Priya e Samuel pararam para recarregar. Nossa preciosa munição já estava acabando. Jase e eu ficamos na retaguarda, protegendo nossas costas, olhando por cima dos ombros enquanto corríamos, disparando várias vezes quando soldados apareciam.

Samuel diminuiu o ritmo na curva do túnel, procurando por soldados na outra extremidade. Eles certamente tinham ouvido as explosões na Ponta da Caverna e estavam vindo para investigar as coisas a essa altura. “Está livre!”, ele gritou, então nos pusemos a correr novamente. O túnel parecia duas vezes mais longo do que quando eu tive de caminhar por ele. Onde ficava a intersecção que levava às catacumbas?

“Estamos quase lá”, disse Jase, lendo os meus pensamentos. No entanto, quando chegamos à ramificação em T, ouvimos uma correria de passos.

“Andem logo!”, berrou Jase. “O código!”

Priya e Imara saíram correndo na frente. Levaria algum tempo para que a imensa porta se abrisse. Ouvimos as pancadas em código na porta e o ribombo dos passos ficando cada vez mais alto. O restante de nós caminhava de costas, com nossas armas apontadas.

Um esquadrão de soldados surgiu na curva e Jase atirou, o tiro único no interior do curto túnel quase estourando nossos tímpanos. Mesmo os soldados que não foram atingidos ficaram momentaneamente em choque. Eles tombaram de joelhos, agarrando a cabeça e procurando pelas armas que haviam caído.

“Está aberta!”, gritou Priya.

Eu me virei. Gunner, Aleski, Titus e Aram se posicionaram lado a lado com seus lançadores mirados.

“Vão!”, ordenou Jase. “Vão!” Ele acenou para que todos passassem, inclusive os cães, enquanto ele protegia a retaguarda. Mas eu havia contado os tiros de Jase. Ele estava sem munição, assim como eu. Não dava tempo de recarregar.

Os outros entraram correndo nas catacumbas quando mais soldados invadiram o local, vindo de outra direção. Eles estavam armados com lançadores.

“Abaixem-se!”, gritou Gunner.

Puxei Jase para o chão comigo, e o túnel foi iluminado por um lampejo de luz. Um estrondo como o de um trovão passou rasgando acima de nós. Balancei a cabeça, tentando me reorientar, e vi os soldados no chão. Gunner e o restante haviam atirado acima de nossas cabeças, derubando-os, mas ouvimos mais passos a caminho. Jase e eu saímos correndo, berrando para que eles fechassem a porta, mergulhando através da pequena fresta antes que ela se fechasse. A roda girou e a tranca fez um clique, mas, enquanto tentávamos ficar em pé, fomos nocauteados e jogados no chão mais uma vez. As catacumbas tremiam violentamente, e o chão sacudia embaixo de nós como se estivéssemos presos no punho cerrado de um gigante furioso.

CAPÍTULO 60

JASE

O CHÃO SE ERGUIA. GRITOS RIBOMBAVAM PELAS PAREDES E luzes tremeluziam. A terra rugia e arranhava como um monstro afiando seus dentes, e me nocauteou, atirando-me ao chão repetidas vezes. Corpos se chocavam contra o meu, e então, por fim, a tremedeira parou. Eu não conseguia enxergar. Uma poeira cinzenta tornava o ar sufocante, mas ouvi gemidos. Isso queria dizer que alguns ainda estavam vivos.

“Kazi!”, berrei.

Senti a mão de alguém na minha. “Estou aqui”, ela respondeu. “Estou bem.”

Ouvi Synové praguejar. “Seu tolo! Você caiu em cima do meu arco! Está quebrado!”

Gunner tossiu. Mais alguém grunhiu.

Aquela tremedeira não fora causada pelos soldados que disparavam nas catacumbas. Vinha de algum lugar mais profundo — dos milhares de quilos de munição explodindo na adega da Darkcottage.

Fiquei de pé. Conforme a poeira se assentava, a primeira coisa para a qual eu olhei foi a porta das catacumbas. Estava intacta, sem qualquer indício de que tivesse cedido. Eu me virei e olhei para a entrada do túnel. Não havia rochas caídas nem desmoronamentos. Os outros estavam começando a se levantar, seus rostos estampando o mesmo deslumbramento e o choque que eu estava sentindo, os olhos arregalados enquanto olhavam ao redor. Fui correndo até o cômodo das camas, e depois para o escritório, enfermaria, cozinha — havia coisas espalhadas por toda parte, mas as paredes e o teto ainda estavam firmes, não haviam cedido. Rhea já estava percorrendo os aposentos, verificando o estado de todo mundo. Todos pareciam estar bem.

Elas aguentaram.

As benditas catacumbas aguentaram.

Eu me inclinei para a frente e abençoei os Antigos e Aaron Ballenger com todas as preces que tinha dentro de mim.

Os cavalos relinchavam no corredor, onde tinham sido colocados em estábulos improvisados, e Tamryn e Kwan se dirigiram até lá para acalmá-los. Os demais também estavam começando a restabelecer a ordem nas catacumbas. Encontrei a minha mãe na cozinha, enquanto se punha de pé com Judith. “Estamos bem”, disse ela, levando a mão à barriga. “O bebê também. Vocês todos conseguiram voltar?”

“Todos nós.”

O deslumbre deu lugar à alegria, e então a um silêncio sério. Todos os ruídos além das catacumbas haviam cessado. A quietude era perturbadora. Parecia que havíamos feito o que pretendíamos, mas agora a pergunta era assimilada: o que haveria sobrado lá? Se é que havia sobrado alguma coisa. Ficamos com os ouvidos atentos por alguns minutos. De qualquer forma, ainda que a porta das catacumbas bloqueasse a maior parte dos sons, não ouvíamos nem mesmo as vibrações abafadas que às vezes zuniam junto à porta. Nada.

Senti como se meu pai cutucasse o meu ombro. *Pare de duvidar. Siga seus instintos, Jase.*

“Nós temos de ir”, falei. “Antes que eles tenham uma chance de se reagrupar. Precisamos chegar até a cidade e pôr um fim nisso.”

Mais planos foram estabelecidos. A munição remanescente foi contada, as armas foram recarregadas, e os lançadores, colocados a postos enquanto abríamos a porta das catacumbas novamente. Ela se escancarou, grunhindo sobre as pequenas pedras, como um velho despertando de seu sono.

Nós nos deparamos com o misterioso silêncio. Fui o primeiro a sair. Corpos de soldados jaziam estirados pelo túnel, cobertos com uma espessa camada de fragmentos de rocha e cinzas. Pareciam praticamente pedaços macabros de pedra retorcida. Eu parei no T e olhei em ambas as direções. Os mercenários do rei se espalhavam até onde eu conseguia enxergar. Aparentemente, eles haviam invadido o túnel como um enxame de vespas nos últimos segundos, em um esforço para nos alcançar e matar a todos. Nenhum deles se mexia. Sangue escorria do nariz de alguns, como se a rajada os tivesse abalado por dentro.

Olhei para Gunner e assenti. *Deixe que venham.* Se os mercenários incumbidos da tarefa de proteger o túnel haviam morrido com a rajada, eu não esperava encontrar encrenca lá fora.

Gunner deixou os cães posicionados à porta, como uma forma de proteger aqueles que tiveram de ficar para trás, e acenou para que os outros viessem em seguida. Não houve qualquer hesitação. Eles estavam exaustos, recusavam-se a ficar reclusos novamente, talvez precisassem sentir o sol no rosto. Talvez precisassem apenas ver o que havia restado. Fragmentos de pedra eram ruidosamente esmagados sob nossas botas, e o cheiro pungente de fumaça pairava no ar. Conforme nos aproximávamos do fim do túnel, Kazi deslizou sua mão na minha e a apertou de leve, me encorajando a encarar o que havia pela frente.

Viramos na última bifurcação e fomos caminhando em direção ao trecho final do túnel, mas a maior parte dele não estava lá. Tudo o que se estendia além da montanha tinha sido detonado. Contornamos gigantescos blocos de pedras que tinham sido lançados como se fossem fardos de feno. Sequer havíamos alcançado o fim do túnel, mas, através da abertura rochosa, mal pude reconhecer o que vi. A paisagem estava transformada. A Ponta da Caverna havia desaparecido. Por completo.

Toda ela, exceto por um pedaço irregular do teto da caverna, que parecia uma presa afiada mordendo o céu. A muralha dos fundos da fortaleza. Destruída. Os terrenos que, poucos momentos atrás, ainda exibiam um verde invernal estavam completamente cinzentos, cobertos por fragmentos de rocha, assim como os mercenários. A princípio, achei que fosse a neve flutuando até o chão, mas então me dei conta de que eram cinzas. Umhas poucas espirais de fumaça se erguiam em meio aos destroços.

Percorremos todo o caminho até a saída do túnel, e então eu avistei o restante da torre da Vigília de Tor e o que havia acontecido com ela.

“*Patrei? Você está bem?*”, perguntaram-me Wren e Synové, de forma quase simultânea. Por quanto tempo fiquei encarando aquilo?

Assimilei a imprevisibilidade da destruição.

Kazi deu um passo à frente, como se estivesse confusa. Já que o gigantesco telhado inclinado da Ponta da Caverna não existia mais, nós tínhamos uma vista aberta da torre da Vigília de Tor.

A Darkcottage, o primeiríssimo lar dos Ballenger, havia desaparecido. Milhares de toneladas de granito preto foram completamente destruídos, como se toda a estrutura tivesse sido jogada pelos ares por alguma mão gigantesca. Havia uma cratera profunda e cheia de pó onde antes costumava ficar a adega.

Acima disso tudo, uma nuvem negra se erguia a centenas de metros no céu, como o espesso tronco de uma *tembris*, para então se ramificar, curvando-se em espirais, bloqueando o sol.

Ao lado da cratera, Greycastle ainda existia, ou pelo menos em parte. Era como se tivesse sido partida ao meio com um machado, seus aposentos expostos, nus, alguns ainda cheios de móveis, o que não fazia o menor sentido. Logo além dali, a Riverbend parecia intocada, exceto pelas janelas estilhaçadas.

Em seguida, minha atenção se voltou para a casa principal, e eu ouvi Titus soluçar atrás de mim. E então outros. Havia risadas. E mais soluços. As emoções estavam tão devastadas quanto a paisagem.

A casa principal ainda estava de pé. Era a primeira vez que eu via a casa rasgada ao meio em plena luz do dia, mas, em comparação com todo o resto, parecia um milagre que ainda estivesse de pé. A Raehouse, assim como a Riverbend, parecia intocada, exceto pelas janelas estilhaçadas.

Algumas árvores agora eram apenas tocos, ao passo que outras ainda tinham folhagens. Alguns mercenários estavam aleatoriamente espalhados pelos arredores, como se um anjo bêbado tivesse passado por ali.

Havia mercenários pendurados em muralhas, outros jaziam imóveis no chão.

“Façam a contagem dos corpos”, falei. “Precisamos saber quantos deles sobraram. E reúnam as armas.”

Eu não poderia ficar remoendo o que havia restado e o que não existia mais. Eu teria de assimilar a destruição depois. Nossa batalha não ti-

nha acabado. O pior ainda poderia estar por vir. De uma coisa eu sabia: nós teríamos de atacar desta vez. Não iríamos ficar esperando que eles partissem para cima da torre da Vigília de Tor novamente e nos afugentassem de volta para as catacumbas. Enquanto eles ainda estivessem se arrastando por aí e tentando entender o que havia acontecido, nós cairíamos em cima deles.

Todo mundo se pôs a trabalhar, agarrando qualquer coisa que fosse útil. Encontramos duzentos mercenários mortos. Isso queria dizer que ainda enfrentaríamos um exército de trezentos homens. Todos os lançadores coletados estavam danificados demais, e usá-los era muito perigoso; contudo, alguém surgiu correndo do Túnel de Greyson. Um grande estoque de lançadores havia sido encontrado.

“Quarenta”, confirmou Mason. “Mas estão vazios. Sem munição.”

“Traga-nos”, falei. “Montegue e Banques não saberão que estão vazios, assim como nós não sabíamos.”



“Vá!”

“Por ali!”

“Este aqui!”

Gunner, Priya e Kazi tiravam armas da traseira da carroça e se apressavam a colocá-las nas mãos de todo mundo. Synové, Wren e Samuel ajudavam a organizar todos em suas posições, os mais fortes na dianteira.

As cinzas continuavam a cair do céu, sujando nossos cabelos e ombros. A nuvem que se agigantava lançava uma luz alaranjada e misteriosa por toda a paisagem.

Tínhamos 92 pessoas que conseguiriam de forma razoável portar algum tipo de arma, ou que simplesmente insistiram em carregar uma — como Judith. Ela ficaria na retaguarda. Tiago jurou que seus braços estavam tão fortes como sempre foram, e ele conduzia a carroça repleta de espadas, alabardas, pás e machados — e os lançadores descarregados.

Em cada curva, em nossa rápida descida da montanha, eu fazia uma pausa para olhar a cidade. As *tembris* bloqueavam a maior parte da vista, e eu não conseguia ver nenhuma atividade. Kazi e eu trocamos um olhar de relance. Vi a preocupação estampada nos olhos dela. Será que eles estavam se reagrupando, exatamente como havíamos temido? Precisávamos nos apressar.

Sabíamos que eles tinham visto e ouvido a explosão na torre da Vigília de Tor. Seus suprimentos eram limitados agora, talvez tivessem menos do que nós, mas não queríamos os soldados de Montegue bloqueando nosso progresso, concentrando todo o seu poder de fogo em cima de nós enquanto marchávamos cidade adentro.

“Ali!” Aram ergueu seu lançador, e outras 91 armas foram erguidas simultaneamente. Os nervos estavam tensos e preparados.

“Esperem!”, falei.

Um pequeno grupo se dirigia em nossa direção.

Praguejei. “É Caemus. O que ele está fazendo aqui?” Um dos membros do grupo dele se separou do resto e veio correndo até nós. Era Kerry.

“*Patrei!* Estamos aqui para ajudar!”

“Não é uma boa hora, Kerry”, respondi ao menino.

Caemus o alcançou.

“Lydia e Nash?”, quis saber Kazi imediatamente. “Eles estão bem?”

Caemus garantiu que eles estavam bem e em segurança no assentamento. Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, Caemus começou a explicar que eles estavam deixando a cidade quando o céu inteiro explodiu. Ele imaginou que se tratava da torre da Vigília de Tor. “E então, não muito tempo depois, um enxame daqueles diabos passaram voando por nós.”

“Devagar, Caemus. Que diabos?”

“Aqueles soldados. Eles levavam todo tipo de coisa no lombo de seus cavalos. Rolos de seda. Velas. Sacas de alimentos. Qualquer coisa que fossem capazes de recolher e carregar.”

“Eu vi um deles carregando um porquinho que guinchava!”, gritou Kerry.

“Todo mundo estava correndo e gritando”, disse Jurga ainda.

Os mercenários saquearam a cidade e partiram.

“Quantos?”, eu quis saber.

Caemus não tinha certeza. “Pelo menos uns duzentos.”

“Eles vinham resmungando algo sobre um pagamento”, disse Paxton.

“A explosão na torre da Vigília de Tor pode ter sido a gota d’água. Eles se viraram como puderam, pegaram o que conseguiam e fugiram.”

“Havia algum soldado atirando neles?”

“Ouvi apenas uns poucos tiros.”

Eles não tinham capacidade nem mesmo de abafar um motim? Será que os mercenários não costumavam atirar em seus semelhantes? Ou estavam sem munição?

A única forma de ter certeza seria atraindo o fogo deles.

CAPÍTULO 61

K A Z I

“ELES ESTÃO AQUI”, SUSSURREI. “CONSIGO SENTIR.”

Nós nos aninhamos atrás de uma ruína que ficava perto de uma das avenidas principais rumo à cidade. As ruas estavam desertas, ou pelo menos era o que parecia.

“O vale”, falei, não porque eles estivessem aqui, mas porque todos o veriam.

Jase assentiu e engatilhou seu lançador. No meio do caminho, atrás do tronco de uma *tembris*, Gunner fez o mesmo. Ergui meus dedos. Um. Dois. Três.

Uma rajada simultânea explodiu tudo por ali, estilhaços e água jorraram pelo ar, o estrondo da explosão fez tremer a rua e as construções dos arredores. Uma rajada súbita foi disparada em resposta — quatro tiros —, sem a certeza de onde vinham os nossos. Uma chuva de folhas despencou. Pelo menos dois dos atiradores dispararam aleatoriamente nos altos galhos das *tembris*. Jase e eu sorrimos. Eles ainda estavam nervosos quanto a um anjo da morte que estaria à espreita ali em cima. Mudamos nossas posições, seguindo para uma parede baixa adjacente às ruínas. Um. Dois. Três.

Dessa vez, a lateral de um galpão de ferramentas foi para o espaço.

Dois tiros vieram em resposta. Estilhaços de pedras de um poço ali perto foram arremessados, como uma feroz chuva de granizo, contra a parede atrás da qual estávamos escondidos; um dos gigantescos galhos da *tembris* veio abaixo e por pouco não nos acertou.

Em seguida, apenas um tiro surgiu em resposta.

Gunner fez um movimento para mim. Ele estava sem munição. Jase ainda tinha dois tiros.

Ele disparou, derrubando a parede norte da oficina do ferreiro. Um tiro em resposta.

Ele disparou mais uma vez, derrubando a parede do depósito de madeira. Pedacos de madeira voaram pelos ares, girando loucamente feito um bando de pássaros alarmados, e então caíram como uma tempestade ruidosa. Dois mercenários cambalearam, ambos empalados por longos pedacos de madeira. Eles caíram no chão, mortos. Nenhum tiro veio em resposta. Verificamos seus lançadores.

Eles estavam sem munição, mas nós também.

Jase fez um sinal para o nosso pequeno exército. Estava na hora de seguir em frente. Quando olhamos para trás, nossas forças haviam cresci-

do. Cidadãos que haviam fugido estavam voltando, trazendo enxadas, forcados e porretes nas mãos.

“Volte para a retaguarda”, disse Jase para mim. “Certifique-se de que eles...”

“Bela tentativa”, rebati, permanecendo ao lado dele.

“Você é uma embaixadora muito teimosa”, ele resmungou, olhando para a frente enquanto esquadrihava a rua em busca de possíveis ameaças.

“Eu também amo você, *Patrei*.”

Nossos olhos estavam em constante movimento, indo dos passadiços para os topos dos telhados e passando pelas vielas. Tudo parecia deserto, mas mantivemos as armas bem firmes em nossas mãos, prontas para serem usadas. Synové reclamava, dizendo que se sentia nua sem seu arco, graças a algum tolo desajeitado que caíra em cima dele. Mason revirou os olhos, e eu entendi que era ele o tal do tolo desajeitado. No entanto, além de Wren, nenhum de nós estava habituado com a arma que carregava. A espada que eu portava era mais longa e mais pesada do que aquela que eu costumava usar. Em minha mente, adaptei a forma como eu a usaria e equilibraria meu peso em posição de ataque. Movi o ombro para trás quando Jase olhou para o outro lado. Ainda estava rígido desde quando eu o deslocara.

“Você acha que o restante deles fugiu também?”, perguntou Priya, olhando para as ruas vazias.

“Os mercenários, talvez”, respondeu Paxton. “Eles não tinham lealdade alguma para com o rei. Para eles, a única coisa em jogo era um salário, que eles viram subir com a fumaça na torre da Vigília de Tor. Além do mais, eles têm seus lares para onde retornar. Mas os que vivem aqui e que mudaram de lado, esses não têm para onde ir.”

Como o rei. A Boca do Inferno era seu portal para o universo — prova de que ele não era um rei de nada, como o pai que ele havia assassinado. Os deuses lhe haviam dado tudo isso, afinal de contas. Algo de que ele jamais abriria mão. Era um legado que lhe era devido.

Enquanto nos mantínhamos atentos para possíveis perigos, vimos um novo tipo de estrago. Janelas quebradas e negócios saqueados. Os mercenários haviam tomado de outra forma a promessa de dinheiro que o rei lhes fizera.

“Montegue!”, berrou Jase.

Não houve resposta.

Ao nos aproximarmos da praça, nos preparamos para uma emboscada, mas não houve nenhuma. A praça estava vazia. Qual seria o jogo do rei agora?

Em uma avenida oposta, vi Aleski e Titus liderando mais cidadãos com armas nas mãos. Nossas forças acabavam de se duplicar.

Então, atrás de mim, ouvi um grito abafado e me virei. Era Imara. Ela estava olhando para cima. Acompanhei seu olhar na direção das *tembris*.

Uma mulher pendia de uma forca. O vestido azul ondulava com a brisa. A longa trança prateada brilhava ao sol.

Oleez.

Senti como se agulhas ardessem em chamas sob minha pele. Balancei a cabeça e enterrei o punho no meu peito, como se fosse capaz de deter a dor que cravava suas garras dentro de mim. *Não!* Gemidos e gritos se ergueram de nosso exército. Xingamentos. Choros.

Um grito diferente rasgou o peito de Jase. Feroz e assustador. “*Montegue!*” Seus olhos queimavam enquanto ele caminhava adiante. O ritmo de seus passos ardia em fúria.

“A estalagem”, disse Paxton. “Eles devem estar se escondendo na estalagem.”

Uma energia ensandecida passava por todos nós agora. Não havia mais medo nem cautela. Passamos pela área comercial. Como todos os outros estabelecimentos, estava deserta. Os toldos listrados tinham sido retalhados durante a confusão e a pilhagem, e os restos estalavam com o vento. Caixotes de batatas espalhadas cobriam o chão.

Fizemos a curva, e a estalagem dos Ballenger entrou em nosso campo de visão. Eu esperava que a rua estivesse vazia. Mas não, Banques estava parado no meio dela, encarando-nos com vinte soldados atrás dele. Entre eles, o Sem Pescoço, o Testa Deformada e o Dentes Pretos estavam parados um ao lado do outro e pareciam um muro de tijolos intransponível — mas nenhum deles carregava lançadores. Exatamente como Jase havia previsto, eles tinham enviado seu maior poder de fogo para a entrada da cidade, na esperança de nos eliminar ou, pelo menos, nos mutilar. Esses remanescentes tinham armas iguais às nossas, e éramos muito mais numerosos do que eles.

Zane, Garvin e Truko ficaram à direita de Banques, e, à esquerda dele, havia uma dúzia dos outros colaboradores do rei, traidores da Boca do Inferno. Na frente deles, todos os três arqueiros estavam ajoelhados com as flechas preparadas, mirando em nossa multidão. Eles poderiam chegar a matar alguns de nós, mas não seriam capazes de derrubar a todos antes de serem esmagados por nosso numeroso exército. É claro que, de fato, nossos lançadores estavam mirados neles, e eles não sabiam que suas câmaras estavam vazias.

“Eu estava esperando por você, Ballenger”, disse Banques. “Zane imaginou que seria você. Suas peripécias na infância eram lendárias. Ele tinha razão. Você não estava morto, no fim das contas.” Ele ficou encarando Paxton e balançou a cabeça como se estivesse dando bronca em uma criança. “Você escolheu o lado errado para trair, meu amigo.”

“Cale a boca, canalha!”, berrou Priya. “Seus últimos segundos nesta terra estão contados.”

Jase deu um passo à frente. “Onde está Montegue?”, ele perguntou. “Tragam-no até aqui! Agora!”

“Oh, ele estará aqui”, replicou Banques. “Não se preocupe com isso. Enquanto ele não vem, abaixe sua arma e ordene a todos que estão atrás de você que façam o mesmo. Estamos tomando-o sob custódia, Ballenger. Você está preso. É dever do rei manter a ordem.”

Jase estava para lá de enfurecido agora. Estava incrédulo.

“Acabou, Banques. Acabou para você. Acabou para o rei. Você não está vendo? Vocês não têm nada além de alguns soldados apáticos que estão prestes a sair correndo se forem espertos.”

Banques assentiu, o lábio inferior franzido, tal qual um irmão condescendente. “Sim, estou vendo esse lançador aí na sua mão. E todos aqueles atrás de você. De fato, vocês formam um quadro formidável. A despeito de tudo isso, você ainda é um criminoso condenado do reino, e o rei também tem alguns poderes de persuasão.”

“Os dois têm todos os parafusos soltos”, sussurrou Gunner.

Zane me encarava de queixo erguido, confiante, como se estivesse me medindo. Como se, em breve, eu fosse estar de volta em suas mãos para que ele sussurrasse atrocidades no meu ouvido novamente. Zane não era imbecil. Ele percebia que estávamos em grande número. Por que não estava preocupado?

Minha atenção se alternava rapidamente entre os soldados e os topos dos telhados, voltando-se para Zane.

Meu coração ficou acelerado. Alguma coisa estava errada.

Muito errada.

O frasco? Será que Montegue havia encontrado o frasco?

Jase ergueu seu lançador.

Banques assentiu para os soldados que estavam diante das portas da estalagem, e eles a abriram.

Montegue estava parado nas sombras, lá dentro. Ele segurava alguma coisa nos braços. *Talvez eu tenha um quê de apostador, no fim das contas, e os melhores apostadores sempre seguram um pouquinho do ouro na negociação.*

Ele deu um passo em direção à luz.

Não, ele não estava segurando alguma coisa.

Ele estava segurando *alguém*.

Ouro.

Ouro a ser negociado.

Eu não conseguia respirar.

Minha cabeça latejava a cada passo que Montegue dava. O único som era o ranger do assoalho sob o peso dele. Ninguém sussurrava. Ninguém se mexia.

Ele saiu para a rua. “Ela está viva, Ballenger”, disse ele. “Mal está viva, na verdade. Ela precisa de uma Curandeira.” Ele ergueu as sobrancelhas. “Faremos uma troca. Você por ela. Você faria isso, não? Ela chamou por você diversas vezes. E pela mãe. Ela realmente deveria estar com a mãe. A decisão é sua. Eu sou um homem de honra. E você?”

Jalaine estava jogada nos braços dele, magra, pálida, quase morta. Talvez totalmente morta. Eu não conseguia ver o peito dela se mexendo.

Olhei para Jase, que estava boquiaberto, tentando encontrar palavras para dizer.

“Entregue-a para mim, Montegue”, disse Jase. Sua voz soava fraca, a agonia nela me dilacerava.

“Uma troca”, repetiu Montegue.

“Seu rebento do diabo!”, gritou Priya. “Entregue-a para nós!”

Gunner balançou a cabeça como se não acreditasse no que estava vendo.

“O que vamos fazer?”

“Jalaine!”

Ela não respondeu.

“Ele é um monstro!”

“Nós temos de pegá-la!”

“Não podemos fazer uma troca!”

Jalaine virou a cabeça na nossa direção. Ela estava viva.

Os gritos de todo mundo foram silenciados.

“E então, Ballenger?”

Jase inspirou o ar pesadamente. Ele estava considerando a oferta.

Agarrei o braço dele. “Jase, não! Você não pode...”

“Ela é minha irmã, Kazi. Eu preciso...”

Vi em seus olhos que ele já havia tomado uma decisão.

“Não!” Eu me virei para Montegue. “Você quer um prisioneiro? Pegue-me!” Dei um passo na direção dele, mas Jase me agarrou pelo pulso e me puxou para trás.

Montegue afundou os olhos em mim, uma fome voraz emanando deles como se estivesse cogitando a minha proposta — ou talvez ele apenas adorasse me ver implorando. *Você poderia ter tido tudo.* Ele balançou a cabeça. “Você não tem valor nenhum para mim agora”, disse ele. “O *Patrei* é, de longe, o maior dos prêmios.”

“Eu encontrei os papéis!”, berrei, tentando freneticamente convencê-lo. “Eu os entregarei a você! A magia! Ela é toda sua!”

Ele sorriu. “Você tem de mentir melhor do que isso. O desespero não lhe cai bem, soldada. E ser um tolo duas vezes, definitivamente, não cai bem a um rei. Talvez este momento por fim a convença de que eu sou o maior líder.” Ele voltou a olhar para Jase. “O tempo está passando. Logo minha oferta desaparecerá.”

“Estou indo”, disse Jase.

“Não!”, falei. “Você sequer vai conseguir chegar até a forca! Ele vai...” Jase agarrou os meus braços. Seus olhos reluziam. “Kazi, ela é minha irmã. Eu não quero que a última coisa que ela veja nesta terra seja a cara dele. Você realmente iria querer que eu fosse o tipo de homem que não a salvaria?”

A resposta era uma faca no meu coração. Tinha de haver alguma outra maneira.

“Jase...” Meu peito tremia. “Por favor...”

Ele assentiu para Titus e Gunner, e eles me agarraram pelos braços, levando-me para longe de Jase.

Eles falaram sobre as condições da troca. As promessas.

Jase deixou cair a espada e as adagas no chão, e ordenaram que ele descarregasse o lançador também. Nenhuma munição caiu dele. Banques sorriu, sabendo que nós também estávamos sem munição. Ele acenou para que Jase caminhasse adiante.

Fiquei observando enquanto ele se afastava de nós, mantendo sua promessa, com Mason poucos passos atrás. *Mas Montegue não mantém suas promessas, Jase! Você sabe disso!* Fui tomada pelo pânico. A rota se desvirtuava. *Nós tínhamos um plano, Pai. Lembra? Coisas que você iria fazer. Coisas que eu iria fazer. E coisas que faríamos juntos. Isso não fazia parte do nosso plano! Jase! Pare! Por favor.*

“Montegue!”, gritei. “Eu vou matar você! Vou usar sua própria magia para matá-lo! Eu...”

Shhh, Kazi.

O mundo oscilou. Ficou borrado. O ritmo da loucura diminuiu. Os batimentos do meu coração desaceleraram.

Existe magia em tudo, mas você precisa estar atenta para vê-la. Ela não vem de encantamentos, nem de poções, nem do céu, nem por meio de uma entrega especial dos deuses. Ela está em todos os lugares, ao seu redor.

Eu busquei, mas não consegui enxergar a magia. Só conseguia ver um monstro vencendo.

Shhh.

Você deve encontrar a magia que se agita em seu âmago com um poder feroz e que não deixará que você desista.

Ouçã a linguagem que não é dita, Kazi, as respirações, as pausas, os punhos cerrados, os olhares fixos, porém vazios, os espasmos e as lágrimas...

Examinei a rua com atenção, como eu tinha feito na *jehendra*, desesperada e faminta e procurando por uma oportunidade, medindo cada espasmo, cada olhar — os mercenários oscilando sobre os próprios pés, ansiosos para lutar ou para sair correndo; os arqueiros, cujos olhos saltavam de um lado para o outro da multidão, nervosos; os traidores à esquerda de Banques, com os ombros relaxados, presunçosos, compartilhando sussurros tranquilos uns com os outros; Zane à direita de Banques, com as mãos relaxadas nas laterais do corpo e um sorriso de satisfação repuxando sua boca; com Garvin era a mesma coisa, pois isso tudo era apenas uma transação de negócios; entretanto, Truko, na ponta, ligeiramente afastado deles, tinha os ombros rígidos e, sem piscar, olhava fi-

xamente para Jase. Ele usava duas espadas, como Griz, e estava com a mão no punho de uma delas.

...pois todo mundo é capaz de ouvir as palavras que são faladas, mas poucos conseguem ouvir o coração que bate por trás delas.

CAPÍTULO 62

J A S E

MONTEGUE COLOCOU JALAINÉ NOS MEUS BRAÇOS. O MAIS FRACO gemido fez trepidar seu peito enquanto ela era passada entre nós. Dez passos de distância em relação a Mason, isso era tudo que me foi permitido.

Eu me virei, segurando-a no meio da rua, longe de todo mundo. Ela era leve como uma pluma em meus braços, minha irmãzinha, que tinha sido o fulgor em nossa família. Seus ossos quebrados tremulavam ao meu toque.

“Jalaine”, sussurrei. “É o Jase.”

Ela lutou para abrir os olhos, suas pálpebras estavam pesadas e avermelhadas, e então seu olhar travou no meu. Seus lábios rachados se mexeram, articulando meu nome, mas nenhum som saía deles.

Aproximei meu rosto ao dela. “Irmã. Estou levando você de volta para a Mãe. Para a família.”

“Você recebeu o meu bilhete?”, ela me perguntou em um sussurro.

“Sim”, respondi. “Vim o mais rápido que pude.”

“Eu sabia que você faria isso. A família está em segurança?” Assenti, incapaz de falar.

“Que bom.” Os olhos dela se fecharam por um breve momento. “Jase?”

“Estou aqui.”

“Enterre-me ao lado de Sylvey.”

Minha garganta se estreitou como se um punho fechado a tivesse envolvido.

Como ela poderia saber disso? Apertei-a junto a mim, meu peito tremia. *Pare de falar assim, irmã. Você vai ficar bem! Bem!*

Seus olhos permaneceram fixos em mim, esperando por uma resposta. Por fim, assenti e pigarreei. “Eu amo você, Jalaine.”

“Eu sei, irmão.” A voz dela estava tão frágil quanto uma teia de aranha, como se uma lufada de vento fosse roubá-la de mim.

“Já chega, Ballenger”, disse Montegue. “Deixe-a e volte para cá.”

Dei um beijo na testa dela, meus lábios se demoraram ali, e então a entreguei para Mason e fiquei observando enquanto ele se afastava com ela. Esfreguei os olhos e o nariz.

Você vai ficar bem. Algumas mentiras, talvez a maioria delas, são mentiras que contamos apenas a nós mesmos.

Meu olhar se voltou para Kazi, cujos olhos estavam selvagens, esmiuçando os soldados, os topos dos telhados, Banques, tudo, como se estivessem procurando alguma coisa.

Assim que Mason havia levado Jalaine em segurança para perto dos outros, eu me virei. As flechas dos arqueiros estavam todas miradas em mim para garantir que eu manteria minha parte da barganha. Ao lado do rei, um guarda já tinha grilhões preparados.

“*Patrei!*”, Kazi gritou. Olhei para trás por cima do ombro. Ela esticou o pescoço, e seu peito se ergueu em uma respiração pesada. “Pisque por último!”, disse ela por fim, abaixando o queixo junto ao peito.

Assenti, incerto, ainda olhando para ela, e então me virei de novo para encarar Montegue.

CAPÍTULO 63

K A Z I

“COLOQUE AS MÃOS ATRÁS DAS COSTAS”, ORDENOU O REI.

Jase fixou os olhos em Montegue. Agora que Jalaine se encontrava fora das garras do rei, o jogo havia mudado. A fragilidade e o amor que haviam preenchido a expressão de Jase apenas segundos atrás, quando ele segurava Jalaine, haviam desaparecido e foram substituídos por algo urgente e perigoso, como uma fera ganhando vida dentro dele.

“Agora”, repetiu Montegue. Ele estufou o peito, inspirando o momento como se o ar fosse feito de mel e ouro. O fato de Jase desafiá-lo só melhorava a situação. Era *isso* que Montegue sempre desejara, tanto quanto o controle sobre qualquer continente. Este era o momento perfeito pelo qual ele havia esperado — o momento em que o *Patri* respondesse a ele.

A fúria em Jase apenas colocava mais lenha na fogueira de Montegue. Eu observei enquanto ele saboreava esse momento como um doce néctar servido em um cálice. Imaginei que tudo isso fizesse parte da história que ele havia construído. A batalha amarga e a brilhante vitória que lhe era entregue pelos deuses. Ou talvez, a essa altura, Montegue fosse um desses deuses.

“Vamos matar aquele canalha!”, sussurrou Priya. Seu peito ainda tremia de tanto chorar por causa de Jalaine, enquanto Mason a passava rapidamente para as fileiras de trás, onde ela estaria mais segura. Agora, Priya estava na linha de frente ao meu lado, correndo o dedo por uma das facas de Imara em suas costas, a vingança ardendo nos olhos.

Synové avaliou as circunstâncias. “Quase vinte metros. Fora do alcance das facas de arremesso”, disse ela em um sussurro. “Além disso, o *Patri* está no caminho.” Cada uma de nós tinha duas das pequenas facas de Imara enfiadas em nossos cintos. Uma regra das facas de arremesso era atirar somente se tivéssemos certeza de que acertaríamos o alvo. Caso contrário, estaríamos dando ao inimigo uma outra arma a ser usada contra nós.

“Os arqueiros”, falei, pois eles olhavam para Jase neste exato momento e estavam mais próximos de nós.

Wren soltou um suspiro. “Quase quinze metros. Ainda arriscado.” Synové sugou o ar entre os dentes, pensando. “Mas não é impossível.” “Há sempre um jeito de realizar o impossível, de torná-lo possível”, sussurrou Priya, recitando um trecho da história dos Ballenger. “Encontraremos esse jeito.”

Em uníssono, avançamos e nos aproximamos um pouquinho mais deles, de forma imperceptível.

O guarda agarrou Jase por um dos pulsos e o prendeu com um grilhões. Jase virou levemente a cabeça, olhando de esguelha para mim. Ele abaixou o queixo. Trocamos olhares ardentes, como se estivéssemos conectados por um pavio aceso. Será que ele entendeu a minha mensagem?

“Esperem”, sussurrei para os outros.

O guarda estendeu a mão para pegar o outro pulso de Jase, mas, nesse mesmo momento, Jase se esquivou e uma espada surgiu voando no ar.

JASE

Pisque por último. Queixo abaixado. Observe. Esteja preparado. Captei a mensagem de Kazi. Eu estava tão concentrado em Montegue que não teria olhado para Truko de forma alguma. Porém, os olhos dele estavam travados nos meus e, quando ele piscou, eu entendi. Desde que eu podia me lembrar, era a primeira vez que esse sujeito piscava.

Seguiu-se um momento de confusão quando a espada que ele atirou voou pelo ar e caiu com firmeza na minha mão. Eu girei, atingindo o guarda às minhas costas e fazendo com que cambaleasse para trás, enquanto Truko saltava para sair do alcance deles e vir para o meu lado.

Os arqueiros se levantaram e deram um passo à frente, preparados para atirar, mas Montegue acenou para que eles recuassem. Seus olhos estavam selvagens como os de um cachorro que tivesse acabado de sentir o cheiro de um coelho. “Você se acha um espadachim, Ballenger? Você é um comerciante barato, na melhor das hipóteses, sem nenhum treinamento para ser um soldado. Você realmente quer assumir essa briga? Deixar que todo mundo veja o *Patrei* virando picadinho no meio da rua pelas mãos de um verdadeiro espadachim e soldado? Isso colocaria um fim a esta situação?”

“Sim, é isso que eu quero, Montegue”, foi a resposta que dei a ele. “Não vamos derramar o sangue de todo mundo. Apenas o meu e...” Inspeicionei os soldados que estavam atrás dele. “Quem vai fazer picadinho de mim?” Lancei um olhar zombeteiro para o peitoral de sua armadura e para suas ombreiras e sorri. “*Você?*”

Ele ficou furioso, como se eu tivesse jogado uma manopla em seu rosto — o que eu tinha feito. Ele levou a mão à espada e tirou-a de sua bainha, o peito estufado e as narinas infladas como se a batalha já tivesse começado.

Banques deu um passo à frente, proibindo-o de prosseguir. “De modo algum! Você é o rei. Não vai lutar na rua com um criminoso qualquer...”

“Eu sou o rei e sou o melhor espadachim deste continente. E digo com quem vou lutar! Recue!”, ordenou-lhe Montegue.

KAZI

Eu me lembrei de Montegue se gabando sobre as instruções que recebera de Banques. *Acho que é justo dizer que o aluno superou o mestre.*

Era para isso que ele havia treinado? Para o momento em que ele extinguiria o último *Patrei* e tomaria seu lugar na história?

Montegue e Jase andavam em círculos, suas espadas se movendo de forma ameaçadora enquanto fitavam um ao outro como lobos prontos para o ataque.

Jase atacou primeiro. Um teste, para sentir a força do inimigo. Montegue era forte, mas sua esquiva era desajeitada, e seu recuo, lento. Seu retorno era ruidoso, porém desprovido de graça, e ele revelava um descuido com a postura.

Jase recuou. Ele já sabia aquilo que precisava saber.

Banques olhou aterrorizado para a cena — o mestre fora pego em uma mentira.

Dessa vez, Montegue foi para cima de Jase primeiro, os golpes implacáveis empurrando Jase para trás. Seu rosto e seu pescoço estavam manchados de vermelho, o desejo enlouquecedor o impulsionava e ruborizava todas as partes de seu corpo.

Jase girou subitamente, abaixando-se, e o golpe de Montegue não acertou o alvo. Ele cambaleou para a frente, e Jase o golpeou mais uma vez, atingindo a pesada ombreira de Montegue e erguendo-a, além de acertar a testa dele com a ponta da espada — o primeiro sangue derramado na batalha.

Montegue ficou atordoado por um instante, limpando a trilha de sangue de seu cenho, aparentemente em choque pelo fato de estar sangrando. Ele voltou a olhar para Jase, agora não mais um rei, mas um feroz animal ferido.

Banques sacou sua espada.

“Agora!”, berrei. Nossas facas de arremesso assoviaram em linha reta na direção dos arqueiros e então sacamos as nossas espadas.

JASE

Por uns poucos segundos, eu estava batalhando com Montegue e com Banques. Montegue estava furioso comigo e também com ele, berrando para que Banques recuasse. Ele não queria ajuda.

Então a rua explodiu com uma comoção. Os arqueiros foram derrubados, e eu ouvi a trovoada de passos atrás de mim.

Wren, Synové, Kazi e Priya estavam ao meu lado, lutando contra Banques e contra os soldados que correram para ajudar o rei. Truko, Gunner e Paxton estavam do meu outro lado. Os cidadãos passavam por nós, derrubando tanto mercenários quanto traidores.

Montegue veio para cima de mim repetidas vezes, empunhando sua espada como se fosse um machado, guiado mais pela fúria do que pela habilidade. A vibração dos golpes ardia no meu ombro, todos os meus tendões queimavam conforme eu me deparava com um golpe atrás do outro, mas era fácil prever seus ataques. Esquerda, direita, esquerda, direita. Por mais que ele tivesse treinado, seus movimentos eram obliterados pela raiva. Antes que ele pudesse recuar para o próximo golpe, deslizei minha lâmina ao longo da sua, desequilibrando-o, e então o ataquei. O golpe cruzou o peito dele e, apesar de mal talhar o peitoral da armadura, lhe tirou o ar. Ele foi cambaleando para trás, de um lado para o outro, atordoado, até tropeçar nos próprios pés e cair.

Dei um passo na direção dele. Eu queria matá-lo, quase mais do que qualquer coisa que eu já desejara na vida. De preferência, com as minhas próprias mãos, de modo que eu pudesse observar sua vida se esvaír enquanto ele estivesse olhando para mim, espremer a vida de dentro dele, uma respiração após a outra, como ele fizera com tantas pessoas que eu amava. Eu queria vê-lo sofrer. Mas me lembrei dos papéis que havia assinado. *Se as circunstâncias permitirem, você deve oferecer ao inimigo a chance de se render.*

“Submeta-se à prisão, Montegue, e talvez eu não o mate. Essa é a lei da Aliança, e a torre da Vigília de Tor será um de seus reinos. E, caso você não tenha ouvido falar, sou o legítimo líder deste reino, como sempre fui.”

Ele engoliu em seco, respirando com dificuldade, e fez um esforço para se colocar de pé. “Eu sou o rei”, foi a resposta que ele me deu. “O único rei. Os deuses ordenaram que fosse assim.” Seus olhos derretiam, como se tudo dentro dele estivesse sendo consumido pelo fogo.

As veias em seu pescoço estavam saltadas como lâminas quentes e seu peito tremia com fúria, mas então um berro emanou de seus pulmões, seus olhos brilharam com triunfo, e ele partiu para cima de mim.

KAZI

As costas de Priya estavam voltadas para as minhas, na mesma posição em que estavam Wren e Synové, os ombros colados uns nos outros. O Sem Pescoço desferia golpes de esmagar os ossos enquanto Synové e eu lutávamos juntas contra ele. O homem parecia uma árvore, com seu corpo troncado plantado na terra, inabalável diante de nossos golpes. Achei que sua lâmina fracassaria antes dele. Synové e eu estávamos ficando cansadas — e ele, não. Esse era o tipo de exército implacável que Montegue pretendia criar com seu mágico pó das estrelas. No entanto, o Sem Pescoço não estava usando armadura, e até mesmo um touro furioso tinha um ponto fraco — eu precisava apenas conseguir chegar até esse

ponto. Ele estava nos fazendo recuar de encontro à parede. Eu tinha de me mexer, e logo. “Tempo”, eu disse a Synové, avisando que ela teria de aguentar os próximos golpes sozinha, e rolei. Ele não estava preparado para isso, e minha espada deslizou pela parte interna de seu braço enquanto minha adaga atingia sua rótula. Ele cambaleou, gritando de dor conforme se virava e mirava um golpe em mim, mas eu rolei novamente, e sua espada ressoou contra as pedras do pavimento. Ele veio mancando na minha direção, erguendo novamente a espada, mas agora Synové estava preparada para acabar com ele. Sua espada mergulhou nas costas do homem e atravessou seu esterno. Ele cambaleou, olhando para o rio de sangue que escorria de seu peito, e eu desviei conforme ele caía para a frente como uma árvore imensa.

Um grito às nossas costas fez com que nos virássemos. Era Priya. Sangue esguichava de seu braço, e o Dentes Pretos estava prestes a atacá-la novamente. Wren, que estava mais perto de Priya do que nós, deu um giro e plantou sua *zieth* afiadíssima nas entranhas dele, mas, nesse momento, o Testa Deformada vinha para cima dela por trás. Syn e eu demos um pulo para impedi-lo, a espada dela apontando para baixo e a minha voltada para o alto, e esmagamos a coluna dele entre nossas lâminas. Ele vacilou por um instante, impassível, e em seguida despencou para a frente. Ele estava morto antes mesmo que seu corpo gigantesco atingisse o chão como uma trovoada.

Um denso redemoinho de corpos, espadas e machados, um caos barulhento e frenético. Todo tipo de metal ressoava ao nosso redor. O cheiro de suor, o sangue e o terror permeavam o ar. Mas, em meio ao tumulto, não vi Zane em lugar algum. Eu me afastara dos outros e de repente estava enfrentando Banques novamente, o verdadeiro espadachim e mestre. Seu rosto estava borrifado de sangue feito uma macabra máscara de renda, e as vitórias que ele já havia clamado reluziam em seus olhos. Vi cintilar neles a expectativa de um novo triunfo quando ele olhou para mim. Ele fez um movimento, suas investidas rápidas e calculadas, e, ao contrário dos soldados troncudos, seus pés eram ligeiros. Contive seus ataques, mas tinha apenas um ombro bom. O outro queimava por causa do esforço. Tentei atingi-lo por baixo, enganá-lo, fazer com que perdesse o equilíbrio, mas ele era inexorável e esperto, prevendo meus movimentos e me empurrando para trás uma vez após a outra.

“Ainda acha que Montegue vai realizar seus sonhos?”, perguntei a ele, tentando distraí-lo.

“Reconstruiremos nosso arsenal. Voltaremos mais fortes do que antes. Isso não acabou.”

“Ele matou o próprio pai. Vocês se merecem.”

“Ele é um homem que sabe o que quer. Eu também sou assim.” Ele sorriu enquanto desferia três golpes pesados contra mim. Minha espada tremulava entre suas investidas, e, a cada golpe, minha lâmina era forçada mais para perto do meu rosto. “Você está ficando exausta, soldada”,

disse ele em um tom de censura. “Acho que deveríamos simplesmente acabar...”

E então um berro selvagem congelou o ar. O grito de Montegue. Era o som de sonhos sendo estilhaçados — e o som da oportunidade.

Banques desviou o olhar, apenas por uma fração de segundo, mas foi o bastante para que eu tirasse sua espada do eixo antes de mergulhar a minha em seu peito.

Seus olhos se voltaram para mim novamente, cheios de descrença.

“Eu disse a você”, falei enquanto arrancava a espada do corpo dele, “que um dia ele iria matá-lo.”

J A S E

O grito de Montegue, enquanto ele partia para cima de mim, parecia fazê-lo voar. Sua espada talhava o ar antes que ele me alcançasse, como se estivesse lutando com demônios alados no caminho. Seus movimentos eram frenéticos. Eu já não me sentia lutando contra um homem, mas contra uma criatura impulsionada por um instinto febril e ensandecido.

“*Ballenger!*”, ele berrou, sua espada cortando o ar no local onde antes estava a minha cabeça. Ele se virou, confuso, tentando ver para onde eu tinha ido, e rosnou quando me viu atrás dele. Montegue atacou novamente, e dessa vez eu me atirei contra, empunhando a espada com ambas as mãos, de baixo para cima, até colidir com a dele, tirando-a de suas mãos e arremessando-a para trás, por cima de seu ombro.

Antes que eu pudesse recuperar o equilíbrio, ele mergulhou para cima de mim, batendo com força nas minhas costas, e minha espada deslizou das minhas mãos. Nós rolamos no chão, seus dedos rasgando a minha carne. Esmaguei o maxilar dele com um soco, e seu punho atingiu o meu queixo. Minha cabeça foi jogada para trás com um estalo, e por um instante a luz piscou ao meu redor. Ergui meu punho para socá-lo mais uma vez, mas ele me virou e nós rolamos novamente. Quando eu estava por cima, fiz pressão contra ele e, com uma das mãos em sua garganta, quase o preendi no chão, quando ele começou a tatear em busca de sua adaga. Estiquei a outra mão, esmagando a dele, em uma disputa para controlá-la. Enquanto ele lutava para puxar a adaga de sua bainha, eu me esforçava para mantê-la ali, nossas mãos tremendo, coladas uma à outra.

“Desista, Ballenger.” A voz dele vacilava com o esforço. “Os deuses ordenaram...”

“Você?”, falei com a voz rouca. “Prepare-se para encontrá-los, Montegue. Isso é tudo que eles ordenaram. Chega de aterrorizar a minha esposa, a minha família, a minha cidade. Acabou para você.”

Mas a força dele não era a de um fazendeiro, nem mesmo a de um soldado. Era feita de ferro, obsessão e fúria. E talvez de pó das estrelas também. Eu não sabia se seria capaz de detê-lo, mas também estava re-

pleto de fúria. Meu braço ardia enquanto a mão dele fazia pressão contra a minha, tentando alcançar sua adaga. Nossas mãos estavam quentes e suadas, meus dedos deslizavam, e então alternei meu peso, fazendo uma manobra para me erguer, deixando que a mão dele voasse, por fim, ao encontro da adaga. O triunfo reluzia em seus olhos. No entanto, antes que ele pudesse partir para cima, eu avancei mais uma vez, sua mão ainda presa entre meus dedos, e, depressa, usei todo o peso do meu corpo para forçar a adaga para baixo. Ela penetrou, esmagando os ossos e atravessando o peito dele rumo ao coração.

Ele arquejou, surpreso, com os olhos arregalados.

Afastei minha mão, mas os dedos dele permaneceram presos em torno do cabo da adaga. O sangue pulsava do ferimento em jorros rápidos. Ele olhou para mim, o fogo em seus olhos se esvaía. Eu me sentei sobre os meus calcanhares, encarando-o. Uma careta retorcia sua boca. Kazi se aproximou e ficou ao meu lado, com a mão sobre o meu ombro. A batalha tinha acabado.

Os olhos dele se alternavam entre nós, como se não soubessem ao certo para onde olhar.

“Eles me amam”, ele sussurrou. “Você me amou. Eles vão se lembrar de mim. Eu fui um grande...”

Sua última palavra permaneceu congelada em sua língua.

Homem? Líder? Rei? O que quer que fosse, ele morreu acreditando nisso.

KAZI

Jase e eu nos abraçamos, verificando os ferimentos um do outro. Nada do sangue que havia em nós era nosso, pelo menos até onde sabíamos. Jase pressionou os lábios na minha testa, respirando aliviado.

Olhamos para nosso campo de batalha. Havia acabado. Alguns dos mercenários saíram correndo. Como Jase dissera, eles não estavam envolvidos de coração, especialmente quando a promessa de uma recompensa já não existia. Outros jaziam mortos.

Nossos feridos estavam sendo tratados. Paxton rasgou pedaços de tecido para envolver o braço de Priya. Ele tropeçava nas palavras enquanto dizia para ela não se mexer, e eu tinha certeza de que tentava conscientemente não cuspir nela. Mason havia sido esfaqueado na lateral do corpo por uma alabarda, uma ferida superficial, disse ele. Synové se aproximou para ver se poderia ajudá-lo, mas ele a dispensou bruscamente. “Gunner está cuidando disso.” Ela apertou os lábios com força quando se afastou.

Titus se ajoelhou, segurando Aleski nos braços. Aleski era quem estava mais severamente machucado, e Titus conversava com ele, sussurrando palavras reconfortantes, dizendo para ele aguentar firme à medida

que Imara cobria com tecido a lateral de seu corpo que sangrava, e, enquanto isso, alguém se apressava até o boticário para buscar remédio e alguma outra pessoa ia atrás de uma Curandeira.

Truko fora golpeado na cabeça e Aram estava enrolando uma bandagem nela.

Jase se aproximou deles. “Nunca achei que eu fosse ver esse dia chegar.”

“Nem eu”, foi a resposta de Truko.

Jase estendeu o braço e os dois deram um aperto de mãos.

“Sua cabeça?”, quis saber Jase.

“Foi só um arranhão. Eu ainda sou um canalha cabeça-dura. Não vá pensando que isso significa que eu fecharei acordos com você. Mas eu escolho os lados nos quais jogo e ninguém me diz o que devo fazer — pelo menos, não por muito tempo.”

“Vamos nos certificar de que você consiga voltar para sua casa”, prometeu-lhe Jase.

Truko assentiu, piscando, a boca retorcida. A nova dinâmica entre ele e Jase estava se desenrolando de uma forma tão desajeitada quanto um carneiro recém-nascido tentando se erguer em pernas trêmulas.

Um mercenário caído começou a recobrar os sentidos, esticando a mão para pegar uma espada, e Judith acertou as costelas dele com uma enxada, derrubando-o no chão. “Levante-se novamente e farei com que você nunca mais saia desse chão”, ela o avisou.

Olhei para a carnificina ao meu redor. Alguém estava faltando. Eu sabia como os covardes conseguiam escapar, correndo no auge do combate de modo que sua ausência não fosse notada. Aquele não haveria de escapar. Não dessa vez. Enquanto Jase ia atrás do restante dos feridos, eu fui atrás de uma outra pessoa.

CAPÍTULO 64

K A Z I

O ESTÁBULO ATRÁS DA ESTALAGEM ESTAVA ESCURO. A MAIOR parte das baias se encontrava vazia, e os portões tinham sido deixados descuidadamente abertos pelos mercenários que fizeram suas pilhagens e partiram em frenesi. O arrulho fúnebre de uma pomba descia pelas vigas como se ainda estivesse se recuperando do tumulto. Com exceção disso, o estábulo estava em silêncio. Uma única lamparina iluminava seu interior com uma luz dourada e trêmula, um farol indicando que eu seguisse em frente.

Ele estava ali. Em algum lugar.

Puxei a minha adaga da bainha.

Meu coração socava o peito com ainda mais força do que no auge da batalha, quando eu derrubara soldados fora do comum e com o dobro do meu tamanho. Mas agora eu estava prestes a confrontar um monstro ainda maior.

Ouvi o relinchar de um cavalo. O som pesado de uma sela.

Segui adiante sorrateiramente. Faixas de luz escassa se espalhavam pelo meu caminho.

Saia, eu queria dizer. *Onde está você?* Queria que ele soubesse que era eu quem vinha atrás dele desta vez. Mas permaneci em silêncio, um fantasma flutuando pelo chão, a sombra que eu havia me tornado por causa dele.

Ele estava em uma espaçosa baia dupla na extremidade do local, de costas para mim. Apressou-se a afivelar um alforje junto a seu cavalo. Ele estava com pressa. Claro que estava. Suas armas ainda se encontravam empilhadas no chão, esperando ser carregadas.

“Está indo a algum lugar?”

Zane girou e sibilou, balançando a cabeça ao se dar conta de que era eu quem estava ali. “Você simplesmente não desiste, não é?”

“Entregue-os para mim”, ordenei, estendendo a mão.

Ele olhou confuso para mim. “Entregar o quê?”

“Os papéis”, respondi.

Ele sorriu. “Eu não sei de nada sobre papel nenhum”, disse ele. “Você está aqui por causa da sua mãe? Quer mais respostas? Vamos falar sobre ela.” Ele deu um passo na minha direção.

Ergui a adaga. Não precisava lhe dizer que eu sabia como usá-la. Ele viu os arqueiros caírem, embora esta adaga de punho longo não servisse para ser arremessada, mas para ser enfiada nas entranhas de alguém.

“Os papéis”, falei de novo, com firmeza. “Eu sei que você está com eles. Provavelmente nesse alforje aí.”

Ele olhou da minha adaga para a bolsa, seus olhos traçando nervosamente um círculo. *Sim, os papéis estavam lá.*

“Descobri depois que falei com Gunner”, eu disse a ele. “A ordem dos acontecimentos. No fim das contas, tudo fez sentido. Quando você escapou naquela noite, a primeira coisa que fez foi voltar para a Ponta da Caverna. Ninguém o teria procurado lá, e você era o único que sabia que aqueles papéis tinham algum valor. Você era o intermediário do rei. O que me deixa curiosa é por que você não os entregou a ele. Isso o teria favorecido imensamente. Você poderia até mesmo ter substituído Banques como o braço direito do rei.”

“Favorecido?” Zane riu. “Esses papéis valem muito mais do que isso. Eu planejo fazer cópias deles — muitas cópias. Já tenho vários compradores interessados. Você tem alguma ideia de quanto cada um dos reinos no continente pagaria por eles? A *magia* das estrelas? Há muitos Montegues pelo mundo afora.” Ele girou nos calcanhares, aproximando-se mais um pouco de mim, como se eu não fosse notar. “E não apenas reinos. Quando eu era um condutor dos Previzi, conheci lordes sedentos por poder em todas as cidades que visitei, e cada um desses lordes pagaria a soma de um rei para ter uma chance de controlar os ventos, as chuvas e uns aos outros. Enquanto eles estiverem decifrando fórmulas e brigando entre si, eu estarei em minha própria fortaleza, no topo de uma colina, contando a minha fortuna, mais rico do que todos eles. Como nosso querido e falecido rei costumava dizer: imagine as possibilidades.” Ele deu de ombros. “Então, não, os papéis são meus e permanecerão comigo. Mas eu vou lhe contar sobre a sua mãe. Que *detalhes* você gostaria de saber? Tenho vários.”

Seu tom de voz era vulgar, insinuante, e ele me estudava, medindo a minha reação. Ele queria destruir o meu foco, me ver perder o controle.

“Agora”, falei, “por ordem da rainha de Venda e da Aliança dos Reinos.” Ele riu e tirou mechas de cabelos da frente dos olhos. “Você acha que suas credenciais de Rahtan me impressionam? Isso não muda o que você realmente é. O tipo de lixo imundo e ignorante que eu costumava pegar o tempo todo em Venda. Sua mãe ficou aliviada no dia em que eu apareci. Feliz por se livrar de você, para começo de conversa. Ela me disse...”

Ele se lançou para cima de mim, e eu girei, talhando a barriga dele com a ponta da minha adaga enquanto me movia para o outro lado da baía. O corte não foi profundo o bastante para atingir alguma parte vital, mas serviu para chamar a atenção dele. Segurando a barriga, ele cambaleou para trás, indo de encontro à parede, e então olhou com descrença para a mão ensanguentada. Seus olhos se voltaram rapidamente para mim. “Sua cadela vadia!”

“Afastese. Eu tenho ordens de manter os papéis em segurança. E é exatamente o que pretendo fazer.”

Ele apanhou um gancho de feno da coluna ao lado dele e cortou o ar, aproximando-se mais de mim a cada investida, fazendo com que eu recuasse para o canto. Ele conseguia alcançar mais longe do que eu. “Isso? É isso que você quer, garota?”, ele me provocou, empunhando o gancho na minha direção. “Eu lhe dei uma chance. Você poderia ter ido embora.”

Olhei para a mão com a qual ele socava o ar, para os pelos nos nós de seus dedos, a verruga em seu pulso, seu rosto distorcido nas sombras, a voz densa e cheia de presunção e ameaças, tudo igual a onze anos atrás. Só que eu já não tinha seis anos de idade. Ele golpeou o ar novamente, dando passos desajeitados, o gancho afiado zunindo perto da minha cabeça. Eu me abaixei e mergulhei pela lateral, indo direto para o chão, porém, ao passar por ele, minha adaga o atingiu novamente e, dessa vez, fez um talho profundo em sua coxa. Ele soltou um grito e então me fitou, os olhos selvagens e cheios de incredulidade. Eu revidava o ataque e estava vencendo. O sangue escorria por sua perna e já ensopava suas calças, e ele se lançou para cima de mim, aos tropeços e com o gancho erguido, mas eu me levantei primeiro e nós ficamos cara a cara. Os olhos dele se arregalaram, as pupilas se retraindo até virarem meros pontinhos. O gancho caiu no chão. Ele ficou ali, paralisado, com minha longa adaga enfiada profundamente em sua barriga. Eu a puxei, e ele deslizou até o chão como se seu corpo não tivesse um osso sequer.

Ele ficou deitado de bruços, arfando e com a respiração curta, e sua mão tremia, procurando pelo ferimento. “O que foi que você fez?”, ele gritou.

O que eu gostaria de ter feito onze anos atrás.

“Onde está ela?”, perguntei. “Para onde você levou a minha mãe?” Seu peito saltou com o que parecia ser uma risada.

“Conte-me”, supliquei, sabendo que lhe restavam apenas alguns segundos de vida.

“Na velha fazenda do rei... nas terras altas. É lá que sua mãe está agora...” Ele tossiu, e um fraco, porém largo, sorriso repuxou sua boca. “Mas você nunca chegará a tempo.”

CAPÍTULO 65

K A Z I

“ELA ESTÁ POR AQUI.”

Uma mulher trajando um vestido amarrotado e desbotado pelo sol nos guiou em meio à grama na altura dos joelhos em uma trilha que serpenteava para longe da casa da fazenda. Fitei as tranças que circundavam a cabeça da mulher, enquanto assimilava a certeza. Os olhos dela haviam dado a minha resposta. Eu soube assim que fiz a pergunta: “Onde está a minha mãe?”. Ela olhou para baixo, confirmando o que eu sempre soubera. Jase caminhava ao meu lado. Ele estava quieto, perturbado com a verdade, mesmo nunca tendo conhecido a minha mãe.

Em um penhasco com vista para o vale lá embaixo, a mulher parou diante de uma pedra branca grande e achatada.

Jase olhou para a lápide simples. “É isso?”

Ela assentiu.

“Há quanto tempo isso aconteceu?”, eu quis saber.

“Anos atrás. Antes de eu vir para cá.” Ela estimava que fazia cerca de dez anos, não muito tempo depois que a minha mãe havia chegado. A velha cozinheira havia contado a história a ela e feito com que promettesse que manteria a lápide marcada.

“Como foi que ela morreu?”

“Uma doença a matou rapidamente, mas a velha cozinheira disse ter sido um coração partido o que de fato a levou embora. Ela sabia que a moça era intensamente infeliz, mas não falava o idioma da terra e ninguém na fazenda falava o dela. Ela tinha acessos de choro e de fúria. Somente anos depois, após a morte dela, a cozinheira ficou sabendo que o rei havia arranjado sua nova esposa com um condutor dos Previzi.” “Nova esposa?”, Jase perguntou.

“Foi por esse motivo que ela foi trazida para cá. O velho rei era um homem desajeitado e calado, mas ele queria mais filhos. Ele acreditava que um fazendeiro precisava de filhos. Sua esposa havia morrido, e ele estava desapontado com o filho que tinha.”

Ela nos contou que o jovem Montegue não tinha interesse algum nos assuntos rurais e que nunca chegou a colocar os pés na fazenda das terras altas em todos os anos em que ela havia trabalhado ali.

“Ele sabia o que o pai dele tinha feito?”, quis saber Jase.

Ela balançou a cabeça em negativa. “Creio que ele pretendia manter a discrição a respeito desse arranjo até que um outro herdeiro fosse concebido, mas isso nunca chegou a acontecer.” Foi por esse motivo que Zane havia escolhido a minha mãe. Ele sabia que ela já tinha uma filha e que poderia ter mais.

“Lamento por sua perda”, disse a mulher, baixando o olhar para a lápide. “Eu sei que está em branco. Vocês gostariam de marcar o nome dela? Nós temos um pouco de tinta que usamos para marcar as ovelhas.”

Assenti. “Farei isso.” Ela partiu para pegar um pote de tinta e pincel. Jase a acompanhou, dizendo que me daria algum tempo para ficar sozinha.

Olhei para o montinho de terra e para a pedra simples. Eu nunca tive oportunidade de dizer adeus a ela. Nunca chorei sua perda. Mesmo que meus instintos me dissessem que ela estava morta, eu nunca soube com certeza. Sem fatos, sempre ficava a dúvida. Eu ficava me perguntando: e se...?

Estava resolvido agora.

Eu me virei e olhei para o vale, a vista do último local de descanso dela. Era belo. Algo de que ela teria gostado.

“Mas você nunca descansou, não foi, *mama?*”, sussurrei para o vento. Eu me ajoelhei ao lado do túmulo e passei a palma da minha mão sobre o montinho de terra. *Ela tinha acessos de choro e de fúria.* “Foi você, não foi? Que não me fez desistir?”, falei, como se ela pudesse me ouvir, pois eu tinha certeza de que podia. “Você fez uma barganha com a Morte? Ficou enfurecida com ela? Torceu o braço dela? Fez com que me vigiasse? Fez com que me desse um empurrãozinho para que eu permanecesse viva?”

Por mais agonias que eu tivesse sofrido, quanto será que ela havia aguentado? Sua vida girava em torno da minha proteção, e, de repente, ela já não podia me proteger.

Peguei um pouco da grama alta da pradaria e comecei a tecê-la da forma como ela havia me ensinado.

Assim, Kazi, uma fibra por cima da outra. Ela se inclinava na minha direção.

Vamos tecer um talo de dente-de-leão também.

Desejos realmente se tornam realidade, mama?

É claro que sim.

Agora faça um desejo, Kazi, um para amanhã, para o dia seguinte e para o próximo. Um deles sempre haverá de se tornar realidade.

Amarrei a grama, moldando-a na forma de uma coroa, e pousei-a em seu túmulo.

“Desejo que você descanse, *mama.*”

Quando Jase retornou com o pincel e a tinta, eu escrevi sobre a lápide.

Mama
Minha chiadrah
Minha amada



Levaria meses até que o templo fosse reconstruído. Mas Vairlyn insistiu em outra cerimônia, exatamente como Jase disse que ela faria. Não porque um casamento vendano não fosse bom o bastante, mas porque uma celebração era necessária.

Tivemos uma fita.

Tivemos um sacerdote.

Tivemos uma cidade cheia de testemunhas.

Mesmo com todos os destroços ao nosso redor e o céu como telhado, o altar do templo ainda estava em pé.

O sacerdote havia terminado a parte dele. Agora era nossa vez.

“Você se lembra das palavras?”, perguntei a Jase.

“De cada uma delas.”

“Você não vai ficar todo engasgado de novo, vai?”

Jase sorriu. “Nem um pouco, estou experiente agora.”

No entanto, conforme começava a envolver meu pulso com a fita e me ajudava a atá-la, ele engoliu em seco, e, quando começou a falar, sua voz falhou exatamente como havia acontecido da primeira vez. Apertei a mão dele. “Nós conseguimos fazer isso, *Patrei*”, sussurrei para ele. “E lembre-se de que ainda temos mais uma centena de vezes para fazer de novo.”

Ele assentiu e se inclinou para me beijar, mas Wren foi rápida ao estender a mão e afastá-lo. “Isso vem depois”, repreendeu ela. As outras testemunhas que estavam ao nosso lado, Synové e todo o clã dos Ballenger, concordaram ruidosamente.

Jase fixou os olhos nos meus e recomeçou a falar.

Kazi de Brightmist... você é o amor do qual eu não sabia precisar.

Você é a mão que me leva por lugares inóspitos,

O sol que aquece o meu rosto.

Você me torna mais forte, mais esperto, mais sábio.

Você é a bússola que faz de mim um homem melhor.

Com você ao meu lado, nenhum desafio será grande demais.

Prometo honrá-la, Kazi, e fazer tudo o que puder para que eu seja digno de seu amor.

Nunca vacilarei em minha devoção a você e prometo mantê-la em segurança, sempre.

Minha família agora é sua família, e sua família é a minha.

Você não roubou o meu coração, mas eu o concedo livremente a você, E, na presença dessas testemunhas, eu a aceito como minha esposa.

Ele apertou gentilmente a minha mão. Suas sobrancelhas dançavam, exatamente como da primeira vez que ele me dissera seus votos. Era minha vez agora. Inspirei fundo. Será que palavras seriam o bastante? Mas eu disse aquelas que estavam mais próximas do meu coração, aquelas que dissera em meio à natureza e que repeti quase diariamente quando

estive em uma cela escura, sem saber ao certo onde ele se encontrava, mas precisando acreditar que o veria novamente.

Eu amo você, Jase Ballenger, e terei de amá-lo por todos os meus dias.

*Você trouxe plenitude para onde antes havia apenas fome,
Você me deu um universo de estrelas e histórias, onde antes havia o vazio.*

*Você destrancou uma parte de mim na qual eu temia acreditar,
E fez com que a magia dos talos de dente-de-leão se tornasse realidade.*

Prometo cuidar de você, protegê-lo e proteger tudo que é seu.

Seu lar é agora o meu lar, sua família é a minha família.

Estarei ao seu lado e serei sua parceira em todas as coisas.

Com você ao meu lado, nunca me faltará alegria.

Sei que a vida é cheia de reviravoltas e, às vezes, de perdas, mas, por mais caminhos que venhamos a percorrer, quero que todos os meus passos sejam com você.

Quero envelhecer com você, Jase.

Todos e cada um dos meus amanhã são seus,

E, na presença dessas testemunhas,

Eu o aceito como meu marido.

Nós nos Viramos e erguemos as mãos para o céu, a fita ondulando ao vento entre nós, nossos olhares encontrando o regozijo das testemunhas. Synové fungou, passando a mão nos olhos, e Lydia e Nash estavam radiantes ao lado de Vairlyn. O restante da prole dos Ballenger, incluindo Paxton, batia palmas até mesmo enquanto conspirava, trocando sussurros uns com os outros, provavelmente planejando mergulhar Jase na fonte da praça, o que ouvi dizer que era uma tradição na Boca do Inferno. Nós certamente não sairíamos de fininho para nos esconder em uma silenciosa ruína assim tão cedo. Pelo menos a vida com uma grande família nunca seria um tédio.

Olhamos para as outras testemunhas que ainda nos saudavam, em pé além das muralhas quebradas do templo, precisando dessa celebração tanto quanto Vairlyn dissera. Eu vi o açougueiro, o fabricante de velas, Beata e Imara. E então avistei duas outras testemunhas se esgueirando na beirada da multidão, observando, e eu tinha certeza de que ninguém mais podia vê-las. A mais alta apontava um dedo ossudo para mim e disse: *Ainda não, não hoje.* Ela se virou para a mulher cujo braço envolvia o seu. A mulher usava uma coroa trançada com grama de pradaria. Ela sorria, o último adeus. Memorizei seu rosto, as linhas de expressão espalhadas por seus olhos cor de âmbar, os cílios espessos, a calidez de sua pele, a tranquilidade em sua expressão, *descanso*; porém, acima de tudo, o que eu vi em seu rosto era amor. Ela assentiu, e ambas se viraram e partiram.

Adeus, mama.

Adeus.

A celebração continuou com montanhas de bolo de festa, exatamente como Jase havia prometido. Todo mundo trouxe um pouco de bolo, todos diferentes, com seus próprios e surpreendentes sabores; nenhum deles era exatamente como o bolo de festa vendano, o que talvez tornava as coisas melhores. Celebramos de uma centena de maneiras diferentes. E, quando o último bolo foi comido e a última giga foi dançada, cada um de nós recolheu uma pedra dos destroços e, juntos, demos início ao trabalho de reconstrução.

Empilhamos rochas onde o meu avô havia morrido. Seus ossos desapareceram faz tempo, talvez tenham sido carregados para longe por alguma fera. Mas foi aqui que ele colocou o mapa nas minhas mãos e deu seu último suspiro.

A torre da Vigília de Tor. Cabe a você agora. Protegê-los.

Até agora, eu tinha mantido a minha promessa. Fico atrás e olho para o memorial. Nós vamos garantir que ele permaneça sempre assim. Quando Fujiko faz uma prece para honrar o meu avô e seu último ato como comandante — abrir mão de sua vida para salvar a nossa —, Emi tenta repetir os dizeres, mas não consegue falar a longa palavra *presidente*, e a distorce em alguma outra coisa. Ela aperta a minha mão e diz novamente. Mian-dre assente em aprovação, e, dali em diante, como líder da torre da Vigília de Tor, sou conhecido como o *Patri*.

— Greyson Ballenger, 23 anos —

CAPÍTULO 66

J A S E

Um ano e meio depois

A BARRIGA DO EMBAIXADOR CANDORANO TINHA CRESCIDO, E sua túnica vermelha se erguia sobre a mesa como se fosse uma maré alta. Suas fivelas e correntes adornadas com joias cintilavam à luz trêmula da lamparina de bronze e trepidavam a cada respiração ruidosa. Seus *straza* estavam parados atrás dele, e os nossos, atrás de nós.

Parecia que nada havia mudado — mas tudo mudara. O embaixador, apesar de evidência em contrário, terminava uma longa arenga de reclamações amargas sobre os tempos difíceis que ele vinha enfrentando por causa de nossas novas práticas comerciais.

“Faz um ano e meio. Não é exatamente novidade, e você parece estar se saindo muito bem.”

Ele estava se saindo bem. Parecia nunca se lembrar de que processamos todo o inventário de entrada e saída.

O pequeno Lukas cambaleava em volta da mesa baixa, fascinado com o embaixador e todas as suas fivelas e correntes brilhantes. Ele pressionou seu minúsculo dedo na barriga do embaixador como se fosse uma tentadora tortinha de geleia.

As sobranceiras crespas do embaixador se contraíram. “E o que é isso?”, ele grunhiu, girando o dedo na direção de Lukas. “Vocês trouxeram um bebê para uma reunião?”

“Meu irmão precisa aprender sobre os negócios.”

“Ele é apenas um filhotinho!”

“Nunca é cedo demais para aprender.”

O embaixador tragou profundamente do narguilé, e sua carranca foi ficando cada vez mais fechada, até mesmo quando ele tirava uma bugiganga do bolso e dava para Lukas brincar.

“Existem outros lugares onde podemos fazer comércio, sabia?”

Gunner ficou tenso. Cutuquei-o debaixo da mesa para que ele mantivesse a boca fechada. Algumas coisas em relação a Gunner nunca mudariam.

“Tenho negócios importantes a resolver em outro lugar”, falei. “Aceite nossa oferta ou vá embora. Estamos inaugurando as obras de um novo anexo no assentamento e temos convidados especiais a caminho.”

“Mais especiais do que um embaixador candorano?”

“Muito mais.”

Ele entrelaçou os dedos sobre a barriga. “Kazimyr! Você sabe que esse é um nome candorano, não? Talvez eu devesse estar negociando com a sua esposa!”

“Você provavelmente deveria fazer isso. Ela viria com um acordo bem mais rigoroso do que o meu. Para sua sorte, ela não está aqui.” Eu me levantei e peguei Lukas em meus braços. “Preparados, irmãos?”

“Oh, sente-se!”, ladrou o embaixador.

Ergui as sobancelhas, esperando. Ele repuxou os lábios carnudos sobre os dentes. “Seu pai sempre adocicava o pote. Você não é como o seu pai?”

Fiquei encarando-o, deixando que o tempo escorresse, exatamente da forma como o meu pai teria feito. Sim, eu era como o meu pai. De várias maneiras, inclusive desta. Os candoranos eram bons vizinhos e clientes. “Um novo estábulo no pasto dos fundos para acomodar suas novas éguas de carroça.”

Ele se engasgou com o narguilé e levantou-se, um raro sorriso cheio de dentes retorcia seu rosto. Eu provavelmente exagerei um pouquinho.

“*Patrei*, é sempre bom fazer negócios com você.” Ele bagunçou os cabelos de Lukas. “E com este pequenino também.”

Assim que saímos de seus aposentos, Titus jogou as mãos para cima. “Um novo estábulo? Por que você simplesmente não ofereceu a ele um novo palácio?”

“Pare de contar moedinhas, Titus.” Lembrei a ele que nós tínhamos bastante madeira. Durante a reconstrução da cidade, nosso moinho estivera funcionando ininterruptamente. Havia madeira até demais nos nossos armazéns. “Além disso, nossas carroças estão ficando velhas. Quando chegar a hora de negociar mais delas com Candora, usaremos o estábulo quentinho que tão generosamente demos a eles como ferramenta de negociação.”

Gunner assentiu, aprovando a minha estratégia.

Titus grunhiu. “Se ele se lembrar disso...”

“Ele vai lembrar.” Ele era um cão astuto que se lembrava de cada detalhe, inclusive do nome completo de Kazi.

Eu sentia falta dela, desesperadamente. Fazia duas semanas que não a via. Havíamos colocado todos os nossos esforços na reconstrução da cidade e agora estávamos fazendo os reparos finais na torre da Vigília de Tor, o que requeria muitas decisões de última hora da minha parte. Tive de ficar para trás enquanto ela se dirigia ao assentamento para deixar tudo preparado para a chegada da caravana. As coisas estavam mais complicadas agora, e havia muito a ser feito antes do início das obras.

Na torre da Vigília de Tor, conseguimos salvar grande parte do que havia restado da Greycastle, e a outra parte foi reparada com um pouco do granito negro da Darkcottage. Blocos da rocha haviam sido encontrados a uma distância de pouco mais de um quilômetro. A Greycastle agora era uma casa de duas cores, e Lydia e Nash já tinham começado a chamá-la assim.

A casa principal estava pronta, embora seu interior ainda precisasse de um extensivo trabalho — com exceção da nova suíte que eu dividia

com Kazi. Eu havia apressado as coisas ali enquanto ela estava longe, para surpreendê-la quando retornasse. As paredes e o piso eram escuros, do jeito como Kazi gostava, e o teto foi pintado com constelações, para que sempre houvesse estrelas acima de nós. Eu estava grato por minha biblioteca ter permanecido praticamente intacta. Kerry viera me ajudar a separar e classificar a bagunça, e eu já aproveitara para ler livros para ele, como prometi que faria. Nossa suíte tinha muitas estantes vazias, que seriam preenchidas com o restante de nossa história. Eu achava que somente esses últimos meses já preencheriam vários volumes. Por outro lado, a biblioteca de Priya, aquela que ela havia transcrito quando criança, assim como eu, fora completamente destruída. Ela não lidou bem com o fato, mas, ao descobrir que a biblioteca de Jalaine conservara todas as estantes, passou a considerá-la sua também, o que lhe trouxe conforto.

Enterrei Jalaine ao lado de Sylvey, exatamente como ela havia me pedido. Dessa vez, com o conhecimento da família, mas mantivemos em segredo de todo o restante das pessoas. Enterros em meio à floresta não eram um costume por estas bandas — eram uma estranheza, na verdade —, e nós não queríamos que o local de descanso delas se tornasse uma curiosidade, atraindo visitantes e perturbando a paz da montanha. Sendo assim, depois do “enterro” oficial de Jalaine na tumba, fizemos uma outra cerimônia somente com a família ao pé das Lágrimas de Breda. Eu ainda não compreendia como Jalaine ficara sabendo sobre o local de descanso de Sylvey. Kazi disse que as mensagens às vezes davam um jeito de encontrar as pessoas, e Jalaine vinha trilhando uma linha entre a vida e a morte durante semanas até, finalmente, vir a falecer.

“Alguma coisa está pegando fogo e eu não estou sabendo?”, perguntou-me Gunner em um tom provocativo, tentando acompanhar os meus passos. “Alguém poderia pensar que você está ansioso.”

“Não estou tentando esconder a minha ansiedade, irmão. Eu não vejo a minha esposa há duas semanas.”

Ele abriu a porta de nossos aposentos, onde entramos para nos trocar e nos preparar. A maior parte da família se instalara aqui até que a casa principal estivesse finalizada. Todos os traços da presença de Montegue tinham sido apagados.

“Por onde você andou?”, quis saber Mason assim que entrei.

“Tive de resolver nosso acordo com Candora”, respondi, entregando Lukas para minha tia Dolise. Ela havia se recuperado, e tanto Trey quanto Bradach haviam voltado para casa. Lukas era como uma dádiva dos deuses, ajudando-a em seu momento de luto e pesar, porque o tio Cazwin não sobreviveu.

Gunner viu Mason seguindo em meu encalço e cochichou: “Tem mais alguém ansioso por aqui”.

Mason veio andando atrás de mim por todo o caminho até meu dormitório. “Vamos nos atrasar.”

“O que o está deixando tão ansioso?”, eu quis saber.

“Eles estão nos esperando.”

“Kazi enviou uma mensagem”, eu disse a ele. “Wren e Synové estão lá. Isso é um motivo para ficar ansioso. Eu senti falta delas. E você?” Elas haviam sido chamadas de volta a Venda meses atrás para ajudar na escolta da nova caravana de moradores dos assentamentos.

Ele deu de ombros. “Eu estava falando sobre a rainha.”

Talvez.

Ele pegou uma camisa do meu guarda-roupa e a jogou para mim, tentando me apressar. “É difícil acreditar que ela finalmente esteja vindo”, disse ele. “É o rei. Eu gostaria que o pai estivesse aqui para ver isso.”

“Talvez ele saiba”, respondi. “O mantenedor está vindo também.”

“Quem é o mantenedor?”

“Segundo Kazi, ele é o homem mais poderoso de Venda, o braço direito da rainha. Ele costumava ser o assassino do Komizar. Se eu fosse você, seria legal com ele.”

“Por que eu não seria?”

“Não sei, irmão. Às vezes você pode ser um pouco bruto. Apenas seja legal com todo mundo. Não vai lhe custar nada, talvez apenas um pouco do seu orgulho.”

CAPÍTULO 67

K A Z I

“RESPIRE”, SUSSURREI PARA JASE. “ELE NÃO É MAIS UM ASSASSINO.” Mas eu também estava nervosa. Eu não via Kaden havia mais de dois anos. Eu me sentia como uma jovem candidata em treinamento esperando pela inspeção.

Kaden desceu de seu cavalo e, em seguida, ajudou Pauline a descer do dela. Seus três filhos vinham em uma carroça logo atrás. Griz ajudou as crianças a descer, segurando o mais velho, Rhys, de cabeça para baixo, fingindo não perceber a diferença entre sua cabeça e seus pés, apesar dos protestos da criança.

Lydia e Nash soltaram gritinhos agudos, mas não saíram de suas posições. Todo o clã dos Ballenger estava em fila, preparado para saudar o mantenedor de Venda, sua família e o restante da caravana que ainda estava chegando.

Kaden se aproximou, parecendo mais alto e mais imponente do que eu me lembrava, ou talvez fosse apenas a expressão de austeridade estampada em seu rosto. Ele olhou de relance para mim e depois para Jase. “Então você é o encenqueiro que a roubou de nós.”

“Eu soube que não podia confiar nesse camarada assim que coloquei os olhos nele”, acrescentou Griz enquanto caminhava para ficar ao lado de Kaden. Ambos começaram a trocar piadinhas sobre Jase como se ele não estivesse ali.

“São aqueles olhos evasivos.”

Griz estalou a língua. “Ela deveria tê-lo prendido na primeira vez que o viu.”

“Para mim, parece que foi isso que ela fez. Ele está...”

Pauline deu uma cotovelada nas costelas de Kaden.

Ele se encolheu. “Só estou me divertindo um pouco.” Um sorriso cálido preencheu os olhos dele, e não havia olhos que sorrissem como os do mantenedor. Ele havia lutado e ralado em sua vida, e a alegria que exibia tinha origem no profundo entendimento do que era a falta dela. Ele trocou um aperto de mãos com Jase. “Parabéns, *Patrei*.” Então conduziu seus filhos adiante, Rhys, Cataryn e Kit, todos loiros como Kaden, e lhes disse para prestar respeito ao *Patrei* da mais nova nação, a torre da Vigília de Tor. Tanto ele quanto Pauline irradiavam orgulho enquanto as crianças davam um passo à frente. Estava claro que eles haviam treinado para este momento. Jase se ajoelhou, apertando cada uma das mãozinhas, aceitando suas saudações, e sussurrou que guloseimas esperavam por eles no fim da fila. O *Patrei* se tornou instantaneamente um favorito entre eles.

Em seguida, o mantenedor ergueu a mão para mim em uma saudação de soldado para soldada. Batemos nossas mãos e ele apertou a minha. “Bom trabalho, *kadravé*. Você nos deixa orgulhosos. Ou será que talvez eu devesse chamá-la de embaixadora agora?”

“Eternamente uma Rahtan”, foi a resposta que dei a ele. “Eu ainda sou sua camarada. Sempre serei.”

Pauline veio à frente em seguida e jogou os braços ao meu redor em um abraço firme. “Senti falta da minha melhor aluna.”

Uma calidez se repuxou dentro de mim. Eu também sentira falta dela, prezando sua teimosia como nunca tinha feito antes — e todas as vezes que ela não me deixara desistir, quando as garatujas nas páginas me frustravam a ponto de me desorientar. “Achei que Wren fosse sua melhor aluna.”

Ela riu. “Vocês todas eram.”

“Obrigada, Pauline”, eu falei. “Não tenho certeza se algum dia cheguei a dizê-lo. Para falar a verdade, estou certa de que eu era péssima na maior parte do tempo, mas agora escrevo todos os dias e, honestamente, adoro.”

“Esse é todo o agradecimento de que preciso.” Ela deu um beijo na minha bochecha e seguiu Kaden ao longo da fila. Ouvi os Ballenger oferecendo as boas-vindas e sua gratidão a eles. Também ouvi a admiração em suas vozes. Tanto havia sido perdido, mas hoje muito foi recuperado.

“Bem, veja quem está aqui”, disse Jase, me cutucando. “Meus cozinheiros chegaram.”

Eram Eben e Natiya.

Natiya surgiu toda aprumada, e Eben vinha logo atrás dela. Seus olhos escuros dançavam como se ela estivesse procurando por nós. “Casados”, disse ela, balançando a cabeça.

“Duas vezes casados”, foi a réplica de Jase. “Um casamento à moda dos Ballenger e um casamento vendano. Nada pode desfazer isso agora.”

“Ah, existem maneiras”, disse Eben, cujos olhos pretos estavam cheios de travessura.

“Então, qual é o cardápio desta noite?”, quis saber Natiya, dando tapinhas na barriga.

Jase riu. “Comendo por dois de novo?”

Ela e Eben trocaram uma olhadela, e logo notei que sua cintura estava mais larga. Ela voltou a olhar para mim e para Jase. “Na verdade...”

“É mesmo?”, perguntei.

“Verdade”, confirmou Eben.

Nós os abraçamos e os parabenizamos, e então Natiya nos entregou um pacotinho contendo bolos de sálvia, dizendo que agora poderíamos oficializar um casamento nômade também. Assim que eu abri o pacote e o aroma pungente foi liberado, Natiya pôs a mão na boca e saiu corren-

do. Eben explicou que ela ainda sentia um pouco de náusea e se apres-
sou a ir atrás dela.

“Pelo menos nós não teremos de dividir o bolo”, ponderou Jase, dan-
do uma mordida enorme.

Um silêncio repentino recaiu sobre o acampamento e nos Viramos. A
rainha de Venda e o rei de Dalbreck haviam chegado. Ficamos olhando
enquanto eles desciam de seus cavalos. Vairlyn pigarreou. Gunner e
Priya fizeram o mesmo. Todos eles pareciam se engasgar ou, talvez, ten-
tavam se conter. A emoção do momento cresceu dentro de mim também.
Este dia estava envolto em tanta história, antiga e recente.

Faça com que ela venha.

Jase me dissera que o último desejo de seu pai tinha sido o reconheci-
mento da torre da Vigília de Tor pela mais poderosa rainha do continen-
te. E agora ela estava aqui, sobre o solo da torre da Vigília de Tor — não
apenas para a inauguração das obras de expansão do assentamento ven-
dano, mas também para fazer com que Jase assinasse os papéis definiti-
vos que oficializariam a torre da Vigília de Tor como um novo reino.

“Kazimyr”, disse a rainha, abraçando-me primeiro. Se os sorrisos
do mantenedor eram singulares, assim eram os abraços da rainha. Nós os
sentíamos penetrar em nossos ossos. Ela ergueu uma sobrancelha perspi-
caz na direção de Jase. “Você o está mantendo na linha?”

“Com certeza, Vossa Majestade. Ela é uma capataz brutal”, foi a res-
posta de Jase, percebendo que esta não seria uma ocasião formal e que
estava mais para um negócio familiar.

“Que bom!”, ela respondeu e também o abraçou afetuosamente antes
de saudar o restante da família e tirar presentes de seus bolsos para Ly-
dia e Nash — pequenas flautas de madeira entalhadas por artesãos de
Venda.

O rei Jaxon carregava Aster em seu ombro, as pernas e os braços da
pequena pendendo frouxos enquanto ela dormia profundamente. O rei
falava baixinho para não acordar a filha e disse a Jase que nenhum reino
se opusera à admissão da torre da Vigília de Tor na Aliança, com exce-
ção da Eislândia, o que não tinha peso algum, pois ainda não havia ne-
nhum regente para suceder Montegue. O reino seria administrado por
guardiões até que um novo monarca fosse escolhido. Jaxon também o
parabenizou aos sussurros, e ambos trocaram um aperto de mãos.

Kerry veio correndo, ansioso para conhecer o rei, e Jase o apresentou.
“Este é Kerry de Fogswallow. Ele é bom em quebrar rótulas. Talvez haja
um lugar para ele em seu exército, não?”

“Nós sempre precisamos de bons destruidores de joelhos”, disse o rei
Jaxon, concordando.

Jase puxou Kerry para perto de si. “Ele também é o jovem que ajudou
a salvar a minha vida. Sem ele, eu não estaria aqui.”

“É uma honra conhecê-lo, Kerry de Fogswallow”, disse o rei, aper-
tando a mão do menino. “Considere entrar para o exército de Dalbreck.”

Kerry assentiu, com o olhar cheio de fascínio voltado para o rei.

Quando todas as saudações haviam terminado, os documentos foram assinados e seguiu-se uma onda de exclamações animadas.

O som ecoou pelo vale como algo sagrado, repleto de pureza e júbilo, quase como música em um templo. O refrão repetia em minhas veias, e a expressão nos olhos de Jase, a forma como ele engolia em seco e assentia, absorvendo tudo isso, fazia derreter alguma coisa dentro de mim. Os gritos de animação e comemoração foram seguidos por risadas, lágrimas, preces, e inúmeros abraços foram trocados. E então todos nos espalhamos para dar as boas-vindas aos novos habitantes do assentamento.

Caemus sorriu enquanto eles saltavam das carroças e andavam em círculo, absorvendo a beleza de seu novo lar. Seus rostos estavam repletos do mesmo deslumbramento que ele experimentou quando chegou ao vale pela primeira vez. Levaram a rainha para um passeio pelo assentamento e pelos campos, que continuavam fartos. Os filhos dos recém-chegados avançavam como um enxame de abelhas em direção ao carvalho gigantesco que havia no centro, alternando-se no balanço.

Esses últimos meses passaram voando, trazendo os altos e baixos mais extremos, e a esperança que me manteve seguindo em frente, a esperança que era esmagada e que se erguia novamente e mais uma vez, a esperança por Lydia, Nash, Jase, a esperança pelas catacumbas cheias de gente, a esperança que tantas vezes esteve por um tênue fio.

“Senhorita Brightmist! Que dia maravilhoso, não?”

Era Mustafier, o mercador da arena. Ele trouxera presentes e roupas para os recém-chegados e havia se voluntariado a ajudá-los com os detalhes de suas acomodações.

“Sim, Mustafier, primorosamente esplendoroso”, concordei.

Ele gargalhou, feliz por eu me lembrar de suas palavras floreadas. “Então, você criou uma charada para comemorarmos este dia estupendo?” Ele franziu suas longas e espessas sobrancelhas, ansioso.

Sorri, ouvindo os sons dos primórdios, de serras cortando madeira, de martelos socando pregos, de imaginações florescendo. “Creio que posso fazer isso”, falei.

Eu me sentei tranquilamente em uma pilha de lenha e fiquei observando o alvoroço no acampamento, a animação permeando o local e as pessoas como uma desejada chuva de verão. Mustafier esperava pacientemente.

“Que tal esta?”, perguntei e comecei.

*Meu coração não perece,
Minhas asas amplas se engrandecem
Quando sou liberado,
Sigo alto em meu deslizar alado.
Posso domar os amanhã todos,
Sombra eu ofereço,*

*E aqueles temerosos,
Deixo-os sem medo.
Sou uma corda infinita a se desenrolar,
Uma espada e um escudo,
E nenhum exército pode igualar
O poder que eu assumo.
As vezes fico perdido,
Ou sou jogado na empreitada,
Pisoteado, batido,
De mãos atadas.
Mas um grito, uma gesta,
Um sorriso, um agradecer,
Uma refeição, bebida, uma festa,
E durante a noite descansar.
Em uma árvore, um balanço,
Uma laranja, um ato de bondade.
De tão pouco eu preciso
Para encontrar a liberdade.*

O mercador, sempre cheio de palavras, ficou inesperadamente calado. Junto comigo, ele olhou para o acampamento agitado, observando as crianças brincarem, observando Jase conversar ansiosamente com os moradores, e enxugou o olho. “Esplendoroso”, sussurrou ele por fim.



Jase partiu para inspecionar as novas casas com Caemus e Leandra, a representante dos habitantes do assentamento. Estava ansioso e animado. Ele tinha grandes planos para essa expansão. Além de construir mais dez casas, ele havia enviado madeira suficiente para mais dois estábulos, uma oficina, um moinho e uma grande escola.

Nos primeiros meses depois de toda a destruição, os fundos dos Ballenger se tornaram escassos, mas o pessoal dos assentamentos arregaçou as mangas para cooperar. Com uma farta colheita, eles cozinharam e serviram refeições a todos os trabalhadores que Jase havia contratado para a reconstrução da cidade. Os Ballenger lhes eram gratos. Mas, durante as semanas que Jase passara na adega de raiz, recebendo os cuidados dos moradores e distanciando-se da beira da morte, os laços entre eles se aprofundaram de uma maneira completamente nova e diferente. Eles eram uma família. Agora, ele usava uma corda com ossos amarrada ao corpo, assim como eles. *Meunter ijotande*. Nunca esquecido. O assentamento fazia parte de seu sangue agora, e ele se emocionava ao vê-lo prosperar.

Soltei um suspiro conforme Jase desaparecia de vista atrás de uma colina. Não tivemos sequer dois minutos para conversar antes que o de-

ver o chamasse, e eu me perguntava se conseguiria roubá-lo ao menos por um momento.

Avistei Mason, primeiro dando uma olhada nos cavalos e então deslizando por entre os demais, como se buscasse por algo.

“Procurando alguém?”, perguntei.

“Jase disse que Wren e Synové viriam. Priya está procurando por elas.”

“Priya? Eu a vi perto da tenda da comida. Vou...”

“Estou indo naquela direção. Posso avisá-la”, respondeu ele, em uma expectativa ansiosa.

“Wren e Synové logo vão aparecer. Elas vinham cavalgando na retaguarda da caravana, mas a roda de uma das carroças quebrou. Elas ficaram para trás para fazer o conserto.”

“Será que devemos enviar alguém para ajudá-las?”

“Alguém tipo você?”

“Não”, ele se apressou em responder. “Tenho coisas para fazer por aqui. Mas algumas pessoas podem...”

“Elas já estão cuidando disso, irmão. Obrigada.”

Irmão. Eles eram ferozmente diferentes. Mas parecidos também. Mason era orgulhoso demais. Gunner, por outro lado, era o irmão que eu achava que sempre iria detestar, mas estava começando a gostar dele. *É, do jeito que um carrapato gosta de um cachorro*, Synové dissera antes de partir. Ela ainda não tinha desenvolvido exatamente a mesma afeição por ele, mas pelo menos já não o chamava de nojento. Eu sentia uma falta terrível dela e de Wren. Elas haviam partido seis meses atrás e só iriam passar uma semana aqui antes de partirem novamente, escoltando a comitiva real rumo a Morrighan para o casamento do irmão da rainha.



O sol se aproximava dos topos pontiagudos das árvores da floresta, a luz dourada começando a brilhar com os tons do crepúsculo. A noite logo chegaria de mansinho. Pedi para que as cozinheiras do acampamento chamassem todo mundo para jantar. Tínhamos um grande bando a alimentar. Entre os 35 recém-chegados, a comitiva da rainha e a trupe dos Ballenger, havia mais de cem pessoas ali — o dobro da outra vez, na entrega do último assentamento. Eu me certifiquei de que o jantar fosse cozido de carne de boi — nada de sopa de carne de cervo e alho-poró — e que houvesse muitas batatas para Priya.

Eu me dirigi até o rio para me lavar, inspirando o cheiro da campina e da floresta, dos fogões do acampamento borbulhando e dos campos de trigo pronto para ser colhido. Absorvi o ar quente e úmido do verão e o zumbido de vozes ao longe. Um bálsamo hipnotizante circulando pelo vale. Diminuí o passo, até que me vi caminhando rara e vagorosamente.

Durante mais de um ano, nossos dias tinham sido agitados, preenchidos por trabalho vigoroso. A cidade estava reparada e prosperando nova-

mente, e, com a notícia de que a torre da Vigília de Tor se tornaria uma nação reconhecida, a arena voltara a efervescer e estava mais cheia do que nunca. Ainda havia trabalho a ser feito na casa da família. Vairlyn havia se despedido da Darkcottage, da qual não sentiria falta, e afirmou preferir o espaço aberto que resultara da eliminação da Ponta da Caverna. Vairlyn sempre enxergava adiante, e eu tentava aprender com ela. Árvores foram plantadas no novo e vasto espaço, e foi criado um jardim com uma estufa, pois Jalaine amava jardinagem. A chegada de Lukas havia trazido plenitude à vida de todos nós, mas não substituiu o buraco deixado por Jalaine. Conversávamos sobre ela com frequência, como se ela ainda estivesse aqui. Falávamos sobre seu sacrifício na tentativa de salvar a família, porque, por mais erros que Jalaine tivesse cometido, todos nós erramos também, em momentos e decisões que não podiam ser desfeitos.

Destruí os papéis de Phineas que estavam no alforje de Zane, queimando-os antes mesmo de ir em busca da minha mãe. *Isso não está acabado, nunca estará. Não agora. Uma porta foi destrancada.* Beaufort tinha sido executado, mas suas palavras ainda me assombravam. Por ora, pelo menos, a porta estava trancafiada novamente. De fato, nunca cheguei a encontrar o frasco que eu havia escondido no cânion, o que me preocupava. Entretanto, com a explosão na torre da Vigília de Tor, as rochas no cânion haviam sofrido uma movimentação, a fissura se abriu ainda mais e eu presumi que o frasco tivesse caído nas profundezas escuras da terra, percorrendo talvez todo o caminho até o inferno, até ser engolido por toneladas de rocha sólida.

Alguém como Phineas surge uma vez a cada poucas gerações.

E alguém como Montegue.

Eu rezava para que fosse demorar bem mais do que isso.

Eu rezava para que aquele dragão faminto permanecesse em seu covil escuro para sempre.

“Aí está você! Escondendo-se de nós?”

Eu me virei e vi Wren e Synové descendo o declive até o rio. Saí da água e subi correndo, jogando os braços em volta delas. Ambas estavam rosadas com o sol do verão e cheiravam a trilhas e urze e graxa.

“Ok, chega”, disse Wren, afastando-me e me medindo. Ela assentiu em aprovação. “O *Patrei* tem cuidado de você?”

“Sempre”, respondi.

Ela deu de ombros. “Nós é que deveríamos cuidar.”

“E então?”, perguntou Synové. “Ele contou a você?”

“Quem me contou o quê?”

Wren e Synové olharam uma para a outra. “Ela não sabe”, elas disseram quase simultaneamente.

“Não sei o quê?”, exigi saber.

Ambas deram de ombros com indiferença, como se de repente não fosse importante. “A rainha contará a você quando ela estiver preparada.”

“Eu estou preparada.”

Nós giramos e olhamos para a extremidade da margem do rio. A rainha estava parada ali — com Berdi.

Soltei um gritinho e fui aos tropeços até ela, puxando Berdi para os meus braços. Tudo em relação a ela era macio e quente, e, mesmo que ela tivesse acabado de chegar de viagem, ainda cheirava a pão e cozido de peixe doce — ou talvez eu estivesse apenas inspirando as minhas lembranças.

“Surpresa!”, disse Synové.

“Bem, olhe para você!” Berdi riu, e então tateou os bolsos e as laterais do corpo, franzindo o cenho em uma expressão confusa e zombeteira. “Hmm, eu ainda tenho todas as minhas colheres”, ela disse. Então virou meu queixo de um lado para o outro. “O que foi que você fez com a Dez?”

Nós rimos. Abraços não faziam parte do meu repertório antes.

Berdi fora paciente como ninguém logo que cheguei ao Sanctum. A cozinha era seu domínio, e ninguém se atrevia a transpassá-lo sem a permissão dela; é claro que eu o fiz incontáveis vezes, bagunçando as panelas e roubando suas colheres de pau apenas para irritá-la. Ela começou a deixar as colheres à vista para facilitar as coisas para mim, o que, é claro, tirava toda a diversão da coisa. E então, nas noites em que eu me recusava a ir jantar, ela deixava uma pequena refeição preparada para mim na minúscula mesa da cozinha. Ela entendia como funcionava a minha cabeça mesmo quando sequer eu mesma me entendia.

Ela me fitava agora, provavelmente muito surpresa com minha demonstração de afeto. Eu nunca o fiz de forma abundante. Nem mesmo com Wren e Synové. O afeto, assim como o amor, ficava melhor se estivesse bem guardado, para que não nos acostumassemos. Pelo menos era assim que eu costumava pensar.

Berdi me disse que estava indo para Morrighan, para o casamento, e então seguiria para Terravin para ver como estavam as coisas em sua taverna. Ela ansiava por vê-la mais uma vez. Os anos foram se passando, e ela estava diminuindo seu ritmo, e não sabia ao certo se seria capaz de fazer a longa jornada mais uma vez.

A rainha bufou, dizendo que Berdi viveria mais do que todos nós, e que o verdadeiro motivo pelo qual estavam indo para Terravin era porque o rei Jaxon havia prometido levá-la até lá um dia, e ela estava fazendo com que ele cumprisse sua promessa. Agora era o momento perfeito. “Será uma escapada romântica, para revivermos juntos aqueles dias em que nos apaixonamos.” Os olhos dela ainda brilhavam com aquele mesmo amor. “E, é claro, nós também sentimos falta da taverna. Foi onde tudo começou.”

Voltei a olhar para Berdi. Anos. Eles se faziam notar nela. Berdi havia envelhecido desde a última vez que eu a vira. O tempo poderia se esgotar. Mas poderia se esgotar para todos nós, a qualquer momento, independentemente da nossa idade. Talvez fosse por esse motivo que...

Abracei-a mais uma vez. “Venha, vou levá-la até a tenda da comida. Eles podem aproveitar a sua experiência...”

“Espere!”, disse Synové. “Não era isso o que a rainha tinha para contar.” A rainha sorriu. “Deixarei que vocês se encarreguem de dizer a ela.” Ela partiu com Berdi, que agora estava ansiosa para chegar à tenda das cozinheiras e lhes emprestar seus conhecimentos.

Wren e Synové se alternaram enquanto me contavam as novidades, terminando as frases uma da outra.

“Nós fomos incumbidas de uma outra tarefa.”

“Pelo menos pelos próximos meses.”

“Mas pode se tornar permanente.”

“Vamos permanecer por aqui como mediadoras.”

“Por causa dos novos moradores do assentamento e tal.”

“Bem, talvez não exatamente por aqui. Talvez na cidade.”

“E como o lance com Parsuss ainda não foi resolvido, os guardiões precisam de ajuda.”

“A rainha disse que não podemos jogar tudo isso em cima de você.”

“E conosco...”

“Bem...”

Finalmente a tagarelice diminuiu. “Eu acho que, acima de tudo, a rainha sabia que nós estávamos sentindo falta daqui”, disse Synové.

“Sentindo falta de você”, acrescentou Wren.

“E de alguns dos Ballenger”, disse Synové. “Mas não do nojento.” Eu suspeitava que com *do nojento* ela agora se referisse a Mason.

Meu coração foi às alturas enquanto eu caminhava com minha tigela de cozido e centeio, como se eu fosse um Valsprey nas nuvens carregando a melhor das mensagens. Eu tinha medo só de pensar nisso. Wren e Synové. Aqui. *Um dia perfeito*. Será que os deuses ouviriam?

Levantei o olhar para os céus e balancei a cabeça para me livrar do pensamento.

Quando cheguei até as pessoas reunidas debaixo dos carvalhos, não havia mais divisão entre Ballenger e vendanos. Todos estavam espalhados, terminando seus jantares, empoleirados em qualquer assento que conseguissem encontrar, pilhas de madeira, laterais de carroças, baldes emboçados e os poucos bancos que havíamos trazido. Lydia e Nash já tinham terminado de comer e estavam aninhados perto do carvalho central, junto com Kerry, com suas flautas em mãos enquanto ele tentava lhes ensinar a melodia de “Lua Lupina”. Gunner estava afastado da multidão — com Jurga —, comendo lentamente seu cozido, com os olhos

voltados para ela. Procurei por Jase e o avistei sentado em um caixote, em uma conversa intensa com o rei Jaxon, ambos com as mangas arregaçadas e as botas cheias de pó. Kerry disse que todos eles estavam cavando buracos para as estacas juntos.

Fiquei observando o rosto de Jase enquanto comia meu cozido, sua expressão animada, suas mãos se movendo enquanto ele explicava alguma coisa e o rei assentia em resposta. Sorri. Eu me lembrava das mãos dele se mexendo assim, de um jeito tão vigoroso, quando me recusei a assinar a carta para a rainha até que ele concordasse com os reparos. Eu acreditara em Jase, mas nunca achei que um dia como este fosse chegar. As reviravoltas eram sempre surpreendentes.

Wren, Synové, Priya e um vendano recém-chegado estavam sentados juntos em um banco, terminando suas refeições, encostados uns nos outros como se fossem velhos amigos. E então Mason se aproximou deles, conversando com Priya. Synové baixou o olhar e ficou mexendo em sua trança cor de caqui, fingindo que ele não estava lá, mas eu vi os olhos escuros de Mason relanceando na direção dela repetidas vezes.

Um menino mais velho se juntou a Lydia, Nash e Kerry, conduzindo-os na melodia. O som onírico de suas flautas pairou pelo acampamento como uma fumaça suave e hipnotizante. Cabeças se viraram.

O rei puxou a rainha, levantando-a para que dançassem.

Kaden e Pauline foram em seguida, com os filhos agarrados à saia da mãe e à calça do pai. Acima deles, Kaden beijava Pauline, até que Kit os alcançou, querendo que o pai o segurasse nos braços.

Vários dos recém-chegados deram as mãos, puxando Paxton, Titus, Priya e Aleski, e mostrando a eles os movimentos simples da dança vendana.

Eridine e Hélder entrelaçaram os braços nos de Vairlyn, e Aram e Samuel agarraram as mãos de Wren, puxando-a para se juntar a eles.

Caemus sentou em um toco de árvore, balançando a cabeça e batendo os pés no ritmo da melodia.

Observe e você encontrará a magia, Kazi. Ela está em todos os lugares, ao seu redor.

“Uma dança?”

Girei e cálidos olhos castanhos se encontraram com os meus. “*Patrei*, eu estava começando a achar que nunca teríamos um momento a sós.”

“Então você não me conhece muito bem, não é?”

“Ah, eu conheço você, sim, muito bem. Posso perceber um tipo como você chegando a um quilômetro de distância. Tudo isso faz parte do espetáculo, não é?”

“Totalmente.”

Jase me puxou para seus braços.

Deitei a minha cabeça em seu ombro, sentindo seu peito musculoso sob minha bochecha, inspirando seu aroma, o cheiro de madeira recém-

serrada ainda em suas roupas. “Conte-me a charada novamente, Jase”, sussurrei.

“Você só quer errar a resposta para poder me beijar.”

Estalei a língua. “Você entendeu tudo, *Patrei*.”

Ele me puxou mais para perto. “Fico feliz em fazer a sua vontade, embaixadora”, disse ele, e então sussurrou a charada, e sua voz era como um cobertor macio e quentinho em volta dos meus ombros. Fiquei perdida em sua magia.

Perdida no deslumbramento.

Perdida em gratidão.

Completamente perdida, mas totalmente encontrada.

Capturada, tomada... Uma prisioneira atada.

Dei respostas erradas, como Jase sabia que eu faria, e ele me beijou entre cada uma delas. A natureza selvagem se estendia ao nosso redor, talos de dente-de-leão enchiam os nossos bolsos, e uma corrente retinia entre nossos tornozelos. As reviravoltas que eu nunca havia previsto, os passos que nos trouxeram de lá até aqui, se misturavam dentro da minha cabeça em um borrão incrível.

Feliz, perdi a noção do tempo, mas Jase logo me cutucou e sussurrou: “Olhe para lá”.

Abri os olhos e vi Mason se aproximar de Synové. Ele parecia estar falando algumas palavras para ela. Ela disse algumas em resposta, e, então, ele a pegou pela mão e a conduziu até a clareira para dançar. Seus passos eram hesitantes, mas, lentamente, o espaço entre eles se estreitou e Synové descansou a cabeça no ombro dele.

Uma vez a rainha me disse que havia uma centena de maneiras de se apaixonar e também de perdoar. Acho que eu já tinha me deparado com algumas delas.



Anotei algumas últimas palavras no meu diário, recordando todos os detalhes da forma como os documentos finais foram assinados, do modo como Jase estava, de como eu me senti, lembrando-me do cheiro das fogueiras do acampamento e da campina e da esperança, quem estava presente e o que disseram, e pensei sobre a forma como a história era feita todos os dias de jeitos grandes e pequenos, por todos os tipos de pessoas, cada ação criando novos destinos, até mesmo o ato de nomear uma pequena e desconhecida cidade. New Fogswallow. O nome do assentamento foi decidido, por fim. Caemus e Jase o sugeriram, e Kerry e o restante do acampamento concordaram com entusiasmo. Um pouco do passado, um pouco do futuro. A primeira nova cidade da torre da Vigília de Tor.

Jase empurrou a abertura da tenda e entrou. “Mihe e Tigone *já* estão preparados com suas selas.” Estava na hora de voltar para casa. O estábulo e o moinho estavam prontos. As casas estavam encaminhadas, os pedreiros dispunham suas fundações.

Jase se inclinou na escrivaninha onde eu trabalhava e colocou meus cabelos para o lado, beijando o meu pescoço. “Terei uma surpresa para você quando chegarmos em casa.”

“Jase Ballenger, todos os dias com você são uma surpresa.”

Ele espiou por cima do meu ombro. “Anotando tudo?”

“Cada palavra.”

“Que bom”, ele sussurrou. “Nós temos muitas prateleiras para encher.” Fechei o livro, coloquei-o no meu alforje e fomos para casa.

Quem escreverá a nossa história, Jase?

Nós a escreveremos, Kazi. Você e eu escreveremos a nossa própria história.

E lado a lado, todos os dias, é isso o que nós fazemos.

CAPÍTULO 68

O NINHO ESTAVA ABANDONADO, O GAIO ESTAVA MORTO HAVIA tempos. A palha e os gravetos haviam caído do nicho na árvore com o passar das estações. *Ladrões de quinta categoria*, pensou o corvo, *isso é o que os gaios são*. No entanto, um brilho chamou a atenção do corvo. Ele voou em círculos, olhando para o prêmio. O que será que o gaio havia roubado? Alguma coisa colorida e brilhante.

Aquilo era bom demais para deixar para lá. Ficaria impressionante em seu ninho também. Com o bico, ele o pegou do emaranhado de gravetos e então o segurou em sua garra para que não caísse no chão. Ao sair voando, ele não notou que a rolha estava solta. Isso realmente não importava. Ele não teria como colocá-la de volta, de qualquer forma. Ele não era um corvo tão esperto assim.

O pó deslizou do minúsculo frasco, deixando um belo rastro cintilante para trás. Um pouco do pó foi flutuando até o chão; um pouco foi levado pelo vento, girando em espirais e subindo até as nuvens; e outro tanto seguiu viajando até lugares bem distantes da torre da Vigília de Tor.

Logo o brilho cintilante ficara para trás, já esquecido pelo corvo. Ele só conseguia pensar em como seu ninho ficaria magnífico com seu novo e brilhante prêmio.

Sobre a Autora

MARY E. PEARSON é uma premiada escritora do sul da Califórnia, conhecida pela trilogia *Crônicas de Amor & Ódio*, publicada pela DarkSide® Books. Adorada pelos leitores brasileiros, Mary escreveu uma apresentação exclusiva para o prelúdio da série, *Crônicas de Morrighan*, que foi publicado no formato físico apenas no Brasil. A autora é formada em artes pela Long Beach State University, e possui mestrado pela San Diego State University. Adora fazer longas caminhadas, cozinhar e viajar para novos destinos. Atualmente, é escritora em tempo integral e mora em San Diego, junto com seu marido e seus dois cachorros. Saiba mais em marypearson.com.

darklove
DARKSIDE

*Posso ser frágil como vidro, ou forte como o vento
Quando me quebram, admito, sou puro tormento
Estou na boca dos fiéis e nos sussurros dos desesperados
E abriço a esperança de um compromisso honrado*

— RECITANDO CHARADAS NA PRIMAVERA DE 2018 —

DARKSIDEBOOKS.COM

Copyright © 2019 Mary E. Pearson
Todos os direitos reservados.

Ilustração de capa © Rich Deas e Mike Burroughs
Design de capa © Kathleen Breitenfeld

Mapa © Keith Thompson

Tradução para a língua portuguesa
© Ana Death Duarte, 2019

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor Comercial
Chico de Assis

Gerente de Novos Negócios
Frederico Nicolay

Gerente de Marketing Digital
Mike Ribera

Editores
Bruno Dorigatti
Raquel Moritz

Editores Assistentes
Lielson Zeni
Nilsen Silva

Projeto Gráfico
Retina 78

Designers Assistentes
Aline Martins / Sem Serifa
Arthur Moraes

Revisão
Aline T.K. Miguel
Cecília Floresta

Produção de ebook
Yuna: Toca Digital
Revisão final: Jade
ISBN: 978-85-9454-142-0



Rua do Russel, 450/501 - 22210-010

Glória - Rio de Janeiro - RJ - Brasil www.darksidebooks.com